



**BEATRIZ PERALTA
GARCÍA**

OBRAS DE

ERNESTO DA SILVA

«O APÓSTOLO DO SOCIALISMO»

TOMO I.

TEXTOS LITERÁRIOS.

PÁGINAS DE CRÍTICA TEATRAL

E TEORIA ESTÉTICA

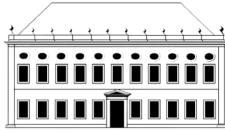
(1893-1903)

A obra de Ernesto da Silva está organizada em três volumes.

Tomo I. Textos literários. Páginas de crítica teatral e teoria estética (1893-1903). Contém a produção literária do autor: contos, textos dramáticos e peças de teatro que foram encenadas nos teatros de Lisboa nos fins do século XIX, junto com os artigos de crítica teatral e literária, e a tradução de um conto. O volume é completado com os poemas escritos em honra do autor.

Tomo II. Artigos jornalísticos (1893-1903). Contém a produção jornalística do autor na imprensa socialista e republicana coeva. Oferece uma visão das preocupações e interesses dos socialistas nos fins do século XIX.

Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903). Contém a produção doutrinária de Ernesto da Silva, publicada na imprensa da época ou de forma avulsa em forma de opúsculos e panfletos. Completa-se com os discursos e as diversas intervenções nos órgãos partidários e nas associações de classe.



D O C U M E N T O S

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimpresa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

DESIGN DA CAPA

Pedro Matias

INFOGRAFIA

Margarida Albino

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2417-4

ISBN DIGITAL

978-989-26-2418-1

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2418-1>



**BEATRIZ PERALTA
GARCÍA**

OBRAS DE

**ERNESTO
DA SILVA**

«O APÓSTOLO DO SOCIALISMO»

TOMO I.

TEXTOS LITERÁRIOS.

PÁGINAS DE CRÍTICA TEATRAL

E TEORIA ESTÉTICA

(1893-1903)

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL DAS OBRAS DE ERNESTO DA SILVA	11
ESTUDO PRELIMINAR	15
I. Esquecimento e questionamento biográfico no socialismo português oitocentista	15
II. Vida e obra de Ernesto da Silva (1868-1903).	21
III. Socialismo e literatura militante	37
1. A narrativa: os contos (1893-1901)	41
2. O teatro (1894-1903)	44
2.1. Textos dramáticos (1894-1896)	44
2.2. Textos teatrais (1895-1903)	45
3. A tradução literária	73
IV. Crítica literária e teoria estética (1894-1902)	75
V. O apêndice. Poemas a Ernesto da Silva.	81
1. Os poemas de encomio	82
2. Os poemas de maledicência	83
SOBRE ESTA EDIÇÃO	85
1. Justificação e organização do tomo.	85
2. Questões textuais e gramaticais	86
NARRATIVA (1893-1901)	87
CONTOS	87

Um reprobado	89
A pneumonia	97
Perdida	103
Um encontro. (Phantasia)	109
O aborto	115
Luz e sombra. (Phantasia)	119
A fabrica	125
Na Avenida	131
O bate-sorna	135
O voto	141
O pesadello	147
O tio Cholera	153
O suicida	159
No cemiterio.	165
O carnaval	169
A criminosa	173
A ceia	179
O intruso	183
DRAMAS (1894-1903)	191
TEXTOS DRAMÁTICOS (1894-1896)	191
1871 193	
No gabinete. (Dialogo burguez)	197
Á saída da fabrica. (Dialogo operario)	203
De volta á fabrica. (Dialogo operario)	209
A sesta. (Dialogo operario)	215
Á porta da venda. (Dialogo operario). (Á redacção do «Anti-Jesuita»)	221
Á ceia. (Á redacção da «Voz do Operario»). (Dialogo burguez)	227
Do alto das ruinas. (Dialogo operario). (Á redacção da «Revista Social»)	233
No gabinete	239
Á saída do atelier. (Entre costureiras)	243

No tanque. (Entre lavadeiras)	249
A Patria. (Dialogos). Em S. Carlos	255
A sopa. (Dialogo)	261
Á sahida do tunnel. (Dialogo n'um wagon de I. ^a).	265
TEXTOS TEATRAIS (1895-1903).	269
O Capital	271
Os que trabalham.	387
O despertar. Peça em 1 acto	391
Nova Aurora. Aproposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO).	409
Vencidos. Drama em 4 actos, representado no theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902.	433
Em ruinas. Peça em 3 actos.	469
PÁGINAS DE CRÍTICA LITERÁRIA E TEORIA ESTÉTICA (1894-1902)	541
O Pantano	543
Theatro de D. Maria II. I. (A moral do theatro)	547
Theatro de D. Maria II. II. (A moral do theatro).	551
Theatro de D. Maria II. III. (A moral do theatro)	553
Theatro de D. Maria II. IV. (A moral do theatro)	557
Theatro de D. Maria II. V. (A moral do theatro)	561
Theatro de D. Maria II. VI. (A moral do theatro)	565
Os vermelhos. (Notas de dois refractarios).	569
Do gallinheiro...	575
Theatros. Principe Real.	581
Um inimigo do povo. (Drama em quatro actos, original de Henrik Ibsen, dramaturgo norueguez).	583
Theatro do povo.	589
O theatro do povo	591
Eça de Queiroz. (Os panegyristas da sua obra, e os censores da sua Carcassa). – Arnaldo da Fonseca	597

A «Rosa engeitada». Carta aberta a D. João da Camara	601
A Reacção no Theatro.	605
Os ultimos livros. Travail, por Émile Zola. (Librairie Fasquelle, Paris)	611
Os Livros. Travail, por Émile Zola – I vol. – Livraria Fasquelle – Paris, 1901. . .	619
A reforma do Normal I	625
A reforma do Normal II	631
Blanchette	635
Blanchette. (Conclusão)	639
Conferencia. Theatro Livre & Arte Social. (Realizada no Atheneu Commercial aos 14 de dezembro de 1902)	643
Oração da fome	669
TRADUÇÃO LITERÁRIA	673
Jean Richepin, Um caso da rua	675
APÊNDICE	679
POEMAS DE ENCOMIO E MALEDICÊNCIA A ERNESTO DA SILVA, «O APÓSTOLO DO SOCIALISMO»	679
POEMAS DE ENCOMIO.	681
I. No sucesso de <i>O Capital</i>	681
Rebarbando...	681
Desbastando...	683
A Ernesto da Silva	684
Soneto.	685
A Ernesto da Silva	686
Quantas vezes se vê na lucta p'la existencia,.	687
D'onde nada se julga, o merito emana	688
Está-se bem aqui, n'um meio vario.	689
Soam n'esta noite os hymnos de gloria.	691
II. No sucesso de <i>Os que trabalham</i>	692
Como quizeres.	692

Que bello argumento.	693
III. Nas festas de honra de 1897	694
Rebarbando.	694
A Ernesto da Silva	695
Verbo Redemptor.	697
O canto de amanhã	699
A Ernesto da Silva. O apóstolo do socialismo	702
Os que trabalham	704
IV. Com motivo do seu falecimento	705
Remir os captivos	705
Amanhã...	706
Lembrem-se todos que morreu lutando.	708
Águia immortal	709
O povo emudeceu quando passava.	712
Homenagem á Memoria de Ernesto da Silva	713
V. A memória militante de Ernesto da Silva	714
História de Portugal.	714
Á inteligência dos vivos, sempre escravos.	716
POEMAS DE MALEDICÊNCIA	717
I. Na polémica do jornal <i>A Federação</i> contra Heliodoro Salgado.	717
Vae recolher-se á privada.	717
As aguas do mar são brancas,	719
Eu e o Sanfona	720
Pirolito que bate, que bate,	721
BIBLIOGRAFIA.	723
1. Arquivos e Bibliotecas	723
2. Guias para fontes, dicionários e obras de referência	723
3. Fontes.	724

4. Publicações periódicas (entre parênteses local da edição, periodicidade e anos consultados)	725
5. Estudos	725
ÍNDICE REMISSIVO	729

APRESENTAÇÃO GERAL DAS OBRAS DE ERNESTO DA SILVA

O primeiro historiador do movimento socialista, César Nogueira, afirmava em 1932 as dificuldades para o estudo do desenvolvimento das ideias socialistas em Portugal devido à falta de conservação de documentos escritos:

«Elaborar a história do movimento socialista em Portugal não é das tarefas mais fáceis. É um caminho cheio de escabrosidades. Quási toda a documentação está extraviada ou perdida, o que torna mais difícil indagar a origem de determinados organismos, o motivo de certos movimentos, o estudo da vida social referente a diversas épocas, que marcaram etapas na obra socialista. Mesmo que se queira recorrer à imprensa, acontece a mesma coisa. Nem no Arquivo do Partido, nem nas Bibliotecas Públicas, se encontram colecções completas dos jornais socialistas ou operários. Está tudo truncado ou incompleto. De fôrma que é quási impossível poder acompanhar, passo-a-passo, a história socialista na região portuguesa»¹.

Desde os anos em que o autor lamentava a perda da memória escrita do socialismo português muito se tem avançado na sua recuperação e ao menos, no que diz respeito à imprensa, instituições como a Biblio-

¹ NOGUEIRA, César – A-propósito do aniversário do P.S.P. *Pensamento*. Porto: ed. do Grupo Pensamento, nos 22-23 (1932), janeiro-fevereiro, p. 523-524.

teca Nacional de Lisboa, a Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa, a Biblioteca Municipal e Arquivo Histórico do Porto ou a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra conservam parte do acervo jornalístico do movimento socialista. Mas, como bem apontava César Nogueira, continua a ser dificultosa a localização de certa documentação que permitiria reconstituir o funcionamento interno dos seus organismos, instituições e agrupamentos. A análise da imprensa operária é, portanto, a fonte primária fundamental para o seu estudo. Paralelamente, é de salientar a inexistência de colectâneas que reúnam a obra dos militantes dos séculos XIX e XX, uma qualidade que parece reservada apenas para os escritores, filósofos, jornalistas ou políticos. Apesar de contar com vultos de prestígio, detentores de uma obra reconhecida, autores como Ladislau Batalha, José Fernandes Alves, Felizardo de Lima, Joaquim dos Anjos, César Nogueira, José Fontana da Silveira, Augusto Dias da Silva, Ramada Curto e tantos mais, nunca viram os seus textos organizados em edições críticas e anotadas que permitam aprofundar na análise do seu pensamento e, paralelamente, no desenvolvimento do socialismo português. Uma proposta sem continuidade foi a realizada por Maria Filomena Mónica e Maria Goretti Matias em 1986 sobre a vida e a obra de Manuel Luiz de Figueiredo, que apresenta uma recopilação de sessenta e quatro artigos jornalísticos publicados pelo autor entre 1900 e 1920².

Não é caso único. A maioria dos membros da intelectualidade socialista oitocentista, entre eles, José Fontana, Azedo Gneco, Guedes Quinhones, Nobre França ou Lúcio Fazenda, publicou os seus textos na imprensa operária até porque muitos eram diretores dos jornais operários ou aí colaboravam, de modo tal que dela se impõe uma leitura atenta e demorada que leve ao levantamento desta obra oculta aos olhos dos investigadores. É necessário proceder-se à compilação destes textos com o ânimo

² MÓNICA, Maria Filomena, e MATIAS, Maria Goretti – Manuel Luís de Figueiredo, um socialista ignorado. *Estudos e Documentos (ICS), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. Lisboa: ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1986, p. 5-21.

de ajudar à reconstituição da história do pensamento operário em Portugal, resgatando-os das publicações periódicas mas também das edições avulsas de folhetos e opúsculos que viram a luz de forma independente, o que contribuirá também a realçar as individualidades da intelectualidade socialista. Foram estes os motivos que nos levaram a estudar a figura de Ernesto da Silva (1868-1903), compositor tipógrafo da Imprensa Nacional e militante do Partido Socialista Português. No decurso de poucos anos desenvolveu uma obra invulgar composta por contos, textos dramáticos, peças de teatro, textos de crítica literária e de teoria estética, artigos jornalísticos, manifestos, discursos e conferências. Cultivou ainda a tradução, literária e doutrinária, convertendo-se num dos primeiros divulgadores da obra de Benoît Malon e Paul Lafargue em Portugal. Porém, ele próprio e mais a obra ficaram esquecidos devido à prematura morte do autor, o interesse por outras figuras relevantes do socialismo português e o prolongado período da ditadura salazarista.

Recuperámos a maioria da obra conhecida respingando-a de diversas instituições que conservam alguns dos escritos que foram publicados de forma avulsa. Porém, o maior volume foi retirado dos jornais nos que colaborou, os vinculados ao movimento operário mas também do domínio republicano. Abrange dez anos da vida de Ernesto da Silva, entre 1893, data em que podemos documentar os primeiros textos, e 1903, ano da sua morte, acontecida a 25 de abril. O resultado é a publicação de uma obra inédita que estruturamos em três volumes sob o título geral de *Obras de Ernesto da Silva* segundo o seguinte plano:

Tomo I. Textos literários. Páginas de crítica teatral e teoria estética (1893-1903): reunimos aqui os textos literários do autor no âmbito da narrativa e do teatro para além dos artigos jornalísticos nos que apresentou crítica de obras diversas, ou desenvolveu uma análise entorno à função social da literatura. O volume completa-se com exemplos de traduções de obras literárias para além de um conjunto de poemas dedicado a Ernesto da Silva.

Tomo II. Artigos jornalísticos (1893-1903): recuperámos a produção jornalística desenvolvida pelo autor e espalhada em publicações periódicas

operárias e republicanas. Abordam temas diversos, desde a análise política à crítica social, o episódio do quotidiano e a necrológica.

Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903): é, junto ao tomo primeiro, o volume mais heterógeneo, pois nele incluímos vários textos de caráter doutrinário que o autor publicou de forma independente, e os discursos e conferências que pronunciou em lugares e circunstâncias diversos, bem como as intervenções nos órgãos partidários. Completamo-lo com a tradução dos textos doutrinários de autores do movimento operário coevo, textos de crítica política, cartas e bilhetes de agradecimento.

O trabalho de recolha, transcrição, fixação e estudo da obra escrita de Ernesto da Silva foi desenvolvido ao longo de vários anos. Foram muitas as instituições visitadas e as fontes compulsadas, maioritariamente jornais, alguns deles interditos à consulta. Assim, gostava de agradecer ao chefe de conservação das publicações periódicas da Biblioteca Nacional de Portugal, Dr. Luís Filipe França de Sá, ter autorizado a consulta dalguns destes exemplares. À Dr^a. Maria João Gaiato, Chefe de Divisão do Arquivo Histórico da Imprensa Nacional Casa da Moeda, e à Dr^a. Noémia Barroso, do Departamento de Relações Públicas / Histórico do Partido Socialista, pelo apoio na busca e envio dos documentos. Especial agradecimento devemos a Maria João Antunes, funcionária da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, que encontrou, digitalizou e enviou o único exemplar conhecido de *Fontana e Sousa Brandão*, um dos primeiros textos escritos por Ernesto da Silva, reproduzido no Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903). Às Doutoradas Isabel Barros Dias, da Universidade Aberta, e Maria Teresa Alves de Araújo, Professora Associada da Universidade Nova de Lisboa, pela correção do texto e amizade sincera. E a minha co-orientadora de tese, a Professora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro, bem como os professores Doutores Luís Reis Torgal e Fernando Catroga, Catedráticos de História Contemporânea da Universidade de Coimbra, pelo seu magistério e o apoio amigo sempre.

E a Miguel.

ESTUDO PRELIMINAR

I. Esquecimento e questionamento biográfico no socialismo português oitocentista

Num trabalho publicado em 1986 Maria Filomena Mónica e Maria Goretti Matias reivindicavam a memória de um dos vultos destacados do socialismo português oitocentista, Manuel Luiz de Figueiredo (1861-1927), a quem qualificavam como um «socialista ignorado»³. Atributo significativo evidencia que não é, infelizmente, caso único. A quase totalidade destes líderes históricos permanece no desconhecimento, exceção talvez feita dos fundadores: José Fontana (1840-1876), Antero de Quental (1842-1891) e Azedo Gneco (1849-1911), que já desde a fundação do Partido Socialista Português (PSP) em 1875 e nas décadas seguintes, inclusive nos anos do Estado Novo, foram alvo de notas biográficas, monografias e referências públicas na topografia urbana⁴. Ruas e praças foram batizadas ou rebatizadas com os seus nomes, especialmente durante os anos da Primeira República, e erigidas estátuas, entre outras formas de reconhecimento, que

³ MÓNICA, Maria Filomena, e MATIAS, Maria Goretti – Manuel Luís de Figueiredo, um socialista ignorado, *cit.*

⁴ Vid., por exemplo, *Homenagem a José Fontana*. Lisboa: Typ. do Reporter, 1892; José Fontana. *O Proletário. Bi-Semanario defensor do operariado em geral*. Lisboa: n.º 1 (1898), 1 de maio, p. 2; Página Histórica. *República Social*. Porto: n.º 342 (2ª série) (1928), 1 de setembro, p. 3, número dedicado a Fontana; e n.º 343 (2ª série) (1928), 8 de setembro, p. 3, dedicado a Antero de Quental; NOGUEIRA, César – *Esboço biográfico de Azedo Gneco*. Lisboa: António Francisco Pereira, 1934; IDEM – *Antero de Quental. Esboço para a sua biografia político-social*. Porto: Imprensa Social, 1950.

permitiram a conservação da tradição cultural do socialismo até aos dias de hoje. Contudo, junto deles existiu uma plêiade de homens e de mulheres que se bateram pela difusão das ideais socialistas em Portugal e pela organização das suas agremiações partidárias, nomeadamente o Partido e as associações de classe, que hoje permanecem no anonimato. Entre eles, o compositor tipógrafo Ernesto da Silva (1868-1903) é também um socialista ignorado, mas quanto a nós, preferimos descrevê-lo sob o adjetivo «esquecido», porque, realmente, Ernesto da Silva foi uma personalidade rutilante no seu tempo, como prova o impacto que nos meios operários teve a notícia do seu prematuro falecimento, aos trinta e cinco anos de idade, que motivou uma multitudinária manifestação de honra, segundo é referido nos jornais da época⁵. Ernesto da Silva não foi, portanto, ignorado, mas esquecido. Tal circunstância aconteceu até relativamente cedo, embora a Câmara Municipal de Lisboa já tivesse honrado a sua memória em 1913 e 1926 à iniciativa dos militantes socialistas dando o seu nome a uma rua e a uma praça na freguesia de Benfica⁶. Com motivo do 1.º de Maio de 1924 os companheiros no PSP tiveram a preocupação de conseguir dos serviços camarários a cesão perpétua do túmulo onde ficaram depositados os seus restos mortais, o ossuário 714, no Cemitério dos Prazeres, onde ainda se conservam⁷. Porém, nesse mesmo ano Francisco Mayer Garção (1872-1930) notava já o silêncio entorno a ele e foi por isso que o incluiu num grupo de «esquecidos» do qual formavam também parte personalidades importantes, como Heliodoro Salgado (1864-1906), ou da intelectualidade portuguesa coeva à que também pertencia o mesmo Mayer Garção, entre eles, o poeta Joaquim Nunes Claro (1878-1949) ou António

⁵ Homenagem do Povo a Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n.º 938 (1903), 27 de abril, íntegramente dedicado à morte de Ernesto da Silva.

⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA (AML) – *Comissão administrativa do município de Lisboa*. 30.ª Sessão. Sessão de 17 de julho de 1913, p. 466, e 37.ª. Sessão. Sessão de 4 de setembro de 1913, p. 596; Programa da comemoração do 1.º de Maio. *Bemfica Socialista. Órgão e propriedade do Núcleo Socialista de Bemfica*. Lisboa: n.º 1 (1924) 1 de maio, p. 1.

⁷ O jornal *Bemfica Socialista* inclui umas linhas de Heliodoro Salgado ao amigo Ernesto da Silva. SALGADO, Heliodoro – Epitáfio de Ernesto da Silva. *Bemfica Socialista*. Lisboa: n.º 1 (1924) 1 de maio, p. 3; e Ossuário n.º 714. *Idem*. N.º 2 (1924), 1 de junho, p. 1.

José da Silva Pinto (1848-1911), todos integrantes do círculo das amizades de Ernesto da Silva⁸. Algumas referências a ele aparecem nas obras de César Nogueira (1879-1973) na análise do percurso histórico do PSP desde a fundação até aos fins da Primeira República, embora com alguns erros. É o caso das peças «A nossa missa» e «Justiça», neste último caso, confusão com o jornal de homenagem a Ernesto da Silva, do mesmo nome, saído poucos dias depois da sua morte com motivo do 1º de Maio de 1903, e a atribuição ao dramaturgo portuense António Augusto da Silva de dramas e obras da autoria de Ernesto da Silva⁹. Alguns destes erros foram reproduzidos em estudos posteriores, como Edgar Rodrigues em *O despertar operário em Portugal*, que indica ainda a direção dos jornais *A Federação* e *O Mundo*¹⁰. Surpreende, porém, que uma tão grande individualidade, segundo testemunham os jornais contemporâneos, não tenha merecido lugar de destaque em, por exemplo, *Figuras gradas do movimento social português*, de Alexandre Vieira, onde têm lugar de realce os tipógrafos – Joaquim dos Anjos (1856-1918) –, e aparecem militantes operários, entre outros, César Nogueira ou o anarquista Campos Lima (1877-1956)¹¹. Maria Filomena Mónica e Maria Goretti Matias, no relato da cisão do PSP em 1895, elencam os elementos que ficaram quer do lado de Manuel Luiz de Figueiredo quer de Azedo Gneco, neste último caso, «António Ferreira, Teodoro Ribeiro, Martins Santareno, Pires Barreira, Margarida Marques», silenciando Ernesto da Silva, que o acompanhou na estreia pública do

⁸ GARÇÃO, Mayer – *Os esquecidos*. Lisboa: Empresa Editora e de Publicidade A Peninsular L.da, 1924.

⁹ NOGUEIRA, César – *Notas para a história do socialismo em Portugal. Vol. I. (1871-1910)*. Lisboa: Portugália Editora, 1964, p. 318-325, 330 e 341 (referência a *O capital*); e IDEM – *Notas para a história do socialismo em Portugal. Vol. II. (1895-1925)*, p. 49, fotografia de Ernesto da Silva, onde é identificado como jornalista e dramaturgo.

¹⁰ RODRIGUES, Edgar – *O despertar operário em Portugal 1834-1911*. Lisboa: Editora Sementeira, 1980, p. 73.

¹¹ VIEIRA, Alexandre – *Figuras gradas do movimento social português*. Lisboa: Edição do Autor, 1959.

PSP no congresso de Tomar de 1895¹². O sucesso teatral das suas peças, como veremos mais adiante, fez com que Sousa Bastos recuperasse algumas notas biográficas em *Carteira do Artista*¹³.

Embora seja de salientar a presença do autor os dados são escassos, incompletos ou com erros, nos volumes dedicados à história do movimento operário ou nas enciclopédias gerais do século XX. Na *Encyclopédia Portuguesa Illustrada. Dicionario Universal*, dirigida por Maximiano Lemos, na entrada dedicada a «Ernesto da Silva» apenas é sublinhada a profissão, a filiação no PSP, e a autoria de três peças de teatro – *O capital*, *Os que trabalham* e *Em ruínas* – consideradas de conteúdo doutrinário. Na valoração que dele faz é qualificado como «um dos mais decididos propagandistas» das doutrinas socialistas, «que defendeu sempre com grande vigor», «muito inteligente e trabalhador»¹⁴. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* é bem mais precisa e completa, fornecendo uma biografia mais apurada na que destacam alguns factos importantes da sua vida, como a tentativa de organizar uma Federação dos Trabalhadores do Livro e a experiência como jornalista e dramaturgo. Neste sentido, elenca corretamente as obras do autor, quer as peças de teatro – designadas sob a rubrica «teatro social» –, a conferência pronunciada no Ateneu de Lisboa intitulada *Teatro Livre e Arte Social* – sem dúvida, seu maior sucesso entre os textos de caráter doutrinário, como veremos –, e a referência às traduções de obras do francês, omitindo, porém, a sua obra narrativa e os opúsculos, alguns deles publicados em vida do autor. Já no que diz respeito à atividade no PSP salienta o convívio com Manuel Luiz de Figueiredo, José Fernandes Alves (1866-1931), Teodoro Ribeiro (1869-1922), Guedes Quinhones (1861-1911) e Azedo Gneco. Nesta mesma obra é realçada a

¹² MÓNICA, Maria Filomena, e MATIAS, Maria Goretti – Manuel Luís de Figueiredo..., *op. cit.*, p. 12.

¹³ SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista. (Apontamentos para a história do Theatro Portuguez e Brasileiro*. Lisboa: ed. de José Bastos, 1898, p. 480.

¹⁴ Silva, Ernesto da. LEMOS, Maximiano (Dir.) – *Encyclopédia Portuguesa Illustrada. Dicionario Universal*, vol. X. Porto: Lemos & C.^a, Sucessor, s.d., p. 142.

confrontação com este último bem como a cisão que dele derivou e o impacto nos meios socialistas da época, explicando que do lado de Ernesto da Silva ficaram os elementos mais «combativos», e os menos «inquieta» do lado de Gneco. Finalmente, salienta a colaboração em jornais rotulados de libertários – esquecendo o contributo nos jornais socialistas – e no diário republicano *O Mundo*¹⁵. Não será até aos inícios do século XX que o professor António Ventura realce o contributo de Ernesto da Silva à história do PSP destacando não só a responsabilidade na disputa com Azedo Gneco e a aproximação aos republicanos, mas tendo em atenção uma obra invulgar para um operário tipógrafo nos fins do oitocentos em dois textos fulcrais para o conhecimento do autor: *Anarquistas, republicanos e socialistas em Portugal. As convergências possíveis (1892-1910)* (2000), e «Ernesto da Silva e o socialismo» (2010)¹⁶. A propósito dele, escreveu: «Ernesto da Silva, desaparecido com apenas 35 anos, foi um dos mais destacados militantes socialistas portugueses, com uma obra escrita muito significativa e merecedora de um estudo aprofundado»¹⁷.

Assim sendo, quais as razões para este pertinaz esquecimento?

Para já, algumas têm a ver com a morte do autor com apenas trinta e cinco anos de idade, que foi aos poucos enfraquecendo a lembrança dos socialistas das últimas décadas do século XIX acompanhando a desaparecimento natural dos que lhe sobreviveram e com ele privaram nas agremiações socialistas: José Martins Santareno, Teodoro Ribeiro, Ladislau Batalha (1856-1939), José Fernandes Alves... Foram eles que, desde sempre, perceberam a importância da obra de Ernesto da Silva, pois no terceiro aniversário da sua morte era recordado que esta «ainda não foi devida-

¹⁵ Silva, Ernesto da. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVIII. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d., p. 781-782. Não são indicados títulos mas é bem possível que o autor estivesse a pensar no jornal dos carpinteiros civis, considerado anarquista desde que foi dirigido por Ernesto da Silva.

¹⁶ VENTURA, António – Ernesto da Silva e o socialismo. LEAL, Ernesto Castro (Coord.) – *Republicanism, socialismo, democracia*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p. 169-182.

¹⁷ VENTURA, António – *Anarquistas, republicanos e socialistas em Portugal. As convergências possíveis (1892-1910)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000, nota 205, p. 263.

mente criticada e anotada»¹⁸. De outro, a situação política portuguesa. A proclamação da Primeira República e a longa duração do Estado Novo fizeram com que a memória do movimento operário e, em particular, dos elementos mais conhecidos do século XIX, se apagasse lentamente. Resulta muito significativo, por exemplo, que nos anos da Primeira República os grupos dramáticos amadores vinculados ao PSP virassem olhos ao drama social e à comédia de situação oitocentistas na construção do repertório destinado à diversão e ao entretenimento dos operários, esquecendo as peças mais aplaudidas dos dramaturgos socialistas dos finais da centúria. *O capital* (1895), de Ernesto da Silva, não voltou a ser encenada até 1919, e *Os jesuítas* (1883), de Manuel Luiz de Figueiredo, nem sequer conseguiu retornar ao palco sendo apenas publicada na revista socialista *Pensamento* em 1931¹⁹. Ciente de todo este esquecimento Joaquim Palminha Silva (1945-2015) resolveu dar à estampa em 1989 um *Pequeno dicionário do movimento socialista português*, considerado pelo próprio um «trabalho praticamente pioneiro», nascido com o intuito de mostrar ao leitor

«o máximo de elementos que pudessem servir para architectar a biografia de militantes socialistas ou apenas companheiros de jornada que ao socialismo emprestaram o seu talento, deram as suas simpatias; bem como das organizações políticas e associações socio-económicas fundadas por militantes e permanecendo durante muito tempo na área de influência socialista»²⁰.

Biografando os militantes salienta de Ernesto da Silva a sua feição de dramaturgo e a sua atividade como delegado sindical na comissão de propaganda e no campo da cultura, pois a dizer do autor, entendia este aspeto

¹⁸ Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n° 3397 (6258) (1906), 26 de abril, p. 1.

¹⁹ Vid. o capítulo 4. El texto dramático socialista, p. 83-120, e o Apéndice 1. Cuadro de obras socialistas representadas o citadas en sus periódicos (1910-1933), p. 153-156 da nossa monografia PERALTA GARCÍA, Beatriz – *La cultura obrera en Portugal. Teatro y Socialismo durante la Primera República (1910-1926)*. Mérida: Junta de Extremadura, 2009.

²⁰ SILVA, Joaquim Palminha – Aos leitores. *Pequeno dicionário do movimento socialista português*. Lisboa: Fundação José Fontana, 1989, p. 7.

como «outra alternativa militante». No que diz respeito à sua atividade no seio do PSP, escreve: «Afastou-se por vezes da doutrina socialista dadas as suas preferências por um radicalismo de tipo acrata, mas permaneceu no essencial fiel ao socialismo e ao Partido»²¹, uma percepção já notada na breve biografia que Ladislau Batalha publicou no jornal *Bemfica Socialista*, dirigido por António Nunes da Silva, na que ressalta que «(...) se deixou enredar pelos Partidos adversos em teias arditamente estendidas»²². Joaquim Palminha Silva qualifica Ernesto da Silva de «bom orador», «jornalista talentoso» e «figura invulgar do Partido Socialista», especialmente como promotor dos cortejos do 1º de Maio.

Note-se como para além do reconhecimento unânime às capacidades intelectuais de Ernesto da Silva, três elementos destacam das biografias citadas: o conflito com Azedo Gneco, a sua feição libertária – significativamente, integra ainda o catálogo do *Dicionário histórico de militantes sociais, grupos libertários e sindicatos operários*, de João Freire, dedicado ao movimento anarquista²³ –, e finalmente, a obra literária, ainda que mostrada de forma incompleta, considerando apenas os textos teatrais.

Tendo em atenção estas questões impõe-se a necessidade de abordar, nem que seja a traço grosso, a biografia de Ernesto da Silva com o intuito de recuperar a sua figura e fixar uma obra invulgar pela personalidade do autor e pela densidade e diversidade dos seus escritos, produzidos em apenas dez anos.

II. Vida e obra de Ernesto da Silva (1868-1903)

A biografia dos líderes operários em Portugal está ainda por fazer. Embora a historiografia tenha avançado com publicações recentes entorno

²¹ IDEM – *Ibidem*, p. 47.

²² BATALHA, Ladislau – Memórias do passado. Relembrando. *Bemfica Socialista*. Lisboa: n.º 1 (1924) 1 de maio, p. 1.

²³ A ficha do autor, embora com poucos dados, em FREIRE, João – *Dicionário histórico de militantes sociais, grupos libertários e sindicatos operários*. 2012. Disponível na Internet http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=599&Itemid=47

aos elementos salientes do socialismo português do século XX ela não tem acompanhado o estudo dos homens e das mulheres que se tornaram pioneiros na sua difusão durante o século XIX²⁴. Desde a fundação do PSP e até à instauração do Estado Novo apenas temos aproximações à vida de José Fontana, Antero de Quental, Azedo Gneco, Augusto Dias da Silva (1887-1928) e Ramada Curto (1886-1961), lista exígua que apresenta também uma grande clivagem entre os primeiros e os dois últimos, representantes dos anos finais da Primeira República²⁵. Ernesto da Silva, nascido em Lisboa a 6 de janeiro de 1868, pertence, portanto, a este conjunto dos líderes dos anos finais da Monarquia. A infância veio marcada pela prematura morte do pai, Custódio José da Silva, músico de profissão, quando a criança contava apenas cinco anos de idade, circunstância que o terá obrigado a colaborar no sustento familiar a partir dos dez anos: da mãe, Emília Augusta Pinheiro da Silva, e de mais três irmãos: Adelaide Amélia, Ermelinda e Artur, dando entrada como aprendiz num estabelecimento tipográfico, a Tipografia Gutierres, no nº 92 da rua do Norte²⁶. Devido à situação das tipografias, com a desvalorização constante do valor

²⁴ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal, uma biografia política*, 4 vols.: *Daniel, o jovem revolucionário (1913-1941)*, *Duarte, o dirigente clandestino (1941-1949)*, *O prisioneiro (1949-1960)* e *O secretário-geral (1960-1968)*. Lisboa: Temas e Debates, 1999-2015; BRITO, Carlos – *Álvaro Cunhal, sete fôlegos de combatente. Memórias*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2010; AVILLEZ, Maria João – *Soares: ditadura e revolução*. Lisboa: Público, 1995, e *Círculo de Leitores*, 1996; e *Soares: democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996; CASTAÑO, David – *Mário Soares e a revolução*. Lisboa: D. Quixote, 2013; CASTANHEIRA, J. P. – *Jorge Sampaio, uma biografia*. Lisboa: Edições Nelson e Porto Editora, 2012; LATOIRO, Pedro, e DOMINGUES, Filipe – *O mundo não tem de ser assim*. Alfragide: Casa das Letras, 2021.

²⁵ NOGUEIRA, César – *José Fontana. A sua vida e a sua obra*. Lisboa: Seara Nova, 1953; SANTOS, Fernando Piteira – *José Fontana, militante do movimento operário português. Diário de Notícias*. Lisboa: 22 de setembro de 1983; CRUZEIRO, Maria Manuela – *Vida e acção de José Fontana*. Lisboa: Fundação José Fontana, 1990, e IDEM – *Um republicano chamado José Fontana*, Lisboa, Fonte da Palavra e Associação Cedro, 2011; NOGUEIRA, César – *Antero de Quental. Esboço para a sua biografia político-social*. Porto: Imprensa Social, 1950; LOPES, Óscar – *Antero de Quental. Vida e legado de uma utopia*. Lisboa: Caminho, 1983; NOGUEIRA, César – *Esboço biográfico de Azedo Gneco*. Lisboa: António Francisco Pereira, 1934; G. A. – *O camarada Augusto. Portugal Socialista*. Nº 81 (1976), 4 de fevereiro; FARINHA, Luís – *Ramada Curto. Republicano, socialista, laico*. Lisboa: Assembleia da República, 2014.

²⁶ Hontem e Hoje. 1.º de Maio. *Vanguarda*. Lisboa: nº 1751 (1896), 1 de mayo, p. 1; Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 2326 (5179), 26 de abril, p. 1; Ernesto da Silva. *O Seculo*. Lisboa: nº 7659 (1903), 26 de abril, p. 2.

do trabalho que aí se fazia, era muito facil para uma criança labutar nestes estabelecimentos assumindo as funções de composição e distribuição, que apenas precisavam de formação por parte do oficial, a pesar da dureza e da exploração que frequentemente sofriam. Amiúde desempenhavam-se durante mais de dez horas, carregavam pesos muito superiores às forças da sua idade, e eram empregados como moços de recados. Porém, em poucos meses eram capazes de se tornarem oficiais, com o subsequente aumento do ordenado²⁷. No caso de Ernesto da Silva esta decisão havia de resultar determinante no seu percurso vital, porque será essa a profissão a que se devotou na vida adulta, mas também para a sua futura militância pois será nessa rua que, a partir de 1 de abril de 1883, começou a ser imprimido o recém-nascido *O Protesto Operário*, o órgão do POSP, depois da fusão de *O Protesto* e *O Operário*. Sabemos que cursou estudos primários mas não obteve diploma que os justificasse. Frequentou o Instituto Industrial de Lisboa, onde terá ingressado ao alcançar a idade de admissão, doze anos. Nele ter-se-á mantido até aos quinze anos – também sem certificação escolar²⁸. Sob o ponto de vista profissional sabemos que terá abandonado a Tipografia Gutierrez para, em data incerta, passar para a Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, gerida pelos irmãos Lallemand. A formação obtida nestes estabelecimentos preparou notavelmente o jovem tipógrafo, que terá passado sem quaisquer problemas as provas de acesso à Imprensa Nacional em 1887, aos dezanove anos de idade, nas quais demonstrou conhecimentos de francês, o que lhe valeu ser contratado como oficial de compositor com o rendimento correspondente a empregado²⁹.

²⁷ Sobre o trabalho dos aprendizes e a exploração que sofriam vid. J. P. N., «Os typographos», *O Protesto Operário*, Lisboa, nº 36, 9 de novembro de 1884, p. 4; e Um Typographo, «Os typographos», *O Protesto Operário*, Lisboa, nº 38, 23 de novembro de 1884, pp. 3-4.

²⁸ Aquando do momento da morte Nunes da Silva salientava que não tinha estudos nem exames, isto é, a sua formação académica não obtivera reflexo administrativo. SILVA, Nunes da – Algumas palavras. *Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva*. Lisboa: numero único (1903), 1º de maio, p. 2.

²⁹ IMPRENSA NACIONAL – *Regulamento Geral dos Serviços da Imprensa Nacional e da Caixa de Reformas e Socorro na Doença*. Art. 49, 1901, p. 20; e IDEM – *Relação nominal*

A chegada às oficinas da Imprensa Nacional coincidiu com um período de mobilizações laborais dos tipógrafos na defesa dos seus interesses. Terão sido estas motivo para a filiação nas associações de classe, entre elas, a Associação dos Empregados no Comércio e Indústria (1854). Aquando da morte pertencia ainda à Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas (1852), à Liga das Artes Gráficas (1889), ao Montepio dos Artistas Lisbonenses, ao Albergue dos Inválidos do Trabalho (1863), à Associação de Instrução e Beneficência A Obra, e à Sociedade de Instrução e Beneficência Voz do Operário (1890), e era sócio honorário de outras, entre elas, a Associação dos Conductores e Cocheiros da Viação Lisbonense³⁰. Após a desapareição de Fraternidade Operária em 1873 muitos dos seus membros, particularmente os tipógrafos, passaram a militar no Partido Socialista de Portugal, como José Correia Nobre França (?-1920) – responsável pela elaboração dos seus primeiros estatutos –, e daí foram aos poucos ganhando presença nas associações de classe, especialmente depois da celebração em 1882 do Congresso das Associações. A 9 de abril de 1889 fundaram a Associação de Classe Liga das Artes Gráficas, revertendo a responsabilidade da secção tipográfica em Soto Maior Júdice (1834-1903), também membro do POSP. Em 1893, após a publicação do decreto de 9 de maio de 1891 regulando este tipo de agremiações, os membros aprovaram os seus Estatutos a 30 de junho. Um destes membros fundadores era Ernesto da Silva³¹.

dos empregados, artistas e operarios da Imprensa Nacional de Lisboa em referênciã ao dia 1.º de janeiro de 1898.

³⁰ Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n.º 937 (1903), 26 de abril, p. 1.

³¹ ARQUESOC. Arquivo Histórico na Área Económico-Social do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. Ministério das Obras Públicas, Commercio e Indústria. Repartição do Commercio – *Documentos relativos á aprovação dos Estatutos. Liga das Artes Graphics*. Lisboa. Disponível na Internet <http://arquesoc.gep.msess.gov.pt/projecto1/index.htm> (Acedido a 13 de maio de 2021). Os compositores tipógrafos integravam, maioritariamente, esta agremiação e, de facto, a partir de 28 de outubro de 1903 mudou a sua denominação para Associação de Classe dos Compositores Tipógrafos.

A década dos anos 80 é, na vida do nosso autor, de exploração intelectual e formação doutrinária. Martins Santareno recorda que na adolescência terá mostrado alguma simpatia pelo movimento republicano – «no tempo da escola era republicano e bohemio»³², escreveu –, o que talvez viesse a mudar quando se tornou profissional da Imprensa Nacional, pois acudia às reuniões operárias. João Ramos Lourenço (1861-1937), da Associação dos Trabalhadores, data dos fins de 1889 o primeiro contato de Ernesto da Silva com o movimento socialista, quando acudiu às conferências oferecidas por Nunes da Silva depois de assistir em Paris à Exposição Universal. Porém, não será até 24 de março de 1892 que o encontraremos propagandista ativo acompanhando o desenvolvimento do Congresso Nacional das Associações de Classe, a decorrer na sede da Associação Comercial do Porto, cujas sessões terá comentado nas páginas do recém fundado *Eco Socialista* (8 de fevereiro), jornal do Centro Operário de Propaganda Socialista do Porto. O controlo pela organização da celebração do 1.º de Maio, que os delegados de Lisboa reclamavam fosse entregue a uma comissão executiva nomeada pelo Conselho Federal do Sul do Partido dos Operários Socialistas de Portugal (POSP), e no Porto a uma comissão de nove membros eleitos pelo Congresso, desgostou os delegados portuenses³³ e esteve na base da cisão do socialismo português em duas organizações partidárias que daí em diante marcarão a vida do movimento até à proclamação da República: o Partido dos Operários Socialistas de Portugal (POSP), sob orientação «possibilista» ou reformista, isto é, virado a conseguir melhorar as condições de vida do operariado, onde terá começado a sua militância após a finalização dos trabalhos do malogrado congresso³⁴, e o Partido Socialista Português (PSP), que apos-

³² SANTARENO, José Martins – O Capital, de Ernesto da Silva. *República Social*. Porto: n.º 38 (1919), 15 de novembro, p. 2.

³³ Congresso das associações de classe. O manifesto distribuído no Porto. *O Protesto Operário*. Lisboa: n.º 507 (1892), 10 de abril, p. 3.

³⁴ SOTTO MAIOR JUDICE, A. H. – Ernesto da Silva. *A Federação*, Lisboa, Número especial. Homenagem, p. 1.

tava pela luta política, chefiado por Azedo Gneco, a quem Manuel Luiz de Figueiredo responsabilizava pelo fracasso do congresso portuense³⁵. A sua progressão dentro do POSP inicia-se rapidamente, pois nos fins de setembro integra, junto a Manuel Luiz de Figueiredo e António Joaquim da Conceição Pires (?–1903) – da Federação do Sul – a comissão encarregada de apoiar a luta dos operários corticeiros, que se declararam em greve³⁶. Mas, decepcionado com a orientação dada a esta agremiação, terá entrado em contato com a dissidência marxista de Gneco, que reunia no Pátio do Salema, perto das oficinas tipográficas da Imprensa Nacional e onde estavam sediadas outras associações de classe. Terá acontecido numa noite entre esta data e os inícios de dezembro acompanhado do amigo Teodoro Ribeiro, segundo relata José Martins Santareno³⁷, pois a 8 deste mês pronuncia a conferência *Fontana e Sousa Brandão* na festa do 20.º aniversário da Cooperativa Indústria Social representando a Federação das Associações de Classe, ao passo que escreve o opúsculo *Proletários e burguezes*, que publica pouco depois, já em 1893. Pouco depois começava a colaborar com o PSP escrevendo em *Revolucionário. Folha Socialista* (1893), o novo semanário da agremiação, logo desde o primeiro número, de 18 de março – coincidindo com a festa da Comuna de Paris, como de restos era costume nesta agremiação –, assinando sob o pseudónimo de «Babeuf». Como já acontecera no tempo em que foi militante do POSP, o ingresso no PSP terá vindo acompanhado do sucesso dentro das suas filas, redigindo, por encargo da União Operária 1.º de Maio, o Manifesto para o ano de 1893. Ainda no âmbito pessoal, é em 1892 que lhe nasceu o primeiro filho, João Raul da Silva, do matrimónio com Isabel Nunes, de profissão costureira.

A 17 de dezembro de 1893 apareceu em Lisboa *A Federação*, o novo semanário do PSP depois do fracasso de *Revolucionário*. Foi membro

³⁵ O Congresso do Porto. *O Protesto Operario*. Lisboa: n.º 507 (1892), 10 de abril, p. 1.

³⁶ Á classe operaria. *O Protesto Operario*. Lisboa: n.º 534 (1892), 25 de setembro, p. 1.

³⁷ SANTARENO, José Martins – O Capital, de Ernesto da Silva. *República Social*. Porto: n.º 38 (1919), 15 de novembro, p. 2, cit.

da primeira redação³⁸, constituída antes da aparição do número programático – da sua responsabilidade para além de Teodoro Ribeiro, Borges Ventura, Cândido Leal e Francisco Cristo –³⁹, fazendo aqui a estreia como narrador de ficção ao publicar o primeiro conto socialista de que temos notícia, *Um reprobado*, assinado sob um outro pseudónimo, «Ruy». O primeiro artigo com o nome dele, Ernesto da Silva, é registado pouco depois, a 18 de fevereiro de 1894. A sua consolidação como líder operário no seio do PSP verificou-se em outubro, quando assiste à festa comemorativa de *A Voz do Operário* em representação da redação de *A Federação*⁴⁰. Em abril foi de novo encarregado de redigir o Manifesto do 1.º de Maio desse ano, e dias depois era nomeado delegado, com Azedo Gneco, da Associação Eborense de Classe da Construção Civil e Artes Auxiliares, e da Associação de Classe da Indústria Corticeira de Almada, com o mandado de as representar no Congresso das Associações, organizado pela Federação das Associações de Classe, afim ao PSP. Todavia, teve de desistir por quebra do regulamento do Congresso, que impedia que as associações fossem representadas por elementos de outras. Representou, sim, o seu sindicato, a Liga das Artes Gráficas, junto a Manuel Vaz de Figueiredo⁴¹.

O Congresso determinou a criação da Confederação das Associações – que reunia às agremiações integrantes da Federação das Associações de Classe –, bem como a formação de uma comissão executiva, composta por cinco membros, encarregada de elaborar os relatórios. Ernesto da Silva foi eleito secretário da Federação do Sul, com assento na comissão, responsa-

³⁸ Integrada também por Azedo Gneco, Eusébio dos Santos, Soto Maior Júdice, Cândido Leal, Feliciano de Sousa, Teodoro Ribeiro, Francisco de Assis, e Borges Ventura. A administração estava constituída por Alfredo de Campos, Manuel Maria da Cruz, José Mendes Ferro, José Enes, e José Augusto de Oliveira. VASCONCELLOS, Carlos d'Almeida – *A Federação*. Dois annos de publicidade. *A Federação*. Lisboa: n° 105 (1896), 5 de janeiro, p. 2.

³⁹ VASCONCELLOS, Carlos d'Almeida – *A Federação*. Dois annos de publicidade. *A Federação*. Lisboa: n° 105 (1896), 5 de janeiro, p. 2.

⁴⁰ *A Voz do Operario*. *A Federação*. Lisboa: n° 42 (1894), 21 de outubro, p. 1.

⁴¹ Congresso Nacional das Associações de Classe. *A Federação*. Lisboa: n° 17 (1893), 1 de maio, p. 2.

bilizado pela redação e publicação das atas, bem como a representação do movimento socialista perante os organizadores dos atos comemorativos da morte de José Elias Garcia (1830-1891), previstos para 1895⁴². Neste ano desenvolverá ainda uma importante atividade política, jornalística e literária. Para além de traduzir e publicar a sua versão de *A injustiça económica*, de Benoît Malon, redigiu o Manifesto do 1.º de Maio, participou em junho no Congresso Anticatólico analisando a bula papal *Rerum Novarum* – onde teceu um elogio a Afonso Costa⁴³ –, e em outubro na IIª Conferência Nacional Socialista, que viu nascer oficialmente o PSP. Colaborou até 1896 na *Revista Social* (Porto, 1894)⁴⁴ e em *O Operário de Coimbra* (Coimbra, 1895) como correspondente em Lisboa até à desapareição deste jornal em outubro. Um mês depois, a 8 novembro, via representado o drama *O capital* no Teatro do Príncipe Real, o seu maior sucesso teatral de sempre⁴⁵. Porém, esta intensa e bem sucedida atividade política oculta alguns desentendimentos no seio da agremiação entre ele e outros elementos que foram aflorando nos meses seguintes, e acabará com o abandono das agrupações socialistas num longo processo apenas fechado nos meados de 1897. De facto, poucos dias depois do congresso de Tomar, na sessão de 21 de outubro de 1895, requereu dos delegados da Federação das Associações de Classe que fosse aceite a sua demissão como redator do jornal e da comissão de propaganda

⁴² Congresso Nacional das Associações de Classe. Secretariado. *A Federação*. Lisboa: nº 22 (1894), 3 de junho, p. 2-3, e nº 23 (1894), 10 de junho, p. 1; também Elias Garcia. *A Vanguarda*. Lisboa: nº 1380 (1895), 22 de abril, p. 1.

⁴³ Congresso anti-clerical. *A Vanguarda*. Lisboa: nº 1445 (1895), 27 de junho, p. 2; Congresso anti-clerical. 3.ª sessão. *Idem*. Nº 1446 (1895), 28 de junho, p. 3; e Congresso anti-clerical. Última sessão. *Idem*. Nº 1447 (1895), 29 de junho, p. 3. Recolhemos estas intervenções de Ernesto da Silva em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo III. *Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

⁴⁴ SOTTO MAIOR JUDICE, A. H., «Ernesto da Silva», *A Federação*, Lisboa, Número especial. Homenagem, p. 1. A Biblioteca Nacional de Portugal conserva apenas o nº 1, que não regista colaboração de Ernesto da Silva. Vid. *Revista Social. publicação quinzenal do Instituto Anthero de Quental. Destinada á defeza e educação da classe trabalhadora*, Porto, nº 1, 15 de julho de 1894.

⁴⁵ *O Capital*. *A Federação*. Lisboa: nº 96 (1895), 3 de novembro, p. 2.

devido ao seu «precario estado de saude, e outros poderosos motivos» não esclarecidos na ata, mas não foi aceite⁴⁶.

Na festa do segundo aniversário do jornal *A Federação*, celebrada nos inícios de janeiro de 1896 – oportunidade para a redação e posterior publicação de *A idéia federativa* –, nada fazia pensar em tensões internas, mas dois meses depois, no decorrer de uma reunião no Centro Socialista de Lisboa, Ernesto da Silva lançou a proposta de uma consulta para saber «qual o estudo phylosophico economico a que se subordine o socialismo em Portugal»⁴⁷. Abria, sem ele o saber, uma crise no seio das agremiações socialistas pois o debate teórico escondia uma divergência profunda entorno à orientação que a elas devia ser dada no âmbito da luta contra o capitalismo. O conflito travou-se entre o próprio, que não colocava inteiramente de lado alguns elementos tomados dos anarquistas – a aposta pela consciencialização do trabalhador –, nem a cooperação com os republicanos, e Azedo Gneco, partidário de manter para o PSP uma atuação independente e afastada quer do anarquismo quer do movimento republicano – neste último caso, em contra do que defendera nos finais da década de 70 e 80 e nos inícios de 90. Convidado a se exprimir sobre a questão que colocara, dois dias depois, a 8 de março, publicava em *A Federação* o artigo «A propaganda», assinado sob o pseudónimo de «Babeuf». Nele defendia não existirem escolas – isto é, diferenças – no socialismo português, debate que, de restos, considerava prejudicial à unidade partidária⁴⁸. No dia seguinte acudiu à reunião na séde da Federação das Associações de Classe, que devia debater a necessidade de se proceder à eleição das vagas para o corpo da redação de *A Federação*, e nada fazia pensar que o artigo ou a discussão de dias atrás tivessem provocado qualquer dissabor. Sabemos apenas que a decisão entorno à

⁴⁶ ANTT – Partido Socialista Português NC 1-6 Caixa 1. *Actas da Federação das Associações de Classe*. L. 2. Acta da sessão da Federação das Associações de Classe em 21 de outubro de 1895, p. 147-153.

⁴⁷ Centro socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 1696 (1896), 6 de março, p. 2.

⁴⁸ BABEUF – A propaganda. *A Federação*. Lisboa: n° 114 (1896), 8 de março, p. 1-2.

escolha dos novos redatores foi adiada a pedido do delegado da classe dos carpinteiros civis, que pretendia ouvir antes o secretário da redação do jornal, Azedo Gneco⁴⁹. Mas alguns dias mais tarde os acontecimentos precipitaram: a 15, em novo artigo intitulado «O municipio livre», Ernesto da Silva afirmava que «a lucta politica é indispensável e correlativa da emancipação económica»⁵⁰, e no dia seguinte, na reunião do dia 16, era conhecido o seu pedido de demissão do lugar de redator do jornal *A Federação* que, segundo os delegados da associação de classe dos Conductores e Cocheiros, e da dos Empregados da Fiscalização, não devia ser aceite⁵¹. O que terá acontecido nos dias posteriores à publicação de «A propaganda» e nas horas subsequentes a «O municipio livre» para ele apresentar renúncia é-nos, por enquanto, desconhecido. Só sabemos que efetivou o abandono na sessão de 23 de março da Federação das Associações de Classe⁵², e assim foi divulgado em *A Federação* a 5 de abril, que informava que tal decisão respondia a «motivos estranhos á redacção d'este semanario, á Federação das Associações de Classe e a qualquer associação federada»⁵³. Embora o jornal desvinculasse a decisão de Ernesto da Silva do convívio no seio das agremiações operárias, ainda novos acontecimentos parecem contestar esta afirmação. Um dia depois do abandono da redação do jornal Ernesto da Silva convocava, na qualidade de secretário da comissão executiva da União Operaria I.º de Maio, a reunião destinada, entre outros pontos da ordem do dia, à escolha dos novos delegados que deviam integrá-la. Decorreu a 14 de abril e, surpreendentemente, acabou com a exoneração da sua responsabilidade de redação do Manifesto do

⁴⁹ Confederação Nacional. Lisboa. Federação das Associações de Classe. Sessão em 9 de março. *A Federação*. Lisboa: n.º 115 (1896), 15 de março, p. 4.

⁵⁰ SILVA, Ernesto da – O municipio livre. *A Federação*. Lisboa: n.º 115 (1896), 15 de março, p. 2.

⁵¹ CONFEDERAÇÃO NACIONAL – Lisboa. Federação das Associações de Classe. Sessão em 16 de março. *A Federação*. Lisboa: n.º 117 (1896), 29 de março, p. 3-4.

⁵² CONFEDERAÇÃO NACIONAL – Lisboa. Federação das Associações de Classe. Sessão em 23 de março. *A Federação*. Lisboa: n.º 118 (1896), 5 de abril, p. 3-4.

⁵³ Ernesto da Silva. *A Federação*. Lisboa: n.º 118 (1896), 5 de abril, p. 1.

1.º de Maio desse ano, como vinha acontecendo desde 1893⁵⁴. De restos, a nova comissão de 1896 surgida dessa reunião estava integrada por Azedo Gneco, Cândido Leal, Luiz de Judicibus, José do Carmo, António Pereira, Joaquim de Almeida, Damaso Dinis e João António Ferreira⁵⁵. Em apenas mês e meio Ernesto da Silva afastava-se de duas das agremiações mais influentes do socialismo português oitocentista, o jornal *A Federação* e a corporação responsável pela organização da celebração da maior das festas operárias. Manteve-se, porém, como membro da Confederação Nacional das Associações de Classe, da Federação das Associações de Classe, e do Partido Socialista Português, e também não se poupou à celebração da festa operária dando à luz o opúsculo *O dia normal de trabalho* em edição conjunta com *O que é ser socialista?*, de Ladislau Batalha⁵⁶.

A saída de *A Federação* e a isenção da redação do Manifesto de 1.º de Maio foram apenas a antessala da separação definitiva de Ernesto da Silva das agremiações partidárias socialistas, embora se mantivesse ativo propagandista nas associações de classe e nos centros operários. O afastamento de *A Federação* deu passo à colaboração com a imprensa republicana. Assim era anunciado dias depois, a 19 de abril, em *A Vanguarda* – que abandonou em junho de 1896 depois de uma controvérsia entre este jornal e *A Federação*⁵⁷ – e, a partir de dezembro e até maio de 1897, em *O Paiz*, que acolheu os artigos nos que explicou a rejeição do Teatro de D. Maria II à encenação do drama *A vítima* poucos meses antes. O abandono do PSP verificou-se nos fins de maio de 1897, culminando com ele a saída definitiva e por sempre das agremiações partidárias socialistas.

⁵⁴ Appello às Associações operarias. *A Federação*. Lisboa: n.º 119 (1896), 12 de abril, p. 3; 1.º de maio. *A Obra*. Lisboa: n.º 65 (1896), 12 de abril, p. 1.

⁵⁵ 1.º de Maio. União Operaria. *A Federação*. Lisboa: n.º 169 (1897), 28 de março, p. 1.

⁵⁶ BATALHA, Ladislau, e SILVA, Ernesto da – *O que é ser socialista? O dia normal*. Lisboa: Lisboa, Typ. do Instituto Geral das Artes Graphics, s.d. reproduzido em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo III. *Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

⁵⁷ PERALTA GARCÍA, Beatriz – Os pioneiros do artigo de opinião em Portugal. As colunas jornalísticas de Ernesto da Silva (1892-1903). *Revista Portuguesa de História*. T. LI, 2020, p. 202-221.

De novo o processo alongou-se durante vários meses. Iniciara-se nos meados de fevereiro de 1897, quando depois de proferir uma conferência em Setúbal começou a circular entre os operários daquela cidade o boato de Ernesto da Silva parecer promover a dissolução da Associação de Classe dos Soldadores para além de, o que era ainda mais grave, se ter afirmado partidário das teorias anarquistas. A 21 era Gneco o convidado pela Associação de Classe dos Marítimos e Conductores de Sal no rio Sado para aí palestrar, e onde terá sido informado do descontentamento contra Ernesto da Silva e Alfredo Canellas que grassava entre os soldados setubalenses. Chegado a Lisboa, pediu explicações aos acusados através das páginas de *A Federação*⁵⁸. Alfredo Canellas declarou serem mentira as queixas contra ele, o que muito agradou à redação do jornal pois instou os companheiros daquela agremiação a «fechar os ouvidos á intriga, correr de vez com os intrigantes, e seguir sómente o bello e generoso ideal do Socialismo»⁵⁹. Ernesto da Silva também não se fez rogado. Visivelmente ofendido enviou uma carta ao secretário da redação, isto é, Azedo Gneco, que o jornal se aprontou a publicar no número de 7 de março, negando cada uma das acusações que lhe foram feitas. Acabava, porém, com umas palavras que não fizeram senão confirmar as dúvidas de Gneco: «Sou socialista, e considero o anarchismo como ultima manifestação do progresso da idéa que ora defendo»⁶⁰. Durante os meses de março a maio a guerra, para essa altura já aberta, alcançou a trégua, favorecida pelo acontecer da greve dos tecelões da fábrica das Varandas e a dos operários gazomistas, bem como a iminência do congresso operário das Associações de Classe, a decorrer nos meses de março e abril. Porém, a Federação começou a publicação de uma série de artigos, significativamente intitulada «Socialismo e Anarchismo», nos que pretendia mostrar as diferenças entre as duas correntes de pensamento

⁵⁸ Setubal. *A Federação*. Lisboa: n.º 165 (1897), 28 de fevereiro, p. 1

⁵⁹ Setubal. *A Federação*. Lisboa: n.º 166 (1897), 7 de março, p. 1.

⁶⁰ Idem, *ibidem*.

operário mas teve de ser interrompida para deixar lugar à publicação dos resumos das sessões do congresso⁶¹. Pouco depois, nos fins de abril, Ernesto da Silva aceitava o convite para dirigir o órgão dos carpinteiros civis, o jornal *A Obra*, depois de obter licença do congresso⁶². Foi então que o confronto recrudesciu. Será *A Federação* que reiniciará as hostilidades, escanzalizada pelo editorial de *A Obra* do dia 9 de maio, intitulado «O plebiscito» – da autoria de Ernesto da Silva –, e perante a projetada publicação de *As prisões*, de Kropotkine, na secção dedicada ao folhetim, como virá a acontecer nos números de 16 de maio a 8 de agosto, talvez a primeira tradução para o português da obra do autor⁶³. Chefiado sob o título «Diffamação do 1.º de maio» o artigo de *A Federação* arremetia contra o jornal operário sem compaixão: «*A Obra*, que por muito tempo foi dirigida pelos chamados *franciscanos*, parece que se converteu encapotadamente ao *anarchismo*», denunciou⁶⁴.

Perante a ofensiva lançada desde *A Federação* *A Obra* declarou-se formalmente socialista a 23 de maio, ao passo que esclarecia a chegada de Ernesto da Silva à redação do jornal. Nos dias seguintes este ataque terá tido continuidade nas agrupações socialistas, o que motivou Francisco Christo e Cândido Leal a demitirem-se do corpo dos redatores do jornal *A Federação*, decisão que foi enviada à imprensa a 27 de maio⁶⁵. A 29, Ernesto da Silva voltava a se defender em *O Paiz* das denúncias de simpatias filonarquistas⁶⁶, mas a grande investida contra ele teve lugar a 30, na reunião da Liga das Artes Gráficas, quando os contendores puseram as cartas na mesa. Aí teve de enfrentar as

⁶¹ Socialismo e Anarchismo. *A Federação*. Lisboa: n.º 167 (1897), 14 de março, p. 1-2.

⁶² Ao povo operário. *A Obra*. Lisboa: n.º 123 (1897), 23 de maio, p. 1.

⁶³ O título original da obra é *In Russian and French Prisons* (1887), mas em 1897 foi publicada uma versão em espanhol sob o título *Las prisiones*. Valencia: Imprenta Unión Tipográfica, em tradução de J. Martínez Ruiz. Dada a coincidência no título das edições portuguesa e espanhola, pode derivar desta a tradução para português.

⁶⁴ Diffamação do 1.º de maio. *A Federação*. Lisboa: 176 (1897), 16 de maio, p. 1.

⁶⁵ Partido Socialista. *Vanguarda*. Lisboa: n.º 196 (2141) (1897), 29 de maio, p. 2.

⁶⁶ Á opinião publica. *O Paiz*. Lisboa: n.º 570 (1897), 29 de maio, p. 2.

acusações lançadas por Azedo Gneco, que o exortou a declarar que não reconhecia no anarquismo uma progressão do socialismo. Ernesto da Silva proclamou que «o programma do partido socialista portuguez consubstancia a idéa anarquista», mas perante a insistência de Gneco, calou. Eloquente silêncio para o chefe socialista que viu nele a prova incontestável de Ernesto da Silva ter provado ser «um elemento dissolvente». Porém, o incriminado ainda se defendeu: «Sou socialista puro, respeitando em absoluto o programma partidário»⁶⁷. A 2 de junho comunicava oficialmente o abandono do PSP:

«Companheiros: – Attendendo a que os ultimos acontecimentos parecem ter por base uma questão doutrinária de que resultou divergencias de opinião, participo-vos n’esta declaração o que aliás já ha muito está firmado em toda a minha obra de propaganda e acção effectuada de 1892 a 1897. Defendendo, desde que me filiei no partido socialista, as theorias de evolucionismo político e económico, jamais poderia considerar quaesquer fórmulas, ou conclusões de sciencia individualista, determinadas por imperfeita assimilação das doutrinas tidas como succedaneas da questão social. Assim concretiso e defino a minha orientação em curta phrase: Sou socialista puro, respeitando em absoluto o programma partidário»⁶⁸.

Com a saúde sériamente deteriorada partiu imediatamente para Belas, regressando apenas a 10 do mês seguinte reclamado pela esposa, também doente⁶⁹. Só a estreia do drama *Os que trabalham* a 23 de março, o nascimento em maio do segundo filho, Ernesto Jaime da Silva, e o regresso, ainda que por poucos meses à redação de *A Obra* nos inícios de novembro, que abandona definitivamente a 9 de abril

⁶⁷ Movimento associativo. Centro socialista de Lisboa. *Vanguarda*. Lisboa: nº 202 (2147) (1897), 4 de junho, p. 2; Ernesto da Silva. *O Paiz*. Lisboa: nº 577 (1897), 5 de junho, p. 3; Centro Socialista de Lisboa. *A Federação*. Lisboa: nº 179 (1897), 6 de junho, p. 3.

⁶⁸ Liga das Artes Graphicas. *A Federação*. Lisboa: nº 179 (1897), 6 de junho, p. 1.

⁶⁹ *A Obra*. Lisboa: nº 126 (1897), 13 de junho, p. 1, e Ernesto da Silva. *Idem*. Nº 130 (1897), 11 de julho, p. 1.

de 1898, compensaram emocionalmente um ano que marcou um ponto de inflexão no seu percurso vital⁷⁰.

Após o afastamento do movimento socialista a vida de Ernesto da Silva é pautada por uma intensa atividade literária e jornalística. Durante os anos 1898 e 1899 manteve-se vinculado às associações de classe através de atividades diversas: como jornalista em *A Obra*, conferencista – com motivo, por exemplo, dos 1.º de Maio de 1898 e de 1899⁷¹ –, ou discursando como orador convidado às celebrações organizadas nestas agremiações. Numa delas, no aniversário da cooperativa A Libertadora, divulgou a vida e a obra de Robert Owen num *Elogio histórico* (1898), ao passo que no terreno doutrinário começava a preparar a publicação de *O ideal libertário*, um volume dedicado à análise da chamada «questão social» cuja saída previra para meses depois «attendendo á falta de tempo indispensavel a larga e conscienciosa elaboração»⁷², embora tal nunca chegasse a concretizar-se. A partir de 1900 verifica-se uma mudança nos hábitos sociais de Ernesto da Silva, que estreita laços com o movimento republicano – onde contava com amigos dedicados, entre eles, o poeta Nunes Claro, Heliodoro Salgado, Mayer Garção, ou Teixeira Bastos (1857-1901) –, colaborando sucessivamente em *A Pátria* (1900), *O Mundo* (1900-1903), *Revista Política* (1901) e *Vanguarda* (1901-1902), mas sem esquecer a imprensa socialista em novos periódicos, como *Século XX* (1901). Em todos cultiva a crónica política e social. No âmbito literário intensifica a produção dramática com a escrita de *O despertar*, *Nova Aurora*, *Vencidos* e *Em ruínas*, todos rejeitados das mais altas instituições teatrais da época, isto é, os teatros D. Maria e D. Amélia, mas estreados nos teatros populares, o Príncipe Real (*Nova Aurora*, 1900), o Teatro do Ginásio (*Vencidos*, 1902)

⁷⁰ Os que trabalham. *A Federação*. Lisboa: n.º 168 (1897), 21 de março, p. 3; Registo civil. *A Obra*. Lisboa: n.º 121 (1897), 9 de maio, p. 3; Ernesto da Silva. *A Obra*. Lisboa: n.º 147 (1897), 7 de novembro, p. 1; e Ao publico. *A Obra*. Lisboa: n.º 169 (1898), 10 de abril, p. 1.

⁷¹ O 1.º de maio. Conferencia. *Vanguarda*. Lisboa: n.º 518 (2463) (1898), 19 de abril, p. 2; e 1.º de maio. Conferencias. *Vanguarda*. Lisboa: n.º 846 (2792) (1899), 19 de março, p. 3.

⁷² O ideal libertario. *A Obra*. Lisboa: n.º 162 (1898), 20 de fevereiro, p. 1.

e de novo no Teatro do Príncipe Real integrando a proposta dramática do Teatro Livre, embora já falecido (*Em ruínas*, 1904). A partir de 1900 retoma a sua faceta de cronista teatral e crítico literário de forma habitual.

Os anos finais da vida de Ernesto da Silva estão sujeitos à luta contra a doença, a tuberculose, que padecia desde novo e que acabaria por vitimá-lo. Durante 1902 a saúde piorou gravemente provocando faltas justificadas ao trabalho de um dia por motivo de doença em julho, setembro, outubro e dezembro⁷³. Esta última, do dia 16, veio precedida pela leitura, apenas dois dias antes, da conferência *Teatro Livre & Arte Social* no Ateneu Comercial de Lisboa, o que levantaria algumas suspeitas na direção da Imprensa Nacional. Ainda havia de faltar às responsabilidades laborais a 15 de janeiro de 1903 e a partir de 22 de março até à morte, acontecida a 25 de abril nas oficinas tipográficas. Visitava os colegas quando ficou a saber do sistema de recrutamento dos revisores, o que lhe valeu uma acessa discussão com o chefe. Depois, já na oficina de composição, contou o ocorrido e declarou não se encontrar bem. Acudiu à farmácia da rua D. Pedro V e regressou com novo tratamento. Porém, cansado, apoiou a cabeça na máquina ao tempo que lhe acudia um vômito de sangue. Caiu a um lado e morreu⁷⁴. O amigo Filipe Ferreira socorreu-o mas nada pôde fazer, bem como o médico, Arsénio Cordeiro, que apenas alcançou a verificar a morte, provocada por laringite que causou morte súbita⁷⁵. O cadáver foi levantado às sete da tarde e levado ao domicílio, na Travessa de Santa Gertrudes, na antiga freguesia de Santa Isabel (hoje Campo de Ourique), onde foi velado toda a noite por familiares, amigos e colegas. A morte causou um impacto profundo nos meios operários, sendo o féretro acompanhado por entre seis mil e sete mil pessoas até ao Cemitério

⁷³ IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA – *Livro da Matrícula do pessoal existente em 1 de julho de 1901 e do admitido d'esta data em diante*, nº de refs. 1-241, folha nº 248.

⁷⁴ Relato pormenorizado da morte em Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 2326 (1903), 26 de abril, p. 1.

⁷⁵ C.M.L. CEMITÉRIO DOS PRAZERES – *Registo Geral de Enterramentos. 20 de fevereiro de 1903 a 16 de dezembro de 1904*, 20. 2º vol., páginas sem numerar.

dos Prazeres, segundo noticiava *O Mundo*⁷⁶. O seu jazigo, em terra, foi identificado com o número 4276⁷⁷. Em 1908, coincidindo com a festa do 1.º de Maio, os seus restos foram trasladados para o compartimento nº 951 do ossuário municipal, onde seriam conservados até à construção de um futuro mausoléu que, todavia, nunca viria a efetivar-se⁷⁸. A 9 de dezembro de 1920 foi deslocado para a arrecadação e em 1924, com motivo do 1.º de Maio, os socialistas recuperaram de novo os restos que foram transferidos, junto com os do filho, João Raul, entretanto falecido a 24 de dezembro de 1908⁷⁹, ao compartimento nº 714 do Cemitério dos Prazeres, onde se conservam na atualidade. Por deliberação da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa de 29 de outubro de 1924 o túmulo foi cedido a perpetuidade⁸⁰.

III. Socialismo e literatura militante

Os militantes do PSP foram os primeiros em elevar a propaganda ao marco normativo partidário. Na IIª Conferência Nacional Socialista de Tomar, que viu nascer oficialmente o Partido Socialista Português, foram aprovados dois programas, ambos da autoria de Azedo Gneco: um deles correspondia ao Partido, o outro às reformas económicas propostas pela Confederação Nacional das Associações Operárias, que foi assumido na íntegra pelo PSP. As ações a desenvolver para reforçar a difusão do socialismo são descritas nos pontos 6 a 8, diferenciando entre os métodos escri-

⁷⁶ Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: nº 937 (1903), 26 de abril.

⁷⁷ Homenagem do povo a Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: nº 938 (1903), 27 de abril, p. 1-2.

⁷⁸ Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 4.051 (6922) (1908), 25 de abril, p. 1; 1.º de Maio. *Vanguarda*. Lisboa: nº 4.053 (6.929) (1908), 2 de maio, p. 1.

⁷⁹ Morte do filho mais velho de Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 4296 (716) (1908), 27 de dezembro, p. 2; João Raul da Silva. C.M.L. CEMITÉRIO DOS PRAZERES – *Registo Geral de Enterramentos. 23 de maio de 1908 a 12 de novembro de 1911*, páginas sem numerar.

⁸⁰ C.M.L. CEMITÉRIO DOS PRAZERES – *Registo Geral de Enterramentos. 20 de fevereiro de 1903...*, cit.

tos, os visuais, e a organização de bibliotecas. É neste contexto que se insere a aposta pelo recurso à imprensa como instrumento de divulgação doutrinária. Os socialistas do PSP esforçaram-se por manter sempre ativo um jornal que, a diferença de outras publicações operárias, caracterizava-se pela inserção de obras literárias nas suas páginas, partilhando protagonismo com as notícias que informavam dos aspetos político e económico da luta contra o capitalismo. Tomando como modelo os jornais da burguesia, que reservavam um espaço para a publicação de romances, também os operários destinaram uma secção ao folhetim, que neste caso foi dedicada à publicação de obras doutrinárias do pensamento socialista mas também onde viram a luz os primeiros contos, poemas e dramas conformadores de uma literatura operária e socialista. Como membro da Comissão de Propaganda do PSP mas também depois de abandonar o Partido, como vimos, Ernesto da Silva desenvolveu uma intensa atividade de difusão doutrinária desde a literatura. Um dia depois do seu falecimento o jornal *O Mundo*, em que colaborava na altura como colunista, elenca a sua obra, literária e doutrinária, estabelecendo os seguintes títulos: *O capital, Os que trabalham, Nova Aurora, A vítima, Despertar!* (sic) – uma «alegoria social», segundo indicava –, *Os vencidos, Em ruínas e Honestos*; uma pequena peça em um ato que apresentou à convocatória organizada pelo Ateneu do Porto, ainda sem resultados aquando o momento da morte do autor⁸¹; e os «folhetos» *O comunismo na revolução social, O dia normal, e Teatro livre & Arte social*. Em preparação tinha *O ideal*

⁸¹ *O Mundo*. Lisboa: n.º 937 (1903), 26 de abril, p. 1. Catálogo semelhante ao elencado em *O Seculo*, que apresenta alguma ausência, especialmente nas obras doutrinárias. Ernesto da Silva. *O Seculo*. Lisboa: n.º 7659, (1903), 26 de abril, p. 2. Os títulos das peças que se apresentaram ao concurso promovido pelo Ateneu Comercial do Porto são as seguintes: *Ego sum qui sum, Ceci tuera cela, Mag, Mal haja quem bem não cuida, Folhas de trevo, N'aquelle engano d'alma ledo e cego, Go athead, Terra da minha patria, Das margens do Mandovy, Um desenho que parece uma viseira, O ocio mata-se, O destino pode mais que a nossa vontade, Um desenho geometrico representando um cubo, Naturalismo nos processos e moralidade na acção, Alea jacta est!* (n.º 1), *Alea jacta este* (n.º 2), e *Chronica d'um tutor*. A peça *Condemnado* ficou fora por conter o nome do autor. «O Seculo» no Porto. *O Seculo*. Lisboa: n.º 7647 (1903), 14 de abril, p. 2.

*libertário*⁸². *Vanguarda* amplia a n mina para *Fontana e Sousa Brandão*, *Idéa Federativa*, e *O que   ser socialista* – em erro, pois da autoria de Ladislau Batalha. E acrescenta: «além de muitos relatorios, folhetos e manifestos sobre questões sociaes»⁸³. Com efeito, a obra de Ernesto da Silva   volumosa, quer em número quer em diversidade de textos, sendo o ano de 1893 de localiza o dos primeiros, até 1903, quando morreu. Do conjunto ficam de fora parte deles, que designaremos «obra perdida», da qual temos conhecimento mas que não pôde ser recuperada por motivos diversos: ou por não termos conseguido encontrar o exemplar, como o número correspondente de *Eco Socialista* (1892), particularmente importante porque   aí que terá publicado uma análise relativa ao Congresso das Associa es – como já explicámos – e permitiria recuar até 1892 – o tempo em que ainda era militante do POSP – o início da obra de Ernesto da Silva; o opúsculo *Socialismo e individualismo* (1894)⁸⁴; o número comemorativo do segundo aniversário do jornal *O Mundo*, que acolheu um texto intitulado *O ultimo reduto* (1902)⁸⁵; a edi o de *O comunismo na revolu o social*⁸⁶, e as peças teatrais *A festa do trabalho*⁸⁷ e *Honestos*⁸⁸; ou pela impossibilidade de consultar os exemplares disponíveis, sendo este os casos de *Batalha* e *Eco Socialista*, citados pelo jornal *Vanguarda*⁸⁹; *Revista Social. Publica o quinzenal do Instituto Anthero de Quental. Destinada   defeza e educa o da classe trabalhadora* (Porto, 1894-1896), de que apenas pudemos consultar na Biblioteca Nacional de Portugal o único número conservado (n  1, de 15 de julho de 1894), que não inclui

⁸² Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n  937 (1903), 26 de abril, p. 1; Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n  2326 (1903), 26 de abril, p. 1.

⁸³ Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n  2326 (1903), 26 de abril, p. 1.

⁸⁴ *A Federa o*. Lisboa: n  5 (1894), 4 de fevereiro, p. 2.

⁸⁵ A festa d'O Mundo. *O Mundo*. Lisboa: n  720 (1902), 17 de setembro, p. 1.

⁸⁶ Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n  937 (1903), 26 de abril, p. 1.

⁸⁷ Espectaculos. Avenida. *O Paiz*. Lisboa: n  542 (1897), 1 de maio, p. 3; Theatros. *A Vanguarda*. Lisboa: n  168 (2113), 1 de maio, p. 2.

⁸⁸ Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n  937 (1903), 26 de abril, p. 1.

⁸⁹ Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n  2326 (1903), 26 de abril, p. 1.

textos do autor; e *Pela Infancia. Á memória de Sarah de Mattos* (1901)⁹⁰, jornal comemorativo em memória desta criança supostamente vitimada no Mosteiro das Trinas, em Lisboa, que inclui um texto do autor. Todas estas referências revelam que o catálogo descrito pelo jornal *Vanguarda* a 26 de abril de 1903 é o mais completo de todos quantos se fizeram eco das obras do autor aquando o momento da morte, o que evidencia um certo desconhecimento mais além das peças de teatro que foram encenadas nos teatros de Lisboa desde 1895, ou aquelas obras das quais os contemporâneos tiveram conhecimento, talvez através do próprio, como *Socialismo e individualismo*, *O comunismo na revolução social* e *O ideal libertário*⁹¹. Foram estas as referências que passaram a integrar as biografias posteriores, como já visto.

A obra literária, objeto deste primeiro volume das obras de Ernesto da Silva de um total de três – contendo o segundo a produção jornalística e o terceiro a derivada da sua militância política –, é composta por dezoito contos, catorze textos dramáticos, seis peças de teatro, vinte e três textos de crítica literária e teoria estética, entre os quais, a conferência pronunciada no Ateneu Comercial de Lisboa em 1902 intitulada *Teatro livre e Arte social*, para além da tradução de um conto do escritor francês Jean Richepin (1849-1926) que, na versão de Ernesto da Silva, foi intitulado *Um caso da rua*. A conferência foi um dos escritos que mais sucesso teve, talvez por ser um dos poucos gerados pela intelectualidade socialista a refletir as características que um teatro operário e militante devia ter, e completa um conceito da arte – literária e não só – amadurecido pelo autor ao longo dos anos desde que em 1894 publicara em *A Federação* uma elogiosa crítica a *O pântano*, de D. João da Câmara. A peça, encenada no Teatro de

⁹⁰ Exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, mas interdito à consulta devido ao deficiente estado de conservação.

⁹¹ O ideal libertário. *A Obra*. Lisboa: n.º 162 (1898), 20 de fevereiro, p. 1; O ideal libertário. *Idem*. N.º 264 (1900), 25 de fevereiro, p. 1. Texto da conferência em Propaganda socialista. Conferência. *Vanguarda*. Lisboa: n.º 1174 (3120) (1900), 12 de fevereiro, p. 2, reproduzida em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo». Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

D. Maria II a 10 de novembro desse ano, inaugura a vocação de cronista teatral e de crítico literário que presidiu a vida de Ernesto da Silva até à morte, especialmente cultivada após o abandono do PSP em 1897. A análise destes textos oferece uma proposta estética literária entorno à qual tentou enquadrar a sua obra.

1. A narrativa: os contos (1893-1901)

A conferência no Ateneu Comercial de Lisboa constitui um ponto de chegada numa conceção da arte e da literatura subordinadas à noção de utilidade que Ernesto da Silva veio a desenvolver desde 1893 até à redação deste texto, escrito poucos meses antes do seu falecimento. É ainda neste ano que se inicia no mundo das letras através da narrativa, particularmente com o conto. Na década de 60 apareceram volumes como *Como acabam os pobres*, de Miguel Cobelos – um dos fundadores da Associação Tipográfica Lisbonense e Artes Correlativas (1852)–, que incluía contos como *A costureira* e *A lotaria social*, de denúncia das condições sociais, que eventualmente o nosso autor pôde conhecer⁹², mas a origem da narrativa de Ernesto da Silva parece responder a leituras derivadas da sua formação autodidata, e à necessidade de preencher com um texto original a presença de uma secção literária num jornal partidário. Deste modo terá visto a luz *Um réprobo* a 17 de dezembro na secção dedicada ao folhetim do número programático de *A Federação*, o novo jornal da Federação das Associações de Classe, que voltou a reproduzir corrigido em *A Obra* nos fins de setembro de 1897. A ele seguiram-se mais dezassete relatos publicados até 1898 para além de

⁹² MARTINS, Francisco José da Rocha – As velhas associações operárias portuguesas. *A Batalha. Suplemento semanal ilustrado*. Lisboa: n.º 115 (1926), 8 de fevereiro, p. 1. Miguel Cobelos é autor de um pequeno volume que contém um conto intitulado *A roupa e o frio*, narrativa realista sobre a pobreza. Vid. COBELLOS, Miguel – *Contos electricos. Leituras para caminhos de ferro*. Lisboa: Livraria de Campos Junior Editor, 1864, p. 171-214.

O intruso, que apareceu em 1901 em *Revista Nova*. Com *Um réprobo* é criado o «conto socialista português», subgênero narrativo do «conto literário», o qual, atendendo ao conceito da arte do autor, ele sujeita à denúncia do sistema capitalista e à divulgação doutrinária do pensamento socialista. É precisamente este último elemento que fixa os limites e as diferenças entre as narrativas «socialistas» e outras afins, como as formalizadas no anarquismo, dadas as coincidências na escolha dos temas a serem abordados pelos escritores de ambas correntes de pensamento operário. A integração na diégese do ideal socialista ao longo da intriga ou no desfecho final permitirá a qualificação do texto diferenciando-o também das narrativas de «denúncia social», largamente cultivadas pelos romancistas da época.

Os contos de Ernesto da Silva respondem a dois eixos temáticos básicos: a denúncia da sociedade capitalista, desenvolvido por sua vez em quatro subtemas: a família (*Um reprobado*, *O suicida*, *O aborto*, *A criminosa* e *O intruso*); a organização capitalista do trabalho e as consequências sociais (*A pneumonia*, *No cemitério* e *A fábrica*); a criminalidade (*Perdida...*, *O bate-sorna* e *O carnaval*); e a denúncia da organização político-social capitalista (*O voto*, *Luz e sombra*. (*Phantasia*), *Na Avenida* e *A ceia*); e ao desenho da sociedade socialista, expandido em mais três subtemas: as relações entre o Trabalho e o Capital (*Um encontro*. (*Phantasia*)), a desigualdade social (*O pesadelo*), e o sistema de acesso ao poder (*O tio Chollera*)⁹³. Ernesto da Silva fixou através deles as características formais do conto socialista, em partilha com o conto literário: a brevidade, a limitação dos elementos narrativos e a complexidade da estrutura resultante. Note-se que estes textos viram a luz nos jornais e, portanto, condicionados a um espaço limitado, o que provoca vários efeitos. No que diz respeito à recepção da mensagem a concisão, pois a leitura é feita numa única sessão,

⁹³ PERALTA GARCÍA, Beatriz – El Partido Socialista Portugués y la literatura de combate. La obra literaria de Ernesto da Silva. *Revista Historia Autónoma*. Nº 11 (2017), septiembre, p. 130-131.

enquanto que sob o ponto de vista da construção narrativa, a presença de um único fio argumental permite a concentração dessa mensagem. A trama é estruturada à maneira tradicional, isto é, enunciação do conflito, desenvolvimento da intriga, e exibição do desenlace. Ao longo do enredo o narrador consegue manter o clímax até ao desfecho final, no qual é apresentada a solução ao problema exposto logo no início do relato, que não está exenta de surpresa para o leitor. Trata-se de um final fechado, em que o narrador não coloca a ênfase na questão objeto do debate mas escolhe propor uma solução doutrinária. Deste modo, Ernesto da Silva desvia o foco inicial do conflito à solução, a qual, ao estar subordinada ao elemento ideológico, faz com que os textos evoluam em dois aspetos: sob o ponto de vista genológico, passando do conto literário ao conto socialista, enquanto que numa perspectiva temática a simples denúncia social é ultrapassada atingindo a narração de tese. As personagens, muito escassas neste tipo de relatos devido à limitação espacial, são maioritariamente operárias (*A fábrica*) ainda que não expressamente socialistas – apenas um caso: *O voto* –, e masculinas, mas sem esquecer a presença das mulheres (*Perdida...* e *No cemitério*), algumas delas com especial espessura psicológica – a Germana de *A criminosa* –, e das crianças – *Um reprobado* e *Na Avenida*, onde é mostrada a miséria infantil.

Neste conjunto salienta a presença de uma literatura «alegóricofantasiasta socialista» narrativa e dramática de que são exemplo os contos *Um encontro*. (*Phantasia*), *Luz e sombra*. (*Phantasia*) e *O tio cholera*, e o drama *Nova Aurora*, caracterizados pela destruição das leis do real num meio não natural, de feição negativa, habitado pela personificação dos conceitos relativos à organização capitalista. Estas personagens agem em confronto mútuo ou com as personagens humanas, sem qualquer desordem da lógica narrativa. Deste modo, verifica-se um «paradoxo» que tem a ver com a interferência dos planos do real e do irreal, pois sendo as personificações dos conceitos – o Trabalho, o Capital, a Fraternidade, a Ideia, ou a Miséria – irrealis no mundo natural, são reais

no seu significado. Daí que as peças, ainda que fortemente abstratas, apresentem uma mensagem facilmente descodificável pelo público assistente ao espectáculo, maioritariamente de extração popular⁹⁴.

2. O teatro (1894-1903)

2.1. Textos dramáticos (1894-1896)

Junto aos contos, Ernesto da Silva cultivou o texto dramático, o qual apresenta uma estrutura dialogada despossuída de direcção cénica. Isto é, à diferença do texto teatral trata-se de uma composição literária pensada para não ser encenada, mas apenas lida. Na produção de Ernesto da Silva perfazem um total de catorze, publicados entre 1894 e 1896 no jornal *A Federação* sob o pseudónimo de «Ruy». Com exceção dos dois primeiros, nos que prevalece a defesa do ideal socialista – *1871*, publicado com motivo da comemoração do aniversário da Comuna de Paris, e *No gabinete. (Dialogo burguez)*, que mostra os benefícios para os industriais de uma melhor racionalização do trabalho –, é a denúncia da sociedade capitalista o eixo temático dominante, revelando o ideal socialista como solução aos problemas dos operários, em harmonia com o intuito de divulgação doutrinária que orienta a obra de Ernesto da Silva. O autor difunde a necessidade dos operários se filiarem nas agremiações socialistas: nas associações de classe sob a sua alçada (*Á saída da fabrica. (Dialogo operario)*) e *De volta á fabrica. (Dialogo operario)*), ou no PSP (*A sesta. (Dialogo operario)*). Nalguns destes textos verifica-se plenamente o objetivo propagandístico que os animou, bem patente em *Á saída do atelier. (Entre costureiras)* e *No tanque. (Entre lavadeiras)*, escritos em apoio à criação das respetivas associações de classe femininas; em *Á porta da venda. (Á redação do «Anti-Jesuíta»)*, que deu azo à tomada de postura

⁹⁴ PERALTA GARCÍA, BEATRIZ – Literatura alegórico-fantasta socialista. *Revista de Estudos Literários*. Nº 9 (2019), p. 183-198.

perante a religião e as organizações da Igreja; e em *Á ceia. (Á redação da «Voz do Operario». (Dialogo burguez)*, e *Do alto das ruínas. (Dialogo operario). (Á redação da «Revista Social»)*, em apoio às respetivas publicações periódicas.

Sob o ponto de vista cronológico os textos dramáticos pertencem à fase inicial da produção dramática de Ernesto da Silva que o crítico Fernando Reis denominou «popular», como veremos a seguir. Neles também podemos apontar quatro eixos temáticos claros, segundo vimos em relação à narrativa. São a denúncia da sociedade capitalista (*Á saída da fabrica. (Dialogo operario)*, *De volta á fabrica. (Dialogo operario)*, *Á porta da venda. (Dialogo operario)*, e *A sopa. (Dialogo)*); a proposta de organização social socialista (*1871, No gabinete. (Dialogo burguez)*, *A sesta. (Dialogo operario)* e *Do alto das ruínas. (Dialogo operario)*); o compromisso ético e moral (*Á ceia. Á redação da «Voz do Operario». (Dialogo burguez)* e *A pátria. (Dialogos)*); e as lutas pelo controlo do movimento operário (*Á saída do atelier. (Entre costureiras)* e *No tanque. (Entre lavadeiras)*)⁹⁵.

2.2. Textos teatrais (1895-1903)

Após a morte de Ernesto da Silva um dos colaboradores do jornal republicano *Vanguarda*, Fernando Reis, do círculo das suas amizades, analisou a obra dramática em três artigos aparecidos nos meados de junho de 1903. Para este crítico o elemento que a estrutura é a condição de operário do autor desde criança, que favoreceu o convívio com os seus confrades nas agremiações e nas associações de classe. Isto resultava especialmente evidente nas primeiras obras: na construção das personagens, dos caracteres e dos lugares que aí aparecem. Fernando Reis divide a obra dramática de Ernesto da Silva em duas fases: a «popular», a que pertencem *O capital*, *Os que trabalham*, *As vítimas* (sic), e *Nova Aurora*; e a «artística», onde surgem *Os vencidos* e *Em ruínas*. Para ele a primeira é caracterizada por

⁹⁵ PERALTA GARCÍA, BEATRIZ – El Partido Socialista Portugués y la literatura de combate. La obra literaria de Ernesto da Silva. *Cit.*, p. 130.

uma conceção prolixa da ação, é infantil nos conceitos e redundante nos termos, sendo patentes uma fraseologia romântica e uma construção maniqueia das personagens que respondiam a uma divisão simplista em bons, os trabalhadores que se queixam, e maus, os proprietários industriais e os senhores. Nesta crítica, por vezes até excessiva, Fernando Reis não observa qualquer originalidade literária porque entende que as personagens não são mais do que a trasposição atualizada dos velhos repertórios ultra-românticos dominados pela oposição dicotómica entre «fidalgos e plebeus». Pensa que, tal como aquelas peças, as de Ernesto da Silva acabarão por cair no esquecimento «pelo seu afastamento da realidade», considerando apenas digna de elogio a coragem para as escrever bem como o propósito que as anima⁹⁶. Era a mesma percepção de um outro cronista teatral, Joaquim Madureira (1874-1954), o célebre Braz Burity, colega de Ernesto da Silva no jornal republicano *O Mundo*, que julgava *O capital* e *Os que trabalham* «meras dialoguisações de eloquentes artigos de fundo». Sem entrar a considerar peças como *O despertar*, *Nova Aurora* e *Vencidos* via, porém, em *Em ruínas* uma clara evolução que deixava pressentir o grande dramaturgo que Ernesto da Silva teria sido se não tivesse morrido ainda novo⁹⁷.

A obra dramática de Ernesto da Silva reflete as particularidades do teatro finissecular. Segundo vemos, os cronistas coincidiram em filiar *O capital* (1895) e *Os que trabalham* (1897) no teatro de atualidade, expressão derradeira do Realismo. Contudo, é de salientar que o autor reinterpreta-o sob a perspectiva da intelectualidade operária. As peças ultrapassam a simples denúncia das condições de vida dos operários convertendo o quotidiano em tragédia humana. O Homem é exposto perante a sua condição e o seu destino para oferecer como solução às dificuldades do diário a futura sociedade socialista. Na primeira das suas

⁹⁶ REIS, Fernando – Ernesto da Silva. A sua vida e a sua obra I. *Vanguarda*. Lisboa: n.º 2374 (5227) (1903), 13 de junho, p. 1.

⁹⁷ MADUREIRA, Joaquim – Em ruínas. *Impressões de teatro. (Cartas a um provinciano & Notas sobre o Joelho)*. 1903-1904. Lisboa: Ferreira & Oliveira, L.^{da}, Editores, 1905, p. 372.

obras, *O capital*, domina plenamente o elemento realista, mas apresenta já alguns laivos que evidenciam uma reinterpretação do Simbolismo e do Decadentismo, plenamente instalados na literatura portuguesa nestes anos finais do século nas obras de D. João da Câmara e nos dramas de Ibsen, que o nosso autor viu representados nas salas lisboetas. No drama, o conflito ideológico instala-se numa família burguesa entre João, o industrial dono de uma fábrica, e o filho, Carlos, socialista, que reage a favor dos operários em greve. O desenlace proposto por Ernesto da Silva envolve o ideal socialista através de Carlos, que assume a direção da família salvando-a não apenas da ruína económica a que é levada pela péssima gestão de João, mas da destruição do núcleo familiar. Todavia, não será até à redação de *Nova Aurora* (1900) que a influência de *O pântano* e da estética simbolista surjam completamente num universo dominado pelo fantástico, onde as figuras alegóricas contracenam com as figuras humanas.

A família pequeno-burguesa será preferente objeto de estudo na obra teatral do autor. A segunda peça em termos cronológicos, *A vítima*, datada de 1896 mas reescrita e encenada sob o título *Vencidos* em 1902, é o exemplo mais apurado da salvaguarda desta instituição e da necessidade de a reorientar para conservá-la numa época de grandes transformações sociais. Aborda a frustração profissional de um jovem médico que o leva à insatisfação pessoal e, conseqüentemente, ao adultério, acabando por destruir a família. A infidelidade aparece no drama como mais um elemento do enredo, outra decisão errada do conjunto das tomadas pelo protagonista, mas torna-se o argumento central de *O despertar* (1900). Aqui Ernesto da Silva afasta-se do tratamento dado tradicionalmente ao tema, o egoísmo individual, presente em *A vítima*, para responsabilizar o conservadorismo social do fracasso dos matrimónios não baseados na liberdade de eleição do cônjuge mas em motivações espúrias: Berta descobre o adultério do esposo e primo, Arnaldo, com quem casou por promessa feita à tia e mãe dele. Em *Em ruínas* (1903) a defesa da família passa por impedir a chegada a ela de um novo membro.

Sob o ponto de vista da construção técnica, excepção talvez feita a *O capital*, *Os que trabalham*, e *Vencidos*, mais colados ao modelo realista e, portanto, com maior progresso acontecimental, todos os dramas são caracterizados por uma ação limitada, diluída até quase desaparecer, que favorece uma ambientação cénica muito simples. É o caso de *Em ruínas*, cujos tres atos se desenvolvem no mesmo espaço, o gabinete de trabalho de Álvaro. Já o número das personagens apresenta alguma novidade pois acompanha a evolução técnica do autor passando de dezasseis, dezoito, ou até vinte e duas em *O capital*, *Nova Aurora* e *Os que trabalham*, respetivamente, dos primeiros dramas, a apenas cinco, nove ou sete de *O despertar*, *Vencidos* e *Em ruínas*, embora o grosso da ação esteja reservado a algumas menos. Destaca o papel reservado às mulheres. É aqui que Ernesto da Silva quebra o arquétipo romântico entre a mulher fatal – talvez a única representante seja a Hortense de *Vencidos* – e a mulher anjo, subordinada ao herói. As mulheres são protagonistas junto às personagens masculinas, a construção dramática reserva-lhes certa espessura psicológica, agem segundo convicções muito próprias: Beatriz questiona ideologicamente o irmão, rejeita pretendente em *O capital*; Berta e Elvira, esposa e amante de Arnaldo, lutam pelo amor dele em *O despertar*; Luiza aceita um namoro sem casamento apenas por amor a Armando em *Vencidos*; Leonor opõe-se ao aborto defendido por Álvaro em *Em ruínas*. O esquema realista conserva-se porém em *Nova Aurora* na personificação dos conceitos, apresentados de forma dicotómica: a Dor e a Caridade em oposição à Justiça.

Ernesto da Silva escreveu estas peças ao calor da militância no PSP, Partido que deu sempre particular atenção ao teatro como instrumento de divulgação doutrinária, inicialmente como uma forma de fornecer originais adequados às agrupações teatrais, na altura em formação. Em janeiro de 1893, aquando do tempo em que ele parece entrar em contacto com o movimento, os socialistas do PSP tinham fundado um Grupo Dramático Socialista com o intuito de «promover conferências para a educação do operariado, e realizar recitas para socorrer os seus companheiros no

infortunio e suas famílias», bem como «conseguir a realização da federação de todos os grupos dramaticos e sociedades de recreio»⁹⁸. *O Protesto Operário*, órgão do POSP, e o republicano *A Vanguarda*, não recolheram a notícia do nascimento da nova agremiação embora esta última publicação começasse a informar com regularidade das suas atividades a partir de abril. Nada sabemos do seu funcionamento até aos inícios do mês de setembro, quando é anunciado o ensaio de um «drama socialista», sem indicação de título, destinado a um espectáculo promovido pelos próprios em seu favor e do jornal *Revolucionário*, o novo periódico do PSP⁹⁹. É a partir deste momento que surgem os pedidos de representação: em favor dos operários presos nos tumultos de 29 de agosto, nos fins de setembro no Teatro Terpsícore a convite do socialista Manuel Pedro, e no mês de outubro em Tomar¹⁰⁰. Em novembro, abriam um gabinete de leitura¹⁰¹. Nestes meses tiveram várias sedes, passando da travessa de Sant'Anna, 15, 2º, à rua do Martim Vaz, 52, depois para as Escadinhas da Barroca, 9, 2º, e ainda para a rua da Cruz da Carreira, 83, 1º, em maio de 1894, sempre em Lisboa¹⁰². Porém, ainda mudariam em mais ocasiões de lugar.

Coincidindo com o aniversário do primeiro ano da constituição do Grupo Dramático Socialista foi realizada uma festa comemorativa na qual intervieram Alfredo Canellas, que historiou o surgimento e organização do Grupo; José Maria da Conceição Fernandes, para salientar a importância da arte dramática como instrumento educativo; Ernesto da Silva, celebrando o valor da iniciativa do Grupo; e Costa Lima, com um «curto mas enérgico discurso», para além de intervenções artísticas, como

⁹⁸ Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 931 (1894), 23 de janeiro, p. 3.

⁹⁹ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 793 (1893), 6 de setembro, p. 3.

¹⁰⁰ Movimento Associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 816 (1893), 29 de setembro, p. 3; Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *Idem*. Lisboa: n° 829 (1893), 12 de outubro, p. 3.

¹⁰¹ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 854 (1893), 6 de novembro, p. 3.

¹⁰² Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 888 (1893), 10 de dezembro, p. 3.

os recitativos de poesias e o número de prestidigitação de Guilherme Augusto. Nos intervalos dos discursos tocou a Sociedade Musical Recreio Harmonia 24 de abril de 1892, acabando o ato com o presidente, Bartolomeu Constantino (1868-1916), agradecendo a assistência do público e com os vivas dos presentes à classe operária¹⁰³. O Grupo Dramático Socialista parece desfrutar, portanto, de excelente saúde, embora sejam buscadas medidas «para o maior desenvolvimento do grupo»¹⁰⁴. Todas as semanas – terças, quintas e sábados – efetua ensaios regulares de obras do drama social oitocentista, entre outras *Gaspar, o serralheiro* (1877), de Eduardo Pedro Baptista Machado, *Veterano da liberdade* (1874), de Eduardo Baptista Dinis, *João, o Corta Mar*, de António Carlos de Oliveira, e *Os estroinas*, de Luiz Ferreira de Castro Soromenho, estas últimas destinadas a um futuro espetáculo no Teatro das Trinas¹⁰⁵. Em maio de 1894 pretendem avançar na arte dramática abordando a encenação de «um drama moderno»¹⁰⁶, mas a partir desta altura o silêncio das fontes indica a presença de possíveis dificuldades. Em novembro José Martins Santareno assumiu a direção, motivo pelo qual requereu de quem dirigira a agremiação até essa altura, Bartolomeu Constantino, os pertences do Grupo para serem postos à disposição de uma «comissão de reorganização». Dias depois, a 15, convocava os sócios a uma reunião a decorrer no Paço do Bemformoso, n.º 209, 1.º¹⁰⁷. É nestes dias que terá tomado força na cabeça de Martins Santareno a ideia da revitalização do Grupo criando um repertório dramático próprio.

¹⁰³ Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n.º 931 (1894), 23 de janeiro, p. 3.

¹⁰⁴ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n.º 962 (1894), 24 de fevereiro, p. 3.

¹⁰⁵ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n.º 955 (1894), 17 de fevereiro, p. 3; Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *Idem*: n.º 1026 (1894), 30 de abril, p. 3.

¹⁰⁶ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n.º 1048 (1894), 22 de maio, p. 3.

¹⁰⁷ Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *A Vanguarda*. Lisboa: n.º 1222 (1894), 12 de novembro, p. 3; Movimento associativo. Grupo Dramatico Socialista. *Idem*. Lisboa: n.º 1224 (1894), 14 de novembro, p. 3.

Depois de os operários tecelões de Tomar terem ganho a greve contra a supressão dos serões, a Federação das Associações de Classe instou à fundação de uma agremiação sindical. Para tal, acudiu à cidade acompanhado de Ernesto da Silva para ajudar o alfaiate Raimundo Ribeiro neste intuito. A empresa – diga-se de passagem – acabou coroada pelo êxito com a aprovação dos estatutos da nova Associação de Classe dos Tecelões¹⁰⁸. Terá sido no decurso desta missão que lhe sugerirá a Ernesto da Silva a redação de um drama para o Grupo Dramático Socialista com o objetivo de ser representado na comemoração do 1º de Maio de 1895. Sem dúvida que Martins Santareno era conhecedor da autoria dos contos e textos dramáticos do seu colega no PSP desde o nascimento do jornal *A Federação*. Ernesto da Silva aceitou o desafio mas pediu conhecer a obra do falecido tipógrafo Dionísio Sampaio, que deixara uma ode de estilo «bocageano» e um «drama de propaganda republicana» intitulado *O Rouget de Lisle* que o pai, Daniel Pereira Sampaio, um «socialista da velha guarda», aceitou pôr à disposição. Os três leram o manuscrito em casa de Ernesto da Silva. Concluída a leitura, declarou estar determinado a enfrentar a redação do drama. Dias depois oferecia à apreciação de Martins Santareno o primeiro ato, rascunhando a seguir o segundo, que ficou pronto nos inícios de fevereiro de 1895, bem como o título, *O capital*¹⁰⁹. Um mês depois a peça estava prestes a ser terminada e *A Federação* anunciava a publicação dalguns excertos¹¹⁰. Imediatamente foi organizada uma leitura pública para o dia 14 de abril na séde da Associação das Federações de Classe, na rua do Bemformoso¹¹¹. Foi um sucesso. Os assistentes ovacionaram o autor no fim de cada ato, nomeadamente o terceiro e o quarto, os quais se revelaram particularmente estimados do público. Ao concluir, Ernesto

¹⁰⁸ Thomar. *A Federação*. Lisboa: n° 51 (1894), 23 de dezembro, p. 4.

¹⁰⁹ SANTARENO, Martins – Teatro Social. O Capital, de Ernesto da Silva. *República Social*. Lisboa: n° 38 (1919), 15 de novembro; O Capital. *A Federação*. Lisboa: n° 58 (1895), 10 de fevereiro, p. 4.

¹¹⁰ O Capital. *A Federação*. Lisboa: n° 61 (1895), 3 de março, p. 2.

¹¹¹ ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (ANTT) – *Acta da sessão da Federação das Associações de Classe em 8 de abril de 1895*.

da Silva manifestou o desejo de reorganizar o Grupo Dramático Socialista para a representação da peça no 1º de Maio, como previsto¹¹².

Perante este sucesso foi programada nova leitura pública para o dia 28 de abril na Associação Tipográfica Lisbonense, na rua do Sol, ao Rato, com invitação à imprensa¹¹³. Da sessão fizeram eco o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *A Vanguarda*, *O Dia*, *Folha de Lisboa*, *A Batalha*, *Voz do Operário*, *A Obra*, *Diário de Évora* e a *Revista Teatral*, que salientaram a consistência dramática da peça bem como o sucesso do drama entre os assistentes, colegas de profissão e de Partido, que acudiram para apoiar Ernesto da Silva¹¹⁴. Entre eles dois espanhóis, que ficaram tão impressionados que o contactaram para traduzir e adaptar a peça à cena espanhola, mas ele afirmou que só faria após a exibição em Portugal¹¹⁵. Porém, não parece que tal extremo viesse a concretizar-se. Passados alguns meses, nos meados de julho, *A Federação* informava da possível abertura da temporada dramática no Teatro do Príncipe Real com a representação de *O capital*, o que não seria confirmado até outubro¹¹⁶. A peça, que «soffreu córtés, quando subiu á scena» por necessidades de adaptação cénica¹¹⁷, fará a sua estreia a 8 de novembro de 1895 apesar dos receios do cronista de *A Obra*, que pensava que o facto de apresentar a realidade de forma tão crua faria com que Ernesto da Silva tivesse dificuldades para a levar ao

¹¹² SANTARENO, Martins – Teatro Social. (Continuação). *República Social*. Lisboa: n° 41 (1919), 6 de dezembro.

¹¹³ O Capital. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 1385 (1895), 27 de abril, p. 3.

¹¹⁴ PERALTA GARCÍA, Beatriz – Los orígenes del teatro socialista en Portugal: *O Capital* (1895), de Ernesto da Silva. *Revista da Faculdade de Letras. História*, IV Série. Vol. 7, n° 2 (2017), p. 216-236.

¹¹⁵ O Capital. *A Federação*. Lisboa: n° 72 (1895), 19 de maio, p. 2.

¹¹⁶ O Capital. *A Federação*. Lisboa: n° 81 (1895), 21 de julho, p. 4; O Capital. *A Obra*. Lisboa: n° 28 (1895), 28 de julho, p. 4.

¹¹⁷ Vid. nota final. SILVA, Ernesto da – *O Capital. Drama em 4 actos, original de Ernesto da Silva. Representado pela primeira vez no teatro do Príncipe Real, de Lisboa, na noite de 8 de novembro de 1895*. Lisboa: Typo. do Instituto G. das Artes Graphics, 1896.

palco¹¹⁸. Não teve e a peça, uma amarga crítica ao modo de produção capitalista, foi estreada neste teatro profissional embora popular, que acostumava acolher a representação de peças de autores vindos de fora do circuito dos teatros frequentados pela aristocracia e a alta burguesia – em oposição aos dramaturgos que estrejavam as suas obras nos teatros de D. Maria e D. Amélia –, os quais tinham a oportunidade de aí ver encenadas as suas obras. Em *O capital*, contra o que podia ser presumido, a protagonista não é uma família operária, mas burguesa, elemento que permite defender a feição interclassista do pensamento socialista – Carlos, o filho do industrial, é abertamente militante e isto origina um enfrentamento com o pai –, sem perder a sua componente revolucionária e reivindicativa. Ela é descrita através do conflito entre os operários e o dono da fábrica, aspeto sob o qual o público, maioritariamente trabalhador, se sentira plenamente identificado, não apenas nos tipos físicos com que as personagens eram apresentadas ao espetador, mas nas situações da vida quotidiana nas que se viam envolvidas. Como nos contos, Ernesto da Silva apresenta-nos os problemas e as dificuldades dos operários, e também é oferecida uma solução fechada ao conflito que favorece a introdução do elemento doutrinário, a evolução da sociedade capitalista para a sociedade socialista, que envolve o conjunto social, os operários e os burgueses.

O sucesso da peça perante o público operário não veio apenas destes elementos, também dalguns recursos particularmente impactantes na construção cénica. Ernesto da Silva joga habilmente com a violência, que provém de duas fontes: os operários e a polícia. No primeiro caso, atinge uma dimensão lícita, são os oprimidos em defesa contra os opressores – na cena XVI do ato 3.º a didascália indica que «(entram pela janella pedras que quebram os vidros)», enquanto que no segundo é uma violência ilícita, posto que exercida por um corpo do Estado,

¹¹⁸ O Capital. *A Federação*. Lisboa: n.º 95 (1895), 27 de outubro, p. 2; O Capital. *A Federação*. Lisboa: n.º 96 (1895), 3 de novembro, p. 2; O Capital. *A Obra*. Lisboa: n.º 42 (1895), 3 de novembro, p. 3; O Capital. *A Obra*. Lisboa: n.º 17 (1895), 12 de maio, p. 4.

embora agindo em interesse particular dos proprietários fabris face aos mais desfavorecidos. Atente-se ao seguinte excerto, tomado de uma fala do criado Tiago:

«Os soldados que rodeam a fabrica malhavam n'um pobre velho que estava de vigia. O velhote mettia dó, supplicava, pedia não lhe batessem; compaixão não havia, davam p'ra baixo sem dó nem consciencia. O homemsito atravessara um caminho que está guardado pela força!... Ora ahi está!... (*indignado*) Parece que a tropa nunca teve pae, nem mãe! Ah! sôra Thereza, subiu uma cousa por mim acima, poz-se-me um nó na garganta e se demoro alli... desgraçava-me!...» (Ato 3.º, cena II).

Junto dela, outro aspeto de forte impacto nos espectadores, marcadamente emotivo, foi o uso da música, que funciona como reforço doutrinário. Ernesto da Silva incluiu no texto o *Hino do 1º de Maio* em três ocasiões no decurso do enredo, sempre como pano de fundo das falas das personagens. Oscila de um matiz negativo, no monólogo em que a criada Teresa profetiza dias convulsos para a família (Ato 2.º, cena XII), ou quando o marquês alude à questão social (Ato 2.º, cena XVII), a outro positivo, anunciando um futuro venturoso para os operários (Ato 2.º, cena XIX).

Com o drama *O capital* Ernesto da Silva fixou as características de uma dramaturgia militante. Perante as peças da autoria de Manuel Luiz de Figueiredo, escritas em 1881 e fortemente filiadas no drama social oitocentista, a obra ultrapassa a simples denúncia dos problemas e as preocupações dos operários para avançar na construção de um modelo dramático baseado na expressão realista do quotidiano operário, na composição dicotómica das personagens, na verosimilhança da recreação cénica, no recurso aos elementos extratextuais – a música –, e na proposta fechada do desenlace apelando ao elemento doutrinário. Este arquétipo dramático foi rapidamente descodificado pelo operariado lisboeta, que encheu noite após noite o salão do Príncipe Real. Nunes da Silva sintetizou em poucas palavras o sentir de todos:

«Assim, Ernesto da Silva prestou á causa do socialismo um incalculavel serviço de propaganda escrevendo o inspirado drama *O capital*, bello trabalho na sua estructura litteraria e scenica, elevado e profundamente poderoso na sua these; e a arte dramatica ficou ornada com um mais original, brilhante e valioso»¹¹⁹.

Ao alcançar a 15.^a representação o novo dramaturgo celebrou a sua festa, a 3 de dezembro de 1895. No movimento operário o autor era «justamente apreciado como orador distincto», escrevia *A Federação*, o que fazia com que o espectáculo fosse esperado com alborço. O jornal festejou o sucesso do seu redator com a publicação de um número de homenagem em que colaboraram cinquenta colegas «e não mais, porque as dimensões do jornal o não comportaram», enfatizou¹²⁰. Para além de um retrato biográfico da autoria de Soto Maior Júdice (1834-1903), encontramos aí um dos mais acabados exemplos de uma poesia de encomio socialista, completada com alguns outros poemas dedicados ao autor aparecidos na mesma altura em *O Echo Metallurgico* e *A Federação*, cuja análise abordamos na epígrafe dedicada a este tema em «O apêndice. Poemas a Ernesto da Silva». Alguns dias depois a peça regressou à cena quando a «Estudantina Recreativa Mozart» realizou no Teatro do Príncipe Real a sua festa de aniversário tendo como espectador o autor, que foi chamado em repetidas ocasiões ao palco¹²¹. Desde a estreia em novembro de 1895 o drama manteve-se em cartaz até aos meados de maio de 1896, quando a companhia do Príncipe Real ainda realizou um espectáculo de despedida no Coliseu dos Correios dedicado aos operários portugueses¹²². A recita do 1º de Maio desse ano também lhes foi oferecida¹²³.

¹¹⁹ NUNES DA SILVA – O socialismo na arte. *A Federação*. Lisboa: número especial. Homenagem, 1895, p. 2.

¹²⁰ Ernesto da Silva. *A Federação*. Lisboa: nº 100 (1895), 1 de dezembro, p. 1.

¹²¹ Sociedades de Recreio. Estudantina Recreativa Mozart. *A Federação*. Lisboa: nº 102 (1895), 15 de dezembro, p. 4.

¹²² Festa operaria. *A Vanguarda*. Lisboa: nº 1761 (1896), 11 de maio, p. 2.

¹²³ O Capital. *A Federação*. Lisboa: nº 122 (1896), Primeiro de Maio, p. 1.

Depois do triunfo em Lisboa a companhia incorporou *O capital* no seu repertório dramático. Foi por isso que em agosto pôde ser disfrutado pelos espectadores cariocas na tournée dos atores no Rio de Janeiro, onde foi representado no Teatro Lucinda na noite de 7 de junho de 1896. Até ao dia 10 de junho *O capital* encheu por três vezes a sala, sendo que a «peça socialista» gostara muito¹²⁴. O drama e o impacto do seu sucesso foram até noticiados no *El Socialista*, de Madrid, que qualificara Ernesto da Silva como «nuestro correligionario»¹²⁵.

Para além do teatro profissional começou a integrar os repertórios das companhias amadoras. A 7 de junho de 1896 era programada a representação de *O capital* no Teatro Taborda (Lisboa) numa récita em auxílio do operário João Pereira, o qual não podia trabalhar desde havia oito meses por doença persistente¹²⁶. A peça ainda se manteve por algum tempo, sendo que a 28 do corrente era anunciada a participação de um ator amador, Júlio Terra, na representação dedicada a um outro operário doente, João Correia¹²⁷. Em Tomar o drama foi ensaiado pelo Grupo Operário Thomarense sob direção cénica de António da Fonseca Simões, que esperava encená-lo em breve, contando com a presença do autor¹²⁸. *O capital* ainda havia de voltar à cena portuguesa em maio de 1897 no Teatro Avenida (Lisboa) numa festa em honra de Ernesto da Silva, embora não completo, mas apenas com a representação da cena X do 2º ato, na qual Carlos, o filho do industrial, se assume socialista perante à irmã¹²⁹.

A difusão da peça foi também possível devido a sua publicação. Perante o êxito no Teatro do Príncipe Real começou a ser crescentemente demandada pelo público, e nos meados de abril de 1896 foi escolhida

¹²⁴ O Capital. *A Federação*. Lisboa: n° 135 (1896), 2 de agosto, p. 4.

¹²⁵ Movimiento Político. Portugal. *El Socialista*. Madrid: n° 506 (1895), 15 de noviembre, p. 4.

¹²⁶ Benefício recommendavel. *A Obra*. Lisboa: n° 71 (1896), 24 de maio, p. 3.

¹²⁷ Julio Terra. *A Federação*. Lisboa: n° 129 (1896), 21 de junho, p. 1.

¹²⁸ Thomar. *O Capital. A Federação*. Lisboa: n° 149 (1896), 8 de noviembre, p. 3.

¹²⁹ Theatro da Avenida. *A Obra*. Lisboa: n° 123 (1897), 23 de maio, p. 4.

para inaugurar uma «Bibliotheca de Propaganda Socialista». Embora o texto fosse encenado adaptado devemos presumir que na edição da obra, que Ernesto da Silva dedicou a Azedo Gneco, esta fosse dada à estampa na escrita original, em folhas soltas «in-8.º grande», ao preço de 20 réis cada uma, na tipografia do Instituto das Artes Gráficas. Com a última, seriam distribuídas as capas¹³⁰. Depois desta publicação, em agosto via a luz em volume independente¹³¹.

Não há dúvida nenhuma de que com *O capital* o autor tentara não apenas encetar a construção de um repertório dramático militante destinado ao público operário como despertar também nele o gosto pelo teatro¹³². Ainda não se tinha concretizado a encenação da peça e Ernesto da Silva iniciava, nos meados de setembro de 1895, a redação de um novo drama, *A vítima*. Dois dos quatro atos previstos foram escritos muito rapidamente, e ainda se antecipava a sua futura representação num dos «principais» teatros da capital¹³³. Contudo, o texto não esteve pronto até ao mês de agosto de 1896. Como *O capital*, o novo drama era «vinculado na philosophia demolidora em que se firma o socialismo». Segundo o jornalista de *A Vanguarda* Ernesto da Silva apresentava um retrato fotográfico da família portuguesa contemporânea, substanciado num caso de «patologia social» que permitia o autor estudar a degenerescência dos caracteres ao passo que mostrava a corrupção moral de certos indivíduos por falta de meios económicos, que não permitiam o desenvolvimento pessoal nem favoreciam o bem-estar material. O drama tinha por protagonista um elemento do proletariado intelectual, de profissão médico, capaz de abandonar a namorada, com quem tem um filho, seduzido por uma mulher de melhor condição social. Porém, o herói acaba por se tornar vítima dele próprio quando essa escolha vital se volta contra ele através de uma trai-

¹³⁰ Bibliotheca de Propaganda Socialista. *A Federação*. Lisboa: nº 120 (1896), 19 de abril, p. 3.

¹³¹ O Capital. *A Federação*. Lisboa: nº 136 (1896), 9 de agosto, p. 2.

¹³² A vítima. *A Federação*. Lisboa: nº 101 (1895), 8 de dezembro, p. 1.

¹³³ A vítima. *A Vanguarda*. Lisboa: nº 1527 (1895), 17 de setembro, p. 2.

ção conjugal. A esposa, ademais, não admite contestação à sua conduta, certa de apenas ter comprado um esposo¹³⁴.

O sucesso de *O capital* animou Ernesto da Silva a tentar providenciar maior realce cénico para a nova obra. O principal teatro da capital a que se referia *A Vanguarda* era o Teatro de D. Maria II, gerido pela firma Rosas & Brazão desde que nos fins de setembro de 1892 ganhara o concurso da concessão para a exploração¹³⁵. Esperava-se da nova gerência uma aposta pela renovação do teatro português, que se considerava afetado por uma crise global que ia da mediocridade das obras à tradução de originais e à vinda de companhias estrangeiras. Depois de várias propostas fracassadas veio triunfar a de D. Tomás de Almeida, com a nomeação de uma comissão para que elaborasse um plano de reforma do teatro português, onde era contemplada a tributação destas companhias¹³⁶, duramente criticado por Ernesto da Silva, como adiante veremos. Desta maneira a temporada 1896-1897 fora inaugurada pela companhia com algum desassossego porque era o ano anterior à finalização da concessão e nenhuma das peças previstas era original. Entre as que aí se viram desde outubro de 1896 estavam *Os íntimos*, *O amigo Fritz*, *João José*, *O tio milhões*, *Hamlet*, *O judeu polaco*, de Erckmann-Chatrion, *O filho natural*, de Alexandre Dumas filho, ou *A imaculável*, de Abel Botelho. Para esta última um dos administradores, João Rosa, antecipara um fracasso certo¹³⁷.

Ernesto da Silva apresentou *A vítima* à sociedade gerente, embora com alguns receios pois o reputado crítico Tomás Lino da Assunção tivera dificuldades para estreiar nessa casa o seu *Ajuste de contas*¹³⁸ por ser rotulado de «socialista». Daí que consultasse Eduardo Brazão, elemento da com-

¹³⁴ A Vítima. *A Federação*. Lisboa: n.º 139 (1896), 30 de agosto, p. 1.

¹³⁵ SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I. Lisboa: Publicação Comemorativa do Centenário 1846-1946, 1954, p. 398.

¹³⁶ *Idem*, p. 414.

¹³⁷ *Idem*, p. 415-416.

¹³⁸ Sousa Bastos confirma a encenação da peça, que passou desapercibida dando só quatro representações, mas não indica data. SOUSA BASTOS – *Carteira do artista*, *op. cit.*, p. 176.

panhia, sobre as possibilidades de representação de *A vítima*, expondo as dúvidas perante a possível execução por parte do fiscal do governo, o escritor e jornalista António de Sousa e Vasconcelos, dada a condição de operário e socialista do autor. Mas Eduardo Brazão tranquilizara-o qualificando a peça de «*dramasinho íntimo*, sem perigo de decapitação a conta de investida moral», prevendo a sua estreia após *A imaculável*, que subiu ao palco a 21 de janeiro de 1897¹³⁹. Porém, nos primeiros dias de fevereiro obteve resposta negativa através de um ofício em que a direção da empresa lhe comunicava a rejeição da peça:

«*Ex.^{mo} sr. Ernesto da Silva*. – Lisboa, 12 de fevereiro de 1897. – O fiscal do governo junto a este theatro acaba de remetter-nos a peça em 4 actos, original de v. ex.^a – *A Vítima* acompanhada de um officio em que declara não poder auctorisar a sua representação – «*por considerar uma parte do 2.º acto e todo o 4.º offensivos da moralidade e contrarios aos bons costumes*». Apressamo-nos a communicar a v. ex.^a este parecer e tomamos a liberdade de enviar tambem a peça, visto que, pelas razões expostas, não póde ser aqui representada. Com muita consideração – De v. ex.^a, ven. e obg. – *Rosas & Brazão*»¹⁴⁰.

Idênticos motivos foram alegados para a rejeição de *Os domadores*, de Eugéne Sue¹⁴¹. Ernesto da Silva ficou frustrado e incomodado: «Na verdade, era mais digno e mais moral entregarem-me *A vítima*, quando fui a retiral-a»¹⁴², lamentou. O que mais o escandalizou foi a consideração da peça como «imoral», ainda mais quando outras, como o *Estatuario*, de Alberto Braga, tiveram obrigação de encenação, o que não obstou ao

¹³⁹ SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. III. (A moral do theatro). *O Paiz*. Lisboa: n.º 471 (1897), 17 de fevereiro, p. 2.

¹⁴⁰ Theatro de D. Maria II. Proibição de uma peça do sr. Ernesto da Silva. *O Paiz*. Lisboa: n.º 467 (1897), 13 de fevereiro, p. 1. Itálicos no original.

¹⁴¹ SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I, *op. cit.*, p. 417.

¹⁴² SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. IV. (A moral do theatro). I *O Paiz*. Lisboa: n.º 473 (1897), 19 de fevereiro, p. 2.

fracasso¹⁴³. Por isso, teve o propósito de ir pedir esclarecimentos, mas o seu convívio com os artistas evitou maior desgosto. Dois dias depois publicava em *O Paiz*, a modo de desafronta, o primeiro de seis artigos nos quais não se limitou apenas a expor o seu caso mas desenvolveu uma denúncia entorno à censura teatral de que eram alvo os autores não profissionais, especialmente quando procedentes de meios operários. Não encontrando base crítica no argumento exposto compreendeu residir na dedicatória os preconceitos do fiscal. Ei-la: «Aos proletarios das escolas e officinas, seus irmãos de soffrimento e lucta. = Offerece, dedica e consagra = O auctor»¹⁴⁴. Porém, resolveu pedir parecer sincero ao escritor e crítico literário António José da Silva Pinto. A carta, assinada a 20 de fevereiro de 1897, reproduzida no sexto e último artigo da série, não deixava lugar a dúvidas. Muito francamente expôs este o facto de o argumento exibido pelo fiscal ser apenas um «subterfugio» que evidenciava os limites de uma sociedade conservadora. E acrescentava neste parágrafo esclarecedor:

«Eu nunca poderia esperar que a peça de v. pudesse vir a ser representada no theatro de D. Maria II, e mal concebo como os artistas, talentosos e praticos, á testa d'aquella casa, deixaram a v. esperanças de tal representação. A sua obra, de forte moralidade, de ardente prosa e de maculo juizo, deve soffrer ligeiras modificações, no restricto sentido das condições theatraes – e v. já a esta hora o reconheceu. É um valioso e nobre trabalho mas seria uma declaração de guerra em pleno campo inimigo»¹⁴⁵.

Ernesto da Silva não esqueceu o conselho do ilustre crítico. Passado o desengano encetou a reforma do texto. Na nova redação recebeu o título de *Vencidos*, mas nem assim conseguiu encenação no circuito

¹⁴³ SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I, *op. cit.*, p. 416.

¹⁴⁴ SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. III. (A moral do theatro). *O Paiz*. Lisboa: nº 471 (1897), 17 de fevereiro, p. 2.

¹⁴⁵ SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. VI. (A moral do theatro). *O Paiz*. Lisboa: nº 486 (1897), 5 de março, p. 2.

teatral de maior prestígio. Como *O capital* teve de ser estreado num outro teatro popular, desta vez no Teatro do Ginásio, em 1902. A ele havemos de voltar.

A pesar do revés sofrido, não desanimou da sua condição de dramaturgo pois em plena redação de *A vítima* já *A Federação* anunciava a escrita de outro drama. Intitular-se-ia *O trabalho* e seria uma «peça de analyses á vida proletaria, em 4 actos e 5 quadros», que o autor esperava poder levar ao palco no inverno, segundo desejo do empresário Salvador Marques (1844-1907), na altura no Teatro do Príncipe Real, que lhe encarregara a obra¹⁴⁶. A peça recebeu finalmente o título de *Os que trabalham. Scenas da vida proletaria. Drama em 4 actos e 6 quadros*, e foi estreada a 23 de março de 1897 nessa sala, sendo o autor aplaudido com «phrenesi»¹⁴⁷. A 20 de abril de 1903, dias antes do autor falecer, foi representado no Teatro das Triana pelo Grupo Dramático 10 de agosto de 1895¹⁴⁸ numa recita a favor dos trabalhadores. O cronista de *O Paiz* fez eco da estreia, qualificando-a de «magnifica obra de propaganda socialista». Já no que diz respeito à estrutura dramática considerava-a «bem trabalhada, bem feita», com a ação a decorrer «facil e naturalmente», bem como as personagens, graças a um diálogo que não sofre «torturas», o que faz com que o tema se apresente com «nitidez» e «eloquencia». Salientava também que, à diferença do que costumava acontecer com outras obras de carácter propagandístico, em *Os que trabalham* Ernesto da Silva construía um texto carente de excessos nos diálogos, no desenvolvimento cénico ou nas personagens, nas quais os operários se viam perfeitamente representados. Daí o sucesso da peça e do autor, que foi chamado ao finalizar cada ato e «sempre mais d'uma vez», motivo que devia animá-lo a continuar a carreira de autor dramático. O único a lamentar foi o desempenho dos atores, especialmente no caso de Pato Moniz, que interpretou Augusto, e

¹⁴⁶ *A vítima. A Federação*. Lisboa: n° 139 (1896), 30 de agosto, p. 1.

¹⁴⁷ *Os que trabalham. O Echo Metallurgico*. Lisboa: n° 64 (1897), 21 de março, p. 3.

¹⁴⁸ *Theatro das Trinas. O Seculo*. Lisboa: n° 7650 (1903), 17 de abril, p. 2.

Antónia de Sousa, que assumiu o papel da protagonista, Luiza, embora o crítico considerasse de realce algumas cenas, como o quadro da taberna e a partida de Francisco para o asilo. E concluía afirmando que

«não irão vê-la os burguezes exploradores e egoistas, que d'essa fôrma perderão um ensejo de perturbar a digestão. Mas têm o dever de applaudil-a quantos são victimas de injustissima organização social. Mas devem apreciar-a todos que têm prazer em defrontar manifestações d'arte e de intelligencia»¹⁴⁹.

Entre a encenação de *Os que trabalham* em 1897 e 1900 Ernesto da Silva desenvolveu uma intensa atividade dramática que se traduziu na escrita de mais duas peças, ambas estreadas no último ano da centúria. Para a primeira, *O despertar. Peça em 1 ato*, considerada pelo autor uma «pecita leve d'abrir espectáculo, incapaz de provocar a minima contracção facial á burguezia rotunda frequentadora do *Normal*»¹⁵⁰, foi denegada a representação pelo administrador do Teatro de D. Maria II, Carlos Posser. À obra foi-lhe de aplicação o art. 36.º do novo decreto para a reorganização artística do Teatro de D. Maria II, de 4 de agosto 1898, no qual era prevista a obrigação de escolher peças destinadas à «boa educação do gosto do publico, para o conhecimento e a cultura da lingua patria e para a propagação das idéas justas e sentimentos generosos». As alíneas a) e b) do parágrafo 1.º excluía da representação aquelas obras «que desrespeitem a decencia e escandalisarem os bons costumes, quer pela sua linguagem quer pelas suas situações», assim como «as que justificarem, inculcarem ou estimularem doutrinas, praticas ou sentimentos condemnados universalmente pelas leis fundamentaes da sociedade e da familia»¹⁵¹. *O despertar* aborda um caso de infidelidade conjugal produto

¹⁴⁹ Theatros. Príncipe Real. – Os que trabalham – Scenas da vida operaria – Drama em 4 actos e 6 quadros, de Ernesto da Silva –. *O Paiz*. Lisboa: n.º 505 (1897), 24 de março, p. 3.

¹⁵⁰ SILVA, Ernesto da – A reforma do Normal I. *O Mundo*. Lisboa: n.º 391 (1901), 14 de outubro, p. 2.

¹⁵¹ DECRETO n.º 176 (1898), de 11 de agosto. *D. G.* – Ministério do Reino. Capitulo IV. Do repertorio. Art. 36.º § 1.º a) e b), p. 564.

de um matrimónio não baseado no amor, mas numa obrigação familiar, a proteção de Bertha. Atente-se ao seguinte excerto:

«João. – É certo, infelizmente!... Remontemos porém ao passado. Lembra-se como foi assente o seu casamento com Arnaldo?

Bertha. – (*com esforço*) Jámais esquecerei o triste momento. Junto ao leito onde minha tia e mãe de Arnaldo passava a agonia, eu e elle, debruçados sobre a moribunda, tentavamos, embora descrentes na salvação da enferma, apparentar esperançosa serenidade. De repente, minha tia pedindo a ajudassem, fincou os cotovellos na cama, ergueu o busto, reclinou-se nas almofadas, olhou o filho e n'um esforço, indicando-me com a mão tremula enquanto o olhar brilhava n'um ultimo relampago, disse: – Bertha, fica só! Eu morro!... Ainda Arnaldo mal gritara: – Minha mãe!... Por Deus!... e já a pobre senhora pedia com voz sumida: – Filho!... Has de proteger tua prima, ella ama-te e eu quero morrer tranquilla sabendo que o teu braço de esposo ha de amparal-a na vida. No quarto reinou então um instante de pesado silencio cortado pela moribunda que n'um ultimo gemido balbuciou: – Juras?... Juro!... respondeu Arnaldo estendendo-me a mão. Minha tia fechou os olhos e n'um sorriso findou a vida. (*n'um acesso de dôr*) Oh! quem advinhara...

João. – (*impressionado*) Horrivel compromisso! (...)»¹⁵².

O drama acabaria por ser publicado no jornal *A Obra*, que Ernesto da Silva dirigira entre novembro de 1897 e abril de 1898, mas ao qual continuará vinculado até à morte. Apareceu na secção dedicada ao folhetim desde os meados de abril até aos fins de junho de 1900.

Enquanto estava a ser publicado *O despertar* Ernesto da Silva dava ao público nova obra, *Nova Aurora. Apropósito em 1 acto e 4 quadros (Género symbolico)*, encarregada pela empresa Barata para ser estreada no 1º de Maio de 1900 no Teatro do Príncipe Real¹⁵³. O autor rotulou-a

¹⁵² SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O Despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 271 (1900), 15 de abril, p. 2, e n° 272 (1900), 22 de abril, p. 2.

¹⁵³ 1.º de maio. *Nova Aurora. O Paiz*. Lisboa: n° 417 (1900), 25 de abril, p. 2.

como pertencente ao Simbolismo, entendido aqui como «alegoria». O crítico de *O Paiz*, Fernando Reis, exprimiu os seus receios sobre o impacto desta corrente estética no teatro face aos espectadores e à lição que se pretendia transmitir ao faltar o elemento real, no qual os operários se viam representados. O drama é, sem dúvida, o de maior originalidade de todos quantos saíram da pena de Ernesto da Silva. Fernando Reis julgara-o «magnific[o] e salutar»¹⁵⁴. Conta, porém, com um antecedente em *A luta do proletariado* (1876), de Pedro de Carvalho, a primeira peça socialista de que temos notícia. No terceiro ato é narrado o sonho de Júlio, operário correeiro, em que surgem a Igualdade, a Fraternidade e a Liberdade presididas pelo Trabalho e a Justiça. Foi dada a conhecer pelo autor em leitura pública na sala do Grémio Operário e o ato pontualmente noticiado em *O Protesto*¹⁵⁵ mas, por enquanto, é difícil saber-se se Ernesto da Silva tivera conhecimento dele. O fantástico estava, na altura, a ser instalado na literatura portuguesa, ainda que de forma restrita, o que não terá obstado ao conhecimento do género ao autor, talvez através das narrativas de autores coevos: Eça de Queiroz, Fialho de Almeida ou Teófilo Braga, a quem Ernesto da Silva terá conhecido no convívio com os republicanos. Contudo, em *Nova Aurora* aprofunda-se na dimensão alegórica, que se torna o elemento fundamental. No desenvolvimento do enredo é mostrado um mundo essencialmente negativo caracterizado pela subversão das leis do real onde as personificações de conceitos como o Capital, a Dor, a Miséria, o Trabalho ou a Ideia contracenam entre elas e com as personagens humanas sem quaisquer contrariedade e sem que a lógica narrativa seja alterada. Todos estes elementos fazem com que a peça possa ser filiada numa literatura de cunho alegórico-fantasia socialista¹⁵⁶.

¹⁵⁴ REIS, Fernando – Theatros. *O Paiz*. Lisboa: n.º 425 (1900), 3 de maio, p. 3.

¹⁵⁵ *O Protesto. Periódico Socialista*. Lisboa: n.º 61 (1876), outubro, p. 4; GRACIO, Luiz A. C. – Leitura de um drama. *Idem*. N.º 62 (1876), outubro, p. 4.

¹⁵⁶ PERALTA GARCÍA, Beatriz – Literatura alegórico-fantasia socialista. *Op. cit.*, p. 183-198.

Nova Aurora é o desenvolvimento dramático de dois contos publicados por Ernesto da Silva em *A Federação* em 1894: *Luz e sombra. (Phantasia)* e *Um encontro. (Phantasia)*. O primeiro apresenta um desfile de personagens diversas que contam o seu sofrimento à Miséria até que a vinda da Fraternidade permite antever um futuro venturoso. Já o segundo relata a reunião do Trabalho, preso do Capital, com a Ideia, isto é, o Socialismo. Em *Nova Aurora* Ernesto da Silva apresenta cenas diversas nas que são descritos um banquete entre o Capital e a Caridade servidos pelo Egoísmo, e um debate de ideias entre a Dor e o Trabalho. Em ambos os casos as personagens discutem os limites do sofrimento humano, por vezes completado com a exposição que várias personagens humanas fazem das suas misérias. A Justiça e o Trabalho acabam por ir ao encontro dos miseráveis aos que oferecem a vinda da Nova Aurora, isto é, a chegada de um mundo mais feliz. Fernando Reis salientara a dimensão universal da Dor, que atinge a todos, e a ridicularização da Caridade, a mãos dadas com o Capital, no intuito de «demonstrar ao trabalhador das oficinas que o único a sofrer não é elle, facto que em geral elle não tem admittido com pessima razão, até hoje, dentro d'uma orientação erronea»¹⁵⁷. Para este crítico o elemento de maior enfraquecimento da peça vinha da construção das personagens, especialmente patente na linguagem, que não exprimia diferença nenhuma entre elas. Deste modo, o Capital, que até podia representar um «sr. banqueiro qualquer», falava como o Trabalho, o que julgava um absurdo evidente. Fernando Reis entendia que Ernesto da Silva terá sacrificado a psicologia das personagens em benefício da unidade da peça, que também se terá resentido do desenvolvimento narrativo, mais próximo do romance que do teatro. Porém, será na construção cénica que o autor terá demonstrado o seu génio pois as personagens, afirmava, «movem-se a preceito»¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Theatros. Primeiras. Príncipe Real. *O Paiz*. Lisboa: n° 424 (1900), 2 de maio, p. 3.

¹⁵⁸ REIS, Fernando – Theatros. *O Paiz*: Lisboa: n° 425 (1900), 3 de maio, p. 3.

Nova Aurora publicou-se em *A Obra*, onde Ernesto da Silva colaborava como colunista, desde os inícios do mês de setembro de 1900 até ao 6 de janeiro de 1901. Simultaneamente começara a escrever para *O Mundo*, fundado a 16 de setembro de 1900 pelo antigo colega e amigo em *A Vanguarda*, França Borges e para *Seculo XX. Semanario socialista*, surgido a 20 de outubro de 1901 da ação de um grupo de socialistas que se comprometiam a publicá-lo sob subscrição¹⁵⁹. É aí que irá ver a luz a nova versão de *A victima*, que até muda o seu título para *Vencidos*, com destino ao Teatro do Ginásio para ser representado pela atriz Adelaide Coutino. A mudança de título não devia perseguir apenas o afastamento do fracasso da primeira redação da obra. Ernesto da Silva desloca a ideia de «sacrifício» que domina semânticamente o conceito de «vítima» que rodeia às personagens, nomeadamente Luiza e Armando – a primeira da vaidade do namorado, e o segundo dele próprio –, para o de «dominação», num sentido mais amplo, pois vai da ação individual à coletiva. Como «vítimas» Luiza e Armando são-no de decisões erradas que os alastram à destruição física e moral, mas como «vencidos» são-no também da organização capitalista e da corrupção ética que representam Alfredo Oliveira, o falso amigo que estimula a infidelidade de Armando e posterior abandono da família, representada na namorada e no filho; e Hortense, a esposa infiel.

O jornalista explicava que o autor era o responsável de *O capital*, a primeira peça nitidamente socialista¹⁶⁰. As notícias de que dispomos não deixam lugar a dúvidas sobre o argumento de *A victima*, que é coincidente nos dois dramas¹⁶¹. *Vencidos* relata os anseios de promoção social de Armando Lopes, médico de profissão. Desejoso de triunfar em Lisboa rejeita uma boa oportunidade profissional favorecida pelos contatos do tio, Anselmo Lopes, em Oliveira de Frades (Viseu). O jovem oculta uma relação clandestina com Hortense, com quem acaba por casar, abando-

¹⁵⁹ *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: n° 6 (1901), 24 de novembro, p. 1.

¹⁶⁰ Ernesto da Silva. *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: n° 3 (1901), 3 de novembro, p. 1.

¹⁶¹ *A Victima. A Federação*. Lisboa: n° 139 (1896), 30 de agosto, p. 1.

nando a namorada Luiza e o filho dos dois, Jeca. Porém, as continuas infidelidades da esposa provocam o fracasso do matrimónio e Armando, desiludido, resolve voltar com a antiga amante e o filho, ambos doentes e vivendo em extrema miséria. Luiza rejeita a ajuda que Armando lhe oferece e morre, vitimada pela tuberculose, tal como o filho, de meningite. A estreia da peça estava prevista para os fins de dezembro de 1901 mas passou para 4 de janeiro de 1902, porém uma indisposição da primeira atriz, Adelaide Coutinho, adiou-a até 9¹⁶². Havia grande interesse pela nova obra do autor, que entretanto se afastara do PSP e dos seus correligionários¹⁶³. Mas, à diferença do que aconteceu com outros dramas não parece que o acompanhasse a fortuna, pois apenas se manteve em cartaz quatro dias, até 12 de janeiro. Ainda havia de ter mais uma récita a 22 de fevereiro, organizada por amigos, que serviu para um sentido protesto de homenagem ao autor¹⁶⁴.

A crítica esteve dividida. Os jornais socialistas, como *A Obra* e *Seculo XX*, salientaram a novidade do trabalho, que marcava uma ruptura com os anteriores, nomeadamente *O capital* e *Os que trabalham*. O militante socialista José de Vale via uma evolução que, surpreendentemente, não teve continuidade pois *Vencidos* apresentava uma crítica à família, reflexo segundo ele da influência da obra de Benoît Malon em Ernesto da Silva¹⁶⁵. Certamente, o crítico não tomara em atenção *O despertar*, em que o autor

¹⁶² Ernesto da Silva. *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: n° 10 (1910), 22 de dezembro, p. 2; Os Vencidos. *Idem*. N° 11 (1901), 29 de dezembro, p. 2; Theatros e circos. Noticias e reclamos. Os vencidos. *Vanguarda*. Lisboa: n° 1850 (3803) (1901), 31 de dezembro, p. 3; Os vencidos. *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: n° 12 (1902), 5 de janeiro, p. 1.

¹⁶³ V., J. do – Arte Social. Vencidos – Drama em 4 actos, por Ernesto da Silva, representado no teatro do Gymnasio, em 9 de janeiro de 1901 (sic). *A Obra*. Lisboa: n° 362 (1902), 11 de janeiro, p. 2.

¹⁶⁴ Theatros e circos. Noticias e reclamos. *Vanguarda*. Lisboa: n° 1895 (3848) (1901), 15 de fevereiro, p. 3; Vencidos. *Vanguarda*. Lisboa: n° 1904 (3857) (1901), 24 de fevereiro, p. 2. Agradecimento do autor em *A Obra*. Lisboa: n° 369 (1902), 1 de março, p. 4, reproduzido em Cartas e bilhetes de agradecimento. PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo». Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

¹⁶⁵ V., J. do – Arte Social. Vencidos – Drama em 4 actos, por Ernesto da Silva... *Op. cit.*, p. 2.

explorava o fracasso dos matrimónios não baseados em ligações sentimentais, aspeto que na nova peça é apresentado sob a forma de insatisfação vital e profissional. Para Luís da Mata, um dos futuros componentes do Teatro Livre, era neste avanço argumental que residia o interesse da peça. Este crítico fora extremamente duro na análise de *Suave Milagre. Misterio em 4 actos e 6 quadros extrahido de um conto de Eça de Queiroz* (1902), do conde de Arnoso, no qual via um desfasamento artístico face à sociedade contemporânea, que apenas a ciência conseguia acompanhar. Esta «bela» obra era o claro expoente de um teatro empenhado em estorvar os esforços de uma intelectualidade preocupada por orientá-lo à análise das causas da miséria humana com o objetivo de mostrar o caminho para a construção de uma sociedade futura livre¹⁶⁶. Por isso considerou Ernesto da Silva um autor que não apenas escrevia como trabalhava, sublinhando a aceitável construção dos atos – apenas o terceiro incorria em certa carência de unidade –, e das personagens, no geral «bem definid[as] e rea[is]»¹⁶⁷.

O crítico teatral de *Vanguarda*, S. T., mostrou-se bem menos entusiasta. Depois de saudar a estreia de uma obra original face às traduções de peças estrangeiras, talvez a principal crítica feita ao teatro coevo, qualificou Ernesto da Silva de «revoltado» e «escriptor sincero», ainda que ingénuo. A peça mais conhecida do autor, *O capital*, era um drama com grandes qualidades embora «detestavel», escreveu, mas em *Vencidos* apreciava maior evolução técnica. Contudo, não conseguia apagar as «graves incoherencias», os «defeitos graves de analyse, teimas incomprehensíveis de technica»¹⁶⁸. O desconhecimento da alta sociedade por Ernesto da Silva traduzira-se, para o cronista, numa deficiente construção das personagens,

¹⁶⁶ MATTA, Luís da – Letras e Artes. *Santo milagre*, peça em 6 quadros do sr. conde de Arnoso com versos do sr. Alberto d'Oliveira e musica do sr. Oscar da Silva. *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: nº 12 (1902), 5 de janeiro, p. 2.

¹⁶⁷ MATTA, Luís da – Letras e artes. *Vencidos*, peça em 4 actos do sr. Ernesto da Silva. *Seculo XX. Semanario socialista*. Lisboa: nº 13 (1902), 12 janeiro. Texto reproduzido na íntegra na presente monografia.

¹⁶⁸ S. T. – Chronica theatral. No Principe Real (O Alfenim). No Gymnasio (Os Vencidos). *Vanguarda*. Lisboa: nº 1863 (3816) (1902), 13 de janeiro, p. 2.

muito pouco portuguesas, e dos ambientes, espelho também dos ódios dispersos nos artigos de tema social que este publicara sob a rubrica «A traço negro... (Typos e factos)»¹⁶⁹, sua coluna em *O Mundo*, e em *Revista Nova*, publicação literária surgida em abril de 1901¹⁷⁰. Daí o caráter de «libello accusatorio» dalgumas das cenas «pelo colorido exagerado, pela forma instantanea de improviso cruel, aggressiva, contagiosa, exacta». Todavia, apesar de tão severo juízo, S. T. terminava a crónica louvando

«o sympathico esforço de Ernesto da Silva, que mostra raras qualidades de escriptor de teatro, sabendo graduar a acção, desenvolver a intriga, fixar a these. É mais um valioso combatente com que d'hoje para o futuro o teatro portuguez deve contar. Tem talento, progride, há de chegar. Os “Vencidos” são uma florida promessa d’alguem que desassombradamente entra na luta com a sua coragem, a sua esperança e a sua sinceridade»¹⁷¹.

Algo semelhante aconteceu com o crítico de *A Voz Publica*, do Porto, quando a 28 de maio de 1902 a companhia do Teatro do Gimmásio estreou a peça no Teatro do Príncipe Real daquela cidade. Se sob o ponto de vista teatral achou-o «bem boa», já era «bem profundamente humana e util» como «trabalho de propaganda que é». A profunda carga ideológica de *O capital* ainda se deixava sentir na reputação do autor, de quem se esperava que obras posteriores não assumissem uma feição diferente. Por isso,

¹⁶⁹ Reproduzidos na íntegra no tomo II das *Obras de Ernesto da Silva*, «O apóstolo do socialismo». *Artigos jornalísticos (1893-1902)*.

¹⁷⁰ A revista é representante, com *Mocidades* ou *Arte & Vida*, da corrente do Neo-Romantismo vitalista, à que pertencia um conjunto de escritores e críticos filiados politicamente no republicanismo que reagem contra as tendências estéticas dominantes. Em apenas um ano de vida da publicação aí escreveram os elementos mais representativos desta tendência artística, entre os quais, João de Barros, Mayer Garção, Sílvio Rebelo, Manuel Laranjeira, Nunes Claro, Angelina Vidal e Eduardo Metzner – alguns deles amigos dedicados de Ernesto da Silva –, dando também cabida aos escritores espanhóis e hispanoamericanos das vanguardas dos inícios do século: Juan Ramón Jiménez, Rubén Darío e Miguel de Unamuno. Ernesto da Silva colaborara publicando *O intruso*, conto em que abordava o aborto, e um texto de análise do romance *Travail*, de Zola, ambos reproduzidos na íntegra no presente volume.

¹⁷¹ S. T. – Chronica theatral. No Principe Real (O Alfenim). No Gymnasio (Os Vencidos). *Op. cit.*, p. 2.

ficou surpreendido ao perceber que os dois primeiros atos fugiam a esse teatro militante que fora o maior sucesso de Ernesto da Silva. Os outros dois eram mais fracos, especialmente o terceiro, «falso» na sua percepção. Porém, em conjunto, tratava-se de uma obra «boa», com algumas «hesitações» mas também com «scenas excellentes, como a do final do 2.º acto», que evidenciavam que o autor progredia na técnica dramática. Também não gostou o cronista do final, pois Armando volta junto à amante apenas por remorso e não por amor, acabando sem esposa, amante e filho, «só afinal». Mas, paradoxalmente, o crítico não duvidava em considerar *Vencidos* «uma peça de these»¹⁷².

O drama foi publicado na secção dedicada ao folhetim de *Seculo XX*. Inicialmente a revista divulgou uma cena do segundo ato, mas a partir do seguinte número, o 14, de 19 de janeiro de 1902, reproduziu-o na íntegra até 23 de fevereiro. Infelizmente a obra ficou incompleta pois o jornal acabou por falta de financiamento. Daí que na reconstituição da peça tenhamos colocado no último lugar o primeiro excerto publicado, o qual parece continuação da última cena publicada, e a seguir os resumos do argumento para melhor compreensão do enredo.

Na linha aberta por *O despertar* e continuada por *Vencidos* – embora com uma clara evolução na construção técnica, a dizer de Manuel Madureira¹⁷³ –, situa-se *Em ruínas. Peça em 3 actos* que o autor publicou em 1903, pouco antes de vir a falecer, embora redigida antes, presumivelmente em 1902, durante algo mais de quatro meses. Finalizado o trabalho tentou de novo a encenação da peça nos teatros que acolheram seus textos noutras ocasiões, mas desta vez a resposta foi negativa. A direção do Teatro do Príncipe Real, em Lisboa, onde estreara com enorme sucesso *O capital, Os que trabalham* e *Nova Aurora*, qualificou o novo drama de «chocante» face ao público, e o Teatro do Ginásio, dedicado essencial-

¹⁷² Theatros. Príncipe Real. *A Voz Publica*. Porto: n.º 3745 (1902), 29 de maio, p. 2.

¹⁷³ LARANJEIRA, Manuel – Ernesto da Silva. *Revista Musical. Quinzenário artístico*. Porto: n.º 21 (1903), 2.º ano, 9 de maio, p. 5.

mente à comédia, que albergou *Vencidos*, rejeitou-o por demasiado «triste» para os espectadores que aí acudiam. Não «vencido», segundo afirmou, prometia teimar no seu intuito¹⁷⁴. Mas, por enquanto, o texto viu a luz na editora Biblioteca da Educação Nova acompanhado de um prefácio da pena do próprio autor nos primeiros dias de abril de 1903¹⁷⁵. O drama desenvolve um tema controverso, o aborto, que já tinha abordado em dois contos, *O aborto* (1894) e *O intruso*, este havia relativamente pouco tempo, pois vira a luz em maio de 1901 na *Revista Nova*. De facto, *Em ruínas* é um novo desenvolvimento dramático de ambos os relatos numa obra de maior envergadura, a qual permite explorar com melhor atenção a família, tomada como um micro-cosmos que sofre os efeitos do capitalismo industrial, no caso, as dramáticas consequências económicas que a chegada de um novo filho provoca nela. O desenlace da ação é nas três obras o mesmo, a morte da protagonista, descrita agora sob grande dramatismo. Ernesto da Silva dedica o terceiro e último ato à lenta agonia de Leonor, que morre instantes antes da queda do pano.

O autor não alcançou a ver a representação da peça. Ao que parece, estava previsto que a companhia de teatro de Sousa Bastos a estreia-se no Brasil ainda em 1903. Em Portugal formou parte da programação do Teatro Livre, iniciativa de reforma teatral em que o mesmo Ernesto da Silva participara com uma conferência pronunciada meses antes, a 14 de dezembro de 1902, no Ateneu Comercial de Lisboa. O Teatro do Príncipe Real acolheu esta proposta, de modo que foi aí que a 19 de abril de 1904, ironicamente, na sua segunda récita, se encenou a peça junto à comédia em um acto de Octave Mirbeau (1848-1917) *A Carteira*, em tradução de Costa Carneiro, que acabava de ser publicada num volume intitulado *Farces et Moralités* (1904). O crítico teatral Joaquim Madureira teve a oportu-

¹⁷⁴ SILVA, Ernesto da – Á crítica e ao público. *Em ruínas. Peça em 3 actos*, Lisboa, Bibliotheca D'Educação Nova – Editora, 61, I.º, Calçada de Sant'Anna, 1903.

¹⁷⁵ Em ruínas. *Vanguarda*. Lisboa: nº 2300 [5153] (1903), 30 de março, p. 2.

nidade de a ler depois de impressa, mas não lhe mereceu grande louvo. Porém, o imenso respeito que nutria pelo autor,

«de todas as cabeças proletarias erguidas, em esforço proprio, pela tenacidade, pelo estudo e pela intelligencia acima da craveira média e corrente das lettras gordas e dos radicalismos sonoros do nosso operariado (...) nenhuma destacou mais digna, mais alta, mais equilibrada e mais limpa»¹⁷⁶,

fez com que a não quisesse publicar no jornal em que ambos trabalhavam, temeroso talvez de o ofender. Mas Ernesto da Silva tranquilizou-o:

«Ha alguma cousa que mais amo na vida que o possivel renome – duma obra ingloria – é a satisfação a pequenas exigencias nervosas, talvez pueris, mesmo supersticiosas, alguma cousa que, embora através o misterio, me venha dar a nota consoladora de que fui estimado no meu lugar.

Escreva, pois, em nome da redacção; nella, sabe, eu tenho amigos capazes de apontarem lealmente defeitos e abraçarem-me pelas intenções»¹⁷⁷.

Depois de a ver encenada concluiu que, embora com falhas, a peça resistia melhor sobre o papel que no palco. Coincidira com outros cronistas em que marcava um avanço em relação a *O capital* e *Os que trabalham*, sempre consideradas meros panfletos doutrinários, defeito abrandado em *Em ruínas*, como testemunhava o segundo ato, para ele «uma bella pagina de theatro». Porém, tratando-se de um drama sem ação, estático, dominado pelo debate de ideias em que se movem as personagens, é nelas que reside a maior fraqueza: «quanto mais lindas são as coisas que ell[a]s nos dizem, mais viva é a vontade de [a]s mandar calar e de lhes dizer coisas feias», escreveu¹⁷⁸.

¹⁷⁶ MADUREIRA, Joaquim – Em ruinas. *Impressões de theatro...*, op. cit., p. 371.

¹⁷⁷ Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n° 937 (1903), 26 de abril, p. 1. Carta reproduzida na íntegra no Tomo III das *Obras de Ernesto da Silva*.

¹⁷⁸ MADUREIRA, Joaquim – Em ruinas. *Impressões de theatro...*, op. cit., p. 373.

Deste conjunto fica fora *Honestos. Peça em 3 actos e A festa do trabalho*. Da primeira apenas sabemos que Ernesto da Silva tentou que fosse encenada no Teatro de D. Amélia, bem como que estava prevista a sua publicação, segundo é indicado no catálogo das obras de Ernesto da Silva na contracapa da edição de *Em ruínas*¹⁷⁹. *La Petite République Socialiste*, o jornal onde Jean Jaurés denunciou o caso Dreyfus, também aludira à peça na notícia na que informava da morte do autor¹⁸⁰. Porém, até à data não a conseguimos encontrar o que significa que, talvez não chegasse a ver a luz, interdita pela desapareição de Ernesto da Silva. *A festa do trabalho* foi representada no 1º de Maio de 1897 no Teatro Avenida, em Lisboa. As fontes informam de uma cena que seria representada apenas uma única vez, porém, até à data não foi possível definir se se tratou de uma peça breve ou a encenação de um ato de uma outra obra¹⁸¹.

3. A tradução literária

Como veremos no terceiro tomo das *Obras de Ernesto da Silva* dedicado aos *Escritos políticos, conferências e discursos (1803-1903)* o autor cultivou a tradução com um objetivo de divulgação das teorias socialistas em Portugal. Porém, não se limitou apenas às obras doutrinárias dos autores, já sagrados, do movimento operário europeu, também abordou os textos ficcionais. Em abril de 1897, quando aceitou o convite para dirigir *A Obra*, foi dado um impulso às questões literárias intensificando a inserção de poemas nas páginas do jornal, especialmente depois de que desde os inícios de maio fosse aberta uma «Secção Literaria». O próprio colaborou

¹⁷⁹ *O Mundo*. Lisboa: n° 937 (1903), 26 de abril, p. 1; Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n° 2326 (1903), 26 de abril, p. 1; SILVA, Ernesto da – *Em ruínas*, *cit.*

¹⁸⁰ Le Socialisme en Portugal. Mort du citoyen da Silva. *La Petite République Socialiste*. Paris: n° 9881 (1903), 5 mai, p. 1.

¹⁸¹ Espectaculos. Avenida. *O Paiz*. Lisboa: n° 542 (1897), 1 de maio, p. 3; Theatros. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 168 (2113), 1 de maio, p. 2.

no propósito com dois contos que já viram a luz em *A Federação* em 1894 mas que agora apareceram corrigidos: *Um reprobado*, em setembro de 1897, e *A pneumonia*, em março de 1898, neste último caso de especial interesse porque foi reproduzido sem falhas, pois no jornal socialista um erro de edição misturou-o com outro relato, *Um encontro. (Phantasia)*. Ernesto da Silva considerava a literatura mais um instrumento de propaganda ao serviço de um ideal superior, no caso, o Socialismo, e de facto integrava uma comissão com este objetivo, ao menos, desde a fundação efetiva do PSP na II Conferência Nacional Socialista de Tomar de outubro de 1895. À diferença do que acontecia com os textos programáticos, ponderados essenciais para a divulgação doutrinária do pensamento socialista, os textos literários resultam da escolha subjetiva do autor, que busca com eles produzir no leitor um efeito impactante e onde ele possa se reconhecer. São, por isso, textos nos que domina a vertente de denúncia face à doutrinação.

Firme conhecedor da cultura francesa demonstrou-o mais uma vez na preferência por Jean Richepin (1849-1926), julgado um escritor escandaloso pela temática abordada nas suas obras. Em 1886 publicara *Le pavé*, uma colectânea de novelas e contos da qual Ernesto da Silva selecionou «Um fait divers», que traduziu e publicou nos fins de fevereiro de 1898 sob o título de *Um caso da rua*¹⁸². O conto narra a desgarradora história de uma humilde vendedeira de legumes que dá à luz em plena rua o quinto filho entre as miradas dos curiosos, que lamentam o pouco juízo das camadas populares. Ernesto da Silva selecionou-o escandalizado perante este tipo de apreciações morais, que ele mesmo denunciou em um dos seus textos dramáticos, embora neste caso sejam os poderosos quem exercem a crítica, em oposição ao conto do romancista francês¹⁸³. Todavia, para além das questões puramente ideológicas ou literárias, a publicação constitui

¹⁸² RICHEPIN, Jean – Um fait divers. *Le pavé*. Paris: Maurice Dreyfus, Éditeur, 1886, p. 135-139.

¹⁸³ Por exemplo, no excerto seguinte:

«A Sr.^a X: – Miseráveis sem terem pão, os filhos são aos montes...

A Duquesa: – (*piadosa*) Não pensam!

O Banqueiro: – Evitem-os!

uma das primeiras trasladações a português, e portanto de divulgação, da obra de Jean Richepin em Portugal. Pense-se que só nos meados de março de 1901 a encenação do drama *O caminheiro*, em tradução de Júlio Dantas, no Teatro de D. Maria II, permitiu acercar o público lisboeta ao teatro do dramaturgo francês ¹⁸⁴.

IV. Crítica literária e teoria estética (1894-1902)

Como assinalámos na epígrafe anterior também incluímos no presente tomo os artigos jornalísticos de Ernesto da Silva dedicados à literatura, entre eles, a conferência ditada no Ateneu Comercial de Lisboa em 1902 intitulada *Teatro Livre e Arte Social*. Perfazem um total de vinte e três textos claramente diferenciados: os dedicados à avaliação crítica de uma obra, já seja ela encenada no palco ou objeto de leitura pelo autor, e aqueles especificamente destinados a definir a sua teoria da Arte e da Beleza.

Ernesto da Silva iniciou-se na crítica literária depois de assistir à estreia no Teatro de D. Maria II do drama *O Pântano*, de D. João da Câmara, em novembro de 1894, sendo já militante do PSP. Ficou muito impressionado e surpreendido pela ousadia do autor, que se atrevera a denunciar o capitalismo no palco mostrando as dificuldades dos operários no seu diário. Para dar testemunho de agradecimento publicou em *A Federação* o texto inaugural da que, com o passar dos anos, viria a ser uma fecunda carreira de crítico literário que, todavia, ficou suspensa até aos primeiros dias do mês de novembro de 1897, quando analisou para *A Obra Os vermelhos. (Notas de dois refractários)*, dos amigos Fernando Reis e Mayer Garção. Daí em diante outras obras serão da atenção e comentário de

Jornalista: – Assisadamente fala, amigo Ximenes; resolvida estava a *questão social*. RUY – A sopa. (Dialogo). *A Federação*. Lisboa: n° 113 (1896), 1 de março, p. 2-3, reproduzido neste mesmo volume.

¹⁸⁴ Reclamos. D. Maria. *Vanguarda*. Lisboa: n° 1565 (3512) (1901), 16 de março, p. 3.

Ernesto da Silva: as peças teatrais *A primeira pedra*, de Luís Galhardo, representada no Teatro do Ginásio; *O Santo António*, de Brás Martins, *Um inimigo do povo*, de Ibsen, *Rosa Enjeitada*, de D. João da Câmara, e *Blanchette*, de Brieux, todas no Teatro do Príncipe Real. Junto delas, aos operários recomendou a leitura de duas obras oferecidas por amigos. Foram *Eça de Queirós. (Os panegiristas da sua obra, e os censores da sua carcassa)* (Lisboa, Guimarães Libanio, 1900), do fotógrafo republicano Arnaldo da Fonseca (1868-1936), que no texto se insurgira contra as críticas a Eça de Queiroz vertidas por Fialho de Almeida na revista *Brazil-Portugal* após a morte recente do ilustre romancista; e *Oração da fome. A Guerra Junqueiro* (Lisboa, Gomes de Carvalho, 1902), o primeiro livro de poemas do poeta neo-romântico Joaquim Nunes Claro. Mas serão nos dois artigos dedicados à análise de *Travail* (1901) de Zola, rapidamente traduzido por Bel-Adam (pseudónimo do anarquista Severino Augusto Fernandes de Carvalho, 1867-1957)¹⁸⁵ e dado à estampa na Biblioteca da Educação Nova, que Ernesto da Silva avance alguns elementos-chave na sua própria produção literária: a concepção da literatura não apenas como um simples instrumento de denúncia mas de mostragem da futura sociedade socialista. No romance do autor francês era patente a evolução desde esta perspectiva inicial até à revelação de que uma outra realidade era possível. Depois de analisar a obra de Zola, Ibsen e Tolstoi, julga ser o primeiro deles quem melhor consegue que ela possar ser considerada como pertencente a «Arte Social» porque

«o que na obra ibseniana é simples intuição da Verdade, e aliada á observação do meio e dos typos, em Tolstoi (...) predicação de apóstolo avido de dar vigor a uma doutrina exausta, apóstolado servido por uma arte quasi infantil,

¹⁸⁵ ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL (Espólio Pinto Quartim) – Biografia de Severino Augusto Fernandes de Carvalho. Código de referência PT-AHS-ICS-PQ-CP-043-2. Disponível na Internet <http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/documento-283>; vid. também ficha biográfica em FREIRE, João – *Dicionário histórico de militantes sociais, grupos libertários e sindicatos operários*, 2012. Disponível na Internet http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_dicionario&view=militante&cid=1033&Itemid=47

transforma-se no *Travail* em deliberado e consciente proposito revolucionario acompanhado de poderosas mostras de conhecimentos scientificos, não só convencendo mas vencendo as mais rijas resistencias de incredulos por atavismo ou sordido interesse»¹⁸⁶.

Da leitura do conjunto dos artigos de Ernesto da Silva pode ser deduzido um conceito instrumentalista da literatura que faz dela um agente destinado a denunciar as condições laborais e de vida dos operários e favorecer a difusão do pensamento socialista. Era a visão que tradicionalmente o movimento operário tinha das letras, como ficara desvelado ao menos desde a fundação do PSP em 1875 nas obras de outros membros desta agremiação, desde Manuel Luís de Figueiredo e Ladislau Batalha aos militantes socialistas da Primeira República: António Augusto da Silva e José França – dramaturgos de quem pouco se sabe –, José Fernandes Alves, José Fontana da Silveira, Jaime Ferreira Dias, ou Ilídio Pinto¹⁸⁷. O contributo original de Ernesto da Silva prende-se com a percepção dela servir também para açular à revolução, para além de que, entre os vultos melhor formados do socialismo português, ser pouco usual a elaboração de textos teóricos que apresentem uma reflexão entorno ao papel reservado à literatura na luta contra o capitalismo, da qual a presente compilação é um desses escassos exemplos dedicados a meditar sobre a função social da arte.

Ernesto da Silva tomou consciência da questão depois dos entraves sofridos quando pretendeu avançar na sua carreira de dramaturgo. Após a bem sucedida estreia de *O capital* tentou que a nova peça, *A vítima*,

¹⁸⁶ SILVA, Ernesto da – Os Livros. *Travail*, por Émile Zola – I vol. – Livraria Fasquelle – Paris, 1901. *Revista Nova*. Lisboa: n.º VIII (1902), 31 de janeiro, p. 262, reproduzido no presente volume.

¹⁸⁷ PERALTA GARCÍA, Beatriz – A representação do trabalho fabril na literatura socialista portuguesa. Da fundação do Partido Socialista Português à República (1875-1910). PINHEIRO, Magda de Avelar (Coord.) – *Cadernos do Arquivo Municipal. Indústria e operários nos séculos XIX e XX*. Lisboa: série II, n.º 13 (2020), janeiro-junho, p. 85-95; e IDEM – *A Cultura Operária em Portugal. Teatro e Socialismo durante a Primeira Republica, 1910-1926*. Cascais: ed. Patrimonia Historica, 2002.

fosse encenada no Teatro de D. Maria II, como já referimos. A negativa da companhia Rosas & Brazão para o fazer motivou a publicação de seis artigos no jornal *O Paiz* sob o título «Teatro de D. Maria II. (A moral do teatro)» (1897), nos que descreveu o panorama teatral lisboeta dos fins da centúria e a tomada de posição da instituição face à proposta de originais. Na sua opinião o classismo, o conservadorismo e a hipocrisia eram revelados nas contradições da gerência e do fiscal na política de encenação das peças, de que eram vítimas os autores populares e as suas obras, sistematicamente rejeitadas não atendendo à qualidade do texto mas a questões espúrias, isto é, pela extração popular e orientação ideológica dos autores: «O *normal immoral* interdita a marcha da arte de tendencias libertarias, e chega em extremos de ferocidade inquisitorial a condemnar o *Ajuste de contas* de Lino da Assumpção a pretexto do sr. Lino, ser *socialista!*»¹⁸⁸. Tentou-o de novo em 1900, com idêntido resultado, pois ao drama em um ato *O despertar* foi denegada licença de representação pela controvertida gerência de Carlos Posser. Dias antes de o governo de Hintze Ribeiro aprovar o decreto de reforma do Conservatório Real de Lisboa e de fundação de um Teatro Lírico Português (24 de outubro de 1901)¹⁸⁹, e mais duas portarias encarregando o Conselho da Arte Dramática a elaboração de um plano de reforma do Teatro de D. Maria II e um código de teatro (25 de outubro)¹⁹⁰, Ernesto da Silva atacou nos artigos «A reforma do Normal I» e «A reforma do Normal II» o projeto chefiado por Eduardo Schwalbach, futuro diretor da nova época da *Revista do Conservatório Real de Lisboa*, com dois argumentos: que ele não consistia senão no controlo da mais alta instituição dramática por um grupo de dramaturgos, e que eram eles próprios os responsáveis pela decadência do teatro português. Entendia,

¹⁸⁸ SILVA, Ernesto da – Teatro de D. Maria II. I. (A moral do teatro). *O Paiz*. Lisboa: n.º 468 (1897), 14 de fevereiro, p. 2.

¹⁸⁹ DECRETO de 24 de outubro de 1901. *D. G.* Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Lisboa: n.º 242 (1901), 26 de outubro, 816-824.

¹⁹⁰ PORTARIA de 25 de outubro de 1901. *D. G.* Ministério dos Negócios do Reino, Direção Geral de Instrução Pública, 3.ª Repartição. Lisboa: n.º 242 (1901), de 26 de outubro, p. 873.

portanto, que era preciso proceder-se a tal reforma, não apenas pelo reflorescimento da arte dramática mas com o intuito de proteger os «auctores dramaticos, actores, actrizes e mais gente que viva do theatro», e também para acabar com o confronto existente entre o Teatro de D. Maria II e o Teatro de D. Amélia, reunião à qual ele se opunha.

Destas azedas experiências, ultrapassados o desgosto e a frustração, germinou uma reflexão – segundo fito na origem da criação da teoria estética de Ernesto da Silva – entorno à função social da arte que desenvolveu em três textos: dois artigos intitulados «O theatro do povo» (1900), nos que anunciava uma outra proposta de renovação teatral, desde vez nascida nos meios populares, na altura denominada «Teatro do Povo»: «Pensa-se em dar realização a esta idéa», começa por afirmar no primeiro deles; e a conferência *Teatro Livre e Arte Social* (1902), firme apresentação especulativa do futuro «Teatro Livre». Partindo do particular, o teatro, e da necessidade de superar a sua dimensão lúdica aprofundando na educativa, o autor assenta a doutrina entorno à Arte e à Beleza em três bases: a construção do pensamento crítico, a defesa da ética e da moral como princípios retores do indivíduo, e o uso revulsório da Arte no advenimento da nova ordem civilizacional. Ernesto da Silva defendia que uma qualquer manifestação artística, atingisse ela a forma que fosse – literária, musical ou pertencente às Belas Artes –, devia estar subordinada à educação do indivíduo, favorecendo deste modo a sua tomada de consciência face às suas condições sociais, para além de mostrar os preceitos morais a seguir, juízo condensado na máxima exprimida logo no início da conferência: «transformar pela Arte, redimir pela Educação», – que o era também dos promotores do Teatro Livre. Assim concebida, a Arte tornava-se forte agente transformador capaz de indicar o caminho a seguir à vinda da Revolução Social. Precisamente à ideia de «Social» subordinava Ernesto da Silva toda obra quando gerada para tal fim, a qual fundamentava também a noção de «Belo». A Arte alcançaria então um cunho universalista, humanitário, honesto e verdadeiro em oposição à arte particular, condenada ao esquecimento porque pensada apenas para o desfrute de uma

classe social, aquela que dispunha da formação académica adequada para a entender e interpretar.

Este conceito da arte encontrava sua materialização no projeto de modernização dramática dos promotores do chamado «Teatro Livre», de que inicialmente formava parte o mesmo Ernesto da Silva, mas que abandonou por divergências no caráter outorgado aos sócios, divididos em efetivos e aderentes, com iguais obrigações mas diferentes direitos¹⁹¹. Como vimos, desde havia anos que vinha denunciando a mercantilização das salas e das propostas artísticas que nelas se encenavam, carentes de gosto ou abertamente obscenas, pois apenas exploravam os instintos primitivos do público assistente ao espectáculo, dizia. Mas como salienta Luiz Francisco Rebello, havia dez destes estabelecimentos funcionando em Lisboa, seis no Porto e perto de uma centena no resto do país numa população de pouco mais de cinco milhões, o que indicava um interesse e gosto pelo teatro que Ernesto da Silva não desdenhou¹⁹². Antes disso, defendeu que os teatros não tinham de desconsiderar a sua vertente empresarial, mas deviam reverter os lucros em entidades operárias. Porém, impunha-se uma atualização das peças, que devia partir dos géneros melhor conceituados pelo público: o drama sentimental, a comédia de situação e o drama histórico, ajustando-os aos preceitos já descritos da arte social. Exemplo disto eram, segundo Ernesto da Silva, escritores como Dante, Cervantes, Camões, Shakespeare, e mais recentemente, Diderot, Rousseau e Voltaire até chegar a Goethe, Tolstoi, Balzac, Brioux, Ibsen ou Zola. Hoje, novos autores convertiam-se em um dos pilares deste projeto de modernização, motivo por que se tornava preciso que o Estado respeitasse a iniciativa individual. Segundo ele, o futuro na reforma do teatro havia de proceder de proposições estéticas

¹⁹¹ Theatro livre. *O Mundo*. Lisboa: n.º 577 (1902), 23 de abril, p. 2; n.º 591 (1902), 11 de maio, p. 2, e n.º 591 (1902), 13 de maio, p. 2.

¹⁹² REBELLO, Luiz Francisco – A literatura dramática no primeiro quartel do século XX. CASTRO, Francisco Lyon de – *História da literatura Portuguesa. Volume 6. Do Simbolismo ao Modernismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 2003, p. 341.

como a desenvolvida por André Antoine (1858-1943) na França, feita sem apoio do Estado e, portanto, liberta de quaisquer constrangimentos. É muito possível que o próprio Ernesto da Silva estivesse familiarizado com este tipo propostas pois em dezembro de 1896 o dramaturgo, encenador e ator francês passara por Lisboa para interpretar no Teatro de D. Amélia *L'age difficile* (1895), de Jules Lemaître (1853-1914), que foi acolhido pelo público com aplausos, especialmente no 2.º ato, bem ao contrário de *Le petit hotel*, que se não desagradou também não foi celebrado, segundo o cronista de *O Paiz*¹⁹³. O seu exemplo mostrava que só uma minoria intelectual e ilustrada podia chefiar com sucesso qualquer movimento de reforma, fosse ela política ou artística, porque era capaz de se impor aos modelos formais e caducos do passado.

V. O apêndice. Poemas a Ernesto da Silva

Em anexo neste primeiro volume dedicado à produção literária das *Obras de Ernesto da Silva* oferecemos um conjunto de vinte e oito poemas representativos da lírica operária dedicada a uma personalidade relevante. Estão organizados em dois grandes conjuntos: de encomio, vinte e quatro no total, e de maledicência, apenas quatro, mas que evidenciam o impacto da figura de Ernesto da Silva nos meios operários. O primeiro foi dividido em quatro subgrupos seguindo um ordem cronológico: os que apareceram após o sucesso do drama *O capital* (1895) (nove), os que o fizeram aquando da estreia de *Os que trabalham* (1897) (dois), os escritos com motivo das festas de honra de 1897 (seis), e os que se escreveram na sequência do seu falecimento em 1903 (sete). O segundo recolhe quatro breves composições datadas de 1899 e janeiro de 1900, que abordam a polémica travada entre dois elementos do jornal *A Federação* que assinam

¹⁹³ Espectáculos. D. Amélia. *O Paiz*. Lisboa: nº 408 (1896), 15 de dezembro; e Theatros. D. Amélia. *Idem*. Nº 409 (1896), 16 de dezembro, p. 3.

sob pseudónimo, Zé Triste e Fra-Demonio, e o socialista e republicano Heliodoro Salgado, que assina os outros dois poemas.

1. Os poemas de encomio

Os poemas de encomio dedicados a Ernesto da Silva surgem das homenagens ao autor festejando a sua feição de dramaturgo, mas outros foram escritos após o inesperado falecimento. Trata-se, em geral, de uma poesia de autor, isto é, assinada (apenas um poema é firmado com letras iniciais, A. F.), de elementos vinculados ao movimento operário socialista que o conheceram e com ele privaram, entre eles, Vergueiro (pseudónimo de Francisco António da Assumpção), Come-Gente, Joaquim dos Anjos, Baptista Vidigal, Libânio da Silva – que também assina sob o pseudónimo de A. Dão –, Fernando Mendes, António José Henriques, A. J. Gameiro, Marcos Algarve e Dias de Oliveira. Porém, descobrimos ainda nomes reconhecidos da intelectualidade coeva: Angelina Vidal, Mayer Garção, João de Barros (1881-1960), Guilherme Sousa (1850-1917) e Avelino de Sousa (1880-1946). Ainda que dedicados a louvar as peças *O capital* e *Os que trabalham*, e o autor, alguns fornecem informações biográficas e da sua personalidade, como os sonetos de Joaquim dos Anjos e Libânio da Silva. Neste sentido, destaca do conjunto o poema de Mayer Garção «O canto de amanhã», recitado pelo ator Ernesto do Valle, que chama a superar as adversidades na construção de um mundo melhor apelando à revolta.

Nas suas composições, os autores mostram preferência pelo poema poliestrófico solto composto por um número indeterminado de estrofes, singularmente de três, quatro, cinco ou oito versos, quer de arte maior como de arte menor. Porém, são de salientar os longos poemas de A. J. Gameiro (duas estrofes de vinte e dezasseis versos, respetivamente), Mayer Garção (doze estrofes de cinco versos, a primera de seis), Marcos Algarve (três estrofes de doze, dezoito e doze versos), e Angelina Vidal (vinte estrofes de tercetos encadeados rematadas numa quadra final). Contudo,

encontramos também estruturas estróficas e rítmicas da lírica tradicional, nomeadamente seis sonetos, dos quais apresentam rima clássica (ABBA, ABBA, CDC, DCD) «Desbastando...», de Come-Gente; «Remir os captivos», de Angelina Vidal; e «Soneto (A Ernesto da Silva)», de Batista Vidigal. Também, ainda que com algumas variantes, «A Ernesto da Silva», de Libânio da Silva (ABBA, CDDC, EFG, EFG), e «Homenagem á Memoria de Ernesto da Silva», de Guilherme Sousa (ABBA, BAAB, CCD, EED), até à inovadora construção rimática do poema «A Ernesto da Silva», de Joaquim dos Anjos (ABAB, CDCD, EFEF, GHGH).

2. Os poemas de maledicência

São apenas cinco breves composições, três delas assinadas sob os pseudónimos de Zé Triste e Fra Demónio – que o autor tomou da ópera *Fra Diavolo* (1830), de Daniel Auber, a dizer do próprio¹⁹⁴ – publicados em *A Federação* atacando diretamente o socialista e republicano Heliodoro Salgado, alcunhado de «Sanfona», mas onde também são mencionados Ernesto da Silva e Teodoro Ribeiro. O aludido não se poupou e entrou na liça com duas simples quadras em própria defesa e mais do amigo Ernesto, que viram a luz no mesmo jornal. O conflito entre o jornalista republicano e os socialistas afins a Gneco surgiu da defesa que Heliodoro Salgado fez das teorias livre-pensadoras, mas esconde o confronto travado entre o chefe socialista e alguns setores do socialismo muito críticos com a orientação por ele dada ao Partido, que acabaria com o abandono de Ernesto da Silva e a sua aproximação aos republicanos, entre os quais, Heliodoro Salgado. Nesta disputa, o nome de Teodoro Ribeiro tem alguma envergadura, pois embora se mantivesse elemento ativo nas agremiações socialistas acabaria por se manifestar claramente em contra de Gneco. De

¹⁹⁴ FRA-DEMONIO – Eu e o Sanfona. *A Federação*. Lisboa: n.º 315 (1899), 14 de janeiro, p. 3.

facto, o poema «Vai recolher-se á privada», de Zé Triste, veio antecedido da polémica travada entorno às relações de Azedo Gneco e o banqueiro Henrique Burnay (1838-1909), que Teodoro Ribeiro, Ernesto da Silva e Heliodoro Salgado denunciaram nas páginas de *A Folha do Povo*, *A Obra* e *A Batalha*.

Todos mostram uma construção técnica bem mais simple que da dos poemas de encomio, pois três deles têm uma única estrofe e um quarto, duas, de quatro/cinco e dois versos, respectivamente. Apenas «Vai recolher-se á privada», de Zé Triste, apresenta maior complexidade: uma quintilha seguida de duas sextilhas de rima aabab, abbaba, abbaab.

SOBRE ESTA EDIÇÃO

1. Justificação e organização do tomo

Como explicámos na «Apresentação geral» da obra organizámos a produção bibliográfica conhecida de Ernesto da Silva em três volumes, sendo o presente tomo o primeiro, que abrange a obra literária, composta por narrativa, teatro, artigos sobre crítica literária e teoria estética da literatura, para além de um texto com o que o autor cultivou a tradução literária. Completa-o um apêndice com poemas dedicados ao autor.

Estruturámo-lo em vários capítulos a começar pela narrativa, por responder à ordem canónica de estudo dos géneros literários, e porque o primeiro texto desta natureza publicado pelo autor foi um conto. Colocámos a seguir os dramas, diferenciando entre os que foram pensados como exercícios literários destinados ao folhetim (Textos dramáticos), e os que o foram para serem encenados nos teatros (Textos teatrais). Na ordenação de todos seguimos um critério cronológico dentro do conjunto em que foram inseridos, adotando-o também na seriação das peças teatrais. De forma idêntica agimos nos artigos dedicados à crítica literária e à proposta estética do autor, bem como no apêndice dos poemas à Ernesto da Silva.

O terceiro capítulo abrange o conjunto dos artigos de crítica e teoria estética da literatura junto à conferência pronunciada no Ateneu Comercial de Lisboa sob a epígrafe «Páginas de crítica literária e estética». Adotámos, portanto, um critério temático, e não formal na inclusão destes textos, motivo pelo qual não integram o segundo tomo das *Obras de Ernesto da Silva*, destinado à recolha dos artigos jornalísticos. A sua leitura oferece uma proposta

teórica sobre a função social que a literatura devia ter, desenvolvida e amadurecida por Ernesto da Silva ao longo dos anos. Finalmente, recuperamos um conto de Jean Richepin traduzido pelo autor, e completámos o volume com um conjunto de poemas dedicados a Ernesto da Silva, quer a favor, da autoria de amigos, colegas e admiradores, quer contra, ou seja, dos detratores. Todos evidenciam o prestígio e impacto do autor nos meios operários.

2. Questões textuais e gramaticais

Na transcrição dos textos a intervenção foi restrita ao mínimo, mantendo a grafia e a ortografia do século XIX, antes da alteração levada a cabo pelo Acordo Ortográfico de 1910, bem como a pontuação, corrigindo apenas o que eram evidentes gralhas tipográficas, e os parágrafos do autor. Uniformizámos os textos, especialmente os dramáticos, naquilo que poderíamos considerar didascálias, usando como critério aquela formalização que mais vezes se repetia na publicação dos jornais. Assim, o nome da personagem aparece em minúsculos – a diferença dos textos dramáticos, que se mantém em maiúsculos – seguido de dois pontos, traço e texto da didácalia, entre parênteses, minúsculo e em itálico. Do mesmo modo, quando assim surgiu nos textos, mantivemos as palavras em itálico, o negrito, o uso da letra maiúscula, e o aumento do volume dela segundo foi determinado pelo autor. Assinalamos com [] a dificuldade de transcrição da palavra e colocámos a reconstituição da palavra suposta dentro. Quando as obras foram re-publicadas – caso dos contos *Um reprobado* e *A pneumonia* – e, portanto, corrigidas, transcrevemos estas últimas e colocámos em nota de rodapé as alterações introduzidas.

Esta edição das *Obras de Ernesto da Silva* é anotada. São, portanto, da nossa responsabilidade todas as notas de rodapé, exceto quando é indicado o contrário, sendo elas nestes casos da autoria de Ernesto da Silva. O objetivo é servir à melhor compreensão para o leitor contemporâneo do conjunto das menções de todo o tipo – históricas, políticas, culturais, de personalidades diversas, etc. – feitas pelo autor.

NARRATIVA (1893-1901)

CONTOS

(Página deixada propositadamente em branco)

UM REPROBO¹⁹⁵

A patria agradecida recompensou o pobre velho, mutilado no campo de batalha, exornando-lhe o peito com a medalha de cobre e offereceu-lhe o logar de guarda, n'um jardim.

Ao principio sentiu reluctancia em acceitar.

Trinta annos de aturado serviço, expondo a vida em prol da *patria* e da *liberdade*, – segundo diziam os jornaes –¹⁹⁶, e ter como unico premio doze vintens diarios que mal chegavam para as mais instantes necessidades da vida!... Tentou resistir. A velha esposa e um neto querido, forçaram-n'ò a ceder¹⁹⁷.

Elles não tinham culpa e tinham fome.

Revoltado com tal injustiça, pensara em vender cautellas¹⁹⁸, mas não lh'ò consentira o animo...

¹⁹⁵ RUY – Folhetim de A Obra. Um reprobó. *A Obra*. Lisboa: n° 141 (1897), 26 de setembro, p. 3-4; e IDEM – Folhetim do jornal A Federação. Um reprobó. *A Federação*. Lisboa: numero programma (1893), 17 de dezembro, p. 2-3. Transcrevemos o texto segundo a edição de 1897, por ser a última e, portanto, corrigida pelo autor, e colocamos em nota de rodapé as diferenças com a edição do texto em 1893, o que provocou que alguns parágrafos fossem alterados.

¹⁹⁶ segundo diziam os jornaes,

¹⁹⁷ Tentou resistir; mas a velha esposa e um neto querido, forçaram-n'ò a ceder.

¹⁹⁸ Senha que justifica a quota-parte de um bilhete de lotaria.

Respondera então, ao influente¹⁹⁹ que o protegia, que acceitava e²⁰⁰, d'ahi a poucos dias, envergava o uniforme e installava-se no desbotado *kiosque* do cimo da escadaria.

Afferrado aos habitos da caserna, era d'uma pontualidade chronometrica no abrir e fechar das portas do *square*, segundo o regulamento.

De verão, como de inverno, firme no seu posto, vigiava a vida das flores, preservando-as das travessuras das creanças e dos desrespeitos²⁰¹ dos gatos da vizinhança.

Adaptara-se ao meio e conseguira vencer a má vontade com que entrára.

O governo²⁰² tinha sido ingrato!²⁰³ pensava por vezes, picando um charuto; mas... o mundo sempre fôra assim e não seria elle que o transformaria!... Já lá vem de traz... Enchia então o cachimbo ennegrecido e expellia resignado ondas de azulado fumo²⁰⁴.

*
* *
*

O sol começa de dourar os renques de arbustos. E velho guarda²⁰⁵, na sua visita habitual, inspecciona as ruas do jardim, empurrando para a valeta, com a ponteira da bengala as folhas amarellecidas caídas durante a noite, espantando²⁰⁶ com uns *st* prolongados os bichanos preguiçosamente

¹⁹⁹ Em itálicos em 1893.

²⁰⁰ acceitava; e

²⁰¹ Em itálicos em 1893.

²⁰² Em itálicos em 1893.

²⁰³ ingrato,

²⁰⁴ E enchia o cachimbo ennegrecido pelo uso, d'onde tirava grandes baforadas de fumo que expellia, resignado.

²⁰⁵ O sol começa de dourar os renques de arbustos, e o velho guarda, ...

²⁰⁶ que caíram durante a noite e espantando ...

estendidos nos canteiros que²⁰⁷ espavoridos ante a bengala ameaçadora, saltam felinamente às grades ornamentadas.

Creanças, acompanhadas pelas *bonnes* e pelas mães, jogam pellas²⁰⁸ multicores ou empurram arcos, deixando ver no fundo das *capotas* os rostos emmoldurados em finas rendas de Bruxellas.

Os mais velhitos desaparecem entre as arvores, tornejando-as, montados em reluzentes *bycicles*...²⁰⁹ Tudo é vida e sol retemperando o corpo e sorrindo á alma²¹⁰. O sorriso dos pequeninos e o bafejo suave da manhã!...

E o velho guarda encara os pequenos grupos com dolorido aspecto²¹¹. Uma nuvem de tristeza lhe ensombra o olhar brilhante e um como que sorrido estrangulado lhe assoma aos labios...²¹²

Lembrou-se d'elle... do pequeno Raul...²¹³ do neto que tanto estima e que todos os dias, de volta da escola, fazia²¹⁴ os recados á visinhança,

²⁰⁷ Nos canteiros e que, espavoridos

²⁰⁸ Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, II Volume. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001, as entradas «jogo, jogo da péla» e «péla» indicam que se trata de um jogo desportivo antigo, jogo da péla, precursor do ténis, em que a bola era lançada com a mão.

²⁰⁹ *bycicles*...

²¹⁰ Tudo é vida e sol, retemperando o corpo e sorrindo á alma.

²¹¹ E o velho guarda encara os pequenos grupos por uma fôrma dolorida.

²¹² Uma nuvem de tristeza lhe assoma aos labios...

²¹³ Ernesto da Silva nomeia à personagem como a seu próprio filho, João Raul da Silva, nascido em Lisboa em 1892 que, na altura da redação do conto, tinha pouco mais de um ano. João Raul falecerá a 25 de dezembro de 1908, com dezasseis anos de idade, vitimado por uma insuficiência mitral ocasionada pela enfisema aguda de pulmão que padecia, sendo sepultado dois dias depois no jazigo 3979, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. A 26 de março de 1914 os seus restos foram transferidos para o compartimento 951, junto do pai. Ainda haverá mais duas transferências, a 9 de dezembro de 1920 e, definitivamente, a 1 de maio de 1924 para o ossário 714, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa à perpetuidade, aquando da transferência dos restos mortais de Ernesto da Silva pelos companheiros do Partido Socialista Português. Vid. C. M. L. – Cemitério dos Prazeres. *Registo Geral de Enteramentos*. Lisboa: Livro nº 22, 23 de maio de 1908 a 12 de novembro de 1911, relativo a «João Raul da Silva».

²¹⁴ faz

para juntar, n'um mealheiro de barro, o valor d'uns sapatos, ou d'um bonet²¹⁵.

Contempla por instantes as creanças e affasta-se pensativo, dizendo: – Ha de ser sempre assim... Não tem que ver... Para uns, tudo; para outros, nada. E lá vae caminho do *kiosque*²¹⁶ onde o neto não tardará com a *fava-rica*²¹⁷ e o café da manhã²¹⁸.

*
* *
*

São horas. Do cimo da escadaria, já o Raul carregado com um velho cabaz de canna, onde o bico da cafeteira espreita indiscretamente, acena com o bonet²¹⁹, chamando o velho...

Bons dias avô! exclama o petiz, beijando em seguida a mão enrugada do velhote. Confidencialmente²²⁰, como se tivera receio de ser ouvido pela hera que reveste a parede a que se encosta, balbucia:²²¹ a avó manda dizer que tenha paciencia, a fava não traz azeite. Acabou-se hontem na assorda²²².

E um leve tom carminado lhe colora as faces pallidas.

Uma lagrima, desprendendo-se; desliza vagorosamente,²²³ pela face do pobre guarda e vae perder-se no bigode embranquecido.

²¹⁵ Em itálicos em 1893.

²¹⁶ *kyosque*

²¹⁷ Em itálicos em 1893.

²¹⁸ quotidianos.

²¹⁹ Em itálicos em 1893.

²²⁰ e, confidencialmente

²²¹ balbucia,

²²² a avó, manda dizer que tenha paciencia; a *fava* não traz azeite, acabou-se hontem na assorda.

²²³ Uma lagrima, desprendendo-se desliza vagorosamente

Tens razão!...²²⁴ O ordenado anda atrazado um mez e o tendeiro não se governa com lerias²²⁵.

Para esconder a commoção, toma o cesto, entra para o *kyosque*²²⁶ e virando-se para o neto, diz²²⁷, acariciando-lhe a cabeça: – Vae até lá abaixo...²²⁸ Estão lá uns pequenos a brincar...

Dá licença avô?²²⁹ pergunta sorrindo Raul.

Dou sim!²³⁰ Vae, vae ver.

O pequeno pária, radiante de alegria, desce rapidamente a escada, mechendo nervosamente as delgadas pernitás, deixando ver ao levantar dos pés, os buracos que as pedras da calçada, começam de fazer nas solas dos sapatos amarellos.

Chegando²³¹ á rua principal do jardim, o rosto torna-se-lhe radiante ao deparar com os seus companheiros de idade, n'uma doudejante chalreada, correndo atraz dos arcos, jogando as pellas de borracha²³² ou descrevendo caprichosas curvas com as bicicletas²³³, que perpassam como meteoros.

Toda a vida se lhe concentra no olhar scintillante com que admira aquelle mundo de felicidade, sómente entrevisto nas montras dos quinquilheiros da moda. Insensivelmente, a pequenina cabeça ondula d'um para outro lado, procurando não perder de vista o zigazear²³⁴ d'um velocipede, montado por um pequenino burguez vestido á maruja...

Uma attracção irresistivel obriga-o a approximar-se da pequena machina, que despede scintillações aos raios do sol.

²²⁴ – Tens razão!...

²²⁵ Em itálicos em 1893.

²²⁶ *kyosque*

²²⁷ diz-lhe

²²⁸ acariciando-lhe a cabeça. Vae até lá abaixo...

²²⁹ – Dá licença avô?

²³⁰ – Dou sim!

²³¹ Chegado

²³² borracha,

²³³ *byciclettes*

²³⁴ *zigazear*

Possuir tão maravilhoso e attrahente brinquedo: que intensa felicidade!²³⁵ e só póde sonhal-a; o avô ganha tão pouco e o peculio que está no mealheiro é para uns sapatos...

Sentir sob os pésitos mal calçados os pedaes recobertos de cautchouc²³⁶, que requintada voluptuosidade... e não poder gosar-a!... Sentir uma vez só... uma só... sob o peso do franzino corpo o couro do selim!...

N'um anceiamento febril, contendo a respiração, está junto do pequeno velocipedista que acaba de se desmontar, e lhe pede que segure a machina, para atar a fita do sapato que durante a corrida se desprendera, pendendo, suja de poeira.

Raul apressadamente accede ao convite e uma lucta intensa entre o desejo e o receio fere-se, no pequenino craneo... Não resiste mais... Vae satisfazer a sua mais cara ambição... E n'um arrebatado impulso, em que o receio é dominado pelo desejo, põe o pé no pedal da machina, movimentando-a; enquanto o pequeno vestido²³⁷ á maruja se acocora para compôr²³⁸ o calçado.

Momento fatal! A mão²³⁹ inexperiente do pequeno Raul, não sabe conter o impulso dado e²⁴⁰ o velocipede tomba sobre a areia do jardim partindo²⁴¹ os raios nikelados da roda dianteira que lança²⁴² no espaço um som metallico.

*

* * *

²³⁵ brinquedo; que intensa felicidade,

²³⁶ *caoutchouc*

²³⁷ o pequeno, vestido

²³⁸ compor

²³⁹ Momento fatal; a mão

²⁴⁰ dado; e

²⁴¹ jardim, partindo

²⁴² lançam

Ao choro do pequenino burguez, junta-se a voz de irada dama, mãe do velocipedista, que rancorosamente apostropha Raul, que lívido e como que petrificado, olha idiotamente os destroços da biciclete²⁴³.

A dama n'um crescendo de indignação segurando²⁴⁴ n'uma das mãos o *Illustrado*²⁴⁵, onde lia o *carnet-mondaine*²⁴⁶ e²⁴⁷ na outra o braço do neto do velho guarda, brada:

– Garoto! Já se viu²⁴⁸ uma coisa igual! Nem as creanças podem brincar socegadas. Gaiatada infame!²⁴⁹ Deixa vir o guarda e elle t'ó dira...²⁵⁰

N'este instante, o velho guarda que attraído pelo choro do pequeno e pela vozeria das *bonnes*, chega ao local do sinistro, empallidece ao ver o neto alvo dos olhares indignados dos passeantes.

Que foi isto? pergunta a custo²⁵¹.

Este garoto²⁵², que partiu uma *byciclette*²⁵³, ponha-o já fóra d'aqui com um puxão d'orelhas, diz indicando Raul, a desembaraçada burgueza...

O velho guarda, sentiu como que estalar-lhe o coração e fitando com os olhos rasos d'agua, Raul; levou a pesada mão a uma das orelhas da creança, puxou²⁵⁴ violentamente, levando o neto diante de si²⁵⁵.

As lagrimas soltaram-se dos olhos da pequena victima, que,²⁵⁶ saindo do estupor em que estava mergulhada, exclamou:

²⁴³ *byciclette*

²⁴⁴ indignação, segurando

²⁴⁵ O *Diário Ilustrado* (Lisboa, 1872-1911), jornal regenerador.

²⁴⁶ Trata-se de um registo nobiliário belga, iniciativa do príncipe Carlos Luís de Merode.

²⁴⁷ *carnet-mondaine*, e

²⁴⁸ se já viu

²⁴⁹ socegadas, gaiatada infame!

²⁵⁰ Deixa vir o guarda, elle t'ó dira...

²⁵¹ – Que foi isto? Pergunta a custo.

²⁵² – Este garoto

²⁵³ Em itálicos em 1893.

²⁵⁴ puxou-a

²⁵⁵ levando-a diante de si.

²⁵⁶ que

Perdão avô!²⁵⁷

E o pobre velho, apontando a saída, murmurou com sumida voz; vae-te, tu, não tens direito ao goso...²⁵⁸

Ruy

²⁵⁷ – Perdão avô!

²⁵⁸ ao goso?!...

A PNEUMONIA²⁵⁹

Findava o serão. Pouco a pouco os operarios apagavam os bicos de gaz e envergavam os casacos d'abafo, antes de sahirem para a rua, onde o ar frio e penetrante da noite enregelava o menos friorento.

Só o Augusto, um robusto operario de quarenta²⁶⁰ annos, encostado ao *banco*²⁶¹ troçava dos que se precaviam contra o ar da rua.

– Parecem umas senhoras!... Dizia elle despedindo²⁶² uma gargalha, que, acordando a echos, reboava pelas abobadas do vasto armazem transformado em officina.

... Dá Deus o frio conforme²⁶³ a roupa!... E ria procurando²⁶⁴ na ironia vibrada aos companheiros, resignação para assistir ao pungentissimo drama de miseria que lhe invadia o lar. Com 800 reis²⁶⁵ por dia e sete filhos a sustentar, que havia de fazer mais?!

²⁵⁹ O conto «A pneumonia» foi inicialmente mal reproduzido no jornal *A Federação*, onde apareceu no seu número 1, ficando incompleto por este motivo. É esta a razão que fez com que o autor o escolhesse para ser publicado de novo no jornal *A Obra* que reproduz, agora sim, o texto completo e sem erros. Também manteve o uso do pseudónimo na assinatura. Como no caso do conto «Um reprobo», transcrevemos o texto segundo a edição do texto em 1898 por ser a última e, portanto, corrigida pelo autor, e colocamos em nota de rodapé as diferenças com a edição do texto em 1894. Vid. RUY – Secção litteraria e scientifica. *A pneumonia. A Obra*. Lisboa: n° 165 (1898), 13 de março, p. 3-4; e IDEM – Folhetim do jornal *A Federação. A pneumonia. A Federação*. Lisboa: n° 1 (1894), 7 de janeiro, p. 3-4.

²⁶⁰ 40

²⁶¹ *banco*,

²⁶² dizia elle, despedindo

²⁶³ o frio, conforme

²⁶⁴ E ria, procurando

²⁶⁵ oito tostões

– Até amanhã, rapazes – exclamou, apagando o *bico* que se conservava acceso e saindo a passos largos para a rua, onde, ao dobrar a esquina, levantou a gola do usado jaquetão, que já deixava adivinhar os ossos dos cotovellos furando o tecido.

...Efectivamente está *taró*²⁶⁶, pensava o Augusto, dirigindo-se apressadamente para casa, onde era esperado com ansiedade pela *petizada* desejosa de ceiar.

Mal transposto o limiar da lojita em que habitava, os pequenos receberam-n’o improvisando uma phylarmonica, em que um *sarrafo* simulava o cornetim e um banco servia de tambor.

– Boas noite!... A ceia está prompta? perguntou á esposa.

– Está á tua espera, respondeu a mulher que sustinha sobre os joelhos um pequenito de dez meses.

– Dá cá o Julio. E, estendendo os braços, pegou na creança e sentou-a sobre os joelhos.

D’ahi a pouco, o Julio, com as mãositas muito vermelhas, puchava pelo bigode do pae, que sorria satisfeito, enquanto os mais creciditos circumdavam a mesa, onde nos pratos, já cheios, fumegavam os restos do jantar.

*

* *

Á porta da lojita pára um trem.

É o medico da misericordia²⁶⁷. Visinhas espreitavam curiosas²⁶⁸, a sahida²⁶⁹ do doutor, e uma d’ellas tomando²⁷⁰ a palavra, descreve:

²⁶⁶ Voz popular para indicar o tempo muito frio.

²⁶⁷ Misericordia

²⁶⁸ espreitam, curiosas,

²⁶⁹ a saída

²⁷⁰ e uma d’ellas, tomando

– O Augusto, o marceneiro, acrescenta, está mal. Sem um monte-pio, sem nada... Valha-nos Deus. Uma coisa assim!... Trabalhou até á ultima... Um rapaz tão forte, coitadito... Tudo empenhado, a casa com escriptos... Ai! que miseria, mãe santissima!

N’este momento, o medico vem saindo. Uma das visinhas abeira-se e pergunta-lhe o que tem o pobre enfermo.

– Uma pneumonia, responde indifferentemente o medico, entrando para o trem, que rodou rapidamente.

A visinha, impellida por um misto de curiosidade e dó, bateu com os nós dos dedos na vidraça, em que se destacava²⁷¹, pegados com miolo de pão, os escriptos²⁷² do papel almaço.

Á porta appareceu a mulher do marceneiro²⁷³ (como lhe chamava a visinhança) despenteada, demonstrando no rosto pallido e tresnoutado a profunda dor que lhe ia n’alma. Ao fundo, as creanças aggrupavam-se, olhando curiosas a visitante.

– Entre, sr.^a Engracia!... disse a desolada mulher.

A visinha entrou. Admirada por vêr²⁷⁴ um misero leito de ferro, onde as falhas de tinta se succediam de espaço a espaço, exclamou:

– O doente aqui, ao pé da porta!?

– Que se ha de fazer! Lá dentro não era possivel, não ha luz e estão lá as camas dos nos... Temos só esta casa e a cosinha!

E o infeliz operario, que durante tantos annos de trabalho construiu tantos e tão ricos leitos das mais preciosas madeiras, só tinha agora para repousar o corpo gasto pelo trabalho e enfraquecido pela doença, a misera barra, que a familia do primeiro²⁷⁵ andar lhe dispensara²⁷⁶.

²⁷¹ destacavam

²⁷² Em itálicos em 1894.

²⁷³ marceneiro,

²⁷⁴ ver

²⁷⁵ 1.º

²⁷⁶ Esta ideia, dos operários serem os responsáveis pela elaboração dos produtos que não podiam desfrutar, tais como as mobílias de uso comum aqui descritas, repete-se na produção literária de Ernesto da Silva.

A visitante aproximou-se do leito e murmurou, não parece o mesmo. Depois, abanou docemente o hombro do enfermo, perguntando-lhe:

– Então, sr. Augusto, como vae isso? – E²⁷⁷ n'um tom entre faceto e animoso... Um²⁷⁸ homem é um homem...²⁷⁹

O doente, sahindo da madorra em que a febre o mantinha, abriu os olhos e reconhecendo a visita, respondeu apontando o lado esquerdo do peito – tenho aqui... uma faca; e fechando novamente os olhos, virou-se para a parede, arrastando com o corpo a esboracada manta que o cobria.

E a *petizada* na inconsciencia da grande desgraça que os feria, interrogava, com o olhar as faces emmagrecidas do pobre pae.

*
* *
*

A noite fóra agitada. O doente, preso do delirio, pronunciava constantemente:

– A obra estava boa... tira d'aqui a plaina... deixa chegar o patrão... – e, n'um labotar febricitante, affastava de si o cobertor de côres vivas que um grupo de companheiros fôra buscar ao *prego*²⁸⁰.

A infeliz mulher, desenganada pelo medico que de manhã visitou o enfermo, soluçava entalando-lhe a roupa debaixo do corpo.

Era o setimo dia. Nada havia de esperar. De noite, nos intervallos do delirio, ella e a visinha do lado já o tinham visto inteiriçar-se, salientar-se-lhe o nariz e encovarem-se-lhe os olhos, parecendo afundarem-se nas orbitas.

²⁷⁷ e

²⁷⁸ um

²⁷⁹ É aqui onde se produz o erro na reprodução do conto, que foi outra vez publicado no número seguinte de *A Federação*, embora mantendo o equívoco. Vid. RUY – Folhetim do jornal *A Federação*. A pneumonia. *A Federação*. Lisboa: n° 2 (1894), 14 de janeiro, p. 3-4.

²⁸⁰ A «Casa de Prego» ou, simplesmente, «Prego», era a casa de penhores.

A velhota que a acompanhara, fiel á educação recebida, lembrara a *extrema uncção*, mas a esposa tivera escrupulo. O marido nunca fóra d'essas coisas. Talvez escapasse?!... Ella já promettera ir de joelhos á Graça.

Hesitante, como se desejasse evitar uma desillusão, pegou tremula n'um jornal e procurou a tabella das marés. O olhar turvado pelas lagrimas, fazia-lhe dançar as lettras circumdadas de tons azulados. Venceu a commoção e leu. A maré era ás quatro horas da tarde. E no relógio da torre proxima badalaram, havia pouco as tres horas e meia.

O doente, que se mantinha immovel havia tempo, denunciando a vida sómente no arfar descompassado do athletico arcabouço e no som rouco que se lhe escapava da garganta contrahida, abriu subitamente os olhos, percorreu com um demorado olhar toda a casa, e falando a custo, perguntou:

– O Julio?...

– Está ali, disse a mulher contendo as lagrimas, e apontando-lhe o berço, onde o nito dormitava: e sorrindo, perguntou: Queres alguma coisa?

– Não, não quero nada, e levantando com um supremo esforço a cabeça, fixou o olhar no nito. Depois, soltando um suspiro, que mais parecia um grito, deixou cahir pesadamente a cabeça.

Estava morto.

*

* *

Eram dez horas. A manhã estava fria. Alguns grupos á porta da lojita esperavam pelos padres. Junto á porta, a carreta da associação estacionava. No ceu pardacento, ameaçando chuva, havia *um não sei quê* desolador, pesado como chumbo, que envolvia a alma n'uma athmosphera de luto. Dentro da casa o cheiro violento da *agua pbenica* feria o olfacto, fazendo pensar na morte.

Chegam os padres; apoz um breve *latinorio*, correspondente a quem não paga offerta, retiram-se e, o corpo do pobre operario é conduzido

para a rua. No misero albergue ha choros de creanças e uns gritos agudos annunciam o *accidente* que acaba de prostrar a infeliz viuva.

Os moços collocam o caixão sobre a carreta e um som cavo é produzido ao largar das argolas.

A philarmonica, que a convite dos amigos do finado viera ao funeral, começa a unir fileiras e a collocar nas estantes dos instrumentos os papeis em que está escripta a marcha funebre.

O cortejo movimenta-se e a banda lançando no espaço as primeiras notas d'um rythmo plangente, fazem sentir uma sensação de frio que percorre a espinha dorsal, e que só termina quando os olhos estão rasos.

Ao pé da porta da loja, um grupo de visinhas, limpam ás pontas dos lenços as faces molhadas. Uma d'ellas, apontando para a casa d'onde sahiu o corpo, exclama:

– O que será das creanças?!...

Respondendo a esta interrogação, operarios, agrupados, conferenciam sobre a melhor maneira de internar as creanças nos asylos; e os transeuntes descobrem-se respeitosamente!

Ruy

PERDIDA... 281

Era terça-feira gorda. O ceu recamado de estrellas, substituiu a tarde sombria de nuvens pardacetas, ameaçando chuva. Circumdada d'um tom amarellado, a lua, semilhando uma caraça, contemplava sorrindo grotescamente o estertor do Carnaval. Em poucas horas cessaria o guisalhar da Folia.

A nevrose do Goso, punha allucinações no attribulado espirito dos miseros que soffriam, lançando-lhe na alma o germen do odio, contra tudo e contra todos; contra a sociedade e contra Deus.

Assim se sentia a pobre Beatriz.

Com os cotovellos fincados nos joelhos, de olhar fixo no velho soalho da mansarda, os pensamentos chocavam-se-lhe no craneo, fazendo-lhe latejar violentamente as fontes. Sentia no coração o mais profundo odio contra o que insultava, a sua dôr, divertindo-se.

Havia dois mezes que não trabalhava. A *estação* fôra fraca e o *atelier* fechara. A fome invadiu-lhe a mansarda. Vendeu muito, empenhou o resto. Na vespera, abandonara no *prego* a medalha de prata que o fallecido pae conquistara n'um incendio.

Era tudo que possuia.

Absorta na intima contemplação da miseria que a assediava, petrificada pelo soffrimento atroz que lhe triturava a alma, sentia um febril desejo

²⁸¹ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Perdida... *A Federação*. Lisboa: nº 3 (1894), 21 de janeiro, p. 2-3.

de aturdir-se, esquecer, libertar-se por momentos da inquisitorial tortura que o destino lhe reservara.

No fim do mez era expulsa da mansarda. Devia dois mezes. Á mente escandecida pelo desespero, accudiu-lhe a lembrança da idosa mãe, que agrilhoada ao leito pela paralytia, iria cerrar os olhos na camarata d'um asylo.

Terrifica e infernal lembrança que lhe descia do cerebro ao coração, esmagando-o como n'um torno. Dementada, fóra de si, brincava-lhe na imaginação o sorriso *protector* do senhorio que a visitara de manhã. Sorriso que não quizera comprehender...

O rufo do tambor annunciava uma parodia e a luz incerta e fumarenta dos archotes, reflectindo-se nas vidraças dava á janella um sorrir mephistophelico.

*
* * *

Em frente do espelho, Beatriz compunha o *dominó*.

Comprehendera o sorriso e acceitara...

A um canto da mansarda a visinha do lado, *boa* velhota, muito temente de Deus, furava com os bicos da thesoura a mascarilha de veludo preto.

– E a mãe?... perguntou Beatriz dirigindo-se á velha que morava ao lado.

– Deixe lá isso por minha conta. Eu resolvo tudo; retorquiu a velha maliciosamente, alongando o queixo ponteagudo...

Digo-lhe que está em minha casa a coser na machina, concluiu sorrindo, mostrando dois dentes esverdeados, perdidos nas gengivas contrahidas.

– Tome cuidado, visinha Pulcheria.

– Vá descançada, filhinha! Divirta-se, divirta-se que está na idade propria. Se não for agora, depois, já não tem remedio!... O tempo não volta atraz.

– Se a mãe acorda!?... pensava Beatriz, ageitando as rosadas orelhas nas argollas de elastico que sustinham a mascarilha.

Não havia que hesitar... Ou a deshonra ou o asylo. Cruel dilemma que a Miséria creara. O pudor, eis o que possuia!... Vendel-o-hia como empenhara a medalha do pae.

Na imaginação exaltada tornou a desenhar-se-lhe com todo o vigor de colorido a vasta camarata do asylo, de longas fileiras de camas, cobertas de ramagem azul.

– Vamos menina, são já 9 horas e o sr. Chaves espera-a, avisou sollicita a velha de dentes esverdeados.

– Prompto!... exclamou Beatriz, caminhando para a porta da escada.

A velha seguia-a, puchando a porta vagarosamente, evitando o ranger dos gonzos.

De casa da visinha Pulcheria, um *dominó* negro saiu ao patamar e por instantes, só o *frou-frou* da seda se fez ouvir sobre os degraus estreitos e escorregadios.

*
* * *

O baile degenerara em orgia; chegara o periodo febril.

O alcool ingerido no *restaurant* excitava ao deboche. *Dominós*, *pierrettes*²⁸², palhaços, camponezes, *grisettes*²⁸³, revolteavam no meio do salão, apertando-se obscenamente. Espectadores avinhados, faziam cair os *pares*, adiantando os pés ou de mão estendidas palpavam a carne das *cocottes*²⁸⁴.

A pandega, acordava os instinctos da besta, possuida de desejos não satisfeitos.

²⁸² Em francês no original: rapariga mascarada de pierrot.

²⁸³ Em francês no original: costureirinha galante.

²⁸⁴ Em francês no original: mulher dissoluta.

No *restaurant*, sentada a uma mesa, Beatriz esgotava seguidamente calices de *abafado*²⁸⁵.

Os olhos relampejavam-lhe no fundo negro da mascarilha, denunciando a invasão alcoólica que lhe perturbava o cérebro. A gritaria ensurdecadora dos commensaes, os berros dos creados, o vozear da multidão estonteavam-n'a, fazendo-lhe perder a noção do *eu*.

Qual pétala de rosa caída em impetuosa torrente, deixava-se arrastar no turbilhão da loucura sem tentar reagir.

Dançara toda a noute.

Queria esquecer, aniquilar o ser mortal, afundar no mais intimo da alma o escrupulo da donzella, romper d'uma vez com o convencionalismo hypocrita que uma sociedade que negava o pão lhe pretendia impôr.

Por baixo da mesa, os joelhos do senhorio procuravam-n'a...

Bebia, bebia muito, sentindo o ardente desejo de escarrar no mundo.

Que importava isso!...

A mãe não trocava a mansarda, pela camarata do asylo.

Pedira trabalho não obtivera. Esmolara e repudiaram-n'a, quizera *servir* e ninguem a utilisara.

Que abandonasse a mãe á caridade d'um hospicio, diziam-lhe.

Quem tinha pois direito de insultar-a?...

Ninguem!

O Chaves, debruçando-se sobre o marmore da mesa, fallou-lhe ao ouvido, levantando-se a pagar a conta.

Beatriz estendeu novamente a mão á garrafa, esgotando um calice, encorajando-se.

Sobre o passeio, coberto d'um espesso tapete de lama e tremço, que fermentava, exhalando um cheiro acre; o guarda-nocturno esperava o Chaves que não tardaria...

²⁸⁵ Em enologia, é o vinho mosto, antes da fermentação.

*
* *
*

Na tortuosa viella, vozes enrouquecidas cantavam o *fado*.

Á entrada das lojas, cortinas vermelhas, coavam a luz dos candieiros collocados sobre as commodas.

Fadistas de chapéus sobre a nunca e *bellezas* oleosas puchadas á testa, perpassavam gingando, fazendo balouçar sobre os sapatos, com um *tic* canalha e relles, as *boccas de sino*.

Soldados suspendendo as longas durindanas²⁸⁶, jogavam madrigaes de caserna a mulheres de saias muito engommadas, de grossos labios pintados a vermelho.

Uma athmosphera especial, mixto d'alfazema queimada e infiltrações de pias, nauseava os transeuntes desconhecedores do bairro.

Encostadas ás meias-portas, desgraçadas dormitavam com a cabeça appoiada sobre os pulsos.

Apitos dominando o cantar roufenho das mulheres de saias engommadas, despertaram as dormentes.

Policias correram rapidos, um circulo de curiosos se formou á porta d'uma logita.

Passados alguns minutos, uma mulher desgrenhada, em saias brancas, perneava, descompondo-se, nos braços de dois policias que a arrastavam para a esquadra.

Um *reporter* dirigiu-se a uma das mulheres, perguntando-lhe o que se passára.

– Ora!... Foi a Beatriz, com a *tachada*²⁸⁷!... respondeu a *perdida*, gargalhando descompassadamente.

Ruy

²⁸⁶ Espada grande.

²⁸⁷ Bebedeira.

(Página deixada propositadamente em branco)

UM ENCONTRO. (PHANTASIA)²⁸⁸

O sol refulgia esplendoroso, inundando a terra com a sua luz vivificante; as fontes sussurravam misteriosas carícias; os ribeiros serpeavam, quebrando a tonalidade verde dos prados, como prateadas fitas sobre um tapete de *peluche*; os passaritos, n'uma amorosa dialreada, juravam-se um eterno amor; as flores de côres vivas ou esmaecidas, inclinavam, preguiçosamente, os calices avelludados, á brisa subtil como o aroma que exhalavam, recebendo as carícias do astro-rei, scintillando as iriadas gotas de rócio que lhe aljofravam as corolas delicadas, a natureza exhibia em toda a plenitude, a pujança do seio uberrimo e creador.

Um vulto athletico surgiu do amago da floresta. E da abertura da camisa entreviam-se grossos cabellos plantados no peito nú. Avançava descalço, empunhando um alvião e arrastava uma pesada cadeia, que um anel collado á perna esqualida e nervosa, fazia mover um pesadissimo madeiro. No rosto ossudo, pallido, lia-se todo um poema de soffrimento e dôr, o olhar viril e admirado, extasiava-se entre a magnificencia da Creação.

Um sorriso maguado lhe brincou nos labios; e, do peito herculeo arrancou um suspiro, que repercutiu em todo o orbe. E olhando o espaço infinito envolto no manto azul da cupula celestial, exclamou amargamente.

– E sou eu o auctor de tudo quanto existe!... Sou eu que arroteio os campos, transformando o pequeno grão em ceara amarellecida pelo sol estival; sou eu quem perfuro as rochas, abrindo caminho á locomotiva, de

²⁸⁸ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Um encontro. (Phantasia). *A Federação*. Lisboa: n° 5 (1894), 4 de fevereiro, p. 3.

olhar púrpureo e incendiado, que silvando vae devassar-lhe as entranhas; sou eu que construo o balão, disputando ás aguias um lugar no espaço immaculado; sou eu quem faz dormir no fundo dos oceanos o fio que liga á alma do Velho ao Novo-Mundo; sou eu que construo as cathedraes de torres rendilhadas e ogivas multicores; é ainda o meu braço poderoso que produz os canhões que vomitam luto, que pesquisa o fundo das retortas, que empunha o microscopio, que transforma a pedra bruta ao sopro divino da arte, em brancas carnações onde a vida parece occultar-se; domino o céu, povôo a terra, conquisto o mar e com a lanterna rebusco no mysterio geologico a flora fossilizada de eras primordiaes e o elemento com que forjo gigantes de ferro – a torre Eiffel²⁸⁹. E que me resta de tão afanoso labor; a terna grilheta da escravidão que me obriga a arrastar n'uma condemnação de precito o pesado trambolho da Miséria.

E a Natureza circundava sorrindo, o Trabalho que abandonara o alvião, internando-se na floresta, pensativo.

Subitamente o sol obscureceu-se; uma nuvem negra, opaca, interdictou-lhe a luz e a Terra immersa em densa treva, parecia presa d'um estranho cataclismo que a empolgasse nos seus potentes braços. Os passarinhos emmudeceram; as fontes estancaram; os ribeiros detiveram o serpear prateado; as flores esconderam as corollas brilhantes entre as folhas e a Creação extatica, immobilisou-se como se a vida universal se houvera extinguido n'uma final pulsação.

Um estampido enorme reboou no espaço, estremecendo as montanhas, das raizes aos mais elevados pincaros. A nuvem desfez-se, desaparecendo; e o immenso laboratorio do Universo continuou na sua interrompida laboração.

Uma loura creatura, de cabellos ondeantes, esparsos á brisa que os acariciava e envolta em brancas roupagens, semelhando um lyrio, substituiu a nuvem.

²⁸⁹ A Torre Eiffel fora construída com motivo da Exposição Universal de 1889.

Estendeu o braço em direcção á floresta que interrogava com o penetrante olhar, bradou com sonora voz: – *Trabalho*, vinde a mim. Um ruído de troncos e folhas ressequidas estalando sob os pés pesados do hercules, annunciou a sua chegada á bocca da floresta.

E o homem-athleta, arrastando as grillhetas, aproximou-se receioso e perturbado, encarou com a doce visão de cabellos louros e perguntou timidamente:

– Quem sois, formosa deusa, que por instantes detivesteis o meu produzir de seculos?

– Sou a Idéa!... respondeu a esculptural figura, sorrindo entre as vaporosas nuvens das brancas roupagens.

– A Idéa!... exclamou, o Trabalho caindo de joelhos.

– Levantae-vos²⁹⁰: disse a branca aparição, estendendo a mão avelludada á mão callosa e negra do miseravel. Essa posição só pertence aos criminosos. E tu, tens sido sempre o meu dilecto amigo, e executor das minhas sentenças, o companheiro inseparavel da minha filha – a Civilização. É com o teu vigoroso pulso que tenho transformado o Homem do ser bravio do periodo rudimentar, no Edison, no Pasteur, no Camões, no Hugo e tantas outras crystallisações sublimes do espirito humano. É com o teu auxilio que tenho mudado a face da terra, transformando tudo, religiões, privilegios, tradições, sciencias, artes, castas, tudo hei mudado.

O Trabalho inclinando a frente, beijava com os grossos labios a mão delicada que se lhe estendia e vertia copiosas lagrimas que a Terra absorvia, fecundando-se. Retomando a erecta attitude, o homem de aspecto duro e triste, encarou a Idéa e perguntou-lhe:

– Fostes tu, mãe amantissima que me ensinaste na infancia, a exterminar os patricios e a derrocar os colyseus, onde os meus filhos eram devorados pelas feras n'uma lucta deshumana?

²⁹⁰ Como já foi explicado em nota 259 supra, o conto intitulado *A pneumonia* apareceu mal publicado no jornal *A Federação*, contendo parte de um outro relato. Trata-se do texto que reproduzimos a seguir. Vid. RUY – Folhetim do jornal *A Federação*. *A pneumonia*. *A Federação*. Lisboa: n° 1 (1894), 7 de janeiro, p. 3-4.

– Fui.

– Fostes tu, que me armastes o braço com o gladio da Justiça e que quebrastes as algemas da escravidão que me arroxavam os pulsos?

– Fui.

– Fostes tu, que me impellistes a incendiar os velhos castellos, tingindo as ruínas fumegantes com o sangue dos altivos e crueis senhores?

– Fui.

O Trabalho emmudeceu, deixando pender tristemente sobre o peito robusto a cabeça que começava de alvejar.

– Em que pensaes? perguntou insinuante a Idéa.

– Na eterna grilheta que me chumba á perna o secular trambolho da Miséria, respondeu: Os meus filhos teem fome e são agricultores, teem frio e são mineiros, não teem abrigo e são pedreiros, andam nús e são tecelões, caminham descalços e fabricam o calçado e curtem as pelles dos animaes²⁹¹. Que estranho mysterio este que me envolve n’uma maldição de seculos? Que implacavel e desconhecido inimigo me persegue desde a noite dos tempos?...

A Idéa tocou-lhe docemente no hombro e indicando com a mão estendida o flanco d’uma montanha proxima, mostrou-lhe um carro de diamantes, de rodas de raios de ouro, puchado por phantasticos cavallos que, pelas dilatadas narinas, expelliam os mais mimosos estofos e as mais ricas pedrarias, repoltreava-se em fofos cochins um homunculo vermelho como o fogo, com um abdomen semelhante uma montanha. Eil-o, o Caim que atravez a Historia se tem offerecido em holocausto no altar do Egoismo. Ali está, o monstruoso vampiro que tem sorvido a vida de infinitas gerações de trabalhadores. Eis a phenomenal giboia que tem trucidado nos seus ferreos anneis, milhões de miseraveis. Vel-o, é o Capital.

O Trabalho reconhecendo-o, bradou: é elle, é o patricio, é o senhor, é o nobre, transformou-se em... – Burguez! concluiu a Idéa.

²⁹¹ Este recurso, que opõe a produção do operário às próprias necessidades, aparece mais vezes na obra de Ernesto da Silva. Vid., por exemplo, os contos *A pneumonia*, *A saída da fãrica*. (*Diálogo operário*), ou *A sesta*. (*Diálogo operário*).

E o carro despedindo scintillações que cegavam, desapareceu entre nuvens de oiro.

O Trabalho, dirigindo-se á Idéia murmurou, reconheci-o: – E julgava tel-o aniquilado com os *Direitos do Homem!*...

– Descansa! E a Idéa, mettendo a mão no seio opulento retirou-a, empunhando uma pequena lima em que um artista genial gravara a palavra – TENACIDADE. E entregando-a ao Trabalho, segredou-lhe:

– Com este instrumento cortarás em breve periodo a anilha que desde a infancia te chumbaram á perna vigorosa.

Trabalha sempre; e quando a anilha cortada em dois pedaços tombar no solo, o teu inimigo secular desaparecerá da Terra, porque a vida d'elle reside no arrastar do pesado madeire, que movimentas todos os dias, caminhando.

Ainda as palavras da Idéa resoavam no espaço, quando um horrivel trovão se fez sentir de novo e a Idéa desapareceu; uma nuvem negra, opaca, desceu das alturas, velando a luz do sol e a Natureza cessou por instantes a sua laboriosa gestação.

Rapido o sol innundou novamente de luz a Terra, os passarinhos recommçaram os canticos de amor, os ribeiros continuaram serpeando e as flores inclinaram docemente as corollas brilhantes de rócio.

O Trabalho, sentando-se sobre a relva, começou a morder com a lima da Tenacidade a grilheta da Miséria.

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

O ABORTO²⁹²

O sol invadia com grandes jactos de luz toda a casa.

Curvado sobre a mesa, Pedro olhava sem ver os grandes livros em que escrevera toda a noite, absorvido por um intimo cogitar.

Com dificuldade concluiu o trabalho que trouxera do escriptorio.

Os queixumes que na vespera ouvira a esposa fazer, tiravam-lhe a tranquilidade e pesavam-lhe na consciencia como se tivesse cometido um crime.

Ouvira-lhe dizer para a mãe que a visitára, que sentia nauseas e uma dor que lhe invadia o corpo, obrigando-a a dormir... E ella concluiu – dir-se-hia que estou grávida. Não quizera ouvir mais.

A suspeita que a esposa nutria, aniquilava-o. Comparava, com situações idênticas, os queixumes que surprehendera; rebuscava na memoria minucias esquecidas; evocava datas, combinando-as; e a tranquilidade que procurava conquistar, desvanecia-se, de mais em mais, como onda de fumo á mercê do vento.

Angustiosa realidade que já entrevia.

Um filho!...

Já tinha trez! E no escriptorio recebia sómente seis tostões.

²⁹² RUY – Folhetim do jornal A Federação. O aborto. *A Federação*. Lisboa: n° 8 (1894), 25 de fevereiro, p. 2-3. Neste conto Ernesto da Silva aborda pela primeira vez o tema do aborto, mas não será a última. Será também o argumento do conto *O intruso*, de 1901, e do drama *Em ruínas*, de 1903. Em *O intruso* é mantido o nome do protagonista, mudando o nome dela, Luiza.

Trabalhava dia e noite, fazia prodígios de economia, não conhecia o goso e só com dificuldade podia manter o presente.

O que seria no futuro, agravado, o equilibrio domestico com o augmento d'uma bocca?... Economisar mais?!

Não era possivel!... O sacrificio attingira o maximo. Havia annos que não ia ao theatro, os sapatos soffriam tres e mais concertos, o *frack* preto, esverdeava de uso e, a pesar de tudo, na lucta pela vida, era vencido, ao leve embate da compra d'um vestido para a mulher.

Infame sociedade, pensava.

Eu que dou toda a minha vida ao trabalho, que esgota toda a seiva n'um constante labutar, que precocemente envelheço sob tão afanosa lida, estremeço de susto por ser pae e odeio um filho que vem roubar o pão de seus irmãos. Nujenta e injusta sociedade que só concede coração a quem tem dinheiro!

E uma lucta tremenda entre a rasão do homem e o coração do pae, innundava-lhe, de suor, a fronte espaçosa e intelligente, onde se collavam os anneis do cabelo, preto como ébano.

*

* *

Á mesa do serão Pedro e a esposa trabalhavam como de custome, elle escrevia, ella remendava os bibes de riscado azul dos pequenitos que dormitavam no quarto proximo.

Subitamente, Pedro, levantou os olhos da escripta e fitando pallido o rosto da mulher, perguntou-lhe:

– Elisa, diz-me, estás doente?

– Doente!... não... não estou, respondeu ruborizando-se. E fallando a custo concluiu: – Porque perguntas isso?!...

– Ouvi, queixando-te a tua mãe, que te sentias mal... nauseada... somnolenta...

– Perdão!... atalhou Elisa, desculpa não ter sido franca contigo, não queria apoquentar-te.

– Então é certo?!... exclamou Pedro perturbado, como um criminoso que vê fugir a derradeira esperança.

– É sim!... estou grávida!...

– Ouve Elisa, tenho sido um bom marido e creio que bom pae, mas n'este momento é impossivel!... Tenho passado muito... Não ha outro remedio... Não poderíamos viver. E chorava.

– Não comprehendo!... Que queres dizer com taes palavras!...

Pedro, baixando muito a voz, tremula pelos soluços, aproximou-se da esposa, relanceou o olhar, velado pelas lagrimas, por todo o quarto como se desconfiasse das paredes; e, timidamente, disse: – Tens que abortar!...

– Nunca! bradou indignada, fóra de si, Elisa.

Pedro tomou-lhe os pulsos e n'um tom em que a mais profunda raiva transpareceu, accrescentou:

– Dizes nunca, e só por milagre escapamos da miseria; dizes nunca, como mulher e esqueces como mãe, que esse novo encargo traz a ruina do futuro dos que além dormitam. Ouve-me, se não cederes, amanhã não poderemos educar os outros que, sem instrucção, serão lançados á rua, começando a vender cautellas²⁹³ e terminando na prisão. E o já infeliz embryão que occultas no seio é victima, d'antemão, condemnado ao soffrimento e á dor pela sociedade que tudo vende e nada offerece, desde o pão do estomago, ao pão do espirito.

O que tens no ventre é um miseravel, não tem logar no banquete da vida e vem roubar os que já cá estão.

Soluçante, a infeliz senhora caiu nos braços do marido, balbuciando.

– Tens razão!...

E os dois esposos abraçaram-se vertendo copioso pranto.

*

* *

²⁹³ Senha que justifica a quota-parte de um bilhete de lotaria.

Deitada no leito, Elisa não parecia a mesma. A doença transfigurara-a. Offerecera-se em holocausto á miseria do lar. Uma parteira reputada *habil* visitara-a por duas vezes.

A operação não correra bem e uma febre intensa, apossara-se do corpo da pobre mãe, minando-lhe o organismo, n'um trabalho lento, mas ininterrupto.

A vida evolava-se dia a dia do franzino corpo. O marido estava desenganado. O medico fôra rude e claro nas suas afirmações.

N'aquella tarde Elisa sentiu-se peor, despediu-se do esposo, beijou os filhos e, reclinando a cabeça sobre a almofada, exalou o ultimo sopro da vida.

*
* *

A sociedade caminhava sempre.

O ouro continuava a esmagar os parias, as sedas sobrepunham-se aos andrajos, os trens atropellavam os mendigos, as ricas baixellas ostentavam-se auriluzentes nas mesas sumptuosas, tudo era normal e nenhum grito de revolta vinha empanar os ruidos alegres dos festivaes.

A Justiça continuava cega.

A Moralidade cerzia a branca tunica das occasiões solemnes.

Na vasa, no esgoto, demandando a praia lodacenta, o feto envolto na immundicie, producto da digestão da cidade, ia accordando os echos do ano, chamando vingança, contra os assassinos que o tinham morto, matando a mãe, vestindo de negro crepe os irmãosinhos que, abandonados, choravam, olhando o ceu, a procural-a.

A onda nauseante crescia, arrastando-se viscosa, pestilencial, em contorsões de cascavel; e o feto, o embryão do futuro, o homem d'amanhã, bradava.

– Vingae-me!

Ruy

LUZ E SOMBRA. (PHANTASIA)²⁹⁴

Na esbrazeada cratera do poente, immergeia em ondas de fogo a lampada universal. O crepusculo incrustava no firmamento arroxeados listões, quaes vergões gigantes d'um chicote colossal.

E Luz agonisante, succumbia; a Treva, alastrava-se vencedora.

De fundo das minas, do coração dos subterraneos, do alto das mansardas em tetrico cortejo, surgiam operarios esqueléticos, viuvas tiritantes, creanças mutiladas, caminhando sem bussola, sem arrimo, sem guia.

Nenhum coração os chorava, nenhuma consciencia os defendia.

Tudo era torvo e negro a Terra vestia luto, o pranto imperava e a Desolação arrastando o tragico mancto espargia sobre o famelico bando as gottas amaras do soffrimento.

Só a Miseria ria.

No cimo de escavado serro, aphrodisiava o felino instincto na contemplação da obra produzida.

O cortejo approximava-se.

Eram mineiros, queimados pelo *grisú*, em hecatombes horriveis, pallidas mulheres de andrajos negros, creanças famintas e desmembradas.

A quem buscaes?... bradou a repellente megera, interrogando a multidão.

– Tende piedade?... O soffrimento é muito; respondeu a turba dos miseraveis.

²⁹⁴ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Luz e sombra. (Phantasia). *A Federação*. Lisboa: n° 9 (1894), 4 de março, p. 2-3.

– Queixae-vos!... Escuto-vos, sêde rapidos.

Um mineiro velho destacou-se da multidão e com custosa voz exclamou trememente.

– Trabalhei sempre; velho, gasto, expulso da mina, só um neto me restava, amparando-me na lucta tremenda da vida, a galeria desmoronou-se, um pedregulho infame, cobarde, prostrou-o no leito da dôr.

Sou velho; luctei emquanto pude, compadecei-vos!...

– Ide, caminha sem descanço, comerás os cardos dos vallados, as pedras dos caminhos. É efficaz; enche o estomago e retempera o odio.

O velho partiu soluçante.

Quem mais se queixa?... inquiriu a sinistra figura, estendendo a mão descarnada, empunhando o aguilhão da Fome.

A viuva d'um pescador, tomou o logar do velho mineiro.

– Escutae-me!... Tres interminaveis dias o esperei em vão. De manhã á noite, nos penhascos da costa, interroguei o azul do ceu, o verde das aguas... Nada!... Alonguei o olhar ancioso e na amplidão do mar, não divisei a branca vela do fragil baixel em que partira. O oceano tragou-o!... Poupae as creanças; meus filhos não teem pae. Não queiraes ser inexoravel! A lareira não tem cinzas, a arca não tem pão.

– Parte; corre ás cidades, apaga o pranto que cresta as faces, aluga o collo, vende sorrisos, conquistarás assim o pão dos filhos; vae-te.

A viuva affastou-se, velando com as mãos o ruborizado rosto.

Do alto do cerro escalvado o aguilhão da Fome desceu a embeber-se nas carnes rosadas da esposa do pescador.

A voz vibrante, mettalica da Miseria, encheu o espaço novamente, dirigindo-se á turba esfaimada e supplicante que a rodeava.

– Apressae-vos!... Tenho que partir a semear o odio, tenho de povoar as prisões, fazer transbordar os prostibulos, arrancar a grinalda das virgens, calar a consciencia dos homens, vender o leite das mães.

Quem mais se queixa?...

Um rapazito de cabellos louros e olhar puro como um sonho infantil, substituiu a viuva.

– Senhora, a Machina, triturou-me um braço... Sou só no mundo!... Perdido para o Trabalho, olho em redor e não encontro um rosto amigo... Se á noute cosido ás esquinas, estendo o *bonet* esmolando, repellem-me, injuriam-me. Salvae-me; de joelhos, vos imploro.

– Ingenuo!... Aproveita a escuridão das noites sem luar; escala os palacios, assassina, rouba, a Machina poupou-te um braço... Utilisa-o; não te lamentos.

E a creança partiu, fuzilando-lhe no olhar outr’ora puro, o germen da preversão.

A Miseria sacudiu as esfarrapadas vestes, lançando no vacuo as lagrimas dos miseraveis. Imperiosa, ordenou ao famelico bando que voltasse á mina, ao subterraneo, á mansarda.

O andrajoso cortejo, movimentou-se desaparecendo nas dobras dos caminhos, gravando no pó das estradas, os descalços pés.

*
* *
*

A Aurora gargalhava luz, entre os purpurinos labios de arrebol.

A brisa beijava as rosas, curvando-as docemente ao contacto do amoroso osculo, as andorinhas cortavam o espaço, sustendo no bico debil o pequeno grão sustento da prole, os tigres espreguiçavam-se somnolentemente nos juncaes, amamentando os filhos.

A Luz dominava, a Paz impunha-se.

Em sumptuoso palacio a Fraternidade recebia os escolhidos.

Eram almas de poetas, sonhos de virgens, proletarios humildes. E mostrava-lhe atravez o crystal das janellas o mundo prenhe de ruins paixões, de emboscadas temerosas, de desejos infames, redopiando em torno do Egoismo.

Os proletarios, as virgens, os poetas estremeciam de horror.

A Fraternidade, sorriu, olhando o aterrorisado grupo.

– Tranquillisae-vos!... Á minha aparição na Terra, tudo se transforma. Os homens teem alma, os leões não teem garras.

– E aquella velha, horripilante, fera, que além arma o braço do bandido; perguntou a alma do poeta, indicando a Miseria que ao longe se entrevia, esqueletica, andrajosa.

– É a minha cruel adversaria, conheço-a. Não a temo porém. Mais de uma vez tenho parado no escudo, os golpes brandidos pelo repugnante punho. Milhões de victimas lhe hei conquistado. O seu poder terminará, logo que o meu dominio esteja assente no coração dos homens. Contra mim, nada pode.

– Olhae; e tomando um reposteiro correu-o com gesto rapido.

A alma do poeta extasiava-se, ante a suavidade da visão.

Junto á cama do jovem mineiro enfermo, homens robustos, recobertos do pó da *bulba*, entornavam sobre a modesta banca o producto do trabalho no ventre da Natureza.

O velho que partira soluçante sorria enternecido.

Na praia, rumorejavam as ondas orladas de prateada escuma, beijando o costado da lancha nova, o pescador robusto, tisonado pelo sol, lançava nos ares uma canção alegre, acariciando os filhos.

A viuva que se affastara ruborisada, concertava as redes.

No salão de honra da Academia a creança mutilada, feita homem, defendia intelligentemente a these final do curso. O *jury* arrebatado prophetisava um sabio.

Uma viuva milionaria adoptara a creança.

– A alma do poeta, interrogou delirante a Fraternidade.

– Como conseguisteis tal, sopro divino, essencia pura do bem?!...

– Com o coração dos operarios. Com a alma d’um povo. Com o amor da mãe. Eis as armas que me prego quando lucto.

É assim, que destrúo a nefasta obra da Miseria. Arranco ao Vicio a donzella, vedo o carcere ao desprotegido, dou alento, dou luz, dou vida aos pequeninos seres esparsos no Mundo que sós, desprotegidos, seriam empolgados pelo Mal, como isoladas florinhas que o cyclone devasta-

dor arrancaria pela raiz, lançando-as á voragem. Extrahir do pantano do Egoismo a alma do homem, dar-lhe a consciencia que é o Rei da Creação, eis todo o meu trabalho.

E n'um amoroso olhar abraçou os proletarios humildes, dos sonhos das virgens, a alma dos poetas, que n'um coro divinal, immenso, exclamavam:
– Como és bella, Fraternidade, e como nós te amamos.

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

A FABRICA²⁹⁵

A chuva tamborilava nas vidraças do casebre. Quando em quando, a azulada luz dos relâmpagos illuminava as cristas dos montes, d'onde as aguas se despenhavam, transformando os regatos em caudalosos rios, que transbordavam saindo fóra dos leitos, arrastando na impetuosa marcha a semente lançada á terra. Os ramos das arvores nús de folhagem, torciam-se e estalavam aos empuxões brutaes do vento que soprava furioso.

O inverno dominava triste as campinas alagadas.

Junto á lareira, o velho Jeronymo olhava tristemente as avermelhadas linguas de fogo que irrompiam do brazido quasi extincto. Esquecido do mundo, mergulhava o espirito nas recordações do passado, revolvendo as cinzas da juventude que passara, e não voltaria mais.

Fôra feliz outr'ora, apezar de pobre.

A imagem nitida da companheira, que ha muito repousava no cemiterio da terra; a infancia descuidosa dos filhitos, o ruido do tear que jazia a um canto, desarmado, roido da ferrugem, accudiam-lhe ao cerebro.

Do passado, só lhe restava o filho mais novo, robusto rapagão de rosto queimado pelo ardor do sol e grandes olhos expressivos. O mais velho, empolgara-o a caserna e ha muito que não dava noticias de si.

O tempo destruiu tudo.

Capitalistas vieram de longe, montando uma fabrica de lanificios onde machinas celeres vomitando continuamente productos, haviam destruido o

²⁹⁵ RUY – Folhetim do jornal A Federação. A Fabrica. *A Federação*. Lisboa: nº 10 (1894), 11 de março, p. 2-3.

trabalho domestico dos operarios da aldeia. A producção multiplicava-se, invadindo o mercado e pouco a pouco desaparecera-lhe o trabalho e com elle o pão. Vencido na lucta, o velho fiandeiro curvou a cabeça, abandonou o tear e tomando a mão do filho, deu entrada na fabrica, acceitando resignado a escravidão imposta pela sineta industrial.

O recordar, fazia-lhe brotar dos olhos cançados, pesadas lagrimas que deslisavam pelos fundos sulcos do rosto encarquilhado pela idade.

O velho Jeronymo limpou ás costas da mão os olhos chorosos e virando-se para o filho, que encostado á mesa lia *O Revoltado*²⁹⁶, exclamou: – Vamos deitar Filippe²⁹⁷, já são horas; a sineta toca ás cinco.

O robusto rapaz abandonou a leitura, dobrou o jornal que metteu no bolso da *blouse*, e fitou o velho pae, dizendo com voz zombeteira: – Vamos lá!; a burguezia manda... Os negros obedecem!... E acompanhando o pae, desapareceu no interior do casebre.

O silencio tornou-se absoluto no modesto albergue e só o vento fóra se fazia ouvir, assobiando nos esqueléticos troncos das arvores da estrada.

*
* *

A sineta da fabrica fizera resoar no espaço, como era costume o signal da entrada.

Embalde o fizera.

²⁹⁶ Trata-se de um jornal de Lisboa que apareceu em 1887, de tendência anarquista, dirigido por José Augusto Guedes Quinhones (1861-1911). Victor de Sá afirma que se publicou ao menos até 1893. *O Revoltado* era continuação do mensário *A Garlopa* (Lisboa, 1886), órgão da União Fraternal dos Carpinteiros Cívicos, também dirigido por Guedes Quinhones, que em 1891 será redator do semanário *A Obra*, novo órgão da Associação dos Carpinteiros Cívicos. Vid. SÁ, Victor – *Roteiro da imprensa operária e sindical 1836-1986*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 76.

²⁹⁷ Ernesto da Silva nomeia esta personagem como a um dos seus melhores amigos, Filipe Ferreira, trabalhador como ele da Imprensa Nacional, que o socorreu aquando o momento da morte.

Os operarios aggrupavam-se á porta, sem entrar, nos olhos brilhavam-lhe raios de colera mal soffrida e punhos ameaçadores, erguiam-se dispostos á lucta.

As machinas permaneciam silenciosas.

Rebentára a *gréve*.

Ha muito que os operarios se queixavam das longas horas de trabalho, acompanhadas de redução no salario. Nomearam commissões que entrevistaram o director-gerente.

O director, grave, correcto, de calva luzidia e *revolver* na secretária, respondera que a fabrica era para quem conviesse; não obrigava ninguém; o capital atravessava uma crise geral; quem não quizesse aceitar o regulamento que fosse para a rua. E concluiu: – no caso de desordem requisitarei a força.

No meio da multidão, Philippe exhortava os companheiros a não cederem.

– Canalhas!... bradava no auge da colera; é assim que constroem palacios, é com o suor do povo explorado que sustentam os lacaios e as amantes... E possuido d'uma crença profunda, continuava: – um dia nos entenderemos, raça de cães, bandidos burguezes, peiores que os ladrões de estrada.

O velho Jeronymo puchava-lhe pela *blouse*, amedrontado.

– Largue-me, pae. Aquelles malandros, e apontava o *chalet* do director, contiguo á fabrica; hão de apanhar uma ensinadella. Teem muito dinheiro; então movimentem as machinas, exclamava, soltando gargalhadas em que um intenso odio transparecia.

A voz vibrante de Philippe ganhava o coração da massa sedenta de vingança.

Os operarios em côro bradavam: – Ninguem vae á fabrica! Ninguem trabalha!...

Mulheres saíam da multidão e mostrando os remendados vestidos, exclamavam: – Os armazens cheios de tecidos e nós quase núas... grandes pulhas!

Á excitação, aproximava-se da loucura; ameaças de dynamite cruzavam-se no espaço.

A população antes risonha e descuidosa, esquecera as canções alegres do campo, embrutecida pelo ruido constante do machinismo a natural poesia do traje, cedera o passo aos farrapos ennodoados no azeite que escorria das engrenagens. As raparigas já não tinham no rosado das fazes a frescura da natureza livre, eram pallidas, sem expressão no olhar, caminhando pesadamente quando á noite abandonavam a fabrica.

A exploração burgueza, a tyrannia capitalista, asphyxiando o trabalho livre nos braços ferreos do salario, produzira á sua obra anti-natural, devastadora.

*
* * *

O director requisitára a força. O capital dos accionistas não podia estar á mercê de operarios revoltados.

O edificio ennegrecido pelo fumo, continuava silencioso como um tumulto, circumdado de soldados de physionomia boçal.

As bayonetas relampejando ao aol, ameaçavam os fiandeiros, dispostos a sustentarem a *gréve*.

Filippe, seguido do velho Jeronymo, animava os grupos de operarios, que impotentes, começavam de fraquejar e em breve succumbiriam á exploração patronal, impellidos pela fome.

O capital bloqueava-lhes o estomago.

O velho Jeronymo reprehendia Philippe, baixando a voz: – Foi uma tolice, seremos totalmente esmagados.

As palavras de Jeronymo, caíram no coração de Philippe como uma faúlha n'um barril de polvora.

Desvairado, correu á multidão.

Rapazes, os ladrões burguezes assassinam-nos com a fome.

Quem me acompanha á desforra?...

A multidão electrisada pelas palavras de Filippe, bradou unanime: – Todos!... Todos!...

Cacetes, fouces, forcados, espingardas, surgiram; e homens, mulheres, creanças caminharam em direitura ao *chalet*.

A sentinella sorriu, fixando o maltrapilho grupo e o grito: – *Ás armas!*... repercutiu-se no valle.

Soldados accudiram rapido, empunhando *kropatschecks*²⁹⁸, o commandante de espada núa, deu a voz de fogo.

Homens, mulheres, creanças, rolaram no chão; o sangue salpicou a relva de vermelhas nodoas, pedras impulsionadas com furia, desfaziam os vidros coloridos da janella do *chalet*. A multidão não desanimava.

Na vanguarda dos operarios, Filippe luctava desesperadamente; desarmara um soldado e empunhando pelo cano a espingarda, fazia tombar os mais audaciosos. As balas respeitavam-n'ò. Mais um momento e os operarios invadiriam a fabrica e incencial-a-hiam.

O som agudo d'um clarim, annunciando um reforço, encorajou os soldados e a multidão esfarrapada, estupefacta, hesitou um instante.

A confusão estabeleceu-se, homens abraçados luctavam doidos, furiosos, possuidos d'uma grande sede de sangue.

²⁹⁸ A raíz dos Acordos tomados em Berlim em 1885, o Estado português assinou um contrato com a empresa *Ostereichische Waffen Fabrik Gesellschaft (O.E.W.F.G.)* em Steyer, na Áustria, para o fornecimento de 40.000 espingardas tipo «Guedes», 6000 para caçadores e 3000 para cavalaria, todas de 8mm, as quais permitiam nelas o uso dos mesmos cartuchos. Mas as dificuldades que apresentavam as «Guedes» obrigaram a uma renegociação do contrato, sendo substituídas pelas «Kropatschek», o que levou ao aumento da receita até aos 132.000 réis. A Marinha comprou também 3000 espingardas e 1000 carabinas. Com este investimento Portugal foi, com a França, o primeiro país em adotar um calibre reduzido. Em 1888 o Estado comprou mais 4800 carabinas para a engenharia, sapadores e Guarda Fiscal. As armas foram distribuídas nas unidades metropolitanas, nas unidades Ultramarinas, na Guiné e, especialmente, em Angola e Moçambique. Posteriormente, foram alteradas na Fábrica de Armas para poderem utilizar cartuchos sem fumo, num processo concluído por volta de 1896. Ainda neste ano foram compradas armas ainda mais modernas, como a «Mannlicher» e a «Mauser-Vergueiro», já em 1904, o que levou ao afastamento das «Kropatschek» nas cidades portuguesas. Todos estes dados em PINTO, Renato Fernando Marques – As indústrias militares e as armas de fogo portáteis no exército português. *Revista Militar*. Nº 2495 (2009), dezembro. Disponível na Internet <https://www.revistamilitar.pt/artigo/528>. Surpreende o conhecimento preciso de Ernesto da Silva das armas utilizadas pelo exército e pela polícia metropolitana da cidade de Lisboa.

O tiroteio misturando-se com o som das bayonetas que se chocavam, acordava os eccos da planície. Operarios fugiam, pisando cadaveres e os soldados na embriaguez da victoria, semelhavam feras.

Vencera o Capital.

No meio da força, Filippe reconhecera o irmão e suspendera o golpe; derrubado immediatamente, ligaram-lhe os pulsos com grossas cordas.

O commandante elogiava a bravura dos soldados e destacava no elogio o 64 da 4.^a, o filho de Jeronymo.

Fôra um bravo, não admirava, costumara-se a lutar em Africa²⁹⁹, contra o gentio.

No fundo de um barranco o velho Jeronymo, com o olhar vitreo, corria-lhe pelos cantos da bocca uma escuma sanguinolenta. No meio do peito, metade de uma bayoneta desaparecia. Estava morto.

O commandante continuara elogiando a força. O 64 aproximou-se respeitoso, fez a continencia da ordem e participou que a bayoneta se partira durante o ataque.

– Não tem duvida, arranja-se outra, respondeu o commandante, sorrindo.

De punhos amarrados, Filippe olhava o irmão, o 64; como lhe chamava o official.

Subito, tossiu e cheio de odio, impellido por um desprezo profundo, escarrou na fardeta do 64, exclamando: – És um canalha!...

Ruy

²⁹⁹ O narrador alude à contestação dos direitos históricos de Portugal nas colónias africanas, motivo que levou o país a enviar expedições para garantir a ocupação efetiva do território na sequência dos acordos tomados na Conferência de Berlim, em 1884-1885.

NA AVENIDA³⁰⁰

A *caridosa* festa réclamada pela imprensa, attrahira a multidão.

Era a festa dos ricos a favor dos pobres.

Encostado ao arame da barreira o povo apinhava-se, sedento de goso, avido de riqueza, lançando cúpidos olhares às parelhas fogosas e aos brilhantes que scintillavam nas orelhas finas, rosas, das aristocratas damas.

A multidão apertava-se, soffria, mas sentia-se bem. Esquecia o lar triste, desconhecado, frio.

Na lama do *macadam*, matisada pelo *confetti* de côres vivas, saquinhos de velludo, *bonbons*, rebuçados, *bouquets*, tombavam, acordando fulgurações no olhar da petizada andrajosa que veloz transpunha a barreira a conquistal-os. *Serpentinos* impellidos pelo vento, enroscavam-se caprichosamente nos chapéus altos dos lacaios e suspendiam-se das rodas das carruagens, arrastando-se enlameados, sujos.

Sportmans, cavalgando corseis de fina estampa, caracolavam obsequiosos á estribeira de carruagens recobertas de verdura e camelias, onde grandes ranchadas de gentis donzellas, davam uma nota virginea, ideal na alvura immaculada das *toilettes*.

*Horissotaes*³⁰¹ sollicitando sorrisos e *bouquets*, perpassam em *typoias* d'aluguer, denunciando no rosto pintalgado de *clowns* o estygma da orgia.

³⁰⁰ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Na Avenida. *A Federação*. Lisboa: n° 13 (1894), 1 de abril, p. 2.

³⁰¹ LAPA, Albino – *Dicionário de calão*. Lisboa: s. ed., 1959, define a «horizontal» como «mulher que se prostitui por hábito ou por modo de vida; meretriz fina», p. 120; mesma

Actrizes em busca de celebridade, espreitam do fundo das *cadeirinhas* quaes tartarugas dentro da casca, assestando impertinentemente os *lorg-nons*, enquanto os conductores vergados ao peso do vehiculo, olham boçalmente a multidão que os apupa.

As flores cruzam-se no espaço, a aristocracia *vieille-roche*, mistura-se com a burguezia dinheirosa, as bandas tocam o hymno real³⁰², os garotos debruçam-se dos ramos das arvores a que subiram, a turba acotovella-se, criticos em disponibilidade, ensaiam o collocar do monoculo e rebuscam no cesto das flores, o raminho das occasiões solemnes.

Chegára a rainha³⁰³.

*
* * *

A batalha continuava apesar da chuva.

Apoiado á bengalla, junto á barreira, o velho Julião collocára o neto diante de si.

Paciente, soffria a chuva; quizera retirar mas o pequeno estava tão alegre a bater as palmas, que desistira do intento.

Nada mais lhe posso offerecer; pensou o velho, pousando a mão sobre a cabeça da creança e uma nuvem de tristeza ensombra-lhe o rosto pallido.

Estava em *gréve* havia um mez.

O dono do jornal em que era tyographo; poderoso banqueiro e influente politico, que o explorára durante 35 annos, a pretexto de economias reduzira-lhe o magro salario.

definição em SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2ª ed. 2000, p. 365.

³⁰² *Hino da Carta*, hino nacional adotado em maio de 1834 e até outubro de 1910, da autoria de D. Pedro IV, em letra e música.

³⁰³ Na altura da publicação do conto, a rainha de Portugal era D. Amélia de Orleães (1865-1951), esposa de D. Carlos.

Revoltára-se e viera para a rua a lutar contra o argentario que passando por *caridoso e temente a Deus*, não hesitára em cercear-lhe o já minguado quinhão de felicidade que no mundo gosava.

O velho permanecia cabisbaixo e indiferente ás engalanadas equipagens que se succediam; a riqueza, o luxo, o goso dos felizes, adormecera-lhe por instantes o doloroso soffrimento que o atormentava, para despertá-lo exacerbado pelo entraste offerecido na magnificencia do festival.

Elle que trabalhara sempre, gastando-se prematuramente no labor nocturno, não tinha pão, e os que durante a vida despreoccupada e feliz nada tinham produzido sobeja-lhes o ouro.

Pungente ironia.

O neto puchou-lhe a mão e perguntou:

– Ó avô, esta festa é para os pobres; não é?...

Julião sorriu e respondeu amargamente:

– Não!... É para os ricos!

– Mas a avósinha leu no jornal!...

– Isso; era a brincar, concluiu tristemente o velho typographo.

*

* *

Na rua central dera entrada um novo carro, puchado a tres parelhas de possantes cavallos. A exuberancia de vegetação que o revestia, lembrava um jardim, palmeiras de largas folhas, elevavam-se magestáticas, acompanhadas de arbustos que bracejavam no espaço.

Julião, chamado a contemplá-lo pelo neto, empallideceu; nos olhos cançados pelo *serão*, fuzilou-lhe o mais profundo odio, estendeu o punho fechado como se pretendia esmagá-lo, exclamando raivosamente: – Um protector dos pobres!...

Era o carro do banqueiro que fazia economias a diminuir salarios.

A festa era de caridade, não devia faltar.

Do cimo do carro caia uma chuva de flores, *bonbons*, rebuçados, eram as lagrimas dos infelizes operarios que condemnara á miseria, a quem ennegrecera a vida, a quem transformára em inferno o lar outr'ora tranquillo.

E lá ia a sorrir aos conhecimentos, desenrolando *serpentins*, que ondeavam caprichosos.

O velho Julião, tomou o neto pelos braços, levantou-o, e mostrando-lhe o ex-patrão, murmurou-lhe ao ouvido.

– Aquelle homem, é o mesmo que me lançou na miseria; aquelle *cari-doso* membro d'esta festa que tão prodigo se mostra, é quem me arrancou e aos meus companheiros d'officina uns miseros vintens, para os dispender vaidosa e hypocritamente em nome dos pobres; foi elle quem te abriu as portas do asylo, pobre orphão, foi elle quem me atirou para a *sopa economica*. As flores, os cavallos, os brilhantes que além se ostentam, são gottas de suor vertidas nas longas noites de trabalho. Olha, vê bem; e levantava a creança, os filhos são rosados, louros, teem a alegria no olhar, transpiram saude e tu és pallido, anemico, de botas rotas e olhar sombrio.

Julião depoz o neto no solo enlameado e tomando-lhe bruscamente a pequena mão bradou: – Vamos para casa, lá não ha pão mas não a habitam sapos a fingirem d'anjos.

Ruy

O BATE-SORNA³⁰⁴

No interior do *pateo* as portas dos casebres sucediam-se, destacando o verde desbotado na frontaria ennegrecida pelo inverno. Cordas suspensas de grandes pregos cravados nas paredes, vergavam ao peso da esburacada roupa que viera do tanque e que pingava, abrindo no solo pequenas covas onde a água empoçava, reluzindo ao sol.

Do fundo das habitações, saía por vezes de mistura com o cheiro enjoativo da alfazema o resto d'uma *cantiga* que o rodar pesado das carroças, dominava rápido.

Acocoradas junto á porta ^{A305}, de longos *bibes* negros que o atrasado serviço tornara *russos* e mãositas ennegrecidas pela terra, duas pequenitas espreitavam attentamente um formigueiro, esmagando com os deditos as formigas que se aventuravam a sair em busca de sustento. Proximo, um rapazito desenhava com um pedaço de carvão no reboco recente d'um *remendo* que alvejava na parede, phantasticas figuras que descontente apagava com a palma da mão, transformando-as n'uma mancha negra que alastrava na alvura da cal.

³⁰⁴ RUY – Folhetim do jornal A Federação. O Bate-Sorna. *A Federação*. Lisboa: nº 14 (1894), 8 de abril, p. 2-3. Segundo José Machado Pais, no «Glossário dos termos e expressões usados na gíria da Lisboa Boémia do século XIX», um «bate-sorna» é «o gatuno que se dedica a furtar carteiras, relógios, lenços, etc., aos indivíduos que se deixam dormir nos bancos das praças públicas». Vid. PAIS, José Machado – *A prostituição e a Lisboa boémia: do século XIX a inícios do século*. *Do século XIX a inícios do século XX*. Porto: Ambar, 2008, p. 170. Na atualidade, «bate-sornas», no plural, com este mesmo sentido.

³⁰⁵ Ernesto da Silva denuncia aqui o seu gosto pelo teatro, semelhando a orientação cénica das didascálias.

Eram os filhos do 39 da 4.^a que havia pouco enviudara.

O pãe fôra para o *varejo*³⁰⁶, deixando-os á guarda da visinha Thereza.

Desde que a mãe morrera, as creanças, quase que entregues a si proprias só entravam em casa quando o pae chegava do serviço.

A velha Thereza, pobre lavadeira, pouco podia olhar por ellas.

Que fazer?!... Interrogação a que o infeliz policia respondia, atirando-as para a rua. Haviam de se crear!... E procurava resignar-se.

Só tinha o *pret*³⁰⁷. E com os 450 havia de lhes encher a barriga. Era tudo quanto a sociedade que o empregava a prender os miseraveis como elle, lhe dispensava aos filhos. E se os não educasse, se não lhes incutisse no espirito a moral da epocha, teria que encarceral-os tambem por desrespeitarem os bons costumes.

Á porta do *pateo* appareceu o 39 da 4.^a

A petizada correu presurosa ao encontro do pae.

O 39 abaixou-se, beijou os pequenos e denunciando no rosto um ar alegre, prenuncio da intima satisfação dirigiu-se á porta *B* gritando: – Ó tia Thereza!...

Do fundo do casebre surgiu a velhota, que encarando o policia, perguntou-lhe: – Ó seu Pedro, você está contente?!...

– Se estou, tia Thereza, as petizas vão amanhã para o *asylo*.

– Bravo!... Quem lhe arranjou essa *pechincha*?!...

– Foram as *fidalgas*!...

– E o Augusto?!... perguntou a lavadeira, indicando o pequeno.

O policia ficou pensativo por momentos, mas retomando a palavra, respondeu: – Esse não me dá tanto cuidado!... Ha de ser o que Deus quizer!...

*

* *

³⁰⁶ É a ação de bater nos ramos das árvores para fazer cair o fruto.

³⁰⁷ Em francês no original: pré. Vencimento diário pago aos soldados ou militares sem patente de oficial.

Ao calor quase suffocante do dia, succedera-se com o crepusculo uma fresca viração que mais e mais se foi accentuando com o caminhar da noite.

A luz amarellada do luar entornava-se sobre a copa verdejante das arvores que a viração brandamente impulsionava, fazendo ciciar a ramaria. O ambiente saturado do aroma das flores, perturbava o cerebro e enlanguescia o corpo fatigado de transpirar. No azul escuro do ceu as estrellas punham em rapidas intermittencias de luz, fulgurações de brilhantes de pura agua no manto da noite.

A suavidade da brisa, o socego do local convidavam ao somno.

N'um dos bancos do *square*, havia já algum tempo que um sujeito trajando com esmero, dormitava, deixando pender a cabeça sobre o peito. A luz d'um candieiro incidindo no dormente, fazia reluzir no fundo escuro do collete uma cadeia *double* que se debruçava sobre o ventre.

D'um macisso de verdura collocado detraz do banco, surgiu uma cabeça. Longas melenas oleosas cahindo na testa, coroadas por um *bonet* de seda, rebrilharam á luz do gaz.

Era o *Estica*. O filho do 39, já se não chamava Augusto.

O rapazito orphão de mãe, sem um coração amigo que lhe velasse o desenvolver, que lhe guiasse o animo, que lhe protegesse a alma, desaparecera, arrastado pelo convivio da rua, na voragem do vicio.

Se tivera mãe?!...

O pae nada podia. O serviço obrigava-o a abandonal-o á influencia do meio miseravel em que desde a mais tenra infancia se desenvolvera.

Admittil-o n'um *asylo* não era possivel; tinha pae. Internal-o n'um collegio, era insustentavel, não tinha meios. A pedido de um *superior*, conseguira encerral-o por algum tempo nas Monicas³⁰⁸.

Fôra uma desgraça!...

A creança, tornou-se homem; o garoto fez-se ladrão...

³⁰⁸ O Convento das Mónicas, na Graça, hoje na freguesia de São Vicente, era, após a extinção das ordens religiosas em 1834, uma casa de correção para rapazes.

Já não era pae; a sociedade que o protegia com a sua vigilancia, gerara o *Estica*, matando-lhe o Augusto, e o *Estica* pertencia á carruagem cellular.

Elle mantinha a Ordem e a Ordem esmagava-lhe um filho...

A cadeia *double* que reluzia á luz do gaz, desaparecera do collete do dormente, e um rapazola, magro, quase esqueletico, de calças muito apertadas nos joelhos, embrenhou-se na escuridão do jardim, reaparecendo pouco depois no meio da rua, que desceu, assobiando o *fado* da Mouraria.

*

* *

É sabbado e o botequim regorgita de frequentadores.

Camareras, de compridos aventaes brancos, saracoteam-se em frente dos espelhos ao som d'um piano desafinado que estrophia os *tres ratas*³⁰⁹, despertando a lubricidade dos Lovelace³¹⁰ avinhados que apoiados ao tampo das mezas seguem o oscillar de quadris das impudicas *chicas*³¹¹.

³⁰⁹ «La jota de los ratas» é um número musical da zarzuela de Frederico Chueca e Joaquim Valverde, com texto de Felipe Pérez y González intitulada *La Gran Vía*, estreitada em Madrid a 2 de julho de 1886, de enorme successo. Friedrich Nietzsche, que a viu representar em Turim a 16 de dezembro de 1888, ficou impressionado, e em carta a Peter Gast escreveu um texto que se tem tornado famoso: «Una importante ampliación del concepto *opereta*: opereta española. He oído dos veces *La Gran Vía*, una calle principal de Madrid. Algo que no es en absoluto de importación... para ello hay que ser un granuja y un terrible individuo de instinto, y además *solemne*. Un terceto de tres solemnes gigantescos canallas, es lo más fuerte que he oído y visto, incluso como música, genial, imposible de clasificar. Como ahora estoy muy enterado de Rossini, de quien conozco ya ocho óperas, he tomado para compararla *La Cenerentola*: es mil veces demasiado bondadosa en relación con esos españoles. El argumento mismo sólo puede concebirlo un granuja redomado, mil cosas que causan el efecto de juegos de manos, tan repentinamente aparece la *canaille*. Cuatro o cinco minutos de música que hay que oír...». Vid. NIETZSCHE, F. – Carta 294. *Correspondencia*. Apud. ROMERO FERRER, Alberto – *El género chico. Introducción al estudio del teatro corto fin de siglo (de su incidencia gaditana)*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, 1993, p. 69-70.

³¹⁰ Sedutor, libertino.

³¹¹ Em espanhol no original: aqui com o sentido de prostitutas.

A um canto da casa *souteneurs* observam e calculam as gorgetas recebidas pelas amasias, sentados junto ao balcão, *filhotes*³¹² discutem, e combinam a divisão d'um *mosco*³¹³.

Tudo é lama e pús. A lepra social, exhibe-se em toda a plenitude.

Rapariguitas de pés descalços e fatos esfrangalhados, oferecem cauetellas³¹⁴ aos frequentadores que respondem com propostas revoltantes a que as pequenas sorriem com cynica e desvergonhada precocidade.

Operarios viciosos, esbanjam as férias a pagar *manzanilla*³¹⁵, sollicitando das *camareras* sorrisos que pagam com o sustento das esposas e dos filhos que em casa esperam pela ceia.

É o lodo á superficie, é a gangrena social a manifestar-se.

Pepal!... Salta uma *carocha*.³¹⁶ Grita do fundo da casa o filho do 39. O dono do botequim, comprara-lhe a cadeia *double* por 4\$500 réis.

O *Estica* com o olhar brilhante pelo alcool, gritava, olhando as *camareras*³¹⁷: – Quem precisa d'um *chimpanzo*³¹⁸!...

As portas do guarda-venta são impellidas com violencia e na sala onde densas nuvens de fumo revoluteam, dá entrada a *rusga*.

Policias da judicaria, empunhando grossos bengalões, dirigem-se aos *habitués* palpando-lhe os bolsos enquanto as *camareras* collocando-se em fila no mostrador, abandonam o meio da casa e escondendo-se astutamente as mãos debaixo dos aventaes, alojam no cós das saias as navalhas dos amantes.

³¹² Ladrões novos no officio. SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2ª ed. 2000, p. 325.

³¹³ Robo engenhoso, hábil, feito a uma casa. SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas, cit.*, p. 450.

³¹⁴ Senha que justifica a quota-parte de um bilhete de lotaria.

³¹⁵ Em espanhol no original: vinho branco criado e elaborado em Sanlúcar de Barrameda, em Cádiz, Espanha.

³¹⁶ Ponta do cigarro, mas também vinho com aguardente. SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas, op. cit.*, p. 160.

³¹⁷ Meretrizes.

³¹⁸ Talvez derivado de «chimpar», assentar violentamente; pespegar; atirar. SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas, op. cit.*, p. 178.

Á porta do *caffé* policiaes fardados esperam o resultado da rusga, recebendo ordens do chefe.

Era preciso que a colheita fosse boa; no dia seguinte esperava-se uma manifestação popular contra os novos impostos e precisava-se sujar a manifestação.

Um agente dirigiu-se ao *Estica* bradando imperiosamente: – Toca para o meio da rua!...

O *bate-sorna*, fingiu não perceber. O agente agarrou-lhe o braço e conduzindo-o á porta do botequim, chamou: – Ó 30 tome lá conta n'esse *melro*.

O *Estica* defrontando-se com o policia, poz-se a rir cynicamente, exclamado: – Então ó *velhote*, tambem prendes cá o rapaz?!... Olha que sou teu filho.

Policiaes acercaram-se. O 39 entregou o preso aos collegas, e virando-se novamente para a porta do botequim, deixou correr volumosas lagrimas. O infeliz pensava no filho que a sociedade pervertera empurrando-o para a Penitenciaria.

Ruy

O VOTO³¹⁹

A crise assoberbava o mercado e legião negra dos *sem-trabalho*, crescia, inundando a praça publica.

A Miséria qual gigantesco polvo, empolgava nos tentaculos monstruosos os miseros que não tinham, a quem vender o braço.

Jorge pertencia ao numero dos engeitados da ordem social.

Despedido da *obra* havia longos mezes; o honesto canteiro, altivo, independente, com o cerebro povoado de generosos ideaes, fôra obrigado a receber da policia a senha da *caridosa sopa* servida por aristocraticas damas³²⁰.

Humilhação pungentissima que o fizera chorar sangue.

Elle, o socialista³²¹, sentia no rosto a pita do chicote da burguezia que o victimava, negando-lhe trabalho e o escarnecia, offerecendo-lhe *ração*³²².

E um profundo odio veiu juntar-se ao ideal que o incitava á lucta.

³¹⁹ RUY – Folhetim do jornal A Federação. O voto. *A Federação*. Lisboa: n° 16 (1894), 22 de abril, p. 2-3.

³²⁰ Alude-se a iniciativas como à da duquesa de Palmela em 1895. Sobre a opinião de Ernesto da Silva neste assunto, francamente negativa, vid., por exemplo, Confederação nacional. Lisboa. Federação das associações de classe. Sessão de 16 de dezembro». *A Federação*. Lisboa: n° 103 (1895), 22 de dezembro, p. 3.

³²¹ Na produção literária de Ernesto da Silva é esta a primeira personagem que é adjetivada de «socialista».

³²² Trata-se da quantidade de alimento dado a um ser humano ou animal considerada necessária para o consumo diário.

Que vehemente desejo sentia de afogar a sociedade n'uma mar de sangue.

Mas... A mulher, os pequenos?...

Hesitava então. O coração de pae fallava alto e ficava-se abatido como um leão cançado de arremetter ás grades da jaula.

Á noite tenebrosa do desespero, succedia-se o tom rosado do arrebol da esperança que lhe vinha sorrir á alma dolorida envolta ainda n'um atavismo religioso que herdara do berço.

Sentia-se possuido do desconhecido, confiava a alma ao messianismo da miseria e sonhava...

Aquella manhã, porém era terrível.

No subterraneo de solo humido e paredes esverdeadas pelas infiltrações da cisterna proxima a Fome entoava o cruciante *requiem* das illusões que fenecem, pela bocca dos pequenitos semi-nús, a um canto sobre a podrecida enxerga, a mulher, esqualida, de grandes olhos negros a destacarem-se brilhantes no rosto pallido, arquejava, movimentando em descompasadas ondulações o ventre dilatado pela gravidez.

Nada restava.

O lar era um trigal apoz um cyclone.

Nem um grão!... E sobre as creancinhas quaes passarinhos surprehendidos no ninho por uma serpente, adejavam em redor do pae sollicitando no lacrimoso olhar, protecção contra o reptil que os espreitava, ameaçando-os com a farpada lingua.

Protecção!... Pão!... Não havia!...

A sociedade não nutre os filhos dos *sem-trabalho*. Quando muito, aconselha os paes a que os evitem e dá licença aos pequenitos que busquem nas tabernas as *buchas*³²³ dos commensaes de animo generoso.

³²³ É a comida que serve para atenuar a fome ou serve de lastro a uma bebida alcoólica.

Subito, Jorge ergueu-se, dirigiu-se á caixa verde que se encostava á parede, abriu-a, remechou no fundo, tirando de dentro um pequenito estojo de *chagrin*³²⁴ vermelho.

Era o anel que a mãe lhe offerecera á esposa no dia do casamento.

Reliquia preciosa de familia condensava a memoria da mãe que já dormia o eterno somno e era a evocação do dia feliz em que vira realizados os sonhos d'amor que durante a mocidade lhe acariciavam a alma.

Tinha que sacrificar tudo. A esposa estava enferma os filhos tinham fome!

Olhou uma ultima vez o simples anel e como se fôra vender um pedaço da alma, partiu.

O *prego*³²⁵ era proximo.

*
* *
*

O dia das *eleições* chegara. A opposição desvendava escandalos, o governo prometia votação *livre* e a policia recebia listas *numeradas*. Nas esquinas collavam-se cartazes impressos a vermelho, chamando o *cidadão* á urna; empregados publicos subiam as escadas pedindo votos.

Estava aberto o mercado das consciencias.

Um grande e lodoso charco nas margens do qual os *galopins*³²⁶ coaxavam, fazendo tilintar as *massas*³²⁷, enquanto eleitores corruptos compravam com o dinheiro o voto, bilhetes para a tourada.

Jorge não saira de casa. Não lhe interessava a lucta. Sentia profunda repugnancia pela *batota* eleitoral.

A aggremação operaria a que pertencia votara a abstenção.

³²⁴ Couro.

³²⁵ A «Casa de Prego» ou, simplesmente, «Prego», era a casa de penhores.

³²⁶ Aqui faz referênciã aos indivíduos angariadores de votos a favor de um candidato no decurso de uma campanha eleitoral.

³²⁷ Dinheiro.

Triste, continuando sem trabalho, gastara no almoço a ultima cedula que recebera dois dias antes no *prego* empehando o anel por cinco tostões.

Á porta do subterraneo, bateram de mansinho.

Admirado, levantou-se e foi abrir.

Era o merceeiro do sitio a quem devia tres mil réis. Jorge perturbado empallideceu, começando a desculpar-se...

O merceeiro cortou-lhe a palavra e insinuante perguntou: – Então seu Jorge ainda não ha trabalho?

– Tenho corrido tudo!... Offereceram-me nas obras publicas para trabalhador em Cascaes, foi tudo que consegui!... Mas tão depressa possa, sr. Patricio, a sua conta...

– Homem não se rale!... acudiu benevolo o merceeiro. Tudo se ha de fazer. Se você quizesse, talvez lhe arranjasse um *ganchinho*³²⁸ ahi para meia-libra. O sr. Patricio encarou o canteiro.

– Diga, sr. Patricio?... perguntou radiante Jorge.

O merceeiro metteu a mão á algibeira interior da sobre casaca e puchando d'um papel dobrado, disse: – É deitar isto na urna cá da freguesia.

A mulher de Jorge fôra-se aproximando do grupo e os dois petizes agarravam-se das pernas do pae.

O canteiro indignado, fôra de si, sentiu que uma onda de sangue lhe subia do coração ao cerebro e indicando a porta, bradou: – Saia!... Quando não!...

Era a suprema affronta! A canalha que o explorava no trabalho, que lhe martyrisava os desgraçados filhos e lhe condemnavia a familia á fome [leria arrancar-lhe no voto a aceitar de tanta iniquidade. Infames!... Expoliavam-n'ó, transformavam-lhe o lar n'um inferno, impelliam-n'ó ao roubo, ao assassinato, esmagavam-lhe o presente, ennegreciam-lhe o

³²⁸ Trata-se de um pequeno trabalho fora da ocupação normal. Vid. NOBRE, Eduardo – *Dicionário de calão*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1985, p. 82.

futuro e queriam que elle sancionasse a miseria que lhe esfomeava os filhos!... Nunca!...

A mulher, timida dirigiu-se-lhe: – Ó Jorge, socega.

O Patricio, seguro da presa, continuou: – Homem, você é doido!... Olhe que não ha de ser com as *minhocas*³²⁹ que traz na cabeça que ha de jantar hoje.

Os pequenos ouvindo fallar em jantar, viraram-se para o pae exclamando: – Ó pae, dá-me pão!...

A pobre mulher, na esperança de ter comer, olhou o merceeiro, dizendo: – Desculpe sr. Patricio, o meu Jorge anda muito apoquentado e baixinho segredou ao marido, quase supplicante: – Então... Jorge!...

O infeliz operario, arrancou a lista da mão do tendeiro.

O sr. Patricio virou-se amigavelmente exclamou, batendo no hombro do operario: – Eu bem sabia que você era rasoavel, seu Jorge; e mudando de tom, continuou: – quando vier da igreja, vá lá pela tenda...

O *galopim* abotoou a sobre casaca e saiu do subterraneo.

Era a única coisa que possuia – a consciencia – pensava Jorge; pois até isso a burguezia lhe roubava... E n'um accesso de desespero o *sem-trabalho*, bradou com entranhado rancor: – O que eu votava era a dynamite.

*

* *

No *Centro Socialista* havia grande reunião. Estava annunciada para ordem da noite a expulsão do Jorge, canteiro. Um companheiro soubera da venda do voto e delatara-a á junta federal.

A sala estava cheia. Aberta a sessão o presidente fez a chamada. Fal-tava o Jorge.

Os filiados commentavam o caso.

³²⁹ Manias.

É um canalha! Um dos que mais gritava contra a burguezia! Enganou-nos bem!...

O presidente expoz o motivo da reunião e concedeu a palavra a um dos companheiros que possuido da maior indignação, exhortou a assembléa a que riscasse dos cadernos do *Centro* o traidor infame vendido á burguezia.

Na sala ouviu-se um sussurro que fez voltar a cabeça dos circumstantes.

Entrava o Jorge canteiro.

Pallido, sem se atrever a olhar os companheiros, foi sentar-se junto da porta que deitava para o corredor.

O presidente perguntou á assembléa se alguém queria fazer uso da palavra.

Um silencio de sepulchro reinou em toda a sala.

O presidente, grave, solemne como a ocasião requeria, convidou o Jorge a defender-se.

O canteiro levantou-se, nas longas pestanas balouçavam duas lagrimas prestes a cairem no sobrado; com a voz tremula pela commoção, murmurou: – Sou culpado! Trahi os meus companheiros de lucta, olvidei os compromissos tomados, mas o odio que sentia pela sociedade infame que nos esmaga, duplicou. E o olhar despedia raios de intima colera.

Um dos assistentes n'um aparte: – E a meia libra?!...

Jorge ouvindo o insulto que se lhe dirigira dir-se-hia que enlouquecera; estendeu o braço para o corredor e arrastando para a sala a mulher muito pallida com os dois pequenos agarrados aos joelhos, bradou com trovejante voz: – Quem votou, não fui eu, foram estes!

Ruy

O PESADELLO³³⁰

O marquez de X..., o grande industrial e rico proprietario, encostava-se á janella que dominava o parque, olhando sem ver, os campos que o luar prateava, absorto por intimo cogitar. O *breva*³³¹ que suspendia dos labios reluzia de quando em quando, e a viração arrebatava rapido as pequenas nuvens de aromatico fumo que o marquez expellia automaticamente, refugiado na meditação.

A quietação da noite succedendo-se ao ruido do dia, sómente era quebrada pelo ladrar sonoro dos cães nos casaes, acompanhado pelo canto agudo e monotono das cigarras.

O marquez soffria. A instabilidade do *cambio* preocupava-o seriamente, a *baixa* das acções da companhia mineira que dirigia, o *krack* financeiro que abalara fortemente o *Banco colonial* de que era poderoso accionista, a *gréve* dos operarios mettallurgicos das *Forjas nacionaes* que explorava, ameaçam-n'ò com a fallencia.

E a fallencia era para elle a ruina, com todo o cortejo de horrores; costumado á mais requintada commodidade, educado no meio dourado do goso a vida deslizaralhe até então, como um sonho bom de que não desejava accordar. Conversando com os amigos ouvira por vezes fallar em miseria. O marquez cofiava o bigode e sorrindo, confessava que era *senhora* que não conhecia, chegando a duvidar da sua existencia.

³³⁰ RUY – Folhetim do jornal A Federação. O pesadello. *A Federação*. Lisboa: n° 18 (1894), 6 de mayo, p. 2-3.

³³¹ Variante de charuto de boa qualidade.

E ria-se satisfeito com a *piada*.

A noite esfriara um pouco. O marquez lançou fóra o *brevia* que revolteou no espaço, despedindo um circulo de fogo ao embater no solo, conchegou o *robe-de-chambre* de grandes alamares negros, fechou a janella e dirigiu-se para o quarto de dormir.

Necessitava repousar, afugentar para longe os pensamentos sombrios que lhe entenebreciam a alma.

Sobre a mesa de cabeceira, accumulavam-se os jornaes que tinham chegado com a correspondencia do dia, desejoso de provocar o somno rebelde, pegou machinalmente na *Voz Nacional*, conchegou-se na *chaise-longue*, encetando a leitura.

Na primeira pagina da *Voz* o artigo de fundo destacava-se, encimado por negros caracteres em que se lia *O 1.º de maio*. O artigo dizia que no dia seguinte era o dia dos operarios, a alleluia dos famintos, a paschoa dos miseraveis e fallava de 30:000 *sem-trabalho* que luctavam com a fome, concluindo por affirmar que o Futuro pertencia aos trabalhadores.

O marquez n'um impeto de colera mal contida amarrotou enraivecido o jornal e lançou-o ao chão.

Atravessara-lhe o espirito a dolorosa recordação da *gréve* das *Forjas nacionaes* que tanto o prejudicara.

Nervoso, levantou-se, correu um reposteiro e entrou no quarto do filho, erguendo de mansinho os cortinados de finas rendas que envolviam o pequeno leito.

Era habito a que não podia fugir. O filho enchia-lhe o vacuo que a viuvez lhe cavara no coração. Sentir-se-hia mal se fôra deitar-se sem contemplal-o.

O rosto rosado da creança emmoldurado nos louros cabellos de dourados reflexos punha uma nota alegre, vivida na alvura irreprehensivel do travesseiro. Os labios entreabertos n'um sorriso, deixavam entrever os dentes bancos, meudinhos.

O pequenito sonhava talvez com o *ponney* que o papá promettera na vespera comprar-lhe.

Terminada a muda contemplação em que se embevecia, o marquez, dobrou-se beijou o pequeno dormente, deixando cautellosamente pender os cortinados, affastando-se commovido.

Sentia-se mal. Sem querer, os miseraveis de que fallava o jornal, vinham dançar-lhe na imaginação excitada, uma *farandola* talvez grotesca, mas que o impressionava dolorosamente. Entrou de novo no quarto e passados instantes desaparecia entre os lenções de fina *bretanha*.

*
* *
*

A manhã ia alta. A luz crua do sol, filtrava-se enfraquecida atravez o *store* azul celeste que guarnecia a janella do quarto, invadindo o aposento n'uma suave tonalidade voluptuosamente languida. Da beira do leito de pau santo e rosa a roupa pendia, revolta, desordenada.

O marquez victima d'um pesadello horrivel, passara agitado durante o somno por um cruel soffrimento, preso de extranha tortura, denunciava nas fundas olheiras cavadas no rosto pallido a lancinante acuidade do martyrio que lhe perturbara o repousar.

O pesadello começara por expulsal-o do palacio que habitava. A fallencia empurrava-o para a miseria. Os amigos fugiam d'elle como d'um leproso. As *Forjas nacionaes* tinham desaparecido e elle o grande industrial, um dos reis da finança, caminhava exausto de forças, com os pés cortados nas arestas agudas das pedras, do caminho, gotejando sangue, n'uma extensa planicie, arida, deserta, onde a folhagem verde não sorria ao viandante que sentia nas carnes as picadas dos cardos erriçados de penetrantes espinhos e ouvia o grasnar lugubre das aves de rapina que se alcandoravam em rochas proximas, mostrando as garras aduncas e os recurvos bicos. E o filho adorado acompanhava-o, arrastando-se. O pequenito fitavo-o, tendo no dolorido olhar todo um poema de agonias; tinha sede e elle o rico proprietario que espalhara o ouro aos punhados, não tinha agua para dessedentar a creança soluçante.

O pesadello continuava, transformando o local. A planície deserta, desaparecera.

Uma chuva miudinha, gélida, começava a cair. O marquez com a cabecita loura do pequenito apoiada nos joelhos sentava-se n'um banco de praça publica. Sentia repellões no estomago que lhe abalavam todo o ser. Tinha fôme!... Conchegava-se dentro do *frack* velho, ceboso e estremecimentos percorriam-lhe todo o corpo e gelavam-lhe a alma. Tinha frio!...

A chuva miudinha continuava caindo... O que fôra rico proprietario celebrando nas *gazetas* pelo esplendor das *soirées*, encontrava-se na rua, sem abrigo, sem guarida, expulso do convivio social, em condição inferior á da fera que possui uma caverna onde se acouta. Um policia aproximava-se, nota o vagabundo e convida-o a acompanhal-o ao posto policial.

E o pequenito perguntava ao pae se iam para casa...

O suor aljofrava a testa do dormente...

*

* *

Os passaritos pendurados nos delgados troncos, balouçando-se, entoavam n'uma constante chalreada, harmoniosos canticos, sacudindo a plumagem.

Na estrada notava-se um bulicio desusado. Grupos numerosos de operarios e camponezes, seguiam pelos caminhos, reunindo-se no fundo do valle. Alli, milhares de cabeças apinhavam-se affrontando os raios ardentos do sol.

Era o comicio do 1.º de maio.

A multidão ouvia em religioso silencio a palavra quente, vibrante, dos oradores que impulsionados por um grande ideal de Justiça, fallavam da *idéia nova*. A multidão sentia-se bem; ouvia protestar contra a desigualdade social que a condemnava ao soffrimento e de olhar fito no orador deixava vogar a imaginação na vastidão do Futuro, que sorria além, muito além.

O marquez fazendo um ultimo esforço, abriu os olhos á luz do dia, sentou-se na cama e olhando admirado o relógio collocado no *porte-montre*³³² marcando meio dia, envergou rapidamente o *robe-de-chambre*, dirigindo-se á janella que abriu, sequioso de ar puro que lhe saneasse o cerebro atormentado pelo pesadello.

Ao pisar o sobrado, sentiu debaixo d'uma chinella um corpo estranho, duro. Era a *Voz Nacional* que fallava do 1.º de maio.

A inquietadora visão que lhe perturbara o somno desenhou-se nitida.

Apoiado á janella, alongou o olhar pelos campos.

No fundo do valle a multidão continuava reunida.

O rico proprietario, o grande industrial, empallideceu e como se fallase para o oceano de cabeças que ao longe se agglomerava, exclamou: – Os miseraveis teem rasão, o Futuro é d'elles e a Justiça acompanha-os.

Ruy

³³² Pequena vitrina de relojoeiro.

(Página deixada propositadamente em branco)

O TIO CHOLERA³³³

O vento rugia provocando a indomita furia dos revoltos vagalhões que de longe, vinha, em brutal arremetida, tecer no terrifico embate a alvissima tunica de escuma que vestia os penhascos da costa. A tempestade convulsionava o amago das profundezas, vagas alterosas recuavam felinamente a medir o salto e os altos rochedos gelidos choravam durante a tregua, pesadas lagrimas que saltitando nas excrescencias desciam a sepultarem-se no abysmo que as cuspira.

No cimo da mais elevada rocha que desdenhosa desafiava a furia do oceano, Luiza a mãe do pescador alongava o penetrante olhar pela vastidão das aguas, interrogando-as.

Nada!... Tudo era deserto!...

Brancos rolos de espuma a orlarem as esmeraldinas montanhas liquidas e além, onde a vista cançava, o horisonte sombrio a mergulhar nas aguas agitadas.

Esquecida da chuva que rijamente a açoutava collando-lhe ao corpo os miseros andrajos negros que indiscretos denunciavam a linha forte dos contornos, Luiza dir-se-hia a personificação da Anciedade.

Esperava o filho!...

A companha partira de madrugada; nenhum signal annunciava então a tempestade que no decorrer do dia se desencadeara feroz.

³³³ RUY – Folhetim do jornal A Federação. O tio Cholera. *A Federação*. Lisboa: nº 23 (1894), 10 de junho, p. 2-3.

Nervosa, torturada pelo desespero, acudia-lhe á mente escandecida o cadaver do esposo que seis mezes antes, vira estendido na areia molhada da praia, de faces arroxeadas, olhos desmedidamente abertos e mãos crispadas segurando uma pequena tabua... Não resistira mais. Um funebre presentimento roubara-lhe a quietação. Abandonara a cabana e ali estava no cume das rochas... Receava!...

Subito, um grito mixto de alegria e dor partiu do cimo do rochedo a dominar o rugir do oceano.

O coração da mãe vencia a voz da Natureza em furia.

Corrida com o tempo a vela esfrangalhada balouçando os farrapos aos empuxões do vento, a lancha surgindo ora em elevados pincaros, ora desaparecendo a prescutar os mysterios do insondavel, demandava a praia. Os pescadores estavam condemnados; ao longo da costa, ameaçadores na granitica rigidez os rochedos escancaravam as cavernas quaes fauces horridas de monstros fabulosos.

A viuva, orava, implorando o ceu pardacento.

Ao longe, um vagalhão enorme formou-se, avançou rapidamente direito ao fragil batel, empolgou-o nos braços de gigante, fel-o redemoinhar, desaparecer; susbtituindo-o por uma mancha esbranquiçada que alastrou e foi perder-se em largos circulos.

Findara a lucta.

A viuva olhou o mar como se quizera gravar indelevelmente no cerebro a sepultura do filho, levou os olhos as mãos queimadas pelo sol, limpando duas lagrimas que se suspendiam das negras e longas pestanas e mostrando os punhos fechados ao ceo, bradou com accentuada raiva: – Maldito!...

Descrera!...

*
* *
*

A noite ia alta. A aldeia adormecida envolvia-se no manto do silencio.

Á porta da cabana de Luiza a viuva, um homem de longas barbas pretas e olhar brilhante, batia com a extremidade do nodoso bordão a que se apoiava.

Passados instantes, Luiza perguntou de dentro: – Quem é?...

– Abra, não tenha receio. É um viajante que deseja repousar algumas horas, respondeu o desconhecido.

A porta entreabriu-se, deixando ver junto da lareira uma candeia que fumegava agonizante, lançando a espaços um clarão incerto, que vestia as paredes de phantasticas sombras; no limiar, a viuva convidava a entrar o visitante.

– Entre o senhor!

O desconhecido entrou na cabana, tirou o chapéu coberto de pó da estrada e collocando o bordão sobre uma caixa de pinho onde se amontoavam as redes de pesca, exclamou: – Até que enfim, vou descançar um pouco.

– Vem de longe?!... interrogou a viuva curiosa.

– Sim!... Venho de muito longe, da Asia; tenho percorrido todo o mundo, de oriente a occidente tenho assignalada a minha passagem em toda a parte. O meu nome é desconhecido de todos. Um sorriso enigmatico descerrou os labios do recém-vindo.

Mas... fallemos de ti. Estás velha, alquebrada, já não és a mulher vigorosa que anno findo contemplei; as faces encovadas, o seio emmagrecido, o rosto sem frescura, os pulsos esqueleticos. No verão passado, rija, sadia, bella como uma flor silvestre, passa um anno, encontro-te fanada, sem colorido, quasi um cadaver... E teu marido?... que é d'elle; aquelle valente homem de largos hombros e fortes musculos.

A viuva comprimiu um soluço e murmurou baixinho: – Morreu!...

– No mar!?... interrogou o viajante.

– Sim; no mar!...

– E teu filho... O rapazote já deve estar um homem; promettia um novo Hercules... Tambem é pescador?...

– Não!... Morreu!...

– No mar!?...

– Sim; no mar!...

Nos olhos do desconhecido, fuzilou um relampago de odio... Monologando, o extranho viajante disse: – Comprehando agora a rasão da festa...

– Que festa? perguntou Luiza.

– Eu te conto. Na cidade proxima onde estive ha dias, assisti a uma festa, das taes da caridade. Um baile principesco, mulheres decotadas de seios alvos como o lyrio, dependuradas nos braços de cavalheiros de casacas negras de esmerado córte dançavam doudejantemente ao compasso de escolhida orchestra. Candelabros, espelhos, librés, iguarias, tapetes, lustres, trens, tudo pertencia ao que de mais artistico e aprimorado o homem produz sobre a Terra... Era para os pescadores sepultados no coração das vagas que as damas e cavalheiros dançavam o *cotillon*... No languido e voluptuoso emballar da valsa, fundiam sorrindo a esmola que deve construir novos esquifes e abrir novas sepulturas aos que arrancam do oceano o peixe delicado e saboroso que ámanhã figurará nos brazonados *menús* de sumptuosos banquetes... O dinheiro do baile, revertia para a compra de barcos e redes destinadas ás victimas do ultimo temporal.

– Que gente era essa?... interrogou a viuva dirigindo-se ao desconhecido.

– Não os conheces?!... Não admira!... Eram os felizes, os que passam a vida a volitar em redor do mais requintado goso, como a mariposa volita em torno de flores; haurindo, haurindo sempre o nectar divinal da Ventura.

Luiza encarava estupefacta o singular personagem, parecendo não comprehender a estranha linguagem que ouvira.

O desconhecido fitou-a. Não me comprehendes... Feliz de ti; a ignorancia é um profundo bem, suavisa o trovar de fel da Amargura!... Os felizes riam, dançavam e trocavam beijos escondendo-se com o halito estonteante das plantas exoticas, refastelavam-se nos *divans* a sorverem gelados e a encherem o espaço com o aromatico fumo dos custosos charutos e n'um instante tudo desapareceu... Bastou o meu nome para fugirem cobardamente. Elles bem o sabem, ante mim, o ouro a força, o poder, são frageis armas que destruo com um sopro. A ira dos poderosos, contra mim; só consegue provocar-me o riso. Ah! canalha infame eu sou o vingador.

A viuva assustada perguntou: – Quem sois vós?...

– Sou o tio Cholera; como me alcunham os famintos. O visitante gargalhando sinistramente, dir-se-hia ter obrigado as paredes da choupana a estremecerem medrosas.

– O Cholera?!...

– Sim o pae dos pobres, aquelle que obriga os felizes a repartirem com os miseraveis as migalhas das riquezas que produziram e que os felizes roubaram. Sim; embora calumniado, eu sou o tio Cholera, aquelle que rapido lhes abre as portas dos hospitaes, quando não continuariam a estorcerem-se nas agonias infernaes da Fome, rebolando-se na palha infecta das enxergas podres... Eu sou El-rei bacillo, aquelle que faz collocar nas fontes, as machinas depurativas da agua envenenada que continuamente ingerem, a mim devem o livral-os da proterva exploração do intermediario que lhes polue a alimentação, é a mim e só a mim que muitos dos vossos que gemiam nos bancos das praças publicas a miseria do lar, encontram onde vender o braço, trabalhando. Sou eu o tio Cholera o pae Cholera, podeis dizel-o; quem obriga os ricos que vos desprezam olhando-vos como cães vadios e lazarentos a substituirem os cobertores podres e a fornecerem os lenções que vos dão ao corpo sensações novas, desconhecidas. Sou eu, o Vingador; sou eu, quem transforma os lobregos subterraneos coalhados de parasitas, em casas confortaveis onde o sol alegre sorri, desde manhã.

Os primeiros alvares da madrugada, penetravam pela fresta da cabana, que olhava a estrada.

O viajante poz o chapéo, retomou o bordão e olhando Luiza que aterrada permanecia muda a um canto da choupana, bradou-lhe dirigindo-se para a porta: – Adeus!... Vou visitar as *villas* de elevados minaretes e rendilhados balcões que se ostentam na praia; depois, visitarei os castellos, as egrejas, os theatros, os circos. Adeus!... Vou libertar os miseraveis, matando-os e vou matar os seus algozes, vingando-os!... Adeus!...

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

O SUICIDA³³⁴

A manhã deslisa exuberante de magnificencia. Os alourados trigaes inclinam-se docemente ao bafejo suave da brisa que encrespa a agua das levadas, as azenhas girando nos ferrugentos eixos, enchem os campos com um chiar monotono de um rythmo cadenciado, as papoulas surgem dissonantes, rubras, sanguineas, na tonalidade verde, uniforme das campinas, como sonoridades fortes cortando a orquestração suave d'um *motivo*. As vides serpeam arrastando-se pelo solo, protegendo com as parras os cachos em formação.

Á beira do caminho, grupos de pequenitos semi-nús de carnação sadia e atrigueirada pelo sol, formam monticulos de terra emquanto na orla d'um vallado um velho burro ruma de comprido pescoço pendente entregue a intimo philosophar; bois de pello curto e luzidio lambem tranquillamente os focinhos sujos de palha da mangedoura, exotando a espaços, com os rabos caprichosamente enrolados, as moscas importunas, arrastando vagorosamente a charrua pela melopêa do camponez que empunha a rabiça do arado, bandos de alveloas saltitam nos montes de estrume que fumegam ao sol, procurando na materia que se transtorna elementos de vida; grandes manchas brancas de rebanhos pascendo, alastram-se nos flancos das collinas que dominam o valle, resaltando no acinzentado da terra.

A Natureza veste galas.

³³⁴ RUY – Folhetim do jornal A Federação. O suicida. *A Federação*. Lisboa: nº 24 (1894), 17 de junho, p. 2-3.

O ferro das enxadas polido pelo attrito, rebrilha despedindo luminosos raios e o ruido surdo produzido ao embaterem na terra vae casar-se as canções alegres das lavadeiras que no rio proximo, regaçadas acima dos joelhos, batem a roupa em largas pedras, deixando ver atraves a limpidez da agua as pernas alvas e roliças, esticando muito as saias, que desenham o contorno forte das virilhas.

Entregue á faina, Germana, cantarola alegremente, estendendo no cannavial que borda a margem do rio, a roupa alva de neve.

Por vezes queda-se pensativa.

Pensa n'elle: no João, um rapagão robusto que na fila de trabalhadores moureja, tressuando sobre a Terra.

É o seu *conversado*. Bem depressa o senhor cura lhes lançara a benção.

O João promettera-lh'o. Tão depressa tirasse a sorte, casaria. Á força de labutar conseguira ter na arca alguns vintens e se o numero fosse baixo, venderia a terra que lhe coubera nas partilhas do pae.

Feliz, sorrindo satisfeita, presa d'um doce aneio leva as mãos aos seios rigidos que forcejam por libertar-se, atravez as chitas das *roupinhas*.

Na estrada, do outro lado do rio, ouviu-se o tropear d'um cavallo.

Germana levanta a cabeça, fita o cavalleiro e baixa os olhos ruborisada e dir-se-ia constrangida.

O cavalleiro era o filho do *regedor*, rico proprietario, que a perseguia, requestando-a. O filho do *regedor* cumprimentara-a amavelmente.

Germana olhou uma ultima vez o ângulo da estrada onde cavallo e cavalleiro desapareciam entre as nuvens de poeira e *crystallinas* lagrimas deslisam-lhe pelas faces frescas, avelludadas, que uma penugem dourada reveste.

Lembra-lhe João o trabalhador.

*

* *

É domingo. A aldeia em festa espalha-se pelos caminhos que convergem á base das collinas, no cimo da qual, se ostenta na alvura da caiação,

a ermida como uma camelia branca no centro d'um *bouquet*. Ranchos de raparigas vestidas de côres berrantes, dão-se as mãos, dirigindo-se á missa, grupos de camponios á porta das *vendas*, de barrete azul e jalecas d'alamares de troçal, encostam-se a *marmelleiros* de ponteiras reluzentes, jogando gracejos ás moçoilas que passam que sorriem mostrando aos *conversados*, brancas fileiras de limpidos dentes.

Os camponezes cochichavam: – Ella não vae mal!... O Jorge *regedor*, morrendo o pae, sempre fica com uns dez contos... Nunca a Germana sonhou tal!...

Além da santificação do domingo um grande acontecimento emocionava a aldeia.

Effectuava-se o casamento da Germana lavadeira, com o filho do *regedor*.

Nos grupos de camponios, os rapazes, commentavam com azedume o proceder de Germana. Um d'elles tomando a palavra, gritava: – Pobre João!... Foi bem enganado!... A *fungida* o que queria era *dinbeirama!*... E o João não via outra coisa!... Tolo!... São todas assim; o que querem é corpo ao *alto*.

Um velho de faces de pergaminho contradicta o rapaz: – A Germana não tem culpa. Ora, diz-me lá; o que havia a *pobrita* de fazer?... O pae é rendeiro do *regedor* e tu sabes que o pae da Germana está *empenhado*... As ultimas chuvas deram-lhe cabo da *novidade*. A vinha está n'uma desgraça, ressequida, morta, e não dá um bago com o raio do *bicho*... As innundações do inverno levaram a semente... Que querias então?... O *regedor* velho, pediu ao pobre *home* a Germana, para casal-a com o filho que andava ahi a *entisicar*. Um homem *empenhado*, que deve a outro uma mão-cheia de moedas, e lhe deve favores, e vê tambem um futuro á filha, salvando-se ao mesmo tempo da miseria que havia de responder?... Sim, o que respondias tu?...

O rapaz coçou na cabeça, ficando silencioso.

– Então?!... perguntou o velhote.

O rapaz enleiado retorquiu: – É tal a coisa!... e exaltando-se, bateu no chão com a ponta do *marmelleiro*, concluindo:

– Má raios partam o dinheiro!...

Os sinos repicaram alegremente. As andorinhas assustadas pela sonoridade de bronze que ia perder-se e repercutir-se nos echos das montanhas, levantavam rapidamente o vôo, abandonando a cimalha da ermida e partiam campos fóra, a cortar o espaço como settas.

No adro a multidão agglomerava-se, curiosa de ver os noivos. Dentro da igreja o cura, um velhote curvado ao peso dos annos, enrolava a estola nas mãos dos nubentes. O Jorge, sorria satisfeito, deixando transparecer no rosto alegre o intimo jubilo que lhe transportava a alma. Germana, contrastava singularmente com a alegria que a rodeava; pallida, com os olhos rasos d'agua, denunciava na lividez do semblante e nos tons arroxeados que lhe circumdavam as orbitas, a dolorosa vigilia que a empolgara durante a noite.

O velho cura, pronunciou as ultimas palavras sacramentaes e retirou a estola.

Estava consummado o sacrificio.

Germana, salvara o pae *empenhado*, com o regedor; soffrera os impetos do coração, retalhara a alma, esfarrapara uma a uma as candidas illusões que o seu espirito sonhara e entrevira nas promettedoras miragens d'um futuro tranquillo nos braços robustos do João.

Restava-lhe ainda um recurso. Vendera o corpo ao Jorge, daria a alma ao desprotegido que amava ainda, e amaria sempre.

Germana depois de beijar o pae, retomou o braço do esposo e o cortejo dirigiu-se para o adro onde a multidão respeitosa abriu alas.

No largo fronteiro á igreja, o rapazio suggestionado pela alegria geral, e rebolava-se no chão, levantando nuvens de poeira.

*

* *

Ha muito já que a noite invadira a Terra. O ceu d'um azul diaphano, deixando como que entrever os mysterios do ignoto, fôra susbtituído pela

phosphorencia scintillante das estrellas, o luar prateava as aguas das levadas e os moinhos immoveis, de grandes velas distendidas, semelhavam gigantes de braços abertos, destacando-se na semi-obscuridade da treva, quebrada a empuxões de luz amarellada da lua.

No casebre o silencio era profundo.

Encostado a uma mesa tosca de pinho, João o trabalhador meditava.

Sonhara um Paraiso na Terra e a Fatalidade lançara-o no inferno do desespero; acalentara na mente, douradas visões e a realidade acordara-o ao sopro gelido da Decepção.

Quem lhe apunhalara o coração, que deshumano ente lhe prohibira o reproduzir-se em novos seres, particulas da sua lama que embalaria nos joelhos, quem lhe roubara Germana, a esposa escolhida?... O Dinheiro!... Fôra o Capital, monstruosa entidade, quem lhe estrangulara para sempre o sorriso, fôra o Ouro, quem lhe asphyxiara para não mais viver, a doce alegria que o animava á lucta pela vida... Nada restava!... Germana era d'outro. O filho do *regedor* era rico!... Possuia *fazenda*, rebanhos, moinhos, elle nada tinha, toda a sua riqueza era a enxada e a velha mãe que sustentava; e que n'esse momento, dormia tranquilla no quarto proximo.

Quizera resignar-se!... Procurara no vinho o balsamo consolador á ferida que tão abundantemente sangrava... O supplicio augmentara... O cerebro excitava-se-lhe com violencia alcoolica e sentia n'esses momentos um odio intenso, ondas de sangue, invadiam-lhe o espirito attribulado; desejava assassinar o filho do *regedor*. O trabalho repugnava-lhe, a elle que sempre trabalhara com afincado ardor. Na aldeia, murmuravam já, acoimando-o de bebado e mandrião. Que horrivel tortura!...

A Fatalidade marcara-o com o ferrete da Desventura... Tinha que succumbir. A sociedade impellia-o. A necessidade de um ponto final em tão cruciantes agruras impunha-se-lhe... Mas!... A mãe, pobre velha de quem era o único amparo, que havia de fazer?!...

Tomando d'uma resolução subita, pegou d'uma penna e n'um bocado de papel que salpicava de lagrimas, recommendou ao tio José, que sempre os protegera, tomasse conta da mãe.

Levantando-se dirigiu-se á porta do quarto onde a mãe repousava, contemplou-a n'um ultimo olhar e allucinado partiu, levando consigo uma corda em que a velha suspendia a roupa, fechando de mansinho a porta do casebre.

A infeliz victima do Milhão, caminhava rapidamente. Em breve, attingiu o largo fronteiro á egreja, onde os seus sonhos de amor haviam sido desfeitos como tenue nuvem de fumo abraçada por um furacão.

Um morcego de longas azas membranosas, desceu da torre e quase tocou o rosto do mancebo que suspendia o tronco de uma oliviera a corda onde enfiou o pescoço. Montado no ramo que vergava com o peso olhou a egreja exclamando: – Ahi, morreu a lama; aqui, destruo o corpo!...

Os tons avermelhados da aurora vieram surprehender, hirto, olhos abertos e faces congestiondas o cadaver de João o trabalhador.

Ruy

NO CEMITERIO³³⁵

Amanhecêra chuvoso e frio. O dia de finados, consagrado ao culto dos mortos, conservava-se sombrio, pardacento, a despeito dos campanarios já terem anunciado meio-dia.

N'um recanto da estrada, fronteiro á porta do cemiterio, aristocraticos trens de brazonadas portinholas que a lama irreverente salpicara, esperavam familias que peregrinavam por entre os cyprestes. Nas ruas ladeadas por tumultos ennegrecidos, onde velhas corôas se desmanchavam impellidas pelo vento frio, grupos de senhoras e creanças vestidas de rigoroso luto, perpassam, guiadas pelos empregados sorridentes, esperançados na gorgeta, tilintando chaves.

As portas debotadas dos mausoleus, giram nos gonzos enferrujados, espalhando um som agudo, desagradavel, no interior das capellas em breve revestidas de novas flôres sobraçadas pelos *grooms*. Á porta, ramos ressequidos nos *porte-bouquets* amarellentos, amontoam-se, condemnados ao monturo, n'um desprezo de illusões fenecidas.

No solar da Morte evocam-se recordações, beijam-se retratos, vive-se uma vida intima, intensamente subjectiva. Procura-se arrancar á mudez tumular os entes queridos que se transformam e decompõem, obedecendo á Igualdade da natureza. Ha tumulos principescos de finos rendilhados, – ha covaes esquecidos, ha a *valla*, mas, perante a Morte, a Igualdade impõe-se na grande lição da materia putrefacta. A alma illude-se e o *não-*

³³⁵ RUY – Folhetim do jornal A Federação. No cemiterio. *A Federação*. Lisboa: n° 46 (1894), 18 de novembro, p. 2.

-*ser* afirma-se. O amor provoca phantasmas e a immobildade destroe visões. O fogo não incandesce cinzas a vida não quebra a morte. Vôa o pensamento, em demanda da imagem querida qual borboleta buscando ambicionada, flôr, e só encontra traços confusos, esquecidos, resurgindo em insufficiente visão. O esquife é o anniquilamento, o tumulo é o nada.

*
* * *

A viuva entrou no cemiterio, segurando a mão do pequenito que não conhecera o pae, puchava-o docemente, fazendo estalar a areia das ruas do cemiterio, habitualmente deserto.

Haviam passado cinco annos.

Ainda ella guardava no ventre o fructo dos amores, quando a correia arrastara o marido ás engrenagens da machina que o devorara. O patrão fizera o enterro e os jornaes elogiaram-n'ò então. O esquecimento veio depressa. A viuva trabalhara aos dias, deixando o pequenito na *crèche*³³⁶; agora vendia cautellas.

O pequenito caminhando junto á mãe, agarrava-se-lhe á saia negra, esverdeada pelo uso e de continuo chamava-lhe a attenção para os tumulos que lhe despertavam a infantil admiração.

A mãe, mostrou-lhe o tumulo do *patrão*. O patrão, o homem por quem o marido succumbira, juntando particulas de esforço á construcção da poderosa fortuna, até na morte se diferenciava dos que explorava!...

Descendo apressadamente a rua que conduzia ao coval, onde repousava o esposo, a miseravel mulher empallidecia á medida que d'elle se aproximava, não podia subtrahir-se á emoção!... Sonhara um viver modesto, um atomo de felicidade na terra, auxiliando o marido, educando os filhos e o acaso não quizera... A mocidade, os sonhos d'outr'ora asphyxiavam-n'a.

³³⁶ Asilo diurno para crianças pobres.

Na extremidade da longa fileira de covas, onde estava o morto querido, dois coveiros palestravam.

– Ó João!... Isto vae levar reforma?

– Já se vê!... Os 5 annos já lá vão!...

E empunhando as enxadas que caíam na terra endurecida com um ruido surdo, familiarizados com a gelidez da Morte, embotadas as qualidades emotivas, tinham sorrisos, quando ossos furavam atravez a terra ou a madeira apodrecida dos caixões.

Anciosa, pallida, tremula a infeliz mulher estacou desconhecendo o local. Rebuscou na algibeira o bilhete de enterramento, estendeu a mão emmagrecida a um dos coveiros e como advinhando desgraça, perguntou emquanto o pequenito olhava curioso o coval reaberto.

– O 4:563 não é aqui?

O coveiro olhou o bilhete, descançou a enxada, fitou a viuva, respondendo negligentemente: – Teve ordem de *despejo*! Já fez os 5 annos.

– O pequenito acercou-se da mãe e perguntou: – Onde está o pae?...

A mãe olhou a creança, pesadas lagrimas rolaram-lhe nas faces encoçadas pelo soffrimento e baixinho, quase murmurando, exclamou: – Não está aqui... Expulsaram-n'ó!...

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

O CARNAVAL³³⁷

Apoz tres dias de doloroso stertor em que os atavicos da *reinação*³³⁸, machucaram bisnagas, desenrolaram *serpentin*os e espalharam *confetti*, o misero truão desceu ao sarcophago do annual repouso, d'onde resurgirá no proximo anno, mais miseravel e mais immundo... Morreu o maltrapilho de carão pintalgado a zarcão e pós de sapato!... O cheiro acre da decomposição do tremoço nas ruas, annuncia já a putrefacção do Carnaval!...

Tres dias me³³⁹ contunuiu o espirito em negras locubrações e perpassar da *dança da fome*, fingindo espirito, gargalhando desventuras, torcendo-se em esgares adrede preparados para a mendicancia de cara tapada por grotesca caraça... Já o esperava... não me causou supreza.

As floristas, as *pierrettes*, as *grisettes* permeavam febris nos bailes publicos e suspiravam ao ferir-lhes o olfato, as emanações do *restaurant*, coalhado de ebrios nascidos do *prégo* e do *agiota*... Libras a nove tostões de premio, quem se quer divertir; gritava o Capital e os amores de vida curta, nasciam n'um apertão e terminavam entre vomitos avinhados em... casa suspeita de fumarenta lanterna na varanda!... Infelizes proletarias; p[oder] por meio bife, toca a enganar o estomago e a demorar a phtysica... Hoje ha bife!... Sabe Deus quem chegará ao anno!...

Miseria, muita miseria!...

³³⁷ RUY – O Carnaval. *A Federação*. Lisboa: n.º 61 (1895), 3 de março, p. 1-2.

³³⁸ Patuscada, pândega.

³³⁹ Na produção narrativa do autor é o primeiro relato com um narrador homodiegético.

Calcurriando as ruas lamacentas lá andavam os *salsas*³⁴⁰ e os galegos³⁴¹, abrindo caminho aos *luctadores*, aos *pescadores*, aos *sapateiros*, tudo a movimentar-se a toques de apito, enlameados, fatos enodoados, a pedir, *deréisinhos* aos transeuntes, também pobres, de cabeça baixa e apressado passo, avido de acompanharem a feijoada do jantar com a garrafita fiada pelo taberneiro da esquina.

Um dia, não são dias!...

Tarram, tam, tam, tam, tam, tarram!...

Lá vae a *lucta*, gritava o rapazio da visinhança, empoleirando-se nas sacadas!

Marchavam em duas alas, balanceando o corpo, chaile pelas costas, cigarro atrás da orelha espreitando atrevido debaixo dos capacetes e dos diademas a quebrar a lividez das faces encovadas, denunciando tuberculose, completando a caracterização, fundas olheiras circumdando-lhes o amortecido olhar, symptomatizando copiosa ingestão de *briol*³⁴² e noites mal dormidas... E desappareciam ao voltar a esquina, coxeando no desuso das botas de prenhes de ornatos abertos á faca... Oh!... *Bate-certo* entra na fórmula!...

Nostalgico do prazer, acirrado pelas guizeiras das parelhas que passavam rapidas, descí á rua... Empurrado pela barriga volumosa d'um *salsa*, pedi-lhe graça, pilheria, alegria, que me desannuvasse o espirito vergado ao peso de cruciantes dificuldades, teimosas, impertinentes, zumbindo-me no cerebro como revoada de mosquitos... Em vão, roguei, supliquei

³⁴⁰ Em BIVAR, Artur – *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto: Edições Ouro, 1952, 3 vols., o «salsa» é definido como um «individuo mascarado que percorre as ruas de Lisboa procurando ter ditos graciosos»; também, uma «pessoa presumida, vaidosa, enfatuada», em SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas*, *op. cit.*, p. 593.

³⁴¹ Homem incivil, de condição baixa.

³⁴² Vinho ordinário.

ao *chéché*³⁴³ me distrahisse, quebrando as doloridas recordações que me espicaçavam a alma...

O *chéché* levantou os olhos e esboçou um sorriso triste!... Não tenho graça, tenho fome!...

Reconheci-o; um camarada serralheiro sem trabalho ha já seis meses. Admirado perguntei: – Você mascarou-se?

Empenhei esta manhã o chale da mulher e aluguei o fato; contava assim arranjar uns vintens!... Eis a resposta obtida!

O *salsa* continuou: – Quando sahi de casa ainda a minha Leonor não tinha comido. Desde hontem que o não faz... Sahi ao meio dia!... Em tudo sou infeliz, ainda não arranjei nada!... O *salsa* com as lagrimas nos olhos, batia com as mãos nas algibeiras vasias...

Rabusquei machinalmente na algibeira e estendi ao *sem-trabalho* uma cedula gordurosa.

– Muito obrigado!...

O *salsa* limpou as lagrimas que lhe abriram dois sulcos atravez o vermelhão e partiu gritando: – *Ai Jasus, vou todo arreventado!*... A lucta pela vida.

Enraivecido fui á Avenida; vou emfim esquecer-me da miseria; ali os farrapos não me perseguirão... Uma rapariga de doze annos, cabellos louros, vestida de vistosa *percale*, punha-me diante do peito um açafate com violetas, insistindo com voz maviosa: – Compre um raminho!... É um vintem!...

Affastei-a brandamente. A pequena lançou-me um olhar de precoce voluptuosidade ensinada a puxões de orelhas diante do espelho, e baixinho, quase confidencial, encostando-me ao ventre o seio em formação, perguntou: – Não quer... mais nada?...

Fugi; raivoso, enojado, bradando: – Isto não é uma sociedade a sorrir é uma cloaca a feder!...

³⁴³ Cheché, provincianismo: pedacinho de qualquer coisa. Em SILVA, António de Moraes – *Grande dicionário da língua portuguesa*. S.l.: Ed. Confluência, 10ª ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada, 1951, é indicado que esta grafia é erro de xexé.

N'um *landau á Daumont*³⁴⁴ passava jogando *bonbons* e sorrindo aos *sportmens*³⁴⁵ conhecidos, um banqueiro em voga... Era o pae da florista!... A mãe fôra rifada quando donzella... O banqueiro era feliz ao jogo!...

Ruy

³⁴⁴ Em francês no original: é um tipo de carruagem de gala.

³⁴⁵ Para além de definir a palavra «sportsman» como esportista, pessoa que gosta do esporte, e homem dotado de espírito esportivo, o *Michaelos. Dicionário ilustrado inglês-português*. São Paulo: Melhoramentos, 1961, insere também a noção de «pessoa direita».

A CRIMINOSA³⁴⁶

Á manhã que corra abafadiça, provocando um torpor doentio, enervante da vontade, como morbido symptoma de doença a incubar no organismo, succedera a tarde acompanhada da tepida viração que fazia ramalhar o arvoredado do jardim.

Por entre os leques verdejantes, as palmeiras deixavam entrever listões avermelhados como linguas colossaes, franjados de arroxeados bordos a macularem o azul carregado do ceu, onde já começava a divisar-se espreitando, a lua, como serviçal indiscreta escutando ás portas, as meias tintas sombrias do crepusculo, luctavam com as ultimas irradiações do poente, certas de que em breve reinariam sobre a terra, no *gazon*³⁴⁷ dos canteiros marginaes dos lagos, as rãs coaxavam, mergulhando apressadas nos limos esverdeados, ao passar dos jardineiros de andar pesado e enxada ao hombro, dirigindo-se á arrecadação, pressurosos de ao toque da sineta regulamentar, estarem promptos á partida para o lar, nostalgicos da sopa que os esperava, anciosos de rirem um pouco na despreocupação domestica, com as cabriolas do petiz mais novo.

Os ultimos passeantes levantavam-se preguiçosos, subiam a pequena escadaria que conduzia á saída, caminhando vagarosos a cubiçarem com olhares ávidos, as rosas de desmaiado colorido, debruçadas no espaço, reunidas em formoso *bouquet* no centro da escadaria, ladeadas de altos arbustos, esguios, perfilados como sentinellas. Á garrula chilreada dos

³⁴⁶ RUY – A criminosa. *A Federação*. Lisboa: n° 83 (1895), 4 de agosto, p. 2-4.

³⁴⁷ Relvado.

pequenos montados em *bicyclettes* e arremessando pellas de borracha, saltando na areia como *clowns* em circo; succedia-se o quietismo da noite, cortado pelo resaltar da agua nas arestas dos pedregulhos que formavam cataractas *mignonnes*.

No espaço, onde uma quietação pesada volitava como phantasma em busca de ruina onde albergar-se, um som metallico, vibrante, eccoou, perdendo-se na copa dos arvoredos.

Era o signal da saida.

Só então Germana pensou nos patrões, a quem dissera ir á Graça em devota romaria ao Senhor dos Passos³⁴⁸. Conchegou o lenço côr de laranja ás fontes, desprendendo as mãos, docemente, das do 37 da 4.^a que as apertara brandamente durante a tarde; levantou-se do banco occulto entre a folhagem, sacudiu a percale amarrotada do vestido côr de rosa, fitou o soldado, que disciplinado e correcto, expulsava das calças de mescla, teimosas cascas de pevides d'abobora adstrictas ao pello do tecido e compunha o cinturão como a ordem requer, mostrando um traço branco a alvejar na cinta da fardeta azul-escuro.

– Já é tarde, vamos embora, disse Germana.

E os dois, conchegando-se muito, pisavam lentamente os degraus, enquanto o guarda do jardim fechando a cancella do sopé da escadaria, os olhava esboçando um sorriso ironico, que lhe illuminava o rosto atrigueirado no campo da batalha em marchas e combates contra os *burros*³⁴⁹. Já Germana e o 37 da 4.^a se tinham perdido na rua que conduzia á porta do jardim e o velho monologava, recordando paixões extinctas.

– Bons tempos, já não voltam!

Na rua, as montras illuminadas dos estabelecimentos, espelhavam a luz esmeraldina do bico Auer³⁵⁰, no pavimento polido pelas rodas dos

³⁴⁸ Igreja da Graça e invocação do Nosso Senhor dos Passos, ou Senhor Bom Jesus dos Passos. A procissão do Senhor dos Passos, organizada pela Real Irmandade do Senhor dos Passos da Graça, remonta a 1586.

³⁴⁹ Gente.

³⁵⁰ Iluminação a gás.

vehiculos. Grupos de operarios, sujos de cal, casaco aos hombros, chapéos amolgados e brancos de calça da *obra*, caminhavam apressados, discutindo o *mestre* com sonoras exclamações. Nos passeios perpassavam já, rapidas, sobraçando embrulhos, mulheres de faces coloridas a carmim, mirando com olhar lascivo os transeuntes pacatos.

Germana chegara á porta dos patrões; entrou, e o 37 seguindo-a, beijou-a com furtiva ancia, interrogando com o olhar a escuridão discreta da escada. Adeus Germana até ámanhã!... E partiu veloz para o Carmo, onde d'ahi a pouco tocara a recolher.

A rapariga, corada, sentindo ainda nos labios o fogo do beijo que lhe dera o 37, subiu, e como violentada, puchou o cordão da campainha que vibrando, a despertou bruscamente da voluptuosa lethargia em que mergulhava.

*
* *

Acocorada sobre o colção de palha de milho, que rumorejava ao oscillar do corpo, Germana, olhava parva e fixamente as traves do sotão, que como tibias descarnadas se entrecrusavam na fileira. Duas lagrimas deslissavam vagarosas pelo rosto pallido da creada.

– Que fazer?...

Muda interrogação a que as paredes amarelladas do sotão não respondiam.

Um vagido infantil, partiu d'um monte de roupa ensanguentada, cortante como a lamina d'um punhal, severo como um protesto contra o abandono.

Levantando-se d'um salto, Germana, com o olhar febril, allucinado, cabellos esparsos pelas costas, collados na testa por abundante suor, dirigiu-se á roupa, agachou-se como panthera a formar o salto, e assim esteve alguns minutos. Quando se ergueu, tinha as mãos crispadas e uma contracção estranha arqueava-lhe o labio superior, dando-lhe um tom sinistro

ao rosto emmagrecido. Do monte de roupa já nenhum som se escapava. Asphyxiara o filho. O 37, satisfeito o desejo, abandonara-a brutalmente á responsabilidade do fardo que o amor produzira. E focou-se outra vez a olhar fixamente as traves aqui e acolá esburacadas pelo caruncho.

Recordava o viver de outr'ora, a infancia passada na provincia com a ama que a viera buscar á Santa Casa, no fito de vender o leite sadio a troco d'alguns vintens, como se fôra nédia vacca em luxuosa vaccaria. Acciduum-lhe á mente excitada as recordações dos bailaricos no adro da igreja e os desafios de trovas populares durante as *descamisadas*³⁵¹. Não sabia lêr. Ninguem a ensinara. Affeita aos baldões da sorte, viera servir para Lisboa e ahi fôra victima da sua boa-fé. Matára o filho. E que fazer? O que seria d'ella, amanhã expulsa pelos patrões, illudidos até então á força d'artificios imaginosos. Mendigar!... Tal era o futuro que a esperava. Quem a acceitaria com uma creança nos braços? Ninguem! Ouviria talvez muitas palavras de consolo procurando encorajal-a, mas todos lhe diriam que tivesse paciencia e buscasse outro lado onde pudesse ganhar pão. Ninguem a protegeria e ao filho. O amante abandonara-a certo da impunidade e talvez já se preparasse para fazer nova victima. A sociedade fechava-lhe todas as portas entregava-a a si propria, ignorante, sem o sentimento educado, sem saber mesmo o que era ser mãe. Nunca brincara com bonecas, quando em pequena vivia com a ama, mondava arroz e guardava cabras. E mais d'uma vez vira creanças roidas pelos porcos que de supresa entravam nos casebres da aldeia. Commetterá um crime? Não o sabia bem. Só lhe faltava destruir as provas. E n'um passo cauteloso, descalça, desceu a escada do sotão que o ligava á cosinha, para voltar rapido, empunhando a faca grande que brilhava aos clarões do sol nascente, espreitando atravez a fresta que olhava os quintaes proximos.

Era preciso concluir. Em breve o leiteiro viria, matinal, tocar á campainha no andar inferior.

³⁵¹ Festa popular do Minho (descamisada do milho).

Acocorou-se de novo junto á roupa ensanguentada, e d'ahi a pouco lançava n'uma tijella alta do interior gorduroso que exhalava um cheiro acre, pedaços de carne cortados brutalmente n'um selvagismo cannibalesco.

Era tempo, a campainha chamava-a.

*
* *
*

Desde as 9 que a sala estava cheia de espectadores ávidos de sensações fortes. Havia mezes que a Boa-Hora³⁵² não attraia ociosos sempre á espreita de incidentes em que matar o tempo.

As 10½ ouviu-se o rodar pesado da carruagem cellular que vinha do Aljube³⁵³. Nos bairros pobres a garotada apregoava o *horriovel crime* e as visinhas commentavam o caso, adubando-o de considerações.

Na sala da audiencia, o juiz tomou o seu logar, enquanto o escrivão folheava o processo, os advogados compunham as becas e os jurados pancudos se alojavam custosamente nos *fauteils*, salientando os abdomens em que rebrilhavam grossas cadeias de fuzis.

A multidão curiosa, apertava-se com furia, acotovelando-se desordenadamente n'uma grande febre de não *perder pitada*. Os soldados, encostados á teia, esforçavam-se por conter o povo e lembravam urbanamente que não caminhassem *pr'a diente*. Eram *ordes!*...

A audiencia correu sem grandes commoções. Lido o processo e feita a accusação pelo ministerio publico, o advogado *ex-officio*, pronunciou um rapido discurso de defesa banal, significativo da miseria da ré.

Interrogada pelo juiz se tinha alguma coisa a dizer em sua defeza, Germana que até então permanecera, muda e immovel como se fôra uma estatua, exclamou:

– O 37 é que teve a culpa!

³⁵² Tribunal de Lisboa de primeira instância.

³⁵³ Prisão feminina, em Lisboa.

E tornou a recair no mutismo anterior.

Formulados os quesitos e de volta o jury á sala, foi dado o crime por provado e lida a sentença que condemnava a ré em 15 annos de degredo em Africa.

A multidão evacuou a sala e Germana, conduzida por dois soldados, de novo entrou na carruagem cellular, que a rodar pesado seguiu para o Aljube.

Nos claustros dois jurados discutiam.

– Reparou o amigo Thomaz, aquella mulher é o typo perfeito do criminoso nato descripto por Lombroso³⁵⁴. O craneo achatado, a testa deprimida, os labios grossos.

– É verdade, dr. Ferreira, notei-lhe um typo exquisito.

Junto dos jurados o 37 palestrando com o 65 exclamava cynicamente:

– Que *gaja aquella!*... Safa!

O dr. Ferreira e o Thomaz merceeiro, despediam-se á porta.

– Olhe dr. Ferreira para criminosas d’aquellas todo o castigo é pouco. A sociedade tem de vingar-se.

– Assim penso amigo Thomaz. A proposito, a reforma da instrucção passa nos deputados?

– Ora essa dr. É uma economia de 15 contos, suprimem-se 30 escolas. Mas ha idéas de fundar um asylo para creanças abandonadas. Adeus!

– Adeus até logo!

E os jurados foram jantar e descrever ás familias o typo da criminosa.

Ruy

³⁵⁴ Ezechia Marco Lombroso, mais conhecido pelo pseudónimo de Cesare Lombroso (1835-1909), médico e criminólogo, teorizou as causas da criminalidade com base nas características físicas e biológicas dos indivíduos.

A CEIA³⁵⁵

O salão regorgitava de frequentadores.

D'um a outro lado, correndo os creados vestiam casacas de patrões, multiplicavam actividade objectivando gorjetas, quando em quando supplicavam em olhares submissos, justificando demoras.

Á mistura; gritos, tilintar de talheres estalidos de Champagne, condensavam-se ruidosos na athmosphera morna, tepidamente enervante.

Fóra, atravez as largas portas envidraçadas, relusia pallido o *passeio* polido pela chuva penetrante, miuda, insistente, a trespassar a roupa e a infiltrar o corpo.

Na praça, oscillando a subitas rajadas que chicotiavam as faces dos transeuntes, illuminavam frouxamente os candieiros, osculando em tremulos de luz morticã arvores sem folhas, na intermitencia de brandões funerarios.

Ferio agudo na dobra das esquinas o frio das noites angustiosas.

Um *requiem* soluçante de victimas stertorisando ao longe, muito longe, fugia dos postes telephonicos, uivando a instantes satanicos, no gargalhar sinistro da Dôr.

– Rapaz!... gritou o banqueiro X ***, batendo as palmas.

– Deseja?

– *Vol-au-vent!*

D'ostras?

³⁵⁵ RUY – A ceia. *A Obra*. Lisboa: n° 205 (1898), 25 de dezembro, p. 3.

Um olhar, foi signal affirmativo.

Veloz, o creado partiu gritando ao mostrador, no serviço do freguez que sabia generoso a merecer atenção.

Occultando o abdomen largo na mancha branca do guardanapo, o rei da finança deixou vaguear o espirito no exito das operações felizes, gozando até final a ceia delicada.

Subito affincando as rugas da fronte coroada de raros cabellos grisalhos, pensou na Consuelo³⁵⁶.

O rosto sombrio denunciou torturante elaboração de torvo pensamento.

A Consuelo enganava-o?...

Paciencia!

O banqueiro resignava-se; possuía o Corpo, dispensava a Alma da mulher.

Voltou a serena calma de bestial paixão tranquilla.

*

* *

Um vulto negro de mulher esqualida, vestindo lucto, surgia livido, espectral, supplicante, na sala revistida de espelhos que recochetavam scintillações de luz crúa.

³⁵⁶ Em espanhol no original. A imagem da mulher espanhola, construída a partir das narrativas de viagens de viajantes masculinos que se deslocaram a Espanha na segunda metade do século XIX e divulgada a partir do romance de Prosper Mérimée, *Carmen*, e da ópera homónima de Georges Bizet, do ano 1875, ficará esterotipada na valorização do aspeto físico, na gentileza no vestir e no trato, e na sensualidade, mas também sem qualquer valor intelectual. O tema tem sido amplamente tratado pela historiografia. Entre as publicações mais recentes, vid., por exemplo, PASCOAL, Sara Cerqueira – Carmens e Lolás: representações da mulher espanhola na literatura de viagens portuguesa da segunda metade do séc. XIX. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI – ISCAP*. Nº 5 (2017), maio. Já a ideia da mulher espanhola como prostituta, traidora e infiel, divulgada por Eça de Queirós em *Os Maias*, entre outros romances oitocentistas, e o significado sociológico da amante espanhola para o burguês da época foram temas estudados por PAIS, José Machado – «De Espanha nem bom vento nem bom casamento»: sobre o enigma sociológico de um provérbio português. *Análise Social*. Vol. XXI (86) (1985-2º), especialmente p. 233-240.

A viuva estacou hesitou-se na extranheza da athmosphera tepida, deixando no *parquet* um rasto de lama.

Nos cabellos fugidos em rebeldia á pressão do lenço negro, scintillavam iriados globulos de chuva miudinha.

A seguil-a, um garoto esfarrapado, descalço e teritante, esgazeava o olhar n'um impulso tentador, fitando *restos* esquecidos no fundo de pratos transparentes.

Afagando a tentadora evocação da hespanhola lasciva e traidora ergueu-se o banqueiro a chamar.

– Rapaz:

Tinha frio, os braços da Consuelo esperavam-n'ó.

Á volta estendendo a salva de cristofle, mantendo attitude submissa e demorada o lacaio recebeu e guardou a *gorgeta*.

Na algibeira triumphante abysmou-se a cedula de cinco tostões.

A generosidade cumpria.

Rapido, envergando o grosso casaco de abafo, o banqueiro lançou o olhar á rua.

O *coupé* aguardava em frente do luxuoso portal que jorrava luz na rua enlameada.

A parelha impaciente, mascava nos freios sacudindo as orelhas.

*

* *

Seguida do garoto tremulo e semi-nú, a viuva decidiu-se, avançou.

Acompanhando o olhar repassado de magua, a mão emmagrecida estendia-se supplicante.

Indicando n'um empuxão a marcha para a rua, interveio o lacaio, coletrico, indignado na importunação.

Deteve-o o banqueiro:

– Sê humano!... Dar aos pobres é emprestar a Deus!

Reanimada de esperança, respirou a mendiga.

Ia ter guarida.

No *bonet* do garoto, agora descoberto, dois vintens pousaram e o *coupé* partiu.

Exercera-se a Caridade.

Na intuição da Iniquidade, recordando a gorgeta e fitando o cobre, o garoto teve um raio de infinita colera a illuminar-lhe o rosto, reluzente de chuva miudinha, penetrante.

No laboratorio da Esmola, elaborava-se a essencia da Revolta em mudo protesto.

Vencida da fadiga, a viuva sentou-se n'um portal humido, enquanto longe, muito longe, no socego discreto do *bodoir*, a Consuelo esperava somnolenta e aborrecida o *protector*, carminando os labios descorados.

Caridade, Amor, Generosidade crystallisavam em Mentira.

Ruy

O INTRUSO³⁵⁷

Naquella noite a chuva batida de sudoeste vergastava as vidraças, escorrendo em grossos sulcos tortuosos. Á mesa do serão, lançado na habitual tarefa, mal podia o Pedro distrahir os olhos avermelhados da obsessora visão dos numeros alinhados e rigidos descendo pagina abaixo dominados pelo *Deve-Haver* que no alto punha nota magestática de gravidade commercial em bom cursivo inglez litographado a azul.

A Vida era aquillo...

Mergulho na faina exhaustiva, lucta desesperada, ancia febril do ganho; seguir-se á labuta do dia no escriptorio, compulsando o *Caixa* e *Credores diversos*, a vigilia na salita forrada a papel barato de fundo claro, salpicado de florões verdes. Ás vezes, o espírito escalavrado do Pedro tinha rapidas crispações de revolta.

– Arre!... era de negro!... a mourejar assim, um dia ia-se abaixo.

Parecia-lhe injusto o Destino nesses curtos instantes de rebeldia intuitiva, mas, ao final, ficava-se amodorrado, esmoendo num desabafo fatalista:

– É sorte!

De tamancos viera o patrão lá da Beira, besta igual a tantas, á conta d'um recoveiro e lá se arranjava no negocio traficando, politicando, jogando na *alta*. E elle, p'ra ali estava ha vinte annos, desde os dez³⁵⁸, jungido á canga, sempre pé no lodo, incapaz de fuga ás pestilencias do

³⁵⁷ SILVA, Ernesto da – O intruso. *Revista Nova*. Lisboa: nº 3 (1901), 20 de maio, p. 78-82.

³⁵⁸ A mesma idade em que Ernesto da Silva começou a trabalhar.

saguão da rua dos Douradores que empestavam a atmosfera presidiaria do escriptorio, sorvida das dez ás cinco; pelotiqueiro de cifras espiando o kalendario, vegetava impaciente á espera do dia 30, avido de recolha ás cédulas do ordenado que mal recebido – o maldito! – rapido fugia entre os dedos... Raça d’azar!

E quando ao serão, salteado da febre de comparo, se lembrava d’isto, ali na salita, olhar fixo no mostrador branco do relógio, amollecia a colera de pouca dura no *tic-tac* hypnotisante batido na calada da noite, quedando-se atordoado.

Não era homem de guarda-las...

O casamento arrasara-o: em noite de Colyseu³⁵⁹ lobrigara a Luiza nos *fauteiuls* e, picado d’um *tic* de primavera que então ia em flôr, assestara apaixonado olhar, esquecera o *Razão*³⁶⁰, esticara os punhos, tomara pose, e apoz a morte da *Carmen*, espicaçado de desejo e quente de paixão, guardando na retina impressionada a plastica da *prima-dona*, seguira-a até aos Caldas, assobiando manso um trecho apprehendido, no preparo do casamento vulgar, habitual, mais sacrificio feito ao conservar da especie que pesquisa d’alma irmã prompta á marcha na Vida.

Realizara-se o facto: gastos seis mezes de epistolas torturadas de logares communs do Amor, partejados a ferros, a Magdalena carimbara o prologo da nova existencia do Pedro, tendo mulher a cuidar da roupa branca e a libertal-o de vez ás omolettas da D. Clara e do quarto a doze mil réis com vista p’ro telhado: – construiu o Lar!

De começo, coisa de um anno, marchando *p’ro seio da familia* – no dizer pittoresco da despedida aos collegas – o Pedro ia lepidado, de corrida, antegosando sybaritico o recosto com geito auctoritario de Senhor na cadeira de verga, aninhado no chylo facil do cozido e *prato de meio*.

Como isso ia longe!

³⁵⁹ O Coliseu dos Recreios

³⁶⁰ Livro de escrituração mercantil.

O Passado com aconchego de sapatos de feltro em tempos de invernia e evocações de vida tranquilla sumira-se espancado pelo Presente, quantas vezes mantido a custo com espera ao padeiro e rol na tenda.

Em tres annos, tres filhos!

Annunciara-se com berços e vagidos o poema da derrota.

O abysmo escancarado, a morte da esperança, imposera-se inexoravel.

A família crescera, o pão diminuira. Quanto mais era pae e teimava em ser homem, mais se afundava adivinhando funesta capitulação.

Ainda assim fiava, não sabia em quê, de providencial e inesperado capaz de arranca-lo á desesperação da impotencia reintegrando-o na felicidade. A resignação vestida de confiança reparava nessas horas os estragos da descrença, mas sempre alguma coisa de inquietante ficava sempre a mordica-lo na consciencia.

– Maldita idéa! segredava-se então o Pedro, e no cerebro acordavam recordações do Colyseu e da *Carmen*.

Não que a Luiza fosse *de genio*, gastadeira, desaninhada; ao contrario, fazia milagres; nas mãos d'ella dois valiam quatro, mas aquillo dos baptisados, doenças, amas, partos, punham-no á rasa, engrenado em emprestimos torturantes p'ra um homem de methodo nas cousas.

Agora, forçado á lucta, lançava mão a tudo: escriptas atrasadas, copias, balanços succediam-se na mesa de jantar á luz coada do *abat-jour* verde; teimoso, só ás duas e tres da manhã erguia o busto, levava mãos aos rins e cautelloso, a não fazer bulha p'ro môr dos pequenos, seguia caminho do quarto, empurrado p'ra cama pelo desafio estridente dos gallos em quintaes proximos.

Nessa noite de chuva batida de sudoeste que vinha em lagrimas tortuosas escorrer nas vidraças, mais que nunca sentia o Pedro o avisinhar da derrota e na fuga á obsessão afincava-se nervoso ao trabalho p'ra esquecer.

Á tarde, de volta do escriptorio, dissera-lhe baixinho a Luiza, um tudo nada vermelha, mastigando phrases:

– Sabes?!... Já estou...

Boquiaberto, estuporado á primeira, ferido de golpe rijo no cráneo, cobrara animo e perguntara-a, lembrando factos.

Num olhar doloroso, mixto de magua e desculpa, a Luiza fitara-o:

– P’ra quê assustal-o ha mais tempo... Já no mes passado desconfiara, sentira... Não quizera dizer, podia ser engano; ás vezes falhava... Mas, não tinha que ver, andava já com vomitos e o corpo n’uma quebreira... Era certo!...

Lavada em lagrimas, fôra esconder-se no quarto sem jantar.

E na noite fria, cortada de sudoeste a chicotar as vidraças, o rosto amarelento e tresnoutado do Pedro tinha um rictus estranho ressumando desgraça.

*
* *
*

Amodorrava sem echos a travessa ao sol do meio dia; silenciosa, entorpecida a rua esbrazeada banhava-se de fogo purificador e nos quintaes estalava a terra creadora em brechas avidas de luz fecundante.

De vez a vez, vinha lá da esquina, o *tam-tam* adormentador fugido á loja do funileiro posto na faina a virar folha á bigorna.

Gatos estirados dormiam nas valetas; guelras e buchos fermentavam ao sol e, nas sacadas, flores vergavam adormecidas.

Nem um pregão.

Pairava na travessa um sopro de anesthesiante beatitude escorrendo suor, acabrunhador e somnolento.

Na alcova, de costas sobre a cama dando relevo á curva forte do ventre fecundado, fugida aos pequenos, p’ra ali estava a Luiza, faces sem cor, sujas de *panno*, olhar triste, franzindo a testa quebrada de rugas ao reboar na casa o gargalhar do mais velho, seguido do estrondo inquietante de bancos tombados na cozinha.

Ser Mãe era o seu mal.

– Se fôra só e o Pedro, pensava, que bella seria a Vida!

Nervosa, virando-se no leito bruscamente, sentia remorsos num vomito de contricção que lhe subia do coração ao cerebro vexando-a.

Instintivamente, interrogava-se:

Porque não ter filhos? Não era essa a lei do mundo? O proprio Christo não dissera – cresci e multiplicaie-vos?

Absorta, olhar parado, espasmodica sem resposta ás intimas perguntas acordadas na consciencia, immobilizava-se, fixando a gelatina vermelha do *vitrail* onde um guerreiro d'elmo e montante punha nota severa.

Ás fachadas de luz crua alastrava-se no soalho a mancha sangrenta entornada das janellas.

Era d'agouro...

Atormentada, sentindo amargo prazer no reabrir da chaga teimava em questionar-se:

Se pudesse te-los?... Não podia, estava escripto!... Aos trinta annos já o Pedro se curvava gasto e o ordenado era curto; calado, paciente, até ali exgotara o calix sem protesto, mas ella via-o impotente p'ra lucta, pres-tes a capitular. Não era seu dever anima-lo, prestar-se ao sacrificio?... Era um crime, bem o sabia; attentado ignobil contra a Natureza que da flor á fera ensinava respeito á obra da Creação. E quem podia accusa-la?!... Ninguem!... Já tres vezes dera almas á vida nos seus flancos sagrados de Mãe; avergava agora á dura necessidade de salvar-se e salva-los. O que vinha era um intruso, um *sem-logar* na familia destinado a provocar a desgraça dos paes, a miseria dos irmãos. Sim! Que amanhã não podia o Pedro chorar augmento de filhos ao patrão, esperançado de alcançar mais dez tostões ao fim do mês.

– Que os não fizesse! responderia o hominho de barbichas brancas e oculos de oiro acavallados no nariz adunco. E esse homem era a Sociedade.

Personificação do Egoismo, symbolo da Iniquidade, bem queria elle saber da agonia do pae interdicto de ser homem; rir-se-ia, mostrando os dentes falsos e aconselharia, num geito de osga, mais trabalho e menos folga... Elle, o pae clandestino, gorilla padreador em ventres de creadas

lorpas a fornecer a *roda* – p’ra evitar massadas! – poria ponto á lamuria dizendo que aquillo – o escriptorio pestilento – era p’ra quem queria... O que faltava era gente!

Olhos fitos no *vitral* vermelho – *restos do pôr da casa* – a Luiza tinha a visão do Pedro, cabisbaixo, raivoso, a guindar-se desconfortado ao banco alto e esguio, ficando-se aborrecido d’ella que o lançava na engrenagem esmagadora da paternidade sem pão.

E na travessa pairava um sopro de anesthesiante beatitude escorrendo suor, acabrunhador e somnolento.

Retiniu a campainha a desperta-la e o gaguejar agudo do mais velho annunciou na saleta.

– É o papá!

Era elle!... Já de volta!... Talvez acompanhado?

Fincando o cotovello na colcha de trama ergueu o busto apavorada, diligenciando ouvir, a tremer, convulsa.

Não se enganara.

Lá dentro, o Pedro fallava a uma mulher de voz amelaçada e aos ouvidos chegava-lhe a sentença numa só palavra: – *Desembaraça-la!*

Pobre victima!... Num lampejo de ultima illusão agonisante descerrava os labios pallidos em dolorido sorriso e ainda a martellar derradeira esperança alçava olhos ao tecto na ancia de ver o Ceu.

– Soubesse eu que nascia morto...

Era o ultimo protesto contra o attentado, vibrava a ultima nota de revolta no odio ao crime que a Sociedade impunha.

No corredor rangeram botas, e o Pedro seguido da parteira habil, perita em casos dificeis, acercou-se do leito perguntando a medo:

– Então?...

– Quando quizeres!

Das faces agora vermelhas escorregaram duas lagrimas a perderem-se no roupão branco, e a Luiza caiu de costas, mãos no rosto, suffocando um soluço.

O *intruso* ia ser morto!... O *sem-logar* ia ser victima...

Amodorrava sem echos a rua esbrazeada e nos quintaes proximos estava a terra creadora em brechas avidas de luz fecundante.

*
* *
*

Na morada bafienta do esgôto, atascada de podridão, passavam ratas sordidas em fuga ao *glu-glu* esverdeado dos canos parciaes, salpicadas do enxurro viscoso que seguia caminho da praia lodacenta.

Quando a quando, engrossava a vasa nauseante, recebendo no seio negro a digestão da cidade lá em cima rindo a fingir respeito á Natureza.

Nos recantos esboroados aranhas pelludas construiam silenciosas as teias da traição, detendo o labor torpe aos guinchos agudos de ratas desavindas que perturbavam em voltas caprichosas a quietação morna do antro pestífero.

Encalhando aqui, passando acolá, fugindo aos obstaculos, em voltas caprichosas seguia o feto a boiar, mãos crispadas, bôca aberta, olhos vitreos, arroxeados e frio caído num lençol de lama.

O *sem-logar*, o miseravel intruso, craneo quasi nú de pello, corrido da Vida a pontapés dos paes que não tinham pão a dar aos filhos, caminhava sempre.

Afirmavam na Cidade phylosophicos ladrões ser de Malthus³⁶¹ a justa sentença.

E o homem de amanhã, o embryão assassinado á conta da Ordem esteiada em quarteis e sachristias, rebuçava-se de mais em mais no enxurro amigo serpeando em voltas de cascavel e lá ia olhos vitreos e bôca aberta na expressão, de um grande grito:

– Vingae-me!... Vingae-me!... Nada fiz a ser intruso!...

Ernesto da Silva

³⁶¹ As teorias demográficas de Thomas Robert Malthus (1766-1834) desenvolvidas em *An Essay on the Principle of Population* (1798) influíram no pensamento político, económico, social e científico do século XIX.

(Página deixada propositadamente em branco)

DRAMAS (1894-1903)

TEXTOS DRAMÁTICOS (1894-1896)

(Página deixada propositadamente em branco)

1871³⁶²

A Ordem: – Quem me perturba o repousar?!...

A Revolução: – A plebe que se revolta!

A Ordem: – Além; os palacios são vulcões a vomitarem chammas...

A Revolução: – É o baptismo do Futuro, o sacerdote é o Povo!

A Ordem: – Maldição!... As chaminés não fumegam, as machinas paralysam, a charrua não sulca a terra, a semente não germina. A officina é deserta, o lar está vado. E a canalha, ruge, assassina, rouba. É essa a tua obra?!...

A Revolução: – Não!... Pertence-te!... Eu sou o effeito, tu és a causa!... Hypocrita!... É sobre o estomago dos miseraveis que assentas o leito em que chafurdas no incestuoso connubio com a tyrannia e empallideces ao contemplares o estranho parto.

Cobarde!

Zombas das lagrimas, és surda aos lamentos, crias o desespero e temes a colera!... Prostitues a mulher, embruteces o homem, exploras a creança e admiras-te que o sangue salpique as paginas da Historia.

A Ordem: – Na praça publica um phantasma negro a fintar-me ranco-roso, cresce, distende-se, dominando tudo.

A Revolução: – É o solar dos parias!... É a barricada!...

A Ordem: – Quem o habita?!...

³⁶² RUY – Folhetim do jornal A Federação. 1871. *A Federação*. Lisboa: nº 11 (1894), 18 de março, p. 3. Trata-se de um número comemorativo do aniversário da Comuna de Paris.

A Revolução: – A descendencia dos escravos, dos servos, dos vassallos: – os salarizados. Fui eu que os subtrahi ás fêras do circo, que os arranquei á gleba, que os salvei da força senhorial...

A Ordem: – Para os conduzir?

A Revolução: – Á Liberdade!... Afia a guilhotina, empunha o *knout*³⁶³, forja as gargalheiras, constroe o ergastulo, tudo será perdido!

A onda cresce. Os diques serão transpostos. Além; está a Justiça!

As cabeças rolando sangrentas, as carnes arroxeadas pelo latego, as cans precoces creadas nos carceres, activam o germinar do odio.

A Ordem: – Insensata!... Milhões de bayonetas, a um gesto meu, restalhar-te-hão o corpo ennegrecido no fumo das sedições.

A Revolução: – Vae abutre; vae; arranca ao tecto paterno o filho vigoroso, único sustentaculo do lar, afunda na dôr do isolamento a viuva desprotegida, arma o braço fratricida, perpetúa a raça de Caim, cumpre a tua missão. O estandarte vermelho da revolta continuará a tremular no alto da barricada.

O vulto negro que na praça publica te apavora é a crystallisação do soffrimento; é a guarida dos que soffrem.

A Ordem: – Krupp³⁶⁴, ajudar-me-há a entrar-te a sanguinolenta marcha.

A Revolução: – Nada me deterá!... Os canhões não metralham a alma dos povos e é n'ella que habito. Offerta espadas de honra aos cabos de guerra, borda-lha os assassinos braços com dourados galões, rebusca no humano monturo o ascoroso Deibler³⁶⁵, a Idéa caminha sempre, a sorrir aos miseros, a encorajar os fracos, a fertilisar a Terra.

³⁶³ O «knout» ou «cnute», voz russa que significa «chicote», era um artigo de suplício formado por tiras de couro.

³⁶⁴ Ernesto da Silva alude aqui ao conjunto das empresas fundadas por Friedrich Krupp, em especial as dedicadas à fabricação de material bélico.

³⁶⁵ Anatole Deibler (1863-1939) foi um verdugo francês que ficou célebre por ser responsável pela decapitação massiva de criminaes.

A Ordem: – Mentas!... O que ambicionas, são as riquezas, é a propriedade...

A Revolução: – O que desejo é a igualdade social. Venho da noite dos séculos a libertar a Humanidade escrava; são meus filhos, Spartacus, Cristo, Voltaire e Proudhon.

A Ordem: – Odeio-os!...

A Revolução: – Eles são os percursores da tempestade que me atemorisa. São eles que dão forma, vida, ao anseio da multidão que estrebuxa ao peso da Iniquidade. Apavoram-te, porque são grandes; teem o chicote para os vendilhões e o sorriso para os dogmas fundidos no cadinho da Ignorância; escarpellam o Erro e veem ensinar ao povo, que o mundo é de todos, que os homens são iguaes.

A Ordem: – Phantasias vãs!... Na floresta ha carvalhos alterosos e arbustos que ratejam, no jardim, a rosa sorri ao sol e a violeta esconde-se timida entre a folhagem verde...

A Revolução: – O carvalho não esmaga o arbusto, a rosa não tyrannisa a violeta. Tudo é livre na natureza livre a expandir-se a mergulhar na Vida.

A Ordem: – Cala-te!... Todos te odeiam...

A Revolução: – Ouvi!...

O Camponez: – Vinde redemptora aurora libertar com o clarão vermelho do incendio, a Terra que fecundo tressando.

A lã dos carneiros, o vinho côr de rubi, os sazonados fructos, a espiga repleta de grãos, tudo é pertença do proprietario ocioso, que acorda com o rodar da luxuosa carruagem os cães dos casaes.

O Operario: – Nuncia de ventura, arrasa o presidio industrial, transforma a fabrica no templo do trabalho, livre, esbandalha a pontapés a sumptuosa *Bolsa* onde o labor extorquido á turba faminta é jogado com delirio.

A mãe: – Vinga-me!... O filho unico, ainda hontem a sorrir qual primavera manhã, é hoje massa informe, triturado na engrenagem da machina.

O artista: – Liberta-me o genio, escravizado ao ouro: rasga um novo e largo horisonte onde mitigue, em longos haustos, a sede do desconhecido que me abrasa.

O vagabundo: – Concede-me um abrigo, na rua o frio é intenso, a neve já branqueja as cupulas dos palacios.

A creança: – Ampara-me, sou orphão, tenho fome!...

A Revolução: – A mim párias, a mim reprobos, abandonem as charruas, subam ás montanhas, descancem os malhos, paralysem as machinas, venham á barricada que o pendão da revolta tremúla no cimo, confundindo a tyrannia, apontando o Futuro.

Ruy

NO GABINETE. (DIALOGO BURGUEZ)³⁶⁶

O conde X: – Não ha que duvidar meu caro... em breve a fabrica tem que fechar as portas.

O banqueiro A: – (*ambicioso*) Duvido caro conde... duvido, o John, conhece o assumpto como poucos...

O conde X: – (*com arrebatamento empunhando um folheto*) Meu caro, o relatorio da gerencia é por demais claro e... ameaçador. Maldita canalha operaria!...

O banqueiro A: – Tranquilise-se, conde. Creia que o seu temor é infundado e nunca a companhia se encontrou tão prospera.

O conde X: – (*com anciedade*) Que me diz!... É certo o que affirma?!... Praza aos ceus que assim seja; como sabe, comprometti n'aquella empreza que me aconselhou como productiva o melhor do dote que destino á minha Gigi.

O banqueiro A: – (*sorrindo*) Não falem pretendentes á gentil menina; o resto está garantido...

O conde X: – (*tranquilizando-se*) Respiro!... A sua não desmedida competencia em assumptos financeiros, encoraja-me caro A...

O banqueiro A: – Então aonde os salarios sómente consumiram a quarta parte do lucro liquido e o dividendo apresentado pela gerencia é muito lisongeiro.

³⁶⁶ RUY – Folhetim do jornal A Federação. No gabinete. (Dialogo burguez). *A Federação*. Lisboa: n° 33 (1894), 19 de agosto, p. 2-3.

O conde X: – Assim mesmo o salario custou duzentos contos!... E a maldita GRÉVE que fez suberter o melhor de cincoenta contos!?!... E a canalha sempre a rosnar, a impor, a ameaçar. (*rindo forçadamente*) Ah! ah! ah!... D'aqui a pouco não hesitarão em afirmar que o capital lhes pertence. Creia o meu amigo, mas não está na minha mão, enraivece-me ver uns miseraveis que não teem onde cahir mortos a revoltarem-se contra o capital protector que lhes alimenta a filharada malcreada e suja.

O banqueiro A: – (*indulgente*) É a ignorancia, que os leva a tal...

O conde X: – Discordo meu caro, é preversão o que impulsiona a *canalha* da fabricas. Convenço-me de que, se o capital não lhes offerecesse o salario para se alimentarem, terminariam por se devorarem como anthropophagos. Não é a ignorancia que os aguilhoa, e note meu amigo, quando a fabrica se afundou e os camponezes abandonaram o arado pelo tear, a paz nunca foi interrompida. Eram pouco habeis mas emfim era gente simples que ao menos conhecia o dono. Hoje que a fabrica deveria recolher os beneficios d'uma longa aprendizagem, vá vel-os meu amigo!... São féras promptas a morderem a mão bemfazeja á voz d'uns aventureiros que madraceam percorrendo o paiz a cimentarem o odio contra a ordem social, contra a patria, contra a familia, contra a auctoridade n'uma desesperada ancia de ruirem todo o existente... Se fôra rei, asseguro-lhe que faria reviver a Inquisição!...

O banqueiro A: – (*com bonhomia*) O Conde afflige-se em demasia!... Desculpe porém a rudeza do conceito que offereço á sua meditação: *Todas as bestas comem palha...*

O conde X: – (*intrigado*) Não alcanço o sentido vago das suas palavras, amigo A. Por certo que ellas são filhas da sua muita penetração e são n'ste caso uma segura garantia de quietação. Mas o mal é grave e alastra-se com estranha rapidez. Ainda ha pouco soube que um *pé-descalço* da fabrica affirmava junto ao portão da quinta, olhando de soslaio para a minha Gigi e o meu Lúlú que os garotos trausunando ao azeite das engrenagens a quem dera o ser tinham eguaes direitos perante a Natureza. Hein!... Que

tal!... E isto não é um caso virgem, os taes meliantes que prégam a *idéa-nova*, como elles dizem, em breve transformarão o operariado nacional n'uma chusma de declamadores baratos e atrevidos a quem é preciso offerecer um severo correctivo.

O banqueiro A. – Parece-me não ter ha pouco o conde comprehendido claramente a intenção das minhas palavras. Abandonarei nebulosidades e explicarme-hei claramente.

O conde X: – Sou todo ouvidos!...

O banqueiro A. – O mal que o amedronta, é nada comparado com o que vae no estrangeiro. Ali, as *gréves* são mantidas com uma disciplina digna de elogio, os fundos de resistencia são poderosos e a educação operaria vale muito mais do que em Portugal. A pesar d'isso a industria floresce o capital arracada bons lucros e o trabalho executa-se com vertiginosa rapidez. O que o conde observa em Portugal é simplesmente o *sarampo* da revolução social. Ha quem prescreva fortes *sangrias* afim de diminuir um tanto o numero de braços substituidos pelo mecanismo e não hesite em oppor á colera proletaria perigosas medidas de repressão. Abomino o systema. Ha mais pratico e menos doloroso. Ha dias na fabrica o John consultou-me sobre o caso de serem feitas reclamações pelos operarios; como sabe o John, homem educado no convivio da industria ingleza conhece aquella *tropa*. Expuz-lhe o meu modo de ver; estavamos d'accordo.

O conde X: – (*com interesse*) O que resolveram?...

O banqueiro A: – Cousas simples!... Instituímos uma *crèche* na fabrica, reduzimos o dia de trabalho e fomentámos a organização da associação de resistencia, que nos tem prestado excellentes serviços.

O conde X: – (*indignado*) Mas isso é uma loucura?!...

O banqueiro A: – (*sorrindo*) Parece, mas não é!... Vou explicar-me. As femeas empregadas na fabrica quando com filhos, preocupadas em extremo com estes que abandonavam de manhã para só os verem á noite, a pesar da maxima fiscalisação, produziam pouco ajuntando-se-lhe o inconveniente de os seios prenhes de leite pela falta de vasão as impedi-

rem de se movimentarem com facilidade e muitas vezes inutilisarem os tecidos.

O conde X: – (*indignado*) Grandes porcas!...

O banqueiro A: – (*continuando*) Hoje não succede tal; as femeas trabalham mais, teem os movimentos mais livres mitigam a *paixão* tres vezes ao dia ao toque de sineta. Que lhe parece?!...

O conde X: – Sim senhor, uma idéa genial; satisfazer uma necessidade moral e conseguir maior somma de proventos. Bravo é muito engenhoso!...

O banqueiro A: – A redução do dia de trabalho obedeceu ao mesmo calculo. O descontentamento do pessoal era grande e uma *gréve* ameaçava estalar, pondo-nos em risco outros cincoenta contos. Estudada a questão o dia de trabalho que subio a quatorze horas desceu a 12, lucrando a companhia no fim de contas a bonita somma de dois contos.

O conde X: – (*desconfiado*) Isso pôde ser assim?!...

O banqueiro A: – É como lhe assevero meu amigo. Os operarios n'um esforço maximo teem por estar limite doze horas de labor; para que então tel-os na officina contrafeitos e insubmissos, quando agora andam alegres e satisfeitos, bemdizendo o nosso paternal disvello que os livros dos serões e nos faz economisar a somma que já citei em combustivel e illumination. Hein!... Esta tambem não é mal jogada, não é verdade?!

O conde X: – (*maravilhado*) É surprehendente! Continue meu caro A...

O banqueiro A: – E a associação tem prestado por seu turno bons serviços á companhia. Ahi, porém, é preciso mais cautella!!... Toda a habilidade está em *canalisar* a força proletaria para o nosso lado e jogar-a contra os visinhos incommodos. Foi o que se fez.

O conde X: – (*assustado*) Essa arma é perigosa! Pôde n'um momento virar-se contra nós?...

O banqueiro A: – Socegue conde; a sua inquietação bem prova a sua ingenuidade em tal assumpto. Na associação tenho *elementos* recrutados no pessoal da fabrica que espiam e me communicam tudo o que se passa. Tranquillise-se pois...

O conde X: – É a providencia personificada!...

O banqueiro A: – (*modesto*) Faz-se o que se póde!... Mas... como ia dizendo: o conde lembra-se dos pequenos fabricantes das circumvisinhanças que, no começo da exploração da fabrica, tantos attrictos levantaram no mercado?

O conde X: – Perfeitamente, pessima gente, por signal.

O banqueiro A: – (*com intima satisfação*) Já nenhum existe. Devido á superioridade do nosso capital, á divisão de trabalho que empregamos e a uns odios *habilmente* soprados por não acompanharem a reducção do dia de trabalho a que nós *accedemos*, tiveram de paralyzar as pequenas fabricas e venderem como *sucata* o machinismo antiquado... Demais a associação poz-se em guerra aberta contra elles, os nossos *elementos* actuaram e hoje estamos sós em campo!... Eis a therapeutica que perfilho... e aconselho. Está tranquillo conde?!...

O conde X: – O meu amigo é um homem de genio; na verdade!

O banqueiro A: – (*levantando-se*) Adeus conde, retiro-me...

O conde X: – Já!... E eu que esperava jantar na sua amavel companhia.

O banqueiro A: – Sinto muito, conde. Á tarde, parto no *sud-express* para Paris.

O conde X: – O meu estimavel amigo fica já avisado que desejo mais cincoenta acções!...

O banqueiro A: – Satisfal-o-hei na volta.

O conde X: – Adeus meu caro!... Esperava dever-lhe a sua visita no meu camarote de S. Carlos a ouvir esta noite o Tamagno³⁶⁷ no *Othello*. Mas parte!...

O banqueiro A: – (*despedindo-se*) Outra vez será!... Recommende-me a sua ex.^{ma} esposa. Até á volta...

Ruy

³⁶⁷ Francesco Tamagno (1850-1905), tenor italiano, especialmente conhecido na interpretação que fez da ópera *Otello*, de Verdi, em 1887.

(Página deixada propositadamente em branco)

Á SAÍDA DA FABRICA. (DIALOGO OPERARIO)³⁶⁸

Manuel: – Safa!... A burguezia leva-nos coiro e cabelo. Vou aqui, que não sinto o corpo.

Augusto: – Antes assim!... Felizes somos nós, em não nos faltar o trabalho.

Manuel: – És o maior dos idiotas que o sol cobre. A tua resignação e a dos outros *carneiros* é que nos obriga a vegetar eternamente agrilhoados á miséria. Parece impossível que vocês raciocinem!... O burguez rouba-nos descaradamente e vocês acham a situação muito agradável.

Augusto: – Tu sabes que te estimo como se fôras meu irmão, mas com franqueza não concordo contigo. O patrão paga-nos a fêria, não fica a dever nada; dá-nos trabalho todo o anno, que mais queres tu?!...

Manuel: – (*rindo*) Ah!... ah!... ah!... É o que eu digo, vocês são tolos! Dizes que o patrão paga a fêria e isso é o bastante para justificar o *marau*³⁶⁹ que guarda no cofre a maior somma do trabalho que produzimos.

Augusto: – Hom'essa!... Então o patrão fica com o valor do trabalho que produzimos?... Francamente, não percebo!...

Manuel: – (*encolerizado*) Pois se não percebes, não digas tolices... Vaes responder ao que te perguntar?...

³⁶⁸ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Á saída da fabrica. (Dialogo operario). *A Federação*. Lisboa: nº 34 (1894), 26 de agosto, p. 2-3.

³⁶⁹ Mariola; homem finório, espertalhão.

O burguez que nos explora, d'onde é que extrae o capital com que veste de seda a mulher, sustenta amantes, mantém o filho na universidade, compra palacios, quadros, espelhos, tapeçarias e aluga creados que o vestem, barbeam e lhe preparam o banho perfumado em que amacia e refresca a pelle?...

Augusto: – É da fabrica em que trabalhamos!...

Manuel: – E ainda não percebeste que, se o burguez nos pagasse integralmente o valor do que produzimos, não poderia passar da *cêpa torta* em que nós vivemos?... Pagando-nos integralmente, facilmente se veria ter o *sujeito* tanto como nós. Não succede porém assim!... Na fabrica trabalhamos quinhentos operarios. Todos temos milhares de necessidades que não satisfazemos, enquanto o *burguezão* passa a vida folgada e só tem que preocupar-se no que ha de gastar a *massa*. Sabes perfeitamente que, lá na fabrica, se fabricam bellas casimiras e *cheviottes*; pois nem tu, nem eu, temos direito a passar da *ganga* e da *pelle do diabo*. Vê lá tu – nem o que produzimos com o nosso trabalho podemos gosar. E ainda dizes que isto vae bem com tanta injustiça e roubo... Estuda!... estuda!...

Augusto: – Effectivamente, a cousa não é direita!... Mas... O capital é d'elle!...

Manuel: – Fazes-me desesperar!... Diz-me tu quem é que movimenta os teares, quem é que accende as caldeiras, quem é que fez a machina, quem é que transforma o fio nas grandes peças que enchem o armazem. Não será o trabalho manual dos operarios e o trabalho intellectual dos engenheiros?... É, sem duvida!... É o trabalho quem tudo faz no mundo e tu achas rasoavel que o capital absorva todo o esforço humano!... O capital é *cousa morta*, nada produz; o trabalho é o unico factor de *vida*.

Augusto: – Ainda assim; o capital...

Manuel: – (*interrompendo*) O capital é trabalho não pago, já t'o disse; é producção accumulada e não paga aos productores, que a burguezia transmite aos filhos. E já te vou provar que o capital é *cousa morta*. Se pegares n'um conto de réis e o encafuares n'um cofre, sae de lá alguma cousa util para a humanidade?...

Augusto: – Não!...

Manuel: – Já vêes que o capital só fructifica, comprando trabalho que os operarios teem de vender para não morrerem á fome.

Augusto: – Isso é verdade!...

Manuel: – Então bem; já concordas que não tens razão quando troças das minhas opiniões.

Augusto: – Pois sim; mas ainda ha pouco, quando tive a mulher doente, foi a patroa quem me levou a casa recursos para fazer face á botica e ao medico.

Manuel: – (*ironicamente*) Melhor fôra que te dessem o valor do trabalho que produzes... Não precisarias de esmolos!...

Augusto: – Outra fosse ella que não se incommodasse com a minha afflicção.

Manuel: – Tens razão e eu não te aconselho a que sejas ingrato; mas desejo que tu comprehendas que o que ella praticou foi uma *restituição*. Mas... voltemos ao assumpto!... O capital é o peor inimigo dos homens; é bicho de tal sorte peçochoento que até transforma em cousas de dôr e afflicção o que de melhor produz o cerebro dos sabios em beneficio da grande familia humana.

Augusto: – Tem paciencia Manuel, mas isto agora é que custa a acreditar!...

Manuel: – Consegui já tirar-te da cabeça a *minhoca* de que era o capital quem satisfazia ás necessidades sociaes. Vou provar-te o que acabei de affirmar!... Ora escuta com attenção!... A machina, producto do cerebro do sabio que a criou, não tem por unico fim libertar o homem das agruras do trabalho manual entregando, o mais livre á educação do espirito, preparando assim, pela natural evolução, uma sociedade perfeita em que, impedindo uma nova moral, consequencia do progredir intellectual das sociedades, reine a solidariedade entre os homens e desapareça o egoismo.

Augusto: – Parece que sim!...

Manuel: – Não succede assim!... A machina entra na fabrica e em vez de dar beneficios collectivos que adocem a situação dos productores, só

produz a desgraça e a miséria lançando na rua todos aqueles que o patrão pôde dispensar a quem despede sem se importar com a situação desesperada dos que expulsa e que tem forçosamente de lutar pela vida!... Aqui tens tu como a Sciencia na sua acção benéfica é desviada do seu fim pela apropriação individual do capitalismo.

Augusto: – Tens razão!... Mas que se ha de fazer para evitar uma tão grave injustiça?...

Manuel: – Muito pouco!... Lutar pela organização d'uma sociedade em que a propriedade seja colectiva, não offerecendo elementos a uns de explorarem os outros³⁷⁰.

Augusto: – Isso é que era bello!...

Manuel: – Sinto feliz em ter conseguido fazer luz no teu cerebro. Mas o que tenho dito, ainda não é nada, comparado com o que ha para dizer. O egoismo que brota do capital, que tu ainda ha pouco respeitavas, é por tal fórma odioso que leva o capitalismo a deixar que se inutilisem nos armazens grande quantidade de productos, sem ter a generosidade de os entregar aos seus legitimos donos – os que os fabricaram.

Augusto: – O que dizes é verdade!... O inverno passado precisei bastante de possuir um casaco d'abafo e não pude compral-o: no emtanto, no armazem, muitas e muitas peças se estragaram.

Manuel: – Bravo! Já estás mais socialista do que esperava. É que o te dizia – questão d'um simples raciocinio sobre os phenomenos sociaes.

Augusto: – Os burguezes como tu lhe chamas dizem que a propriedade é cousa santa que tem vindo atravez dos seculos!...

Manuel: – Não te illudas, a *propriedade é o roubo* de todo o esforço colectivo das gerações em exclusivo proveito d'uma minoria privilegiada. Com certeza não acreditas que, quando se encontraram na terra os primeiros homens, houvesse distincções entre elles que justificassem a existencia de escravos e senhores; com o andar dos tempos é que, em nome

³⁷⁰ Atente-se como nesta discussão entono ao impacto do maquinismo na organização industrial do trabalho, o operário Manuel desvia a luta para a defesa da futura sociedade socialista, numa superação do velho ludismo.

do direito da força, foi extorquido aos mais fracos o direito que tinha, ao bem estar colectivo e submettidos á mais vil e tyrannica escravidão.

Augusto: – Segundo tenho lido, os escravos revoltaram-se em varias epocas, contra a oppressão dos fortes e dos poderosos?

Manuel: – É certo o que affirmas; e assim os miseraveis teem conseguido transitar de escravos a cidadãos gosando nos nossos dias uma *liberdade* que, embora illusoria na sua completa manifestação, é o producto de montes de cadaveres e rios de sangue, que correram á voz das revoluções. O trabalho porém não está concluido. Ha muito que fazer ainda; temos que atacar o mal na sua origem, produzindo a transformação economica que ha de egualar todos os homens; sem ella a *liberdade* é uma illusão; havemos de libertar o estomago para que possamos dar completa expansão ao cerebro que se encontra esmagado pelo capitalismo. É indispensavel que o pão dos nossos filhos seja livre da acção tyrannica de quem nos compra o braço para podermos bradar: – Somos homens livres.

Augusto: – Tens razão Manuel, e eu é que era cego, desconhecendo as causas do nosso mal. Mas... agora reparo; estamos á porta de casa!...

Manuel: – (*despedindo-se*) Adeus, pensa no que te disse, compara a tua miseria. Trabalhando sempre, com a riqueza dos que nada produzem; e em breve serás um revoltado. Adeus.

Augusto: – (*apertando a mão de Manuel*) Adeus, até ámanhã... Has de me emprestar alguns dos teus livros, sim?

Manuel: – Com todo o gosto!

Augusto: – E para o mez que vem, dou-te a minha palavra, que entro para o *Grupo Socialista* a que pertences. Adeus!... Tu tens razão!...

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

DE VOLTA Á FABRICA. (DIALOGO OPERARIO)³⁷¹

Manuel: – Tu hoje estavas agarrado á cama... Fartei-me de bater á porta!...

Augusto: – Tem paciência!... O petiz *rabujou* toda a noite *com os dentes* e não consegui pregar olho. Vou aqui que só Deus o sabe!...

Manuel: – (*com ironia*) Confia n'elle!... Tens, pela certa, dispensa do trabalho... e do salario.

Augusto: – (*com tristeza*) Estás sempre a mangar!... Sabes, Manuel, a minha vontade era voltar á cama. Que vida!... Chega a gente a ter odio aos filhos!...

Manuel: – Aos patrões é que deves dizer!... Ainda hontem te julgavas um *homem livre*; e porque pensaste um pouco já vês que não passas d'um *grilbeta*³⁷² cuja corrente só permite o caminhares do *presidio* até casa e nada mais. Desejavas voltar á cama; esqueces-te que a *sineta* chama-te e o *ponto*³⁷³ espera-te; pois fica sabendo que o *salario* não consente que fujas do *presidio*. O *salario*, meu caro, é um guarda-chusma de primeira ordem!... Os burguezes bem o sabem e vivem tranquillos!... Ia apostar em como o patrão, a senhora e os meninos, ainda dormem a somno solto!... Ah!... ah!... ah!...

Augusto: – (*exaltado*) Não é tanto assim!... Se quizer não vou a fabrica.

³⁷¹ RUY – Folhetim do jornal A Federação. De volta á fabrica. (Dialogo operario). *A Federação*. Lisboa: nº 35 (1894), 2 de setembro, p. 2-3.

³⁷² Condenado a trabalhos forçados.

³⁷³ Ato de verificar a assistência a um ato.

Manuel: – (*compassivo*) Estás doido!... O dinheiro faz-te falta e amanhã tens muito humildemente de impingir uma *leria* ao mestre para te desculpar. Homem o *capital* obriga-nos a tudo, até a *intrujice*.

Augusto: – Ah! que se não fosse o *petiz* que lá está em casa!...

Manuel: – (*interrompendo*) Se não fosse o *petiz* era a mulher e se não fosse a mulher eras tu proprio quem te obrigaria ao sacrificio. O mal não está na familia, está na sociedade!... Eu sou solteiro e tambem vou para a *roça* produzir para os outros.

Augusto: – (*com tristeza*) Isso é verdade!... Mas tu, Manuel, bem vês que com filhos ainda a sorte que nos cabe é mais dura?!...

Manuel: – (*com violencia; dominando a commoção*) É assim, é!... E eis a razão que me obriga ás vezes a ter odio aos meus companheiros; desgraçados ignorantes quem o chicote tambem lhes vergasta as carnes; esmagam-lhes os filhos nos dentes das engrenagens, obrigam-nos a serem ignorantes para serem explorados sem protesto; e as bestas não veem que, enquanto as creanças a quem deram o ser andam pallidas e enfraquecidas, rotas e descalças a transportar pesados fardos, os filhos do patrão descansam á sombra das copadas e verdejantes arvores do jardim, ou por desfasdio percorrem as estradas em formosos garranos, ou brilhantes *bicyclettes*. Mas... a ignorância tudo pode consentir... Só ha uma solução para o problema dos filhos e essa não a quiz pôr em pratica; por isso não me casei!...

Augusto: – (*com interesse*) Fallastes de uma solução?...

Manuel: – Sim!... É evital-os!... O capital, o grande monstro de que te fallei hontem, nem a garantia, que a Natureza concedeu ás feras, nos deixou. O proletario que vê, que observa de perto o supplicio das creanças exploradas pelo capital, não deve sentir remorsos de crear novos seres, pequeninos entes que, mal saidos dos *cueiros*, são lançados na beira dos caminhos, ao sol, á chuva, remordendo uma côdea dura?... E a *creche* na fabrica; os innocentes chorando pelo peito da mãe, vivendo artificialmente de *rolha* na bocca, – aos safanões d'uma velha que passou a vida a embrutecer-se na officina, destraindo-lhes o soffrimento, o amor de

que a alma da mulher é sempre tão prodiga. Tudo isto revolta e impelle á revolta!...

Augusto: – E eu que até hontem em nada reparava!

Manuel: – Era a influencia do meio!... Ouve porém!... Então julgas que eu não sinto necessidade da familia, eu que vivo só, isolado, n'um mundo de soffrimento!... Sinto e muito; mas lembrar-me que uma parte do meu ser chorava pela mãe, que só a visitaria quando a sineta *mandasse*... Tal facto horrorisa-me e prefiro viver só!... Eu não posso ser pae, não posso ser esposo, só posso ser escravo!... O coração em mim é uma simples peça do organismo que os burguezes compram, não póde ser um repositorio de doces sentimentos que dulcifiquem a minha passagem na terra. Eis tudo!...

Augusto: – (*impressionado*) – Cala-te, Manuel, as tuas palavras chico-team-me a alma!

Manuel: – É assim, pouco a pouco, que te hei de mostrar quanta escravidão, quanta injustiça, quanta barbaria vae por esse mundo!... Que espesinhassem os homens, que massacrassem as mulheres, quasi que comprehendo; nós podemos defender-nos, mas as creancinhas isso é que é infame!...³⁷⁴

Augusto: – Parece que uns já nascem condemnados ao soffrimento e á dor, enquanto a outros preside ao seu nascimento uma boa estrella?!...

Manuel: – Augusto, tu tens ainda na cabeça muita da falsa educação que a padralhada, ao serviço da burguezia, *encasqueta* na cabeça das nossas mães para nos transmittir. A boa estrella dos meninos burguezes é o dinheiro que o *papá* roubou aos nossos companhieros e com que mais tarde o garoto, feito homem, compra os cavallos de raça que nos salpicam de lama e paga a virgindade das filhas dos proletarios que transforma

³⁷⁴ Esta passagem, que mostra a preocupação de Ernesto da Silva pela infância, é uma constante na sua obra, quer literária quer doutrinária. Para além das referências contidas nas narrativas, nos textos dramáticos e nas peças teatrais, atente-se, por exemplo, a artigos do autor como Associação Promotora das Festas Infantis. Na cooperativa «A Liberdade». *O Mundo*. Lisboa: n.º 314 (1901), 29 de julho, bem como A traço negro... (Typos e factos). Opiniões. *Idem*. N.º 321 (1901), 5 de agosto, p. 1, onde critica a presença das crianças nos teatros interpretando papeis de adultos, não adequados à sua idade.

em amasias e a quem abandona quando lhe parece. Arranja tu dinheiro, explora o trabalho dos que nada têm e verás como possues a *boa estrella*.

Augusto: – Tu, também, já estas descrente?

Manuel: – Talvez; mas não de tudo. Confio em que um dia o proletariado ha de abrir os olhos e mostrar aos gordos financeiros e astutos industriaes que é tempo de pôr ponto final em tanta vilania!... Crê tu, Augusto, só vivo para uma cousa: trabalhar continuamente na destruição do palacio burguez, construido com os esqueletos dos miseraveis. É a minha aspiração!...

Augusto: – Ainda ha de levar muito tempo que tal se realise?!...

Manuel: – Que importa!... O egoismo só deve pertencer a burguezia... Nós desaparecemos na valla, mas o nosso trabalho cá fica a preparar o futuro dos que vierem.

Augusto: – Olha, Manuel, a religião pôde ser mentira, mas a fé ainda assim ajuda-nos a resignar um pouco.

Manuel: – (*com impaciencia*) A Fé, a resignação, o amparo para as agruras da vida... é o que eu digo, ainda tens muitas *minhocas* no *toutiço*.

A minha fé é n'um futuro melhor, religião só professo a grande maxima: *não faças aos outros o que não desejas que te façam*; e o meu amparo nas horas de amargura é ter a certeza de que tenho sempre luctado em bem da Humanidade. Fallas em resignação, *quem se cala, consente*; lá diz o proverbio. E demais, o peor da freguezia devia ser o primeiro a praticar como tu dizes, e que vês?!... Vae a casa do patrão, come-lhe o jantar, bebe-lhe o que ha de melhor na adega e, depois de farto e cheio, corado como um rabanete, é que nos aconselha a que nos resignemos á *brôa* e á sardinha salgada. Não está má *piada*!...

Augusto: – Olha, com franqueza, se penso muito n'isso, faz-me mal á cabeça e tenho medo de endoidecer.

(*Ouve-se tocar uma sineta ao longe*).

Manuel: – Vamos, Augusto, apressa o passo, já deu o primeiro signal e d'aqui a cinco minutos, se não chegarmos, ficamos na rua!...

Augusto: – E eu que vou com tanto somno!

Manuel: – *(com azedume)* Caminha! Tem paciência, el-rei Capital manda marchar, não manda dormir!...

Augusto: – *(com desespero)* Sinto *ganas* de lançar fogo logo á fabrica!...

Manuel: – *(com vivacidade)* Não caias n'essa, então é que ficamos *aviados*, só nos restava morrer de fome, ou irmos para outra *roça*, o que era o mesmo. A cousa não vae assim!...

(Ouve-se tocar segunda vez a sineta).

Coragem camarada, já vejo a porta!

Augusto: – Vamos lá; não ha outro remedio.

(Os dois operarios entram o portão da fabrica).

O porteiro: – Mais um minuto e fechava a porta!

Manuel: – *(com ironia)* Tem rasão, tio Miguel, assim é que é!...

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

A SESTA. (DIALOGO OPERARIO)³⁷⁵

Augusto: – (*suspendendo a leitura do jornal*) Cá está uma das taes que não chego a comprehender bem!...

Manuel: – O que é?...

Augusto: – Diz *O Trabalhador*³⁷⁶ que só sabe ser operario o que é socialista!...

Manuel: – Hom'essa... então tens duvidas?

Augusto: – (*confuso*) Não!... é que gostava que me explicasses o que quer isto dizer.

Manuel: – Nada mais simples!... Só é operario o que é socialista, como só sabe manejar um florete o que estudou esgrima.

Augusto: – Não percebo!

Manuel: – Ouve lá!... A gente funda uma associação e, se não conhece a *pouca-vergonha* capitalista que nos rouba o suor e muitas vezes até nos obriga a lutar uns contra os outros, de nada serve o baluarte que julgámos construir para luctarmos contra a burguezia. Já te expliquei, ha

³⁷⁵ RUY – Folhetim do jornal A Federação. A sexta. (Diálogo operario). *A Federação*. Lisboa: nº 38 (1894), 23 de setembro, p. 2-3.

³⁷⁶ Trata-se do órgão da Associação dos Trabalhadores da Região Norte Portuguesa, semanário publicado no Porto em 1890 (6 de janeiro a 2 de novembro), perfazendo 94 números, de tendência «possibilista» ou reformista, isto é, a facção socialista de Manuel Luís de Figueiredo. Victor de Sá informa que «em 1892 passou à posse da Associação dos Trabalhadores, por acordo da Cooperativa de Produção Tipográfica O Trabalho». Segundo este historiador era, em 1894, na altura em que Ernesto da Silva publica este conto, um «órgão libertário», mas no texto é considerado socialista, o que parece estar dentro da sua tradição histórica. Em 1896 (15 de novembro) é novamente reeditado até 1897, em que publica um único número dedicado à Comuna de Paris (18 de março). Vid. SÁ, Victor – *Roteiro da imprensa...*, *op. cit.*, pp. 79 e 85.

dias, o que é o capital e as infamias que provoca, vou hoje explicar-te a afirmação do *Trabalhador*. Se nós tivéssemos em vista, quando nos associamos, sómente a conquista de mais um pataco no salario então era melhor irmos dormir para casa...³⁷⁷ O que é preciso é termos uma orientação segura dos phenomenos economicos. O capital é do burguez e nós quando vimos ao mundo e depois de crescidos não temos vintem, vendemos o nosso trabalho a quem o compra e fica com a melhor parte e nós só temos o *salario*. Ora o que nasce d'aqui?

Augusto: – (*com simplicidade*) Não sei!

Manuel: – Nasce uma lucta de interesses contrarios que se chocam entre si, ora diz-me lá, o que é que tu procuras quando vaes comprar qualquer cousa?

Augusto: – Comprar o mais barato que posso!...

Manuel: – É o que o burguez faz á gente! Ora diz ainda: o que desejas tu quando trabalhas?

Augusto: – Que me paguem bem!

Manuel: – Ahi tens a eterna lucta!... Quando vendes queres muito, quando compras o teu desejo é dar pouco... E se o vendedor te ceder o producto com perda aposto que não te ralas?...

Augusto: – (*sorrindo*) com certeza!

Manuel: – Vês; isso é o egoismo mais puro que se pode imaginar!... O vendedor em virtude de uma afflicção precisa fazer dinheiro e vende por metade do custo e tu não tens escrupulo em roubal-o!...

Augusto: – (*formalisado*) Em roubal-o?!... Se me cede o producto é que lhe faz conta!...

Manuel: – Bravo!... Muito bem!... Tem paciencia; presta attenção e depois responde-me ao que te vou perguntar... O anno passado, quando

³⁷⁷ Nesta passagem Ernesto da Silva chama a attenção para a necessidade de superar a dimensão estritamente sindical do movimento socialista em prol de uma ação política mais aprofundada que leve a uma autêntica revolução social. Verifica-se, à altura de 1894, o germen de uma teorização político-social mal compreendida dentro da militância de base e não só, que levará o nosso autor às acusações de simpatia pelo movimento anarquista e, em última instância, ao abandono do Partido Socialista Português em 1897.

foi a *crise* e que o patrão nos diminuiu o salario de 600 a 400 réis, na certeza de que não encontraríamos trabalho e morreríamos á fome ou pediríamos esmola na estrada, o que chamavas tu ao burguez cá da fabrica?

Augusto: – (*córando*) Chamava-lhe ladrão!

Manuel: – Por que?

Augusto: – Por se aproveitar da miseria geral para nos extorquir os dois tostões que me faziam tanta falta e estar a encher os armazens com producto mais barato e em que o sujeito tinha maior beneficio, pois os vendia ao mesmo preço.

Manuel: – Exactamente o que tu não duvidas em praticar...

Augusto: – Mas... então!...

Manuel: – (*interrompendo*) O que tu deves ver, meu pateta, é que o capital é a causa da lucta entre os individuos, obrigando-os a devorarem-se uns aos outros. É elle que prostitue as mulheres famintas, quem compra os homens, ás vezes bellos luctadores; é elle quem junca os campos de batalha de cadaveres, quem falsifica os generos, quem produz muitos assassinos, finalmente é a maior praga que podia cair em cima da humanidade... Diz-me lá agora, para que serve um operario que é victima de toda a tyrannia e soffre toda a miseria; produz tudo e nada tem, faz o fato e anda roto, constroe palacios e não tem um subterraneo, faz o calçado e anda descalço, que desconhece o mysterio da riqueza e não sabe nem póde revoltar-se contra o algoz que o tortura?

Augusto: – Não serve para nada!...

Manuel: – N'esse caso só os operarios que conhecem a origem da sua miseria e do seu soffrimento e tentam destruil-a é que merecem o nome de operarios, isto é, de defensores da camada social que representam.

Augusto: – É verdade!...

Manuel: – Pois bem; mas esses são socialistas!

Augusto: – Tambem é certo!

Manuel: – Ahi tens a rasão da affirmativa do *Trabalhador!*... Mas... ha mais para observares. A lucta que nós mantemos pela diminuição das

horas de trabalho é transitoria; o nosso fim, o nosso alvo é pouco a pouco organizarmos as forças proletarias, até que chegue o momento em que possamos transformar a sociedade actual n'uma organização social em que a justiça seja a base. Gréves, representações, comícios, jornaes, folhetos, associações, são como que uma ponte de passagem...

Augusto: – (*interrompendo*) Uma ponte de passagem?...

Manuel: – Sim!... Admiras-te da phrase que empreguei?... Põe na tua idéa que a sociedade futura está na outra margem do rio e nós estamos d'este lado; o que temos a fazer para a alcançarmos senão juntar tantos materiaes quantos precisos para construirmos uma ponte que, passando sobre a sociedade burgueza e individualista, nos permita chegar até onde desejamos.

Augusto: – (*rindo*) Sim senhor!... É boa piada!... Mas ha muitos operarios que ainda não comprehendem isso!

Manuel: – Ha muitos operarios e até associações. Isso, porém, é natural: é que desconhecem o alcance da sua missão. Mas... deixa lá, associem-se os operarios, organisem as suas associações, que o mais tudo se arranja.

Augusto: – Como?

Manuel: – Pela propaganda!... Não foi pela propaganda que te demonstrei algumas cousas que não conhecias nem sabias apreciar?

Augusto: – Foi; não ha duvida!

Manuel: – É certo que uma associação é como um individuo; se não tiver orientação, se não tiver por alvo a emancipação proletaria, não passa d'um cadaver, por vezes, até se torna perigosa.

Augusto: – Perigosa?!...

Manuel: – Sim!... Calcula tu que desejavamos fazer *gréve* e que um companheiro nos não queira seguir; esse homem não se tornava perigoso para o movimento collectivo que desejavamos effectuar?...

Augusto: – Certamente!

Manuel: – Facilmente comprehendes que para uma acção geral de trabalhadores uma associação representa o mesmo papel.

Augusto: – O que se ha de fazer?

Manuel: – Esperar!... E fazer boa e sincera propaganda entre os seus membros até que compreendam o erro em que caíram.

Augusto: – Isso leva muito tempo!

Manuel: – Nem tanto como parece!... Ou a classe abre os olhos e caminha... ou *morre*. O que se não movimenta, aniquilla-se por si proprio.

Augusto: – Com franqueza, Manuel; ás vezes chego a duvidar da possibilidade de se organizar uma sociedade tão perfeita como a que desejamos.

Manuel: – D’aqui a pouco és capaz d’affirmar que isto parou aqui, concluires que o mal já lá vem de traz e que o mundo foi sempre assim!... Parar, não parou; todos os dias a sciencia offerece novas descobertas, e algumas de tal valor, que fazem uma transformação completa no meio social; enfermar a sociedade contemporanea do mal anterior, até certo ponto é verdadeiro; mas grandes teem sido as conquistas e progressos que se teem effectuado, tendentes a destruir o mal; concluir que o mundo foi sempre assim é falso; seria admittir que estavamos na *idade da pedra*, ou sendo devorados no circo das feras para gaudio dos senhores... Tem paciencia, não tens razão!

Augusto: – Sim, é verdade; mas a gente desanima, a maior parte dos companheiros não ajudam a gente!...

Manuel: – Julgavas talvez que tudo se resumia em pagares duas quotas ao *Centro*, largar um discurso e esperar que muralhas da cidade burgueza caissem como diz a biblia caíram as muralhas de Jericó. – Era bom... e barato. O que tu estás meu Augusto é muito *verde*. Quando te fallo ao sentimento, abres os olhos e arrebitas as orelhas, mas quando te fallo á razão esmoreces logo... Pois meu rapaz, se esmoreceres não adiantas nada, tem a certeza que o patrão não te augmenta o salario; talvez aproveite a occasião para o diminuir. Que te parece?!

Augusto: – (*envergonhado*) Não desanimo, estou sempre prompto para a lucha. Gosto mais porém de ouvir-te n’outros pontos.

(*Ouve-se tocar a sineta da fabrica*).

Manuel: – Amanhã é domingo, de manhã vou buscar-te a casa e conversaremos em cousas mais agradáveis e que hão de *aquecer-te*. Havemos de conversar na Pátria, na Família, na Religião, no Estado, emfim n'uma *leria*³⁷⁸ burgueza.

(Manuel e Augusto entram o portão).

O porteiro: – Vocês andam sempre agarrados!?

Manuel: – *(rindo)* Não se assuste tio Miguel!... Andamos, a organizar uma *phylarmonica!*

Ruy

³⁷⁸ Léria, lengalenga.

Á PORTA DA VENDA. (DIALOGO OPERARIO).
(Á REDACÇÃO DO «ANTI-JESUITA») ³⁷⁹

Augusto: – (*olhando o adro da Igreja*) Safa!... Muita gente vem da igreja!...

Manuel: – (*com ironia*) É signal que ha muito maroto!...

Augusto: – (*admirado*) Então quem vae á igreja é maroto?!...

Manuel: – A maior parte dos que se dizem crentes, auctorisa-me a pensar assim.

Augusto: – Porquê?

Manuel: – Por simples raciocinio... A maioria dos que frequentam a igreja não teem duvida em prejudicar o proximo em favor proprio; concludo d'aqui que taes sugeitos só resam para se desculparem das *partidas* que commettem. Não será isto maroteira? Aceitar uma ordem moral que se baseia no *não faças aos outros o que não queres para ti*, e sair do templo para entrar na lucta pela vida, esmagando o visinho para um sujeito melhorar de situação; creio que é sobeja patifaria!...

Augusto: – Não é tanto assim!

Manuel: – Sempre es muito *reinadio!*... Desenganava-te depressa se tivesse em meu poder um bom punhado de libras... Chegava ali ao adro,

³⁷⁹ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Á porta da venda. (Dialogo operario). (Á redacção do «Anti-Jesuita»). *A Federação*. Lisboa: n° 39 (1894), 30 de setembro, p. 2-3. Ernesto da Silva dedica o seu texto ao jornal *O anti-jesuíta. Folha independente destinada a combater o jesuitismo*, de Lisboa. O semanário acabara de nascer, pois o seu n° 1 data de 18 de agosto de 1894. Publicou-se até 13 de janeiro de 1895.

atirava-as ao ar e tu verias o que era sôcco a cachação uns nos outros para apanharem a melhor parte!...

Augusto: – (*rindo*) Sempre tens cada idéa!...

Manuel: – A *massa* é que é o grande Deus!...

Augusto: – Agora por isso não acreditas em Deus?...

Manuel: – Para fallar com franqueza, pensei muito n’essa cousa!... No entanto, não digo que ha, nem que não ha!...

Augusto: – Então não tens opinião formada sobre o caso?...

Manuel: – Não... E parece-me tolíce discutir tal ponto, desde que não tenho provas, se sim, ou não existe. O que posso affirmar é que até hoje ainda não precisei da Divindade; cá tenho resolvido os meus negocios, sósinho sem auxilio de procurador... E felizmente durmo tranquillo e com a consciencia socegada!...

Augusto: – És atheu!...

Manuel: – (*interrompendo*) Enganas-te, nem atheu nem deista. Sou homem e nada mais!... Olha, Augusto, para me certificar de que a religião, mesmo para os *crentes* é cousa duvidosa, basta-me isto. A Sagrada Escrip-tura diz: – que é mais facil passar um camelo pelo fundo d’uma agulha, que um rico entrar no reino dos ceus... E que vês tu?

Augusto: – Todos querem ser ricos!

Manuel: – (*interrompendo*) Ainda os mais crentes; começando naturalmente pelos ministros da religião. Não é isto verdade?...

Augusto: – É.

Manuel: – Já vês que tenho razão em acreditar que a religião é batota e que os *crentes* são refinados hypocritas!... O que tu chamas *crença* não passa d’uma cobardia dos homens em frente dos problemas graves da vida. Quando estão afflictos, toca a implorar a Nosso Senhor que os tire d’apertos; transformando a Divindade n’uma especie de ministro quem vamos entregar uma representação!... Na impossibilidade de resolverem, tomam advogado e nada mais.

Augusto: – Francamente Manuel, mesmo sem querer, a mim succede-me, quando estou afflictio, lembrar-me d’um poder superior!... Não está mais na minha mão!... Falta-me uma cousa!...

Manuel: – (*rindo*) Compreendo-te!... Fazes lembrar-me um sujeito que está costumado a camisola de flanela. Se a abandona, constipa-se!... Abafa-te!... abafa-te!...

Augusto: – Diabos te levem, estás sempre a troçar!...

Manuel: – Poderá!... Não queres que ria, quando vejo não resistirem á mais leve analyse todos os esteios da sociedade actual!... Religião, Patria, Familia, Propriedade, pontos cardinaes da sociedade, viciosamente organisados pela burguezia, desaparecem ao mais leve sopro da critica.

Augusto: – A religião porém tem tido grande influencia na evolução social?...

Manuel: – (*com azedume*) Assim é... Quando os escravos se revoltavam contra a tyrannia dos conquistadores, constituindo a *Bagaudia*³⁸⁰ e a *Vagaria*³⁸¹, que assolavam os castellos e as abbdias, reduzindo-as a montões de cinzas, n'uma expansão de justa colera contra a desalmada roubalheira feita pelos senhores e patrocinada pelos bispos, a religião aconselhava, os que se não revoltavam, a terem resignação durante a vida afim de alcançarem a bemaventurança de além-tumulo. A turba dos escravos, fanaticos, com a mioleira cheia de sandices, não duvidava em perseguir os seus irmãos que luctavam na conquista da Liberdade!... São estes os favores que nos tem dispensado o catholicismo!...

Augusto: – Pois sim; mas a religião não é só o catholicismo!

Manuel: – Tens razão!... Mas as religiões são todas a mesma cousa; já um pensador declarou que são como os animaes phosphorecentes que necessitam da obscuridade para luzirem!

Augusto: – Não comprehendo muito bem!

Manuel: – É simples. A religião impõe-nos sempre o acceitar de principios abstractos, que marcam ao espirito humano estreitos limites a que tem de sumetter-se, impedindo consequentemente o livre exame da sciencia,

³⁸⁰ As revoltas bagaudas desenvolveram-se na Gália e em Hispânia sob o Baixo Império.

³⁸¹ Na Ocitânia (sul de França) e na Catalunha (nordeste de Espanha) era uma jurisdição administrativa civil medieval.

firmado na experimentalidade, ou demonstração. A religião é uma baia e as baías são para as bestas...

Augusto: – (*hesitando*) Sim!... Os padres teem feito muita maroteira... mas... com franqueza, isto é da educação, creio n'uma cousa superior!

Manuel: – (*com ironia*) Fazes bem, rapaz, não abandones a camisola!... Acautela-te, com as constipações do livre-pensamento.

Augusto: – Dize-me uma coisa, Manuel!... O socialismo faz questão de materia religiosa?...

Manuel: – Não me consta que se tenha tratado do assumpto!... Vou, porém, dar-te a minha opinião!... Os socialistas, seguindo o methodo experimental e a evolução economica e moral das sociedades humanas, não devem ser senão livres-pensadores, isto é, aceitarem só o que podem demonstrar e põem de parte as nebulosidades da metaphysica religiosa!... Demais, cada periodo economico tem a sua religião. Ao estado primitivo do homem correspondeu o pantheismo ou, para melhor dizer, a admiração pela grandiosidade da Natureza, que o homem ignorante não podia comprehender. Ao periodo de servidão e tyrannia economica, representado na differenciação de castas e hoje na superioridade do capital, corresponde a crença no goso de melhor mundo, além da morte, baseada na resignação ante o *fatalismo* economico que creou escolhidos e reprobos. Só assim os trabalhadores podiam ser domados e engatados pela Igreja ao carro triumphal dos seus exploradores!... Ámanhã, a revolução social transforma a economia actual, e á admiração ignorante do homem primitivo e á resignação do proletario ante as torturas que lhe infligem succederá a moral do amor do proximo, consequencia da grande solidariedade humana, que só pode florescer n'um mundo onde todos os seres sejam eguaes para o prazer e para a dôr!... Estás satisfeito?!...

Augusto: – Estou!... Mas dize-me, a sã moral é incompativel com a organização social contemporanea?...

Manuel: – (*sorrindo*) São o cão e o gato mettidos n'um sacco!...

Augusto: – Por que?

Manuel: – Já te aponteí como a lueta pela vida na economia burgueza é representada na guerra entre os homens; já te fiz vêr que os *crentes*, em vez de seguirem os preceitos da humildade e fiarem da sua entrada na mansão dos justos a recompensa da sua peregrinação na terra, vão seguindo o proverbio: – *Candeia que vae adeante...*

Augusto: – (*interrompendo e rindo*) *Allumia duas vezes!*

Manuel: – É verdade!... Pois bem; d'aqui conclues que o intuito dos homens das saias pretas é estabelecerem um freio á natural revolta dos povos, a quem embrutecem com cantigas, no fito de terem o seu quinhão do suor dos que trabalham!... A religião está bem com toda a gente!... O Papa é autocrata, monarchico-constitucional, republicano e até *socialista!*...

Augusto: – Oh! Manuel!... O Papa ha de gostar muito da republica?

Manuel: – (*sorrindo*) É conforme as coisas que se apresentam!... Ainda ha pouco adheriu á Republica franceza³⁸².

Augusto: – Bem me lembro!... Até fiquei admirado pela união entre os descendentes de 1789 e a infalibilidade papal!...

Manuel: – São contos largos!... Os descendentes de 1789 só lhes serviu Voltaire enquanto não foram accionistas das companhias mineiras ou de fabricas de tecidos; os burguezes são livres pensadores em casa e para uso particular; aproveitaram a obra do grande demolidor e dos que o acompanhavam, enquanto lhes conveiu, a destruição do principio do direito divino que mantinha á monarchia que procuravam destruir! Isso já lá vae!... O caso agora muda de figura; o barrete phrygio amancebrou-se com a tiara e até agora não consta que vivam em desharmonia!... A republica tem um grande fim a cumprir; mas a barriga manda mais que o cerebro!... O capital está em perigo e o povo precisa d'um freio; esquece-se d'Alembert e venha Loyola. O vaticano completa a Bolsa!... O

³⁸² O Papa Leão XIII (1878-1903) reorientou a política externa desenvolvida pelos seus predecessores, Gregório XVI e Pio IX aceitando a República Francesa, um regime plenamente consolidado nos seus elementos democráticos, mas devido também a outras preocupações, como apoiar o governo conservador neutralizando soluções políticas radicais.

mais são *batatas*; é assim que pensa a burguezia, e ahi tens a explicação da adherencia do Papa á Republica.

Augusto: – Que grandes *gajos!*...

Manuel: – Agora é que destes no vinte!... *Gajos* e de primeira agua!...

Augusto: – (*indignado*) Muita razão tens, Manuel, quando affirmas que a moral pura é incompativel com este ensurro da sociedade burgueza; não se vê um ideal grande, um pensamento generoso, tudo está reduzido a uma questão de *massa!*... Arre malandros!...

Manuel: – Assim que gosto de ver-te!... Mas tu tens ainda muitos vicios de educação que pouco a pouco hão de desapparecer!... Crê, Augusto, sem que uma reforma radical não venha revolver o mais intimo das sociedades, tudo será falsidade, impostura, hypocrisia, egoismo e preversão. O homem o que procura na Terra é justamente encontrar a maior somma de felicidade e prazer. Emquanto a alegria fôr propriedade de uns e o soffrimento fôr patrimonio de outros, toda a organização social será falsa e viciosa, cheia de embustes e vilanias; a Religião uma especulação, a Familia uma immoralidade, a Propriedade um roubo, o Estado uma tyrannia. Ha muito que destruir, muito que reedificar em bases moraes e verdadeiras.

Augusto: – Só n'uma cousa creio, é em Deus!...

Manuel: – (*consultando o relógio*) Acredita á vontade; ha de morrer contigo essa preocupação, já vejo!... Adeus, são duas horas e vou jantar!...

Augusto: – Adeus, até logo!... E conta sempre comigo para a lucta!...

Manuel: – (*apertando a mão de Augusto*) Se não me acompanhares o mal é só para ti!... Até logo...

Ruy

Á CEIA. (Á REDACÇÃO DA «VOZ DO OPERARIO»).
(DIALOGO BURGUEZ)³⁸³

Augusto: – (*encostando os cotovellos á mesa*) Tu ha pouco affirmastes que a familia era uma immoralidade?

Manuel: – Affirmei e não é muito difficil proval-o!... Já observaste o que é o casamento entre a burguezia?

Augusto: – Não.

Manuel: – É a união de duas fortunas!... A maioria dos casamentos, não teem por base o amor, a natural attracção de dois espiritos que se comprehendem e que se amam; são simplesmente a fórmula legal da prostituição, effectuada sem offensa á moral da época³⁸⁴.

Augusto: – Então o casamento, embora seja por conveniencia pessoal, é prostituição?...

Manuel: – (*sorrindo*) É.

Augusto: – Tem paciencia, mas custa a roer.

Manuel: – (*com impaciencia*) O que é a prostituição?... Não é o facto produzido pela venda do corpo da mulher?...

³⁸³ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Á ceia. (Á redacção da «Voz do Operario»). (Dialogo burguez). *A Federação*. Lisboa: n° 40 (1894), 7 de outubro, p. 2-3. O jornal *Voz do Operário*, órgão da Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco, começou a ser publicado a 11 de outubro de 1879 e ainda se mantém ativo vinculado à Sociedade de Instrução e Beneficência Voz do Operário.

³⁸⁴ Ernesto da Silva desenvolverá este tema em duas peças de teatro: *O despertar. Peça em 1 acto* (1900), publicada no jornal *A Obra* em 1900, rejeitada pelo Teatro D. Maria II; e *Vencidos. Drama em 4 actos* (1902), representada no Teatro do Gimnásio de Lisboa a 9 de janeiro de esse ano, e a 28 de maio de 1902 no Teatro do Príncipe Real, no Porto. Vid. todos estes textos no presente trabalho.

Augusto: – Sem duvida!

Manuel: – N'esse caso o casamento que não nasce do affecto é simplesmente uma compra e uma venda. É a prostituição em toda a sua plenitude. O casamento, como existe na sociedade capitalista é um dos mais poderosos factores de immoralidade publica. A ligação de dois entes em que o amor não actua, tem sempre por fatal consequencia, as scenas vergonhosas de adulterio em que a esposa desaparece nos braços do amante, enquanto o marido procura n'*outra parte* o que não encontra no lar, que educação pódem receber os filhos que *por acaso* sejam procreados?... Viciosa e envenenada logo na sua origem!... Observa, Augusto, e tu verás que muita mãe de familia, transviada dos principios da sã moral, acha justo que os *meninos* commettam abusos nas filhas dos pobres a titulo de *rapaziadas*; e ficariam desoladas se uma filha se entregasse antes do *periodo legal* ao namorado que a requesta!... E a mamã desculpa as *verduras do menino*, tranquillizada pela hygiene do *caso*. Não perigue a existencia do galã o mais é nada!...

Augusto: – Infelizmente é assim!... Entre os pobres, porém, ha mais moralidade; o casamento por conveniencia não existe!...

Manuel: – Enganas-te!... Quantos homens se não casam por simples questão de economia e conchego, que o celibato não possui! Quantas vezes a escolha de mulher não obedece á preocupação do maior salario ganho na officina ou *atelier*?... Crê tu, a organização burgueza asphysis sempre os sentimentos mais puros, a instabilidade dos meios de viver, a lucta pela vida, em que os homens se debatem dentro do circulo de ferro da sociedade contemporanea, só podem conduzir ao completo aniquilamento da alma humana!... Dentro da civilização actual não ha salvação possivel!... Destruir, destruir, tal deve ser a nossa divida!...

Augusto: – Como se evitariam tantos males?

Manuel: – De uma fórmula simples!... As uniões livres, baseadas no affecto mutuo...

Augusto: – (*interrompendo*) Mas... não existindo o casamento, os individuos poder-se-iam desligar quando quizessem?

Manuel: – Naturalmente!... E não será mais moral, logo que a ligação não convenha a um dos individuos por incompatibilidade de genios, por doença ou desprazer, ter cada um o direito de não ser violentamente sujeito a laços que lhe repugnam e pesam? Que vêes tu hoje!... Quando uma causa de qualquer ordem vem perturbar a harmonia conjugal, o lar torna-se um inferno, a vida um martyrio e o casamento transforma-se n'uma condemnação eterna, gerando o odio entre os conjugues... Não será, mais humano, libertar os dois seres de tal escravidão e offerecer-lhe os elementos de em nova ligação encontrarem a felicidade que lhes faltou na primeira? Já deves ter visto individuos que durante as primeiras nupcias foram muito infelizes e casando segunda vez viverem na mais doce tranquillidade até á morte.

Augusto: – A união livre, ainda me offerece uma duvida!

Manuel: – Qual é?

Augusto: – Que o numero de individuos que abandonem as mulheres fosse maior!...

Manuel: – Bem se vê que ainda não comprehendeste bem o que é a união livre e quando poderá ser estabelecida. Vou, porém, destruir-te as preocupações que te barafustam o cerebro. A mulher, o que tem a lamentar no abandono do marido é somente as dificuldades economicas que d'ahi resultam; não ha por certo questão de sentimento, porque se o homem a abandona é que a aborrece e prefere outra ou deseja viver só. Não é assim!...

Augusto: – É.

Manuel: – Ora bem; só o que fica de pé é a questão economica. A união livre só poderá estabelecer-se n'uma sociedade socialista, onde todos os seres teem a subsistencia garantida e a mulher tem perfeita igualdade de direitos aos do homem; facilmente vêes que a abandonada não corre os riscos que hoje correm as victimas do casamento, abandonadas pelos esposos a despeito do latim e agua-benta dispendidos pelo padre no dia da boda.

Augusto: – N'esse caso a união livre só póde ter logar na sociedade futura?

Manuel: – Por certo!... A sociedade burgueza quando desaparecer ao sopro da revolução economica, ha de levar consigo todas as velhas formulas e convenções sociaes, filhas da sua falsa civilização. A revolução, ha de revestir um carácter integral que nada deixará de pé. A refundição da sociedade actual em novos moldes, impõe-se como necessidade immediata a bem da humanidade. O casamento hoje é uma das escoras da propriedade, d'elle deriva a perturbação do roubo proprietario, amanhã, será a união livre a grande base da familia, mais perduravel que nenhuma outra porque se firmará na livre escolha e no mutuo affecto, sem outra missão que a felicidade do lar, pois que a propriedade já não é individual é collectiva e não tem necessidade de defeza devido á harmonia geral resultante da Igualdade.

Augusto: – Como será bella a sociedade futura!

Manuel: – (*com enthusiasmo*) Tens razão; deve ser bella e justa, porque tem de ser fundamentalmente humana!... Depois, Augusto; a futura organização economica permittirá á mulher toda a expansão que corresponde ao ser humano! Hoje, a mulher casa muitas vezes, em busca d'um amparo que lhe garanta a subsistencia, e, em tal caso, o coração não falla para ceder a palavra ao estomago. A mulher mesmo, é considerada pelo homem segundo a moral em uso, como coisa que tem de subordinar-se aos caprichos de quem a protege. Amanhã não será assim!... A mulher disporá de si consoante os impulsos do seu coração, pois que a sua sorte e a dos seus filhos está perfeitamente garantida!... Que bella não será a moral, consequencia da liberdade como base de todas as relações sociaes. O egoismo, a hypocrisia, o soffrimento gerado pelas situações inferiores, tudo se extinguirá por falta de meio e adaptação.

Augusto: – Estou pasmado!... E a burguezia a affirmar que os socialistas querem destruir a Familia!... Patifes!

Manuel: – Querem mesmo destruir, sim, a familia que se firma no principio da propriedade, em vez da tranquillidade do lar. Os socialistas querem a familia moral!... Isso não convém aos que desejam que se não mecha na *arca-santa* da propriedade. Eis a razão das calumnias que a

burguezia propaga por meio dos seus agentes pagos e engrandecidos com o suor dos trabalhadores!...

Augusto: – (*com curiosidade*) Diz-me, Manuel; é certo que a sociedade futura é bella nas linhas geraes da sua organização que já estão descobertas; mas não te parece que a liberdade nas uniões traria um augmento no numero de creanças sem pae conhecido?

Manuel: – Não!... Não fallando já no grau educativo que os homens attingirão em tal periodo; sem sair mesmo dos nossos dias, vou provar-te que a organização futura é superior sobre todos os pontos de vista... Abundam hoje mulheres seduzidas por individuos pouco escrupulosos e serios, e taes infelizes, sem recursos e com um filho nos braços, só teem uma saída a escolher entre as duas hypotheses – a mendicidade ou o infanticidio – e o codigo, que prevê o infanticidio e o pune como um dos crimes mais revoltantes, não consente a investigação da paternidade, tornando assim irresponsavel o auctor da proeza, que tão funestas consequencias occasionou. Achas justo tal codigo?...³⁸⁵

Augusto: – Pelo contrario; isso é uma patifaria!...

Manuel: – Se a mãe resiste á tentação do crime, que succede?... As creanças soffrem o viver da rua, transitam por todas as miserias, para mais tarde se transformarem na população dos alcouces e das prisões!... Já vêes que o mal é maior hoje; o codigo dá liberdade de seduzir pela impunidade do seductor, soffrendo as creanças, o que não succederá depois, porque a sociedade as alimentará e educará!...

Augusto: – Por que é que os legisladores não dão direito á investigação da paternidade?

Manuel: – Por causa das *verduras e rapaziadas* dos meninos burguezes, a quem é preciso manter a *hygiene!*...

³⁸⁵ Vid. *Código Penal Portuguez. Nova publicação official ordenada por Decreto de 16 de setembro de 1886. Diário do Governo de 20 de setembro do mesmo ano.* Coimbra: Imprensa da Universidade, 1892, art. 356.º e § único, p. 115-116, que tipifica o crime por infanticídio. A redação do *Código Penal* contemplava apenas a responsabilidade das mulheres no nascimento e cuidado dos filhos, daí que Ernesto da Silva afirme que ele «não consente a investigação da paternidade» e, portanto, a irresponsabilidade dos homens enquanto pais.

Augusto: – (*encolerizado*) Sempre o privilegio, sempre as classes superiores a esmagarem os fracos e oprimidos!... Canalha, como eu a odeio!...

Manuel: – (*interrompendo*) Odio, sim, não aos homens, mas á sociedade. O homem é o producto do meio; é, pois, o meio social que urge transformar, expulsando o Privilegio e estabelecendo a Igualdade!... Agora, Augusto, vou-me deitar; são onze horas e ámanhã a sineta toca ás cinco!...

Augusto: – Adeus, Manuel, e desculpa a massada!...

Manuel: – (*con convicção*) Não foi massada, Augusto!... Accordar consciencias é preparar revoltados!... Adeus!...

Ruy

**DO ALTO DAS RUINAS. (DIALOGO OPERARIO).
(Á REDACÇÃO DA «REVISTA SOCIAL»)³⁸⁶**

Augusto: – É na verdade bem linda a paisagem que se desfruta d'aqui!...

Manuel: – É o meu passeio predilecto!... D'aqui observo toda essa divisão de terreno que marca a propriedade de cada proprietario. (*Estendendo o braço*) Vês Augusto, além, aquelle muro de pedra solta que limita a propriedade do nosso patrão?...

Augusto: – Vejo!...

Manuel: – Ali tens tu n'aquella simples divisoria, que uma fraca creança desmorratoria, representada a origem de toda a iniquidade social, o fautor de toda a tyrannia, o esteio do roubo estabelecido como base social.

Augusto: – (*admirado*) Então aquelle muro representa tudo isso?...

³⁸⁶ RUY –Folhetim do jornal A Federação. Do alto das ruinas. (Dialogo operario). (Á redacção da «Revista Social». *A Federação*. Lisboa: n° 42 (1894), 21 de outubro, p. 2-3. *A Revista Social*, no Porto, dirigida por Viterbo de Campos, era um semanário destinado à defesa da educação dos operários. O primeiro número saiu a 15 de julho de 1894, apenas três meses antes da redacção do texto de Ernesto da Silva. As relações com os socialistas do Norte, entre eles, Viterbo de Campos, degradaram-se depois das acusações de simpatias anarquistas de que Ernesto da Silva foi alvo em 1897. Em 1899 a tensão levou-o a marcar posição ideológica em dois textos: Carta Aberta. (Aos camaradas do norte). *A Obra*. Lisboa: n° 225 (1899), 28 de maio, p. 1, e Só! (Resposta aos socialistas portuenses M. José da Silva e V. de Campos. *Idem*. N° 230 (1899), 2 de julho, p. 2. Porém, parece que as relações retornaram tempo depois e aquando no momento da morte de Ernesto da Silva, Viterbo de Campos recorda como ele pedia para lhe enviar a crítica de *Vencidos*, que fora representada no Porto nos fins de maio de 1902. Vid. estes textos em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo II. *Artigos jornalísticos (1893-1903)*, bem como as referencias a *Vencidos* na presente monografia.

Manuel: – Infelizmente assim é. Aquelle muro que julgas inoffensivo na sua muda indiferença, tem produzido milhões de cadaveres que empilhados excederiam em altura os cumes das mais elevadas montanhas. Aquelle muro representa – A propriedade – e tem sido ella que atravez a historia dos tempos tem vindo manchada de sangue perpetuando a desigualdade social, que faz descer uns ás mais intimas torturas, elevando outros aos fastigios do goso e da tranquillidade.

Augusto: – Já mais d’uma vez me tens affirmado que a propriedade é o roubo, e tal principio é proclamado pelos mais humanos e justos philosophos?!...

Manuel: – (*com tristeza*) Tenho-o affirmado e é certo. Emquanto a propriedade subsistir o progresso será entravado pela tyrannia!...

Originada no direito de conquista, representa no direito do mais forte, a propriedade só pode corresponder á expoliação dos mais fracos.

Augusto: – Mas na sociedade futura a propriedade subsistirá?... Não é assim?!...

Manuel: – Certamente; mas a revolução economica, transformal-a-ha de elemento de servidão e tyrannia, que hoje é pela sua appropriação individual, em fautor de paz e harmonia social, devido á sua collectivisação. (*Estendendo o braço*) Vês além aquelle grupo de camponezes, que rasgam com as enxadas o solo da Terra, lançando-lhe no seio a semente que germinará em breve transformando-se em louras cearas; mais além não distingues aquelles outros homens que podam as arvores e cavam a vinhas?...

Augusto: – Vejo são os *maltezes*³⁸⁷!...

Manuel: – Os *maltezes* sim!... Alagou-os o patrão hontem na praça onde offereciam o braço á compra do Capital consequencia da Propriedade... Aquelles homens, podarão as arvores, cavarão a vinha, semearão o trigo e apoz o trabalho feito, o patrão collocar-os-ha fóra do muro da quinta

³⁸⁷ Trabalhador que vive em maltas, sem domicilio certo. A «malta» é uma reunião de trabalhadores que se transportam juntamente, de um lugar para outro, à procura de trabalhos agrícolas.

levando no bolso uns miseros cobres que mal chegarão para viver. E ai d'aquelle que de noite, tentado pelos fructos do seu trabalho se atrever a escalar o muro a buscar um cacho, a arrancar uma pera. (*com amargura*). O patrão forneceu ao caseiro uma espingarda aperfeiçoada que não errará o alvo e abrirá mais um tumulo e a Propriedade produzirá mais um assassino e mais um cadaver!... Se o infeliz escapar ao tiro lá está o tribunal que o sujará para todo o sempre com o apodo de ladrão e grossas algemas tolher-lhe-hão os pulsos durante a sua peregrinação de cadeia em cadeia até desaparecer no porão do navio que o levará á Africa, ou dar entrada na Penitenciaria a envergar o *capuchon*³⁸⁸ que véla a face do homem condemnado.

Augusto: – (*comovido*) Como tudo isso é triste!... Quando medito em tão atroz injustiça é que aprecio o horroroso supplicio do proletario condemnado a não poder gosar do fructo do seu trabalho.

Manuel: – O miseravel só tem direito a produzir para os outros. É para isso que existe o salario, se n'este momento podessemos observar a mesa do patrão, veriamos sobre ella o fructo do trabalho dos *maltezes* como lhes chamaste. Por certo não faltarão as peras amadurecidas e tentadoras, as uvas de dourados reflexos, o melão esverdeado e saborozo, o vinho ostentará nos copos a cor do rubi, o pão d'uma alvura immaculada abundará. E mais adiante a um recanto do caminho o *maltez*, collocando sobre duas pedras a marmita ennegrecida pelo fumo, migará umas sopas em que um tenue fio d'azeite será o unico adubo, para depois de ingeridas dessedentar-se na fonte proxima a largos goles d'agua. O patrão terminado o jantar, recostar-se-ha no *fauteil*³⁸⁹ fazendo a digestão, seguindo com o olhar brilhante as caprichosas espiraes do fumo evolado do *havano*, o maltez estender-se-ha sobre a relva a suspirar pelo almoço do dia seguinte. Para o patrão o *havano* para o maltez a *brôa*. Eis o que é a propriedade!...

³⁸⁸ Capuz.

³⁸⁹ Cadeira de braços.

Augusto: – A tanta iniquidade, a tanto desprezo pelo ser humano, deve corresponder a mais tremenda revolta!...

Manuel: – Assim ha de ser!... Longe ainda vem esse dia; é preciso acordar os cerebros dos que produzem e soffrem, e o somno da ignorancia que d’elles se apoderou é por demais pesado; teve começo no berço e acompanha a maioria á cova... Os miseraveis não se revoltam porque a ignorancia semeada pelos possuidores da riqueza social, lhes fez ver a sua sorte como uma fatalidade a que não ha fugir. Eis o alvo das religiões que a burguezia mantém e inocula no cerebro proletario, e de que ha dias te fallei. Resigna-te diz o padre, produz diz o burguez... Condemna a Sciencia aconselha a Religião; não analyses impõe a Propriedade... Mas amanhã quando a luz da verdade illuminar o torturado espirito dos esfo-meados proletarios a revolta será inevitavel; a terra será do camponez, a mina do mineiro, o navio do marinheiro, a machina do operario... Não mais exploração do homem pelo homem eis o grito que revoará em todo o mundo eis a divida inscripta na bandeira dos legionarios do Futuro!...

Augusto: – E não poder fazer-se já tão grandiosa revolução!...

Manuel: – E não é possível, não!... Assim como a terra não produz sem que no seio recolha a semente lançada pelo agricultor, assim o cerebro dos que soffrem não se movimenta, sem que um ideal cheio de justiça não vá fecundar a alma humana... Ha quem faça do socialismo uma questão de barriga!... É puro engano!... As revoluções teem sempre a impulsional-as uma grande aspiração que não póde limitar-se ao reconfortar do estomago. Infructifera revolução seria aquella que podesse ser vencida como um prato de sopas. É esta a propaganda que ha a fazer para que o socialismo entre na ordem dos factos. Hoje a revolução é impracticavel por falta de cerebros preparados para a grande lucta proletaria...³⁹⁰ Se tu

³⁹⁰ Esta tese já tinha sido defendida por Ernesto da Silva em *Proletários e burguezes*. Lisboa: Instituto Geral das Graphicas, 1893, p. 13-14: «Na impossibilidade de effectuar a sua revolução, o povo deve preparar-se para a transformação que se prepara elevando a burguezia ao mando supremo. No actual momento em que o povo trabalhador sem comprehensão da sua força, sem educação de molde a preparal-o para a sociedade que deve constituir, toda a acção revolucionária que d’elle brotar só poderá aproveitar á burguezia (...).» Texto

fôras, Augusto, propagandear a *idéia-nova* sem methodo e sem calculo, verias que os miseraveis que procuravas salvar do abysmo da miseria, seriam os primeiros a victimar-te em troco da *bucha*³⁹¹ que o patrão lhes forneceria para evitar um inimigo!...

Augusto: – É isso que desconsola!...

Manuel: – Desconsolas-te porque te preocupas com as consequencias e não observas as causas. Que é para admirar que os pobres, que só conhecem a miseria, que nunca entreviram um dia de felicidade durante a attribulada existencia, sacrifiquem um dos seus em troca d’uma hora de ventura?... Extasiados ante um mundo novo, que nem se atreviam a sonhar, facilmente esquecem ante os esplendores do goso aquelle que os conduziu á terra promettida... É aqui que surge a difficuldade da acção e da propaganda contra a sociedade burgueza e capitalista. A Propriedade deslumbra-os, o Egoismo natural consequencia da educação viciosa do individualismo, faz calar-se no intimo aos repellões do estomago vasio os impulsos generosos que uma sã propaganda ainda não arraigada intimamente, lhes começára a ensinar. É como se nos sentarmos sobre uma parede ainda fresca, desmorona-se e somos arrastados na queda.

Augusto: – É por isso que a lucta é difficil...

Manuel: – Naturalmente!... Accordar a consciencia do homem costumado a produzir para os outros, mostrar-lhe que o capital do patrão que o emprega é trabalho accumulado e não pago, provar-lhe que a propriedade é um roubo, demonstrar-lhe que só elle tem direito á felicidade porque só elle é que produz, não será provocar n’esse espirito uma lucta terrivel de sentimentos oppostos – os que foram produzidos pela educação anterior e os que nascem d’uma propaganda que vem dizer ao proletario como o Christo disse ao Lazaro, levanta-te e caminha! – e mostrar-lhe na estrada

reproduzido em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo». Tomo III. Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903).*

³⁹¹ Pedaço de pão ou outra comida que se mete à boca de uma vez.

da vida dos povos um mundo novo, uma aurora scintillante de luz que vem destruir as trevas em que até ali esteve immerso.

É sem duvida difficil! – E n’essa difficuldade reside todo o valor dos que convictos da verdade, estendem mão amiga aos ignorantes, que soffrem e fazem soffrer os outros.

Augusto: – Como é bella a propaganda feita assim!...

Manuel: – A propaganda que se não firmar no amor entre os homens, na solidariedade humana, no respeito e na tolerancia tem de fatalmente succumbir ante a reaccão provocada pelo Odio. O proletario tem um fim transformar a ordem social que se firma no privilegio e na distincção das castas; mas dentro da classe social a que pertence tem por dever conciliar todas as vontades, educar todos os espiritos, preparar todas as energias para o grande dia da lucta decisiva. A soberania entre os proletarios é a origem da sua força.

Augusto: – Mas atraz da tolerancia, podem esconder-se os patifes?!...

Manuel: – É certo. Mas a tolerancia termina quando o que devia ser irmão se transforma em adversario que auxilia a tyrannia que nos esmaga!... Tolerancia é incompativel com a traição.

Augusto: – Vamos chegando até casa?... O sol está quasi a desaparecer!

Manuel: – Vamos. (*apontando o poente*) Assim o sol desaparece, um dia desaparecerá a origem de todo o mal. – A Propriedade!...

Ruy

NO GABINETE³⁹²

Juiz: – (*tocando a campainha*) Que trabalho, meu Deus, que canceira!

Agente: – (*entrando*) V. Ex.^a chamou?

Juiz: – Chamei!... Você já sabe as ordens. Vae com a sua gente para a Baixa; e, balão rasgado ou tijellinha partida, zás, *gatazio*³⁹³ com o criminoso. Cá estou para o resto! (*folbeando um livro cebento*) Aqui tem: ataque a propriedade alheia, trez a seis mezes no Limoeiro³⁹⁴. É preciso ensinar os discolos.

Agente: – V. Ex.^a já sabe?

Juiz: – O quê?...

Agente: – O *papel* dos socialistas vem damnado contra os padres.

Juiz: – (*abrindo os olhos*) Sim?!... Que me diz!

Agente: – A pura verdade!... Levei seis horas a lêl-o, e ainda assim foi o meu rapaz que ajudou á leitura.

Juiz: – (*com os olhos mais abertos*) Então o jornal vem maior.

Agente: – Saiba v. ex.^a que não!... O que traz são palavras *espicolon-drificas*.

Juiz: – (*monologando*) A cousa é séria!

Agente: – E o dos *narchistas* ainda vem peor!

Juiz: – Sim?!...

³⁹² RUY – Folhetim do jornal A Federação. No gabinete. *A Federação*. Lisboa: nº 79 (1895), 7 de julho, p. 2.

³⁹³ Popular e familiarmente, garras ou dedos.

³⁹⁴ Prisão masculina de Lisboa.

Agente: – Sim senhor!... (*mostrando um oitavo de papel*) É pequenino... mas não se percebe nada!

Juiz: – (*monologando*) O caso complica-se!

Agente: – Até traz cousas *latinorias*, segundo me disse o meu mais velho... Que eu lá para a *letra redonda* nunca fui grande cousa, verdade, verdade.

Juiz: – Vae ter tarefa, agente!

Agente: – Ás ordens de v. ex.^a

Juiz: – (*acabando de ler*) Bravo!... Os senhores revolucionarios já fallam na Saint-Barthélemy³⁹⁵ e fazem citações. (*lendo novamente*) *Vae victis*.

Agente: – (*interrompendo*) Ahi tem v. ex.^a as *espicolondrificas*. D'essas nem o meu rapaz entra com ellas. Parece lingua de pretos.

Juiz: – (*enfadado*) Não é nada d'isso. São cousas lá da antiguidade.

Agente: – Pois sim senhor. Se os antigos que morreram fossem vivos, não eram capazes de os perceber.

Juiz: – (*monologando*) Isto é sério!

Agente: – (*esfregando as mãos*) Isso vi eu logo, até virei o papel de pernas ao ar, cheirou-me a suspeito.

Juiz: – (*revolvendo-se*) Você vae ter outro serviço. Para a Baixa vae o Fagundes e você vae á caça dos papeis socialistas e anarchistas. Compreendeu?...

Agente: – Fique v. ex.^a descansado, papel que *bispe*³⁹⁶ deito-lhe a unha.

Juiz: – (*prudente*) Cautella!... Não vá agora deitar a mão ao *Diario de Noticias*³⁹⁷, ou ao *Seculo*³⁹⁸.

³⁹⁵ Em francês no original. Ernesto da Silva faz referência aqui à chamada «matança de S. Bartolomeu», acontecida na noite de 24 de agosto de 1572, no contexto das guerras de religião francesas e o processo de consolidação do poder régio. Foi inspirada por Catarina de Medicis e executada pelo povo de Paris contra os calvinistas.

³⁹⁶ Avistar de longe.

³⁹⁷ Fundado em Lisboa a 29 de dezembro de 1864 por Tomás Quintino Antunes e Eduardo Coelho.

³⁹⁸ Fundado em Lisboa por Sebastião de Magalhães Lima, publicou-se de 8 de junho de 1880 até 12 de fevereiro de 1977.

Agente: – (*rindo*) Não ha erro!... Conheço-os pelo tamanho.

Juiz: – É por isso que o escolho para esta *diligencia*.

Agente: – E fique v. ex.^a certo: papel que não perceba, vem para *baixo*.

Juiz: – (*hesitante*) O melhor é você levar o seu mais velho; o rapaz lê, você escuta e se fôr *suspeito* apprehende.

Agente: – (*embaraçado*) V. ex.^a não me dirá uma cousa... Ha dia que no *Seculo* vem em letra taluda a palavra *Dynamite*... Apprehendo?

Juiz: – Não!... Isso é o annuncio da fabrica da Trafaria...³⁹⁹ Bom, agora, prepare-se para marchar até ao cemiterio... Compreendeu as instrucções?...

Agente: – Completamente!... O rapaz lê, eu ouço, e se fôr *suspeito*, marcha para o *melindró*.

Juiz: – Pode retirar-se.

Agente: – (*monologando*) Os socialistas vão ficar falos, d'esta vez ficam sem jornal... Na verdade o jornal é d'elles, está habilitado, ha lei especial a que tem de responder, não ha muito *direito* em apprehendelo-o... Eu respeito a Propriedade e a Ordem mas... os socialistas e anarchistas estão fóra do direito da Propriedade que preserva os balões e as tijellinhas... Nada de escrupulos.

Agente: – (*á porta*) V. ex.^a dá licença?

Juiz: – Entre.

Agente: – (*conduzindo dois pequenitos*) Cá estão dois... Os *papeis* já cá estão todos.

Juiz: – Ha de ser louvado na ordem de serviço. (*para os pequenitos*) O que andavam vocês a fazer?

Pequenitos: – (*chorando*) Vendiamos jornaes que tinhamos comprado.

Juiz: – Pois agora vão para o calabouço. Ó agente, leve-os para o 6.

Agente: – (*conduzindo os pequenitos*) Garotos a venderem jornaes que se não percebem!

³⁹⁹ No concelho de Almada, em 1873, estava sediada uma fábrica de dinamite de que era propietário o engenheiro francês Combemale.

Juiz: – (*recostando-se na poltrona*) Agora, que a tormenta vae passada, vamos fazer uma somneca.

Agente: – (*á porta*) Sr. Juiz, já cá estão os pressos da Baixa. O que hei de pôr na parte?...

Juiz: – (*bocejando*) Ataque á propriedade alheia. Os queixosos compraram os balões, rasgal-os é attentar contra a propriedade d'outrem.

Agente: – E com respeito aos *papeis* dos rapazes.

Juiz: – Faça uma fogueira no pateo.

Agente: – Sim senhor!

Juiz: – (*esfregando os olhos*) Isto da propriedade sempre é uma cantiga!... (*adormece e resomna*).

Ruy

Á SAÍDA DO ATELIER. (ENTRE COSTUREIRAS)⁴⁰⁰

Leonor: – Sempre saímos muito cançadas!... Não é verdade, Maria?

Maria: – Mas tu ainda vaes á associação?

Leonor: – Certamente!... Ha assembleia geral.

Maria: – (*rindo*) Has de ganhar muito com isso.

Leonor: – Duvidas!... É que tu não sabes ainda o que é a Associação. Se a não tivéssemos, a nossa situação em lugar de ser má, era pessima.

Maria: – Porque?

Leonor: – Se continuássemos desunidas, não teríamos força para reclamar e tínhamos fatalmente de sugeitar-m’o-nos á mais violenta exploração, sem esperança de melhoria.

Maria: – (*incredula*) A Associação é para os homens.

Leonor: – Ahi é que está o teu erro. A Associação é para os operarios.

Maria: – Mas... eu sou operaria.

Leonor: – É a mesma coisa, tu vendes trabalho como vende um ferreiro, um typographo, um pedreiro ou sapateiro, se não defenderes o braço com que sustentas teu pae e tua mae, os teus exploradores, diminuem-te o salario e com menos recursos ficarás para viver.

⁴⁰⁰ RUY – Folhetim do jornal A Federação. Á saída do atelier. (Entre costureiras). *A Federação*. Lisboa: n° 82 (1895), 28 de julho, p. 2-3. Um excerto foi publicado em *A Obra*. Costureiras. *A Obra*. Lisboa: n° 29 (1895), 4 de agosto, p. 2. Em 1898 Ernesto da Silva escreveu um artigo intitulado «Costureiras», onde denunciava as condições de trabalho das operárias, que ele bem conhecia por essa ser a profissão da esposa, ao passo que informa que a Associação de Classe das Costureiras tinha distribuído um pequeno folheto de propaganda animando-as a associarem-se. Vid. Ruy – *A Obra*. Lisboa: n° 163 (1898), 27 de fevereiro, p. 1, reproduzido em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo II. *Artigos jornalísticos (1893-1903)*. Vid. também ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DAS COSTUREIRAS – *Paginas de Propaganda*. Lisboa: Typographia do Commercio, 1895.

Maria: – Pois sim; bem se importa o dono do *atelier* com o estarmos associadas.

Leonor: – Menor importancia nos dará se o não estivermos.

Maria: – Faço idéa! Então a associação é que me salvava e aos meus paes?

Leonor: – Sem duvida!... Porque é que o teu pae não tem trabalho e a tua mãe está de cama, cançada, velha, gasta?

Maria: – Coisas da sorte!

Leonor: – Enganas-te!... Teu pae não tem trabalho, porque as machinas de costura, facilitaram o trabalho dos alfayates ás mulheres a quem os patrões hoje exploram, enriquecendo e construindo predios. É devido á machina e a tua mãe que teu pae não ganha pão. Se tua mãe e todas as costureiras d'alfayate estivessem associadas e conhecessem a sua situação, reclamavam salario igual ao dos homens e não lhes faziam concorrência, inutilizando-os para o trabalho.

Maria: – Queres dizer que minha mãe foi a desgraça de meu pae?

Leonor: – É certo que o fez inconscientemente, mas victimou o marido e por sua vez tambem foi victima da exploração dos patrões.

Maria: – Não percebo!

Leonor: – É facil!... Com a diminuição do preço da *obra* tua mãe teve que fazer largos serões até madrugada e ainda assim talvez não ganhasse metade da fêria de teu pae n'outros tempos. O resultado era de prever, tua mãe, fraca mal alimentada, trabalhando em excesso, adquiriu a anemia que a está matando enquanto teu pae não soube o que ha de fazer e tu não te associas ás tuas companheiras para defenderes o teu salario que representa o sustento dos que te são caros. Fazes bem: o dono do *atelier* ha de agradecer-te o abandono dos teus interesses.

Maria: – Censuras-me?

Leonor: – Não! Faço-te vêr sómente que procedes como má companheira que não sabe defender os interesses geraes e como má filha esquecendo os paes.

Maria: – (*envergonhada*) Mas... eu não sabia!

Leonor: – (*com amisade*) Se não sabias o que era a Associação, não devias trocar. Desdenhar do que não sabemos qual o valor, é bom para gente estúpida e ignorante.

Maria: – Pelo que disseste os exploradores como lhes chamam, sacrificam os homens, servindo-se das mulheres?

Leonor: – Das mulheres e até das creanças. Vae tu a qualquer fabrica e verás. Logo que a sciencia inventa uma machina, o burguez capitalista se emprega mulheres e as pode substituir por creanças, executa-o rapidamente. O que o explorador deseja é comprar mais barato que puder o trabalho dos que precisam.

Maria: – O que se devia era acabar com as machinas.

Leonor: – (*sorrindo*) Estás doida!

Maria: – Se fazem mal á gente!

Leonor: – Não é a machina que nos faz mal, pelo contrario, as machinas são para os que trabalham uma garantia de tranquillidade e bem-estar futuro. O que nos é prejudicial é não serem propriedade nossa.

Maria: – Dos operarios?... Trazia isso melhoria?

Leonor: – Certamente!... Hoje, quem tem capital é quem usufrue os beneficios do augmento da producção, enquanto os operarios são lançados á rua por desnecessarios. Amanhã, postas as machinas ao serviço de todos, todos beneficiavam com o que é hoje um flagello.

Maria: – Tenho ouvido dizer a muita gente que as machinas tornam mais baratos os productos de que carecemos.

Leonor: – (*rindo*) De que te servem os productos mais baratos, se a machina te impossibilitou de os comprares, negando-te o salario?

Maria: – E eu a acreditar...

Leonor: – Nas cantigas dos que exploram os operarios fingindo benefical-os!

Maria: – Começo a vêr que tens razão!

Leonor: – E não é só com as machinas que os exploradores nos fazem mal. A sociedade está organizada de maneira que é indispensavel a sua transformação.

Maria: – Como é que ha de ser?

Leonor: – Associando-nos e lutando pouco a pouco até conseguirmos estabelecer a justiça como base social. E ouve Maria, nós ainda temos mais razão que os homens em desejarmos essa transformação!

Maria: – Nós?!... As mulheres?!...

Leonor: – Sem duvida!... Não somos nós os seres humanos mais sacrificados dentro da actual sociedade? Não somos nós as mães de familia, quem mais soffremos quando vemos os pequenitos esfarrapados, mal calçados e sem educação abandonarem a escola pela officina onde são zurzidos e muitas vezes ficam despedaçados nas engrenagens dos machinismos.

Maria: – (*com tristeza*) É verdade!...

Leonor: – Não te corta o coração quando a tua mãe te vae buscar ao *atelier* e tem de passar duas e tres horas, esperando-te e dormindo sobre as lages da escada enquanto fazes serão, acabando o vestido da condessa X... ou da burguezia Z... que teem de batalhar com flores afim de enxugarem as lagrimas dos que soffrem?

Maria: – Ah! Leonor se soubesses quanto soffro quando tal acontece. O vestido por acabar e eu a saber que a mãe está na escada com uma pinga de café no estomago... Que raiva sinto!

Leonor: – Revoltas-te?... Accordas para a lucta. Ainda bem.

Maria: – O que nos fazem é uma infamia!

Leonor: – E ainda tu não analysaste tudo. Curvadas a trabalhar durante doze, quatorze e mais horas, passamos a vida, confeccionando ricas *toilettes* em que as rendas e guarnições valem centenas de mil réis e não nos é dado vestir e com sacrificio, senão barata *percale*, que não nos preserva do frio e da chuva. As ricas senhoras, teem capas forradas de pelles de subido valor e carruagens que as conduzem a S. Carlos e nós de sapatos gastos a sentirmos entrar-lhes a agua pelos buracos, temos de caminhar com ou sem saude para o *atelier*, tendo por jantar dois ovos fritos ou um queijo de trinta réis. Achas justo?

Maria: – Não digas mais Leonor! Que injustiça vae n'este mundo.

Leonor: – E zombavas ha pouco da Associação!

Maria: – Desculpa! Quem não sabe é como quem não vê!

Leonor: – Sei quanto és boa e desculpo-te! Convence-te, porém, que na Associação é que é o nosso lugar. E demais é o que os ricos fazem para luctarem contra nós. Os senhorios associam-se contra os inquilinos e os patrões contra os operarios. Guerra á guerra, os felizes são quem nos ensinam a luctar. A mulher tem sido até aqui considerada como *coisa* é preciso que passe á condição de *pessoa*. Paga decima e não tem voto; casa, e é inferior segundo a moral em direitos comparada ao homem. É victima de todas as villanias e tem de soffrer callada por não ter independencia economica diante do marido que julga erradamente que o salario da mulher não é o producto do esforço d'um trabalhador, mas sim um augmento á economia do lar... Tenho pena de estares com pressa... É vasto o assumpto!

Maria: – Adeus!... Tenho a mãe á espera!

Leonor: – Adeus! fallaremos ámanhã!...

Ruy

(Página deixada propositadamente em branco)

NO TANQUE. (ENTRE LAVADEIRAS)⁴⁰¹

Genoveva: – Que tempo Santo Deus!... A agua corta as mãos.

Marianna: – Não ha que estranhar. É sorte da gente pobre.

Genoveva: – Sempre gostava que me dissessem que mal os pobres fizeram a Deus para soffrerem tanto, continuamente a mourejarmos e nunca coalhamos um vintem. Parece maldição!

Marianna: – A maldição é outra!

Genoveva: – Qual?

Marianna: – A de haverem pessoas que só vivem do suor dos que trabalham.

Genoveva: – Lá estás tu com má-língua a desancares os que teem alguma coisa.

Marianna: – Se te parece que não tenho razão.

Genoveva: – As *parolas* lá da associação, voltam-te o miolo.

Marianna: – Enganas-te!... Tu é que o tens voltado. Ora diz-me lá, se não fosse a associação não estavas a pagar mais para lavares a roupa dos pequenos?

Genoveva: – Não digo que não!

Marianna: – Então, já vês que a *parola* não te faz prejuizo. No mez passado, quando foi do enterro da tia Veronica, não ia ella para a vala, embrulhada na serapilheira se a associação não ajudasse ao enterro?

⁴⁰¹ RUY – No tanque. (Entre lavadeiras). *A Federação*. Lisboa: nº 87 (1895), 1 de setembro, p. 2-4.

Genoveva: – Também é certo!... Que afinal, depois da gente morta, tanto faz *assim como assado*.

Marianna: – Não digas asneiras!... Ninguém gosta de ver os seus aos pontapés como gatos arrebetados e de mistura na carroça do lixo. E mais, quando o teu Joaquim caiu do andaime e rachou a cabeça na calçada, não gostastes de saber que foi na carreta da *Voz*⁴⁰², acompanhado pelos camaradas de trabalho.

Genoveva: – (*com tristesa*) É verdade!

Marianna: – E quem fez tudo isso?... Foi a associação!... Ora vê lá tu o que é a associação; foi ella quem arranjou mais d'uma vez trabalho ao teu marido e, portanto, te deu pão e aos teus filhos; foi a associação que fez o enterro do teu Joaquim, e é ainda a *Voz do Operario* que educa os teus pequenos. Se disseses mal da associação não passas d'uma ingrata!

Genoveva: – Não digo mal nem dos pobres nem dos ricos.

Marianna: – Dos ricos já podias dizer alguma cousa... Vê lá o que fez o dono do predio, quando o teu marido veio parar á rua. Não fez nada! No dia seguinte mettu outro pedreiro e ficou-se rindo. Tu ficaste aos trambulhões da sorte e mais os pequenos, e o burguez de pança grande, ficou a morar n'um palacio todo no *trique*⁴⁰³ que até as cavallariças são melhores que as nossas casas.

Genoveva: – O mundo foi sempre assim!... Já lá vem de traz!

Marianna: – Já lá vem de traz, porque nós temos sido uns asnos a ouvirmos ladainhas e sermões, sem querermos saber da nossa sorte. Tu achas natural que o teu Joaquim, um pedreiro de mão cheia, fizesse casas e zás; um dia vem parar ao menos uma telha para cobrires a cabeça. Parece-te

⁴⁰² A Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco de Portugal nasceu a 27 de junho de 1883, enquanto o seu jornal, *A Voz do Operário*, fê-lo a 11 de outubro de 1879. Devido ao enorme sucesso, que se traduziu em balancete positivo das suas receitas, o tabaqueiro Miguel José Mendes, presidente de *A Voz do Operário*, na Assembleia Geral de Janeiro de 1884, propôs a assistência funerária como mais uma das facultadas aos sócios. FRANCO, Alberto – *A Voz do Operário. Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário. 135 anos*. Lisboa: Althum.com, 2018, p. 37-39.

⁴⁰³ Muito asseado.

justo fiques sem marido e o burguez a morar n'uma casa que só as aguas-furtadas chegavam para todos nós que estamos aqui no tanque?

Genoveva: – O dinheiro é d'elle, emprega-o como quer...

Marianna: – Hom'essa!... Se o tem é que o roubou.

Genoveva: – Não digas isso, que é falso. O homem foi muito tempo marceneiro e depois é que pulou, quando lhe saiu a *sorte grande*.

Marianna: – (*rindo*) Ainda tens os olhos fechados, bem digo eu! O que fez pular não foi a *sorte-grande*, foi o trabalho dos operarios. Logo que apanhou a *taluda*⁴⁰⁴ poz a *loja* grande, tomou muitos artistas⁴⁰⁵ e passou a não fazer nada. Nem era preciso. Os operarios trabalhavam e trabalham todo o dia, deixando um lucro de dez tostões ou mais, cada um, e o sugeito paga-lhes a seis, ou muito sete tostões. Assim é que se juntam fortunas.

Genoveva: – O homem não tem culpa de ter sorte!?!...

Marianna: – Qual sorte nem meia sorte, a gente não deve olhar a vida como uma *roda das castanbas*. Estás muito enganada. O que a gente quer é viver por fôrma a não estar á mercê do acaso, sempre a tremer do dia d'amanhã. Fartos de injustiças e acasos estão os pobres. Ora vê lá, nós vimos para o tanque, como hoje e como sempre, com uma pinga de café no estomago, e aqui estamos a bater roupa, mettendo as mãos em agua gelada e, se adoecemos com o rheumatico, ou já cançadas não pudermos ganhar o pão, o mundo dá-nos um pontapé e a familia passa miseria. Outras mulheres então, passam vida regalada, arrastam sedas, teem theatros e bailes, comem o melhor, não fazem nada, no verão estão no campo e no inverno dançam, e, quando estão a morrer, só teem a ralar-lhes o espirito o não terem pensado a tempo a quem hão de deixar a fortuna. Chamas-lhe sorte; eu chamo-lhe *uns a viverem á custa d'outros*.

Genoveva: – Queres endireitar o mundo!

⁴⁰⁴ A sorte grande.

⁴⁰⁵ Aqui com o sentido de «operários».

Marianna: – Porque não?... Logo que o povo se une e sabe o que quer, tudo se transforma. Aqui tens um exemplo. O que eramos nós ha alguns annos atraz?

Genoveva: – Lavadeiras!...

Marianna: – E hoje ainda o somos, bem o sei. Mas já ha uma differença. Antigamente a *capataza*, o freguez, o fiscal ou a camara, não nos ligava, mais importancia que a uma rodilha suja. Unimo-nos na associação e já a camara toma em consideração o que justamente reclamamos, e os jornaes defendem-nos contra as patifarias dos que mandam...

Genoveva: – Já não pensa assim a *capataza*!

Marianna: – Coitada d'ella que tambem tem filhos. Logo que adoença ou tenha necessidade, só encontrará apoio nas companheiras e então hade chorar lagrimas de sangue arrepende-se do que tem feito. Ella é pobre como nós. Tem a mania da auctoridade, mas ha de passar-lhe logo que sinta *falbas* e nós tenhamos d'accudir-lhe... Mas, eu continuo a abrir-te os olhos; se já conseguimos com a nossa união alguma cousa, tem tu a certeza que, se amanhã a associação desaparecesse, tornavam a tirar-nos o que nos teem dado.

Genoveva: – Custa-me a crêr!

Marianna: – Pateta!... Pois não vêes que só á força nos deram alguma coisa... Quando não tivermos força, perdemos tudo que alcançámos. Fica sabendo que as nozes são para quem tem dentes!

Genoveva: – Isso tambem eu sei.

Marianna: – O que não sabias é que as regalias são as nozes e a associação são os dentes.

Genoveva: – Mas os dentes são muitos?

Marianna: – E a associação não é só uma mulher, são muitas.

Genoveva: – Tens razão!

Marianna: – D'aqui a pouco já os pedreiros teem uma lei para protegê-los contra os desastres no trabalho⁴⁰⁶. Pois posso afirmar-te que se os

⁴⁰⁶ Como bem referencia Ernesto da Silva, a 6 de junho de 1895 o Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, através da «Direcção dos Serviços de Obras Públicas», aprovou um «Regulamento para o serviço de inspecção e vigilância para segurança dos operários

operarios que fazem predios, não estivessem unidos e não pensassem na sua situação, ninguém pensava n'elles... É o que nos succede, nem mais nem menos.

Genoveva: – O que dizes é verdadeiro. O peor são as taes tolices em que ouço fallar. Revolução cá, revolução lá, é um bando de damnados que anda por esse mundo de Christo...

Marianna: – (*interrompendo*) Não achas razão aos desgraçados que passam a vida a soffrer, roendo uma côdea dura, depois de produzirem tudo, para se revoltarem contra os que monopolisam o bem-estar e a felicidade?... Pois teem muita razão. Uma mulher já nem pode ser uma boa mãe. O que é que nos succede?... Deixamos os rapazes em casa e vamos para o tanque, se não preferimos mandal-os para a rua, fazemos o jantar aos *safanões*⁴⁰⁷, se não comemos na taberna e só á noite é que recolhemos a petizada á laia de gallinhas. As outras, as taes dos vestidos de seda teem creadas, emquanto a nós só nos é permittido cozer a roupa do marido ao serão, quando o corpo nos pede descanso. Nós trabalhamos dia e noite e ellas até não dão de mamar aos filhos e teem amas, para, não tirarem os espartilhos que lhes fazem as cinturas elegantes. E não pára aqui o mal. A mulher operaria e a creança só servem para a exploração do capitalista que sem dó despede o marido ou o pae, porque tem na mulher ou na creança, quem faça igual trabalho por menos dinheiro. Os que exploram os pobres nem a familia respeitam e não ha razão de revolta, segundo dizes... Não digas tal!...

Genoveva: – (*pensando*) É injustiça, não ha duvida!

Marianna: – Os pobres devem ser unidos e tão unidos como são os ricos que lhes fazem mal. Se um homem não tem trabalho, é preso por vadio; se pede esmola, vae preso por mendigar; se rouba, é preso por

maiores e menores nos trabalhos de construções civis». *Diário do Governo*. Nº 151 (1895), 10 de julho, p. 541-546. Disponível na Internet <http://legislacaoregia.parlamento.pt/V/1/81/123/p568>

⁴⁰⁷ Popularmente, empurrões.

ladrão. Vê lá, queres mais provas de que o mundo tem necessidade de levar volta?

Genoveva: – (*interrogando*) A união dos pobres é n’esse caso, indispensavel?

Marianna: – Sem duvida!... E é por isso que te aconselho a que entres para a nossa associação. Se amanhã a *capataza* ou o fiscal te pozerem fóra por vingança, o que fazes?

Genoveva: – Nada!

Marianna: – Pois então associa-te para poderes fazer alguma coisa. Em pouco tempo verás que o teu meio tostão, junto aos das companheiras, enxuga muitas lagrimas e faz milagres, evitando muitas maroteiras.

Genoveva: – Para o mez que vem entro para a associação.

Marianna: – Ainda bem!... (*indicando a pedra de bater a roupa*) Assim como a agua gasta a pedra, assim os pobres hão de destruir a injustiça e a maldade... A questão é de tempo e boa vontade.

Genoveva: – (*com receio*) Cala-te; vem ahi a *capataza*.

Marianna: – (*baixinho*) Um dia virá em que só a nossa consciencia seja a *capataza*, directora dos nossos actos. (*despedindo-se*) Adeus; logo á saída tomar-te-hei o nome e a morada para entrares para a associação. Até logo!...

Ruy

A PATRIA. (DIALOGOS). EM S. CARLOS⁴⁰⁸

Visconde: – (*amoroso*) Como sou feliz, Alice!

Alice: – (*receosa*) Compromette-me visconde!

Visconde: – O seu amor é a minha vida; a recordação do baile de caridade, jámais se me apagará n'alma! O perfume do avelludado collo embriaga-me ainda e faz-me sonhar... Oh! noite feliz!...

Alice: – (*meiga*) Não recorde, visconde... Ainda me punge o lembrar-me... n'um baile de caridade!

Visconde: – Tranquillise-se Alice, os pobres não protestam.

Alice: – E meu marido?...

Visconde: – (*pesaroso*) A evocar phantasmas!...

Alice: – Que facilmente surgem.

Visconde: – (*sorrindo*) Só amanhã poderá vel-o!... Como banqueiro que é, homem pratico em questões financeiras, deixei-o na commissão de socorro aos repatriados.

Alice: – (*alegre*) E ficou lá?

Visconde: – Pedindo-me para a acompanhar.

Alice: – Estamos livres?

Visconde: – Como andorinhas!

Alice: – (*segredando*) Abençoada expedição!

⁴⁰⁸ RUY – A Patria. (Dialogos). Em S. Carlos. *A Federação*. Lisboa: nº 109 (1896), 2 de fevereiro, p. 2-4. No mês de janeiro Ernesto da Silva protestara contra as expedições a África no artigo «O regresso». Vid. SILVA, Ernesto da – O regresso. *A Federação*. Lisboa: nº 108 (1896), 26 de janeiro, p. 1-2. Texto reproduzido em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo II. *Artigos jornalísticos (1893-1903)*.

Visconde: – Quanto devo á patria!

Alice: – (*com amor*) A felicidade?

Visconde: – Mais ainda!... A voluptuosa embriaguez que se evola dos seus dourados cabellos e perfumado collo...

Alice: – (*sorrindo*) Exalta-se, visconde!

Visconde: – E como o não fazer?

Alice: – (*aconselhando*) Dominando-se!

Visconde: – (*com ardor*) Dominar-me!... Quando d'aqui a poucas horas serei, pela segunda vez, o mais feliz dos homens.

Alice: – E meu marido? Se voltasse!...

Visconde: – Não volta! Tem muito que fazer. Os soccorros não podem demorar-se, os repatriados veem aqui quasi mortos. (*Ouvem-se vivas e o visconde debruça-se no camarote, gritando com entusiasmo*): **Viva a patria!**

*

* * *

NO PORÃO

O 34: – Ah! 64 como eu soffro!

O 64: – E eu; nem mexer-me posso.

O 34: – Nós a soffrermos e ninguem se importa, tenho frio, tenho febre, os beijos escaldam-me e nem uma gotta d'agua nos veem dar!

O 64: – Calla-te!... Augmentas-me o soffrimento.

O 34: – Porquê?

O 64: – Obrigas-me a pensar na minha pobre mãe, que já desesperei de tornar a ver... Se ella estivesse aqui!

O 34: – Estava feliz!... Soffreria como nós!...

O 64: – Que desgosto a pobre velha vae ter, ao ver-me n'este estado. Palavra!... Antes quizera ter morrido no sertão, a vir despedaçar-me a alma com a minha presença. Ella que sempre foi para mim um anjo bom, cheia de cuidados e carinhos mal me via com dôres de cabeça; só poderá encontrar-me no hospital... Coitadita!... Naturalmente espera-me á porta.

O 34: – E não te vê na fôrma, nem te encontra nas macas⁴⁰⁹?

O 64: – Pudera!... Esqueceram-nos!

O 34: – Parece que fazemos parte do lastro do navio.

O 64: – Não admira!... Já não somos precisos.

O 34: – É sempre assim!... E lembrar-me que abandonei a *terra* e nunca mais tive noticias da minha Joanna. Tambem, agora para nada presto, arruinado, sem saude, nem posso ter familia... E tudo devido á *batota* das sortes.

O 64: – Não és voluntario?

O 34: – Não!... Entalaram-me, para salvarem o filho do regedor.

O 64: – E não podermos sair d'aqui.

O 34: – Tem paciencia, espera que revistem o navio.

O 64: – E a minha mãe á espera?

O 34: – Socega homem!... D'aqui a pouco, estamos no hospital...

O 64: – (*applicando o ouvido*) Que gritaria lá vae em cima... e ouvem-se copos a bater uns nos outros... e viverio.

O 34: – As *vivas* são para os *graúdos*... Não é com a gente!

O 64: – Para nós é só a morte!

(*Os expedicionarios começam com a febre e na tolda ouvem-se gritos*):

– **Viva a patria!**

*

* *

NO BANCO

Banqueiro: – Felicito v. rev.^{ma} O seu discurso foi eloquentissimo; uma superior peça oratoria.

Padre: – Nunca é de mais juntar a cruz á espada. Nada pode uma sem a outra.

⁴⁰⁹ Cama de lona para descanso dos marinheiros a bordo.

Visconde: – Por certo!... A espada é para os caboucos das civilizações, o que a religião é para a cupula.

Banqueiro: – (*felicitando*) O visconde é muito conceituoso.

Padre: – Segundo me affirmaram, os dominios do Gungunhana⁴¹⁰, vão ser cedidos a varias companhias e missões civilisadoras?

Visconde: – Assim consta!... (*apontando o banqueiro*) E o nosso amigo Ximenes é um dos contemplados.

Banqueiro: – É certo!... Tenciono promover uma forte corrente de emigração para aquellas paragens, afim de desenvolver a industria e a agricultura. O terreno é fertilissimo e desviaremos a emigração do Brazil para solo portuguez.

Padre: – E são precisos grossos capitaes?

Visconde: – O amigo Ximenes é previdente... Já tem certa a cooperação de capitães inglezes que muito auxiliarão. Ainda hontem o affirmei a D. Alice. Em S. Carlos.

Banqueiro: – Certamente, os capitães inglezes com que vou formar a companhia, garantem-lhe a maior prosperidade.

Padre: – A promover a riqueza publica, honra-se e serve-se a *patria*.

Visconde: – Não ha duvida, porém, que tudo se deve *á força*, que foi honrar o nome portuguez, occupando aquelles pontos d’Africa.

Banqueiro: – Concordo!... Mas o *capital* poderá fundar mercados e fomentar o desenvolvimento colonial. De mais... a occasião é azada, andam em Lisboa centenas de operarios sem trabalho, que ali poderão collocar-se.

⁴¹⁰ Reinaldo Frederico Gungunhana (Gaza, c. 1850-Angra do Heroísmo, 23 de dezembro de 1906) foi o último imperador de Gaza, em Moçambique. A 28 de dezembro de 1895 foi feito prisioneiro por Joaquim Mouzinho de Albuquerque e trazido para Lisboa. O sucesso enquadra-se nas campanhas em África desenvolvidas para dominar as rebeliões indígenas no sul de Moçambique. Ernesto da Silva abordaria a questão em vários artigos publicados em *A Federação* em 1896 e *O Mundo* em 1896. Vid. PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo II *Artigos jornalísticos (1893-1903)*.

Padre: – Sublime inspiração!... O capital fructifica, as colónias desenvolvem-se e a metrópole fica livre d'esses *rotos* que prégam o saque e a desordem, atrophiando a acção da igreja.

Visconde: – Diga-me amigo Ximenes... não seria menos arriscado, vender aos capitães ingleses a concessão com que vae ser beneficiado?

Banqueiro: – Talvez tenha razão!.. Hei de pensar no assumpto... Os terrenos conquistados pertencem ao capital!...

(na rua manifestantes passam, gritando): Viva a patria!

*
* *
*

NO HOSPITAL

A mãe: – *(junto do leito)* Não estás melhor, Antonio?

Expedicionario: – Não, minha mãe. As forças fogem. Para não mais voltarem. Sinto-o, advinho-o; em breve vou...

A mãe: – *(com afflicção)* O que é?

Expedicionario: – Morrer!... Não mais voltarei á *terra*; o que tanto desejava... Olhae mãe: diga a minhas irmãs que sempre pensei n'ellas. Na Africa ou no hospital, jámais as esqueci!

A mãe: – Socega, provocas a febre.

Expedicionario: – Já não ha perigos!

A mãe: – *(limpando as lagrimas)* Não digas asneiras, has de voltar á *terra* e veres tuas irmãs. Espero em Deus que a doença desaparecerá em breve.

Expedicionario: – Talvez!

A mãe: – E toda esta desgraça por causa d'um negro.

Expedicionario: – O Gungunhana?

A mãe: – Sim!... Esse maldito?

Expedicionario: – Engana-se!... O Gungunhana nunca o vi... Foi a febre, só a febre.

A mãe: – E está uma pessoa a crear um filho!

Expedicionario: – É ordem do mundo, sempre foi assim.

A mãe: – Assassinem-nos os filhos?

Expedicionario: – Já lá vem de traz.

Enfermeiro: – (*aproximando-se*) Oh! tiasinha, vamos sair, acabou a hora da visita e espera-se o rei⁴¹¹.

A mãe: – Manda-me embora?

Expedicionario: – É do regulamento! Adeus.

A mãe: – (*beijando o filbo*) Adeus!...

(*Ao fundo da enfermaria, surge um luzido cortejo e enquanto a mãe limpa as lagrimas, ouvem-se gritos*): **Viva el-rei! Viva a patria!**

Ruy

⁴¹¹ Na altura, D. Carlos I (1863-1908).

A SOPA. (DIALOGO)⁴¹²

NO PALACIO

(Gabinete mobilado com elegancia e riqueza, a duqueza reclina-se n'um divan, conversando com a sr.^a X e o banqueiro, enquanto o jornalista escolhe charutos).

A Duqueza: – Superior lenitivo nos offerece a pratica da caridade.

A Sr.^a X: – A duqueza sempre foi *louca* por creanças.

A Duqueza: – *(modesta)* Tudo por amor de Deus!... Não merece elogio.

Jornalista: – *(accendendo um charuto e guardando dois na algibeira).*

V. ex.^a é a mãe dos desprotegidos!

O Banqueiro: – Ha de arrepender-se, duqueza, creia... Imprevidentes e invejosos são dotados de maus instinctos.

A Sr.^a X: – Miseraveis sem terem pão, os filhos são aos montes...

A Duqueza: – *(piedosa)* Não pensam!

O Banqueiro: – Evitem-os!

Jornalista: – Assisadamente fala, amigo Ximenes; resolvida estava a *questão social*.

A Sr.^a X: – *(indicando o jornalista)* É um talento este sr. Vieira *(para a duqueza)*. É dos *novos* e pertence á *mocidade catholica*.

O Banqueiro: – A tal pobreza é gente damninha. Vomitam contra nós negros improprios e até já invejam as cocheiras dos nossos *pur sang*, como se um cavallo de raça não custasse boas libras.

⁴¹² RUY – A sopa. (Dialogo). *A Federação*. Lisboa: n° 113 (1896), 1 de marzo, p. 2-3.

A Duqueza: – Desculpem-os!... Mal sabem elles quanto gastamos no que chama superfluo e que, afinal, representa a mais stricta necessidade.

A Sr.^a X: – Em breve, os senhores *pés-descalços* reclamam, ao jantar, *galantine* ou *foie-gras*, regado a Champagne ou a Porto velho.

A Duqueza: – (*piedosa*) Ha muita desmoralisaçãõ n’esse mundo de Christo!

O Banqueiro: – (*com furor*) É vel-os!... Garotos de dez annos a fumar!... (*a duqueza ruborisa-se e procura na algibeira a carteira das cigarrilhas*).

Jornalista: – (*que tem estado á janella; chamando*) Reparem vv. ex.^{as}!... Quadro encantador! Ali, no largo; como uma ceara de louras espigas ondulando ao sabor da brisa, vejam, olhem, assim ondulam as cabecitas louras... Reparem, é delicioso, além, aquelle grupo de tres muito pequeninos a aquecerem ao sol os pésitos arroxeados pelo frio... É soberbo, poetico, adoravel!... Todos esfarrapadinhos a jogarem o socco⁴¹³; e o bom sol a aquecel-os... (*para a duqueza*) abaixo da natureza, só v. ex.^a (*indo buscar mais charutos*) V. ex.^a é o amparo dos necessitados!... (*chama um creado e pede cognac*). Hei de fallar d’isto no jornal!... É explendido o cognac!

O Banqueiro: – Pois na verdade: junto do meu palacio não consentia tal gentalha.

A Duqueza: – Porque?

O Banqueiro: – Por causa dos piolhos!

A Sr.^a X: – Tem razão, tem!

A Duqueza: – *Schoking!*

Jornalista: – Desculpe-o duqueza; o amigo Ximenez é *todo* á Zola.

*

* *

⁴¹³ Trata-se da massa feita por um pão ou outro que lhe serve de alvo, em certos jogos de pião.

NA RUA

(*Junto á porta da «sopa» conversam uma mulher velha e um operario maneta*).

Operario: – Então por aqui, *sôra* Francisca?

Velha: – Não ha remedio, tio Pedro!... Vim acompanhar as minhas netas... O pae e a mãe foram para os torrões e ficaram as petizas. Que lhes havia de fazer?... Pol-as *á margem!*

Operario: – Pois eu já venho aqui ha quase um anno!... Desde que o Ximenes me pôz na rua, quando parti o braço. Passei a vender cautellas e a trazer o petiz á *sopa*.

Velha: – Esta idéa da *sopa* é muito boa, não é, tio Pedro?

Operario: – (*sorrindo*) É muito boa, não haja duvida; depois... é lá com os paes e com elles, as raparigas teem destinos, prostituem e servem as ceias no Dá-fundo⁴¹⁴, quando os meninos ricos já são homens. Os rapazes é que estão peor, a gente não os pode ensinar e por fim começam nas Monicas e acabam em Africa.

Velha: – Credo!... Longe vá o seu agouro!... E lembrar-me que estava menos mal.

Operario: – É verdade, já não trabalha a dias?

Velha: – Isso sim!... Servi durante 30 annos nas Ferreiras, conhece; depois veiu o rheumatico e a asthma, mandaram-me embora e até me negaram os *restos* que á noite levava para as pequenas.

Operario: – (*ironico*) A Ferreiras são muito religiosas?

Velha: – Muito! (*ouve-se rezar dentro do edificio da «sopa»*).

Operario: – (*espreitando*) Cá em casa, tambem são religiosos... Ouve!... Vão dar *sopa* aos petizes... Nenhum come sem pagar a *patente*.

Velha: – A *patente*?!...

Operario: – Sim senhor!... Quem quizer comer, ha de rezar e tomar um golo de oleo.

Velha: – Oleo?!...

⁴¹⁴ Dafundo, junto com a Cruz Quebrada, é uma freguesia do concelho de Oeiras.

Operario: – Sim!... Oleo de figados de bacalhau; é *para encher*, salvo aos domingos e dias santos em que a *sopa* está fechada e a petizada tem jejum certo.

Velha: – Pobres netas, toda a manhã sem comer e vão dar-lhe oleo; lançam com certeza!

Uma Petiza: – (*acercando-se da velha, a chorar*) Não quis tomar oleo, a *irmãsinha* poz-me na rua e não comi nada.

Operario: – Isto é que é caridade!...

(*Das cocheiras do palacio sae um cavallo com uma cobertura de casimira, debruada a vermelho; operario indicando o cavallo*). Aquelle é que é feliz!... Quem me dera o sobretudo!...

A Petiza: – (*para a avó*) Ó avó, eu tenho fome!

Operario: – (*tirando dez réis da algibeira*) Tome lá *sora* Francisca, compre um quarto de pão á petiza... Não tenho mais!... Estavam guardados para comprar o café da *socega*, mas paciencia... Quando o sol nasce é para todos!

Ruy

Á SAHIDA DO TUNNEL.
(DIALOGO N'UM WAGON DE I.^a)⁴¹⁵

1.º Burguez: – (*acordando em sobresalto*) Que barulho é este?

2.º Burguez: – São os operarios a darem palmas...

1.º Burguez: – A darem palmas!

2.º Burguez: – E vivas...

1.º Burguez: – E vivas!

2.º Burguez: – No comboyo vem o delegado que foi a Londres!⁴¹⁶

1.º Burguez: – O delegado que foi a Londres!... Não percebo!

2.º Burguez: – O amigo Fulgencio ainda está a dormir?...

1.º Burguez: – Talvez!...

2.º Burguez: – Então não sabe que os socialistas reuniram em Londres, effectuando um congresso.

1.º Burguez: – (*esfregando os olhos*) Cambada!... E não vir uma peste que os dizimasse.

2.º Burguez: – (*assustado*) Deus nos livre, ficavamos aviados... Quem nos havia de arranjar o alimento, o fato, as botas?

1.º Burguez: – (*mais brando*) Tem rasão; esquecia-me... E o peor é que se o diabo os levasse, ficavamos sem as raparigas do povo a quem *protegemos*... Adeus prazeres!

⁴¹⁵ RUY – Á sahida do tunnel. (Dialogo n'um wagon de I.^a). *A Federação*. Lisboa: n° 138 (1896), 23 de agosto, p. 2.

⁴¹⁶ Azedo Gneco. O texto foi publicado após o Congresso Internacional Socialista, celebrado em Londres de 26 a 31 de julho de 1896. O jornal *A Federação* acompanhou as sessões e relatou o seu regresso a Lisboa.

2.º Burguez: – (*indicando a multidão*) Repare o amigo Fulgencio, o que lá vae d’elles...

1.º Burguez: – (*assomando á portinhola*) Eia!... Que cafila!... Sempre lhe digo que se um dia se resolvem...

2.º Burguez: – A quê?

1.º Burguez: – (*receioso*) A tosamem-nos... Olhe que são muitos... Mas, afinal o que quer essa *tropa*?

2.º Burguez: – Li n’um jornal que desejam a socialisação da auctoridade, da instrucção e da riqueza.

1.º Burguez: – (*assustado*) Hein!... Da riqueza?... O que eu possuo custou muito a ganhar aos escravos de meu pae, no Brazil. Era o que faltava!... Um homem a juntar toda a vida o trabalho dos *pretos* e os mariolas a pedirem *socialisação*.

2.º Burguez: – Cautella, pódem ouvil-o!

1.º Burguez: – (*receioso*) Oh! diabo; isto é gente brava. (*reparando na policia*) Não tenha medo, lá está ella...

2.º Burguez: – Quem?

1.º Burguez: – (*com alegria*) A policia!...

2.º Burguez: – E em grande quantidade.

1.º Burguez: – A *força* não dorme!... Pois então!... Emquanto ella existir, não são esses *selvagens socialisadores* que me impedem de jantar no Avenida Palace⁴¹⁷.

2.º Burguez: – O peor é se a policia chega a perceber que é tambem povo e nós a condemnamos á fome, dando-lhe 450, emquanto gastamos aos dois mil réis em charutos... (*baixando a voz*) Oh! amigo Fulgencio, se os policias começam a pensar na *cousa*, e vão para casa vêr os filhos rotos e sem pão, condemnados á falta de saber ler a terem por futuro a cadeia, então nem Santa Maria nos vale...

⁴¹⁷ O Hotel Avenida Palace, da autoria do architecto José Luís Monteiro, foi inaugurado em 1892.

1.º Burguez: – (*assustado*) Essa agora é que é uma dos diabos... (*animando*) Emfim, enquanto elles não percebem, vão soffrendo e protegemos a barriga... Enquanto o pau vae e vem... (*ouvem-se salvas de palmas e repetidos vivas*).

2.º Burguez: – Veja amigo Fulgencio, que entusiasmo, parece o dia do *juizo*.

1.º Burguez: – (*colerico*) Patifes!... Se podesse ser Herodes degolavamos a todos... Olé!

2.º Burguez: – Depois é que eram ellas...

1.º Burguez: – (*depois de meditar*) Só mandando-os fazer de encomenda... O caso é intrincado... Marotos!... O que seria d'elles se não lhe dessemos trabalho?... Quando ha *crise* é logo chapeu na mão e toca a pedir.

2.º Burguez: – Enquanto assim fizerem não vae o caso mal de todo.

1.º Burguez: – (*indignado*) Porque, já querem roubar?!...

2.º Burguez: – Dizem que são elles quem produzem tudo e não ser justo vegetarem na miseria, quando teem trabalho armazenado e alimentos a apodrecerem á falta de consumidores.

1.º Burguez: – Que grande sucia! (*ouvem-se mais palmas e vivas e os manifestantes saem da gare*).

2.º Burguez: – (*agitando os collarinhos*) Vamos amigo Fulgencio, estou com uma fome devoradora.

1.º Burguez: – (*olbando os manifestantes que retiram*) E lembrar-me que toda essa malta quer ser gente, quando não passa da *fava-rica* ao almoço. Vamos, vamos até ao *Leão d'Ouro*⁴¹⁸ mastigar meio biffe. (*indicando a multidão*) Isto, até me faz nojo!... Nem sabe o que é *comer!*

Ruy

⁴¹⁸ O restaurante Leão d'Ouro, no Bairro Alto da cidade de Lisboa, foi fundado em 1842, sendo lugar de encontro de artistas e intelectuais.

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTOS TEATRAIS (1895-1903)

(Página deixada propositadamente em branco)

**O CAPITAL. DRAMA EM 4 ACTOS,
ORIGINAL DE ERNESTO DA SILVA. REPRESENTADO
PELA PRIMEIRA VEZ NO THEATRO DO PRINCIPE REAL,
DE LISBOA, NA NOITE DE 8 DE NOVEMBRO DE 1895⁴¹⁹**

Personagens

Julião Marques	F. Costa
Carlos Marques	E. do Valle
Thiago	Augusto
Vizconde da Sobreira	A. Pinheiro
Ignacio D'Oliveira	Pato Moniz
Pedro	Luciano
Tio Diniz	Ferreira
Padre Lourenço	Moraes
O Administrador	F. Brazão
Thereza	Maria das Dores
Beatriz Marques	Adelina Ruas
Helena D'Oliveira	Elvira Costa
Suzanna	Mathilde Polla
1º Operario	Salvador
2º Operario	H. Peixoto
3º Operario	Henrique Lima

⁴¹⁹ SILVA, Ernesto da – *O Capital. Drama em 4 actos*, original de Ernesto da Silva. Representado pela primeira vez no Theatro do Principe Real, de Lisboa, na noite de 8 de novembro de 1895. Lisboa: Typ. do Instituto G. das Artes Graphicas, 1896. O exemplar conservado na Biblioteca Nacional de Portugal contem a seguinte dedicatória do autor, manuscrita: «Á redacção do jornal *O Paiz* na pessoa do seu director político. Off. Ernesto da Silva».

A acção passa-se na Granja no 1º acto; 2º e 3º na provincia, e o 4º em Lisboa

Operarios, camponezes, etc

A Azedo Gnecco

Off. ded. e cons.

O Auctor

PRIMEIRO ACTO

A scena representa uma sala mobilada com elegancia, á D. B. uma mesa centro com illustrações, á E. B. uma varanda que desce ao jardim, na entrada da varanda vêem-se vasos com flôres, á E. A. porta lateral, ao F. vê-se um corredor, junto á porta do F. á direita, um piano aberto, á D. portas lateraes, ao subir o panno Thereza cuida das flôres que estão na varanda.

SCENA I

THEREZA. – (*ergue-se na varanda segurando um pequeno regador*)
Pobres florinhas; estavam mortinhas de sêde!... (*chegando a meio da scena*) Parece que annos vão enfraquecendo-me o miolo!... (*admirada*)
Já me esquecem as flôres da menina...

SCENA II

THEREZA E THIAGO

THIAGO. – (*ao F. trazendo um masso de jornaes*) Bons dias, sôra Thereza!...

THEREZA. – (*notando Thiago*) Bons días, Thiago!... (*curiosa*) Veiu alguma carta para mim?...

THIAGO. – (*procurando entre os jornaes*) Sim, senhora!... (*lê o sobrescripto*) Thereza da Purificação. – Granja (*entregando a carta*) Eil-a!...

(colocando os jornaes sobre a meza) Já entreguei no jardín as cartas do patrão; aqui ficam os jornaes. (tirando da algibeira um papel) Isto é para a menina Beatriz. Um pedido da viuva do pescador que se afogou na semana pasada. Pobre mulher, sempre ficou com uma ranchada de petizes!... (para Thereza que tem estado a lêr a carta) É do seu rapaz, hein?...

THEREZA. – (acabando de lêr) É verdade Thiago, é do meu filho, avisa-me que o menino Carlos deve chegar hoje no combio da tarde.

THIAGO. – (com alegria) O sr. Carlos chega hoje?... Ainda bem sôra Thereza, com elle entende-se a gente. (dando o papel que tirou do bolso, a Thereza) Aqui está o pedido da viuva do pescador afogado! (entrega o papel a Thereza, com entusiasmo) Sempre lhe digo sôra Thereza que ha poucas almas como a do sr. Carlos.

THEREZA. – (com vebemencia) Você é injusto Thiago!... A menina é um coração d'ouro, não ha pobre que não acuda, miseria que não socorra. (olbando o tecto) É o retrato da mãe que era uma santa!...

THIAGO. – (embaraçado) A menina é boa creatura... mas o sr. Carlos tem não sei o quê?!... Attrahe-nos para junto d'elle!...

THEREZA. – Sahem á minha defunta senhora que sempre recordo com saudade.

THIAGO. – Até logo, sôra Thereza! Não tarda de volta o patrão com o tal amigalhote que foi esperar ao comboio.

THEREZA. – Vá, Thiago, vá. Até logo!... (Thiago sae pelo F.)

SCENA III

THEREZA depois BEATRIZ

THEREZA. – Já cuidei das flôres e tive noticias do meu Pedro. Vamos agora á cosinha. Não se póde fiar em raparigas, a cabeça anda sempre no ar... (vae para sair)

BEATRIZ. – (entrando pela E. A.) Bons dias, rabugenta!...

THEREZA. – (descendo, admirada) A menina já de pé!... E eu que a julgava ainda com os anjinhos!

BEATRIZ. – São dez horas!... Vá que já fui preguiçosa. (*mudando*) E as flôres, já teem agua?!...

THEREZA. – Sim, minha menina. Ha pouco acabei de regal-as! (*mostra o regador*)

BEATRIZ. – (*com amisade*) Se não fosse assim, zangava-me. (*dá um beijo em Thereza e senta-se junto á varanda, para Thereza que a observa*) Observas-me?

THEREZA. – A menina hoje está pallida!... (*reprehendendo-a docemente*) É a tal coisa dos bailes; dançar, dançar, e a saúde vôa pela janella fóra. (*confidencial*) Quando a menina entrou em casa já tinham dado as duas horas!

BEATRIZ. – (*admirada*) Ouviste-me entrar?

THEREZA. – Se ouvi!...

BEATRIZ. – É por isso que te ralho!... Enquanto não repouso, não socegas... Reprehendo-te, zango-me e não consigo regenerar-te.

THEREZA. – (*com amor*) Perdôe-me menina!... Não está na minha mão. Só posso sossegar quando despreocupada, tranquillá, a vejo adormecida no leito!

BEATRIZ. – (*enternecida*) Obrigado, velha ama! (*abraça Thereza, mudando*) O tal baile no «Club» aborreceu-me horrivelmente... Fui lá para satisfazer o papá. O visconde instara para que não faltássemos, seria incorrecto não aceder ao convite.

THEREZA. – (*com interesse*) A menina dançou?...

BEATRIZ. – (*com indiferença*) Duas valsas com o visconde. Os meus hábitos provincianos são incompatíveis com tal meio. As senhoras olhando disfarçadamente o côrte dos vestidos que criticam, encobrendo com os leques sorrisos irónicos que ferem como punhaes, os cavalheiros auxiliando conspirações femininas em que são victimas as cantoras mediocres, repugnam-me; começo por desconfiar da multidão que me rodeia e concluo por enfadar-me... (*com vivacidade*) O visconde instou para eu cantar ao piano, neguei-me terminantemente... Que diria aquella gente?...

THEREZA. – (*indignada*) Muito bem, minha menina!... Talvez fosse encomenda.

BEATRIZ. – És injusta!... O visconde não se prestava a tal!... Não escapei porém a critica. Quando valsava, surpreendi uma senhora que durante a noite me fitara impertinente através o «Iorgnon», murmurar para uma outra que a acompanhava... É a do visconde; a tal provinciana!... (*ouve-se o silvo do comboio*) O papá, saiu?...

THEREZA. – (*sem atender; preocupada*) Alguma pretenciosa de Lisboa!

BEATRIZ. – (*com affecto*) Socega boa Thereza!... Dá liberdade á critica da cidade. (*curiosa*) O papá saiu?...

THEREZA. – Sim, minha menina!... Foi ao comboio esperar um amigo, o tal Oliveira, segundo creio!

BEATRIZ. – Que aborrecimento!... É o homem da politica.

THEREZA. – (*tirando do bolso um papel*) Já me esquecia; a carta da viuva do pescador. (*entrega a Beatriz*)

BEATRIZ. – (*guardando-a*) Pobre mulher... Tão nova e já viuva...

THEREZA. – (*com alegria*) Tenho uma boa noticia a dar-lhe!... O menino Carlos chega hoje no comboio da tarde.

BEATRIZ. – Já estava com tanta saudade!... Ha duas semanas que não vejo o Carlos; é elle quem me acompanhará a casa da viuva. (*ouvem-se vozes no corredor*) Ahi vem o papá!...

THEREZA. – Vou vigiar o almoço! (*sae pela D. A. e Beatriz sobe ao F.*)

SCENA IV

BEATRIZ, JULIÃO e IGNACIO

JULIÃO. – (*para Beatriz, entrando*) O baile não produziu maior cansaço?...

BEATRIZ. – (*beijando-o*) Não papá, sinto-me bem disposta.

IGNACIO. – Sempre formosa D. Beatriz!... Como passa V. Ex.^a, como passa?...

BEATRIZ. – (*para Ignacio*) Perfeitamente, sr. Oliveira, e sua esposa?

IGNACIO. – Creio que passa bem!... Ha um mez que está na Figueira⁴²⁰ a uso de banhos!... *(para Julião)* É quase inacreditavel, mas é certo, a politica absorve-me; ainda não poude visitar minha mulher. O amigo Julião não faz idéa, a vida publica é um sorvedouro; hoje gabinete do ministro, amanhã «Bolsa», depois direcção da companhia; sinto-me por vezes fatigado.

BEATRIZ. – *(para Julião)* Vou descer ao jardim!... *(para Ignacio)* O sr. Oliveira, dispensa-me, sim?!...

IGNACIO. – Vóccencia, não deve por mais tempo privar o jardim, d'uma tão encantadora flôr!

JULIÃO. – Madrigalesco como cortezão!?!...

IGNACIO. – É a minha divisa: – Braço ás armas feito...

BEATRIZ. – *(concluindo, ironica)* Mente ás musas dada! *(cumprimenta e vae saindo)*

JULIÃO. – Bravo! Resurgem o grande epico.

SCENA V

JULIÃO e IGNACIO

IGNACIO. – Já fallei do amigo Julião ao ministro!

JULIÃO. – E o ministro que tal?!... Assignará a concessão?

IGNACIO. – Sim; não digo que se negue... Como sabe, interesse-me sobremaneira pelos seus negocios, caro amigo...

JULIÃO. – *(com anciedade)* Será preciso superior influencia junto do ministro?!

IGNACIO. – *(com convicção)* Tranquillise-se!... Tenho-o fechado na mão; sem risco de immodestia posso assegurar-lhe possuir influencia bastante a pezar na balança dos negocios publicos. *(confidencial)* A minha ida ao Porto implica a resolução de graves questões politicas.

⁴²⁰ Figueira da Foz tornou-se célebre nos fins do século XIX como centro de atração de banhistas.

JULIÃO. – Questão eleitoral, hein!

IGNACIO. – Um tanto!... (*mudando*) Dizia-lhe ha pouco não ser difficil obter a construcção da estrada que deseja, a sua fabrica ficaria a poucos passos do caminho de ferro, evitando o largo dispendio effectuado hoje com os transportes. Como vê é de summa importancia para o meu amigo um tal melhoramento.

JULIÃO. – Certamente; a fabrica ficará em optimas condições de local, facilmente dominarei a concorrência das fabricas vizinhas.

IGNACIO. – Fallemos claro; inutilisa-as e o meu amigo fica senhor do campo!...

JULIÃO. – (*rindo forçadamente*) Não é tanto assim. O capital n'ellas empregue defender-se-há até queimar o ultimo cartucho.

IGNACIO. – Cartas na mesa!... Concebi um plano que só esperei amadurecesse para pôr em pratica.

JULIÃO. – (*interrompendo com interesse*) E parece-lhe?!...

IGNACIO. – Poder assegurar-lhe um lisongeiro exito.

JULIÃO. – Submette-me a um atroz supplicio. Intriga-me, desespera-me, matando-me de impaciencia.

IGNACIO. – Devagar por ter pressa, eis o proverbio; respeito-lhe muito a philosophia que diligencia á risca... Mas, entremos no assumpto. Como sabe, ha dias os operarios agricolas da localidade, impellidos pela crise que os obriga a vaguearem esfomeados pelas estradas, revoltaram-se, provocando tumultos que fizeram echo em Lisboa.

JULIÃO. – Tumultos a que os meus operarios não foram estranhos.

IGNACIO. – (*sem notar a interrupção*) Surgira o momento azado; aproveitei-o como politico.

JULIÃO. – (*embaraçado*) Não posso attingir.

IGNACIO. – (*interrompendo*) Muito simples. Serenado o animo excitado dos operarios com o auxilio do destacamento que está na villa; pediam elles a construcção da estrada ha muito projectada, a fim de ligar a villa á cidade proxima... Começa aqui a minha intervenção, propuz ao ministro a substituição da projectada estrada pela que deve ligar a fabrica á

estação do caminho de ferro. Os operarios teem trabalho, o amigo Julião fica satisfeito e o estado muito tem a lucrar com a harmonia dos diversos interesses attendidos. Sorri-lhe o plano concebido e posto em pratica?!...

JULIÃO. – É digno de Richelieu ou Machiavel.

IGNACIO. – É certo que o ministro me interrogou sobre a attitude do amigo Julião para com a actual situação politica.

JULIÃO. – (*com convicção*) Em corpo e alma á ordens de s. ex.^a

IGNACIO. – Affirmei-o tambem; certo da sua gratidão. O periodo eleitoral approxima-se e a lucta tem de ser renhida. A opposição está feroz e nem um accordo acceita. O circulo a que pertence a sua fabrica é um dos mais disputados e creio não ter sido indiscreto affirmando ao ministro a mais completa das dedicações por parte do amigo Julião?!...

JULIÃO. – Por certo!... A minha dedicação proval-a-hei, sempre que possa fazel-o.

IGNACIO. – (*curioso*) Quantos operarios emprega?

JULIÃO. – Seiscentos homens, salvo as mulheres e as creanças.

IGNACIO. – Seiscentos votos; eis o auxilio de que carece o governo para esmagar os adversarios.

JULIÃO. – Envidarei todos os esforços para auxiliar o ministro. Mas!...

IGNACIO. – Empanado o brilhantismo de negociações tão auspiciosamente entabuladas surge um mas... O que o motiva!...

JULIÃO. – Outr’ora era facil o apoio dos operarios. Hoje a situação mudou; uns patifes que o inferno confunda, visitam quando em quando a provincia, propagandeando entre os operarios o odio contra o capital que acoimam d’explorador, como se não fôra d’elle que nasce o salario; d’ahi, um odio profundo de classes surgiu, destruindo as relações entre capitalistas e trabalhadores.

IGNACIO. – (*com ironia*) É esse então o insuperavel obstaculo que se nos antolha?!... Que santa ingenuidade, amigo Julião!...

JULIÃO. – Não julga grave o que acabo de expôr?...

IGNACIO. – (*rindo*) Simples attricto que não resiste ao carneiro do estylo e a uma pipa de bom vinho!...

JULIÃO. – (*hesitante*) Reputo inefficaz o expediente.

IGNACIO. – (*convicto*) Experimente caro amigo e depois falle. Creia que a balofa e vã declamação dos inimigos da propriedade é facilmente esterelisada com a promessa d’augmento no salario.

JULIÃO. – (*preoccupado*) O futuro dirá.

SCENA VI

Os mesmos e BEATRIZ

BEATRIZ. – (*entra pela F. B. traz na mão um bouquet*) Eis-me de volta!... O sol está muito quente.

JULIÃO. – (*reprehensivo*) E descestes de cabeça descoberta ao jardim; tontinha!

IGNACIO. – (*para Beatriz*) De volta e sobraçando um formosissimo «bouquet», que vóccencia sobrepuja em frescura e colorido.

BEATRIZ. – A lisonja incita á vaidade e o sr. Oliveira perde-me. (*olhando as flôres, para Julião*) São para o Carlos, só por elle arrostaria os raios do sol que na verdade escaldam!... O papá já teve conhecimento da sua chegada?

JULIÃO. – Recebi esta manhã no jardim a carta em que participa a sua vinda!

IGNACIO. – (*para Beatriz*) Vóccencia é adoravel na fraternal manifestação de sympathia por seu mano. É de quem se trata, julgo?...

BEATRIZ. – O sr. Oliveira não se engana!... É o mano que chega hoje.

JULIÃO. – (*interrompendo*) Chegada que Beatriz celebra como se houvera uma separação de largos annos. (*ironico*) Ha quinze dias que se não vêem!...

BEATRIZ. – O papá exige-me uma insensibilidade de estatua... (*põe as flôres n’uma jarra*)

IGNACIO. – (*interrompendo*) De sal?... (*rindo*) Nova edição da mulher de Loth!... Desculpe-o D. Beatriz! (*olhando Julião*) É o egoismo de pae quem transmuda o amigo Julião de Jehovah vingador!...

SCENA VII

Os mesmos THIAGO e THEREZA

THIAGO. – *(ao F.)* Está na mesa o almoço!...

JULIÃO. – *(para Thiago)* O quarto do sr. Carlos?

THIAGO. – Está pronto!

JULIÃO. – *(para Thiago)* Pódes retirar-te! *(para Ignacio)* Ao almoço!

IGNACIO. – Com subido prazer!... O ar dos campos provocou-me o appetite *(offerece o braço a D. Beatriz)* Dá-me a honra!...

BEATRIZ. – *(pelo braço de Ignacio)* Ha de perdoar-nos a frugalidade! *(para Thereza que vem entrando a E. A.)* Depois do almoço acompanhas-me á estação.

THEREZA. – Sim, minha menina. *(fica contemplando o grupo que sae)*

SCENA VIII

THEREZA, só

É a minha senhora por uma pena!... O mesmo olhar, o mesmo sorriso, o mesmo andar... Santa senhora que Deus tem em sua eterna gloria!... Nunca viu chorar um pobre a quem não limpasse as lagrimas, nunca ouviu um gemido que não suffocasse com o seu auxilio! *(mudando)* A carta de Pedro inquieta-me, ha descontentamento na fabrica, diz-me! *(pausa)* Presinto-o, santo Deus; as idéas novas trazem infelicidade: – Bom tempo, o do meu Jeronymo; pobre d'elle que a machina despedaçou nas engrenagens, deixando-me só no mundo, com o Pedro nos braços. E foi a minha santa senhora quem me arrancou á miseria, foi ella quem me matou a fome, foi ella quem me educou o filho. *(limpando as lagrimas)* Muito devo á sua memoria!... *(fica pensativa)* Os tempos mudam, bem o prognostica, o sr. Julião; outr'ora servos e patrões eram duas almas n'um corpo só; hoje, o odio substituiu a amizade, os louvores cessaram e os queixumes ergueram-se; a felicidade fugiu e a descrença impelle á desgraça!... Parece que Satanaz soprou sobre os homens o fogo maldito que tem nas entranhas.

«Vade retro!» O mal em toda a parte, no palacio dos ricos, na choupana dos pobres!... Nem o menino Carlos, rico, feliz, não conhecendo faltas, escapou á onda de fel que o diabo vomitou sobre a terra. Oxalá Deus o illumine com a sua divina graça... Ah! que se o sr. Julião chega a saber tudo!... Que desgosto; que desgosto!

SCENA IX

THEREZA e o VISCONDE

VISCONDE. – (*ao fundo, traz um rolo de papel na mão*) Bons dias, boa Thereza!

THEREZA. – (*levantando-se*) Ah! É o sr. visconde!

VISCONDE. – O sr. Julião como passa e a D. Beatriz, talvez fatigada do baile?...

THEREZA. – Graças a Deus passam sem novidade!... Se o sr. visconde quer incomodar-se, estão almoçando com o sr. Ignacio de Oliveira.

VISCONDE. – (*á parte*) Borrasca eleitoral; politicos á terra! (*alto*) Não, boa Thereza, esperarei aproveitando o tempo! (*collocando o rolo na estante do piano*) Acabei de almoçar no restaurant do «Club» e escreverei uma carta se a Thereza me emprestar um tinteiro.

THEREZA. – Vou já buscal-o ao gabinete do sr. Julião. (*sae pela D. B.*)

SCENA X

VISCONDE, THEREZA e depois THIAGO

VISCONDE. – (*monologando*) O azar persegue-me implacavel!... Tres «negas» da dama, coroadas por um «cerco» ao rei, depennaram-me em breves instantes. Ah!, velho Izaac, só no teu seio protector encontrarei guarida; são tuas as arruinadas paredes do meu velho solar. Pertencem-me em nome do juro, como me pertenciam em nome da conquista. A bolsa a dominar a espada. (*ironico*) A epoca é de positivismo e electricidade;

Salado⁴²¹ e Alcacer-Kibir⁴²² pertencem á instrucção primaria. O castello, transformar-se-há n'uma fabrica de piugas a despeito dos velhos retratos recobertos de poeira, indice genealogico de fidalga procedencia a revesti-rem os decrepitos salões. O «bric-à-brac» espera-os. (*levanta-se*) Desditosos morcegos, meus inquilinos, a sineta capitalista expulsar-vos-há do secular «hotel». El rei-Capital ordena!... Parti; esquecei-vos das ameias e torreões; dae logar á machina, dae passagem ás correias; elmos e montantes são monumentos historicos do futuro garantido nas «vitrines» dos museus. A vida moderna crystalisa no Champagne e na dynamite.

THEREZA. – (*entra pela D. A.*) Desculpe sr. visconde o demorar-me! (*põe o tinteiro na meza*)

VISCONDE. – Obrigado, boa Thereza! (*começando a escrever, áparte lendo*) Velho Isaac. – Encontro-me na Granja sem dinheiro, em nome do castello e parque da Sobreira, o teu velho amigo e cliente, sollicita da tua nunca desmentida amisade uns miserrimos oitocentos mil réis, que o habitem a reparar a pronunciada animosidade da dama de paus. A situação é embaraçosa, confio na sollicitude em que costumás ser tão prodigo para o teu bom amigo. – «Visconde da Sobreira». (*áparte*) Sollicitude a 50% (*alto para a Thereza*) Mais um incommodo, esta carta para o correio. (*entrega a carta*).

THEREZA. – Pois não, sr. visconde. (*toca o timbre*).

THIAGO. – (*ao F.*) Chamou, sôra Thereza?

THEREZA. – Para deitares no correio. (*entrega a Thiago a carta*).

THIAGO. – Vou immediatamente. (*sae pelo F.*)

VISCONDE. – (*áparte*) Á beira do abysmo só me podem deter na queda o casamento ou um lugar na embaixada.

⁴²¹ A Batalha do Salado (30 de outubro de 1340) enfrentou, na ribeira do rio Salado, em Cádiz (Espanha), os exércitos de Abul-Hassan, rei de Fez e Marrocos, aliado com o emir de Granada, contra os exércitos cristãos de Afonso IV de Portugal e Afonso IX de Castela, com a vitória destes.

⁴²² Na Batalha de Alcácer-Quibir, cidade situada entre Tânger e Fez, veio a falecer o rei D. Sebastião (1554-1578), a 4 de agosto, na campanha pelo controlo militar do norte de África.

THEREZA. – (*áparte*) Não posso gostar d'este homem! (*ouvem-se vozes ao F.*) (*para o Visconde*) Chegam d'almoço.

SCENA XI

Os mesmos, JULIÃO, BEATRIZ e IGNACIO

JULIÃO. – (*entrando*) Olé! O visconde já por aqui?!... Muito folgo!... Muito folgo!... (*indicando Ignacio*) O meu amigo sr. Ignacio de Oliveira. (*para Ignacio*) O meu amigo visconde da Sobreira.

VISCONDE. – (*apertando a mão de Ignacio*) Já nos conociamos!

IGNACIO. – (*para Julião e visconde*) Da inauguração da fabrica!

VISCONDE. – (*áparte*) E da roleta!... (*alto para Beatriz*) E v. ex.^a fatigada do baile?... Falta de habito?!...

BEATRIZ. – (*sorrindo*) Indulgencia que semelha critica.

VISCONDE. – Por quem é, v. ex.^a...

BEATRIZ. – (*atalhando*) Revolto-me!... Tranquillise-se, é a provincia.

VISCONDE. – O coração da cidade!

BEATRIZ. – De que o visconde não conhece a anatomia.

VISCONDE. – (*intencional*) Talvez! (*para Julião que conversa com Ignacio*) Esperei-o á hora do banho e em vão. (*rindo*) Capitulou entregando armas e bagagens. O baile do club foi o Sédan⁴²³ da energia do amigo Julião!

JULIÃO. – Engana-se visconde. Affazeres me inibiram. (*indicando Beatriz*) Faça Beatriz editora responsavel do insucesso que o victimou.

IGNACIO. – A valsa é escolho onde naufragam as donzellas.

VISCONDE. – (*áparte*) Madrigal de piloto!

BEATRIZ. – A falta de habito; eis tudo!

⁴²³ A Batalha de Sedan, a 1 de setembro de 1870, enfrentou o exército prussiano com o francês de Napoleão III. Bismarck recusou-se a assinar a paz, as tropas cercaram Paris a 19, e o imperador de França resultou capturado. A derrota de França supôs o fim do Segundo Império Francês (1852-1870) e o início da Terceira República (1870-1940).

THEREZA. – (*áparte*) Os malditos adoecem-me a menina!

VISCONDE. – (*para Beatriz*) Auctorisei-me a fazer uma surpresa!

BEATRIZ. – (*curiosa*) Sim?!...

VISCONDE. – (*apontando a estante do piano*) A valsa que hontem a impressionou. Forneceu-m'a o pianista.

BEATRIZ. – O sr. visconde é muito amavel!... Não sei como agradecer-lhe.

VISCONDE. – (*galanteando*) A alegria de v. ex.^a é sufficiente premio.

BEATRIZ. – (*abrindo o rolo*) Melancholia!... É suggestionante o titulo e corresponde á musica. (*depondo a musica na estante, para Thereza*) Devem ser horas, Thereza?

VISCONDE. – V. ex.^a sae?

BEATRIZ. – Vou esperar á estação o mano Carlos!

THEREZA. – Estou ás ordens.

VISCONDE. – (*consultando o relógio*) Uma e tres quartos.

BEATRIZ. – (*para Thereza*) Traz-me o chapéu e a sombrinha!... Faltam dez minutos. (*Thereza sae pela D. A.*)

VISCONDE. – O mano chega hoje?!... (*áparte*) Declamação em grande velocidade! (*alto*) Se não fôra indiscreto, acompanharia v. ex.^a á «gare».

BEATRIZ. – (*áparte*) Que secca! (*alto*) O visconde nunca é demais (*para Thereza que traz o chapéu e a sombrinha*) Vamos, Thereza, a estação é proxima mas o tempo é pouco. (*para Julião*) O papá fica!?...

JULIÃO. – (*parando de conversar*) Dispensa-me Beatriz.

BEATRIZ. – (*para Thereza e visconde*) Em marcha! (*para Julião e Ignacio*) Até já, sim (*vae subindo com Thereza e visconde*).

IGNACIO. – (*para Beatriz, inclinando-se*) Minha senhora!...

VISCONDE. – Até á volta. (*saem pelo F.*)

SCENA XII

JULIÃO e IGNACIO

JULIÃO. – É definitiva a resolução de partir ainda hoje para o Porto?

IGNACIO. – Reflecti e só parto amanhã. Passarei a noite no hotel; desejava demorar-me alguns dias, mas a minha presença no Porto torna-se indispensavel.

JULIÃO. – Confio em que não se esquecerá?!

IGNACIO. – Não duvide, amigo Julião. É a primeira pessoa de quem fallo ao ministro, de volta a Lisboa. Recommendo-lhe porém que medite na organização dos altos-fornos, garanto-lhe que a protecção official de que disponho, nos permittirá a duplicação do capital em curto periodo. Como sabe, aquella região outr'ora florescente pela vinicultura, está morta; o *phylloxera*⁴²⁴ invandido-a, collocou a população em bem difficil situação; os braços abundam e o salario será a «bom-marché».

JULIÃO. – É tentador na verdade!

IGNACIO. – E a casa Beirão & Santos⁴²⁵, toma firme 30% das acções emitidas!

JULIÃO. – O que é animador!

IGNACIO. – (*batendo no hombro de Julião*) E abandone as vãs preocupações de reacção operaria!... Recrute no pessoal um ou dois rapazes que o tragam ao corrente dos acontecimentos, é quanto basta. Previno-o de que deve recrutar-os entre os mais «vermelhos». São os mais faceis; em regra a intransigencia não verga, mas quebra. Nunca abandone a philosophia dos proverbios!

JULIÃO. – Homem prevenido vale por dois!...

⁴²⁴ A epidemia da filoxera iniciou-se na aldeia de Gouvinhas (Vila Real), em 1863, quando o produtor António de Melo Vaz de Sampaio quis melhorar a produção de vinho experimentando com videiras novas vindas da América. Estendeu-se rapidamente por terras próximas, como Covas do Douro, Sabrosa e Peso da Régua, já entre 1871 e 1872. Em 1876 o governo começou por difundir tratamentos específicos, entre eles, a injeção de sulfuro de carbono no solo para além da replantação com videiras americanas, o único remédio que se revelou eficaz. Uma análise do impacto da filoxera na península Ibérica é possível em PIQUERAS HABA, Juan – *La filoxera en España y su difusión espacial: 1878-1926. Cuadernos de Geografía*, 77 (2005), Valencia, p. 101-136, especialmente p. 113, para o caso português.

⁴²⁵ A «Casa Memoria», da firma «Santos Beirão & C.^ª», fundada em 1880, na confluência da Praça D. Pedro IV com o Largo do Príncipe, em Lisboa, por José Pereira dos Santos Beirão (1856-1917), ficou célebre pela comercialização de bicicletas.

IGNACIO. – Admira a sua natural perspicacia não lhe ter já aconselhado o expediente.

JULIÃO. – (*sorrindo*) Já tentei alguma cousa! Mas... aquella gente é pouco communicativa.

IGNACIO. – Aconselhe o seu agente a fallar-lhe ao sentimento. O coração pulsa e a reserva desaparece. É infallivel. Os operarios não conhecem a diplomacia!...

JULIÃO. – Ha tempo que mantenho na fabrica um agente. Um patife que aspira a contramestre do acabamento e que ha poucos dias me communicou, fraternisar o estouvado de meu filho com os operarios; poupando-lhe as multas, evitando os serões e permittindo ás mulheres o visitarem a «crèche» fóra das horas regulamentares. Consta-me tambem que entre Carlos e o engenheiro John, já se teem suscitado questiunculas que desprestigiam o regimen fabril que estabeleci. Já vê que é importante o relatorio do André.

IGNACIO. – O André é o agente?

JULIÃO. – É! (*confidencial*) Não param aqui, os desatinos d'esse doido que em breve chega. Ha mezes, surprehendi-lhe no quarto, uma d'essas brochuras que para ahi pullulam; no frontespicio, lia-se em negros caracteres: **O que é a propriedade**⁴²⁶, critica economico-philosophica. Taes symptomas presagiam-me funesta epidemia.

IGNACIO. – Da qual a prophylaxia é interessar o rapaz nos lucros da fabrica! «Contraria contrarius curantur»⁴²⁷. Allopathia pura é o methodo classico e seguro!

JULIÃO. – Não julga perigosa a epidemia egualitaria?

IGNACIO. – Não! Em successivas e habilidosas culturas não vae além de um augmento nos salarios! O «bacillo» socialista tratado pelo Capital,

⁴²⁶ O opúsculo de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) *Qu'est-ce que la propriété?*, de 1840, só foi traduzido para português nos fins do século XIX.

⁴²⁷ «Contraria contrariis curantur»: Os contrários curam-se com os contrários. Trata-se da máxima da medicina clássica, que é oposta à da medicina homeopática: «Similia similibus curantur», ou seja, os semelhantes curam-se com os semelhantes.

attenua-se e transforma-se no mais inoffensivo dos bicharocos anti-proprietarios. (*mudando*) Que idade tem seu filho?

JULIÃO. – Vinte e oito annos!⁴²⁸

IGNACIO. – O coração virgem da settas cupidincas!

JULIÃO. – Salvo o romance encetado com a filha de um mestre geral que epiloguei despedindo o pae, nada consta...

IGNACIO. – (*convicto*) Eis a causa geradora dos symptomas que o amedroutam! Idade perigosa em que se desenvolve o sarampo revolucionario, exacerbado talvez, pela recordação dolorosa d'um idyllo interrompido. Balsamo consolador á ferida que sangra a utopia social!... O lyrismo do teu amor e uma cabana, degenerando o prosaismo «da questão do ventre»... Interesse-o na fabrica provoque-lhe o casamento e apoz o remanso do lar se quizer... offerecer-lhe-hei uma candidatura; cupula indispensavel ao edificio da vida pratica. A fabrica provocará a natural ambição do homem e a diathese do lucro, incompativel com as arremetidas egualitarias fará o resto! (*ouvem-se vozes ao F.*) Chegam da estação!

SCENA XIII

Os mesmos, BEATRIZ, THEREZA, o VISCONDE e CARLOS

BEATRIZ. – (*avançando para Julião*) Apresento-lhe o sr. Carlos Marques, um ingrato que só uma vez escreveu, durante quinze dias.

CARLOS. – (*para Julião*) Sua benção. (*beija a mão de Julião*)

IGNACIO. – (*á parte*) Ainda pede a benção. O atavismo da educação completará a obra.

CARLOS. – (*para Ignacio*) V. ex.^a como está; sua esposa?

IGNACIO. – Folgo em o cumprimentar. Minha esposa passa bem, está na Figueira.

BEATRIZ. – (*trazendo o bouquet que collocou na jarra*) A recompensa do esquecimento. (*entrega o bouquet a Carlos*).

⁴²⁸ Na altura da redação da obra Ernesto da Silva tinha vinte e sete anos.

VISCONDE. – Em guarda, amigo Carlos! A D. Beatriz cae a fundo.

CARLOS. – (*beijando Beatriz*) És adoravel, Beatriz!

JULIÃO. – (*para Beatriz*) A Thereza?

BEATRIZ. – Foi guardar a mala do Carlos.

JULIÃO. – (*para Carlos*) A fabrica, como vae?

CARLOS. – Quando parti para o Porto, ha tres dias; ficava tudo na melhor ordem!

JULIÃO. – Visitas-te no Porto o Braga & Silva?

BEATRIZ. – (*atalhando*) Não consinto que tratem de negocios. Amanhã, é segunda-feira; começam a semana.

VISCONDE. – Protesto com v. ex.^a

IGNACIO. – (*para Julião*) Resigne-se!... É um cheque na situação.

VISCONDE. – (*áparte*) Não é homem é a «Arcada» a fallar!

CARLOS. – (*para Visconde e Ignacio*) Dispensam-me sim, vou mudar de fato!

IGNACIO e VISCONDE. – Pois não sr. Carlos.

BEATRIZ. – Acompanho-te!... Vou conferenciar com a Thereza. (*para Ignacio e Visconde*) Hoje são dos nossos! O jantar é ás seis. Uma festa intima.

VISCONDE. – Celebraremos a vinda do filho prodigo!

IGNACIO. – Com um appetite digno de registo!

BEATRIZ. – (*pelo braço de Carlos subindo*) O padre Lourenço, como passa?!... (*sae com Carlos pelo F.*)

VISCONDE. – (*áparte*) Educado no orçamento!

SCENA XIV

JULIÃO, o VISCONDE e IGNACIO

JULIÃO. – (*indicando Beatriz*) É extremosissima pelo irmão!

VISCONDE. – O amigo Carlos tomou as proporções de «simoun». Arrebatou-nos a D. Beatriz.

JULIÃO. – Egoista!

IGNACIO. – (*intencional para o visconde*) O «simoun» a multiplicar o encanto do oasis!

VISCONDE. – (*áparte*) Impertinente!... (*alto*) Amigo Julião, despeço-me.

JULIÃO. – Já?

VISCONDE. – Espero de Lisboa umas marcas de «cotillon». Vou ao club.

IGNACIO. – Acompanhal-o-hei, visconde. (*para Julião*) Ainda não cumprimentei o Ferraz!

JULIÃO. – O administrador do concelho?!... Completo a caravana.

VISCONDE. – (*áparte olhando Ignacio*) Que já tem camello!

JULIÃO. – Convidarei o Ferraz a tomar parte no «pic-nic» de amanhã.

IGNACIO. – Prompto a fazer-me de vela!

VISCONDE. – (*áparte*) Não ha duvida. Foi embarçadiço! (*alto*) Partamos!

JULIÃO e IGNACIO. – Partamos! (*tomam os chapéus e saem*)

SCENA XV

THIAGO depois THEREZA

THIAGO. – (*entra pelo fundo cauteloso, trazendo um embrulho nas mãos, que descança sobre a meza e desata, tomando um dos livros que contém*) Estes são dos taes... (*lendo*) «A sociedade futura»; este é que eu gostava de lêr, se fôr como diz o filho da sôra Thereza, põe a calva á mostra aos ricos que troçam dos pobres. (*lendo novamente*) «A sociedade futura», um dia atrevo-me e peço ao sr. Carlos.

THEREZA. – (*entrando*) Você aqui!?

THIAGO. – (*levando um dedo aos lábios*) Caluda sôra Thereza!... (*indicando o embrulho*) São livros dos taes!

THEREZA. – Thiago, você endoideceu?!...

THIAGO. – São livros do sr. Carlos! Pediu-me que os entregasse á sôra Thereza!

THEREZA. – (*agarrando apressadamente o embrulho*) Dê cá, Thiago, dê cá... Você é muito curioso, pessimo defeito.

THIAGO. – Se os não visse, não podia responder-lhe?

THEREZA. – (*áparte*) Onde encafuar estes malditos? (*ouve-se tocar fóra a campainha, alto*) Valha-me Deus! Quem será? (*para Thiago*) Vá, Thiago.

THIAGO. – (*partindo rapidamente*) N'um alto! (*sae*).

THEREZA. – Que desasocego de vida! (*Entra para a E.*)

SCENA XVI

THIAGO, CARLOS e THEREZA

THIAGO. – (*lendo a direcção d'um telegramma*) Ignacio de Oliveira. É para o tal amigalhaço do patrão. Não sei que sinto, não engrajo nada com tal «magico». (*colloca o telegramma na meza.*)

THEREZA. – (*entrando da E.*) Então!... quem era?...

THIAGO. – O homem dos telegrammas; trazia um para o tal sr. Oliveira.

CARLOS. – (*entrando pela D., para Thiago*) O embrulho que te entreguei?

THEREZA. – (*para Carlos.*) Já o guardei.

THIAGO. – (*para Carlos*) Deseja alguma cousa?

CARLOS. – Não. (*Thiago sae.*)

SCENA XVII

THEREZA e CARLOS

THEREZA. – (*besitante*) Sr. Carlos!...

CARLOS. – (*pegando-lhe nas mãos*) Que tens, velha ama?

THEREZA. – (*com tristeza*) A desgraça está sobre nós como nuvem negra ameaçando chuva.

CARLOS. – (*sorrindo*) O terror torna-te eloquente!... (*mudando*) Mas... a que vêem taes receios?

THEREZA. – Ah! sr. Carlos, com o branquejar dos cabellos veem os sonhos maus, presagios terríveis a amofinar-nos dia e noite. E eu vejo-o,

sinto-o, adivinho-o; ha muito que nos rodeiam mysterios, conpirações, segredos tenebrosos. Encaramo-nos uns aos outros e chegamos a desconfiar de nós mesmo... Queremos respirar tranquilos e não podemos... Já pensei em «pedreiros livres» e outras cousas más... (*com subita resolução*) Pela memoria de sua santa mãe, afaste-se do trilho errado em que se perde!

CARLOS. – Invocas-te, minha mãe!... E aconselhas-me a que abandone a vereda que preferi na densa floresta da vida?... (*mudando*) Injustificados são os teus receios! (*curioso*) Onde foram buscar fórma, vida, as allucinações que te povoam o cerebro!

THEREZA. – (*confidencial*) Sei tudo!... O sr. Carlos frequenta nocturnas reuniões onde se propaga o odio, se incita ao roubo, se faz a apologia do incendio, o elogio da pilhagem... o meu Pedro, lá vae tambem arrastado na turba d'officina, ingrato, esquecendo a protecção recebida.

CARLOS. – (*vehemente*) Não continues! Accusas teu filho, censuras-me, e só consegues ser injusta! Teu filho, o humilde tecelão, é coração d'ouro, leal entre os leaes; alma de fino quilate, subidamente superior á dos parasitas a quem advogas. Os que pretendes preservar com a magestade das cans, firmada na auctoridade de mãe, teem o coração no «cofre-forte» e a sensibilidade no livro «caixa» como bons productos da moral que representam... Fallastes em protecção recebida... Meu pae cumpriu um dever; suggestionado por minha boa mãe, soccorreu a viuva, cuidou do orphão... Quem roubou o pae a teu filho?!

THEREZA. – (*rapido*) A machina!...

CARLOS. – Que meu pae explorava e explora ainda!... Não recrimines o futuro, pertences ao passado!... Lembra-te que ha na fabrica centenas de mães que trocaram os campos verdejantes onde o sol põe reflexos d'ouro nas espigas que balouçam ao prepassar da brisa e transpuseram o limiar da officina em que o monstro de ferro a resfolegar vapor, põe tonturas; e lá, andam esfarrapadas, pallidas, fundas olheiras a amortecer-lhe o olhar, escorrendo o azeite das engrenagens; nodosas, fetidas, flocos de algodão a alvejarem nos negros cabellos, qual gargalhada satanica a

zombar da precoce velhice que a fome lhes estampou no rosto macilento como ferrete indestructível da miséria. Á noite, pés descalços a partirem a neve dos caminhos, lá vão, filhos entrouxados nos chailes esburacados, caminho dos casebres que distam leguas. Tu és mulher!... E a «crèche!» antro povoado de auroras; a longa fila dos pequeninos berços, oscillando em monotono balanço confiados á guarda da velha operaria, somnolenta, gasta, peça inutil no movimento fabril e os pequenitos olhitos abertos, a forcejarem com os rozeos deditos na ancia de arrancarem a «rolha» substituta do seio materno, pequenitos revoltados a sollicitarem chorando o apito regulamentar que auctorisas as mães a amamentar das crias!... Tu és mãe!

THEREZA. – (*limpando os olhos*) E a menina?

CARLOS. – Beatriz?!... Quem a ameaça, quando eu a protejo?... Tranquillisa-te! Feliz d'ella que ainda não sentiu o latego da miséria a retalhar-lhe os membros lassos pelo soffrimento. Lança teus olhares doloridos ás creancinhas esfarrapadas que vagueam nas estradas, de pés nús e estomago vasio. A essas a tua piedade! (*mudando*) No dia em que teu marido ensanguentado e agonisante saiu da fabrica e entrou no catre do hospital, que tinhas em casa?...

THEREZA. – Nada!

CARLOS. – Nem pão na arca nem lume no lar?!... Pois bem, o Jeronymo trabalhava ha muitos annos. Meu pae que não arriscara a vida, ficava gosando o fructo do trabalho de teu marido e dos companheiros que com elle ficaram inutilisados, expulsos do trabalho e só aptos para mendigarem nas romarias... A viuva e o orphão do que perecera, legados ao acaso, tinham que descer ao inferno da desesperação e comerem na solidão, só quebrada por lagrimas pesadas como pedras, a côdea negra que mãos bemfazejas lhes chegassem... Diz-me, quanta raiva, quanta blasphemia, não geraria a tua alma revoltada contra a sociedade que te roubara o marido e te condemnava o filho dando-lhe por patrimonio a rua e por berço a lama?...

THEREZA. – Sua santa mãe!...

CARLOS. – (*interrompendo*) Minha mãe!... E invocas-te (sic) ha pouco o seu nome, afim de me desviares do trilho errado. Ella, poude comprehender o lancinante poema da tua viuvez, e tu, porque te encontras gasalhada e em conforto, não lhes segues o exemplo, comprehendendo o soffrimento das que se encontram na tua situação d’outr’ora!

THEREZA. – É cruel, sr. Carlos?!... Nunca fui egoista! O ceu é testemunha de que, sorrindo, sacrificaria a ultima gotta de sangue pela felicidade dos outros!

CARLOS. – Os outros; – comprehende bem, – não são uma só familia, são milhões de familias, habitam nos palacios, povoam as mansardas, vejetam nos subterraneos, dormem ao relento, agonisam nos asylos, estiolam nas «crèches!...» (*mudando*) Obriga-me por vezes a rir o vosso fervor religioso, flôr de curta vida que desabrocha n’um sermão e fenece n’um «Te-Deum»... Onde está a crença na divindade, que corporisaes n’um homem?... Onde está a vossa piedade que não conhece a mais sublime das maximas: – Não façaes aos outros o que não queiraes que vos façam?

THEREZA. – Mas!...

CARLOS. – (*rapido*) Bem sei que não tens culpa!... A sociedade é que preverte, o mundo é que é hypocrita e só pretende encobrir sob ouropeis e lantejoulas, as pustulas gangrenosas que na superficial envergadura lhe cavam fetidas cavernas. Demais sei, que as risiveis convenções sociaes destinadas a valvulas de segurança da colera dos que soffrem, são collete de salvação no naufragio das conveniencias... Fingem venerar um Deus que expulsou os vendilhões do templo, estygmatisam, apontam ao odio da turba os phariseus que o cuspiram, escarneceram e crucificaram, e no templo, mercadejam a virginal grinalda das filhas em casamento de interesse, insultam, escarnecem e até guilhotinam um pae que sem pão, fallou verdade, pediu luz, clamou: Justiça: – Tartufos!

THEREZA. – (*com espanto*) Censura-me por ser grata?

CARLOS. – Não boa Thereza!... A tua alma pura e generosa é das poucas perolas que hei encontrado no enxurro da vida! O meu desejo é orientar-te, mostrar-te que a gratidão não é coleira que adstringe o prote-

gido ao protector como o cão ao dono, a gratidão é album de familia em que avidos e zelosos guardamos de olhares indiscretos, lembranças que nos são caras, recordações para que só nós vivemos... Quem protege não compra, quem aceita não vende. O protector pôde esperar um amigo não deve gerar um escravo. O reconhecimento não é golilha! (*com ironia*) A moral da epoca, não é assim, não transpõe o rifão popular. – «Bilha de leite, bilha de azeite!»

THEREZA. – (*baixo*) Os tempos mudam!

CARLOS. – Se amanhã miseravel, sem abrigo e sem esperança carecer do auxilio d'outrem, devo auxiliá-lo em empresas ou commettimentos que a minha consciencia repulse, que á minha razão repugnem?

THEREZA. – Por certo que não!

CARLOS. – Não acuses pois teu filho de lutar em prol dos seus companheiros de infortunio. Deixa-o cumprir a sua missão, que é santa, que é generosa; e honra-te de possuíres um filho assim. (*Thereza cae nos braços de Carlos*) Vamos Thereza; nada de commoções inúteis e perigosas.

THEREZA. – Fez-me bem, desabafei, arranquei do coração um peso que o esmagava!

CARLOS. – Que só a tua excitada imaginação, creou.

THEREZA. – Sinto-me outra, forte, vigorosa, parece ter voltado aos vinte annos... O proceder de Pedro fazia-me sangrar a alma, como se cravára n'ella um espinho... Tranquillisou-me menino Carlos.

CARLOS. – Menino Carlos!... Invocas em duas palavras toda a quadra feliz da minha infancia. Bom tempo esse! Recordo-o nitidamente, o jardim, a lagôa... E assim passava tarde... Á noite, tu e minha mãe despiam-me, conchegam a roupa e eu repetia inconsciente as preces que me ensinavam. A lição da vida, queimou tudo, hoje só restam cinzas!...

THEREZA. – (*com saudade*) Ah! sr. Carlos, um Paraiso a vida n'essa epoca!

CARLOS. – Já era Inferno para os desprotegidos!

THEREZA. – (*resignada*) Foi sempre assim!

CARLOS. – Ha de transformar-se um dia!

THEREZA. – O Paraíso para todos?!...

CARLOS. – Sim! (*ouve-se dentro Beatriz chamar Thereza*).

THEREZA. – Lá vou menina, lá vou! (*para Carlos*) Até logo!

CARLOS. – Vae, sim, vae. (*Thereza sae*).

SCENA XVIII

CARLOS só

(*Senta-se á E. B. pensativo*) O que se pasará na fabrica durante a minha ausencia. O Pedro ficou de escrever. (*pausa*) Quando cessará esta luta em que os homens se debatem. Luta fraticida que o privilegio provoca e a miseria justifica e impulsiona. O odio por toda a parte, o roubo elevado a codigo, a expolição como base social. Eis toda uma civilização!... Fatal cegueira impede os felizes de verem as escancaradas fauces do abysmo cavado pela ambição. Serão tragados sem piedade... Luctar para viver é a divisa da época. E passam sobre a multidão faminta, rota, miseravel, sem um sorriso, sem uma lagrima!... Ser rico, eis o objectivo: Que importa calcar a pés o coração dos que soffrem, fechar o cerebro a todo o progresso humano, lançar a alma ao monturo do ouro. Ha creanças esphacelladas nas engrenagens, hecatombes terriveis no coração da terra em que o «grisú» é brandão funerario. Isso é nada o lucro é tudo!... Ha barcos a submergirem-se no oceano revolto, sementeiras a voarem na enxurrada negra; não perturbemos o sybaritico repousar; se o clamor fôr grande, ha baile de caridade; as imprecações fornecem ensejo ao madrigal; as gemas custosas, scintillam; os collos marmoreos exhibem-se... Os gritos das viuvas, despedaçou-os o vento em rijas chicotadas nos penedos da costa. E o Capital, monstro insaciavel, não vê obcecado pela nevrose ávida do dividendo, fermentarem vulcões d'odio, correrem rios de lagrimas, erguerem-se montanhas de desesperação e ri por vezes, cynicamente da ignorancia dos escravos... Terrivel ajuste de contas na treva se prepara. As represalias serão cataclismos sociaes, a vingança qual espumante lava irromperá da cratera da Historia e afogará não uma classe, mas um trecho injusto

e gasto da sua acção anterior... E não poder despertar os somnambulos da felicidade, denunciar-lhe todo o mal que geraram, leval-os aos antros que crearam a verem seres humanos aafiando as garras, simelhando tigres; prestes a dilacerarem alvejada victima. (*pausa*) Illusão, sonho, a fatalidade historica impelle-os... As classes suicidam-se não se convertem... Como depois da treva a luz é mais brilhante, assim o Futuro, só pôde surgir das ruinas fumegantes e ensanguentadas do Presente. (*fica pensando*).

SCENA XIX

CARLOS, BEATRIZ, depois JULIÃO e IGNACIO

BEATRIZ. – (*entrando, acerca-se de Carlos*) Sempre pensativo!

CARLOS. – Ah! és tu Beatriz!... Estava abstracto.

BEATRIZ. – (*infantil*) Que novidade! (*intencional*) Talvez sonhando? (*infantil*) Levas-me ao paiz dos sonhos?

CARLOS. – Côr de rosa?

BEATRIZ. – Abomino os negros! (*mudando*) Suspeito de ti, estranho-te ha tempo!... És inventor, trabalhas n'algum processo novo?

CARLOS. – (*gracejando*) Socega; não procuro deslustrar a memoria de Franklin⁴²⁹, nem tento ser emulo de Edison⁴³⁰, quando nasci, até a polvora já estava descoberta. Resigno-me!

BEATRIZ. – (*mysteriosa*) Faltava ainda muita cousa! D'uma sei eu porque és apaixonado e talvez ainda estivesse no esquecimento, desconhecida, ignorada!

CARLOS. – (*rindo*) Fazes nervos a quem os não possui!... A esphinge de Thebas propondo enigmas aos viandantes!

BEATRIZ. – Tranquillisa-te não és devorado! (*ri*).

⁴²⁹ Benjamin Franklin (1706-1790), político, inventor e científico é considerado um dos fundadores dos Estados Unidos.

⁴³⁰ Thomas Alva Edison (1847-1931), empresário e inventor, entre outros, da lâmpada incandescente ou do fonógrafo.

CARLOS. – (*com vivacidade*) Descança; não te lançarás á corrente, sou refractario a enigmas!... Mas... o que é que a tal cousa porque sinto paixão?...

BEATRIZ. – O que motivou a minha ausencia!

CARLOS. – Assedias-me o espirito n'um tiroteio de evasivas!

BEATRIZ. – (*fingindo indignação*) O homem sem nervos, irritado já!

CARLOS. – (*com espanto*) Irritado?... Ha cinco minutos que me provocas e continuo frio como um sorvete!

BEATRIZ. – (*ironica*) De morango ou leite?

CARLOS. – Gracejas!... Asseguro-te porém que não attinges o alvo!... Descobri a armadilha!

BEATRIZ. – Denuncias-te!... Um fleugmatico inglez que só está dominando os impetos com calculado esforço!

CARLOS. – Saltitas no assumpto como uma alveola n'uma horta!

BEATRIZ. – (*affectando seriedade*) Não cances o espirito!... Foi distracção que provoqueei para matar o tempo!

CARLOS. – Agora, simulas!... Aguças-me a curiosidade, eleva-a ao mais alto grau e abandonas-me qual Prometheu com um abutre a espicar-me o figado!

BEATRIZ. – «La mia vendetta!»⁴³¹ Canta-se em S. Carlos!... (*magoada*) Descobriste a armadilha!

CARLOS. – Tambem se canta «la donna é mobile!»⁴³² Cahiste! A tua susceptibilidade ferida, provou-me que ha alguma cousa... Constricto, retiro a armadilha!

BEATRIZ. – Depois de fazer effeito?!... Obtiveste a certeza!

CARLOS. – Antes e depois, como nos réclamos de chocolate espanhol⁴³³.

⁴³¹ A aria «La mia vendetta!», da ópera *Lucrezia Borgia* (1833), de Gaetano Donizetti (1797-1848).

⁴³² A aria «La donna è mobile», da ópera *Rigoletto* (1851), de Giuseppe Verdi (1813-1901).

⁴³³ Talvez se esteja a referir a empresa espanhola Chocolates Valor (Villajoyosa, Alicante, Espanha), nascida em 1881.

BEATRIZ. – Aceito a submissão!

CARLOS. – Regulo africano, sou rei sem corôa!

BEATRIZ. – (*tomando posse tribunicia*) Atenção: – Sr. Carlos; velho de 28 annos, pensativo como um ermitão, joven a que só faltam umas longas barbas brancas, o borel e o bordão, participo-lhe que apesar de avergado ao peso d'uma vida difficil (*faz esforço por conter o riso*) vae ter hoje o subido prazer de contemplar como producto da minha ausencia, reteiradas instancias e conhecimentos profissionaes.

CARLOS. – (*interrompendo rindo*) Estás fazendo o discurso da corôa!?!...

BEATRIZ. – O que é isso?!

CARLOS. – Continúa!

BEATRIZ. – «Mayonnayse» ao jantar!... És doudo por «mayonnayse!...»
Conclui!

CARLOS. – Felicito a oradora pela conclusão.

BEATRIZ. – Do discurso.

CARLOS. – Não! Pela lembrança!... És um anjo (*abraça-a e beija-a*)
No final do discurso, se o mandares imprimir, pódes collocar a nota: – A oradora foi muito cumprimentada.

BEATRIZ. – Quem faz discursos manda pôr?

CARLOS. – Manda sim!... Mas deixa-os lá! (*mudando*) O pae sahiu com o tal Oliveira e o visconde emigrou tambem?

BEATRIZ. – A Thereza affirmou-me tel-os visto sahir em grupo e caminharem pela estrada no mesmo sentido!

CARLOS. – Emigrariam para parte incerta? (*consulta o relógio*) As seis vão-se approximando!

BEATRIZ. – O papá e o tal Oliveira não sei onde foram!... O visconde julgo, foi ao «Club» vêr se tinham chegado de Lisboa umas marcas de «cotillon» que encommendara e em que me fallou esta manhã. Acercou-se do bilhar e ficou preso. Dizem banhistas que é um taco superior.

CARLOS. – (*á parte*) É natural; os que não trabalham são muito prendados!

BEATRIZ. – (*sentando-se ao piano*) Lembrou-me agora! (*para Carlos*)
Traz uma cadeira.

CARLOS. – *(trazendo uma cadeira para junto do piano, gracejando)*
Ás ordens de v. ex.^a

BEATRIZ. – Vou tocar a valsa que o visconde me ofereceu hoje!
«Melancholia!» é o título, está no teu temperamento!... Verás é muito linda?

CARLOS. – *(ironico)* Foi o visconde que a escolheu?

BEATRIZ. – Não!... Ouvi-a hontem no club e fiquei encantada! *(corre o teclado, ouvem-se as primeiras notas)*.

JULIÃO e IGNACIO. – *(aparecem ao F., Ignacio indicando Carlos a Julião)* O leão vencido!...

CARLOS. – *(para Ignacio)* A injustiça a afiar-lhe as garras, ensinal-o-há a sacudir a juba!...

CAE O PANNO

ACTO SEGUNDO

A scena representa um jardim fechado a meio da scena por grades, á D. A. um caramanchel, na scena vê-se espalhada, mobilia de jardim, cadeiras e mezas de ferro, sobre uma das mezas um taboleiro de jogo de damas. Ao F. a estrada, avistando-se larga paysagem e as officinas e chaminé de uma fabrica. Á D. pequena escada que conduz ao edificio que é visto por uma das faces onde se veem duas janellas de sacada.

SCENA I

THIAGO

(Á porta do jardim olhando a estrada) Hoje é dia grande; regabofe da rapaziada!... *(estendendo o pescoço)* Eia!... Que ranchada lá vae! *(fecha a porta e desce)* Iº de maio, dia santo e de nova especie; d'estes não faz o papa!... Julgavam que os operarios não tinham alma!... Ora ahi teem; lá vae tudo para o comicio... Ah! se pudesse tambem lá dava uma saltada... Sinto-me alegre cá por dentro; consola-me o fazer idéa da cara d'asno do

administrador do concelho... Tartaruga velha a pôr impecilhos á festa... Estes senhores fazem do torto, direito e do direito, torto; quando tratam com os pobres... É bem feito apanharem a sua ensinadella... (*mudando*) O sr. Julião é que foi alho!... Safou-se para Lisboa!... Assim não soffreu o desgosto de vêr a machina parada e a chaminé sem deitar fumo!... (*indicando a chaminé*) Hoje não tens penacho!... Ahi, valente rapaziada, assim é que é bonito, tudo unidinho e com juizo e já os ricos não fazem ventas tortas... O rabanete do inglez lá da fabrica, queria fazer chinfrim, mas o sr. Carlos roeu-lhe a corda... Ficou machucado o crista de gallo.

SCENA II

THIAGO e DINIZ

DINIZ. – (*fóra das grades*) Eh! seu Thiago!

THIAGO. – Olá, tio Diniz, você não foi á festa? (*abre o portão*)

DINIZ. – Já estou velho para festas! Fui ao mercado buscar mantimentos; d'aqui a poucas horas os rapazes enchem-me a taberna, os estomagos veem fracos e tinha lá pouca trincadeira... (*mudando*) Os patrões vão bem?

THIAGO. – Por cá vae tudo de saude!

DINIZ. – O sr. Carlos?

THIAGO. – Está são como um pero!... Oh! tio Diniz, você já sabe da partida que o sr. Carlos pregou ao inglez, engenheiro lá da fabrica?

DINIZ. – Não sei nada!

THIAGO. – O batata encarnada do tal Jones, não queria que os rapazes festejassem o Iº de maio e mandou pôr um papel na officina avisando que quem faltasse hoje, ia para a rua... O sr. Carlos, não ficou contente com o negocio e convidou dentro da fabrica os operarios que quizessem faltar, a darem o nome no escriptorio... dito e feito, não faltou um!... O inglez ficou fulo mas teve de engulir a pilula!

DINIZ. – (*rindo*) Boa partida, não haja duvida!

SCENA III

Os mesmos e THEREZA

THEREZA. – *(chamando do alto da escada)* Thiago!... Thiago!... *(reparando em Diniz e descendo)* Ah! o tio Diniz por aqui?!...

THIAGO. – Prompto sôra Thereza!

THEREZA. – *(para Thiago)* A menina chamou-o, precisa d'umas lãs de bordar! *(para Diniz)* A saude como vae?

THIAGO. – *(para Thereza)* Vou n'um pulo! *(para Diniz a quem aperta a mão)* Adeus tio Diniz, até á primeira! *(sobe a escada e sae).*

SCENA IV

THEREZA e DINIZ

DINIZ. – Rijo como velho!... Ah!... sôra Thereza quando a vejo, recorda-me logo o braço que perdi!... E o Jeronymo, coitadito!

THEREZA. – Já lá vae um bom par de annos! *(com tristeza)* Foi um grande desastre tio Diniz!

DINIZ. – A sôra Thereza sabe que nunca fui homem de rezas! Tenho as minhas crenças e mais nada! Mas com franqueza não me deito nunca sem pensar na senhora... Era uma santa alma... Ha que se n'aquella occasião não me acode, ficavamos aviados... Eu só tinha futuro a pedir esmola nas romarias... E ella, salvou-me, fornecedendo-me o dinheiro para pôr a taberna, único modo de vida, onde podia ganhar pão!

THEREZA. – Tem razão tio Diniz!... Se não fôra aquella santa!?

DINIZ. – Podíamos vender o estomago como objecto inutil! *(mudando)* A sua presença alegrou-me, sôra Thereza... *(confidencial)* O sr. Julião não está?

THEREZA. – *(com admiração)* Não está? Partiu tambem para Lisboa!...

DINIZ. – *(confidencial)* Tenho uma grave communição a fazer-lhe!

THEREZA. – *(com espanto)* Uma grave communição?

DINIZ. – É muito grave!

THEREZA. – Assusta-me tio Diniz!... *(com inquietação)* O que se passa?

DINIZ. – *(depois de olhar toda a scena, baixo)* Imagine sôra Thereza que a Joaquina... a rapariga que lá tenho na taberna, hontem ao fechar da porta, enquanto eu contava a venda, encontrou caído no chão junto a uma meza, um papel dobrado em fôrma de carta, a rapariga apanhou-o e entregou-m'o... Eil-o aqui! *(tira da algibeira um papel que entrega a Thereza)* Leia-o sôra Thereza; leia-o e depois verá que de patifes vão por esse mundo!... *(mudando)* Adeus sôra Thereza, estou com pressa, mas já vou tranquillo porque cumpri um dever! Mas... por tudo lhe peço que nada conte ao sr. Julião! Adeus!

THEREZA. – Adeus tio Diniz, e do coração lhe agradeço!

DINIZ. – *(ao portão)* Fique descansada!... Conheço o patife e trago-o debaixo d'olho... Adeus! *(desapparece na estrada)*

SCENA V

THEREZA só

(Com a carta na mão) Mais um mysterio! *(dirige-se ao caramanchel, senta-se e lê)* «Ex.^{mo} Sr. Julião: – Seu filho Carlos frequenta á noite a reunião dos cabecilhas da desordem, foi elle quem forneceu dinheiro para a associação, que é dirigida pelo seu lugar-tenente Pedro, filho da velha Thereza; com respeito á projectada grève, posso affirmar-lhe serem os dois quem a provocam. Do que se passar mandarei noticia, a fim de v. ex.^a estar prevenido. – Criado obrigado. – André.» *(com afflicção)* Santo Deus, se esta carta chega ao seu destino, que grandes desgraças não provocava!... Ha um espião na fabrica, suspeitava-o; e o sr. Carlos e o meu Pedro, são os chefes da conspiração apontados n'este papel... Os entes que mais estimo, ameaçados de tantos e tão negros perigos. E a menina Beatriz se soubesse que desgosto; o irmão a quem adora, com um futuro tão bonito a sorrir-lhe, passar o tempo a conspirar contra o pae!... *(levanta-se)* O dia de hoje é fatidico!

SCENA VI

THEREZA e PEDRO

PEDRO. – *(ás grades do portão)* Mãe!... Mãe!...

THEREZA. – *(apressada vae abrir o portão)* Tu aqui!... A que vens?

PEDRO. – *(baixo)* Sei tudo!... Acabo de fallar com o tio Diniz!

THEREZA. – *(com amargura)* És tu, o meu filho, um dos chefes da revolta?!...

PEDRO. – *(rapido, com firmeza)* Sou eu só!... Não ha mais chefes!

THEREZA. – *(com convicção)* Oxalá, fôra assim!... Offerecer-te-ia de bom grado em sacrificio á felicidade d'esta casa... A fatalidade não o quiz!... *(intencional)* Sei tudo!... Já li este papel, lê-o tu agora!... *(entrega a carta a Pedro)*.

PEDRO. – *(depois de lêr)* É uma infamia e uma calúnia!

THEREZA. – *(com alegria)* É mentirosa esta carta?

PEDRO. – É sim, minha mãe!... A associação fundou-se com o dinheiro de todos.

THEREZA. – *(rapido)* E a grève?!

PEDRO. – A grève em que esta carta falla, nem eu a provoco nem o sr. Carlos!... É o pessoal irritado com as multas que o tornam miseravel e sem pão, que a deseja. O odio contra o engenheiro attingiu o maximo grau... A reacção é natural!

THEREZA. – Impede tu o seu desenvolvimento!

PEDRO. – Nada posso!... São justas as reclamações formuladas!

THEREZA. – *(com intimativa)* Suffoca-a!

PEDRO. – *(com fogo)* Nunca!

THEREZA. – *(com vehemencia)* Porque!... Acompanhas sem remorso os que provocam a desgraça de quem nos salvou da miseria e nos deu pão, passas as noites semeando o odio e a descrença, e escrupulisas, arreceias-te de praticar uma acção boa que traria a paz a todos nós!

PEDRO. – *(com força)* Disse nunca e repito-o!... Não quero emporcalhar-lhe os cabellos brancos sendo tão canalha como o auctor d'essa carta; nojento sapo a quem esmagarei a cabeça com o tacão da bota.

SCENA VII

Os mesmos e CARLOS

CARLOS. – (*entrando da D. com um livro na mão*) Boas tardes, meus amigos! (*aperta as mãos de Thereza e Pedro*).

THEREZA. – (*baixo para Carlos*) Sr. Carlos!... Um terrível acontecimento se prepara!... (*entrega a carta a Carlos*).

CARLOS. – (*com espanto*) Que quer isto dizer?

THEREZA. – (*com força*) Leia!

CARLOS. – (*depois de ler, com tranquillidade*) É um producto da epoca, gerado na podridão que avasalla tudo!... O abutre capitalista choca com maternal calor esses ovos de lama... Não é d'admirar!... Esperava-o já!... Não surprehende!... Um Judas que exgotados os trinta dinheiros, buscará a sua figueira!

PEDRO. – Mas, sr. Carlos; essa carta é calumniosa!

CARLOS. – Não extranhes, bom amigo!... A calumnia é irmã gêmea e inseparavel da traição!

THEREZA. – Terrível situação a nossa, santo Deus!

CARLOS. – Tranquilisa-te!... A carta não foi enviada ao seu destino!

PEDRO. – Sel-o-ha, porém, logo que o patife dê por falta da que perdeu!

THEREZA. – (*afflicta*) Que fazer?... Esperar a correspondencia do sr. Julião e tirar a carta?... Mas... como adivinhar; não me é facil de repente reconhecer a letra! (*fica torcendo um lenço nos dedos*).

CARLOS. – Deixa boa Thereza os acontecimentos seguirem o seu curso... Desvial-os é dilatar soluções, detel-os é impossivel!

PEDRO. – (*indignado*) E dizer que o ascoroso espião é um dos mais revoltados, constantemente impondo o emprego de meios violentos.

CARLOS. – Recorda-me ter lido algures que a palavra foi dada ao homem para mascarar os pensamentos!... Aqui tens a prova. (*mostra a carta*).

PEDRO. – Essa carta leval-a-hei e com ella arrancarei a mascara ao canalha!

CARLOS. – (*guardando a carta*) Rematada loucura, importava o prevenirmos o inimigo.

PEDRO. – (*com concentrada raiva*) Não me soffre o animo, lembrar-me que encontrarei o infame, sem lhe esmagar o craneo contra um muro!

THEREZA. – (*afflicta*) Comprometes-te e desgraças-nos!... (*supplicante*) Sê prudente!...

CARLOS. – Vae tranquillo para as manifestações!... Não te esqueças que os Judas teem a sua figueira... Tal recordação deve ser a tua vingança!

PEDRO. – (*resignado*) Adeus sr. Carlos! (*aperta-lhe a mão, para Thereza*) Adeus minha mãe! (*beija-lhe a mão e vae saindo*).

THEREZA. – Adeus Pedro! Lembra-te que a velhice carece de tranquillidade! (*abre o portão*).

PEDRO. – (*fóra das grades*) Adeus! (*desapparece na estrada*).

SCENA VIII

THEREZA e CARLOS

THEREZA. – (*com amargura*) Fatal é a sina que nos coube!... Inquietos a toda a hora, criminosos a fugirmos ao remorso que nos acompanha, forçados a sorrir aos que atraçoamos, vivemos no crime, a mentir a enganar!

CARLOS. – (*altivo*) Deliras!... Tranquillo e altivo caminho na vida sem um remorso a perturbar-me o somno!... Não me visitam phanstasmas na escuridão da noite, nem aneio pelo rosear da aurora que os expulse quebrando a treva... Confiado e não inquieto, encaro o futuro que não me intimida... E porque intimidar-me?

THEREZA. – (*com magua*) Seu pae!

CARLOS. – (*tranquillo*) Meu pae, dizes!... (*com fogo*) E porque meu pae?... Jámais o offendi, nunca o envergonhei!

THEREZA. – (*receosa*) As suas idéas!

CARLOS. – (*com força*) Os ideaes que professo são meus!... O cerebro é minha pertença a sua laboração, consequencia do meu organismo de que só eu sou responsavel; a auctoridade paterna cessa diante da autonomia

individual... Porque sollicitar paternal sanccção ás minhas opiniões, acaso meu pae abitola pelo meu criterio as idéas que mantém como boas?!... *(mudando)* Afasta para longe os teus infundados e vão escrupulos!... *(vebemente)* Longas noites na solidão do gabinete tenho questionado a consciencia em largos debates... Nunca com justiça meu pae affirmará que o filho foi um traidor!... Ao contrario a minha acção na fabrica tem-lhe poupado innumerados desgostos e talvez... remorsos!...

THEREZA. – *(com convicção)* Não o julga assim o sr. Julião!

CARLOS. – Os peores cegos são os que não querem ver!... Se a turba andrajosa é por vezes faminta que tressúa na fabrica não houvera encontrado um coração que a comprehendesse, uma alma que sentisse todo o seu soffrer, adoçando-lhe o fel continuamente vertido no seu calix d'amargura, ha muito que bravejando ter-se-hia revoltado contra tão deshumana exploração quanto monstruosa iniquidade.

THEREZA. – *(com magoa)* Praza aos ceus que o futuro não nos reserve dias aziagos, de triste recordação!

CARLOS. – O futuro é muda interrogação, ante o qual o espirito se debate em lucta esteril! *(Beatriz apparece na escada)*.

SCENA IX

Os mesmos e BEATRIZ

BEATRIZ. – *(do cimo da escada)* Bravo!... Fausto e Margarida!

THEREZA. – *(olhando)* A menina?! *(Beatriz desce)*.

CARLOS. – *(para Beatriz)* Faltava Mephistopheles!

BEATRIZ. – *(gracejando, para Thereza)* Acautella-te as joias são falsas! *(para Carlos)* Procurei-te no gabinete!

THEREZA. – *(para Carlos e Beatriz)* Dispensem-me!... Vou fallar á Susana! *(áparte)* Infeliz menina, se soubesse!

CARLOS. – *(para Thereza)* Vae, boa Thereza! *(Thereza sae)*.

SCENA X

CARLOS e BEATRIZ

BEATRIZ. – (*gracejando*) Em amavel colloquio com a Thereza!... Começo a suspeitar! (*ri*).

CARLOS. – Gosto de fallar com ella; excellente creatura, reliquia d'esta casa, cofre precioso em que guardamos as mais caras confidencias!

BEATRIZ. – (*com affecto*) Tens razão!... É para nós uma segunda mãe!... Amamentou-me, ensinou-nos a balbuciar as primeiras palavras, amparou-nos os primeiros passos e tem-nos acompanhado durante a existencia.

CARLOS. – (*com magua*) Vão-se extinguindo em rapida atrophia as dedicações generosas!

BEATRIZ. – Quem te insufflou o scepticismo que alardeas?

CARLOS. – A vida!

BEATRIZ. – (*com espanto*) A vida; que tem sido para ti um sonho bom, perfumado como uma violeta, pacifica lagoa jámais encrespada pela brisa!

CARLOS. – Disse: – A vida, não o viver!

BEATRIZ. – (*intrigada*) Não penetro a distincção feita!

CARLOS. – O viver tem decorrido para mim como um sonho bom, é certo; mas, viver, concentrado no goso proprio, obliterando a vida, levar aos labios a taça da ventura e embriagarmo-nos brutalmente no esquecimento dos outros, é egoismo feroz, senão é crime! Para viver e ser feliz, basta-me o teu olhar, limpido cristal em que advinho o fraterno amor que me dedicas... A vida é outra cousa, matagal em que se aninham viboras coleando na sombra, distendo empeçonhadas settas em busca do calcanhar do desprevenido caminheiro... A vida é festim em que os convivas bebem a largos tragos as lagrimas dos que no atrio ficaram espectantes na gelidez da fome. A vida é o carro d'ouro, triumphal, dos vencedores d'hoje que podem ser vencidos ámanhã, esmagando, dilacerando os membros dos que tombaram exangues no campo da lucta... Não me sorri a vida, que é inhumana e falsa; sorri-me o teu olhar e assim amo o viver.

BEATRIZ. – (*meiga*) Entristeces-me!... A tua voz simelha um dobre de finados, «requiem» funereo, ao cahir da tarde a perder-se, a extinguir-se nas quebradas, acompanhando o morrer do sol no occaso!

CARLOS. – Perdoa-me!... Já me devias conhecer, triste qual mocho, funebre qual cypreste! A alegria fugiu ha muito.

BEATRIZ. – (*curiosa*) Nunca amaste?

CARLOS. – (*com fogo*) Se nunca amei?!... Amei e amo com o mais ardente entusiasmo o meu ideal!

BEATRIZ. – (*curiosa*) Uma mulher?!...

CARLOS. – Não corporisei o fogo que me vae n'alma!... Qual andorinha cortando rapida o espaço, cortar livre o azul, immaculado da abstracção... Já senti o sangue aquecer-me as veias e affluir-me ao rosto, ao defrontar uma mulher... O fogo está extinto, as cinzas frias, decerto não renasce a chamma!

BEATRIZ. – (*maliciosa*) Salvo o episodio da Phenix!

CARLOS. – Nada receio! A lacuna está preenchida!

BEATRIZ. – (*gracejando*) Carro completo?!... Põe taboleta, avisa os transeuntes!

CARLOS. – A minha frieza é sufficiente indicio.

BEATRIZ. – (*maliciosa*) Se o conductor fôr delicado!

CARLOS. – (*interrompendo*) Não desce ao estribo!... A vigilancia municipal impede-o!

BEATRIZ. – (*com gravidade*) A construirmos phrases, afastamo-nos do assumpto, como oradores vasios d'idéas! (*mudando*) Tens uma paixão e o objectivo não é uma mulher!... Chamas-lhe ideal, com tal alimentas o espirito, arroubas-te n'um amor platonico que faz maldizer e nem uma pontinha de veu ergues, temeroso que profanos desrespeitem o idolo... Recordas-me um sacerdote de desconhecida religião!... (*repentino*) Advinhei!... Entrevi a despeito da tua sacerdotal ferocidade a deusa que preside á tua reservada lyurgia!... Entre vaporosos nimbos advinhei a divinal structura que vedas aos olhares indiscretos dos que passam:
– A arte.

CARLOS. – (*sorrindo*) Borboletêas⁴³⁴ em redor de douradas chimeras qual mariposa em torno de avelludada corolla e nada vês, nada encontras... Ficções que esvoaçam como fumo, hypotheses que rebentam como bolhas de sabão... Antes assim: não ha risco de destruíres o virgineo⁴³⁵ pollen em occulto espinho!... (*com magua*) A arte, disseste; felizes dos que sedentos podem dessedentar-se em tão crystallino arroyo; n'elle encontram balsamo consolador ás feridas que sangram fundo, cardos intimos d'embotados espinhos, pela benefica e odorifera essencia que d'ella emana!... (*mudando*) Fallemos de ti! O visconde?

BEATRIZ. – (*zombeteando*) Regista!... Não deponho as armas!... (*mudando*) O visconde é um massador incorrigível!

CARLOS. – (*intencional*) Só?!...

BEATRIZ. – (*rindo*) E um pretendente infeliz!

CARLOS. – (*intencional*) Só?!...

BEATRIZ. – (*admirada*) Ainda mais?! Só nescio!

CARLOS. – Enganas-te na ultima supposição! Com intimo jubilo, vejo que te é indifferente!... Fiz a analyse!...

BEATRIZ. – (*com interesse*) E a opinião dos reagentes?

CARLOS. – Veneno e lama!

BEATRIZ. – (*com espanto*) O quê?... Tu vistes?...

CARLOS. – (*interrompendo*) Um dos muitos caçadores de dotes que por habitual pratica se entrincheiram nos vallados das conveniencias!

BEATRIZ. – (*incredula*) Custa-me a acreditar o que affirmas!... (*mudando*) Rico... em plena vida, facilmente teria encontrado!

CARLOS. – Rico! Parece sel-o; salva as exterioridades!... É como os corsarios, mascara as baterias, para mais seguro ataque!... (*com convicção*) A desgraça a visitar-nos e os visconde eclipsa-se!...

BEATRIZ. – Como surprehendeste taes minudencias?

⁴³⁴ «Borbolêtas» no original. Corrigido segundo indicação das «Erratas» em SILVA, Ernesto da – *O Capital...*, *op. cit.*, p. 88.

⁴³⁵ «Ingenuo» no original. Corrigido segundo indicação das «Erratas». IDEM – *ibidem*.

CARLOS. – O acaso!... Um amigo meu, filho de Lisboa, frequentador da alta roda e luzida tavalagem, que não via desde que terminei o curso, avisou-me o anno passado quando estivemos na Granja!... Posteriores investigações confirmaram o aviso!

BEATRIZ. – (*abalada*) O papá garantiu-me!

CARLOS. – O papá deslumbrado pelos fulgores do titulo, nada vê!... Os aristocraticos pergaminhos *vieille-roche* como lhe chamam, teem hoje subida cotação no mercado da vaidade burgueza, apossada da febre de esconder a humildade da procedencia atraz do sangue azul... Superioridade por cruzamento de raças!... É quase hyppico o processo!... O aperfeiçoamento resulta da corrida apoz o Milhão! Um hyppodromo universal na emoção constante d'um novo – *grand prix!*... Cabeças ôccas, ridiculos pretenciosos a quanto descem esquecendo que o salpico da lama não respeita o brazão da portinhola do «landau»... (*com força*) Eu! posso affirmar-o; descendo de lavradores, camponezes que foram uteis a fecundar a terra!... Os aristocratas não sei!... A minha genealogia representa trabalho, a do visconde quando muito representa sangue: – a conquista, a violencia aos fracos, a extorsão em nome da espada, o roubo!... Um Marques vale bem uma pyramide de Sobreiras!

BEATRIZ. – Não te preocupes, Carlos!... O visconde diverte-me por vezes, mais nada!

CARLOS. – Felicito-te e felicito-me!... A nobreza dos teus sentimentos, garante-me que só receberás por esposo o homem que souber comprehender-te!... Assim fugirás á mentira que nos nossos dias representa a familia.

BEATRIZ. – (*revoltada*) Repugna-me tal affirmativa!

CARLOS. – É dolorosa mas é verdade!... Raras excepções, salvam nas azas diaphanas do sentimento o miasmatico pantano, producto da viciosa educação dos nossos dias que tudo apodrece!... O casamento, não vae além de uma juxtaposição de fortunas!... Dois saccos de dinheiro que se enlaçam, não são duas almas confundindo-se n'uma só aspiração, vaporosa, etherea, conduzindo a materia á fatalidade physiologica da reprodução. Não são os esposos, dois entes, sorrindo-se, esgotando n'um beijo a

ambrosia dos deuses; são dois grilhetas, arrastando a cadeia que os liga, que lhes tolhe os movimentos, vergoando-lhes os tornozellos doloridos e que ambos forcejam de partir, limando-a nos dentes corruptos do prazer adúlterino... A besta avasalla o espirito!... Nas escripturas nupciaes, o sentimento não póde entrar é incoexistivel com o tabellião! Queres analysar a familia contemporanea?... Visita uma casa onde a morte marcou com lucuoso sinete o envolvero d'uma existencia... A mãe quer chorar, expandir a dôr, mas o testamento atravessa-lhe o espirito, os irmãos entreolham-se desconfiados, os collateraes fingem dó, lagrimejam fementido pranto, e impacientes olham o relógio, ávidos da hora feliz em que serão contemplados. Isto não é familia; é um bando de hyenas a cevarem a instinctiva voracidade em carne putrefacta!⁴³⁶

BEATRIZ. – (*indignada*) É nauseante e revolta!...

CARLOS. – Não raro as filhas veem a publico delatar mancebia das mães como contestação juridica a pretendidos direitos!...

BEATRIZ. – (*com repugnancia*) É infame!... (*com tristeza*) Mas é assim!

CARLOS. – A sociedade baseada sobre o dinheiro é a mais revoltante das aberrações!

BEATRIZ. – E porque não hade firmar-se sobre o amor!

CARLOS. – Alguns homens não querem!... Preferem a actual. Abutres de casaca acompanham a batalha da vida e cevam-se nos despojos dos que perecem!

BEATRIZ. – (*com espanto*) Milhares de seres deixando-se dominar por uma minoria!

CARLOS. – Desconhecem o gerador do mal de que enfermam!

BEATRIZ. – (*com magua*) E não poder acordar-lhes o adormecido cerebro!

⁴³⁶ Neste diálogo, em que os irmãos Carlos e Beatriz debatem sobre a falsidade do matrimónio burguês, recupera uma tese exposta no conto *A ceia*, composto uns meses antes da redacção de *O Capital*. Vid. RUY – Folhetim do jornal *A Federação*. *Á ceia*. (*Á redacção da «Voz do Operario»*). (*Dialogo burguez*). *A Federação*. Lisboa: n.º 40 (1894), 7 de outubro, p. 2-3. Voltará ao assunto em *O Despertar. Peça em um acto* (1900). Textos reproduzidos neste mesmo trabalho.

CARLOS. – *(com convicção)* A onda a embater de continuo, cava e mina a rocha, assim o conhecimento do mal ha de fazer ruir o conjunto de iniquidades que ostentoso se appella: – Sociedade!

BEATRIZ. – Quando chegará dia tão sublime!

SCENA XI

Os mesmos e THEREZA

(Thereza, desce a escada, caminha cautelosa no jardim, olha o caramanchel, sem ser vista de Carlos e Beatriz, e occulta-se proximo do local onde os irmãos conversam).

CARLOS. – Breve!... muito breve!... O mal é muito intenso e a sociedade moribunda agonisa rapidamente... O stertor das velhas convenções e falsas formulas é o vagido infantil d'uma civilização que nasce... Nada morre, tudo se transforma!... A evolução da materia corresponde á transformação do espirito!

BEATRIZ. – *(com espanto)* Estranha linguagem tens fallado hoje!... Apaixorada, terna, qual trova de enamorado pagem embevecido em nocturna serenata; melancolica como o agonisar da brisa na ramaria do bosque; ameaçadora como rugir da leôa ante a caverna vasia de prole arrebatada pelo caçador... Forcejo por acompanhar-te no divagar... e tenho medo; assusta-me, sinto gargalhar sinistramente aos ouvidos e vejo ao longe n'um oceano de sangue, erguer-se uma montanha de cadaveres... Tenho medo; sinto frio!

CARLOS. – *(concbegando-a ao peito, beija-a)* Louquinha, para que procuraste forçar as portas do mysterioso pagode, morada do sanguinario idolo!... Curiosa filha de Eva, mordeste a maçã paradisiaca, borboleta attraida pela luz, queimaste as azas!...

BEATRIZ. – *(desprendendo-se dos braços de Carlos)* Penetro o teu mysterio. *(mudando)* Será possivel!... Quem foi?

CARLOS. – Que me transformou?... Ha pouco o disse: – A vida!

BEATRIZ. – *(com afflicção)* Tu és?

CARLOS. – Um homem que julga ter coração!

BEATRIZ. – E que pouco a pouco?...

CARLOS. – (*atalbando*) Entrou na lucta em prol dos que soffrem em favor dos que choram... Sim, sou, para que mais rodeios, adivinhastel-o: – Sou um revolucionario!

BEATRIZ. – (*com repulsão*) Horror!... (*mudando vehemente*) Comprehando agora as longas noites de vigilia, debruçado á secretária, na leitura de livros que desappareciam para não mais serem vistos, encontrei a causa das deserções nocturnas... Vejo claro agora; conspiras e quem sabe se a sciencia que possues, não poude já transformar-te em assassino... Punhaes, incendios, explosivos, infernal trindade a que te votaste... Ámanhã a paixão impelle-te e resvalando vaes tombar no carcere, lobrego, estreito como um caixão!... (*levas as mãos ao rosto e chora*). Que desgraça, meu Deus! (*cae soluçante n'um banco*) O papá! O papá!...

THEREZA. – (*saindo, corre afflictta*) Menina Beatriz!... Meu Deus!... Que fatalidade!... (*para Carlos*) A sementar a discordia, a vomitar o fel, Satanaz sorri-se!...

CARLOS. – (*para Beatriz*) Ha instantes revoltada contra o mundo, eis-te abatida, fraca, prestes a amaldiçoares-me!... A defender viciosa educação, é fragil couraça o amor de irmã! (*senta-se n'um banco, o rosto entre as mãos*).

THEREZA. – (*para Carlos*) Escondida vi e ouvi tudo! (*baixo*) Pobre creança!... (*alto*) Uma a uma sorprehendi todas as palavras, segui todos os gestos... Que linguagem!... (*baixo*) E o meu Pedro tambem lá vae arrastado!

BEATRIZ. – (*levanta-se e acerca-se a Carlos, como meiguice*) Choras?!

CARLOS. – (*com amargura*) Não tenho lagrimas!... As ultimas foram mortalha e esquife da ultima illusão morta!

BEATRIZ. – Perdoa-me, fui talvez injusta?...

CARLOS. – Não busques justificar-te!... Fostes o que esperava!

BEATRIZ. – O primeiro momento... Não poude conter-me... Não raciocinei!... Tu és generoso e grande, a tua alma não póde fornecer guarida a sentimentos maus!

CARLOS. – A reparação é tardia!

THEREZA. – *(com ardor)* Sejam felizes, riam, corram o jardim, colham flôres, esqueçam o mal, busquem o céu!

BEATRIZ. – *(para Carlos)* É tardia, mas é sincera!

CARLOS. – *(com amargura)* No delirar dos teus convencionaes prejuizos, inspirei-te horror, vistes-me as mãos tintas de sangue e não empallideces nem soluças ao tilintar das espadas dos que teem por missão matar, afogando no berço a recém-nascida aspiração!...

BEATRIZ. – *(tomando o braço de Carlos)* É adoravel o conselho da Thereza, vamos correr o jardim como dois noivos, prescrutando os ninhos, ouvindo o pipillar das mães, contentes, de volta, suspenso do bico o biscoito dos filhinhos impluemes!... Vamos!...

CARLOS. – *(com subita resolução)* Aceito!... Sinto o cerebro em fogo, torrentes de lava, circulam-me nas veias!... Vamos!... *(saem e internam-se no jardim)*.

SCENA XII

(Ao começar d'esta scena principia-se a ouvir fóra muito ao longe o hymno I.º de maio cantado pelo povo).

THEREZA, só

A felicidade fugiu d'esta casa!... Os presentimentos não me enganam!... Felizes e tranquillos tantos annos decorreram... O genio do mal a espreitar, a seguir o genero humano, tudo queimou, tudo destruiu... Presinto-o!... O soffrimento não parou aqui, ha de caminhar devastando tudo!... Dia fatidico o d'hoje!... A carta, a confissão; pobre menina! Dias crueis nos estão reservados!... *(prestando attenção ao cantico que se vae extinguindo)* Cantem, cantem o odio; festejem a discordia!... Cantico que traz desgraça!... *(mudando)* E o meu Pedro, chefe da revolta, conspirador contra a casa em que encontro asylo!... E não lhe tocar no coração o arrependimento!...

SCENA XIII

THEREZA e THIAGO

THIAGO. – (*descendo a escada*) De volta, sôra Thereza!... (*com entusiasmo*) Não faz idéa sôra Thereza!... O que lá vae de gente, homens, mulheres e até creanças!... E tudo a pé firme, o sol a esquentar e a cabeça descoberta.

THEREZA. – (*intrigada*) Não compreendo Thiago, o que diz você?

THIAGO. – No comício: que grande multidão!... Estavam lá todos os operarios do sitio, tecelões, ferreiros, carpinteiros, o diabo!... Não cabia um alfinete!... (*com ironia*) O administrador tinha um nariz de palmo e meio!... Ah! sôra Thereza, os rapazes que fallaram botaram carga rija no governo, nos ricos, nos padres... eu sei lá... Foi dar ás mãos ambas... (*mudando*) Fica um homem satisfeito, só de ouvir tanta verdade.

THEREZA. – (*indignada*) Endoideceu, Thiago?!

THIAGO. – Não dei por tal!... (*baixo*) O seu rapaz largou d'aquellas que os cães não querem ouvir!... (*com fogo*) Que entusiasmo!... Palmas, vivas; verdade, verdade, não me poude conter e tambem dei palmas... Estava embuchado e alliviei!

THEREZA. – (*áparte*) O meu Pedro a fallar contra os ricos!... Valha-me a Virgem! (*alto*) Vae por mau caminho, Thiago.

THIAGO. – Póde ser!... Affirmo-lhe porém que levo muitos companheiros! (*com firmeza*) Olhe, sôra Thereza, o Inferno já não assusta ninguém!

THEREZA. – (*áparte*) O mal em toda a parte!... (*alto*) Se o sr. Julião soubesse!

THIAGO. – (*rapido*) Punha-me na rua!... Paciencia!... Nunca faltou casa a vivos e terra aos mortos!... Em qualquer lado, ganhava pão!... Antes de ser creado, fui jornalista!

THEREZA. – (*com espanto*) Desconheço-o.

THIAGO. – (*com gravidade*) Já não sei se sou o mesmo!... Um homem não é de pedra e o que ouve fica-lhe cá dentro. (*bate na testa, intencional*) Ah!... sôra Thereza, o seu Pedro lá disse que os ricos só vivem do suor dos pobres que trabalham.

THEREZA. – (*áparte*) Meu Deus! (*alto*) Cale-se, Thiago, a sua conversa aborrece-me!... (*encolerizada*) Era o que faltava, você, um homem que julgava de juízo, a fazer côro com os doidos e conspiradores que fazem bombas e assassinaam innocentes!... Já lhe faltou alguma cousa!... Não tem comer a fartar?

THIAGO. – É verdade, não nego, o comer nunca faltou!... Mas por ser creado e ter a barriga cheia, não deixo de ser homem e ver onde está a razão!... Os homens e as mulheres queixam-se que trabalham toda a semana e ao sabbado... nicles; nem dez réis cortados pelo meio!... É tudo para multas!... Uma mulher lá fallou no comicio e mostrou a quem estava, um pedaço de broa, negra como tição, unico sustento dos filhos!... Tem o marido doente ha um mez, e a semana passada não levou ferias!... Tudo nas multas!... (*ameaçando*) O crista de gallo do Jones desce qualquer dia um barranco com a cabeça!... Inglez de mau pello!

THEREZA. – (*áparte*) O odio a crescer, a multiplicar-se (*alto, admirada*) Uma mulher a fallar!⁴³⁷

SCENA XIV

Os mesmos, SUZANA, HELENA e VISCONDE

SUZANA. – (*do cimo da escada*) Sr.^a Thereza!... A sr.^a D. Helena e o sr. visconde!... Chegaram da estação!

THEREZA. – (*apresada*) A D. Helena; o visconde!... Já vou, já vou!

SUZANA. – Mando esperar!

VISCONDE. – (*descendo a escada*) Como passa, boa Thereza?... A D. Beatriz, o sr. Julião, o sr. Carlos?

HELENA. – (*tirando o chapéu*) O calor suffoca!

THEREZA. – (*para Suzana*) Pódes retirar-te! (*para Helena*) Uma cadeirinha (*para visconde*) Vae tudo sem novidade!

⁴³⁷ O estudo das mulheres como líderes políticos está ainda por fazer, também no movimento operário socialista que, não obstante, contava com elementos valiosos, como Margarida Marques ou Florinda Bella, que dirigia a Associação de Classe das Lavadeiras.

SUZANA. – (*sabindo, reparando no lorgnon de Helena*) Que oculos, santo Deus!

THEREZA. – (*para visconde*) O sr. Julião foi hontem para Lisboa!

THIAGO. – (*áparte*) Estes são dos taes!

HELENA. – A D. Beatriz, onde está?

THEREZA. – (*para Thiago*) Vá prevenir a menina. (*sae Thiago, para Helena*) Passeia com o sr. Carlos no jardim.

VISCONDE. – O sr. Julião foi a Lisboa? (*áparte*) Pesca á commenda, comedia n'um acto!

THEREZA. – (*para visconde*) Negocios da fabrica!

SCENA XV

THEREZA, THIAGO, HELENA, VISCONDE, BEATRIZ e CARLOS

(*Ouve-se muito distante o hymno do 1º de maio*).

BEATRIZ. – (*entrando e dirigindo-se a Helena, beijando-a*) Que agradavel surpresa!... A. D. Helena veio quebrar a monotonia provinciana. (*mudando*) O sr. Oliveira?

HELENA. – (*para Beatriz*) Meu marido ficou em Lisboa... A vida publica absorve-o!

THIAGO. – (*ao F. junto ás grades, áparte, applicando o ouvido*) O hymno da rapaziada!

CARLOS. – (*para Thereza*) V. ex.^a como passa!... (*para o visconde*) Visconde! (*estende-lhe a mão*).

BEATRIZ. – (*para visconde*) Surprehende-me visconde a sua inesperada vinda!

VISCONDE. – (*para Beatriz*) Inesperada!... Escrevi ha dois dias.

HELENA. – (*áparte, observando Carlos*) Que corte de frach. (*alto para Beatriz*) O acaso proporcionou-me companhia.

BEATRIZ. – É muito amavel!... (*para o visconde*) O «ménage» faz-me esquecer a correspondencia!

VISCONDE. – (*para Beatriz*) Punhal e balsamo! (*para Carlos*) Sempre enterrado na provincia, meu bom amigo!... (*rindo*) S. João Baptista habitando o deserto!

CARLOS. – O campo tem encantos que a cidade não possui!... Prefiro a quietação ao bulício, o ruído atordoá-me!

VISCONDE. – O do champagne, alegre!

CARLOS. – E embriaga!

VISCONDE. – (*com entusiasmo*) Não compreenderia a vida se não fôra, constante e doce embriaguez no ambiente, tepido dos salões, onde ha collos palpitantes e eburneos; sorrisos que enlouquecem, olhares que perturbam, aromas que enebriam, pedras que scintillam e ao fundo do quadro as mil e uma cabecinhas de louras sereias, elevando a alma em suggestionantes canções, transportando-a de sonho em sonho ao paraíso de Mahomet, antegosando a visão de sedutoras houris, mergulhando no extase...

BEATRIZ. – (*ironica*) Acautelle-se visconde!... A eloquencia torna-o mouro.

HELENA. – O visconde de turbante e sandalias! (*ri*) Que diriam na embaixada.

CARLOS. – (*áparte*) E são felizes! (*alto*) Turca?!... Nomeavam-n'ó interprete!

VISCONDE. – (*desculpando-se*) Argumentava, controvertia; o amigo Carlos eis o culpado... Não gosta de ruído, prefere a quietação... V. ex.^{as} vão pronunciae-se, um novo tribunal arbitro: – O amigo Carlos ama o sussurrar da brisa que passa, o serpear do ribeiro, occulto na folhagem dos salgueiros; eu amo o ruído, diverte-me o estourar do champagne, seduz-me o «cotillon», attrahe-me a vida dos salões...

HELENA. – (*atalhando*) Voto contra o hospedeiro!... Visconde tem o meu parecer. A quietação adormece-me, emballa-me; o bulício agita-me e eu adoro a agitação!

VISCONDE. – (*áparte, intencional*) Droga que precipita; agital-a é garantia de uso.

BEATRIZ. – Collocaram-me em bem difficil situação!... Provinciana e irmã.

CARLOS. – (*rindo*) Parcialidade e empate!

HELENA. – (*para Carlos*) Não exerça pressão!... O voto é livre.

VISCONDE. – (*áparte*) O marido na segunda dynamisação. (*alto, rindo, para Beatriz*) O povo é soberano!

CARLOS. – (*áparte*) De corôa de espinhos!

BEATRIZ. – Carlos advinhou!... O empate é inevitavel!

HELENA. – (*para visconde*) O sangue fallou alto!... (*terna*) E quando o sangue falla!...

VISCONDE. – (*alto*) As faces avermelham! (*baixo, ironico*) Um romance!...

BEATRIZ. – (*para Helena*) Não fallou a voz do sangue!... A nostalgia invade-me quando abandono estes lugares!

VISCONDE. – Rosa agonisante em dourada jarra a suspirar pelo rócio!

HELENA. – Que distincção de madrigal, visconde!... «Ancien régime» puro!

VISCONDE. – (*áparte*) Requerimento indeferido! (*alto, a Carlos*) Um duello reduzido a simples assalto em sala d'armas!... O empate deixou-nos incolumes!... A D. Beatriz é testemunha que não augmenta a tarefa ao cozeiro!

BEATRIZ. – Pelo que me felicito!... O contrario é brutal!

HELENA. – (*com gravidade*) Ha casos...

CARLOS. – Em que os homens se podem matar?! Um olhar, uma pisada, um encontrão. (*ironico*) Melindrosos pontos de honra!

VISCONDE. – É singular!... Estamos hoje em completo desaccordo. Um olhar, pisada ou encontrão, quando transpiram insolencia, castigam-se!... É rudimentar entre gente que se presa!

CARLOS. – Desculpe-me, visconde, afirmar ser habil pretexto para abreviar herança tardia!... Um espadachim de seguro golpe, opéra; motivo, um olhar inadvertido, occasional pisada.

VISCONDE. – (*rindo*) Processos de Montépín ou Terrail⁴³⁸ para dar fim a personagem incommodo. Já fizeram epocha, amigo Carlos. Hoje tem a palavra Zola e a pneumonia⁴³⁹.

CARLOS. – O que não impede a resurreição.

VISCONDE. – «O surge et ambula»⁴⁴⁰, é archaico, fossilizou em trecho biblico!

HELENA. – Que animado dialogo!

BEATRIZ. – Esquecem-nos!

VISCONDE. – É injusta D. Beatriz!... Não queríamos cortar o elo da cadeia dos nadas encantadores, vermelhos como cerejas que constituem a conversação das damas!

BEATRIZ. – Visconde!... A sua brusca aparição, ainda não sei a que attribuil-a!... A D. Helena foi mais communicativa. Dirige-se amanhã para Braga a liquidar a herança da tia e dispensou-me um dia a afugentar a solidão do meu retiro.

CARLOS. – (*para Helena*) Um funebre motivo obriga V. Ex.^a a viajar?

VISCONDE. – Resolvi visitar o meu castello da Sobreira que carece de transformação. Como está, recorda-me o solar de um «fronteiro» ao alvorecer da monarchia!... No baile da embaixada, a D. Helena participou-me a viagem a que era forçada... No dia seguinte abandonámos Lisboa, D. Helena a cobrar uma herança e eu a transformar fossos e ameias em minaretes e rendilhados. (*áparte*) Se o velho Isaac me ouvisse!...

⁴³⁸ Xavier de Montépín (1823-1902), e Ponson du Terrail (1829-1871), ambos folhetinistas franceses.

⁴³⁹ A 7 de janeiro de 1894 Ernesto da Silva publicou em *A Federação* o conto «A pneumonia», sobre a morte por doença de um operário, embora mal reproduzido, aparecendo junto a excertos de *Um encontro*. (*Pphantasia*). Em 1898 o texto voltou às páginas do jornal *A Obra*, que na altura dirigia, desta vez sem erros. Vid. RUY – Secção litteraria e scientifica. *A Pneumonia. A Obra*. Lisboa: n° 165 (1898), 13 de março, p. 3-4.

⁴⁴⁰ «Ergue-te e anda». Como o visconde recorda, em «O Evangelho segundo S. Mateus» (IX, 5) é relatada a sanação de um homem paralítico por Jesús com estas palavras.

HELENA. – É verdade, sr. Carlos, minha velha tia, que apoz uma longevidade muito para notar, não resistiu aos estragos da diabetis!⁴⁴¹... Attingiu ainda os 65!... Contemplou-me no testamento e apresso-me a liquidar!

CARLOS. – Sinto muito, minha senhora! (*áparte*) Que abutres.

SCENA XVI

Os mesmos e LOURENÇO

THEREZA. – (*para Lourenço que pára ao portão*) Boas tardes, padre Lourenço. (*abrindo o portão*) Hoje foi mais tarde!

LOURENÇO. – (*para Thereza*) Deveres profissionaes. (*desce e cumprimenta, para Beatriz*) Faltei á hora, desculpe-me, D. Beatriz... A missão do sacerdote, como a do medico, tem imprevistas exigencias. A alma tambem tem a sua hygiene!

BEATRIZ. – Desculpe-o, padre Lourenço, demais sei que só um grave motivo o obrigaria a faltar á habitual partida de damas. (*indica o taboleiro*) O taboleiro esperava-o. (*mudando*) A tagarelar, esqueceu-me a apresentação. (*para Helena e visconde*) O padre Lourenço, prior em Santa Maria. A minha amiga Helena Oliveira, o sr. visconde da Sobreira.

HELENA. – (*observando Lourenço, áparte*) Que diferença de monsenhor Santos. (*alto*) Folgo em travar relações com v. rev.^{ma}

LOURENÇO. – (*para visconde*) É, segundo julgo, o proprietario do solar da Sobreira que vae á praça?... Bella casa e superior ponto de vista.

CARLOS. – (*para o visconde*) Desfaz-se do castello, visconde?... (*ironico*) Tradições que se perdem.

VISCONDE. – (*áparte*) Maldito cura d'aldeia. (*alto, embaraçado*) Tencionei desfazer-me do solar da Sobreira. Comprehendem!... Só traz encargos e bem onerosos... A tradição como assizadamente recordou o amigo Carlos, recordações da familia, reliquias que muito prézo, detiveram-me,

⁴⁴¹ Diabetes.

mudei de resolução e ha pouco affirmava a D. Beatriz tencionar transformar-o n'um delicioso chalet.

HELENA. – Que visitaremos no proximo verão.

CARLOS. – (*para o visconde*) O castellão larva de capitalista.

VISCONDE. – (*ironico*) A evolução que se impõe.

BEATRIZ. – (*para Lourenço*) Cheguei a duvidar da sua vinda.

LOURENÇO. – Chamado ha pouco ao findar o jantar, levei os sacramentos a um jornaleiro a quem um castanheiro esmagou na queda.

THEREZA. – Pobre creatura!

THIAGO. – (*áparte*) Aos ricos não succede tal.

CARLOS. – (*com interesse*) Desastre succedido hoje?

HELENA. – E não ha esperança?

LOURENÇO. – (*para Carlos e Helena*) Por volta do meio dia!... Dava os ultimos golpes, quando a arvore tombou repentinamente... Os medicos da Misericordia não teem esperança!

BEATRIZ. – Homem novo?

LOURENÇO. – Trinta annos!... Deixa viuva e quatro filhos.

VISCONDE. – (*com desprendimento*) Coitado!... Foi infeliz!

HELENA. – A resignação é o unico allivio.

CARLOS. – (*com amargura*) É facil de aconselhar.

THIAGO. – (*baixo a Thereza*) E não enche barriga.

THEREZA. – (*baixo a Thiago*) Seja prudente, Thiago.

BEATRIZ. – (*para Lourenço*) Amanhã visitaremos a infeliz familia.

THEREZA. – (*áparte, com amor*) É um anjo de bondade.

LOURENÇO. – D'antemão contava com a sua piedade D. Beatriz... Mais uma protegida a entrar na já tão longa lista.

VISCONDE. – A imprevidencia contribue largamente para tanto desastre. A febre de lucro, a ambição de muito produzirem, leva os trabalhadores a obliterarem os mais rudimentares preceitos de segurança no trabalho... Nem o instincto de conservação os aconselha.

HELENA. – Tem rasão visconde, um criminoso desleixo a produzir orphãos.

THIAGO. – (*áparte*) Em cima de queda, coice.

CARLOS. – (*com mal disfarçado azedume*) O visconde discordava ha pouco eu discordo agora... O visconde classifica de imprevidencia eu não ouso classificar. É imprevidencia dos trabalhadores, descerem ás entranhas da terra, desaparecendo nas guellas dos poços que conduzem ás galerias da mina e ahi, contorcendo-se como serpentes, cegos no pó da hulha, arrastarem-se, picando o filão que representa o pão dos filhos. Subito a chamma da lampada, distende-se; torna-se azulada; a atmospherá é irrespiravel, o inimigo avança cruel, inexoravel; a explosão dá-se, as paredes desmoronam-se e sobre os cadaveres dos mineiros o «grisú» passeia, lambendo os destroços com mil e uma linguas... (*com amargura*) Depois... um laconico telegramma da Havas⁴⁴² é epitaphio de tão medonha hecatombe e... nada mais... Os filhos dos que pereceram esperam a sua vez. São imprevidentes os pescadores, fazendo-se ao largo a conquistar o sustento. De momento, o mar torna-se revoltó, o ceu toma plumbea côr, as vagas erguem-se alterosas, ameaçadoras, uma rajada vira o lanchão, o oceano devora as presas e as mulheres e as creanças do cimo dos penedos dirigem ao ceu inuteis preces... A tempestade amaina, os jornaes tratam do caso, ha bailes phylantropicos⁴⁴³ e o governo sempre providente e paternal, instado pelo deputado do circulo, farejando popularidade, fala em aneroides na costa, deixa entrever um posto meteorologico, promette um porto de abrigo, isca da proxima eleição... e não faz nada... A sociedade esquece, os felizes riem e recordação da castastrophe, um salva-vidas a apodrecer em armazem proximo da praia!... O visconde classificou, eu não classifico.

THIAGO. – (*áparte, com entusiasmo*) Chucha que é canna doce.

VISCONDE. – Fallou como engenheiro e critico!... Talvez tenha razão.

⁴⁴² A Agence Havas foi a primeira agência de notícias francesa, criada em 1835. A Agence France-Presse é a sua sucessora.

⁴⁴³ Observe-se como esta situação aparece descrita no conto «O tio Cholera». Vid. RUY – Folhetim do jornal A Federação. O tio Cholera. *A Federação*. Lisboa: nº 23 (1894), 10 de junho, p. 2-3. Texto reproduzido neste trabalho.

HELENA. – Resisto mais que o visconde!... A ignorancia é o grande mal.

CARLOS. – (*intencional*) Concorde com v. ex.^a

BEATRIZ. – Proponho armistício.

VISCONDE. – (*gracejando*) As potencias reconhecem-nos belligerantes.

LOURENÇO. – A crença, a humildade e a resignação, eis os poderosos antidotos contra a desventura!

BEATRIZ. – São horas do café.

HELENA. – (*para Beatriz*) Quanto lh'ò agradeço!... O café excita-me, provoca-me a imaginação a doudas phantasias. (*mudando*) O da estação era insuportavel!

BEATRIZ. – (*para Thereza*) Thereza, serve-nos o café.

THEREZA. – (*para Beatriz*) Vou já menina. (*para Thiago*) Acompanhe-me Thiago. (*saem Thereza e Thiago*).

SCENA XVII

BEATRIZ, CARLOS, HELENA, VISCONDE, LOURENÇO,
depois THIAGO e SUZANA

(*Ouve-se fóra mais distinctamente o hymno do I.º de maio, cantado pelo povo*).

VISCONDE. – Que canto é esse?

BEATRIZ. – O I.º de Maio!... Os operarios festejam-n'ò.

LOURENÇO. – (*com serenidade*) Arrastada a turba ignorante, atraz de vãs utopias, caminha a passos largos na impiedade, na descrença... A egreja é substituida pela associação... Ás predicas de amor e paz os homens, antepõem os exploradores da ignorancia popular, formulas incendiarias que enlouquecem, tornando ferozes os que ainda na vespera eram humildes e resignados.

VISCONDE. – A questão social!... O insolúvel problema d'este seculo de mechanica e electricidade.

LOURENÇO. – A quem os pobres de espirito respondem com fallazes projectos de reorganisação social. (*fica a lêr um jornal*).

HELENA. – (*com desdem*) Um banho de loucos inoffensivos.

VISCONDE. – A que na estrada se entrega as redeas do cavallo.

BEATRIZ. – (*procurando desviar a conversação*) Boa gente no fundo. (*entram Thiago e Suzana, vão distribuindo chavenas de café*).

CARLOS. – (*para o visconde, esforçando-se por conter a colera*) Os operarios seguram cavallos e trabalham, o que é honroso!... Outros montam-n'os e parasitam o que é differente!... Filho de trabalhadores, descendente de homens uteis, acabado o curso, só entre operarios tenho vivido... Auctoriso-me por isso a affirmar não ser mau principio de economia, estabelecer que o trabalho é o unico factor da riqueza!

THIAGO. – (*áparte*) Apanha, para não seres tolo.

BEATRIZ. – (*desviando a conversação*) O café esfria.

VISCONDE. – (*áparte*) É audacioso. (*alto*) O amigo Carlos, melindrou-se?!

CARLOS. – Rectifiquei, nada mais.

VISCONDE. – Proponho tese revolucionaria!... Mas, creia, respeito profundamente a nobreza do trabalho!

HELENA. – (*para Carlos*) É um esforçado paladino dos operarios?

CARLOS. – (*intencional*) Conto n'elles excellentes amigos.

HELENA. – (*com desdem*) «Schoking!»

THIAGO. – (*áparte*) Fallou, mas não percebi! (*ao F., na estrada passa um grupo de operarios, cantando o hymno do I.º de maio*).

SCENA XVIII

Os mesmos e THEREZA

THEREZA⁴⁴⁴. – (*no cimo da escada, baixo*) Lá vae a onda de fel!... E o meu Pedro!...

BEATRIZ. – (*para Helena*) Veem das manifestações!

⁴⁴⁴ «Helena» no original. Corrigido segundo indicação das «Erratas» em SILVA, Ernesto da – *O capital...*, op. cit., p. 88.

HELENA. – (*olhando a estrada*) Também se manifestam!... O que pretendem?

VISCONDE. – (*ironico*) Os tres 8!⁴⁴⁵

HELENA. – É symbolico!... Explique-se, visconde!

VISCONDE. – (*rindo*) Oito horas de trabalho, oito horas de estudo, oito horas de descanso!... Parodia ao Creador, que fez o mundo em sete dias... (*ironico*) Suspeito, porém, que o curso a frequentar não é longe da taberna.

THIAGO. – (*áparte*) Se pudesse, esganava-o.

CARLOS. – (*para o visconde*) Os operarios educam-se no exemplo dos ricos... Creio que os infelizes teem predilecção pelo club e não desprezam o «restaurant?!»

VISCONDE. – O paralelo é infeliz!... O club ou a taberna, o dia ou a noite.

CARLOS. – Outro scenario, eis tudo!... Não ha mochos, ha espelhos, não se vêem copos, usam-se taças! O fim é o mesmo.

HELENA. – (*baixo*) Que selvagem!

BEATRIZ. – (*contrariada, esforçando-se por sorrir*) Proponho um passeio pelo campo!... Das ruinas ao castello, contemplaremos o pôr do sol!

VISCONDE. – (*para Beatriz*) É encantadora a proposta. (*mudando*) Ainda não lhe fallei na ultima novidade litteraria... Um verdadeiro successo!

HELENA. – O visconde é um ferveroso adorador do «vien-de-paraître»!...

BEATRIZ. – O titulo?

⁴⁴⁵ Durante a manifestação do 1º de maio de 1895, Ernesto da Silva defendera, perante o túmulo de José Fontana, o dia de trabalho de oito horas, o denominado «dia normal». Este foi também o título do opúsculo que publicou em 1896, com motivo do 1º de Maio desse ano, junto a Ladislau Batalha. Vid. «O Primeiro de Maio». *A Obra*. Lisboa: n° 16 (1895), 5 de maio, p. 2; e BATALHA, Ladislau, e SILVA, Ernesto da – *O que é ser socialista? O dia normal*. Lisboa: Typographia do Instituto Geral das Artes Graphicas, s.d. Textos reproduzidos em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo III. *Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

VISCONDE. – «Atravez o Iorgnon»!...⁴⁴⁶ Uma duzia de contos adoraveis!... O auctor, um novo muito promettedor!

HELENA. – O Alberto Ferreira é um genio!... Foi-me apresentado em casa dos Fontoura.

CARLOS. – (*para Thereza*) O chapéu da menina. (*para Thiago*) Traz-me o meu.

THEREZA. – Vou buscar. (*saem Thereza e Thiago*).

LOURENÇO. – (*levantando-se*) Acompanhal-os-hei até á igreja.

VISCONDE. – É facil encontrarmos algum bando de manifestantes.

HELENA. – E eu que antevia um fim de tarde tão poetico.

CARLOS. – Tranquillise-se v. ex.^a A esta hora já findaram as manifestações.

THEREZA. – (*para Beatriz*) Prompto, menina Beatriz. (*Beatriz e Helena põem os chapéus*).

VISCONDE. – (*avançando para o portão*) Em marcha!... Dirijo o presbitio... (*ironico*) Uma nova manifestação do I.º de maio. (*dá o braço a Beatriz, Helena a Carlos, Lourenço acompanha, saem*).

SCENA XIX

THEREZA e THIAGO

THIAGO. – (*indignado*) O homem da rodela no olho a fazer poucos que trabalham!... Mandrião, que nada faz!

THEREZA. – Você está tresloucado! Imprudencias sobre imprudencias.

THIAGO. – (*sem fazer reparo*) E a lagartixa dos oculos de tirar e pôr a ajudar á missa!

THEREZA. – Mau caminho leva, Thiago!

⁴⁴⁶ Em 1887 Silva Pinto publicara *O Livro de Cesário Verde*, que inclui um poema intitulado «Loura». Uma das estrofas contém esta frase no verso: «Eu buscava uma rima bem intensa / Para findar uns versos com amor; / Olhaste-me com cega indiferença / Através do *Iorgnon* provocador». Foi a ele a quem Ernesto da Silva pediu parecer sobre *A vítima*, peça rejeitada pelo teatro de D. Maria II. Vid. os textos que escreveu explicando o caso na secção «Páginas de crítica literária e estética» deste mesmo trabalho.

THIAGO. – Ah! sôra Thereza, sabe o que mais, se pudesse tinha ha pouco apertado o gasnate ao bonifrate do tal visconde das duzias... (*ameaçando, indicando o hymno do I.º de maio que se ouve fóra*) Os tempos mudam, sôra Thereza!...

CAE O PANNIO

ACTO TERCEIRO

A scena representa o gabinete de trabalho de Julião, mobilado com decencia e severidade; ao centro da parede da E. uma secretaria onde estão dispersos papeis e livros á E. A. uma janella que dá para a rua, a E. B. porta da D. portas lateraes ao centro da parede um cofre forte tendo superiormente um retrato de mulher velha, porta ao F. pela qual se vê um corredor, aos lados da porta de F. estantes com livros, junto da secretaria, na parede, calendario, tabellas de caminhos de ferro, de vapores, etc.

SCENA I

THEREZA, só

(*Com magua*) Os presentimentos nunca me enganaram!... Semearam o odio, colheram a discordia... Revoltada a gente da fabrica é arrastada pela maldita idéa da «gréve» á desgraça e á ruina. (*olhando o retrato*) Ah! minha santa senhora, o mundo está mudado! Tu que eras santa e boa como os anjos do ceu; tu a quem os operarios cumprimentavam com respeito e amor, só encontrarias passados tres annos o odio em toda a parte, se voltasses a esta vida... Já ninguem ri e ouvem-se ameaças, a gratidão fugiu, a raiva é quem manda!... Satanaz ri e os filhos tramam contra os paes. (*com energia*) Maldito seja quem provoca ao mal... A casa coberta de benções ha tantos annos, é hoje cercada de soldados como uma prisão. Quem tal diria!... Alta noite, recolhemos ao leito e ha somno, o vento

brame e ouvimos agourentos queixumes, um movel estala, põem-se de pé os cabellos, o coração bate apressado e a pensar ficamos em maleficios e vinganças... Maldito seja quem provoca ao mal!... N'outro tempo havia paz, hoje só ha desgraça!... (*mudando*) E o meu Pedro!... Esquecido que n'esta casa encontrei asylo salvador e aqui me ampararam, livrando-me da miseria, protegendo-me contra a viuvez, revoltado tambem, caminha na ingratitude, abrindo-me mais depressa a cova!... A desventura é completa!... O sr. Carlos, o sr. Carlos!... (*fica chorando*).

SCENA II

THEREZA e THIAGO

THIAGO. – (*entra pelo F. trazendo a correspondencia que colloca na secretária, com affecto*) Chora, sôra Thereza?!... Não faça tal!... Tudo isto ha de entrar nos eixos!...

THEREZA. – (*com magua*) A desgraça já não abandona esta casa!...

THIAGO. – (*animando*) Scismas, sôra Thereza; não vale desanimar!... O patrão é que é teimoso!... Quando elle quizer a paz volta!... (*mudando*) Bem paciente e boa é a gente da fabrica... Esta manhã ao levar ao patife do inglez a carta do patrão tive occasião de observar... Os soldados que rodeam a fabrica malhavam n'um pobre velho que estava de vigia. O velhote mettia dó, supplicava, pedia não lhe batessem; compaixão não havia, davam p'ra baixo sem dó nem consciencia. O homemsito atravessara um caminho que está guardado pela força!... Ora ahi está!... (*indignado*) Parece que a tropa nunca teve pae, nem mãe! Ah! sôra Thereza, subiu uma cousa por mim acima, poz-se-me um nó na garganta e se demoro alli... desgraçava-me!...

THEREZA. – O mal a augmentar.

THIAGO. – Uma cousa tão facil!... O patrão punha o Jones na rua, mandava-o lá para Inglaterra, ou para o meio do Inferno, acabava com as multas e tudo voltava ao seu logar!... Entristece-me vêr tanta gente a soffrer por causa de um!...

THEREZA. – Veremos o que resulta da vinda da comissão.

THIAGO. – (*com interesse*) É hoje que vem a comissão?

THEREZA. – Deve chegar d'aqui a pouco!...

THIAGO. – Ainda bem!... Tomára já vêr o fim a esta contradança! (*com alegria*) Se amanhã vejo a chaminé da fabrica de penacho negro, vou diretinho ao tio Diniz e duas garraforias desaparecem guella abaixo...

THEREZA. – Deus o ouça Thiago!... A pobre menina anda ahi de olhos inflammados, sem dormir de noite; o sr. Carlos passa os dias no quarto, encerrado como um criminoso e o sr. Julião, severo não encara o filho!... Uma familia lançada no soffrimento!

THIAGO. – (*confidencial*) Se fôra só esse o mal!... A gente da fabrica não vae melhor!... Sem trabalhar ha já um mez, a fome tem visitado todos... Ás portas dos casebres os petizes esfarrapados e amarellos como cidra pedem esmola a quem passa!... De Lisboa, do Porto e outras terras, tem vindo dinheiro, mas, são muitos, pouco toca a cada um; as tendas não fiam e a miseria é geral... Hontem, na associação, uma tecedeira cahiu com fome deixando rebolar um petiz de collo que chorava, desesperadamente... A mãe não tinha leite!...

THEREZA. – Que desgraça, santo Deus!

THIAGO. – O patrão que não saiba o que acabei de contar-lhe!... Compromette-me!... Foi um dos rapazes da fabrica que m'o contou pedindo-me segredo... Dizem elles que soffrem tudo, mas que não cedem... É o que consola... É gente rija! (*ouvem-se passos*).

THEREZA. – (*olhando*) O sr. Julião!

THIAGO. – (*sabindo*) Até logo, sôra Thereza. (*sae*)

SCENA III

JULIÃO e THEREZA

JULIÃO. – (*entrando da D.*) A correspondencia já chegou?

THEREZA. – (*apontando a secretária*) Trouxe-a ha pouco o Thiago.

JULIÃO. – Deixa-me só!

THEREZA. – (*supplicante*) Sr. Julião!

JULIÃO. – Que desejas?

THEREZA. – (*hesitante*) Desculpe-me... Mas não sei...

JULIÃO. – Perdes um tempo precioso...

THEREZA. – (*cobrando animo*) Sr. Julião, ha vinte e cinco annos, habito debaixo d'este tecto... N'esta casa vivi com sua santa esposa, aqui tenho assistido ao crear do sr. Carlos e da menina Beatriz... Amo estas paredes, amo esta familia!... Desde o dia em que coberta de lucto, dei entrada n'esta casa, trazendo nos braços o filho que ficara orphão, só tenho vivido para a felicidade dos meus protectores, rindo nos seus dias de alegria, chorando nos seus dias de lucto...

JULIÃO. – Não descortino a occulta intenção das tuas palavras.

THEREZA. – A felicidade fugiu, já aqui não tem morada!... Os dias venturosos voaram!... E eu sinto-o, confesso-o, sou culpada!... Confissão que me escalda os labios, necessario era fazel-a.

JULIÃO. – (*com espanto*) Accusas-te?!

THEREZA. – Sim, sr. Julião!... O meu Pedro esqueceu esta casa!... (*joelbando*) Sr. Julião, expulse-o da officina, affaste-o d'esta terra, faça-me sentir a negra ingratição por elle praticada... mas, termine a «gréve».

JULIÃO. – (*levantando-a*) Santa e nobre alma!... A sorte tornou-nos irmãos no martyrio!... Offereces teu filho em sacrificio á minha justa colera!... Accusas-te em nome d'elle e immolas nobremente o teu angustiado coração de mãe á felicidade dos meus... (*colerico*) Não posso acceder ao teu pedido! A «gréve», fizeram-n'a, hão de soffrer-lhe as duras consequencias!

THEREZA. – (*supplicante*) Pela memoria de sua santa esposa!

JULIÃO. – Nunca!... Ámanhã os loucos agitadores e preversos propagandistas, rir-se-iam infamemente da minha fraqueza apontando-a como consequencia da sua força... Não lhes concederei tal prazer... Quizeram a guerra, ahi a teem!... Julgavam entibiarem-me o animo com ameaças inuteis, hei de provar-lhes que se enganaram!... Arrojaram a luva, hão de

levantal-a com os dentes!... (*mudando*) Vae tranquila para junto de Beatriz... Vae, que a indignidade dos filhos não póde sujar os paes.

THEREZA. – (*supplicante*) Por amor da menina Beatriz.

JULIÃO. – Não porfies!... A tua insistencia é inutil e a minha resolução inabalavel! (*tirando um jornal da algibeira*) Vês... no papel endereçado pela canalha a esta casa, vomitam-se as ultimas infamias contra mim e apontam-me á vingança do primeiro bandido que não trema diante do assassinato... (*zombando*) Pedem punhaes, acirram odios!... Garanto-lhes que não vencerão... Não ha perigos que me detenham, riscos que me amedrontem. (*com furia*) Jogarei sorrindo a minha fortuna, mas não transigirei. (*mudando*) A minha colera, não alveja só teu filho, alastra-se a toda a villanagem que em effigie, me tem cuspidado, desrespeitado, insultado... Não querem o director, hei de mantel-o; não querem multas, hão de soffrel-as!... Quem não quizer, rua; busque n'outro lado quem lhes mate a fome dando-lhes pão a ganhar... Na fabrica mando eu, não aceito imposições de cima, nem ameaças de baixo!... (*com brandura*) Vae acompanhar minha filha!...

THEREZA. – (*saindo*) Como evitar tanta desgraça, meu Deus?

SCENA IV

JULIÃO, só

(*dirige-se á secretária, e tira uma carta de entre a correspondencia – lendo*) Ex.^{mo} Sr. – Profundamente penalizado pelos acontecimentos occorridos na sua fabrica, sou a participar-lhe que é n'estes momentos de lucha que os capitalistas sempre ameaçados de identicos riscos, devem prestar-se mutuo auxilio, contra a rebeldia operaria, sempre crescente; fomentada pelos especuladores politicos. Não podemos offerecer-lhe pessoal para a laboração da fabrica, porquanto o que nos está subordinado, recusar-se-ia a tal, no emtanto podemos com os nossos productos, attendermos aos compromissos industriaes de v. ex.^a – De V. Ex.^a – *Silva & Marinbo*. (*com alegria*) A canalha quer lucha e só consegue provocar a solidariedade dos

que a sustentam. (*olhando a carta*) Ha annos que me degladio com esta fabrica em atroz concorrência, provocando-se de lado a lado mutua ruina e hoje esquecidos antigos odios, lealmente me estendem a mão e veem offerecer-me valioso auxilio no momento da lucta... É penhorante tal solidariedade. (*mudando*) A selvatica horde ameaça fazer rugir a dynamite, as bayonetas responder-lhe-ão; alardeia caixas de resistencia dos que a amparam na lucta da vida, esquecendo o capital compromettido com as suas insurreições... A vingança será cruel mas é precisa!... Amanhã arrojar-nos-há ás faces punhados de lama; escudada na tyrannia do numero se a repressão severa e até feroz, não corresponder á stulta ousadia da esfarrapada matula...

SCENA V

JULIÃO, THIAGO e ADMINISTRADOR

THIAGO. – (*ao F.*) O sr. administrador procura v. ex.^a

JULIÃO. – Manda entrar. (*Thiago sáe, áparte*) Chega a proposito!

ADMINISTRADOR. – (*ao F.*) Dá-me licença, amigo Julião? (*desce*).

JULIÃO. – Bemvindo seja, amigo Soares!

ADMINISTRADOR. – Esperava-me?

JULIÃO. – Como bom amigo.

ADMINISTRADOR. – E como auctoridade?

JULIÃO. – Não devo occultal-o!... Naturalmente inquieto atravesso este periodo de lucta em que a plebe rosna e mostra os dentes.

ADMINISTRADOR. – E morde!... A noite passada tiveram logar gravissimos acontecimentos.

JULIÃO. – (*admirado*) Não tive conhecimento...

ADMINISTRADOR. – Não é d'admirar, ha pouco foram descobertos... Dadas as minhas ordens confio ter brevemente em logar seguro, os auctores da proeza.

JULIÃO. – (*com interesse*) De que se trata?

ADMINISTRADOR. – Uns camponezes que passavam ao Couto esta manhã, descobriram no fundo d'um barranco um homem que ao principio julgaram morto... Approximando-se, observaram que respirava ainda, jorrando abundante hemorragia do craneo fracturado em varios sitios... gritaram por socorro, d'um casal proximo accudiu gente, improvisaram uma maca e transportaram o ferido até á Misericordia!

JULIÃO. – (*áparte*) No Couto! (*alto*) Reconheceram o ferido?

ADMINISTRADOR. – No hospital lavado o rosto em que o sangue e a lama empastavam, reconheceram-n'o... Um dos grèvistas.

JULIÃO. – (*subitamente*) André?!...

ADMINISTRADOR. – (*admirado*) Adivinhou!... Parece que esperava!...

JULIÃO. – (*agitado*) Ah!... Canalha vil, has de morder o pó dos caminhos. (*mudando*) Desculpe-me amigo Soares esta brusca expansão.

ADMINISTRADOR. – Á vontade, amigo Julião.

JULIÃO. – Causou-lhe espanto o ter adivinhado?

ADMINISTRADOR. – Confesso-o, intrigou-me.

JULIÃO. – Ha muito que suspeitos rumores me preveniam das intenções do pessoal da fabrica. Prudentemente acautellei-me... O André ha largos mezes ambiciona o lugar de contra-maestre do acabamentoo...

ADMINISTRADOR. – E espionava os companheiros?...

JULIÃO. – (*desculpando-se*) É indispensavel um homem de confiança.

ADMINISTRADOR. – (*applaudindo*) Certamente, caro amigo!... O contrario seria imperdoavel leviandade... (*mudando*) Agora já estabeleço com segurança o mobil do crime... Nasceram suspeitas entre os grèvistas, certificaram-se e procuraram vingar-se.

JULIÃO. – (*pensativo*) Não é outra cousa!

ADMINISTRADOR. – Hão de pagar caro o attentado... A cadeia esperavos!... O seu agente recolheu em estado comatoso e até eu sahir da Misericordia, não dava signal de vida, salvo a respiração... O medico feito o exame, abanou a cabeça.

JULIÃO. – (*áparte*) Carlos! (*alto*) Assassino!

ADMINISTRADOR. – Suspeita quem seja o auctor?

JULIÃO. – Alguem da associação!... É de quem suspeito. (*áparte*) Infame!...

ADMINISTRADOR. – Recebi telegramma do nosso amigo Ignacio d'Oliveira... Recommenda-me energia!... Se tanto fôr mister a populaça receberá dura licção.

JULIÃO. – Bom amigo o Ignacio d'Oliveira.

ADMINISTRADOR. – Esquecia-me comunicar-lhe... Apoz o apparecimento do ferido, mandei fechar a associação e redobrar a vigilancia junto á taberna do tio Diniz.

JULIÃO. – (*exasperado*) E lembrar-me que devido á minha inepecia sentimentalista acalentei no seio as viboras que mais tarde haviam de empeçonhar-me a existencia... Ao filho da Thereza recebo-o em casa e mando-o educar; ao Diniz, protejo-o, forneço-lhe dinheiro e a estropeada besta – que, se como fazem todos os patrões, abandono á sorte, – só teria recursos a mendigar, conluia-se tambem e fornece na taberna, asylo a reles conspiratas... Nojenta pandilha que devia rojar as ventas no chão que piso e são os primeiros a fomentarem a discordia a pagarem-me com bestial ingratidão os beneficios dispensados... É dura a lição... aproveital-a-hei.

ADMINISTRADOR. – Justificado é o seu desgosto!... Em geral os desprotegidos d'hoje são os inimigos d'amanhã... A quem o diz amigo Julião... Ha vinte annos que lido com o populacho... É bicho que não conhece dono.

JULIÃO. – Cortam-se-lhe as garras.

ADMINISTRADOR. – (*sorrindo*) Faça-lhe a diligencia!... A fabrica está rodeada de sentinellas do destacamento que mandei vir!... Aqui, tambem não me parece facil uma surpresa, os soldados postados em volta do edificio, teem ordens terminantes... A força, amigo Julião, ainda é o fiel da balança social!... (*mudando*) É certo visital-o hoje uma commissão?

JULIÃO. – Espero-a de tarde!... Nada se resolverá, antevejo-o. A fabrica com o director e as multas, ou a rua... Eis o dilemma.

ADMINISTRADOR. – Transigir é desprestigiar-se.

JULIÃO. – Não cantarão victoria, garanto-lhe... Os compromissos do estrangeiro o unico embarço que me tolhia, está destruido. (*entrega a carta que leu momentos antes*).

ADMINISTRADOR. – (*depois de ler e entregando a carta*) É significativa esta manifestação de solidariedade!... Silva & Marinho. São dois bellos caracteres... Firma muito respeitavel.

IGNACIO⁴⁴⁷. – Dirijo-me lá!... Vou cumprimental-os e agradecer-lhes pessoalmente.

ADMINISTRADOR. – Acompanho-o!... Tenho o «break» á porta.

JULIÃO. – Vamos!... (*reconsiderando*) Um instante!... Ultimar um negocio pendente. (*senta-se á secretária e escreve*).

ADMINISTRADOR. – Á vontade, amigo Julião. (*fica lendo um jornal*).

JULIÃO. – (*depois de escrever, áparte*) É indispensavel arrancar as raizes! (*alto*) Ás ordens, amigo Soares.

ADMINISTRADOR. – (*subindo, acompanha Julião*) Ao que li parece ter logar recomposição ministerial⁴⁴⁸. (*saem pelo F.*)

SCENA VI

THIAGO e depois CARLOS

(*Entra pelo F. mirando uma carta que traz na mão*) Aqui ha mysterio!... Não comprehendo... Verdade, verdade, isto não é para eu comprehender... Hum!... Não me cheira a cousa boa... O patrão entregar-me uma carta para o sr. Carlos!... Eles não se falam; ainda assim causa-me extranheza, escrever a uma pessoa que habita a mesma casa... é caso de desconfiança!...

⁴⁴⁷ Na realidade, Julião. A introdução desta personagem é um erro da edição que, não obstante, mantemos.

⁴⁴⁸ Entre 1893 e 1897 assumira a chefia do governo Hintze Ribeiro como membro do Partido Regenerador. Durante o período foram habituais na imprensa as referências à necessidade de reformas. Em março de 1895, quando Ernesto da Silva acaba de escrever *O capital*, foram alterados o Código Administrativo (dia 3) e a lei eleitoral (a 29), o que justificou o adiamento das eleições até ao fim de 1895. Também foi alterada a Carta Constitucional (25 de setembro).

(*tomando uma resolução*) Que fazer?!... O remedio a dar-lhe é cumprir as ordens recebidas e nada mais... (*dirige-se á D., defrontando Carlos que entra*) O patrão acaba de sair com o administrador do concelho, entregando-me esta carta para o senhor. (*entrega a carta*) Deseja alguma cousa?

CARLOS. – (*recebendo a carta*) Pódes retirar-te. (*Thiago sae*).

SCENA VII

CARLOS, só

(*Abre a carta e lê alto*) «Sr. – A resolução a que sou obrigado pela gravidade dos acontecimentos, ha muito que a deveria ter tomado, evitando a um pae o aviltamento nascido da preversão d'um filho, que, ha muito esqueceu nome e posição social. A sua permanencia n'esta casa, tornou-se impossivel, as nossas relações findaram; participando-lh'o e espero vêr satisfeito o desejo que manifesto. – *Julião Marques.*» (*com tristeza*) Expulso!... Não é meu pae é a sociedade que me expulsa da casa onde nasci... Não teve forças para o communicar... Escreveu-o!... Expulso!... (*com força*) Que importa!... (*olhando a scena*) Tenho que partir; partirei!... Á noite ao descançar da lucta do dia, viverei recordando!... Luz que bruxulea, agonisa e morre em brusca scintillação, assim morrerá em mim o eu que n'elle habita!... Forçoso é partir; partirei!... Descerei⁴⁴⁹ á arena da lucta pela vida a degladiar-me com a instabilidade do salariato, retemperarei a alma no cruciante poema social em que ha escolhidos e reprobos... reprobos os que trabalham, escolhidos os que parasitam. Habitarei a cidade! Atravez as vidraças, contemplarei os replectos commensaes dos hoteis luxuosos, em salas guarnecidas de raros estofos; ouvirei no atrio as voluptuosas caricias da orchestra, embalando-lhes os gastos espiritos, em ondas de vaporosas phantasias... No portal, acoutada da chuva gelida, miuda, impertinente, verei a esquecida creancinha, cabellos esparsos ao

⁴⁴⁹ Este excerto foi interpretado por Valdemar Santos em *Vidros partidos. Testes para um fime em Portugal* (2012), de Victor Erice (27:17). Disponível na internet https://www.youtube.com/watch?v=_I5gdHHp3U4

vento frio; aljofrados de iriados globulos, sollicitando á ventura, surja quem compre uma innocencia que desabrochou prostituida... Flôres fanadas, na impulsão do vicio que corroe a alma, verei mulheres, em almoeda o corpo, condemnadas ao esterquilinio, victimas de eterno soffrer, porque um dia não tiveram pão!... Risadas de salões, gemidos de mansardas, taças que scintillam, enxergas que apodrecem, sedas que rumorejam, farrapos que se esgraçam, em breve serei convosco!... (*olbando o aposento*) Adeus familia, adeus infancia, recordada nas paredes, evocada em cada move!... (*com fogo*) Adeus coração, um tumulto que vagueia eis todo o meu ser!... (*fica pensativo*).

SCENA VIII

CARLOS e BEATRIZ

BEATRIZ. – (*dirigindo-se a Carlos, com amisade*) Carlos!

CARLOS. – Beatriz!

BEATRIZ. – Estás doente?

CARLOS. – Não!... É resistente o envolucro, só o espirito é enfermo!

BEATRIZ. – É certo... O espirito enferma no dolorido viver em que nos debatemos!... Por vezes julgo-me presa de lugubre pesadello que o alvorecer extinguirá!... Fagueira illusão que pouco dura... A realidade impõe-se implacavel.

CARLOS. – Não desesperes... Em breve voltará a felicidade.

BEATRIZ. – O céo te ouvisse!... (*com tristeza*) Ao jantar, quando á mesa vejo o teu logar vasio, confrange-se-me o coração, sinto não sei que desconhecido vacuo a empolgar-me em afflictivo afundar... Busco dominar-me vencer a cruel impressão e não posso!... A tua ausencia gela-me como se contemplara um sepulchro!... O papá, severo, carregado aspecto, come machinalmente e sae... e eu fico só, tão só!... A Thereza entra e apavora-me como se um espectro me visitara.

CARLOS. – (*pegando-lhe nas mãos*) Tens febre?!...

BEATRIZ. – Talvez.

CARLOS. – Afugenta para longe as loucas visões de que nutres o allucinado cerebro!... (*mudando*) Já não te inspiro horror?!...

BEATRIZ. – Não!... Cortantes como a lamina de fino punhal, as tuas palavras golpearam o denso véu que occultava o mundo... Conheço-o agora!... Quando te abandono e recolho ao leito, sangra-me a alma e desejava não ter nascido... Com que saudade recordo então os tempos que passaram!... (*mudando*) Lembras-te, Carlos, do dia em que a mamã fazia annos!... Tudo sorria alegre em doce communhão... Tenho esses dias gravados no espirito... Os operarios da fabrica, sorridentes, vestiam a andaina domingueira, sobraçavam flôres, os pequenitos sorriam, as mulheres enternecidas choravam de alegria!... A phylarmonica a cumprimentar-nos... A mamã de brancos cabellos a emoldurarem-lhe o rosto, passava entre os grupos, beijava as creanças, aflagava as mulheres, sorria a todos!... (*olhando o retrato*) Como era bella e nos sorri ainda!...

CARLOS. – (*commovido*) Sorri, mãe; alma superior que tão bem comprehendias o martyrio dos que soffrem. Sublime intuição fazia-te erguer a mão generosa e protectora e não davas esmolos, espargias em redor o fraternal auxilio de quem sabe sentir... Saber sentir!... Eis a solução do problema que aterrorisa e amedronta vestindo as negras roupas de desespero, quando só devia envolver-se nos immaculados arminhos da fraternidade... Deviam ser anjos, preferem ser tigres!

BEATRIZ. – Tudo terminará em breve... Os operarios voltarão á fabrica, o papá sorrirá de novo e nós voltaremos á tranquillidade de outr’ora.

CARLOS. – (*occultando a commoção*) Sim, Beatriz, é transitoria esta situação... Voltaremos á felicidade... Meu pae sorrirá contente e eu...

BEATRIZ. – Tu acompanhar-me-has aos casebres dos tecelões, cuidaremos dos pequenos, sorriremos ás viúvas!

CARLOS. – (*com esforço*) Sim! Acompanhar-te-hei...

BEATRIZ. – Dar-me-has o braço, passearemos no jardim e sentir-me-hei forte, tranquillada no teu apoio!... Continuarás mostrando-me o que é o mundo...

CARLOS. – (*com magua*) É bom sonhar!

BEATRIZ. – Não é um sonho!... Os soldados que nos rodeiam a casa hão de ir para longe, e tu estarás sempre junto a mim.

CARLOS. – (*abraçando-a*) Sempre... sempre a teu lado!

BEATRIZ. – (*reprehensiva, desconfiando*) Tu abandonares-me?!... Horrível suspeita...

CARLOS. – (*áparte*) Infernal tortura! (*alto*) Affastar-me, partir, deixar-te só!... Não supponhas tal!

BEATRIZ. – Que seria de mim, isolada, só com a Thereza?!... Quando estudavas em Lisboa, tinha a mamã, hoje só tu e a Thereza me acompanham... O papá pertence aos negocios.

CARLOS. – Se eu morresse?

BEATRIZ. – (*tapando-lhe a bocca*) Não digas mais... Sentes prazer em magoares-me?!...

CARLOS. – Perdoa-me!

BEATRIZ. – Promettes não tornar?

CARLOS. – Juro!

BEATRIZ. – No egoismo dos que soffrem, esquecia os outros... De volta do mercado o Thiago veio contar-nos uma grande desgraça.

CARLOS. – Desastre no trabalho?

BEATRIZ. – Não! Esta noite não se sabe quem, espancou um tecelão da nossa fabrica... Foi encontrado de manhã com o craneo fracturado, quase moribundo; a esvair-se no fundo d'um barranco no Couto... Recolheu á Misericordia e ha esperanças de salvação!...

CARLOS. – Um operario da fabrica... No Couto?

BEATRIZ. – Conheces o sitio?

CARLOS. – Conheço!... Reconheceram o ferido? (*áparte*) A associação é no Couto.

BEATRIZ. – Disse o Thiago ser homem novo e chamar-se...

CARLOS. – André?!...

BEATRIZ. – Como adivinhaste?!...

CARLOS. – (*exaltado*) Capital!... Vampiro a nutrir-se de sangue!... Já um cadaver a marcar o inicio da sanguinolenta lucta... A miseria a fazer

traidores e a gerar assassinos... Oh! sociedade iniqua, parto monstruoso de putrido ventre, como eu te odeio!

BEATRIZ. – Carlos!... A tua excitação...

CARLOS. – *(atalhando)* É filha do desespero!... Sabes quem é o homem que agoniza na Misericórdia?!... Um espião!

BEATRIZ. – *(com espanto)* Um espião?

CARLOS. – Sim, um esfarrapado Judas, que ha muito trahia os seus companheiros, tão rotos, tão famitos como ele... O dinheiro cegava-o! Esquecia as torturas dos que com elle soffriam e vendia a alma á ambição, como vendia o corpo ao trabalho... Bem o prophetisava; todos os Judas teem a sua figueira.

BEATRIZ. – Conhecias esse homem?

CARLOS. – *(tirando do bolso a carta do 2.º acto)* Lê!

BEATRIZ. – *(depois de lêr)* Infamia!... Provocavas á grève; diz! *(entrega a carta)*.

CARLOS. – Evitava-a, fazendo justiça; é este o crime que me imputam!... Eu provocava á paz, os cegos impelliam á grève; amassavam espiões no ouro do cofre-forte... Como procedi e como elles procederam; aconselhei o perdão, os somnambulos activaram o germinar do odio... Revejam-se na sua obra, sepulturas e prisões... Eu contemplarei a minha tranquillidade da consciencia não perturbada de pavidõ remorso ao encontrar-me só... Acordei cerebros, elles evocaram phantasmas. A avidéz produziu trevas, a justiça só fez luz.

BEATRIZ. – Sê generoso, erram por que não vêem!

CARLOS. – Tens razão!... Absolver é ser juiz... *(ouvem-se vozes ao F.)* O pae!... Retiro-me; adeus. *(sae)*.

SCENA IX

BEATRIZ e JULIÃO

JULIÃO. – *(entrando pelo F.)* Tu aqui! *(beija Beatriz)* Desculpa-me, Beatriz; vaes deixar-me só por alguns instantes!... Vou receber uma commissão operaria que me procura.

BEATRIZ. – Felicito-me por aqui estar!... Antes de retirar-me, faço-lhe um pedido. (*pega-lhe nas mãos*).

JULIÃO. – Dirás!...

BEATRIZ. – O papá vae terminar o conflicto, sim?

JULIÃO. – (*embaraçado*) Descança, hei-de diligencial-o.

BEATRIZ. – (*abraçando-o*) O papá é bom!... Soffremos tanto!... (*á porta da E.*) Não se esqueça. (*sae*).

SCENA X

JULIÃO, THIAGO e a comissão

JULIÃO. – (*vae á secretária e introduz n'uma das gavetas que fica entre-aberta, um revolver que tira do bolso*) Preparemos a recepção. (*toca no timbre*).

THIAGO. – (*ao F.*) Ás suas ordens!

JULIÃO. – A comissão que entre!... (*Thiago sae*) Hão de arrepender-se da insensata revolta! (*ao F. Thiago e tres operarios, para os operarios*) Sentem-se!... (*para Thiago*) Se me procurarem que esperem alguns momentos!... (*Thiago sae, para os operarios*) Aviso-os de que o tempo é precioso e não posso desperdiçal-o. A que veem?

1.º OPERARIO. – Sr. Julião!... Em nome dos nossos companheiros em grève ha um mez, desejosos de lhe porem termo.

JULIÃO. – (*atalhando*) Era mais prudente não a terem começado, evitava-lhes o sollicitarem agora...

2.º OPERARIO. – Não sollicitamos; buscamos justiça!

JULIÃO. – (*contendo a colera*) Já não sollicitam?!... Parlamentam só?!... Quando começam a impor condições?!...

3.º OPERARIO. – O senhor bem sabe quanto soffremos na fabrica... As multas deixam-nos sem feria e o sr. John trata-nos como cães.

JULIÃO. – E revoltaram-se?!...

1.º OPERARIO. – Que havíamos de fazer?!... As nossas mulheres andam esfarrapadas, as creanças são sacudidas brutalmente quando cançadas

adormecem e o salario não chega para vivermos... O sr. Julião sabe o que é ter filhos!

JULIÃO. – Que vocês inquietam, obrigando-me ao auxilio da força armada, que os amedronta e faz soffrer!

2.º OPERARIO. – Os nossos tambem soffrem!

JULIÃO. – (*colerico*) E como soffrem, vocês ameaçam com a dynamite que os sustenta... (*mostrando o jornal*) Leram já as ameaças d'este papelucho... Declaro que não me intimidam e jámais me obrigarão a recuar um passo só!

I.º OPERARIO. – Não tempos culpa do que ahi vem... «O Revoltado»⁴⁵⁰ é um jornal de Lisboa.

JULIÃO. – De que alguém d'entre vós é correspondente. (*mudando*) Vamos ao que interessa... Participo-lhes que a grève não me incommoda... A casa Silva & Marinho satisfaz-me as encommendas do estrangeiro... É quanto basta.

3.º OPERARIO. – A luctarem contra os pobres, os ricos dão-se as mãos!

JULIÃO. – Seguem-lhes os exemplos!... E não precisam assassinares infamemente os seus iguaes, como vocês praticam, esmoucando um companheiro d'officina!

2.º OPERARIO. – A traição merece a morte!

JULIÃO. – Defendes o acto?!... Talvez apodreças na cadeia.

I.º OPERARIO. – A cadeia será para todos!... A responsabilidade é collectiva.

JULIÃO. – (*dominando-se*) Finalmente que desejam?

2.º OPERARIO. – Que as multas acabem e o inglez abandone a fabrica.

⁴⁵⁰ *O Revoltado*, de Lisboa, começou a ser publicado em fevereiro de 1887 e continuou ativo até, ao menos, 1893, segundo informação de Vitor de Sá, que o caracteriza como anarquista. O diretor era José Augusto Guedes Quinhones, tendo como colaborador Eduardo Maia. Era continuação de *A Garlopa* (21 de março), mensário, órgão da União Fraternal dos Carpinteiros Civis, sendo impresso no Ateneu Operário, cooperativa de produção tipográfica. Como o anterior, o seu diretor era também Guedes Quinhones. Vid. SÁ, Victor – *Roteiro da imprensa operária...*, *op. cit.*, p. 76-77.

JULIÃO. – As multas, mantenho-as... Representam a garantia de perfeição nos productos, o sr. John, continuará na fabrica enquanto merecer a minha confiança... Só expulso aquelles que me não agradam.

3.º OPERARIO. – Reconsidere senhor; as multas são hoje arma para mesquinhas vinganças... Desgraçado do que desagrada ao sr. John, pôde contar que deixa de comer... E as mulheres, pobre da que não recebe sorrindo a côrte do inglez, é expulsa ou roubada no infimo salario.

JULIÃO. – D'antemão estou prevenido contra as insidiosas calumnias, que aprenderam a vomitar no convivio dos exploradores que os prevertem. (*mudando*) A unica concessão que estabeleço!... Entrem na fabrica depois syndicarei.

2.º OPERARIO. – Não podemos acceital-a!... Os nossos companheiros previram-n'a, antes de nos confiarem esta missão declararam não acceitar.

JULIÃO. – (*colerico*) Dizei em tal caso aos vossos companheiros que luctem de estomago vasio.

I.º OPERARIO. – Retomado o trabalho, justiça não seria feita!

JULIÃO. – (*indicando a porta*) Pódem sahir. (*a comissão sobe até ao F.*)

2.º OPERARIO. – (*descendo*) É a ultima palavra?

JULIÃO. – Retirem-se!... (*sae a comissão, Julião dirigindo-se para a D.*) Quizeram a lucta!... Hei de esmagal-os!... (*sae, entra Thereza da E. que tem estado occulta*).

SCENA XI

THEREZA, só

(*Entrando*) Nada resolvido!... A desgraça não quer abandonar-nos!... Confiava tanto na comissão... A altivez dos operarios, a teimosia do sr. Julião, tudo perderam... Que resultará agora... Um já agonisa no hospital. Baldadas promessas tenho feito. O cirio promettido á senhora da Paz⁴⁵¹,

⁴⁵¹ Nossa Senhora de Fátima. O papa Bento XV mandou inserir nas Ladainhas Lauretanias a invocação «Rainha da Paz», durante a Primeira Grande Guerra.

com que prazer lh'o levaria... Deus não quer! Experimenta-nos a coragem em dolorosa agonia... Seja feita a vossa vontade... O céu é surdo ás minhas orações... E eu a esperar a felicidade para dar a boa nova...

SCENA XII

THEREZA e CARLOS

CARLOS. – (*entrando*) Meu pae?

THEREZA. – Retirou-se ao quarto.

CARLOS. – A commissão?

THEREZA. – Já se foi... e nada fez!... Atraz d'aquella porta ouvi o que se passou... Nada resolvido!... O sr. Julião impoz como condição o voltarem ao trabalho para depois fazer justiça...

CARLOS. – E os operarios?

THEREZA. – (*com tristeza*) A gente da fabrica não accitou.

CARLOS. – Procederam como deviam. Victimias de secular esquecimento, ámanhã serenado o conflicto, esquecel-os-hiam de novo. (*mudando*) Boa Thereza, a occultas de minha irmã has de preparar-me as malas... Parto esta noite!

THEREZA. – (*com espanto*) Preparar as malas?!... Parte esta noite?...

CARLOS. – (*abraçando-a*) Parto e despeço-me!...

THEREZA. – (*com espanto*) Despede-se!...

CARLOS. – Parto, para não mais voltar.

THEREZA. – Adivinho nova desgraça... Santo Deus.

CARLOS. – Fui expulso!... Meu pae escreveu-me convidando-me a sahir.

THEREZA. – (*abraçando Carlos*) Mais um golpe! O sr. Julião expulsou-o!... A menina não resistirá.

CARLOS. – Pelo que tens de mais caro; peço-te lhe occultes a minha partida!... Escreverei depois.

THEREZA. – Que duras privações nos aguardavam.

CARLOS. – Socega! A minha partida talvez annuncie a volta da ventura que fugiu. Oxalá o meu sacrificio seja bastante.

THEREZA. – Expulso!... Forçado a abandonar a casa em que nasceu... Correr mundo ao acaso, quando o futuro lhe sorria. *(com raiva)* Malditas idéas!

CARLOS. – *(com brandura)* Não amaldições as idéas, condena os homens. A idéa é reluzente estrella cravada no azul do presente a illuminar o futuro, só o homem é lamacenta argilla infiltrada de podridão que mata.

THEREZA. – E Deus que de mim se não amerceia, deixando-me cahir no socego da morte... Os novos desaparecem, e eu continuarei a soffrer.

CARLOS. – Lembra-te de Beatriz!

THEREZA. – *(com exaltação)* Vou lançar-me aos pés de seu pae, rogar-lhe, supplicar-lhe, não seja cruel. As minhas lagrimas hão de impedir que um tão grande desgosto nos fira. Tenho a certeza que o sr. Julião não resistirá, pedir-lhe-hei em nome de sua santa mãe... É impossivel!... Eu sonho!... É metirosa tal noticia. Não creio que um pae expulse um filho... Vou ter com elle e tudo findará. *(vae a dirigir-se para a D.)*

CARLOS. – *(com energia, tomando-lhe o passo)* Prohibo-te Thereza que supplices a meu pae... O perdão era uma compra, a supplica uma traição... Amanhã, ficando, teria forjado a calceta que acorrentaria á sociedade, que busca ser juiz, e só consegue ser carrasco... Ser homem e ser livre, é aspiração incompativel com um perdão de que não careço. O que procura ser justo, não póde ser réu... O perdão era um insulto, acceital-o era uma infamia. *(mudando)* Previne meu pae de que preciso falhar-lhe. Tenho que dizer-lhe antes de partir.

THEREZA. – *(implorando)* Consinta!

CARLOS. – Nunca!... Vae avisal-o!

THEREZA. – *(saindo)* Já não tenho lagrimas!

SCENA XIII

CARLOS e JULIÃO

JULIÃO. – *(entrando)* Mandou chamar? O que me quer?...

CARLOS. – Recebi uma carta intimando-me a sair.

JULIÃO. – Custosamente escrevi!... A necessidade impoz-se...

CARLOS. – (*activo*) Não peço reconsiderere!... Reconsiderar é duvidar do juizo formado.

JULIÃO. – (*ironico*) E não me enganei?

CARLOS. – (*atalhando*) Personificando em mim, ideaes que repudia. (*mudando*) Outro é o fim da conferencia que sollicitei.

JULIÃO. – Prompto a ouvil-o; peço-lhe que exponha.

CARLOS. – Serei breve!... Ha um mez que o pessoal da fabrica, justamente irritado, abandonou o trabalho, cansado de soffrer as ultimas vilanias... A pretexto de disciplina, a multa tem sido vingativa arma ao serviço de indignas paixões e até vicios.

JULIÃO. – Ha momentos que o mesmo ouvi da commissão operaria!... Apreciei como devia a indicação...

CARLOS. – Não investigo!... Devia affirmar, porém, antes de retirar-me, ser perigosa a influencia que o inglez John...

JULIÃO. – (*atalhando, disfarçando a colera*) Sobre mim exerce?... Sou pois um mentecapto?

CARLOS. – Attribute-me pensamentos que não tenho!... É um illudido!

JULIÃO. – (*com força*) Um illudido!... Eu, que tenho buscado firmar em segura origem os acontecimentos... Louca vaidade incita ao infiltrar de perigosas theorias em rudes cabeças, préga-se a subversão de todos os principios moraes, mina-se constante e porfiadamente a ordem social, faz-se camaradagem com seres infimos, arrasta-se em ignobil desprestigio a auctoridade que vem da casta, da superioridade natural, da aristocracia, direi, que resulta da instrucção superior, abandalhamo-nos em convivios que não honram e depois... (*com forçada ironia*) Ao surgir das responsabilidades consequentes a um proceder tresloucado e indecoroso, evitamol-as cautelosamente no director... e nas multas!... Se não causasse desgosto provocaria o riso.

CARLOS. – N'este momento, não sou juiz, nem reo!... Não accuso, nem me defendo... Tão sómente ao abandonar d'esta casa procuro dar á minha consciencia o goso superior de ter contribuido para a sua felicidade.

JULIÃO. – É tardio o arrependimento!

CARLOS. – Não tenho que absolver-me!... Cumprindo integro o meu dever como homem e como filho, não me entenebrece o espirito a sombra de uma falta. (*mudando*) Não foi a exprobações que vim, só o porvir póde julgar os homens!... (*com força*) Os operarios teem rasão, assiste-lhes inteira justiça, naturalmente revoltam-se, nasce a grève, periodo em que santas e puras manifestações de solidariedade humana, irrompem e contrapõem-se ao egoismo e á injustiça... Os operarios luctam, os famintos e esfarrapados que só conhecem termo ao soffrimento na valla em que commumente apodrecem, apoz uma vida de trabalho, gloriosa epopea da lucta do homem com a Natureza, não são ouvidos; perseguidos como perigosa alcatêa, as bayonetas rutilam ao sol, a associação é-lhes vedada; lançados á rua, são dispersos á coronhada sem distincção, velhos, mulheres e creanças!... Recua vil a escoucear, açoutar-se?... É toda a justiça feita aos constructores da felicidade dos outros!...

JULIÃO. – Onde quer chegar?

CARLOS. – A que ceda aos operarios! Ha entre elles, paes, esposos e irmãos...

JULIÃO. – Que me violentam pelo numero, obrigando-me a suspender a laboração da fabrica!... Paes, esposos e irmãos que me insultam em nojentos jornaes e me apontam á vingança elogiando a dynamite!... Miseraveis que não hesitam ante o assassinato e lançam no fundo de um barranco a victima das suas odientas perseguições, depois de infame e cobardamente espancada. (*com disfarçada colera*) A sociedade futura póde aceitar como base o assassinato, a sociedade contemporanea reserva-lhe a cadeia... (*com energia*) Não cedo!... Usaram da força, empregaram a violencia, hão de soffrer-lhes inteiras as inevitaveis consequencias!... Quem proteje o assassino, não póde ser meu filho.

CARLOS. – Accusa-me?

JULIÃO. – De assassinato!... A responsabilidade moral, pertence-lhe!

CARLOS. – (*com energia*) Assassino!... Eu que busquei a paz, eu que tenho empregado a vida a adoçar o travor irritante do fel do salariato...

Escutei os queixumes, desarmeí as ameaças, analysei o odio, prescritei as mais intimas causas do mal estar sempre crescente, que divide os homens em adversos bandos, e sou um assassino!... Os que rodeiam os filhos de espíões, favorecendo a mortifera corrupção que tudo invade, os que põem o ouro ao serviço da traição, esquecendo a moral propria no aviltamento dos outros, esses são innocentes!... Zombam da fome d'um maltrapilho, transformando-o em indigno delator e repugna-lhes o escalpello depois de gerarem o cancro. Onde está a logica?!... Voou; talvez nauseada do pestilencial paul, em que a humanidade chafurda, como imbecil cevado!... Piedade ao lobo que de surpresa ataca o descuidado rebanho, ignominia ao pastor que empunha o cajado, defendendo-se e vingando-se... Nem é vingança é só defeza!... Não sou eu expulso suspeito de traição?... Igual direito assiste aos que sem protecção, nem amparo, grandes na sua audacia de pygmeus a esgrimirem com um colosso, evitam secretos botes que enlameiam o florete do duellista e o nivellam á navalha do villão emboscado em tenebrosa alfurja!... *(tirando do bolso a carta do 2.º acto)* Pertence-lhe, pagou-a.

JULIÃO. – *(vendo a assignatura)* Esta carta!

CARLOS. – *(atalhando)* É infame e calumniosa. A tanto leva o premio á traição.

JULIÃO. – *(com energia)* Calumnia!... *(com espanto)* E ousa affirmar-o!... Infames brochuras povoam-lhe o quarto, faz côro com perigosos bandidos, com envenenado halito empesta a alma de uma donzella, põe em risco o futuro de uma irmã, enlevado na enganadora miragem d'uma popularidade lisongeira á vaidade que o anima, esquece o que deve ao seu nome, á casa em que nasceu, ás tradições honradas da sua familia; sacrifica aos applausos da turba ignara a tranquillidade de seu pae e quem sabe se a vida, abusa da posição que occupa e propaga dissolventes theorias, victima a familia e julga-se ainda auctorizado para defender os operarios!... É irrisorio!

CARLOS. – *(começa a ouvir-se fóra o rufar longinquo do tambor)* A defender os que trabalham cumpro um dever!... Do braço dos operarios

sahiu a instrução que possuo, do suor dos trabalhadores nasceram os meus confortos e regalos... Se nascesse pobre, miseravel como um filho de tecelão, as aulas não me franqueariam os bancos, se meu pae fôsse um esfarrapado pária, esquecido e ignorado não teria tido mestres, nem livros, se meu pae vegetasse nos horrores da miseria embrutecedora, não teria eu despreocupada, alegre infancia, folgando durante largos annos em mimoso jardim... O inferno da fabrica esperava-me, a sineta marcar-me-hia o repousar; não poderia preguiçosamente em frigido dia de inverno, demorar o contacto do ar frio, nem minha mãe, contemplar-me á noite, rosado, feliz, no doce conchego do leito agasalhado... As penas dos meus colchões são lagrimas dos que adormecem vestidos⁴⁵² no soalho!... E os felizes não querem vêr!... Allucina-os o desgosto do pequenito que quebrou futil brinquedo⁴⁵³ e não teem um olhar de compaixão á creancita esfomeada, faces pallidas, invadida de anemia, que, ao romper da aurora se ergue da miseravel enxerga e vem descalça, pisando a geada da noite, aguilhoada por intima desventura transpor a porta da fabrica, a concorrer com o pae, amanhã expulso pelo trabalho do filho!... Abrem os olhos á luz do dia e a sociedade fal-as servas dos que tambem creanças sorriem inconscientes... O filho do rico!... O filho do pobre!... Não serão todos creanças?!...

JULIÃO. – Perdido sem remedio!... Corrompido o espirito por viciosa metaphysica é um inimigo e não um filho que me resta!... Odeio, odeio, profundamente as mentirosas utopias que me torturam, desgraçando-o!... Quando julgava poder tranquillo, descançar da titanica lucta mantida em improbo trabalho a conquistar sorridente futuro aos que amava, a adversidade feriu-me traiçoeiramente prevertendo aquelle que julgava soubesse ser o austero depositario do futuro d'esta casa... Enganei-me!... O sonho

⁴⁵² «Vestigios» no original. Corrigido segundo indicação das «Erratas» em SILVA, Ernesto da – *O capital...*, *op. cit.*, p. 88.

⁴⁵³ Este é o argumento do conto *Um reprobado*, publicado por Ernesto da Silva sob o pseudónimo de RUY – Folhetim do jornal *A Federação*. Um reprobado. *A Federação*. Lisboa: numero programma (1893), 17 de dezembro, p. 2-3. Texto reproduzido neste mesmo trabalho.

desfez-se!... Hei de ser eu, a despeito das cans que me revestem, quem continuará na brecha, mantendo o prestígio das tradições de trabalho que seus avós me legaram... O homem vigoroso em plena florescência da vida, cheio de seiva, negou o seu concurso ao velho, cansado, exausto de forças que não voltam e sorrindo embriagado, apoz chimericas e illusorias soluções, esqueceu pae, esqueceu a irmã, esqueceu os amigos, esqueceu-se a si proprio!... (*com energia*) Ainda hei de encontrar na frouxidão da decrepitude a coragem necessaria ao ensinar do caminho do dever.

CARLOS. – Meu pae! (*começa de longe a ouvir-se ruido de vozes*).

JULIÃO. – Não tenho filho!... Morreu!... Como um cigano aos baldões da sorte, vagueará errante pelo mundo, perseguido, sem encontrar guarida... O nome honrado da familia ha de dar logar ao nome do expatriado aventureiro, alvo da vigilancia policial... Entreviu no tresloucado delirio compensadora celebridade e só obteve a attenção dispensada ao foragido *escroc*.

CARLOS. – Meu pae!

JULIÃO. – Indigna-se? Revolta-se?... Uns restos de pudor esquecidos ao contagio... Eu, posso ficar só, luctando pela vida, abandonado junto de sua irmã, que poucos annos poderei proteger; o filho póde ser coveiro do pae, comprometter a felicidade de uma creança, lançar os seus na mais lancinante desolação e não ha de sentir o cauterio purificador da cancerosa chaga?... Não, mil vezes, não, antes de partir a juntar-se ao esfarrapado bando que o espera fóra do portal, ha de ouvir toda a verdade e sahir levando estampado na fronte a traição d'um filho que renegou os paes! (*ouvem-se fóra as vozes de commando militar*).

CARLOS. – Está exercendo uma violencia!

JULIÃO. – Adjective como entender, nada me impedirá julgal-o singular producto da degenerescência da epoca!... Assalta-me o espirito a duvida de lhe correr nas veias o meu sangue.

CARLOS. – (*indignado*) A tal insulto!... A rasão foge-me.

JULIÃO. – Ameaça-me?... A nova phylosophia auctorisa o desrespeito ao pae?

CARLOS. – *(apontando o retrato da mãe)* Não ha irreverencia e só ha ensino, quando a paixão exacerbada, depois de escarrar nos vivos, não se detem ante a quietação do sepulchro!... *(olhando o retrato)* Minha mãe, perdoa; um cadaver já não é barreira á loucura do egoismo!

JULIÃO. – *(com força indicando o F.)* Sáia!...

(Fóra começa a ouvir-se o rumor do povo junto ao edificio, Beatriz e Thereza entram apressadamente, Beatriz corre a Julião, e Thereza a Carlos. Ouvem-se vozes de commando militar, o bater das armas no chão á voz de (Á vontade)! Sussurro, gritos, etc.)

SCENA XIV

Os mesmos, BEATRIZ e THEREZA

BEATRIZ. – A gente da fabrica!

JULIÃO. – Os operarios?!...

THEREZA. – *(para Carlos)* Sr. Carlos, evite uma desgraça.

CARLOS. – *(com afflicção)* Que fazer? *(ouvem-se vozes ao F.)*

SCENA XV

Os mesmos e OFFICIAL

OFFICIAL. – *(entrando pelo F.)* Desculpem-me v. ex.^{as} a brusca apparição. *(para Julião)* A gente da fabrica rodeia o edificio. Os mais resolutos já foram obrigados a guardar respeitosa distancia, mercê d'algumas coronhadas. A multidão uiva, braveja e diz querer fallar a v.ex.^a... Espero as suas ordens.

JULIÃO. – Não recebo parlamentarios... Sr. Official, proceda como julgar conveniente ás instrucções recebidas.

OFFICIAL. – Asseguro a v. ex.^{as} que em breve as proximidades ficarão limpas de discolos... Esgotada a prudencia usarei de outros meios a afugentar a canalha... Alguns soldados foram já tocados pelas pedras arremessadas d'entre os grêvistas! *(sabindo)* Ás suas ordens!...

SCENA XVI

JULIÃO, CARLOS, BEATRIZ e THEREZA

CARLOS. – *(para Julião)* Um conflicto sangrento vae fazer victimas!... Os operarios estão cegos pelo desespero!... Ceda senhor!

BEATRIZ. – Ceda papá!... São justas as palavras de Carlos.

THEREZA. – Sr. Julião o sangue vae correr!

JULIÃO. – Querem vencer-me pelo terror!... Não cedo!... Quem os provocou?

CARLOS. – A insensatez!

THEREZA. – Sr. Carlos, vá ter com o povo, falle-lhe, os operarios respeitam-n'ó.

JULIÃO. – *(com exaltação)* Como é grandiosa e bella a sua obra... Corra áquella janella, contemple-a, enebrie-se com o referver da turba dos seus amigos «pés descalços» a gritarem na rua contra o que foi seu pae. Ufane-se, orgulhe-se do fructo do seu trabalho!... Arraste-me, ferido e ensanguentado e entregue-me á colera infame das bestas a quem envenenou o cerebro... *(indicando Beatriz)* Ahi tem sua irmã, offereça-a em holocausto ás suas luminosas theorias!... Eduque-se no ulular da plebe desenfreada a poder ser pae!... Quem sabe o que o futuro lhe reserva!... Um dia virá talvez em que um filho incite a populaça a jogar-lhe lama ás faces, vingando-me da sua infamia!... Complete o quadro. *(estendendo-lhe um revolver)* Os seus amigos querem sangue!... Assassine-me!... E dentro d'esta casa dê o signal de victoria!... Vá, não hesite, é assim que procedem os traidores! *(o ruido augmenta)*.

CARLOS. – *(com dignidade)* Esquece que um filho se deshonra como homem, ouvindo taes insultos!

BEATRIZ. – Meu pae!... meu pae!... Socegue, socegue!...

THEREZA. – *(para Carlos)* Pela memoria de sua mãe!... Desça á rua... Aquiete o povo!

CARLOS. – Não posso fazel-o.

JULIÃO. – *(com ironia)* Não desça. Salve a popularidade que ameaça naufragar!... O mais é nada!...

CARLOS. – Permitta que uma commissão suba até aqui.

JULIÃO. – Não desço até á canalha, permittindo-lhe que suba até mim!... Os sentimentos dos esfarrapados maltrapilhos estão bem representados no filho indigno expulso pelo pae.

BEATRIZ. – (*abraçando-se a Carlos*) Expulso?!...

THEREZA. – Menina Beatriz!... Menina Beatriz!... (*para Julião*) Por Deus senhor!

JULIÃO. – Deixa-me!... Teu filho o miseravel que arranquei á miseria, tambem me cospe! (*entram pela janella pedras que quebram os vidros*).

THEREZA. – Pedras?!... (*dirige-se á janella*).

BEATRIZ. – Pae!

JULIÃO. – Estilhaçam os vidros!... Arremessam pedras!... (*para Carlos, indicando as pedras*) São estes os cartões de visita dos seus correligionarios?!...

CARLOS. – Attenda, senhor...

JULIÃO. – A força vae esmagal-os!... Olho por olho, dente por dente!

BEATRIZ. – Que horrivel soffrimento, meu Deus!

CARLOS. – Pela ultima vez!... Cede?!...

BEATRIZ. – Os soldados vão matar!

JULIÃO. – Querem sangue os revolucionarios, fazem-lhe a vontade!... O assalto á casa faz parte da comedia... Jogam a ultima cartada. Hão de perdela!... Rodeado de mulheres fiavam do terror o perdão a tanta vilania!... Enganaram-se!

THEREZA. – (*junto da janella*) Os soldados empurram o povo!... Horror!... As mulheres são furias, os homens são demonios!

BEATRIZ. – Em breve haverá cadaveres!

THEREZA. – Vá, sr. Carlos!... Vá depressa!

CARLOS. – (*para Julião*) Precisa de sangue?... É indispensavel o vermelho charco á vida do capital?... Pois bem!... O meu logar não é aqui!... Na vanguarda dos que luctam levados pela desesperação é que devo estar!... Sangue, muito sangue é o objectivo?!... O meu vae correr e sujar-lhe as cans e a alma!... Adeus!... (*vae para sabir*).

BEATRIZ. – (*agarrando Carlos*) Carlos!... Não sairás, não consinto, tu não me abandonarás!... O teu lugar é junto a mim!

CARLOS. – Deixa-me, Beatriz! (*ouve-se rufar o tambor, vozes de ordenança, carregar armas*).

JULIÃO. – Detenha-se!

CARLOS. – Cede ás reclamações dos operarios?!...

JULIÃO. – Fique!

CARLOS. – Os minutos são preciosos!... A demora é cobardia!... Quem contra desarmados e famintos, mulheres e até creanças, manda apontar as espingardas da ordem, não tem direito a poupar um filho!... Tenha animo, já que não tem coração... Sorria-se tranquillo e seja o meu algoz.

BEATRIZ. – (*ajoelhando diante de Julião*) Pela memoria da mamã!... Já não tenho forças!... Os soldados matam e o remorso será eterno!... Ceda, meu pae!... ceda!... (*beija-lhe as mãos*).

THEREZA. – (*junto da janella*) A multidão avança!... É elle! O meu Pedro!... (*gritando para fóra*) Filho! (*com desespero*) Não me ouve!... Os soldados preparam-se!... O official dá ordens.

JULIÃO. – (*com raiva*) Destroem-me o futuro, torturam-me a alma, assaltam-me a casa, cospem-me injurias, ameaçam-me com a dynamite, e tenho que ceder!... Ceder á esfarrapada turba que amanhã me appupará ao defrontar-me, mostrando-me n'um sorriso a abjecção a que sou obrigado!... Como eu seria feliz estrangulando nas minhas mãos os andrajosos párias!

BEATRIZ. – Seja humano!... Amanhã sobre a sua cabeça choverão as benções!

THEREZA. – (*junto da janella*) D'aqui a pouco virão ás mãos soldados e operarios!... Uma creança a sorrir olhando a força... Batem n'um velho!... Empurram o povo, pisam-n'o... Infames!... Infames!...

CARLOS. – Nem mais um instante!

JULIÃO. – Chame o official!

CARLOS. – Cede?

JULIÃO. – Falle á multidão!... Acalme-a!... Recebo a commissão!

THEREZA. – *(junto da janella)* É fatal!... Oh!... Meu Deus!... Filho! filho!... Vão matal-os!... O meu filho á frente!

BEATRIZ. – *(correndo para Thereza)* Thereza!

CARLOS. – Cede?

JULIÃO. – Cedo! *(ouve-se uma descarga, gritos, tropel, como se a multidão fugisse)*.

THEREZA. – Pedro!... Morto!... *(cae nos braços de Carlos e Beatriz)*.

JULIÃO. – Maldição!

BEATRIZ. – Thereza!... Thereza!... Acudam-me! *(entram Thiago e Susana que ficam juntos de Beatriz)*.

CARLOS. – *(olhando Thereza)* Mataram-te o esposo, assassinaram-te o filho!

JULIÃO. – Maldição eterna o persiga!

CARLOS. – Chacaes de ouro a encherem o cofre ahi teem mais cada-veres! Cevem-se!...

JULIÃO. – *(indicando a porta)* Sáia!⁴⁵⁴

CAE O PANNIO

ACTO QUARTO

A scena representa uma sala mobilada com gosto, luxo e simplicidade, portas lateraes e ao F. porta communicando com o jardim á E. A., junto á parede da D. um fogão, relógio e um espelho, um biombo á D. A. e á E. B. mesa com livros e illustrações. Ao subir o panno Beatriz está junto da janella e conversa com Thereza que está á mesa.

⁴⁵⁴ O confronto entre os operários e a polícia, produto de uma greve numa fábrica textil, foi descrito por Ernesto da Silva no conto «A fabrica». Vid. RUY – Folhetim do jornal A Federação. A fabrica. *A Federação*. Lisboa: nº 10 (1894), 11 de março, p. 2-3.

SCENA I

BEATRIZ e THEREZA

BEATRIZ. – (*junto da janella*) O céu a ameaçar chuva. É triste o inverno, as arvores despem-se, as flôres morrem; invade-nos a alma pungente melancholia e o soffrimento exacerba-se. (*retira-se da janella e desce*). Estamos em novembro!

THEREZA. – (*com tristeza*) Novembro!... Mez de dolorosas recordações!...

BEATRIZ. – Não olhes o passado. É apunhalar o espirito!... Ha um anno que a alegria fugiu, para não mais voltar. Esperançado no cicatrizar da ferida o papá veiu fixar residencia em Lisboa. Puro engano!... A vida da cidade, estonteia, embriaga, mas não pôde arrancar-me da alma o espirito que n'ella se cravou. Ao contrario; a felicidade dos outros, irrita-me, tortura-me, levando-me a perguntar a mim mesma o que fiz, para não merecer a ventura... Sinto saudades da provincia, ali resta-nos o prazer da quietação; aqui, as visitas succedem-se, mascarando lisonjeiras banalidades, postiga amisade, avidas de prescutarem, indagando o intimo do lar alheio... Na caça de um assumpto não ha respeito á dôr... Precisamos desabafar, dar logar ao pranto e temos de rir como palhaços a ganharem o pão... O espirito não pôde sair fóra da acanhada arena do figurino e do sarau.

THEREZA. – Na cidade ha distracções...

BEATRIZ. – (*atalhando*) Destruidoras da simplicidade que me deleita e apraz.

THEREZA. – Para a menina ser feliz, quanto o sr. Julião se esforça.

BEATRIZ. – A felicidade não se compra... Nem sempre o conforto gera o sorriso... Não viviamos alegres?

THEREZA. – É verdade!

BEATRIZ. – A adversidade feriu-nos um dia no que tinhamos de mais caro e jámais o dinheiro reconquistou o que a desgraça empolgou!... Não é assim?

THEREZA. – Com acerto fala, menina. (*com tristeza*) O meu Pedro!...

BEATRIZ. – (*abraçando-a*) Perdoa-me!... Incorrígivel a provocar-te o desgosto, quanto desejava ver-te sorrir.

THEREZA. – Sorrir!... Nunca mais!

BEATRIZ. – Não me tens amor, Thereza?

THEREZA. – Eu!... Não lhe ter amor, que a vi nascer e trouxe ao peito... Quem havia de amar?

BEATRIZ. – Perdoa-me de novo... É do dia!... Sinto-me nervosa.

THEREZA. – (*á parte*) Infeliz menina! (*alto, reprehensiva*) Não tenta distrahir-se?... Sempre triste!...

BEATRIZ. – Vês-me através da tua amisade... Exaggeras!

THEREZA. – Ha quem mais alto o affirme! (*apontando o piano*) Aquelle!...

BEATRIZ. – O piano?

THEREZA. – Nunca mais tocou.

BEATRIZ. – (*olhando o piano*) Esquecido!... O amigo de tantos annos, interprete das minhas alegrias, confidente dos meus pezares... Nunca mais tocou!... Que havia de tocar?... Traduzir em funebres harmonias a dôr que me domina?... Não! Adormecer o meu soffrimento, augmentaria o dos que me rodeiam... Continuará mudo!

THEREZA. – (*com tristeza*) Pede-me alegria e não consegue afugentar o desgosto. (*á parte*) Estava escripto! (*alto*) O sr. Carlos não escreve ha muito?

BEATRIZ. – Ha um mez. A ultima carta annunciava-me a sua vinda a Lisboa.

THEREZA. – Resolveu não ir á Africa?

BEATRIZ. – Attendeu ás minhas supplicas e só abandonará a Belgica para collocar-se em Portugal.

THEREZA. – Pobre menino!... Á mercê do acaso por esse mundo de Christo, sem carinhos, nem confortos, longe da familia, longe da terra em que nasceu... (*mudando*) A Belgica é muito longe?

BEATRIZ. – É muito longe é!...

THEREZA. – Velha, cançada, não tornarei a vel-o?... Talvez!

BEATRIZ. – Quem sabe!... Devaneios!... Carlos expulso não voltará mais.

THEREZA. – *(atalhando)* Não nos é dado adivinhar o futuro.

BEATRIZ. – Desço ao jardim...

THEREZA. – A tarde está fria.

BEATRIZ. – Preciso de respirar o ar livre. Os nervos irritados, torturam-me... *(vae a sair)*.

SCENA II

Os mesmos e THIAGO

THIAGO. – *(entrando pelo F., muito inquieto)* Ah! menina Beatriz; ah! sôra Thereza.

BEATRIZ. – Assustas-me, Thiago!

THEREZA. – Explique-se homem de Deus.

THIAGO. – *(cobrando animo)* Na verdade! É de um homem ir abaixo.

BEATRIZ. – O que motiva tal afflicção?

THIAGO. – Se soubesse, menina Beatriz... Não faz idéa... O sr. Carlos está em Lisboa!

BEATRIZ. – Meu irmão?!...

THEREZA. – O menino?!...

BEATRIZ. – Em Lisboa?

THIAGO. – É como lhes digo!... *(mudando)* Já hontem por esta hora notára um sujeito passeiando na rua a olhar muito cá para as janellas. O desconhecido caminhou a rua de baixo para cima, e de cima para baixo até anoutecer. Quem havia de dizer que era o sr. Carlos... Barba crescida, atrigueirado, não parece o mesmo. Faz grande differença... Ha bocado, de novo o sujeito appareceu na rua e na verdade, não poude conter-me e saí. Ainda não tina dado meia duzia de passos e já o sr. Carlos me batia n'um hombro, chamando pelo meu nome; ao ouvir-lhe a voz reconheci-o. Era elle!...

BEATRIZ. – Já partiu?

THIAGO. – Sim; menina Beatriz... Antes de retirar-se, esteve falando commigo, e escreveu-lhe este bilhete. (*entrega um papel a Beatriz*).

BEATRIZ. – (*lê*) Querida irmã: – Cheguei ha dois dias, poder-te-ia ter já escripto, servindo-me do processo que conheces. Evitei fazel-o; necessito mais alguma cousa, quero abraçar-te antes de partir para o norte onde vou dirigir uma exploração mineira. Pelo Thiago soube que das oito á meia noite, estás só com a Thereza. Espera-me. Entrarei pelo jardim. – «Carlos». (*com alegria*) Como sou feliz, abraçar Carlos, tornar a vel-o, o sonho é realidade.

THEREZA. – Rasão tinha quando affirmava não podermos adivinhar o futuro.

THIAGO. – (*para Beatriz*) Dei a chave do jardim ao sr. Carlos. Ficou combinado o signal da saida do sr. Julião... Como vêem, está tudo bem preparado. (*ouve-se dentro tocar um timbre*) O patrão chama-me... (*para Thereza*) Não me comprometam! (*sae pelo F.*)

SCENA III

BEATRIZ e THEREZA

BEATRIZ. – (*olhando o espelho*) O rosto denuncia-me!... Não sei como occultar a alegria que me invade.

THEREZA. – Costumada a vel-a triste, sou feliz hoje. Vejo a sorrir como outr'ora.

BEATRIZ. – (*olhando o relógio*) Ainda tão cedo! (*fitando Thereza*) O teu olhar brilha com desusado fulgor.

THEREZA. – É o espelho da alma!... Procuo dominar-me e não posso, sinto o coração aos pulos.

BEATRIZ. – Vou matar o tempo tocando. (*dirige-se ao piano*).

THEREZA. – (*receiosa*) Que faz menina!... Seria annunciar ao sr. Julião um facto extraordinario.

BEATRIZ. – Tens rasão!... Lêr não posso, o espirito não se fixaria; se adiantasse o relógio, pareceria o tempo mais curto.

THEREZA. – Enloqueceu?!... O tempo é sempre tempo.

BEATRIZ. – Desçamos ao jardim, falando em Carlos, esperaremos o anoutecer... Vamos?

THEREZA. – *(seguindo Beatriz)* Vamos. *(áparte)* Só o meu Pedro não voltará. *(descem ao jardim)*.

SCENA IV

JULIÃO, só

(entra e vem sentar-se á E. B. junto á mesa, monologando). Nada me resta!... Família não a tenho, fortuna desapareceu. Luctei uma vida inteira, esgotei trabalhando a energia da mocidade e apoz tanto labor encontro-me arruinado, sem recursos quase... Joguei na Bolsa!... Perdi!... E tenho occultado tão desastroso fim. Beatriz já não sorri e ámanhã chorará, quando os credores nos expulsarem d'esta casa... Expulsos!... Ha um anno que a vida me peza, incommodo fardo que me averga e acaba por esmagar-me... Beatriz, definha nostalgica da vida d'outr'ora, foge ao convivio e recolhe-se; Thereza anda na casa qual espectro vingador a recordar-me a morte do filho, e eu só... accumulando vigílias sobre vigílias, a locubrar, a comprehender, a adivinhar os Judas que no objectivo de me precipitarem no abysmo em que me despenho, fingiram ardilosa protecção. *(pausa)* Já não tem remedio!... Acordei tarde. Seduzido pela riqueza, comprei acções; os altos-fornos a empreza de seguras garantias, gorou. A fabrica agonisa, semelhando vida e a fabrica visinha prospera e desenvolve-se. Ah! refalsados traidores, quem lhes adivinhara os intentos offerecendo-me auxilio durante a malfadada grève. Substituirem-me nos mercados estrangeiros era o alvo a que visavam e atingiram-n'ó. E não ter um confidente, um coração amigo, inegalavel supplicio... Um filho perdido, a filha a estio-lar, a fabrica a fechar a porta, a fortuna aniquilada, ámanhã a fallencia, a ruina, lançando-me as garras recurvas ha de esphacellar-me, apertar-me no torniquete d'amargo soffrer... Os conhecidos, fechadas as salas, findos os banquetes, abandonar-nos-hão... Voltarei á provincia a devorar em curto

periodo os restos do naufragio!... Não! Esgotado o ultimo recurso, só me resta morrer. (*fica pensativo*).

SCENA V

JULIÃO, VISCONDE e depois THIAGO

VISCONDE. – (*entrando pelo F.*) Preocupado como costuma?

JULIÃO. – (*levantando a cabeça*) É o visconde, estimei que chegasse.

VISCONDE. – Sempre ás ordens!... Extranho-o, amigo Julião, está doente?

JULIÃO. – Uma nevralgia facial, persegue-me ha dias.

VISCONDE. – A homoepathia⁴⁵⁵ é infallivel! (*áparte*) Nevralgia financeira, ruina que se aproxima.

JULIÃO. – Devo-lhe uma confidencia, visconde.

VISCONDE. – A mim?

JULIÃO. – Ao visconde!... Ha dois annos que o visconde frequenta a minha casa, facilmente comprehende que a perspicacia paternal me levou a descobrir secreta inclinação a Beatriz, por parte do visconde... Interrogado o visconde foi leal e declarou amar minha filha. Deu-me prazer tal declaração, não busco occultal-o. Sobejos merecimentos vi no meu futuro genro.

VISCONDE. – Confunde-me.

JULIÃO. – Sou verdadeiro, não ha motivo de agradecimento... Moço, tendo já passado o periodo tempestuoso, em que a mocidade é cega; possuindo largos meios, representante de nobre familia a sua escolha lisonjeava até, a minha obscuridade de simples trabalhador...

⁴⁵⁵ Desde as primeiras publicações de Samuel Hahnemann (1755-1843) em 1796 entornou ao que denominou «medicina homoepática», esta escola gozou de um certo prestigio ao longo do século XIX, não obstante as críticas de que também foi alvo. Ernesto da Silva aludirá a ela em outras ocasiões. Sobre a homeopatia vid. por exemplo, SÁNCHEZ LIÉVANO, Claudia Viviana – *Breve mirada al desarrollo de la historia de la homeopatía en el mundo durante los dos últimos siglos*. Universidad de Colombia, Facultad de Medicina, Maestría en Medicina Alternativa. Bogotá: D. C. Colombia, 2013; e LÓPEZ ESPINOSA, José Antonio – Notas para la historia de la homeopatía. *Revista Cubana de Medicina Gen Integr* 15(5) (1999), p. 587-590.

VISCONDE. – Nobreza superior a do trabalho a que reverente me curvo.

JULIÃO. – Faltava a opinião de Beatriz sobre assumpto tão melindroso. Consultada, nada de positivo respondeu... Que esperassemos, vivia feliz, não antypathisava com o visconde, etc... Desejoso de a não obrigar a uma união que lhe não sorrisse, consultei-o e commigo accordou em esperar, fiado que a dedicação e sollicitude vencessem um coração virgem... O visconde adivinhara o excepcional temperamento de Beatriz e persistente tem luctado durante largo periodo.

VISCONDE. – (*áparte*) Optima sahida. (*alto*) Na verdade, devo affirmal-o, nada consegui além da amisade e fino trato, que D. Beatriz me dispensa.

JULIÃO. – Ainda não é tudo. O visconde sabe que Beatriz possuia um dote superior que lhe permittia encarar o futuro sem dependencia.

VISCONDE. – Não falemos em tal. (*áparte*) Confirma-se a previsão.

JULIÃO. – Repugna á minha lealdade occultar-lhe um desastre que póde reflectir no seu futuro. Lembra-se! Um dia affirmei-lhe que decidida Beatriz a casar, seria um factu consummado a sua união com o visconde, que (recorda-me bem) me affirmou ser esse o seu mais caro desejo?

VISCONDE. – Recordo com saudade a doce quadra em que embalei o espirito, sonhando a felicidade!

JULIÃO. – Hoje a situação mudou... Beatriz é pobre... Estou arruinado!

VISCONDE. – Por quem é amigo Julião!... Adextrado n'uma vida de trabalho, em lucta constante pela vida, não póde succumbir...

JULIÃO. – Estou cançado!

VISCONDE. – É certo!... A adversidade tem-n'o perseguido rudemente. É porém nos grandes transes que se manifestam os grandes homens. Confesso-o; já sabia que fôra uma das victimas do «hrack» iniciado pela casa Beirão & Santos e que tantas outras victimas arrastou á ruina... Que importava!... O amor de sua filha era só o que buscava, nada mais. Idealisei um paraíso, sonhei perenne ventura amparado ao seio protector de idolatrada esposa e tudo era ficção enganadora, adoravel phantasia,

condemnada a morrer como nascera – sem esperança!... Ha dias escrevi a D. Beatriz, pedindo-lhe me desenganasse; destruisse d'um só golpe a paixão que me transformava a vida, em insofrível supplicio... O golpe recebido foi cruel, mas era indispensavel soffrel-o. Comprehede que a minha assiduidade junto de uma senhora que me não amava, tornava-se importuna e embaraçoso obstaculo ao seu futuro. Respondendo-me, D. Beatriz, affirmava-me não desejar mudar de estado, e ver em mim um amigo d'esta casa. Necessitava esquecer; um antigo amigo de familia proporcionou-me entrada na legação de Paris e ainda esta semana partirei para a grande capital... Quando ha pouco aqui entrei, vinha apresentar-lhe os meus respeitos e offerecer-lhe o meu prestimo na moderna Babylonia... No meio do bulicio da capital da França, vou ser um exilado a suspirar pela patria, onde me fica o coração angustiado, ferido no rude embate de crudelissima decepção.

JULIÃO. – Parte?

VISCONDE. – Que fazer? Longe de Lisboa tentarei cicatrizar a ferida que tanto sangra; liquidados os meus haveres e feitas as despedidas, partirei, deixando esta terra, onde não poderia viver feliz; ambicionei um Eden e o destino arroja-me como precito ao inferno d'onde não ha sahir. *(estendendo a mão)* Animo forte! A fortuna é caprichosa deusa e é mulher, amanhã, dispensar-lhe-ha divinal sorriso como hoje o tortura affastando-se. *(áparte)* Estou salvo!

JULIÃO. – Talvez.

THIAGO. – *(Ao F.)* O caixeiro do Banco chegou agora... Está no escriptorio.

JULIÃO. – *(para Thiago)* Vou já. *(Thiago sae, para visconde)* Concedeme um instante?

VISCONDE. – Pois não. *(sae Julião).*

SCENA VI
VISCONDE, só

Decididamente sou d'uma «macaca» a toda a prova. Tres annos de «cerco á dama», cultivo a paixão, faço madrigaes e quando esperava o bolo, o papá arruina-se tolamente em especulações bolsistas. Forte «carambolim!»... Por feliz me posso dar em ser a pequena, praça inexpugnável, do contrario ficava aceado... Um casamento sem dinheiro; equivalia um palacio sem telhado, queimar-me-ia o sol, encharcar-me-ia a chuva... Ah! se o Carlos cá estivesse já o papá não seria arrastado como um imbecil á jogatina da Bolsa, pelo amigo Oliveira. *(chegando á janella)* Lá anda ella... e ri... bravo! Hoje abandonou a tristeza, ignora o que se passa não ha duvida. *(abandonando a janella)* Podiamos ser tão felizes; caminhar-mos sobre trilhos de velludo! O diabo não quis e força-me a emigar. Ah! velho Isaac, debes ficar fulo quando conheceres a partida... Esperavas o dote, tem paciencia, soffre com resignação venerando «rabi», tambem eu o esperava e com que anciedade.

SCENA VII
VISCONDE e BEATRIZ

BEATRIZ. – *(entrando da E. A.)* O visconde!

VISCONDE. – *(respeitoso)* Minha senhora.

BEATRIZ. – *(com espanto)* Não o esperava!... Á quinta feira!... Faltou á recepção dos Fontoura?!

VISCONDE. – *(com tristeza)* Faltei!... A alegria dos que gosam, exacerba-nos a dôr!... E eu soffro.

BEATRIZ. – *(levemente ironica)* Soffre?!...

VISCONDE. – V. ex.^a demoliu sem piedade, o dourado edificio das minhas illusões.

BEATRIZ. – Empunhei o camartello?... Explica-se a ausencia do visconde... Trabalhos de reconstrucção.

VISCONDE. – D'um golpe aniquilou um futuro que entrevira côr de rosa... A carta de v. ex.^a...

BEATRIZ. – (*atalhando*) Julgava-o com mais espirito.

VISCONDE. – E menos coração? Consideram-n’o musculo, para mim é repositório de gratas imagens.

BEATRIZ. – (*rindo*) Album de familia!... Extirpe-o, visconde, ha risco de lesão.

VISCONDE. – Perdel-a-hia!... Não posso.

BEATRIZ. – Felicito-o. O espirito scintilla.

VISCONDE. – Acção reflexiva, é v. ex.^a quem o illumina.

BEATRIZ. – Eu o sol, o visconde a lua. «Astronomia popular» Flammarion⁴⁵⁶ aos domicilios.

VISCONDE. – Não é humano zombar de quem se exila alanceada a alma por fundo golpe.

BEATRIZ. – Parte?

VISCONDE. – A buscar lenitivo ao mal!

BEATRIZ. – A Lourdes?

VISCONDE. – V. ex.^a é cruel! Apunhala e gosa no stertor da victima.

BEATRIZ. – Por Deus! A tragedia arrepia-me, provoca sonhos maus! (*mudando*) É certo o visconde partir?

VISCONDE. – No sabbado para Paris!... V. ex.^a assim o determinou, morta a esperança que me animava, nada me resta em Lisboa.

BEATRIZ. – Seja rasoavel visconde; com justiça não póde accusar-me de causal do exilio a que se vota. Digamos de passagem o local escolhido é encantador.

VISCONDE. – Sem v. ex.^a?!... Não creia!

BEATRIZ. – O visconde frequenta ha dois annos a nossa casa, deixando-me entrever nas attenções, nos disvellos, na sollicitude que tem dispensado, satisfazendo os meus mais insignificantes desejos, sincera

⁴⁵⁶ Trata-se de uma muito conhecida illustração apparecida no livro de Camille Flammarion intitulado *L'Atmosphere: Méteorologie Populaire* (Paris, 1888). A Companhia Nacional Editora publicou o texto em português em 1893, em tradução de Salomão Saraga. Vid. FLAMMARION, Camille – *Astronomia popular. Descrição geral do céu*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1893.

amisade... Nunca me pediu esperança á paixão que occulta, acalentava no mais intimo do seu ser... Se como procedeu ha dez dias, tem procedido ha mais tempo a resposta seria identica; aceitei a amisade, não descobri o amor.

VISCONDE. – Esquece...

BEATRIZ. – Não comprehendí, eis o meu erro; falta de perspicacia.

VISCONDE. – A intuição...

BEATRIZ. – Acompanha a paixão. Não contradicto, o que affirmo é que não sentia; o visconde faz-me justiça, só acceitarei por marido quem me despertar o sentimento. (*mudando*) Confio no seu espirito ha de saber resistir á desillusão soffrida.

VISCONDE. – Guardarei intacta e perduravelmente a imagem de v. ex.^a

BEATRIZ. – (*com ironia*) Cautella com a lesão! (*mudando*) Sejamos bons amigos; a amisade tem suaves encantos e offerece maior resistencia á acção do tempo... Não acceita a minha amisade?

VISCONDE. – (*estendendo a mão*) Aceito!... Resignado e não feliz, olharei a taça sem esgotar o nectar.

BEATRIZ. – Um Tantalo moderno!... É melhor assim; não perturbará o cerebro... O visconde em breve, esquecerá gosando quanto soffreu sonhando.

VISCONDE. – Oxalá nunca acordasse.

BEATRIZ. – Transforma a paixão em catalepsia.

VISCONDE. – Estranho-a D. Beatriz!... Com intimo prazer vejo hoje, o que ha muito não via. V. ex.^a ostenta as finas galas de seu espirito superior; novamente a vejo risonha, feliz, expulsa para longe a melancholica nota que ha muito a caracterizava, perfumando a conversação com adoravel atticismo... (*intencional*) A violeta da soledade travestida na rosa de ridente colorido.

BEATRIZ. – (*confusa*) O visconde exaggerou! (*áparte*) Denunciei-me!

VISCONDE. – O ceu prodigo de rócio ha de proteger o viço que transluz de tanta louçania.

SCENA VIII

Os mesmos e JULIÃO

JULIÃO. – (*entrando*) Desculpe-me visconde.

VISCONDE. – Não tenho que desculpar-lhe. Os negocios são o lado pratico da vida. Não ha fugir-lhes.

BEATRIZ. – Os negocios, sempre os negocios... Dir-se-hia que o dinheiro é a base da felicidade.

JULIÃO. – (*embaraçado*) Comtudo... ha que attender á materialidade das cousas.

VISCONDE. – Perfilho a teoria! Materia e espirito combinam-se e completam-se; não cuidar da besta é condemnar a alma... Firmada a ascendencia do homem no barro no simio, tem sempre a materia por base. (*para Beatriz*) A sociedade tem imperiosas exigencias a que de pouco servem mysticos extases ou poeticos arroubamentos. A organização social é má, incita a expansão da animalidade e impede o sublimar do espirito... Será assim!... Não contesto; na impossibilidade de transformal-a, submetto-me, não busco irado derruil-a.

BEATRIZ. – (*para Julião*) O papá preocupa-se em demasia.

JULIÃO. – (*embaraçado*) Sim!... Mas tu bem vês; gravissimas responsabilidades sobre mim pesam...

VISCONDE. – Que o amigo Julião acceta com rara energia.

JULIÃO. – Diligenceio...

BEATRIZ. – (*olhando a janella*) A noite aproxima-se.

VISCONDE. – Despeço-me.

JULIÃO. – Já?

VISCONDE. – Necessito despedir-me d'alguns amigos, no sabbado partirei.

JULIÃO. – Para Paris?

BEATRIZ. – (*levemente ironica*) O visconde exila-se.

JULIÃO. – Grande é o vacuo que a sua partida deixa n'esta casa.

VISCONDE. – As suas palavras penhoram-me.

JULIÃO. – Considerava-o já como pessoa de familia.

BEATRIZ. – Só o egoísmo nascido de sincera amizade nos pôde levar a perturbarmos a brilhante carreira que o visconde vae encetar. (*entra Thiago que colloca um candeeiro sobre a meza*).

VISCONDE. – Profundamente agradecido, registo as captivantes manifestações de amizade que me dispensam. (*consultando o relógio*) Não me despeço ainda, fal-o-hei oficialmente. (*estende a mão a Beatriz e Julião*) As suas ordens, D. Beatriz; amigo Julião. (*cumprimenta e sae*).

SCENA IX

BEATRIZ e JULIÃO

JULIÃO. – (*desce, senta-se pensativo á E. B., áparte*) Mais uma esperança voando... O amparo de Beatriz.

BEATRIZ. – (*acercando-se de Julião*) Que tem, papá?... A preocupação habitual é hoje tristeza... Oculta-me algum desgosto?... Ha dias que noto um mixto de excitação e tristeza a dominal-o.

JULIÃO. – É illusão tua... Não tenho nada!

BEATRIZ. – Denuncia na hesitação de falar, occulta contrariedade... Não me tem para confidente? Onde enconral-o que melhor o comprehendesse?

JULIÃO. – (*abraçando-a*) Minha filha! (*chora*)

BEATRIZ. – Lagrimas?!...

JULIÃO. – Sim!... Lagrimas!...

BEATRIZ. – Acaso não esgotámos ainda até á ultima gotta o calix d'amargura?

JULIÃO. – (*com tristeza*) Na via dolorosa que ha um anno a adversidade nos faz trilhar, faltava-nos visitar a ultima estancia. Ha muito que os pés nos sangram rasgados nos cardos do caminho, os membros lassos pelo soffrimento entorpecem, mas a desventura aguilhoa-nos sempre com infinita crueldade... Não é por mim que soffro... É por ti... Uma a uma as esperanças tombam, mortas.

BEATRIZ. – Não comprehendo!

JULIÃO. – Dava até a vida para nunca o compreenderes... A ignorância é muitas vezes protector refugio contra as inclemencias da vida.

BEATRIZ. – Que novo golpe nos joga o destino?

JULIÃO. – (*a custo*) A ruina!

BEATRIZ. – A ruina?

JULIÃO. – Sim!... A ruina!... Joguei na Bolsa... perdi!

BEATRIZ. – Jogou na Bolsa!... Perdeu!

JULIÃO. – A ruina é inevitavel; ha dez dias que o destino nos condemnou á miseria.

BEATRIZ. – Ha dez dias?!... Compreendo agora. Infame!

JULIÃO. – Que dizes?

BEATRIZ. – O visconde é um infame!... Carlos não se enganava.

JULIÃO. – Enlouqueço!... Que desgraçado trama é esse em que surge o nome de teu irmão?

BEATRIZ. – O visconde ambicionava o dote.

JULIÃO. – Calumnias!

BEATRIZ. – A subita partida para Paris é seguro indicio.

JULIÃO. – Deliras!... Ha instantes o visconde n'esta sala exprobava a tua indiferença cançado de esperar, durante dois annos dispensa-te a mais delicada sollicitude, rodeia-te de carinhos e atencões, escreve-te e obtem como resposta a desillusão que o força a partir desejoso de esquecer a magua da tua recusa e tu accusal-o d'infame caçador de dotes.

BEATRIZ. – Esperava vencer-me, fingindo amor que não sentia... Hypocrita a prescrutar o cofre de meu pae passava o tempo e certamente sabedor da desgraça que o feriu, provocou uma carta que lhe guardasse a retirada e occultasse o ambicioso intento... Odeio, odeio a riqueza, ante o ouro o sentimento decompõe-se, transformando-nos em mercadoria; o esposo confunde-se com o mercador avido de lucro.

JULIÃO. – Exaspera-te a partida?... Se o não amavas.

BEATRIZ. – Tranquillise-se!... Não me pesa a fuga, só lamento o logro... Não o amava, diz-me, e como existir o amor onde habita a suspeita.

JULIÃO. – Suspeitavas?

BEATRIZ. – Carlos prevenira-me!

JULIÃO. – Ainda esse tresloucado expulso, que no mundo vagueia expatriado, reflecte a sua influencia no teu espirito. A accusação que proferiste é monstruosa.

SCENA X

Os mesmos e THIAGO

THIAGO. – (*entrando com um bilhete de visita na mão*) Está á porta um sujeito que deseja fallar-lhe... Deu-me este bilhete... (*entrega o bilhete*).

JULIÃO. – (*lê*) Isaac Zadoch... Não conheço!... Que typo tem?

THIAGO. – Velho, oculos verdes, fato usado... Quando chegou perguntou-me pelo sr. visconde, disse-lhe que já havia saído, o homem pediu-me então que o annunciasse ao sr. Julião. Deseja falar-lhe a respeito do visconde, foi o que disse por fim.

JULIÃO. – (*com espanto*) A respeito do visconde!... Leva-o para o escriptorio. (*Thiago sae, para Beatriz*) Dispensa-me.

SCENA XI

BEATRIZ, só

E é assim o mundo!... Dinheiro, dinheiro e só dinheiro... A alma uma sombra, o sentimento uma ficção! Ah! quanta rasão tem Carlos, affirmando serem os homens ou feras que se devoram ou *escrocs* ludibriando-se mutuamente. (*pausa*) Se o tenho amado!... Tanto carinho, tanta sollicitude a mascararem grosseira esparrella, aranha urdindo a teia empolgar-me-ia incauto insecto, avida da digestão do dote. Ah! Carlos, como tu os conheces e que favor te devo... (*olhando o relógio*) Passa das oito. (*chegando á janella*) Nada!... Nada vejo... (*descendo*) Meu pae odeia a ruina, e eu... amo-a; presinto n'ella o voltar da felicidade; apavorados, já fogem os que vivem do logro, segura pedra de toque que compõe a reluzente envergadura e denuncia o pechisbeque mascarado d'ouro. Renasce com

a ruína a confiança abalada, de hoje em diante só póde amar-me, quem sentir amor.

SCENA XII

BEATRIZ e THIAGO

THIAGO. – (*entrando pelo F. cauteloso*) Menina Beatriz!... O sr. Carlos já chegou á rua.

BEATRIZ. – (*receiosa*) O papá?

THIAGO. – Está no escriptorio falando com o tal velho dos oculos verdes.

BEATRIZ. – A que viria esse homem?

THIAGO. – Não sei, menina! Parece-me ser cousa de negocios.

BEATRIZ. – A Thereza?

THIAGO. – Encarregada do signal para o sr. Carlos, espera a sahida do sr. Julião.

BEATRIZ. – Previne-a de que me retiro para o quarto (*áparte*) Se o papá desconfiasse. (*sae pela E.*)

THIAGO. – (*subindo*) Se não fôra tão amigo do sr. Carlos e da menina, não me mettia n'esta alhada. (*sae*)

SCENA XIII

JULIÃO, só

(*Entra da D., trazendo na mão alguns papeis, olhando a scena*) Beatriz retirou-se... Ainda bem, occultar-lhe-hei a verdade... O miseravel descontava já sobre o dote que esperava; Beatriz adivinhava, as suas suspeitas eram bem fundadas... Viu a ruína e fugiu; sem dote minha filha não lhe convinha... Miseravel, ha pouco a zombar da minha dôr a escarnecer da minha lealdade... Mais uma decepção, mais um traidor a fingir amparar-me... Que mundo!... Que sociedade!... Que abutres! (*olhando os papeis*) Letras a 50% sobre o dote... A rasão perturba-se-me ante tanta infamia

o cerebro allucina-se-me. Salutar lição me offerece já a ruina... *(pausa, mudando)* Amanhã vencem as letras do banco... A minha casa é um edificio que desaba, recorrer ao credito quanto me custa... É fatal!... Não ha fugir-lhe. *(pegando no chapéu)* Animo! Tentemos a ultima prova. *(sae)*

SCENA XIV

THEREZA, CARLOS e BEATRIZ

THEREZA. – *(entra, dirige-se á mesa e pega no candieiro)* Saiu!... *(dirige-se á janella)* Espero o menino e lembra-me o Pedro. *(passa o candieiro em frente da janella duas vezes)* O coração como bate! *(levantando as mãos)* Agradeço-vos, meu Deus.

CARLOS. – *(entrando, corre a abraçar Thereza)* Thereza!

THEREZA. – Sr. Carlos!

CARLOS. – Beatriz?

THEREZA. – Vou chamal-a!... Para que o sr. Julião não suspeitasse, recolheu-se como costuma no quarto. *(dirige-se á E.)* Menina Beatriz!

BEATRIZ. – *(entrando e abraçando Carlos)* Carlos! *(ficam abraçados).*

THEREZA. – *(contemplando o grupo)* Como é bella a felicidade.

CARLOS. – *(para Thereza)* Muito te devo, boa amiga, quase mãe.

THEREZA. – *(limpando os olhos)* Não diga tal.

CARLOS. – Nunca abandonaste minha irmã... Santa mulher, permite que te beije as mãos. *(pega nas mãos da Thereza para as beijar, o que Thereza não consente, abraçando-o).*

THEREZA. – Sou feliz!... Tornei a vel-o.

BEATRIZ. – *(para Carlos, indicando Thereza)* Generoso coração, esquecendo a dôr propria, só é feliz tapetando de flôres o caminho dos que lhe enlutaram a alma para sempre.

THEREZA. – *(com resignação)* Estava escripto!... Ninguem é culpado!... Os designios do Altissimo não os podemos discutir.

CARLOS. – *(áparte)* Infeliz mãe! *(alto)* A nobreza do teu character, contrasta singularmente com a podridão da epoca. Muito póde uma consciencia pura a contrapor-se á força do maior numero.

THEREZA. – Viu seu pae?

CARLOS. – Vi!... Já hontem o vira, quando, como se fôra um bandido, na rua, espiava o que aqui se passava. (*para Beatriz*) Ha pouco, atravessando o jardim, senti fraquejar-me o animo... Eu o filho expulso penetrava a deshoras no lar que me fôra vedado... Se não foras tu, retirava-me... N'um dia de triste e eterna recordação, a sociedade impoz a meu pae que me indicasse a saída; só fôra do portal paterno podia pedir justiça... A minha saída ficou manchada de sanguineo rasto; parti e na volta a abraçar os entes que adoro; unicas estrellas a refulgirem na treva da minha existencia, sou forçado a introduzir-me a occultas, na casa que é minha pertença.

BEATRIZ. – Não recordemos!... Esqueçamos o passado e olhemos o presente. (*mudando*) Chegaste ante-hontem?

CARLOS. – Cheguei!... De volta a Lisboa, demorei-me em Paris.

BEATRIZ. – (*com mal disfarçado pezar*) Em Paris!

CARLOS. – Causei-te desgosto, demorando-me!... Era indispensavel.

BEATRIZ. – Comprehando-te!... Foste feliz na Belgica?... As tuas cartas affirmavam-n'ô.

CARLOS. – Quanto é possível sel-o!... Collocado vantajosamente n'uma empreza mineira, passei um anno, esquecendo no trabalho a dolorida chaga aberta pelo passado. Ali, no meio dos operarios, costumado já ao resfolegar das machinas, ao rodar dos wagonetes a responsabilidade inherente ao cargo que desempenhava, occupava o cerebro e impedia-me recordar.

BEATRIZ. – Os mineiros estimavam-te?

CARLOS. – Assim o creio; mais de uma vez frequentei as suas reuniões e lhes prestei o meu conselho.

THEREZA. – E os patrões?

CARLOS. – (*sorrindo*) Ali, boa Thereza, não ha patrões como tu os sonhas.

THEREZA. – (*com espanto*) Não ha quem governe?

CARLOS. – Ha sim, ha quem governe! A exploração das minas pertence a poderosas companhias; é anonymo o capital explorador do trabalho, as

companhias teem empregados superiores que as representam e são elles quem mandam.

THEREZA. – Não ha assim motivo de contendas entre operarios e patrões?

CARLOS. – Enganas-te!... Em toda a parte ha opprimidos e oppressores. (*para Beatriz*) Ah! Beatriz, se tu visses como homens, mulheres e creanças, descem aos poços a substituirem os já cançados no fatigante trabalho... Descer! Esquecer a luz do sol, a azul do ceu, o voejar das aves e não saber se voltarão a contemplar a planicie verdejante, trocada pelas negras galerias especadas de grossos madeiros. É triste; mas os pobres sorriem, descem cantando, affeitos ao perigo na inconsciencia do habito e quantas vezes as humanas toupeiras são esmagadas pela Terra a que rasgam as entranhas, tendo por stertor a ultima nota d'uma canção.

BEATRIZ. – Pobre gente!... O que fazem as companhias ás viuvras e aos orphãos?

CARLOS. – Empregam-nos na mina, se já lá não estão.

BEATRIZ. – Barbaros! E dizem-se homens!

CARLOS. – Não accuses!... O homem é o producto a sociedade é o meio. Se amanhã uma companhia quizesse preservar os seus operarios das contingencias da sorte, arruinava-se. O accionista gritava e o director era expulso, infamado, talvez acoimado de ladrão. O mal está na economia, transformada ella já não haverá barbaros. (*mudando*) Pensemos em ti!... Abandonaste a provincia?

BEATRIZ. – Abandonei!... O papá apoz os tristes acontecimentos da grève, mostrou desejos de viver na capital, julgava assim provocar-me o esquecimento; possuido do grande amôr que me dispensa, julgou encontrar na vida buliçosa de Lisboa, lenitivo á minha magua. Bom pae; a desillusão foi rapida, os bailes, os passeios, as reuniões depressa me fatigaram e o sorriso não voltou!... Faltavas tu!...

THEREZA. – (*áparte*) Santa menina!... A minha senhora era assim.

CARLOS. – (*abraçando Beatriz*) Sempre bôa, Beatriz!... Ah! quanto á noite soffria findo o labutar do dia, recolhido ao quarto... O pensamento

voava então, transpunha fronteiras, suprimia a distancia que nos separava e vinha abraçar-te... Nos papeis dispersos sobre a mesa do trabalho, via a nossa casa, o nosso jardim, a fabrica, os lugares que frequentavamos. Sonhava acordado, o coração pulsava violentamente, as fontes latejavam, os olhos arrasavam-se d'agua, o olhar turvava-se-me e febril empunhava a penna a escrever longas cartas que te enviava... Recolhia-me depois ao leito e repousava então.

THEREZA. – (*áparte*) Na Belgica!... Tão longe!

BEATRIZ. – Cartas que eram pedaços d'alma!... (*mudando*) Quando partes para o norte?

CARLOS. – Amanhã!

BEATRIZ. – Como o tempo vae decorrer rapido. Não podes demorar-te?

CARLOS. – É impossivel! O contracto que firmei impede-me o demorar. Amanhã antes de partir voltarei a despedir-me. (*mudando*) A fabrica?

BEATRIZ. – Pouco sei a tal respeito.

CARLOS. – Ainda na Belgica recebi noticias que me deixaram entrever...

BEATRIZ. – O quê?

CARLOS. – A agonia da fabrica!

BEATRIZ. – (*embaraçada*) Não julgo. Nada sei.

CARLOS. – Occultas-me alguma cousa, leio-te no olhar.

BEATRIZ. – (*embaraçada*) Não!... Não occulto.

CARLOS. – Fio em ti!... És incompativel com a mentira! (*mudando*) Esquecia-me! O visconde ainda é muito assiduo?

BEATRIZ. – O visconde parte!... Não devo occultar por mais tempo.

CARLOS. – Parte?

THEREZA. – A menina disse?

BEATRIZ. – (*atalhando*) A ruina ameaça-nos!... O papá jogou na «Bolsa» e perdeu largas sommas.

THEREZA. – É possivel, meu Deus!

BEATRIZ. – É verdade!... Antes de sair, o papá preveniu-me.

THEREZA. – (*áparte*) Fatalidade! Nunca a felicidade é completa.

CARLOS. – Não eram infundadas as minhas previsões... A pobreza visita-nos, o visconde ecllipa-se.

THEREZA. – (*áparte*) O que vae ser da menina.

BEATRIZ. – Ha dias o visconde escreveu-me, perguntando-me se o receberia por esposo... Servia-se da penna por lhe escassear o animo, dizia na carta. (*para Carlos*) Comprehendes?

CARLOS. – Não vejo claramente!

BEATRIZ. – Ouve-me!... A suspeita que me lançaste no espirito, do visconde ambicionar-me o dote, nunca mais desapareceu; resolvida a descobrir a verdade, durante largo tempo busquei todos os meios a certificar-me de que era amada, pelo que era e não pelo que valia... Confesso-o embora a confissão me enoje... quasi cheguei a amar o visconde... A sollicitude, os disvellos de que me circumdava abalavam-me a alma e destruiam a suspeita que qual serpente se enroscava no espirito. Ás apaixonadas declarações respondia rindo, e o visconde, em porfiada homenagem resistia persistente, continuando a thuribular-me, envolvendo-me sempre nos perfumes do que cheguei a julgar paixão... Vil comediante! Não era artificiosa *coquetterie*, que me levava a ter aos pés um homem, como escravo da vaidade satisfeita. Tu o sabes! Necessitava porém que nem a mais tenue desconfiança empanasse o character do que escolhesse por esposo. Ha dez dias, quando foi conhecida a ruina da nossa casa, escreveu-me, sollicitando uma resposta decisiva; respondi não desejar mudar de estado e consideral-o sómente um amigo... Aqui o ardil!... A minha resposta guardava a retirada do visconde, já conhecedor por certo da ruina que sobre nós pesava, auctorisando-o a abandonar decorosamente a presa ambicionada e que lhe fugia... Veiu hoje annunciar-me a sua partida para Paris.

CARLOS. – Raciocinas com verdade!... A pertinacia do visconde só podia ser filha do amor ou do lucro.

BEATRIZ. – A lembrar-me que a minha resposta era a ultima experiencia!

CARLOS. – Ultima experiencia?

BEATRIZ. – Sim!... Se o visconde partisse victima do desgosto... escrever-lhe-hia a que voltasse. Não podia duvidar do seu amor... A luz fez-se, quando o papá me annunciou ter compromettido a sua fortuna o que elle reputa uma desgraça e eu julgo uma felicidade.

THEREZA. – É felicidade a pobreza?!...

BEATRIZ. – Sim!... Não se desenvolvem junto de nós senão dedicações puras, generosos sentimentos, affectos immaculados... Pobre ou rica não me acompanharias sempre, amedrontar-te-hia a pobreza?

THEREZA. – Nunca!... Viuva tendo a fome por herança, aqui encontrei os meus melhores amigos.

CARLOS. – Sempre a nevrose do ouro!... O homem a simular affecto disfraçando os baixos instictos, seduzido pelo lucro, impellido pela ambição... Ámanhã atraz do visconde, hão de fugir os outros... Pobre pae!... Quanto deve ter soffrido.

BEATRIZ. – Surprehendi-o chorando.

CARLOS. – Lagrimas de fogo!... Adivinho! Hão de escaldar-lhe as faces; corrosivo pranto ha de queimar-lhe a alma, e fazer-lhe comprehender em dolorosa lição o que é o mundo, o que são os homens!... Austero, honrado, tão sómente transviado o espirito por falsa educação, ha de comprehender, experimentando, que a revolta é nos infelizes, nas victimas sociaes, um direito. Avido de riqueza deixa a provincia, vem á capital, esquece a fabrica e troca-a pela «Bolsa», banca onde é jogado pelos oppressores o trabalho dos opprimidos... Fez mal!... Os que o adulavam rir-se-hão da sua ingenuidade, o sarcasmo será o despojo da lucta. Nada mais obterá!... Influenciado por falsos amigos, expulsou-me, vedou-me o lar paterno, agora os ganaciosos Cyreneus⁴⁵⁷ abandonal-o-hão sem se importarem com o pesado madeiro que lhe magoa os hombros... E é assim a lucta pela vida; maxima em que repousa a moral contemporanea... Não são homens vivendo, são feras degladiando-se.

⁴⁵⁷ Os habitantes da antiga Cirene, na actual Libia, a mais importante das cinco colónias gregas da região, que deu o nome de Cirenaica.

BEATRIZ. – Não temo a pobreza! Se tanto fôr preciso, buscarei no trabalho o sustento.

CARLOS. – Não o consentiria! A trabalhar basto eu! O meu curso garante-me o pão da família, sem luxos que enebriem, nem galas que attrahiam.

BEATRIZ. – Tanto melhor! Serão amigos os que me rodearem.

THEREZA. – Bemvinda seja a pobreza se comsigo traz a quietação, que ha tanto fugiu e ameaça a não voltar.

CARLOS. – Voltarás á provincia, a vida é menos custosa... Dirigir-me-hei ao pae e offerecer-lhe-hei o meu auxilio... O destino veio justificar-me.

BEATRIZ. – Orgulha-me ser tua irmã!... Character leal entre os leaes, alma de tempera superior, esqueces a affronta, estendendo os braços ao pae que te repudiou.

CARLOS. – Quando como um leproso escorraçado fui d'entre a familia, já mais vi o pae; demais sabia que era o homem cego no excitamento da paixão, que me indicava a porta... Nunca um filho póde vêr n'um pae um verdugo, victima do erro, sómente póde ser... O tempo porém vôa rapido, os dias que passam são paginas do livro da vida, quanto mais lido, mais cheio de ensinamento. A adversidade em curto espaço, tem-n'o levado a aprender muito em poucas linhas... Pobre pae!

THEREZA. – Como agradecer essas palavras? De novo tenho esperança de vêr felizes os meus protectores.

BEATRIZ. – Logo que partas para o norte, communicarei ao pae quanto tem a orgulhar-se do filho!

CARLOS. – Não, não digas nada, escrever-lhe-hei antes da partida, chegado que fôr á mina, pedirei uma licença e dirigir-me-hei então a casa.

SCENA XV

Os mesmos e THIAGO

THIAGO. – (*entrando afflicto*) Menina Beatriz!... Sr. Carlos!... O sr. Julião está de volta e dirige-se para aqui!

THEREZA. – Meu Deus!

BEATRIZ. – Onde occultar-te?

CARLOS. – Não posso sahir? (*ouvem-se passos*).

THEREZA. – (*indicando o biombo*) Ali! (*Carlos occulta-se*).

SCENA XVI

Os mesmos e JULIÃO

JULIÃO. – (*entrando, para Thiago*) Retira-te!... Nada preciso! (*para Beatriz*) Ainda de pé?

BEATRIZ. – (*que tem pegado n'um livro*) Lia!... A Thereza acompanhava-me! (*mudando*) Recolheu hoje mais cedo.

JULIÃO. – (*com embaraço*) Um pouco incommodado!... Nada é porém!... Vae recolher-te?... A Thereza acompanhar-te-ha!

BEATRIZ. – Não vae repousar?... Necessita descanso.

JULIÃO. – (*com embaraço*) Em breve repousarei!... Tenho que pôr em ordem alguns papeis para ámanhã.

BEATRIZ. – Recolha ao leito! O trabalho agrava-lhe o mal estar.

JULIÃO. – Nada receies!... Estou habituado.

THEREZA. – (*baixo, a Beatriz*) A menina denuncia-nos! Voltaremos depois.

BEATRIZ. – (*despedindo-se*) Adeus, papá! Até ámanhã. (*beija Julião na testa*).

JULIÃO. – Adeus, Beatriz, adeus.

THEREZA. – Boas noutes, sr. Julião.

JULIÃO. – Adeus, Thereza. (*saem Thereza e Beatriz, olhando furtivamente o biombo*).

SCENA XVII

JULIÃO e CARLOS

JULIÃO. – (*fica olhando a porta por onde saem Beatriz e Thereza*) Adeus, filha, adeus! (*senta-se*) Filha sem pae!... Trabalhei sempre, honra-

damente construí a fortuna, solícito para com os outros, tantas vezes me esqueci de mim e ao cabo de tal esforço, nada me resta... Propriedades, fabrica, tudo é pouco ante os encargos que me assoberbam... Vencem-se amanhã as letras!... E só! Só! Encontro-me perdido na vida, para mim um deserto!... Hypocritas! Offereciam-me amizade, quando tinha ouro no cofre, hoje abandonam-me... Hoje afastam-se, amanhã apodar-me-hão de idiota porque fui crente, comprometti tudo, o meu nome e o pão dos filhos que severos como juizes pódem pedir-me contas do seu patrimonio... E que responder-lhe?... Perdoem-me tudo, destruí estouvadamente... Criminoso, sacrifiquei-os, cego, lancei-os na miseria. E hei de ouvir-lhes as merecidas exprobações?... Nunca!... Agora ainda pódem sorrir, fiados nas exterioridades, depois amaldiçoar-me-hão.

CARLOS. – (*áparte*) Atroz soffrimento!

JULIÃO. – Que fiz a merecer tanto engano, tanta traição!... Nada!... A consciencia está tranquilla! A morte de Pedro?... Não fui o culpado!... Foram cegos e provocaram o mal! Luctei para viver, como todos fazem, pratiquei como todos praticam, fui util aos que de mim se acercaram e no emtanto um amigo arrastava-me á ruina, outro descontava letras sobre o dote de minha filha.

CARLOS. – (*áparte*) Será possivel!...

JULIÃO. – (*puchando da algibeira uma carteira que abre*) Eil-as aqui! Ascoroso documento, symptoma indestructivel da corrupta degenerescencia, em que se afundam os caracteres... Esperançado no escandalo o judeu entregou-m'as. Era a vingança do capital perdido. (*olhando as letras*) Sujam-me as mãos! (*dirige-se ao fogão e lança-as ao fogo*) Em rapida combustão, anniquila-se a desvergonha.

CARLOS. – (*áparte*) Miseravel!

JULIÃO. – Destruidas as provas da infamia alheia, resta-me anniquilar o que me diz respeito!

CARLOS. – (*áparte*) Que ouço!

JULIÃO. – O céo é testemunha que tentei o ultimo esforço como desesperado naufrago ao lume d'agua. O destino impoz-me que submergisse

sem esperança... Cumpra-se!... Recalquei no intimo o natural orgulho, desci a pedir ao credito e á amisade os recursos indispensaveis ao cumprimento de sagrados deveres... Debalde luctei, infructiferas tentativas feitas, o credito retrahiu-se, a amisade aconselhou-me a declarar a fallencia e a sonegar aos credores os capitaes a que teem direito! Ensinaram-me a ser ladrão!... Antes a morte! Diante de um caixão a sociedade emmudece, diante da fraude a honestidade revolta-se.

CARLOS. – (*áparte*) Horrivel suspeita! (*sae do biombo e avança*).

JULIÃO. – Adeus Beatriz, parto legando-te o ultimo pensamento, ficas só; Carlos expatriado, voltará a socorrer-te?... Victima da sorte, a dois passos do descredito, prefiro a morte! (*pega n'um revolver que aponta á frente*).

CARLOS. – (*avança, tira o revolver a Julião, disparando-se e perdendo-se a bala*) Meu pae!

JULIÃO. – (*reconhecendo o filho*) Carlos! (*cae desmaiado nos braços de Carlos*).

SCENA XVIII

Os mesmos, BEATRIZ, THEREZA e THIAGO

BEATRIZ. – (*entra seguida por Thereza, da D., Thiago entra pelo F.*) Um tiro! (*reparando em Julião*) Meu pae! (*fica junto de Julião tentando reanimal-o*).

CARLOS. – Socega!... Desmaiou!

THEREZA. – (*olhando o revolver*) O revolver?

CARLOS. – Providencial foi a minha vinda! Buscava o suicidio!

BEATRIZ. – (*para Thiago*) Depressa á pharmacia (*Thiago sae*) Papá!... Ouça-me!... É a sua Beatriz!

THEREZA. – Queria morrer!... Deus não consentiu tão grande desgraça.

CARLOS. – Um instante mais e o Capital teria feito outra victima!...

BEATRIZ. – Reanime-se!... Papá! Papá! Volte a si!

JULIÃO. – (*abrindo os olhos*) Beatriz!

BEATRIZ. – Sim, papá, sou eu, a sua filha querida, a sua amiga, a sua companheira! Tranquillise-se, rodeiam-n’o seus filhos.

THEREZA. – (*áparte*) Ainda não é findo o soffrimento.

JULIÃO. – (*para Beatriz*) Carlos?

BEATRIZ. – Está aqui!

JULIÃO. – Porque não me deixaram morrer!

BEATRIZ. – Oh! meu pae, não nos faça soffrer! Hade viver muitos annos; socegado, tranquillo, feliz, a proteger-me, a amparar-me?

JULIÃO. – (*com tristeza*) Amanhã!... As letras!

CARLOS. – Affaste para longe esta recordação!

THEREZA. – Sr. Julião.

JULIÃO. – (*puchando para si Beatriz e Thereza, para Carlos*) Tu aqui?!...

CARLOS. – A occultas aqui entrei, é certo!... O acaso quiz porém que evitasse um crime!

JULIÃO. – (*com tristeza*) Um crime!

BEATRIZ. – Não cance o espirito!... Explicar-lhe-hei depois.

CARLOS. – Recolha ao quarto! Socegue!

JULIÃO. – Aquiete o espirito, aconselham! Como aquietal-o!... Amanhã protestadas as letras, surge a fallencia; apoz a ruina.

BEATRIZ. – Para que temer a pobreza!... Não tem junto a si os entes que o adoram e estão promptos a todos os sacrificios?

JULIÃO. – (*com tristeza*) E não me deixarem morrer!

CARLOS. – Morrer!... Porque? Acaso a sociedade o merece?... Não! mil vezes não!... É mentirosa e injusta e não póde merecer o sacrificio dos filhos!... Deshumana, iniqua, não póde nunca valer o lucto da familia... Julgava encontrar na morte a mordça á critica dos ociosos e parasitas? Enganava-se!... Galgaria os muros do cemiterio, quebraria irrespeitosa o silencio do tumulo, violaria sacrilega a urna funeraria e chamar-lhe-ia, negociante fallido, fugido á concordata, garantia da somma em risco... Não seria outro o elogio funebre... Se ao contrario, sem escrupulos, não cumprisse a palavra dada, a honradez do nome; se em logar do caixão

subsistisse a trapaça, então, sim, seria um forte, applaudido pela multidão invejosa das auriluzentes lantejoulas, humilde como um rafeiro a lamber os pés do dono... A moral da epoca reside no direito da força, e só é forte quem possui ouro, muito ouro, para açaimar a mordacidade, comprando a venalidade que tudo corrompeu!... (*mudando*) Lembre-se de Beatriz, o que seria d'ella, mulher e fraca, não costumada ás rudezas da miseria e do abandono... Seria humano, abrir no coração dos que o amam, eterna e cruciante ferida em holocausto aos artificiosos prejuizos sociaes outras tantas valvulas por onde se escapa o vapor fetido das mais ruins paixões?... Era deshumano e criminoso.

JULIÃO. – Se tu soubesses!

CARLOS. – Sei tudo!... Jogou na «Bolsa», perdeu avultadas sommas. Julgou augmentar-nos o patrimonio e destruiu-o!... Quem lhe pediu contas?... Os estranhos, falsos amigos, que não os filhos!... Nós anhelamos pela sua felicidade, só precisamos do seu amor, só ambicionamos que viva.

BEATRIZ. – Meu pae!... Carlos não mente!

JULIÃO. – Liquidados os encargos, só resta a casa da provincia.

THEREZA. – (*áparte*) Produzi o milagre, meu Deus!

CARLOS. – E queixa-se!... Tantos seres ha, que nada tem e julgam-se felizes, meu pae tem guarida segura e um filho que trabalha e desanima pusillanime, buscando a fuga no suicidio.

JULIÃO. – És generoso e bom!

CARLOS. – Sou filho, nada mais!

BEATRIZ. – (*para Julião*) Voltaremos á provincia, alegres, descuidosos, em tranquilla mediania que o amor transformará em invejavel opulencia.

CARLOS. – Ferido no combate tem que resignar-se! (*apontando Thereza*) E superior modelo de resignação e virtude tem esta casa ha largos annos.

JULIÃO. – (*levantando-se abraça Thereza*) Perdôa-me!

THEREZA. – (*contendo o choro a custo*) Sr. Julião!... meu protector!

CARLOS. – Feliz de mim, cheguei a tempo.

BEATRIZ. – Meu pae!... Carlos parte amanhã para o norte.

CARLOS. – Em breve voltarei!... A impulsionar-me ao trabalho, o desejo de esquecer era o propulsor. Agora superior objectivo me attrae. – Trabalhar para os meus!...

BEATRIZ. – (*abraçando Carlos*) Como eu te amo!...

JULIÃO. – Perdôa-me tambem! (*vae a abraçar Carlos*).

CARLOS. – (*esquivando-se*) Perdoar-lhe?... Porque? Se um dia o erro poude levar um pae, cego, correndo a despenhar-se no abysmo, a repudiar um filho que só desejava ser justo, o futuro veiu provar que acima dos homens está a natureza!... O Capital acirrando odios póde ensanguentar as ruas, mas o sentimento condemna-o, chamando a todos irmãos: – A sua benção! (*beija a mão de Julião*).

THEREZA. – (*olhando o tecto*) Descança, Pedro! A ruina, trouxe a felicidade!

CAE O PANNIO

Nota. – Por necessidades de adaptação scenica o original soffreu cortes, quando subiu á scena.

(Página deixada propositadamente em branco)

**OS QUE TRABALHAM. SCENAS DA VIDA OPERARIA.
DRAMA EM 4 ACTOS E 6 QUADROS⁴⁵⁸**

Augusto (tecelão)	Pato Moniz
Joaquim (serralheiro)	Mesquita
Francisco (pae de Luiza, velho operario)	Luciano
Roseira (proprietario)	Miranda
Pedro (aprendiz)	Adelina Ruas
Sepulveda (medico)	Ferreira
Isidro (operarios tecelões)	Miranda
José (operarios tecelões)	Peixoto
António (operarios tecelões)	Avellar
Videira (mestre geral das officinas de tecelagem)	Torres
Bento (taberneiro)	M. Ferreira

⁴⁵⁸ No jornal *A Federação* informa-se da encenação desta peça – da que não possuímos o texto – no Teatro do Príncipe Real a benefício do ator Pato Moniz, ao passo que insere a distribuição dos papeis. Vid. Os que trabalham. *A Federação*. Lisboa: n° 168 (1897), 21 de março, p. 3; também Os que trabalham. *O Echo Metallurgico*. Lisboa: n° 64 (1897), 21 de março, p. 3; Os que trabalham. *O Tecido*. Lisboa: n° 55 (1897), 21 de março, p. 2. A obra foi representada a 23 de março de 1897, sendo o autor aplaudido com «phrenesi». O jornal *O Tecido* recomendava a assistência à peça porque «tem scenas cheias de verdade, algumas das quaes impressionam o espectador» ao passo que é um «espelho onde se reflecte muitas das iniquidades de que a classe proletaria é victima». Os que trabalham. *O Tecido*. Lisboa: n° 56 (1897), 28 de março, p. 3. Após a representação da peça *O Echo Metallurgico* afirmava que «agradou muito», e que se tratava de «um trabalho de propaganda, muito consciencioso». *O Echo Metallurgico*. Lisboa: no n° 65 (1897), de 28 de março, p. 2. A peça fue de novo representada com motivo do 1° de Maio de 1897 no Teatro do Príncipe Real, de Lisboa. Espectaculos de Hoje. Principe Real. *A Vanguarda*. Lisboa: n° 168 (2113), 1 de maio de 1897, p. 3, e publicidade em p. 2. Nos fins de maio a companhia do Teatro do Príncipe Real deslocou-se a Coimbra onde a peça foi representada. Os que trabalham. *A Obra*. Lisboa: n° 124 (1897), 30 de maio, p. 1.

Luiza (costureira)	Antonia de Sousa
Emilia (mãe de Luiza)	Maria das Dores
Marqueza	Encarnação Reis
Gertrudes	Aragonez
Thereza (operarias tecedeiras)	Elisa
Brigida (operarias tecedeiras)	Encarnação
Maria (operarias tecedeiras)	Isabel d'Oliveira
Mendiga	J. Oliveira
Um lacaio	N. N.
Creança, filha da mendiga	N. N.
Operarios e operarias, etc., etc.	

O 4.º acto é passado n'uma fabrica de fiação e tecidos.
Lisboa, actualidade.

Resumo do argumento

«É este o entrecho da peça de Ernesto da Silva:

Augusto, operario tecelão, orphão, é noivo de Luiza, costureira, unico amparo dos velhos paes.

No começo da acção, Luiza tem a suspeita que a tysica se lhe apoderou do organismo gasto n'um excesso de trabalho.

Francisco, velho operario, pae de Luiza, encontra-se inhabilitado para o trabalho, mas, levado de antiquada educação, acha natural a situação em que se encontra, firme nos seus principios de resignação, que reputa indispensaveis aos que são victimas da má organização social. Assim, enquanto Emilia, mãe de Luiza, serve a dias e a filha trabalha no *atelier*, Francisco prepara-se para procurar no asylo amparo á velhice.

Possuidor de natural orgulho, Francisco não quer ficar na dependencia do futuro genro. Tal é o inicio da acção. A vivas instancias de Augusto e Joaquim, operario serralheiro, intimo da pobre familia, cede a não entrar no aylo, jurando, porém, fazel-o logo que a má sorte persiga os recém casados.

No 2.º quadro, seis mezes depois do casamento, encontra-se Luiza em pessimo estado de saude, provocando a miseria no lar já desprovido de conforto.

O velho Francisco leva por deante o seu proposito e Augusto, vencido pela falta de recursos, tem de acceder á partida do velho operario para o asylo.

O constante progredir da doença de Luiza, alliada ao character de Augusto, que o incita a naturaes reivindicações em prol dos que trabalham, cava de mais em mais a ruina e a miseria na modesta habitação. Assiste-se ao desabar d'uma felicidade entrevista nos carinhos da familia.

Augusto, o tecelão, medianamente illustrado e sufficientemente ativo, incapaz de venaes transigencias, ao reconhecer a impossibilidade de poder vencer as difficuldades que o rodeiam, aggravadas pela doença da esposa, hesita, não sabe como desanuviar a ennegrecida existencia.

Espirito fraco, pobre proletario desprotegido, deriva para a taberna e na aguardente procura esquecimento á dôr que o martyriza. O alcool alucina-o, embota-lhe o sentimento e, expulso da fabrica por defender uma operaria da vilania do mestre, completa a ruina que o empolga por completo.

No 5.º quadro – a taberna –, Augusto, vencido pelos conselhos de Joaquim, volta á fabrica pedindo a readmissão, no intuito de dulcificar a agonia da joven (sic) esposa. Repellido reaparece, allucinado, na embriaguez do alcool, provocando uma das melhores situações da peça.

Chegados ao 6.º quadro o espectador assiste á morte da costureira, que, pedindo perdão ao esposo de ter sido involuntaria causa de tal desgraça, morre nos braços de Augusto, rodeada pelos paes e Joaquim. Ao largar o corpo inanimado da mulher, Augusto tem, n'uma imprecação, a mais dolorida maldição que pode sair dos labios d'uma victima social.

Tal é, em curtos traços, a ideia geral da urdidura do novo original *Os que trabalham*»⁴⁵⁹.

⁴⁵⁹ Theatros. Principe Real. – Os que trabalham – Scenas da vida operaria – Drama em 4 actos e 6 quadros, de Ernesto da Silva –. *O Paiz*. Lisboa: n.º 505 (1897), 24 de março, p. 3.

(Página deixada propositadamente em branco)

O DESPERTAR. PEÇA EM 1 ACTO⁴⁶⁰

Personagens

Arnaldo (pintor)

O dr. João.

Bertha (esposa de Arnaldo)

Elvira

Um criado.

Actualidade.

A acção passa-se no campo

SCENA I

A scena representa uma sala de campo, mixto de atelier de pintura, mobilada com gosto e conforto. Ao F. duas largas portas envidraçadas deixando ver o vasto jardim que se liga a sala e conduz á entrada, portas lateraes a D. e E. Proximo do F. um cavalete com uma tela coberta,

⁴⁶⁰ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empresa do teatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 271 (1900), 15 de abril, p. 2. A peça foi publicada na íntegra no jornal *A Obra* na seção dedicada ao folhetim. Ernesto da Silva aborda nela um tema já tratado em textos dramáticos como *Á ceia*. (*Á redacção da «Voz do Operario»*). (*Dialogo burguez*). *A Federação*. Lisboa: n° 40 (1894), 7 de outubro, p. 2-3; e *A sopa*. (*Dialogo*). *Idem*. N° 113 (1896), 1 de marzo, p. 2-3, bem como na também rejeitada peça pelo Teatro D. Maria II *A victima*: o matrimónio baseado nos convencionalismos sociais, neste caso, a desproteção da mulher sem rede familiar de apoio.

pelas paredes quadros. Dia de primavera, a luz invade a scena. Ao subir o panno a scena está deserta.

BERTHA, depois JOÃO

BERTHA. – *(entrando da E. a passo rapido visivelmente preocupada; olhando a scena)* Não está. *(Tomada de subita inspiração, dirigindo-se a uma das portas do F.)* Ignobil comedia. *(Á porta olhando o jardim)* Ah!... É elle. *(Acenando com o lenço)* Viu-me! *(Desce e vae sentar-se n'um sofa)*. Meu Deus!... É bem ephemera a felicidade; n'um instante tudo finda. O sonho bom fugiu. *(Para João que entra do F. perturbado)* Então?

JOÃO. – O coheiro está avisado. *(Olhando o relógio que está no fogão)*. Duas e vinte; ás tres chega o trem. Ha tempo. O comboio passa ás quatro.

BERTHA. – As malas?

JOÃO. – Já foram para a estação. A evitar suspeitas o caseiro aproveitou a carroça quando foi á cidade.

BERTHA. – *(triste)* Inutil sacrificio. *(convicta)* A felicidade já não volta.

JOÃO. – Oxalá pudera evocal-a.

BERTHA. – Sei quanto é amigo devotado. *(voltando á idéa fixa)* A situação é clara, entre mim e Arnaldo abriu-se um abysmo... Essa mulher...

JOÃO. – *(atalhando)* A paixão desvaira-a. Bem sabe; Elvira é uma victima d'este momento difficil.

BERTHA. – *(constricta)* É certo, desvairo. Perdoe-me; um instante de fraqueza.

JOÃO. – Que a levou á injustiça. E a injustiça é a maior das impiedades.

BERTHA. – Hei de conformar-me. De pouco serve fugir á dor; agora adormecida, logo volta a impor-se.

JOÃO. – E, como fugir á desventura gerada na desillusão se a vida é um vergonhoso trama de mentiras, erros, falsas crenças, peores convenções, sei lá... uma via dolorosa que só a ignorancia desconhecida. *(passeando agitado, apoz momentos de silencio)* E dizer que sendo nós as unicas

causa do mal que nos tortura, desejamos sempre attribuir a estranhos motivos as origens do soffrimento. O egoismo, sempre o brutal instincto da conservação a evitar que luz seja feita. Quanto mal podia evitar-se se não fôra assim?... (*convicto, defrontando Bertha*) Creia, n'este momento estremeço de horror ao lembrar ter sido um dos cumplices do conflicto de sentimentos que ora a está ferindo.

BERTHA. – (*com espanto*) O senhor!... Cumplice?!...

JOÃO. – O maior dos cumplices, o mais execrando egoista.

BERTHA. – Por Deus! Não comprehendo.

JOÃO. – (*n'um impeto*) Tem animo forte a acompanhar-me no recordar?

BERTHA. – Por que não; recordando, torno a entrar no sonho brusca-mente interrompido.

JOÃO. – Pois bem. É n'esse adoravel passado que vou encontrar o motivo da minha cumplicidade e a origem do soffrer que a victima.

BERTHA. – É possível?

JOÃO. – É certo, infelizmente!... Remontemos porém ao passado. Lembra-se como foi assente o seu casamento com Arnaldo?

BERTHA. – (*com esforço*) Jámais esquecerei o triste momento. Junto ao leito onde minha tia e mãe de Arnaldo passava a agonia, eu e elle, debruçados sobre a moribunda, tentavamos, embora descrentes na salvação da enferma, apparentar esperançosa serenidade. De repente, minha tia pedindo a ajudassem, fincou os cotovellos na cama, ergueu o busto, reclinou-se nas almofadas, olhou o filho e n'um esforço, indicando-me com a mão tremula emquanto o olhar brilhava n'um ultimo relampago, disse: – Bertha, fica só! Eu morro!... Ainda Arnaldo mal gritara: – Minha mãe!... Por Deus!... e já a pobre senhora pedia com voz sumida: – Filho!... Has de proteger tua prima, ella ama-te e eu quero morrer tranquilla sabendo que o teu braço de esposo ha de amparal-a na vida. No quarto reinou então um instante de pesado silencio cortado pela moribunda que n'um ultimo gemido balbuciou: – Juras?... Juro!... respondeu Arnaldo estendendo-me a mão. Minha tia fechou os olhos e n'um sorriso findou a vida. (*n'um accesso de dôr*) Oh! quem adivinhara...

JOÃO⁴⁶¹. – (*impressionado*) Horrível compromisso! (*mudando*) Lembra-se também eu estar presente e n’essa noite ter conhecimento do encargo legado pela moribunda ao desolado filho?

BERTHA. – Lembro.

JOÃO. – Ahi tem a data certa da minha cobardia e da sua desgraça. Então, devia ter intervindo e a cumprir o meu dever de provado amigo prevenir a funda desillusão que hoje irrompe n’esta casa. Arreceei-me, passei dias a analysal-os, muitas vezes questionei Arnaldo sobre o casamento e ao cabo, certo da não existencia do verdadeiro amor, único sentimento proprio á união de dois seres, deixei consumir o acto que devia ter evitado. Assim nasceu a nossa cumplicidade n’esta irremediavel desgraça. Eu, a senhora, Arnaldo, somos os culpados; só Elvira é innocente victima.

BERTHA. – (*com despeitado espanto*) Ella!

JOÃO. – (*intencional*) Não falta colera ao espanto?... É proprio da natureza humana; espicaçados de egoismo esquecemos a justiça calcando a pés o mal alheio.

BERTHA. – Forcejo e não consigo penetrar a secreta cumplicidade que proclama, tornando-me motivo á magua que me punge... É insensato!

JOÃO. – Oxalá não fõra evidente.

BERTHA. – Porquê?

JOÃO. – Porque em boa verdade, desculpe-me a rude franqueza, a senhora soffre agora as inevitaveis consequencias do egoismo.

BERTHA. – (*protestando*) Eu, egoista?!...

JOÃO. – E por isso mesmo victima. No seu casamento tem a prova. Amava seu primo, necessitava possuil-o, tel-o, e, mal podia olhar o futuro sem desenhar na mente a figura de Arnaldo. De seu lado, elle, nutria pela senhora a mais pura amisade e imprevidente, mais, levado da recommendação da mãe moribunda, deu largas ao character impressionista proprio á sua organização de artista e n’um deploravel equivoco confundiu

⁴⁶¹ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 272 (1900), 22 de abril, p. 2.

a amizade de irmão com a paixão do namorado; v. ex.^a embevecida no sonho bom, naturalmente egoísta a sorver a felicidade não viu o perigo... e eu cobarde, também egoísta, não tentei evitar-o, temeroso de ferir amigos.

BERTHA. – Devo pois julgar ser puro engano de Arnaldo o amor que dizia dispensar-me?... Não creio!

JOÃO. – Resiste a verdade? Não quer acompanhar-me na dura penitência de franca análise ao erro?... É justo!... A realidade aterrorisa quem se habitua a viver da ilusão. Os factos porém fallam alto. É sobeja prova a necessaria partida de Elvira.

BERTHA. – (*invadida pela desconfiança*) Meu Deus, será possível? (*limpando as lagrimas*) Que fiz a merecer tão cruel supplicio?

JOÃO. – (*rapido*) Enganou-se! (*animando*) Vamos, é preciso energia.

BERTHA. – (*encorajando-se*) Tem razão!... Devo ser forte.

JOÃO. – Quando nos inspira um grande desejo de amar os outros, nunca escasseiam forças ao sacrificio; na dôr soffrida por amor d’alguem ha mesmo estranho prazer. N’esses instantes surge no animo ferido um intenso desejo de suprema justiça que tudo e todos possa redimir; seres, coisas, factos.

BERTHA. – A resignação?

JOÃO. – Confunde. Resignar é abdicar!... A resignação é o açaimo da impotencia amordaçando o espirito revoltado e o sentimento da justiça é a comprehensão da dôr alheia, levada á suprema expressão do amor. Só ama quem ampara, redime, absolve.

BERTHA. – (*confusa*) Quer dizer?

JOÃO. – Haver n’esta casa mais victimas.

BERTHA. – (*tristemente*) Arnaldo, Elvira.

JOÃO. – (*exaltado sem cuidar da interrupção*) Disse n’esta casa!... (*estendendo a mão a indicar o F.*) E além!... fóra d’estas paredes, longe d’este lar perturbado, distante d’esta familia em conflicto; nas estradas, nos casaes, nas villas e ainda mais além, nas cidades, logar predilecto onde o soffrimento tem morada preferida. Ah! se pudesse alongar o espirito á

visão do mal alheio, estou certo que estremeceria de horror ao contar o numero dos vencidos.

BERTHA. – *(com maguada estranheza)* Tanto soffrer assim disperso no mundo.

JOÃO⁴⁶². – Homens e mulheres o teem produzido no desrespeito á eterna harmonia ensinada pela Natureza. *(com magua)* As sociedades humanas não vivem da verdade, desenvolvem-se na ficção.

BERTHA. – É falsa a sociedade?

JOÃO. – Inteiramente! *(para Bertha que faz um movimento de repulsa)* Sabia-me portador de estranhas theorias mas não me julgava chegado a tão brutal conclusão?... É justificado o espanto. As victimas das mentiras convencionaes que são esteio ao erro, preferem sempre a quietação á analyse.

BERTHA. – *(para creado que entra da E.)* Procuras-me?

CREADO. – A sr.^a D. Elvira deseja fallar a v. ex.^a

BERTHA. – Que venha.

JOÃO. – Retiro-me. Precisam ficar sós. *(quase a sair para o jardim)* Não esqueça a injustiça é a maior das impiedades. *(sae)*.

SCENA II

BERTHA e ELVIRA

ELVIRA. – *(entrando)* Dás licença? *(avança e deixa nas costas de uma cadeira o guarda pó e no fundo uma mala de mão e o chapéu)*.

BERTHA. – *(n'um impeto de mal contido jubilo)* Prompta a partir?

ELVIRA. – *(com intenção, tristemente)* Tens pressa?

BERTHA. – *(lançando-se nos braços de Elvira)* Perdoa!... Fui cruel.

ELVIRA. – Que fazer! *(desprendendo-se de Bertha)* É justa a expressão; ameacei-te a felicidade.

BERTHA. – Elvira não falles assim peço.

⁴⁶² SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 274 (1900), 6 de maio, p. 2.

ELVIRA. – (*com interesse*) Está tudo prevenido?...

BERTHA. – Tudo!... Já foram as malas e o trem chega às tres.

ELVIRA. – O dr.?

BERTHA. – Acompanha-te á cidade. Socega, quando Arnaldo voltar irá em caminho. (*mudando*) Elvira, tu vaes odiar-me?

ELVIRA. – Eu!

BERTHA. – Sim. Amanhã na cidade, quando te encontrares só, em casa estranha, e volveres o olhar ao tempo que findou, a colera ha de invadir-te a alma e o odio ha de nascer.

ELVIRA. – És injusta. Podia acaso exprobar?... Não!... É certo que recordarei saudosa o tempo aqui passado, mas, devia deter um momento sequer a partida?... Ha um anno que te acompanho e nem durante um minuto o devera ter feito.

BERTHA. – Estavas só, orphã, desprotegida, devia amparar-te.

ELVIRA. – Em troca provoqueei a desgraça. E hoje parto, deixando execravel lembrança que ainda a maior das generosidades não pode fazer esquecer. (*commovida*) Sinal fatal a perseguir-me...

BERTHA. – (*atalhando*) Exaggeras.

ELVIRA. – (*sem cuidar da interrupção*) Seja!... O destino assim o quer.

BERTHA. – Has de escrever?

ELVIRA. – Talvez.

BERTHA. – Não affirmas?

ELVIRA. – Temo faltar.

BERTHA. – (*analysando Elvira*) Vejo, advinho no olhar que ao saires a porta esquecerás para sempre esta casa maldita.

ELVIRA. – Diligenciarei ser prudente a evitar ser lembrada.

BERTHA. – (*tomada de idéa fixa*) Apesar de tanto sacrificio, os dias venturosos não voltarão.

ELVIRA. – Quem sabe?

BERTHA. – Acredita! Entre mim e Arnaldo nasceu a duvida, a eterna duvida que jámais perdoa, a perpassar n'esta casa outr'ora tão cheia de alegria, similharemos estranhos... Quem foi culpado?... Nem o sei.

ELVIRA. – Tem esperança. Teu marido ha de esquecer: gasta pelo tempo a passageira impressão a paz ha de voltar na confiança renascida.

BERTHA⁴⁶³. – *(depois de olhar a scena como quem vae fazer secreta confissão)* Elvira!... Ha confissões que escaldam os labios e fazem sangrar o coração. É d'esse numero que a provocaste. *(exaltando-se)* É o sonho anniquilado; o futuro feito martyrio, a esperança amortalhada para não mais resurgir.

ELVIRA. – Deliras?

BERTHA. – Que importa?!... Se assim posso dar largas á secreta agonia do meu amor envilecido na suspeita. Oxalá nunca soffras egual tortura. *(tomando as mãos de Elvira)* Sabes o que é passar a vida occultando as lagrimas, pesquisando aqui, surprehendendo acolá; um gesto, um olhar, um pretexto? Adivinhas sequer o que são as noites de febril insomnia quando o espirito perturbado procura um ponto a fixar-se e encontra o vacuo? Já entreviste os horriveis instantes em que a duvida enfraquecida se renova em mais cruel certeza? *(largando Elvira)* Não!... tu nunca experimentaste o desprezo proprio que nos chicotea as faces quando escorregamos entre ardis e que a forjar embustes conquistamos a verdade que tememos e ao mesmo tempo nos attrae... Feliz és tu ignorando o pavor de tal desespero que nos põe vasio o craneo e n'um repellão brutal e forte nos chama de novo á realidade, invadidos de odio e raiva reclamando vingança. Então a loucura parece o maior bem. Esquecer, não pensar, não sentir; a insensibilidade da alma, oh! supremo asylo. *(cae extenuada no sofá)*

ELVIRA. – *(assustada)* Bertha!... Bertha!...

BERTHA. – Julgas a paixão de Arnaldo passageira impressão que rapido vôa?... Enganas-te!... *(a custo)* É verdadeiro amor!

ELVIRA. – *(sem poder conter uma explosão de alegria)* É crível?

BERTHA. – *(olhando Elvira)* Eis a denuncia!... Tambem o amas.

⁴⁶³ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 275 (1900), 13 de maio, p. 2.

ELVIRA. – (*reconhecendo a imprudencia*) Por Deus!... Perdôa!

BERTHA. – (*esforçando-se em manter serenidade*) Confessa! Proclama o segredo que não ousaste ainda a ti mesma revelar!... Eu já não soffro.

ELVIRA. – (*supplicante*) Poupa-me Bertha, poupa-me!... Não deves forçar a uma confissão ignobil. Estimo teu marido, não posso amal-o.

BERTHA. – Descansa!... A tua confissão é dispensavel. Vaes partir sacrificando a paixão ao dever, mas, ha muito já tenho a prova irrecusavel da minha affirmação. (*indicando a tēla que está velada no cavalete*) Ali!

ELVIRA. – O meu retrato?

BERTHA. – Sim! A melhor obra d'elle, cheia de luz, expressão, verdade, inspirada nas longas sessões aquecidas de paixão. O meu junto áquelle é um espectro descolorido.

ELVIRA. – (*supplicante*) O ultimo pedido. Dás-me o quadro?

BERTHA. – Não posso... É do pintor⁴⁶⁴.

ELVIRA. – (*com pbrenesi*) Mas é preciso destruir os ultimos vestigios da minha passagem n'esta casa.

BERTHA. – A obra pertence ao auctor. (*fóra, do lado do jardim, ouve-se trautear um trecho d'opera. Bertha applicando o ouvido, com espanto*) Arnaldo!

ELVIRA. – Elle! (*apavorada, fica indecisa*)

BERTHA. – (*com força*) Vae, deixa-me por um instante. (*Elvira sae apressada pela E. enquanto Bertha diligeceia serenar sentando-se a folhear uma illustração*).

⁴⁶⁴ Como é indicado no elenco das personagens, Arnaldo tem a profissão de pintor. Ernesto da Silva considerava a pintura uma arte social, tal como o teatro e a poesia, com capacidade para denunciar o sofrimento do povo e o acordar para a revolta. Com estas palavras são encorajadas estas personagens no fim de *Nova Aurora. Apropósito em 1 acto e 4 quadros (Género simbólico)* (1900), texto reproduzido na presente monografia.

SCENA III

BERTHA e ARNALDO

(Arnaldo entra do F. sobraçando um album, vestindo trage despretenhioso, gorro na cabeça, na mão um guarda-sol de pintor).

ARNALDO. – *(lançando o album sobre um movel)* Tempo perdido. Nem um só aspecto interessante.

BERTHA. – Já de volta?!...

ARNALDO. – A fallar com o padre Daniel demorei-me; se não fõra isso já teria vindo. O sol ardente, dir-se-ia agosto. A primavera parecendo verão; annuncio de trovoadas, sem duvida. Que has de ver, o tempo influe no organismo e d'ahi na obra. Assim, é bom evitar inutil cansaço.

BERTHA. – Falta de disposição?

ARNALDO⁴⁶⁵. – É possível. Nos artistas são vulgares estes periodos de esterilidade. Um não sei quê perturbador falseando a visão, destruindo os effeitos, embotando a emotividade. Afinal é caso pouco assustador, n'um momento desfaz-se o eclipse da inspiração creadora e as qualidades reaparecem mais penetrantes e sentidas.

BERTHA. – Ha mezes já noto o eclipse. *(para Arnaldo que descobriu a tela e a está contemplando)*. Se a vida não corra facil, diria haver causa moral a interditar a acção.

ARNALDO. – *(distrabido)* Causa moral?... Não. Doença da vontade, falta de inspiração, talvez periodo de gestação a obra larga... Sim! a verdade é andar pensando n'um grande assumpto.

BERTHA. – *(folheando o album de Arnaldo)* Quadro novo?

ARNALDO. – Advinhaste.

BERTHA. – *(apparentando magua)* Quanto lamento não possuir qualidades...

ARNALDO. – *(atalhando)* P'ra pintura?!... Consola-te!... A compensar tens sobeja inspiração para a musica e musica não é menos arte-bella; o

⁴⁶⁵ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empresa do teatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 276 (1900), 20 de maio, p. 2.

pintor fixa a impressão pelo desenho e pela côr, o musico reproduz na harmonia dos sons e no equilibrio dos effeitos a variada gamma dos sentimentos. A relatividade é perfeita; simples questão de tendencia. (*mudando entusiasta*) Ahi tens Elvira, pianista mediocre é dotada de especial aptidão para o desenho e na paleta encontra surprehendedentes *nuances*.

BERTHA. – (*olhando o interior da capa do album*) Fallaste em Elvira. É d'ella este album?

ARNALDO. – (*olhando a folha indicada por Bertha, embaraçado*) Ah!... Não!... É o meu!... Bem vê!

BERTHA. – Julguei!... O seu nome escripto em caprichosa lettra.

ARNALDO. – Distracção!... É natural. A pensar no grande assumpto, automaticamente, no inconsciente mechanismo da materia, escrevi. (*indicando o retrato a distrair Bertha*) Que tal?... Quasi prompto; duas pinceladas, a assignatura é obra concluida.

BERTHA. – (*intencional*) Bello retrato! Superior ao meu...

ARNALDO. – Loucura!... Repara, a mesma luz, igual o fundo, o mesmo effeito; és mais sombria d'aspecto, tens menos vida no olhar, a impressão é mais fraca, dominas pouco. (*n'um entusiasmo crescente*) Vê! vê! Elvira na correcção das linhas, na altivez do porte, no equilibrio do conjuncto tem mais fulguração, impõe-se... Ahi está a differença. (*reparando em Bertha prestes a desmaiar*) Bertha!... Que tens? (*acompanha Bertha a uma cadeira*)

BERTHA. – Nada!... Tontura!... (*animando-se*) Se podesse inspirar-te...

ARNALDO. – (*atalhando*) Inspirares-me?

BERTHA. – Dar-te-ia um grande assumpto: – A Mentira! symbolica figura, mixto de humano e reptil condemnada a restejar n'um lamaçal, avida de liberdade e fuga, sem conseguir escapar-se á fatal condemnação.

ARNALDO. – (*reparando no chapéu, guarda-pó e mala de Elvira*) É singular!

BERTHA. – A inspiração?

ARNALDO. – (*indicando o guarda-pó e mala*) Isto!... Quem parte?

BERTHA. – O teu modelo.

ARNALDO. – Elvira?!...

BERTHA. – Ella, victima da tua allucinação parte, eu tambem victima, fico. É a tua obra.

ARNALDO. – Explica!... Que se passa?

BERTHA. – (*atalhando*) Não tentes negar. (*tirando da algibeira duas cartas que offerece a Arnaldo*) Ahi tens, são tuas.

ARNALDO. – (*lançando mão ás cartas*) As cartas!... (*lançando-se no sophá*) Perdido!... Atraiçoado!

BERTHA. – (*com força*) Arnaldo!... Não insultes quem sabe cumprir o dever. Demais, quando a mulher não quer ser amante estipendiada não pode acceitar esposos alheios. E tu não podias ser esposo. É bom saber que ás mulheres tambem impedem deveres de honra, qual o teu proceder no caso de Elvira dada a tua situação de homem? Continuarias frequentando a casa do amigo cuja esposa transviada do decoro provocasse ao adulterio?... Não o creio! Faço justiça ao teu character. Assim procede Elvira partindo para não mais voltar. (*n'um crescendo de exacerbação*) Podes entregar-lhe a alma, voar com ella em espirito, embriagares-te de paixão; o mundo não sabe, as conveniencias toleram. É indecoroso julgar porém poder ser a nossa casa asylo á tentação de amores clandestinos.

ARNALDO⁴⁶⁶. – (*anniquilado*) Cruel despertar apoz tão curto sonho.

BERTHA. – Ainda a illusão!... A tua dôr vem da inteira derrocada da paixão, não pôde confundir-se com a impressão passageira de contrariado devaneio. N'essa mulher viste o ideal, a ventura, a promessa da felicidade eterna. A realidade veio e a catastrophe é completa. (*Apoz curto silencio, olhando Arnaldo anniquilado*) Lamento-te, debes soffrer muito.

ARNALDO. – (*com offendido orgulho*) Inspiro dó?

BERTHA. – (*tristemente*) E eu?

ARNALDO. – Tambem.

BERTHA. – Foste o culpado... P'ra que casar quando não ha amor!

⁴⁶⁶ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 277 (1900), 27 de maio, p. 2.

ARNALDO. – (*vencido*) O destino! (*mudando convicto*) Acredita Bertha, sempre fui teu amigo.

BERTHA. – (*sabindo para a E. enquanto João aparece ao F.*) E nunca foste meu esposo! (*sae*)

SCENA IV

ARNALDO e JOÃO

JOÃO. – (*desce do F. e toca no hombro de Arnaldo, que medita*) Arnaldo!

ARNALDO. – Tu.

JOÃO. – Tem animo! Sê forte.

ARNALDO. – Posso acaso sel-o, vendo n'um momento aniquilada a existencia? (*mudando*) Não advinhas a desgraça que paira n'esta casa.

JOÃO. – Sei tudo.

ARNALDO. – É possível?!

JOÃO. – E por tudo saber aqui estou.

ARNALDO. – (*suspeitoso*) Assim a tua inesperada visita?...

JOÃO. – (*atalhando*) Foi forçada, foi. Dispensa penetrares o mysterio; em breves palavras esclareço a razão da minha vinda... Ha dias, Elvira foi a minha casa e ahi quebrando a quietação da solitaria existencia que preferi, poz-me ao corrente da malfadada paixão que veio allucinar-te. A pobre queria fugir e buscava o meu conselho e auxilio. A situação era difficil, comprehendes. Elvira não podia abandonar o asylo offerecido por Bertha, sem ter a justifical-a um forte motivo, poderoso, inadiavel. Então resolvi vir aqui proclamar a inteira verdade.

ARNALDO. – É de enlouquecer!... Tu, o meu amigo, avisando Bertha!

JOÃO. – Julgas mal. Sabes não ter habito de fugir ás responsabilidades; porém necessitas conhecer toda a verdade. Quando cheguei, já Bertha conhecia o facto deploravel. Ha mezes já que a natural penetração do espirito feminino a levava á descoberta e só esperava propicio ensejo a erguer natural protesto. Demais, era tempo de acudir. A pesar na consciencia já me bastava o remorso da primeira cobardia.

ARNALDO. – Accusas-te?... Pela honra! que não percebo o enyigma.

JOÃO. – A Bertha já expliquei o motivo ao remorso. De novo expliquei. Fui um egoista permitindo com o meu silencio o teu casamento... Movido pela piedade, avergado á responsabilidade do juramento, apto no impressionismo do temperamento á confusão dos sentimentos, viste na união com tua prima um caso de honra, romanesco capitulo de cavallaria proprio á exaltação de heroe protector do fraco desprotegido; e, cego, illudido, arrastado no cumprimento da cavalheiresca missão, até julgaste ser possivel a ligação eterna de dois seres apenas cimentada na simples affeição fraterna nascida do convivio de largos annos. Desfeita a illusão, agora desperto para a Verdade, em presença da mulher que sorri ao teu ideal de homem e de artista, forçadamente reconheces o erro deploravel.

ARNALDO. – És injusto!... Esqueces ter Bertha ficado sem parentes e não ter preferido lançal-a no sequestro da clausura, só podel-a proteger, tel-a junto a mim a titulo de esposa... De contrario que diria a sociedade?

JOÃO. – Ainda sempre a tua sociedade a ferir o individuo, engendrando o mal em convenções pueris.

ARNALDO. – (*exaltado*) Que tinha a fazer? Submetter-me!...

JOÃO. – Sim!... E a sociedade submettendo a tua espiritualidade aos rigidos principios da moral em uso, ri-se hoje do teu soffrer, descuidada e folgazã, sem preoccupar-se que n'esta casa tres seres sejam attingidos pela dor. Ahi tens quanto vale a submissão, sacrificando a verdade... Seria o lance de comedia se tu e duas mulheres não tivessem agora um despertar lamentavel. A moral não podia consentir no auxilio a Bertha sem comprometteres a vida futura mas pôde gerar o meio proprio ao adulterio, ao embuste, á mentira! Observa, analysa e diz-me ao final se não é risivel o processo empregado na defeza á honra.

ARNALDO⁴⁶⁷. – Convenho. É justa a critica, porém o mal persiste.

⁴⁶⁷ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O Despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 280 (1900), 17 de junho, p. 2.

JOÃO. – E persistirá enquanto a verdade triumphante não eliminar os sophismas desrespeitadores da natureza humana. Qual o teu caso? O d'um homem victima d'erro, impossibilitado de redimir-se a evitar o escandalo. O casamento um carcere, a esposa um carrasco.

ARNALDO. – Como poderia evital-o?

JOÃO. – Analysando a tempo qual o sentimento que te lançava nos braços de Bertha, e ao cabo, feito o convencimento do amor não ser base á eterna ligação, continuares a viver com ella no amparo de bons irmãos. *(a um gesto de Arnaldo)* Sei. A tua sociedade ruborizar-se-ia hypocrita, bradaria talvez contra o arrojo, forjaria satyras implacaveis; mas tu, sereno na quietação da consciencia, pairarias superior á baixa critica.

ARNALDO. – *(exaltado)* Porque não fallaste a tempo?

JOÃO. – Naufrago, agora estendes o braço a ficticia salvação. É tarde!

ARNALDO. – *(desalentado)* É tarde!

JOÃO. – *(sem cuidar da interrupção)* Julgas não ter pensado durante o luto no projecto em via de realisação?... Pensei. Muitas vezes pensei, em chamal-os a ti e a Bertha, expor o meu receio, prevenil-os do perigo, acordal-os para a realidade... Hesitei, acobardei-me ante a possibilidade de repulsa á minha prophesia... Depois vi-os tão aparentemente felizes, tão despreoccupados, tão illudidos que reputei inutil a minha intervenção.

ARNALDO. – Devias salvar-nos.

JOÃO. – Agora julgas assim porque o despertar se impõe. Se fôra então, não encontrariam echo as minhas suspeitas e á conta de perturbador pessimismo ou peor á maneira de imprudente intervir seriam tomadas... De animo opprimido calei-me, convencido como ainda estou, de andar a rasão humana tão transviada da verdade que só abre olhos á evidencia quando o facto brutal das consequencias funestas se impõe audacioso e inflexivel.

ARNALDO. – *(com tristeza)* É facto! *(mudando)* Fizeste mal calando.

JOÃO. – Comprendo-o hoje. Não os tinha affastado do trilho falso mas tinha cumprido um dever. Tu e Bertha desattender-me-iam, um dia porém surgiria a Verdade a fazer-me justiça... Da minha hesitação recolho ha dois dias o fructo n'esta casa amiga, salvando os restos destrouçados

da felicidade desfeita. (*reparando em Elvira que vem da E. A*) A senhora. (*para Arnaldo*) Volto já.

SCENA V

ARNALDO e ELVIRA

ARNALDO. – (*n'um impeto*) Elvira! (*após curta pausa*) Parte?

ELVIRA. – Em breve.

ARNALDO. – Estranha a minha presença?

ELVIRA. – (*simulando frieza*) Confesso!... Não esperava. Promettera voltar á noite.

ARNALDO. – Não o quiz o destino. Um secreto instinto, um invencível desejo, trouxe-me a casa. Tanto melhor. Assisto assim ao funeral do meu sonho... Sae d'aquí, fuge, parte... E eu fico. (*exaltado*) Oh! quem podéra escapar também a esta casa agora feita prisão.

ELVIRA. – Senhor!... P'ra vir aqui pedi licença a sua esposa.

ARNALDO. – (*com espanto*) A Bertha?!

ELVIRA. – Sim!... A sua esposa... E a vir procural-o só um poderoso motivo podia obrigar-me.

ARNALDO. – (*com raiva*) Compreendo!... quer partir, isolar-se, fugir sem um grito a marcar a saída.

ELVIRA. – Não me pertence encorajal-o.

ARNALDO. – Porquê?

ELVIRA. – Só Bertha poderá responder-lhe. (*mudando*) Senhor, não devo demorar a minha presença. Repito, traz-me um alto dever e á sua honra entrego a satisfação do ultimo pedido.

ARNALDO. – Diga.

ELVIRA. – (*apontando o cavalete*) O meu retrato... Desejo levar-o.

ARNALDO. – (*com força*) O retrato?!... Nunca!... É meu!...

ELVIRA. – Pratica uma violencia.

ARNALDO. – Defendo a minha obra; é filha do meu sentir, producto da minha alma. (*agitado*) Quem póde negar direito á justa defeza?

ELVIRA. – Eu.

ARNALDO⁴⁶⁸. – A senhora?!

ELVIRA. – Eu que não tenho direito a ficar aqui perturbando a quietação alheia... Que póde fazer d'essa obra? Exhibil-a? Não consinto!... Guardal-a n'esta casa? Não; não póde nem o deve fazer. Lembre-se de Bertha. A defeza da sua obra seria a ultima das iniquidades, permitindo a permanente evocação da minha pessoa. Ceda!... É esse o seu dever...

ARNALDO. – *(vencido, dirige-se ao cavalete e lança um ultimo olhar á tela)* Tudo vôa!... Nada fica!... *(desce e carrega n'um timbre)* *(para creado indicando a tela)* Leva esse quadro. *(para Elvira)* Está satisfeita?

ELVIRA. – Obrigdo. *(para creado)* Conduza o retrato ao meu quarto. *(creado sae com a tela)*

ARNALDO. – Infernal condemnação o não ser livre.

ELVIRA. – *(estendendo a mão)* Adeus!

ARNALDO. – Já?!

ELVIRA. – Já.

ARNALDO. – Adeus!... *(com dôr)* Vae esquecer-me!

ELVIRA. – Vou tentar conseguil-o.

SCENA VI

Os mesmos, JOÃO, BERTHA depois CREADO.

JOÃO. – *(entrando de F. em traje de viagem vem acompanhado de Bertha, para Elvira)* A hora aproxima-se.

ELVIRA. – Estou prompta. *(reflectindo)* Dão licença? *(sae pela E. A.)*

JOÃO. – *(avançando para Arnaldo)* Agora, ao atravessar o jardim, eu e a tua esposa vimos a Natureza manifestar-se em bello symbolismo. Acordando para a vida ao sol da primavera uma cobra restejava fugindo a nossos passos em busca de guarida. Findara a hybernação, assim tu e tua esposa agora despertos ao calor da Verdade, finda a catalepsia do erro, têm de buscar abrigo na amisade pura. Compreendes?

⁴⁶⁸ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». O despertar. Peça em 1 acto. (Rejeitada pela empreza do theatro D. Maria II). *A Obra*. Lisboa: n° 281 (1900), 24 de junho, p. 2.

ARNALDO. – Compreendo.

JOÃO. – *(com força)* E que ninguém condemne!... Victimas que são todos, ninguém pôde ser juiz. *(olhando o creado que da E. passa ao F. conduzindo o retrato recoberto)* *(para Arnaldo)* É o retrato?

ARNALDO. – É.

JOÃO. – Fizeste bem.

ELVIRA. – *(entrando da E., para João)* Doutor!... Quando quizer. *(ao F. apparece o creado)*

BERTHA. – *(para o creado)* Chegou?

CREADO. – O cocheiro está pondo as guiseiras nos cavallos *(sae a um gesto de Bertha)*

JOÃO. – *(avançando para Arnaldo)* Até breve. *(para Bertha)* Animo forte. *(para os dois despedindo-se)* Voltarei.

BERTHA. – *(a despedir-se d'Elvira)* Sê feliz; se puderes. *(fóra ouve-se o tilintar das guizeiras)* Adeus!

ELVIRA. – *(desembaraçando-se de Bertha, para João)* Doutor!... Vamos?

JOÃO. – Vamos!...

(Elvira acompanhada de João sae pelo F. saudando Arnaldo na passagem, na scena fica reinando silencio).

BERTHA. – *(cortando o silencio e indicando as cartas que estão sobre a mesa)* Essas cartas...

ARNALDO. – Vou queimal-as.

BERTHA. – Hoje?

ARNALDO. – Sim. *(apoz curta hesitação)* Mulher, perdôa!... *(na estrada as guiseiras dos cavallos indicam a partida)* *(lançando-se nos braços de Bertha)* Irmã, ampara-me.

BERTHA. – *(ouvindo o enfraquecido tilintar das guizeiras)* É cruel o despertar.

FIM

Ernesto da Silva

**NOVA AURORA. APROPOSITO EM 1 ACTO
E 4 QUADROS REPRESENTADO NO 1.º DE MAIO DE 1900.
(GENERO SYMBOLICO)⁴⁶⁹**

Personagens

O Capital	Um padre
A Dôr	Um criminoso
O Trabalho	Um professor
A Justiça	Um magistrado
A Caridade	Um poeta
O Egoismo (lacaio)	Uma noiva
Um inventor	Um estudante
Um lavrador	
A Arte }	
A Sciencia }	Figuras symbolicas de apotheose
A Paz }	

Camponezes dos dois sexos, operarios e operarias, creanças, etc.

⁴⁶⁹ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: nº 292 (1900), 9 de setembro, p. 2. A peça foi publicada na íntegra no jornal *A Obra* na secção dedicada ao folhetim. Ernesto da Silva já tinha publicado dois relatos por ele qualificados de «Fantasia»: «Um encontro. (Phantasia)». *A Federação*. Lisboa: nº 5 (1894), 4 de fevereiro, p. 3, sobre a relação do Trabalho como a Ideia; e Luz e sombra. (Phantasia). *Idem*. Nº 9 (1894), 4 de março, p. 2-3, onde já aparecem as personagens protagonistas deste drama. Vid. também o artigo 1º de Maio – Nova Aurora, com motivo do 1º de maio de 1901, reproduzido em 1903, para festejar a mesma data, já falecido o autor. Vid. *A Obra*. Lisboa: nº 430 (1903), 1 de maio, p. 1; *O Mundo*. Lisboa: nº 942 (1903), 1 de maio, p. 1.

ACTO UNICO

1º QUADRO

A scena representa uma casa miseravel onde se aloja a Dor. Ao F. porta para o caminho, á E. uma janella olhando a paisagem larga, á D. uma chaminé com lareira em que arde um lume frouxo á E. B. um catre miseravel occupado pela Dor ao levantar o panno. Á D. B, uma arca, proximo um madeiro servindo de escabello. Fóra, a noite negra e tempestuosa é cortada quando em quando pelos relampagos. Ao subir o panno a Dor recosta-se no catre envolta n'um manto negro, soltos cabellos. Portas lateraes.

SCENA I

DÔR, só

(Erguendo o busto no catre e fixando a janella) Impera minha irmã, impera!... Abala, alaga as planicies, arrasta as sementeiras e torcidos os ramos do carvalho ao sopro da tua rebeldia, deixa estalar o raio fendendo d'alto á baixo o roble secular. Cumpre o teu dever. Logo, ao nascer da luz forte, quando o homem acordar na choupana e vier fóra contemplar o resto maldito da tua passagem na terra, serei então a Rainha, passeando a gelidez do meu sorriso sobre a gente afflicta. *(deixando o catre)* Oh! tempestade! cega irmã que só flagellas os miseros perdidos nos caminhos; rude e tresloucada vingadora que não ousas nem pódes transpôr os atrios sumptuosos que dão ingresso á morada da Ventura, o teu bravejar queda-se ante os pára-raios dos palacios e o rouco stertor da tua colera mal penetra o conchegado ambiente das sallas onde a Riqueza habita. *(dirigindo-se á janella)* Nem uma só estrella, nuvens desgrenhadas correndo loucas, pinheiros derrubados, torrentes resaltando nas encostas, casaes adormecidos; no cimo da serrania desabrigado e faminto só o pastor véla protegendo o apavorado rebanho. Pobre d'elle! É um dos meus filhos. *(ao longe soam tres horas n'uma torre.)* Tres horas. A voz do templo a perder-se nas quebradas, relembrando asylo, apontando resignação. Bal-

dado aviso, conselho inutil! Ante o meu poder a resignação vôa e ai dos homens quando só eu impero. A mordça da consciencia rasga-se o protesto irrompe. Eu sou a Dôr, maior é meu poder.

SCENA II

A DÔR e o TRABALHO

DÔR. – *(Batem á porta.)* Quem sois e a que vindes?

TRABALHO. – *(fóra)* O Trabalho e peço abrigo.

DÔR. – *(abrindo a porta)* Entra. *(para o Trabalho que entra algemado. Indica a lareira)* Aquêcei-te.

TRABALHO. – *(indifferente)* P'ra quê?!... Ha muitos seculos já que o frio não me trespassa nem o calor me entorpece. *(indica com o olhar as algemas)* Por piedade, um instante...

DÔR. – Queres soltar os pulsos?

TRABALHO. — Sim. Por momentos ter a illusão da liberdade que tanto busco e fuge.

DÔR. – *(desalgemando o Trabalho)* Depois, mais vae custar-me. Apoz a illusão vem sempre o desengano.

TRABALHO. – Que fiz a merecer a tua colera?

DÔR. – Porque esse fallar?

TRABALHO. – Porque soffro. E desde o berço te vejo refocillar na minha desgraça, sorver as minhas lagrimas, rir do meu penar; e ainda agora negar-me a esperança.

DÔR. – Exprobas-me?

TRABALHO. – Accuso!

DÔR. – És injusto. Mal dos homens quando o braço estendo; a todos firo, párias ou potentados.

TRABALHO. – Mentos! No mundo só eu soffro, eu que produzo e, não tenho, trabalho e sinto fome, chóro e ninguem ouve; eu, que vejo filhos mordidos nas engrenagens, a esposa rolda de miseria, filhas perdidas nas vellas soluçando canções tristes; eu que construo palacios e não tenho

abrigo, teço sedas e visto andrajos, amontão riquezas e vou finar-me nos hospitaes. Quem ha que mais soffra e chore perdido n'um côro de eterna maldição?

DÔR⁴⁷⁰. – Outros, muitos outros. Tu soffres na fabrica, é certo; mas se quizeres alargar a vista aos limites largos do meu dominio has-de vêr os meus filhos multiplicarem-se, aqui, acolá, perdidos, torcidos de soffrimento. Porque a sineta ao alvôr da manhã esperta o teu corpo, fatigado; porque o estomago vasio te saccode em brutaes repellões e só a Miseria, minha irmã em teu lar fez guarida, ergues-te juiz, tu, desgraçado servo, ferramenta obscura que a Civilização maneja?!

TRABALHO. – Não posso fazel-o?

DÔR. – Podes. E por instantes magnanima, aproveitarei o momento a desarmar tua colera. Sem temor á noite vieste lançar o protesto em minha morada e justo é não partas sem ouvires o depoimento das victimas que não conheces. (*dirigindo-se a uma porta lateral*) Filhos da Dôr, desgraçados que soffreis, vinde a mim. (*para o Trabalho*) Eil-os!

SCENA III

A DÔR, o TRABALHO umas Victimas da DÔR

DÔR. – (*passeando o olbar sobre os recém chegados apoz curta pausa.*)
Fallae!

LAVRADOR. – (*sabindo da fila e avançando. Para a Dôr*) Que desejaes?

DÔR. – Contae a vossa historia. A isso te convido e a teus irmãos.

LAVRADOR. – Fui lavrador na minha aldeia. Terras possui, largas terras onde o trigo balouçava louro ao sol do verão, e a vinha se estendia verde, subindo as encostas. Nunca em minha casa faltava pão; as tulhas a transbordar garantiam a vida e a adega povoada de toneis, dava alegria, inspirava crença, insuflava forças a cuidar da terra sempre amiga sempre

⁴⁷⁰ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: n.º 293 (1900), 16 de setembro, p. 2.

mãe. A familia a toda a hora ria sem temor ao amanhã terrivel. Nas tardes de romaria quando o sol a prumo caia no adro da igreja quanto eu era feliz feito juiz da festa vendo rapazes bailar; então as canções tinham brilho e a paz parecia eterna. Depois d'um dia, do outro a terra fecunda fez madrasta; os campos verdes seccaram bafejados não sei porque vento do norte, a vinha queimou-se, morreu, e, não mais em tardes de outomno ouvi cantares amigos de volta da vindima. Era a doença, diziam! A teimar na raiva de vencer o mal pedi dinheiro certo da victoria e, pouco a pouco, a terra hypothecada ao agiota que não trabalhava, fugiu-me. Que pena tive! A casa de meus paes, a terra de meus avós! A desgraça foi completa, a dôr matou-me a velha esposa, e só fiquei, quasi mendigo deixando as duas filhas buscarem a cidade a serem servas, emquanto eu faminto, perdido o meu casal, ainda no mercado dos trabalhadores fui despresado.

DÔR. – *(interrompendo)* Porquê?

LAVRADOR. – Era velho!... Já não podia erguer a enxada. *(a um signal da Dôr entra na fila)*.

DÔR. – *(ao professor)* Tu!

PROFESSOR. – É curta, bem curta a minha historia. Ha mais d'um seculo vivo, mas a dizer da injustiça humana curtos momentos bastam. Eu fui o professor, aquelle primeiro dos sustentaculos d'um povo que quer viver e progredir. Junto a mim, passaram tres a quatro gerações de creanças, mais tarde quando homens, entregues ás funcções dos mais elevados cargos sociaes. Fui um trabalhador util!... Em premio a meu esforço á existencia laboriosa gasta a procrear bons espiritos, veiu a invalidez, surgiu a decrepitude, fez explosão a velhice e agora desconfortado e sem abrigo, sentindo o pranto queimar-se as orbitas e a vergonha subir-me ás fazes; eu sou o mendigo, o vagabundo, o sem lar, nas viellas acoutado durante o dia, p'ra só a noite vir furtivo, qual ladrão, estender a mão magra e tremula aos discipulos que já me não conhecem. Soffro intensamente e á espera ando do dia triste em que terei por albergue um carcere infecto! Triste victoria! Vergonhoso premio! *(vae para a fila)*.

DÔR. – *(ao poeta)* Pertence-te!

POETA. – Queres ouvir-me, tragica amiga? (*a um signal affirmativo da Dôr*) Conheço-te! És a Dôr. No regelo da minha mansarda quantas noites tens sido a mais leal amante inspirando-me os doloridos cantos dos meus poemas lugubres!

DÔR. – Não te assusto, poeta?

POETA. – Quase chego a amar-te.

DÔR. – (*interrompendo*) Continúa.

POETA. – Que dizer?! Nasci e presa de lei fatal a que escapar não pude, tive de cantar as angustias, se lilar com a ventura. Sem querer, fugido á vida material em que é triumpho conquistar o pão, deixei-me embalar no sonho; no extase, entrevi pedrarias, brocados, flores, e em dourado throno pousando vaporosa a mulher ideal, *intangivel* visão... Assim de mim esquecido, visitou-me a fome, o frio, a doença, no quarto estreito onde repousar costume. Sonhei palacios, brancas castelãs immaculadas, noites de luar a espelharem-se em ruinas de velhos castellos. Forçaram-me a acordar. Que trabalhasse! diziam. E porque não puxava a lima, erguia o malho ou segurava o arado, de mim zombaram dizendo: has de cantar o Poder, a Mentira, a Tyrannia. Resisti! De futuro a desgraça augmentou. Mais que nunca o frio foi penetrante e os farrapos flagrantes. Que importa! Sou livre! Canto a miseria, traduzo a agonia, grito a revolta; ventre vasio repudiei a venda da minha lyra pura, e arrastando a vida espero a Morte. (*entra na fila*).

CRIMINOSO⁴⁷¹. – (*avançando*) É a minha vez? (*signal affirmativo da Dôr*) Vou inspirar horror, bem o sei. Eu sou, dizem todos, um criminoso. Porque o sou? Não sei. Lembra-me sómente que já fui rico; quanto tinha dissipou-se; a arder na febre do jogo perdi, depois, trapacei; expulso dos clubs, perdidos os amigos, fechadas com ruido as postas do mundo em que vivera, achei-me só, tão só e impotente a ganhar a vida que um dia roubei; o tempo de prisão findou, quis regenerar-me, ser util á socie-

⁴⁷¹ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: n.º 296 (1900), 7 de outubro, p. 2.

dade, ella porém, impiedosa e precavida indicou-me a rua, cuspiendo-me nas faces a eterna vergonha, esquecida que não me ensinara a trabalhar. Então lancei-me nos caminhos e hoje em noites tenebrosas passo ao longe dos povoados esperando azado ensejo a saltar na victima. Sou um mau? Talvez! Porém abandonaram-me. Roubo, violento, assassino? Que outra coisa podia fazer! Á espera ando agora que a guilhotina ponha termo á tortura do meu viver! (*entra na fila.*)

DÔR. – (*ao magistrado*) Tu pretor, homem da lei, tambem soffres?

MAGISTRADO. – (*avançando*) A mais crua das agonias (*baixo*). Pensae o nefando crime e não encontrareis reflexo do meu.

DÔR. – É de espanto. Tu, o magistrado, o alto representante da justiça vingadora és criminoso?!

MAGISTRADO. – Quem pudera negal-o!... Embora tarde acordei para a verdade. A consciencia desperta povoou-se de phantasmas e nitidas comecei de ver, em noites de insomnia, as minhas victimas pallidas de soffrimento, os que tinha julgado levantaram-se de sua vez accusadores terriveis, e proclamando a minha iniquidade diziam: – Tu, não sabias o que era desgraça, desconhecias a miseria, a ignorancia, o abandono, o meio terrivel em que o desprotegido se faz criminoso, e d’animo leve com tuas sentenças atulhaste os carceres. Impotente, não minorastes o mal, não prevenistes o crime; e cego vingador, defendeste o privilegio sem hesitação no espirito, sem tremor no braço. Elles tinham razão. Eram victimas sociaes, por mim mandadas ferir em nome da justiça. Agora que peso a obra iniqua, o remorso mora em minha alma e vejo bem não poder jámais fugir á Dôr que me avassalla... Basta lembrar que só nos miseros prevaricadores fiz chacina e mercê da protecção social fingi não vêr os grandes criminosos. (*entra na fila*).

DÔR. – (*para a noiva*) E tu, descolorida creança, porque soffres?

NOIVA. – Amei! d’entre os pobres destaquei o noivo preferido, d’ahi a desgraça. Enlevada no sonho bom, esqueci a vontade paterna logo acordada no orgulho da raça. Mulher, só aquelle homem sorria ao ideal acalentado pelo meu coração replecto de ternura; e ao final, porque era

rica, nobre e d'alta stirpe meus paes interdictaram-me o sagrado direito de escolha e quizeram constranger-me a acceitar um homem da minha igualha. Elle, o noivo preferido, partiu para longe desilludido e ameaçado de feroz vingança; eu, agora vou afogar a Dôr na sombra do claustro. Esmagado o coração é para mim Inferno a vida! (*ao signal da Dôr entra na fila*)

DÔR. – (*para o estudante*) E tu, moço tão cheio de seiva e forte de esperanças em flôr que dizes?

ESTUDANTE. – (*avançando*) Bem pouco!... Troquei a aldeia pela cidade e vim a estudar. Forte de novas energias, avido de saber, buscando na sciencia armas a lutar pela vida, encorajado de ser util á mãe e ás irmãs que na aldeia ficaram esperando auxilio, eu vim tambem a exemplo de tantos outros defrontar-se com o desconhecido. Ahi, começa a dolorosa via á constante marcha... Os tempos de mesada pobre, gasta em livros caros, as noites sem luz no quarto, a estudar nos cafés e peor, muito peor, ali esperar o providencial amigo na ancia de aproveitar generosa offerta de appetecida refeição. Depois, os longos dias de negra revolta, acotovellando condiscipulos neditos, fartos, felizes, emquanto a alma se nos faz fel na analyse da desigualdade provinda da riqueza que d'uns faz condemnados e d'outros escolhidos. A augmentar a Dôr ve então as necessidades filhas do espirito educado, reclamando visões de festas, aspectos d'arte, refinamentos de gosto e tudo sem poder effectuar-se á mingua de recursos. Logo acodem ao cerebro insatisfeito momentos torvos de pensar sinistro, nega-se o ideal, affirma-se a descrença, dá lei o desespero, e o misero grabato a um canto do albergue tem similhaças de esquife. A alma falha d'affectos petrifica e é assim que a Dôr faz do homem um egoista. Eis porque soffro. Quizera ser alma aberta aos nobres sentimentos e a lição da vida transforma-me, apodrece-me, negando-me sensibilidade pelo mal alheio. (*a um signal da Dôr entra na fila.*)

DÔR. – (*para o inventor*) É a tua vez, espiritu creador de maravilhas; queres fallar?

INVENTOR. – Sim, vou fallar. Tambem preciso proclamar a minha Dôr e soltar o meu protesto. Eu sou o inventor. Após⁴⁷² dias de trabalho, noites de canceira, dei vida á machina e contente da minha obra fiquei a olhal-a expressa no papel. Como eu julgava bella a alta missão⁴⁷³. Do meu gabinete ia sahir em ondas o bem estar e a felicidade; o Homem ia libertar-se da ardua tarefa, deixar que o escravo de ferro insensivel á fadiga produzisse eternamente emquanto o ser humano subia a expandir-se nas regiões da perfeição moral. Era esse o meu sonho. Rapido, a realidade veio a desilludir-me e pude então ver quanta desgraça a machina provocára. Os ricos tinham feito da minha obra motivo de maior riqueza, e os obreiros aquelles que desejava libertar eram mais que nunca famintos, saturados d’odio, desconfortados! A machina multiplicára a producção, dispensára braços, creára a fome. O proletariado feito gado humano juntava-se em rebanho nas grandes fabricas, rota para sempre a solidariedade entre os homens perdera-se o espirito de cooperação, que em passado seculo irmanava mechanicos ligados na paz productiva do trabalho domestico. Agora, irrompem gritos de maldição, elaboram-se vinganças e o odio fez-se suprema lei!... Por vezes o *chão* avermelha de sangue e cadaveres ficam a testemunhar quanto o producto da minha sciencia, assim entregue a privilegiada posse d’uma só classe feliz, envenena a vida social...

DÔR. – (*interrompe*) A compensar tiveste louros e proventos!

INVENTOR. – Nem sempre. Largas vezes afincadamente trabalhei e porque não tinha dinheiro para dar vida ás creações do meu cerebro, forçado fui a vender por baixo preço o meu segredo, deixando outros que nada faziam aproveitar o melhor do meu saber... A experiencia amargurou-me o viver e hoje ando no mundo despojado e triste, maldito das victimas que o meu engenho creou! (*a um gesto da Dôr entra na fila.*)

⁴⁷² SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: nº 302 (1900), 18 de novembro, p. 2.

⁴⁷³ No original, mudança de parágrafo.

DÔR. – *(para o sacerdote)* Velho sacerdote quero ouvir-te.

PADRE. – *(avança)* Quereis ouvir porque soffro?

DÔR. – Sim. *(indica o Trabalho)* Preciso é ouvir até final o vosso tremendo libello p'ra desarmar a colera do Trabalho que no mundo julgava ser único a soffrer.

PADRE. – Ouvi!... Pastor d'almas fui e no ardor crença elevei a voz contra a injustiça humana. No templo reivindiquei preceitos da sagrada doutrina e de mim zombaram ricos, chamando-me utopista, escudados, eu sei, na protecção de magnos sacerdotes recobertos de brocado fino, pedrarias raras, chamei pela humildade, apostolisei o despreso dos bens terrenos, e o amôr entre os homens. Às minhas supplicas responderam gargalhadas e porque irado ante a mentira feita dogma fallei a linguagem dos livros santos, fui perseguido, expulso do templo e nunca a minha voz pôde exprobar dourados vicios, retumbando na nave das cathedraes, tive de partir, fugir á sanha brava dos que dizendo-se meus irmãos em crenças só querem viver de convencionaes mentiras, esquecendo a humildade na febre do poderio e das riquezas... Agora, descrente dos homens, vendo em bancarrota a redemptora doutrina, transformada em esteio da tyrannia, cá vou mundo em fóra á busca d'um abrigo, onde occultar possa as agonias do meu triste despertar. Eis porque soffro, e muito, olhando a alma em ruinas e vendo em negro fundo triumphante a hypocrisia sorrindo na crapula ignobil. *(signal da Dôr para o Padre entrar na fila.)*

DÔR. – *(para o Trabalho)* Estás satisfeito?

TRABALHO. – Estou. Morreu em mim toda a esperança.

DÔR. – *(para a fila das victimas indicando a porta da D. B. que vae abrir de par em par)* Ide filhos meus, recolhei ás vossas moradas. *(a scena vae illuminando progressivamente.)* A manhã já repunta cheia de luz e em breve os solitarios caminhos serão povoados de gente tambem angustiada. Ide e mostrae ao mundo a grandeza do meu poder. *(saem as victimas)*

SCENA IV

A DÔR e o TRABALHO

TRABALHO. – Que fazer agora? De novo curvar-me ao fatal destino, entregar o corpo macerado á expoliação brutal, deixar esquecida a colera e nunca mais erguer os olhos á inteira liberdade!

DÔR. – Resignas-te?

TRABALHO. – Entrego-me á predestinação.

DÔR. – Viste? n'este mundo nem tu só és victima? Já em passados tempos teus avós foram escravos, párias servos, e tu já hoje gosas direitos de cidadão. N'outras eras, milhares de escravos ergueram as pyramides do Egypto, tumular guarida da real vaidade, serviram no circo de pasto ás fêras esfomeadas e mais tarde puderam os nobres manter o direito a desfolhar lascivos a virginal grinalda das noivas servas, assim porque te queixas quando gosas novas regalias e mais liberdade?

TRABALHO. – (*interrompe ironico*) Liberdade! Onde está ella que só a tenho para morrer de fome quando o trabalho falta ou os braços se não erguem já tomados da velhice? Depois⁴⁷⁴, se na apparencia mais direitos tenho, o caso é que ainda agora as minhas filhas são a preza de luxuria dos ricos e os meus filhos são carne de canhão sujeita a todas as vilezas. D'esta maneira a Liberdade ainda não me sorriu intensamente amiga. (*ao longe ouve-se soar uma sineta de fabrica.*)

DÔR. – Ouves?

TRABALHO. – (*applicando o ouvido*) É a fabrica chamar-me. (*cessa o toque. Estende os pulsos ás algemas que a Dôr vae buscar*) Vamos, algemae-me, deixae que de novo penetre no mundo da eterna dor! Algemae-me que em tremenda maldição irei accordar os echos dos caminhos bradando na terra não haver Justiça. (*quando a Dôr avança a fechar as algemas apparece a Justiça ao F.*)

⁴⁷⁴ SILVA, Ernesto da –Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: n.º 303 (1900), 25 de novembro, p. 2.

SCENA V

Os mesmos e JUSTIÇA

JUSTIÇA. – (*descendo, com colera para a Dôr*) Detem-te! (*ao Trabalho com magua*) Negaste-me!

DÔR. – Quem és tu?

JUSTIÇA. – A Justiça!... Aquella que ha muito vem destruindo a tua obra nefasta. Aquella que sempre tem cantado victoria contra os maleficos agentes por ti lançados á vida. Ias algemar o Trabalho? Não consentirei. (*ao Trabalho*) Ergue a fronte, encara o Futuro, repudia a gargalheira e na crença de melhores dias caminha sempre altivo e forte, seguindo o exemplo dos teus maiores; elles mais soffreram e não desanimaram, conquistando assim melhoria á tua sorte.

TRABALHO. – (*ajoelhando*) Oh! bella visão das minhas noites de esperança; dae-me alento, insuflae-me coragem, libertae-me.

JUSTIÇA. – (*para o Trabalho*) De pé!... Quem tem justiça não ajoelha, levanta-te e marcha...

DÔR. – Queres salvar-o?

JUSTIÇA. – Duvidas? (*ao Trabalho*) Que havia ser do Futuro, se tu, a melhor força da civilisação, quedasses acobardado e irresoluto? Vamos!... Reanima!... A vencer teu espirito fraco e credulo a Dôr mostrou as victimas tambem torturadas n'outras camadas sociaes...

DÔR. – (*n'um impeto*) Mentí?!

JUSTIÇA. – Não! mas esqueces-te dizer que esses angustiados são victimas impiedosamente feridas pelo mais implacavel dos teus agentes – O Capital – que não só o operario tortura mas a sociedade inteira esmaga e escravisa...

DÔR. – Podes vencel-o?

JUSTIÇA. – (*indicando o Trabalho*) Basta que o Trabalho seja livre...

DÔR. – Louca!... Ainda no seio da mais ridente felicidade hei de ter guarida; eu sou eterna porque nasci da propria natureza humana.

JUSTIÇA. – É assim!... Porém á lutuosa missão de que te incubiste eu vou oppondo a minha tarefa santa, acordando na luminosa passagem

quantos debeis espiritos julgavam jámais salvar os abysmos onde os lançasteis. Adeus! (*para o Trabalho*) Vamos! A Nova Aurora já refulge e tenho ainda que mostrar-te o teu algoz (*encaminhando-se para a porta do F. seguida do Trabalho*) Adeus velha sybila do mal; nós, vamos á conquista da vida feliz! (*saem Justiça e Trabalho*)

FIM DO 1.º QUADRO

II QUADRO

A scena representa um salão luxuoso de largas janellas para o campo. Ao levantar o panno Capital e Caridade estão prestes a findar o almoço. Á D. B. uma cadeira de balouço. Egoismo serve á mesa.

SCENA I

O CAPITAL, CARIDADE e EGOISMO

CAPITAL. – (*de guardanapo ao pescoço*) Bella manhã!... É um encanto a existencia assim passada a viver na folga. Palavra! Custa crêr como os trabalhadores podem viver em casebres sem ar nem luz, estomago vasio, sempre a chafurdarem no lameiro da miseria.

CARIDADE. – O habito é segunda natureza...

CAPITAL. – Se fôra eu protestava.

CARIDADE. – Prudencia!... podem ouvil-o.

CAPITAL. – Mas não é verdade minha amiga que tal viver só a brutos convem?

CARIDADE. – A quem o diz Capital amigo. Eu sou a Caridade, e passo os ocios a frequentar antros miseraveis, tenho visto horrores.

CAPITAL. – (*erguendo o copo á luz*) Veja!... Um nectar!... Porto!... Os camponios são bons amigos não ha negal-o. Elles o fazem, nós o bebemos.

CARIDADE⁴⁷⁵. – Perdão!... Os pobres também bebem.

CAPITAL. – (*desdem*) Cartaxo!⁴⁷⁶

CARIDADE. – Porto!... Ha dias mandei para o asylo duas caixas com garrafas.

CAPITAL. – Bravo!

CARIDADE. – Por signal d'uma marca em que não tinha confiança. Padeço do estomago e não posso arrojarm-me a ingerir falsificações...

CAPITAL. – Quer magoar-me?

CARIDADE. – (*fingindo indignação*) Não ha tal. Eu sei que adultera os generos para bem dos trabalhadores...

CAPITAL. – (*interrompendo*) Multiplicando as industrias. (*mudando*) E faço o bem que posso.

CARIDADE. – (*intencional*) Depois, vamos lá, se não fôra albergues e sanatorios os pobres morriam cedo.

CAPITAL. – O que seria lamentavel, faltavam consumidores.

CARIDADE. – (*idem*) Aos generos a que eleva o preço?

CAPITAL. – Tratemos d'outro assumpto. Sempre prompto a dar auxilio nada tem a censurar-me.

CARIDADE. – Por Deus! Não esperava ser tão facil melindral-o. E para que a sombra não fique da desavença entre nós eu vou brindar. (*ergue o copo*) Ao trabalho amigo que nos mantém e ampara. (*tocam os copos*).

(*ouve-se fôra a canção em toada plangente. Capital e Caridade prestam attenção*)

É erguer... fortes rapazes

Despertar... rijas moçoilas

P'ra colhermos na seara

C'r'oas de, rubras papoilas.

⁴⁷⁵ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: nº 304 (1900), 2 de dezembro, p. 2.

⁴⁷⁶ Faz referência à qualidade do vinho tinto produzido neste concelho.

Vinde ao campo... bom fecundo
A levantar a colheita
Que ao fim da lista insana
Cruel a... Morte espreita.

Vamos á faina é erguer
Que a aurora já rompeu
E o sol amigo sorri
Dando vida lá do céo.

CARIDADE. – *(á janella assestando o lorgnon sobre os camponezes que passam ao F., para o Capital)* Vão á ceifa, após a sésta.

CAPITAL. – Boa gente! Laboriosa e pacifica, trabalha muito e ganha pouco. N'ella conto os meus melhores vassallos. *(chama)* Egoismo!

EGOISMO. – *(ao F.)* Senhor! *(a um gesto do Capital começa a limpar a meza enquanto a Caridade se recosta na cadeira e o Capital accende o charuto).*

CARIDADE. – *(balouçando-se)* Sinto-me cançada. Quanto fiz n'este inverno a cuidar dos sem pão. Só valsas dansei vinte em bailes de caridade.

CAPITAL. – Descança agora?

CARIDADE. – Senão em breve esfalfada morria, é n'esta quadra que me retempero dos cotillons do club e roletas de casinos.

CAPITAL. – *(intencional)* Quando não ha paixão que distraia?...

CARIDADE. – Que quer. Preciso exercitar o espirito. De inverno faltam paisagens provocantes e não é facil encontrar retiros solitarios. Depois, o inverno absorve-me na piedosa tarefa: no reclame quanto tempo gasto. Sim, eu não sou aquella caridade risonha, refractaria ao convivio, incapaz de fazer tombolas e kermesses, que occulta a mão e vela a face ao dar auxilio. Não! Eu sou a Caridade! Chic, dos balcões dos bazares e valsas allemãs. Já vê: – nobreza obriga.

CAPITAL. – Eu sei. É no inverno que a miseria se ostenta mais flagrante authentica: – falta o sol.

CARIDADE. – Então é que é ouvil-os. (*com intenção*) Se não fôra eu...

CAPITAL. – Reconheço-o. Ao seu bom auxilio muito devo. Porém... o Trabalho já protesta e faz gréves.

CARIDADE. – Pallidos desabafos! gritos sem importancia.

CAPITAL. – Perdão! Já me insultam e discutem meu viver.

CARIDADE. – Sempre no intuito não vá o Trabalho costumar-se á vida facil. Em tal proceder reside a defeza social. Que mais querem? Não sou eu que protejo as artes, animo a industria, e fomento a agricultura? Sem mim a sociedade, definhava, agonisava, morria. É com o meu vigor que as fabricas produzem dia e noite e a terra é fecunda. Quem o contesta? Ninguém, salvo utopistas que julgar possam existir progressos e ordem sem cédulas de tostão transformadas em salario. Dizem que exploro! Porque? porque com o meu auxilio amparo milhões de familias pobres que sem mim estourariam de fome. Eu sou um benemerito posso affirmal-o. Perdoe-lhes⁴⁷⁷ meu amigo, siga o meu exemplo, elles não comprehendem a nossa santa missão.

CAPITAL. – (*leva as mãos ao ventre*) Agitei-me, fiz mal, não estou costumado...

CARIDADE. – Padece?

CAPITAL. – A digestão difficil... Gazes!

CARIDADE. – Falta de exercicio... Arrote, talvez passe...

CAPITAL. – (*com esforço*) Não vae! Isto em mim é já velho. Depois de comer fico assim.

CARIDADE. – P'ra que abusa?

CAPITAL. – Que quer? Alguma coisa hei-de fazer. Não trabalho!... Como!

CARIDADE. – Veja lá não rebente.

CAPITAL. – Desgraçava-a?...

⁴⁷⁷ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: n.º 305 (1900), 9 de dezembro, p. 2.

CARIDADE. – Inutilisava-me.

CAPITAL. – Que desgraça não seria...

CARIDADE. – P'ra nós e pr'os pobresinhos.

EGOISMO. – (*ent. do F.*) Senhor!... Dois desconhecidos desejam fallar-lhe.

CAPITAL. – Esperem um pouco.

CARIDADE. – Adeus. (*indicando o Egoismo*) É um bello servo!... (*Egoismo sae*)

CAPITAL. – Nunca esquecerei que lhe devo a indicação.

CARIDADE. – Até depois. Tenho muito que fazer. Ainda agora vou escrever pr'a cidade a pedir um chapeo modelo, tres caixas de pó d'arroz e algodão em rama. (*a um gesto admirado do Capital*) Preciso opulentar o seio protector. Adeus!

CAPITAL. – Adeus minha amiga. Não me abandone que os pobres são o diabo.

CARIDADE. – (*dando-lhe palmadinhas*) É injusto!... Se os não houvesse era preciso invental-os... São bom pretexto á folia. Adeus. (*sae*)

CAPITAL. – (*monologando*) Esta Caridade é o que se chama uma boa rapariga.

SCENA II

CAPITAL, JUSTIÇA e o TRABALHO

JUSTIÇA. – Sabes quem sou?

CAPITAL. – Na verdade não recordo...

JUSTIÇA. – Acredito. Quem como tu é servido pelo Egoismo justo é não me conheça. (*indica o Trabalho*) Este!... conheces?

CAPITAL. – Tenho vaga idéa...

JUSTIÇA. – Fraca memoria! não importa, eu vou fallar e breve faço a apresentação. (*aponta o Trabalho*) Este, assim gasto de soffrimentos, envergando modesto trage é o productor de todas as riquezas; aquelle que com o suor da fronte transformado em ouro, enche sem cessar os

teus cofres, sempre curvado á tua insaciavel ambição – é o Trabalho! Eu, sou a Justiça!

CAPITAL. – (*aterrado*) A Justiça!

JUSTIÇA. – Apavoro-te?! (*para o Trabalho*) Conhecel-o?

TRABALHO. – Conheço!... Dizem que é meu amigo, meu protector, meu irmão.

JUSTIÇA. – Sim!... Enquanto tu és descuidado Abel, este é Caim ávido e sem escrupulos.

CAPITAL. – Insultaes?!

JUSTIÇA. – Silencio!... Eu sei que tens a soldo philosophos, economistas, sacerdotes e artistas encarregados de justificarem a tua existencia. Porém, ante mim que tudo vejo e sei, pouco valem as arengas com que os teus salarizados mystificam a consciencia humana. Eu sou a Justiça e sei bem quanto o teu ouro é improductivo. (*apontando fóra os campos junto á janella*) Olhae! quem são aquelles que além andam curvados entre o trigo?

CAPITAL. – São servos a quem pago.

JUSTIÇA. – Mentis!... São victimas que expolias. Amanhã, finda a colheita, os teus celleiros serão replectos de grão, e elles, os trabalhadores, queimados de sol ardente, regressarão ás choupanas, tão pobres como outr'ora. No emtanto foram elles, só elles, que lançaram a semente, rasgaram sulcos no seio da terra fecunda, e fizeram a ceifa!... Os dias de inverno voltarão e enquanto tu na cidade gosarás a vida no meio do mais requintado conforto, estes camponios hão-de olhar em volta, desesperançados e tristes a interrogarem-se, porque tendo produzido tanto pão a fome os espreita. Não tens remorsos?

CAPITAL. – Porque? Não lhes paguei salario?

JUSTIÇA⁴⁷⁸. – (*para o Trabalho*) Dizei a teu irmão Caim para que vale o salario.

⁴⁷⁸ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: n.º 306 (1900), 16 de dezembro, p. 2.

TRABALHO. – O salario é o preço infimo do meu incessante esforço. Na fabrica onde trabalho desde manhã á noite, produzo cinco e seis vezes mais do valor que recebo.

JUSTIÇA. – (*para o Capital*) Ouvistes?

CAPITAL. – (*indica o Trabalho*) É livre!.. Aceita porque lhe convém.

JUSTIÇA. – (*olhando o Trabalho*) Pobre d'elle!... Livre! É essa uma das pungentes mentiras com que mascaras a febre de cobiça que te devora, accaso pode ser livre o misero trabalhador de aceitar ou não as tuas extorsões se o salario é para elle a condição única de existencia? Demais tu sabes não haver logar á revolta. Quem reage não trabalha, é expulso, perseguido e a miseria obriga á passividade áquelle que por momentos quis ser livre e fugir ás tuas garras. A lei fatal do teu dominio expressa-se em curta phrase: submissão ou a morte! E tens audacia para fallar em liberdade? Ah! que já mais longe estive o dia em que heide pedir-te severas contas.

CAPITAL. – Ameaças?!

JUSTIÇA. – Previno!

CAPITAL. – Nada temo! É grande o meu poder, tenho a força.

JUSTIÇA. – Falta-te direito.

JUSTIÇA. – Imbecil!... Acaso julgas deter a humanidade caminho do futuro? Já esqueceste a lição da Historia... Grande era o teu poder em Roma e os escravos puzeram fim á gargalheira e ao carcere; potente era teu braço quando o senhor de inexpugnaveis castellos violavas as filhas dos servos e fendias o craneo dos vasallos a golpes de espada e não pudeste impedir as «jacqueries»⁴⁷⁹ vingadoras, grande era a tua força em

⁴⁷⁹ O episódio da «Jacquerie» insere-se no longo conflito da Guerra dos Cem Anos (1337-1453) que enfrentou França com Inglaterra no seculo XIV, e envolveu outros cenários europeus. João II de França (1350-1364) foi feito prisioneiro em Poitiers pelo filho mais velho de Eduardo III de Inglaterra, o que levou à regência do príncipe Carlos. Com o objetivo de recaudar um imposto para o regente foram reunidos os Estados Gerais em Paris, que acabaram numa revolta chefiada por Etienne Marcel. Com ajuda da burguesia constituiu um governo comunal após o assassinio dos conselheiros do regente a 22 de fevereiro de 1358. Uns meses depois, em maio, eclodiu uma revolta camponesa na zona do Beauvaisis denominada «Jacquerie». Era chefiada por Guillaume Carle, que conseguira organizar um

93⁴⁸⁰ e ainda não conseguiste suffocar o grito de rebellião que na França estalou e repercutir veiu em todo o mundo abrindo novos horisontes ao grande ideal da libertação humana.

TRABALHO. – (*indica o Capital*) Apesar de tudo ainda é o senhor.

JUSTIÇA. – E sel-o-ha enquanto eu não conseguir estabelecer duradouro o reinado da paz entre os homens, livres emfim de execráveis tutelas e privilegios que são hoje ferozes antagonismos dividindo a humanidade em victimas e algozes. (*com intenção para o Trabalho*) Não desanimas, repito. Desanimar é descrêr da propria justiça e tu não tens direito a fazel-o.

TRABALHO. – Porque?

JUSTIÇA. – Ainda interrogas! (*mudando de tom*) Tu, deves ser o ultimo aspecto da servidão, entregando manietado o individuo á exploração brutal do semelhante que não reconhece direito á vida e á perfeição moral. (*indicando o Capital*) Ergue a fronte!... Olha-o bem de frente e nunca mais ingenuo Abel esqueças teu irmão Caim!

CAPITAL. – É demais!...

JUSTIÇA. – Serena o agitado espirito... Escusado é chamar pela Força, invocar a Lei... Pairo superior ás tuas sentenças e zombo dos teus carcereiros.

CAPITAL. – (*avança aggressivo para a Justiça*) Infame!

TRABALHO. – (*intervindo a defender a Justiça*) Canalha!

JUSTIÇA. – (*detem o Trabalho*) Detem-te!... O uivar d'esta hyena que o mundo povoa de desgraça e morte, não pode attingir-me. (*para o Capital*) Ferir-te?... Já o sabia; só a verdade fallo.

CAPITAL. – Saiam!

exército de uns seis mil camponeses. Etienne Marcel tentou uma aliança com o chefe da Jacquerie mas depois de attingir alguns éxitos, foi definitivamente derrotada a 10 de junho de 1358. Foi um movimento curto no tempo mas de extrema violência, ao qual se seguiu uma repressão brutal.

⁴⁸⁰ Entre 1792 e 1795 governou a República Francesa a Convenção Nacional, onde surgiu o grupo chamado da «Montanha». Eram representantes da cidade de Paris apoiados pelos setores mais radicais e populares. Em maio de 1793 alcançaram o controlo da Convenção.

JUSTIÇA. – Vou fazel-o!... O meu dever está findo e resta despedir-me: Capital, a Justiça amaldiçoa-te!... (*para o Trabalho*) Vamos! Abandonemos Caim!

FIM DO II QUADRO

III QUADRO

A scena representa um campo até se effectuar a mutação. Ao subir o panno o *Trabalho fatigado descança* n'um penedo, emquanto a Justiça estende o olhar aos caminhos. A scena está um pouco escura e vae illuminando progressivamente.

SCENA I

JUSTIÇA e TRABALHO

TRABALHO. – Só tu, Justiça, podias animar-me a tão custosa marcha.

JUSTIÇA. – Fallece-te o animo?

TRABALHO. – Não!... É que presumo ser distante a morada da Paz e o corpo fatigado reclama repouso.

JUSTIÇA. – Desgraçado!... Se não fôra a insuflação da minha vontade serias eterna victima. Dizei! Queres continuar a viver sem esperança, curvado á servidão?

TRABALHO. – (*supplicante*) Perdoae-me; um instante de fraqueza que já findou... (*levanta-se*).

JUSTIÇA⁴⁸¹. – (*apontando para fóra da scena*) Olhae!... Conheces?

TRABALHO. – É o meu presidio.

⁴⁸¹ SILVA, Ernesto da – Folhetim de «A Obra». Nova Aurora. A proposito em 1 acto e 4 quadros representado no 1.º de maio de 1900. (GENERO SYMBOLICO). *A Obra*. Lisboa: nº 309 (1901), 6 de janeiro, p. 2.

JUSTIÇA. – Sim. É a fabrica. Repara na alterosa chaminé vomitando ondas de fumo negro que a viração desfaz em loucas phantasias; lembra-te da machina transmitindo impulso aos veios e aos volantes, obrigando á constante tarefa, fazendo do homem simples automato a regular o engenho; pensae na legião operaria, enodoada, macilenta, extenuada e proclamae audacioso, sem hesitações o direito á alforria... Olhae agora!

TRABALHO. – São elles!

JUSTIÇA. – Conheço-os. São os teus companheiros de martyrio e lucta, a transporem o portão.

TRABALHO. – Pobres camaradas.

JUSTIÇA. – Tão cedo!... Mal rompeu a aurora, ainda no azul tremeluzem estrellas e já começa a faina...⁴⁸² Ha-de findar amanhã, cahir a tarde, espalharem-se no horisonte as tintas do crepusculo, e só depois quando de novo a treva tombar sobre a terra, os novos grillhetas voltarão á liberdade.

TRABALHO. – Um momento de tregua e nos offerecem...

JUSTIÇA. – Bem o sei. A indispensavel tregua concedida ás machinas humanas para reconquista das forças queimadas durante o dia. Se fôra possivel eliminar esse forçado repouso, sel-o-hia, comtanto que os armazens enchessem depressa e pudessem justificar o despedimento dos trabalhadores tornados inuteis. Eis a razão da minha revolta e o motivo do meu auxilio.

TRABALHO. – Obrigado! obrigado!... Essas palavras dão conforto e eu quero fugir á Dôr.

JUSTIÇA. – Queres fugir?

TRABALHO. – (*vehemente*) P'ra longe, muito longe, onde a paz e a felicidade não sejam visões entrevistas em raros sonhos bons. (*começa a ouvir-se fracamente o hymno 1.º de maio*).

JUSTIÇA. – É meu dever guiar-te. Agora que já mostrei ao teu espirito ingenuo o maior e o mais poderoso agente de soffrimento, pela Dôr creado a flagellar a Humanidade, resta pois caminhar em demanda da

⁴⁸² No original, mudança de parágrafo.

encantada mansão onde a paz impera. (*ouve-se fóra o hymno 1.º de maio – para o Trabalho*) Ouves?

TRABALHO. – Quem são?

JUSTIÇA. – São os teus companheiros a quem já illumino a consciencia entoando hymnos de esperança e em marcha para a liberdade... Aquelles vão preparando o futuro. Não se divertem, protestam. Queres seguil-os?

TRABALHO. – Vamos!

JUSTIÇA. – Segue-me! (*saem*).

IV QUADRO

A scena representa a mansão da Paz. Ao F. no alto vê-se a legenda: – Igualdade – Liberdade – Fraternidade. Em plano superior as 3 figuras symbolicas: – Sciencia, Paz e Arte. Em plano inferior a Instrucção rodeada de creanças. Aos lados grupos d’operarios dos campos e das fabricas, junto aos instrumentos de trabalho, no centro, pintores de larga blouse clara e gorro, estudantes, poetas, sabios, etc.

SCENA I

JUSTIÇA e TRABALHO

JUSTIÇA. – (*indica a Paz para o Trabalho*) Ahi tens a Paz soberana n’esta mansão em que a alegria é eterna. (*para a multidão*) Operarios de pensamento, obreiros de braço musculoso, trabalhadores dos campos e das officinas, poetas, sabios, pintores, a Justiça vos saúda. (*indica o Trabalho*) Este é vosso irmão por mim trazido á vossa morada. Conhecem-n’o?

TODOS. – O Trabalho!

JUSTIÇA. – (*para o Trabalho*) Estás entre amigos. (*para o nucleo dos pintores e poetas*) Qual d’entre vós artistas quer firmar um pacto de eterno amor? (*a um poeta que se destaca do grupo e avança indicando o Trabalho*) O Futuro pertence aos trabalhadores, destruidos para sempre preconceitos de classe... Deem-se as mãos.

POETA. – *(para o Trabalho)* Irmão!... Abraça-me! *(abraçam-se)*

TRABALHO. – *(para a Justiça)* Esta é a tua felicidade até agora só entrevista em sonho, emfim realizada.

JUSTIÇA. – Esta é a Nova Aurora.

POETA. – Nuncia de fecunda harmonia entre a familia humana.

JUSTIÇA. – Trabalhadores, erguei a voz potente em hymnos de esperança; poetas, trabalhae novos poemas de revolta; pintores, lançae á tela o soffrimento para acordar o povo. *(indicando a Instrucção)* Cumpri a tarefa santa que a Instrucção está preparando o grande germinal!

FIM

Ernesto da Silva

**VENCIDOS. DRAMA EM 4 ACTOS, REPRESENTADO NO THEATRO
DO GYMNASIO EM 9 DE JANEIRO DE 1902⁴⁸³**

Personagens

Armando Lopes (medico)

Anselmo Lopes (tio d'Armando)

Alfredo Oliveira

Abel Ferraz (medico)

⁴⁸³ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n.º 14 (1902), 19 de janeiro, p. 1. Em agosto de 1896 apareceu no jornal *A Federação* a notícia da conclusão do novo drama de Ernesto da Silva, *A victima*, como *O capital* «vinculado na philosophia demolidora em que se firma o socialismo». O jornalista explicava que se tratava de uma «peça de analyses á vida proletaria, em 4 actos e 5 quadros», que o empresário Salvador Marques encarregou a Ernesto da Silva para ser representada no Theatro do Príncipe Real. O objetivo do autor fora fazer uma crítica da família contemporânea, o que levou Ernesto da Silva a realizar uma «fotografia» de um dos inumeráveis casos da patologia social nos que abunda a civilização, provocando a degeneração dos caracteres e aumentando a corrupção de muitos por falta de meios económicos apropriados ao desenvolvimento dos individuos. O argumento expõe como alguns membros do proletariado intelectual, ambiciosos por este domínio do saber, abandonam a companhia seduzidos por mulheres caprichosas às que convertem em esposas. Quando elas lhes são infieis não admitem queixas, porque sabem que compraram um esposo. Vid. *A Victima. A Federação*. Lisboa: n.º 139 (1896), 30 de agosto, p. 1. O texto foi rejeitado pelo Theatro D. Maria II o que motivou o autor a escrever um conjunto de seis artigos publicados no jornal *O Paiz* comentando o facto. Vid. SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. (A moral do theatro). *O Paiz*. Lisboa: n.ºs 468-486 (1897), fevereiro-março, especialmente o primeiro deles, onde o autor expõe o conteúdo do drama. *Vencidos* foi, sem dúvida, a reelaboração de *A victima*, representado finalmente no Theatro do Gimmásio, em Lisboa, a 9 de janeiro de 1902. A peça seria imediatamente publicada na secção dedicada ao folhetim do novo semanário socialista, *Seculo XX*, mas ficou incompleta devido à finalização do jornal. A 28 de maio de 1902 foi estreada no Theatro Príncipe Real, do Porto, no percurso teatral desenvolvido pela Companhia do Theatro do Ginásio, com grande sucesso por parte do público. Os Teatros. Theatro Príncipe Real. *O Primeiro de Janeiro*. Porto: n.º 125 (1902), 28 de maio, p. 3, e n.º 126 (1902), 29 de maio, p. 3; Espectaculos. Theatro Príncipe Real. *O Comércio do Porto*. Porto: n.º 125 (1902), 28 de maio, p. 2, e n.º 126 (1902), 29 de maio, p. 2.

Luiza (amante d'Armando)
Augusta (mãe de Luiza)
Hortense (esposa d'Armando)
Gabriella (tia d'Hortense)
Maria (creada)
Joanna (creada)
Jeca (creança, filha d'Armando e Luiza)
Baptista (creado)

Actualidade

A acção passa-se em Lisboa

ACTO I

A scena representa uma casa de jantar, modesta na habitação d'Armando. Á D. B. porta vedada por um reposteiro conduzindo ao gabinete de consulta; á D. A. porta, dando ingresso ao quarto de dormir; á D. F. porta, dando para o corredor; á E. F. janella com guarnição modesta. Mesa, guarda loiça, cadeiras. É noite. Junto á mesa e proximo d'um bastidor Augusta borda e Armando n'uma cadeira de descanso, lê.

SCENA I^a

ARMANDO e AUGUSTA

(Durante a scena a creada apparece quando em quando).

ARMANDO. – *(interrompendo a leitura)* É sina não ha que ver. *(passeia agitado)*

AUGUSTA. – Que foi, Armando?

ARMANDO. – *(refreando a colera)* A costumada derrota. *(dando o jornal)* Leia! *(monologando, em passeio)* E dizer que ando n'isto ha tres annos!... Preparam-se as cousas, crio illusões, parece tudo estar certo e ao final não saio de permanente vencido.

AUGUSTA. – (*findando a leitura*) O ministro nomeia apenas dois sub-delegados?!

ARMANDO. – E não me toca a vez, admira-se?...

AUGUSTA. – É de estranhar, o conselheiro promettera-me influir, a Luiza sabe...

ARMANDO. – (*n'um mixto de raiva e ironia*) O que eu lhes queria era a ingenuidade. O conselheiro é bom amigo, não contesto, mas pr'a politica vale pouco; desconfiava, estou certo agora.

AUGUSTA. – O mesmo foi com a minha pensão...

ARMANDO. – Ahi tem, exemplo de casa. Seu marido porque sendo tenente se deixou morrer n'Africa com uma biliosa e não deu ensejo aos cafres de azagaial-o que lhes succedeu? Foi-se, deixando-as sem nada...

AUGUSTA. – (*triste, interrompendo*) Promessas não faltaram, mas ai de nós se não me lanço ao trabalho.

ARMANDO. – (*ironico, monologando*) A gratidão da patria, a protecção do estado, bem me fio n'essas; quem impera é a politica, – a grande porca – como a desenham os caricaturistas.

AUGUSTA. – (*relembrando*) Que teria sido de mim e da Luiza, ainda tão pequena, senão tomo aquella resolução?

ARMANDO. – Acabavam por morrer á mingoa subindo e descendo inutilmente as escadas do parlamento. A vida hoje cifra-se n'um combate: vencer ou ser vencido. É brutal talvez mas é assim e ai dos que caem... (*com desalentado desespero*) Dia a dia sinto mais o desespero a azedar-me a alma.

AUGUSTA. – (*em leve censura*) Exagera Armando, tambem não ha motivo...

ARMANDO. – (*com força*) Não é motivo de desespero ver-se um homem forçado a vegetar sem custo não tendo outro consolo alem de passar o tempo a gritar contra o destino?

AUGUSTA. – Soffre, bem o sei, mas que remedio senão lutar pela vida.

ARMANDO. – Luctar! Mas o que faço não é luctar, é capitular; terei eu menos direito á tranquillidade que os mediocres pr'ahi triumphantes? não

devia recolher o fructo do meu trabalho? curvado tantos annos sobre os compendios, soffrendo uma a uma todas as ultimas torturas do estudante pobre, fugindo aos condiscipulos a quem pedia os livros em desuso, sem frequentar os cafés nem ser explicador não foi assim que passei a mocidade? Para quê essa lucta, para quê esse sacrificio senão para poder agora feito medico viver não direi luxuosa mas desafogadamente? E ao cabo vegetamos aqui insatisfeitos e quase desesperados impossibilitados de realisação ao mais leve desejo que acarrete dois vintens de despeza ao orçamento da familia.

AUGUSTA. – Não perdi a esperanza, a vida já foi peor...

ARMANDO. – (*interrompendo*) Já foi pessima o que não prova seja agora boa.

AUGUSTA. – (*animada*) Os clientes veem vindo, devagar é certo...

ARMANDO. – Clientes?!... Quem são elles?! salvo raros fugitivos da clinica cara dos especialistas quem me procura a não ser essa desgraçada população de montepio minada de doença á falta de alimento e excesso de trabalho? Os clientes rendosos dispensam-me; ficam-me os tísicos...

AUGUSTA. – (*interrompendo*) Pobre gente!

ARMANDO. – Doentes que tornam inutil a acção do medico; anemicos, alcoolicos, chloroticos toda a grande familia dos predispostos á mercê d'um caldo que faz riso e o medico grave e sereno no dever profissional aconselhando bom alimento, ares de campo, vinhos generosos, Porto ou Madeira, quando lhes viu em casa cobrindo o leito um cobertor esburacado. Chega a fazer colera ver tão ridicula comedia.

AUGUSTA. – (*monologando*) O mundo é bem triste...

ARMANDO. – O enfermo condemnado á falta de socorro e o medico aborrecido, cansado de conselhos inuteis e visitas improficucas vendendo sciencia a 25 por cabeça. Ahi tem os meus clientes! (*a um gesto de incredulidade de Augusta*) Duvida?! Ganho um cruzado, visito por dia dezeseis doentes; faça a conta. (*ouve-se dentro uma campainha electrica*)

AUGUSTA. – Quem será?

ARMANDO. – A Luiza?

AUGUSTA. – Saiu, não deve tardar; foi aqui ao fim da rua por causa d'um enxoval de noivos.

SCENA II⁴⁸⁴

Os mesmos, ALFREDO e CREADA

ALFREDO. – (*dentro*) Deixe lá, sei os cantos á casa.

ARMANDO. – (*com alegria*) É o Alfredo.

ALFREDO. – (*sabindo da D. B.*) A creada que a viva-força queria fazer apresentação solemne. (*indo a Augusta apertar-lhe a mão*) Como está D. Augusta? sua filha?

AUGUSTA. – (*friamente*) Bem e o sr.?!

ALFREDO. – (*brincando*) E o dr. como vae?

ARMANDO. – (*apertando a mão de Alfredo*) Na eterna alegria?

ALFREDO. – Que fazer? monopolisaste a tristeza, e o caso é que arre-mataste um ar de cangalheiro capaz de fazer fugir o doente mais confiado.

AUGUSTA. – Dão-me licença?

ARMANDO. – (*para Alfredo que accede com um gesto á retirada de Augusta*) Não ha perigo de fuga, evitam procurar-me.

ALFREDO. – Oh menino desculpa-me, já me esquecera. (*notando surpresa em Armando*) Li no *Correio*...⁴⁸⁵ tambem tens azar! Com uma cunha d'aquellas! é para metter ferro. Por economia dizia o jornal.

ARMANDO. – Ah! fallas da nomeação... Que queres tu, já esperava, mal soube que o Travassos e o Valdez concorriam, perdi as esperanças.

⁴⁸⁴ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n° 15 (1902), Lisboa, 26 de janeiro, p. 3.

⁴⁸⁵ Em 1902 publicavam-se em Lisboa dois jornais com o nome de *Correio*: o *Correio Nacional* (1893-1906), de António Afonso Velado, de orientação religiosa, e o *Correio da Noite* (1899-1907), de tendência progressista, de que era editor João António dos Santos Monteiro Lacerda. Ainda em 1902 surgiria um outro *Correio Nacional*, católico, dirigido por Quirino de Jesús.

Tinham altas influencias a protegê-los... depois a cohonestar a patifaria faz-se ouvir a estafada aria do equilibrio orçamental.

ALFREDO. – (*affectando indignação*) Nenhum d’elles tem um curso igual ao teu...

ARMANDO. – (*com maguada ironia*) Bem me tem servido.

ALFREDO. – Olha lá, esquece, não adiantas nada na mortificação. Mudemos d’assumpto: oh, Armando, Armando, se tu soubesses onde vou passar a noite... Adivinha!

ARMANDO. – Sei lá!

ALFREDO. – (*zombando*) Vela a face pudibunda, vou dizer-to: n’um festim de Nero com cytharas, alaudes... e vestaes que não garanto...

ARMANDO. – (*ironico*) Aproveitaste em Historia?

ALFREDO. – Por Deus faz-me justiça, aprendi em folhetins... Sabes do meu horror á sciencia official...

ARMANDO. – A que deves não ter o curso.

ALFREDO. – (*zombando*) Desgraçado! Não temes a concorrencia? repara haver já medicos p’ros monte-pios do seculo proximo. Socega! Não serei eu a fazêl-a; divorciei-me a tempo da natureza morta e só a admito hoje em quadros d’auctor. (*mudando*) Agora a serio, não te lembras do *Parotida*, o filho do salchicheiro, aquelle Fraguado, por signal uma authentica rocha de chapéu de côco, que andava sempre a cuspinhar e fez comnosco o 3.º anno da Medica?

ARMANDO. – Lembro, ha dias o vi na Avenida.

ALFREDO. – Com a Carmen, aposto?... Uma mulher adoravel, olhos negros, elegante? (*a um gesto affirmativo de Armando*) Pois é elle o *Parotida!* o dono d’essa estampa e o amphytrião d’esta noite. O patife era rijo p’ro estudo mas saiu mestre no saber viver, casou e casou bem.

ARMANDO. – Sorte de burro!

ALFREDO. – Insulta-o! mas não esqueças, vive melhor que tu vingando-se nos braços da creatura que já viste do casamento que o lançou no seio d’uma esposa quase prehistorica. E vinga-se á altura. Imagina d’ahi o que será a noite de hoje. É noitada certa!... *Champagne, malague-*

*ñas*⁴⁸⁶, fados, camarões, o delírio d'uma saturnal n'um I.º andar da Lapa. E tu aqui mettido? (*com affectada magua*) Palavra! quando penso em ti lamento-te.

ARMANDO. – Obrigado!... Foi uma desgraça... (*fica pensativo*)

ALFREDO. – Que provocaste e mantens.

ARMANDO. – O acaso... o destino a empurrar-me.

ALFREDO. – (*intencional*) O escorregar era tão doce...

ARMANDO. – Que havia de fazer?

ALFREDO. – (*intencional*) A hygiene tem exigencias... caras.

ARMANDO. – (*indignado*) Alfredo!

ALFREDO. – Perdoa, estava a suppor-te rasoavel e não julgava ferir-te.

ARMANDO. – Tenho um filho!

ALFREDO. – E um dilemma: derrota ou fuga a tempo.

ARMANDO. – (*receoso*) Já pensei fazel-o! (*para a creada que passa da D. p'ra F.*) A senhora?

CREADA. – A sr.^a D. Augusta está dando a ceia ao menino.

ARMANDO. – A sr.^a D. Luiza ainda não veiu?

CREADA. – Não, senhor! (*sae a um gesto d'Armando*)

ALFREDO. – (*olhando a scena, receoso*) Pensaste na fuga. (*a um gesto de Armando*) Graças! começo a conhecer-te; era demais, um rapaz do teu valor aqui incrustado n'uma travessa, com rol na tenda e conta no alfayate. Que diabo! quanto mais não seja sempre has de respirar melhor. Disseste-o, agora é realisal-o e fugir de vez a este naufragio permanente.

ARMANDO⁴⁸⁷. – (*confidencial*) Que queres, tenho tido escrupulo.

ALFREDO. – Não te desfaças da prenda que vaes por bom caminho; não vês ser esta vida impossivel?... então p'ra um homem educado que sabe o que a vida é, e naturalmente tem centos de desejos a satisfazer,

⁴⁸⁶ Em espanhol no original. A «malagueña» é um pau flamenco, próprio e caraterístico de Málaga, em Espanha, no qual são cantadas coplas de quatro versos octossílabos.

⁴⁸⁷ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n.º 16 (1902), Lisboa, 2 de fevereiro, p. 1-2.

cousas a conhecer. Quantas vezes o tenho dito a rapazes amigos: aquelle Armando é d'uma resistencia de heroe...

ARMANDO. – (*reflectindo, a medo*) Talvez o habito... Ha seis annos vivo junto...

ALFREDO. – Ostra na casca? Sê homem! Imagina que mudaste de luvas.

ARMANDO. – Apesar de tudo estimo-a.

ALFREDO. – Peor é que o mal de hoje tende a aggravar-se; por agora é um filho, ámanhã são dois, tres, eu sei lá; a pequena deixa o trabalho á falta de tempo, as difficuldades redobram, treplicam, vão ao quadrado e ahi te vês feito patriarcha biblico sem o segredo da multiplicação dos pães a pôr equilibrio na dos filhos. Serve-te a prophesia? Podes guardal-a, é de graça.

ARMANDO. – (*tentando reagir a intimo pensamento*) Sempre custa... É a companheira.

ALFREDO. – Diz antes um mau romance a que está lendo o epilogo... Concorda, são pieguices e a vida não as consente; os fracos e os imperfeitos cedem logar aos fortes e progressivos. Bem sabes, isto não é meu, é do Darwin. A vida deve ser vivida e gosada, não chorada e soffrida; olha o *Parotida*; assim meu velho, a materia é a única cousa digna de culto o mais são abstracções piegas p'ra uso das meninas hystericas. (*admirado*) Desconheço-me, até fiz discurso!... Percebes, fallo assim por ser amigo velho.

ARMANDO. – (*mostrando a mão*) Vês este annel? (*a um gesto de Alfredo*) É, quem o sabe... o signal da partida.

ALFREDO. – (*intrigado*) Da partida?

ARMANDO. – É d'uma mulher. Fui ha dois meses forçado a inventar uma historia de cliente reconhecido para lhe justificar a proveniencia.

ALFREDO. – (*rindo*) E eu a suppor-te patriarcha...

ARMANDO. – (*receoso, olhando a scena*) É o meu segredo, por Deus não me compromettas.

ALFREDO. – (*depois d'affirmar silencio*) Mulher nas condições?

ARMANDO. – Formosa e rica, encantadora mesmo, apaixonada ao delírio.

ALFREDO. – O exame indirecto anima.

ARMANDO. – *(sem notar a interrupção)* Mora proximo, vive com uma tia, de manhã via-me passar para a visita.

ALFREDO. – Á pobreza?!

ARMANDO. – Com o pretexto d'uma visita urgente mandou aqui.

ALFREDO. – Ao posto medico da alma?

ARMANDO. – Cala-te. E ha trez mezes que a ouço dia a dia pedir-me para a igreja sellar o nosso amor a despeito de tudo.

ALFREDO. – *(com gravidade)* Pois meu amigo se o diagnostico não falha tens ahi um caso de cura certa; *(ironico)* aconselho-te revulsivos.

CREADA. – *(entrando do F., para Armando)* O consultorio está cheio...

ARMANDO. – *(despedindo a creada)* Já vou! *(ouve-se a voz de Augusta encaminhando-se para a scena, vendo o relógio)* Já passam cinco; depois contarei...

ALFREDO. – Tambem vou, fujo á D. Augusta que me detesta cordealmente. *(para D. Augusta, cerimonioso)* Boa noite.

AUGUSTA. – *(já sentada ao trabalho, com frieza)* Boa noite, sr. Oliveira.

ARMANDO. – *(dirigindo-se para a D. B.)* Vou p'ra grilheta.

ALFREDO. – *(vendo o relógio)* E eu p'ro Parotida!... A vida é isto. *(saem)*

SCENA III

AUGUSTA, LUIZA e CREADA

LUIZA. – *(apparecendo ao F., traz um embrulho, mantilha e capa; tirando a capa e sentando-se junto a Augusta)* Ah, mamã que massada estou. *(tira a mantilha e a capa que põe sobre a meza)*

AUGUSTA. – Escolheram?

LUIZA. – *(faz um gesto affirmativo, descalça-se e calça as pantufas que estão a um canto)* Eu ralada a saber que fazia falta. *(chamando)* Maria!

(*põe-se ao bastidor*) Os pés frios. (*para a creada, dando as botas*) Depois guarda-as no quarto. (*olhando a scena*) O Jeca?!

CREADA. – A sr.^a vinha tão depressa que nem viu... Já ceou e ha que tempos lá está a brincas com os bonitos⁴⁸⁸ que o senhor trouxe...

LUIZA. – Ah! (*creada vae saindo*) Pobre Jeca, nem o beije!...

AUGUSTA. – Quem trabalha mal tem tempo de os amimar.

LUIZA. – É bem verdade. (*mudando, olhando a D. B.*) Está na consulta?

AUGUSTA. – Está.

LUIZA. – Hoje quase o não vi, dó de manhã. (*monologando*) Que fatigada me sinto.

AUGUSTA. – Esteve ahi muito tempo com o tal Oliveira. Entravas quando os dois saiam p'ro consultorio. (*mudando*) Sabes?! O ministro já o não nomeia.

LUIZA. – Coitado d'elle é tão infeliz. (*mudando*) Então o conselheiro?

AUGUSTA. – Havia outros com melhor empenho, disse o Armando.

LUIZA. – É triste! Elle anda tão desanimado.

AUGUSTA. – Triste e sabe Deus se funesto.

LUIZA. – Que diz?

AUGUSTA. – (*reservada*) Nem eu sei... É que me doe vel-o de dia para dia mais irrascivel, constantemente a crear e perder esperanças de melhor vida; depois a convivencia com o Oliveira, o desejo de hobrear ferem-no mais; mau é crear habitos e não poder satisfazê-los.

LUIZA. – É de desculpar, rapaz educado desejava outro viver. Ha de conformar-se, coitado!

AUGUSTA. – Estou sempre inquieta... Quantas vezes acordo de noite e me parece ver a figura de teu pae a censurar-me o proceder.

LUIZA. – Não vejo motivo a tal remorso.

AUGUSTA. – É que já tenho um neto... e a filha por casar.

LUIZA. – (*com altivez*) Que importa?

AUGUSTA. – O mundo!

⁴⁸⁸ Brinquedos.

LUIZA. – Que julgue as esposas que são amantes e não as amantes que são esposas.

AUGUSTA. – (*com magua*) Foi Armando quem t’o ensinou?! Oh, que se teu pae voltasse nunca m’o perdoaria... O destino assim o quis. Elle lá ficou morto e eu viuva a alugar quartos e a bordar p’ras lojas na ancia de viver e educar-te. Se não fôra isso jámais esse rapaz teria entrado em nossa casa.

LUIZA. – (*n’um mixto de indignação e dor*) Não tenho sido boa filha?! (*chora*)

AUGUSTA. – (*beijando-a*) Quem o nega?!... Eu só fui a culpada; não vejas censuras onde as não ha; cega, imprevidente, confiada não sei em quê, esqueci-me serem dois jovens... (*recordando*) Ha de lembrar-me sempre, estava o Armando no 3º anno, dia e noite a trabalhar, sobre os livros cançou e adoeceu; amando-o como filho não pensei que era um homem e... fez-se teu amante.

LUIZA. – Magoa-me: amei, e amar não é crime.

AUGUSTA. – (*em leve censura*) Esqueces as conveniencias...

LUIZA. – (*interrompendo, com maguada ironia*) E só attendendo-as posso ser mãe digna e esposa honesta?

AUGUSTA. – (*com espanto*) Censuras-me?!... (*com dor*) Ahi vejo a obra d’elle no teu espirito. É o Armando que responde assim quando lhe recordas o cumprimento do dever? (a um gesto de Germana⁴⁸⁹) É inutil negar, adivinho-o; sou mãe. Esse não é teu fallar, tu, não eras capaz de assim responder quando fallo para teu bem...

LUIZA. – (*maguada, de Joelhos e agarrada as mãos de Augusta*) Mas, diga, mamã, diga qual o motivo que a leva a magoar-me.

AUGUSTA. – (*erguendo-a, lacrimosa*) Eu sei lá!... É que soffro, soffro muito em não te ver casada; cousas vãs de cabeça velha, quem sabe, mas peço-te, p’ra socego de todos nós, põe termo á falsa situação.

⁴⁸⁹ Erro, que mantemos.

CREADA. – *(entrando do F. com um pequeno de seis annos que lhe vem dormindo nos braços trazendo na mãosita um carrinho de madeira)* Adormeceu a ver engomar. *(indicando o brinquedo)* E sem largar o carrito.

LUIZA. – *(correndo)* Dá-o cá, Maria, dá-o cá, eu vou deital-o. *(tomando o filho e beijando-o até entrar na D. A.)* Pobre Jeca, coitado d'elle, sem pensar no velhinho *(sae)*.

CREADA. – *(para Augusta)* Se visse minha senhora, coitadinho, puz-me a contar historias, depois pediu cantigas e vae n'um instante poz-se a dormir tão mansinho que só depois dei por elle. *(ouve-se tocar a campainha)*

AUGUSTA. – *(levantando-se, para a creada)* Vae ver. *(avançando para a D. A. e ficando á porta como quem vê o que se passa no interior)* Dorme, hein?... Olha o bibe, está preso; esse bracinho, Luiza, isso, agora sim; jeito podia dar algum c'ò dormir. *(vira-se assustada ao sentir Anselmo)*.

SCENA IV

AUGUSTA e ANSELMO

ANSELMO. – *(entrando no F.)* Santas noites, D. Augusta!... Não vale assustar é gente de casa. Então a sobrinha, o petiz, o Armando, tudo bem?

AUGUSTA. – Felizmente.

ANSELMO. – Bom é isso, que se quer é gente rija!... Já notara a ausencia, hein? *(indicando a D. B.)* Está na consulta?

AUGUSTA. – Está. *(mudando)* Agora mesmo, creia, a ver deitar o Jeca pensava no sr. Anselmo.

ANSELMO. – *(alegre)* Ah, o sobrinho nº 2 já faz ó ô? Bravo! É cá dos meus, recolhe cedo. *(para Augusta que desce)* Pensava em mim?

AUGUSTA. – Estranhava a falta.

ANSELMO. – «Guarda que comer, não guardes que fazer» diz o dictado; e cá para mim os dictados ainda são cousas das mais certas, olá! Até estou mais alegre que o costume.

AUGUSTA. – Na verdade desconheço-o.

ANSELMO. – Por isso vim tarde. (*monologando*) Eu tinha fé de chegar o dia e chegou. Agora está certo. Quem porfia, mata caça. É dos livros. (*mudando*) Desculpe, nem me lembrava que não sabia. (*com entusiasmo*) Temos emprego p'ro Armando.

AUGUSTA. – É possível?

ANSELMO⁴⁹⁰. – Á fé d'Anselmo lh'o affirmo. Eu conto-lhe o caso: ha dias li nos annuncios d'O *Seculo* ser preciso medico para Oliveira de Frades; escusado é dizel-o, ainda lá tenho amigos velhos do tempo em que lá estive. Foi n'um prompto escrever e já cá tenho resposta; agora mesmo venho de buscal-a á tenda d'um amigo tambem de lá. (*enthusiasmado*) Faça idéa, 400\$000 réis e pulso livre. É dizer um achado.

AUGUSTA. – É na provincia?

ANSELMO. – Na Beira Alta. Ali outro gallo canta; o medico sempre é o medico, respeitado e estimado com sua casa e aninho, não é esta cousa de Lisboa á espera dos que hão de vir.

AUGUSTA. – (*duvidando*) Se elle aceitar...

ANSELMO. – Ora essa!... Acaso está doido varrido?!

AUGUSTA. – O sr. sabe, tem outros sonhos; porque foi bom estudante e se julga com saber quer vencer aqui onde os outros vencem, são palavras d'elle, depois a influencia do Oliveira. Peor é não lhe sorrir a sorte.

ANSELMO. – (*saindo da meditação*) A culpa não é do rapaz, não; a terra lhe seja leve mas o culpado foi meu irmão; a cabeça cheia de scismas gastou o que tinha para o rapaz estudar e ao cabo lá veiu a lesão buscal-o p'ra cova deixando o filho a meio de estudos...

AUGUSTA. – (*interrompendo*) Se não é o seu auxilio...

ANSELMO. – (*atalhando*) Não fallemos n'isso, fiz o que pôde; mas tambem lhe digo, não foi de vontade que o vi seguir p'ra medico. Se eu já via! Doutores ha ahi aos centos, são mais que a praga; antes fosse mechanico, uma fabrica sempre se arranja.

⁴⁹⁰ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n.º 17 (1902), Lisboa, 9 de fevereiro, p. 1-2.

AUGUSTA. – (*apoiando*) Esse é que é o bom pensar.

ANSELMO. – Ah! que ainda me faz arrelia o lembra-me ter tantas vezes dito ao pae: oh, homem quanto mais d’alto mais doe a queda, deixa o rapaz ficar em certa conta... e que não, que não, parece-me estar a vel-o, punha-se com discursos. Afinal succede o que pensei: o rapaz fez-se homem, costumou-se a larguezas, quer fallar d’alto e o peor é a cousa não lhe correr... Essa gente não quer ver que quem nasce p’ra pataco nunca chega a meio tostão. (*com força*) Cá estou eu, perto dos sessenta e já com quarenta d’Alfandega e lá por ser fiel de balança nem por isso sou pessoa de mais ou menos.

AUGUSTA. – Fez-me bem ouvil-o, deu-me esperança de o chamar ao bom caminho.

ANSELMO. – Porque, ha novidade?!

AUGUSTA. – Não que a veja! (*intencional*) É que tremo do futuro. Bem cruel é o castigo da minha imprevidencia...

ANSELMO. – Mas, não percebo...

AUGUSTA. – (*lacrimosa*) É tão triste perceber. (*mudando*) Cobre-se-me a alma de luto só de pensal-o e ha já seis annos que soffro em silencio. De principio quasi me resignei confiada; Armando promettia ao findar o curso casar mas o tempo tem passado e o Jeca tem crescido...

ANSELMO. – (*embaraçado*) Lá isso é verdade, eu tambem gostava, mas, afinal, não ha nada perdido...

AUGUSTA. – (*confidencial*) Armando é um homem livre, amanhã, se quizer, pode abandonar-nos. Não é casado!

ANSELMO. – Essa agora não lh’a merecia eu D. Augusta. (*a um gesto de Augusta*) Offendeu-me, creia; o rapaz é do meu sangue e nunca a familia deu canalhas. Nem pensar n’isso é bom... O Armando deixar a mulher! sim, que a julgo como se o fôra á face da igreja, e mais o Jeca ao Deus dará? Perdoe-me, mas essa não; lá ter verduras e cabeça leve, sempre atraz da primeira impressão é uma cousa, e bem o tenho visto, mas d’ahi não vou julgal-o capaz de tal infamia. Ha cousas que são sagradas!

AUGUSTA. – Conselhos, tentações, a má sorte, eu sei lá...

ANSELMO. – Já lh'o disse é scisma do meu desgosto. *(com força)* Que também o juro, á fé de homem que sou, não lhe punha mais a vista em cima.

AUGUSTA. – Como se explica então o fugir a reparar o mal que fez? Acaso não tenho um neto?... Ah, se o visse ahi zangado quando lhe fallam em casar...

ANSELMO. – Mas, que diz elle? Ha de dar uma razão...

AUGUSTA. – Ganha pouco, é cedo p'ra ter familia, depois ha mais exigencias do mundo, levar Luiza aos lugares que frequenta.

ANSELMO. – As apparencias, sempre as apparencias... *(triumphante)* Mas d'esta vez trago o remedio. Na provincia a vida é barata, não ha luxos e o ganho é bom; que mais quer? E deixa-se de sonhos que a amofinam... Era lá possivel!

AUGUSTA. – Deus o ouça!

SCENA V

Os mesmos e LUIZA

LUIZA. – *(á porta do quarto)* Ah! o sr. Anselmo.

ANSELMO. – Diga tio Anselmo e velho amigo...

LUIZA. – Desculpe-me, a acalantar o Jeca que acordou quando o despia, adormeci-lhe ao lado.

ANSELMO. – *(rindo)* Somninho maroto, hein?

AUGUSTA. – É da fadiga; continuadamente a recommendar trabalhe menos, não faz caso.

LUIZA. – Quer fallar ao Armando? *(dirige-se p'ro bastidor)*

ANSELMO. – P'ra isso vim, trago noticias frescas.

LUIZA. – A consulta deve estar por pouco... *(ouve-se ruido de vozes na D. B.)* Elle ahi vem!

AUGUSTA. – E não vem só. *(entram Armando e Abel)*

SCENA VI

Os mesmos, ABEL e ARMANDO

ABEL. – (*correndo a Augusta, Luiza e Anselmo*) Boas noites, como está D. Augusta, D. Luiza, sr. Anselmo. (*para Augusta*) Não falta a cumprimental-os.

ARMANDO. – (*para Anselmo, apertando-lhe a mão*) Já o não esperava.

ANSELMO. – É preciso fallar-te em termos.

ARMANDO. – (*para Augusta e Luiza*) Não façam caso d'esse doido incuravel. A dois dias de defender these e vem cair-me no gabinete, ao final da consulta, a fazer versos.

LUIZA. – É imperdoavel, sr. Abel.

ABEL. – Ouçam-me! em duas palavras produzo a reabilitação: vim pedir ao Armando um livro emprestado e enquanto elle receitava pilulas e xaropes á humanidade afflicta eu trabalhava no meu poema.

ANSELMO. – Se vae ao exame só com isso não lhe auguro bem da festa.

AUGUSTA. – Trabalha n'um poema?

LUIZA. – Já tem titulo?

ABEL. – *A Mãe!*... N'elle vou cantar a mulher no seu aspecto mais glorioso e fecundo; a mulher e o amor offerecendo o filho á Vida.

ARMANDO. – (*para Abel*) Aproveita, ahi tens ouvintes entusiastas.

LUIZA. – (*solicitando*) Sr. Abel, seja amavel, sabe quanto aprecio...

ABEL. – (*puchando da carteira e tirando um papel, recita*):

A bôca fez-se para ser beijada⁴⁹¹

Como a terra se fez para dar trigo;

E, se era casto todo o amor antigo,

Esse nem era amor nem era nada.

⁴⁹¹ «Estes versos são originaes do ex.^{mo} sr. Silvio Rebello. (N. do Autor)». Com efeito, trata-se das estrofes 4, 16, 27, e 11, respetivamente, do longo poema «O bom caminho», datado de novembro de 1900. Como explicam Jaime Celestino da Costa e Pedro da Silveira no prefácio ao volume *Poesias*, Silvio Rebello não chegou a ver editada a sua obra em vida, sendo apenas divulgada na imprensa periódica, nomeadamente revistas, de circulação restrita, entre 1899 e 1905. A obra de Silvio Rebello permaneceu desconhecida até 1991. Vid. COSTA, Jaime Celestino da, e SILVEIRA, Pedro da – Prefácio. REBELLO, Silvio – *Poesias*. Ed. de Isabel Rebello. Lisboa: 1991, p. VII e ss. O poema «O bom caminho», nas p. 44-51.

O somno póde vir depois da Vida
Já ter enchido a terra de semente:
Lá está o grão na Mãe adormecida
A germinar silenciosamente.

LUIZA. – (*cortando*) São lindos!

E digo-vos, ó Mães, que é o desejo
Que faz crescer a vide e o pomar,
Pois cada bôca que nascer d'um beijo
São mais dois braços para trabalhar.

O braço é fraco e o musculo hesitante
Pois nada manda o braço aonde elle vae:
E o braço, fraco enquanto for de amante,
Será gigante quando for de pae.

LUIZA. – Muito bem, muito bem, são encantadores.

AUGUSTA. – Cheios de verdade e sentimento a dizerem bem alto como
é boa a alma do auctor.

ABEL. – Oh, D. Augusta, por Deus, faz-me fugir.

ANSELMO. – Palavra, eu gostei.

ARMANDO. – (*para Abel*) Successo em toda a linha?... Falta só editor!
Mas o diabo é a these.

ABEL. – Tyranno! Assim recordas a hora de recolher.

LUIZA. – Já?

ABEL. – Que remedio! Os compendios chamam-me. (*para Armando*)
O livro?

ARMANDO. – Está no gabinete, quando saires t'ó entrego.

ABEL. – (*para Armando, começando a despedir-se*) N'esse caso vamos,
são quasi dez... (*para Augusta*) Boa noite D. Augusta, enquanto não
passar a maldita these tenho de levar vida de ermitão. (*para Luiza*) Boa

noite, D. Luiza, beijinhos ao Jeca. (*para Anselmo*) Boa noite sr. Anselmo. (*sae com Armando pela D. B.*)

SCENA VII

AUGUSTA, LUIZA, ANSELMO e ARMANDO

ANSELMO. – Este é dos que não engana.

LUIZA. – É um excellente rapaz...

AUGUSTA. – Um coração d'ouro, já o apreciei; faz muito diferença do Oliveira.

LUIZA. – A mãe é impiedosa p'ro Oliveira.

ANSELMO. – (*para Luiza*) Eu lhe digo, também não é typo da minha feição...

ARMANDO. – (*entrando*) Já lá vae caminho de casa aquelle maluco. (*para Anselmo*) Queria fallar-me?

ANSELMO. – (*tira do bolso a carteira e d'ella um telegramma*) Lê isto! (*dá o telegramma e passeia enquanto Armando lê*) Lê alto!

ARMANDO. – (*lendo*) Oliveira de Frades – Anselmo, tudo arranjado, seu sobrinho envie depressa proposta, logar certo, 400\$000 réis e, pulso livre.

ANSELMO. – É pechincha ou não é?

ARMANDO. – P'ra quem gostar...

ANSELMO. – Fazes-lhe cara?

ARMANDO. – Agradeço do coração, creia, mas não me sorri ir p'ra provincia. D'um momento p'ro outro posso arranjar collocação em Lisboa.

ANSELMO. – Sapatos de defunto?!... Ha de ser igual ás outras que tens esperado. Pensa bem, não vás depois torcer a orelha; são 400\$000 réis e pulso livre.

ARMANDO. – Já pensei, preferia a Africa, podia fazer fortuna. Desterrado n'uma aldeia que podia esperar? Ter collega no ferrador, jogar o gamão⁴⁹²

⁴⁹² O gamão é um jogo de azar e de cálculo, de tábuas e dados, jogado por dois parceiros sobre um tabuleiro adequado a este fim.

com o boticario e fazer visitas a seis leguas distante subindo a cabeços e trepando a cazaes montado n'uma egua escanzelada? Não me agrada, sou mau cavaleiro.

ANSELMO. – Não estás em ti?!

ARMANDO⁴⁹³. – Talvez!

ANSELMO. – Então a provincia com bons ares, melhores aguas, vida barata e estima de todos é um desterro, Lisboa com desesperações e poucos ganhos, distribuindo cataplasmas por lojas e aguas-furtadas é um céu aberto! Às vezes chego a pensar que vocês com o estudo tanto leem como tresleem.

LUIZA. – Era vida mais garantida...

ARMANDO. – (*cortando, ironico*) No crescer do abdomen?

AUGUSTA. – Com futuro certo...

ARMANDO. – (*agastado*) Não fallem mais n'isso, peço-lhes. (*para Anselmo*) Quer o tio ficar para o chá.

ANSELMO. – Não posso. (*vendo o relógio*) Já estou fóra do horario...

ARMANDO. – E o tio socegue. Não ha mal que sempre dure...

ANSELMO. – Vae com essas e espera resposta nas algibeiras leves.

ARMANDO. – Succede a todos no começo de luctar p'la vida.

ANSELMO. – E tu não viesses com as loas do teu pae. O caso é que a maioria vae-se abaixo. (*mudando, decisivo*) É a ultima palavra?! (*a um gesto de Armando*) p'ra quê teimar; sua alma, sua palma... Mas é caso de desgosto, fica certo.

ARMANDO. – O futuro é largo e não me falta animo.

(*a creada começa pondo a mesa para o chá*)

AUGUSTA. – Tome o chá connosco...

ANSELMO. – Obrigado! Já passa da minha hora, amanhã venho mais cedo. Adeus, sobrinha. (*para Armando*) Adeus.

ARMANDO. – Não vá mal commigo.

⁴⁹³ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n.º 18 (1902), 16 de fevereiro, p. 1-2.

ANSELMO. – *(despeitado)* Porquê?... Quem boa cama fizer... n'ella se deitará. *(sae pelo F. D. acompanhado de Armando)*

SCENA VIII

AUGUSTA, LUIZA e ARMANDO

AUGUSTA. – *(lançando chá nas chavenas)* Ah, Luiza, esta febre de viver em Lisboa é que me faz desgosto.

LUIZA. – *(desculpando)* Elle foi aqui creado... Na verdade o campo é tão triste de inverno... Não diga nada, é melhor. Quero fallar-lhe no que mamã pediu.

AUGUSTA. – O casamento?!... Quanto t'ó agradeço. *(para Armando que entra)* Quer chá, Armando?

ARMANDO. – Dispensó, hoje não tomo. *(vae sentar-se na cadeira de verga, pensativo)*

LUIZA. – *(bebendo)* Tens doente grave?

ARMANDO. – Um caso que não me deito sem estudar.

LUIZA. – *(que tem estado a olhar fixamente a mão de Armando)* Armando, meche a mão. *(faz um movimento a indicar)* Assim! É muito lindo esse anel!

ARMANDO. – *(contrariado)* Ah, sim, é bonito...

LUIZA. – A vel-o d'aqui luzia como uma estrella... Podes dizer que foi esse o teu primeiro cliente reconhecido. *(ergue-se da meza e vae á porta da D. B. que entreabre)* Queres vel-o?... Está tão bonito, a dormir tão quieto.

ARMANDO. – *(preso de idéa fixa)* Logo!... Quando me deitar!...

LUIZA. – *(approximando-se de Armando, enquanto Augusta levanta a meza)* *(leve censura)* Hoje quasi o não viste!

ARMANDO. – O trabalho não me deixa.

LUIZA. – *(sentando-se proximo d'Armando)* Ouve Armando, tu já não és meu amigo?

ARMANDO. – *(contrariado)* Mas... a que fim...

LUIZA. – É que é dever de amizade poupar soffrimento a quem promettemos amor.

ARMANDO. – (*erguendo-se*) Luiza, tu tens uma intenção reservada?

LUIZA. – A vida que levamos... o nosso filho!

(*durante este dialogo Augusta sae e entra algumas vezes em scena*)

ARMANDO. – Compreendo agora, pesa-te a ligação creada?

LUIZA. – Quem o disse, Armando?

ARMANDO. – És mulher igual ás outras. É sempre assim. Aceitam a sorrir situações que provocam e ao primeiro vagido d'um filho, cúmplices sem coragem, logo presurosas querem liquidar a parte que lhes cabe no delicto commum.

LUIZA. – Offendes-me!... Amar é provocar situações?

ARMANDO. – Amar é suffer!

LUIZA. – (*com tristeza*) Aprendo-o agora nas tuas palavras.

ARMANDO. – Diz-me, não lucto desesperadamente para conquistar o pão? a que veem pois escrupulos ridiculos?

LUIZA. – (*apontando o quarto*) Por amor d'aquelle!

ARMANDO. – Não faças da creança escudo p'ro combate.

LUIZA. – (*com altivez*) Feres sem piedade; não é o filho escudo á mãe é a mãe a protegel-o, a dar-lhe um nome que não tem; não é a vaidade de ser esposa que me faz desejar não ser amante, obriga-me a ser mulher a necessidade de ter um filho.

ARMANDO. – (*brutal*) A Natureza impediu-t'o?

LUIZA. – Favoreceu-o, acreditei-te.

ARMANDO. – (*procurando serenar*) Não vês o que nos rodeia? Casado, o dr. Armando Lopes tem de ostentar a mulher nas reuniões, nos theatros, nos passeios. Hoje ninguem repara e assim encontro relações, ámanhã commentariam a tua ausencia obrigada á falta d'um vestido. És a victima, mas sou eu o algoz? Não. (*baixando a voz*) Quem desempenha a casaca quando as conveniencias o exigem não pode ter esposa, não pode ter familia: assim o diz o mundo.

LUIZA. – Concordo! mas a tranquilizar-me basta occultamente aucto-
risar-me a ser mãe.

ARMANDO. – (*ironico e raivoso*) Ao romper d'alva, quando a igreja é
deserta? E são essas as futilidades que te ensinam.

AUGUSTA. – (*descendo do F., para Armando, com tristeza*) É futilidade
a honra d'uma mulher?

ARMANDO. – (*virando-se, rapido*) A senhora?!

LUIZA. – Mamã!

ARMANDO. – Insulta-me!

AUGUSTA. – Defendo Luiza!

LUIZA. – (*afflicta, entre Augusta e Armando, procurando calmal-os*)
Por Deus!... O Jeca acorda!

ARMANDO. – (*raivoso*) Qual de nós está aqui demais?

AUGUSTA. – Sou eu a proteger a filha e o neto?

ARMANDO. – É intoleravel.

(*Do quarto sae uma voz de creança gritando: Mamã! Mamã! Tenbo
medo!*)

LUIZA. – (*correndo para a D. A.*) Ahi vou! ahi vou!...

ARMANDO. – (*saindo do estupor em que o lançou a voz do filbo,
seguindo para a D. B.*) Enlouqueço!

AUGUSTA. – (*subindo á D. A. e ficando a olhar o interior do quarto*)
Pobre filha!... Se o pae voltasse nunca m'ó perdoaria.

ACTO II

A scena representa: A sala da habitação d'Armando, mobilada com
decencia mas sem luxo. Á D. A. porta dando para a escada. Ao F. vê-se o
gabinete de consulta, secretaria, estantes, etc., o resposteiro deixa ver o
gabinete. Ao F. porta dando ingresso ao interior. Á E. janellas. Ao subir
o panno Armando escreve no gabinete, a creada está preparando uma
mala de viagem e Luiza no meio da scena está compondo de joelhos o
fato ao Jeca.

SCENA I

ARMANDO, LUIZA, MARIA e JECA

MARIA. – *(debruçada sobre a mala)* Já está a não poder mais.

LUIZA. – Vê lá não esqueça nada. *(para Jeca)* Vae p'ro jardim, hein?
(para Maria) Os lenços já estão?

MARIA. – Sim, minha sr.^a

LUIZA. – *(para Jeca)* Tenha juizinho, não seja mau. *(erguendo-se)*
Quando a mamã voltar da rua traz bonitos. *(leva Jeca á porta do F., beijando-o)* Não se suje, não!...

MARIA. – *(pegando em gravatas)* Tambem vão?

LUIZA. – Já se vê; ahi, n'um desses bolsos. *(para Armando)* Queres levar a gravata branca? pode ser precisa.

ARMANDO. – *(interrompendo o trabalho)* É dispensavel, não espero ter visitas de cerimonia. Em todo o caso se queres é-me indiferente.
(continua escrevendo)

LUIZA. – Sempre é bom, ás vezes sem se esperar... A que horas parte o comboio?

ARMANDO. – Ás 4 e 50.

LUIZA. – É muito longa a viagem?

ARMANDO. – Dez a onze horas, quando muito...

MARIA. – Minha sr.^a quer ver?

LUIZA. – *(vendo a mala)* Está bem, está, agora cuido o resto. Vae tu tratar da cozinha. *(creada sae, para Armando)* P'ra te não contrariar é que consinto n'isto de ir uma mala tão pequena... *(afivela as correias da mala)*

ARMANDO. – Que dizes?

LUIZA. – Que acho uma loucura ires tão pouco provido de cousas indispensaveis.

ARMANDO. – *(fechando a carta)* Loucura seria ir inutilmente fornecido quando afinal a demora pode não ir alem de semana.

LUIZA. – *(á porta do gabinete)* Deus o queira!... Vou estranhar tanto. Oh, Armando esta é a primeira vez que saes de casa p'ra viajar?

ARMANDO. – (*deixando a carta sobre a secretaria, descendo, aparentando despreocupação*) É!... (*brincando*) A não queres metter em linha de conta os passeios de americano a Algés e Ribamar.

LUIZA. – Zombas?! Já não te lembras do passeio a Cintra?... Parecia uma creança, quase não dormi na véspera.

ARMANDO. – Quando foi dos teus annos?

LUIZA. – Sim! (*recordando, com saudade*) Que dia tão lindo... O que nós fizemos na Pena; saltámos, corremos, cantámos e tudo tão quieto, uma tarde tão bonita, o sol parecia d'ouro quase a morrer no mar e o ceu muito vermelho... É dos dias mais felizes da minha vida. (*com vivacidade*) Então o Jeca não me prendia, estava na ama.

ARMANDO⁴⁹⁴. – (*indifferente*) É massador passear com creanças.

LUIZA. – Depois raras vezes sahi contigo.

ARMANDO. – (*tomando o peso á mala*) Está tudo prompto?

LUIZA. – Tudo! (*mudando*) Tu não partes sem te despedires da mamã? pode ella melindrar-se e tu bem sabes quanto forcejo por os ver amigos, vivendo em boa paz. Tu é que não desculpas nada, mas, crê Armando a mamã tem por ti verdadeira estima. És para ella um filho.

ARMANDO. – Ella saiu?!

LUIZA. – Logo de manhã; admirada estou de não ter voltado. Ha de ser cousa de a terem demorado em casa do conselheiro; devemos-lhe favores que remedio senão soffrer-lhe as pieguices. E a D. Josepha, sabes, é boa senhora mas é d'uma impertinencia a toda a prova.

ARMANDO. – Oxalá ella venha a tempo...

LUIZA. – Ainda agora é meio-dia. Vem, não ha duvida. Peor estou eu; antes da uma hora, sem falta, hei de estar na loja do Fonseca por causa d'uns bordados.

ARMANDO. – (*com interesse*) Saes?!

⁴⁹⁴ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n.º 19 (1902), Lisboa, 23 de fevereiro, p. 2.

LUIZA. – Demoro pouco, hei de cá estar muito antes da partida. (*lançando-se ao pescoço de Armando*) Julgavas que te deixava sair sem dar o ultimo beijo? Nunca!... (*beija o Armando*) Ah, Armando como a casa vae agora ser triste para mim.

ARMANDO. – Fica o Jeca.

LUIZA. – (*enternecida*) É verdade, o meu Jeca; mas a tua partida sem ser esperada tem-me alvoroçado tanto que quasi o tenho esquecido. Amanhã porém começa a reabilitação, vou comel-o de beijos pensando em ti. (*sentando-se no collo d'Armando*) Mas hoje quero ser tua, só tua! (*abraça-o*) Queres crer, se não fosse por dizer que d'esta viagem pode vir a nossa felicidade havia de pedir que ficasses. Custa tanto a apartarmo-nos d'uma pessoa querida ainda que seja por dias ou semanas...

ARMANDO. – (*constrangido, foge docemente aos braços de Luiza*) Sim, espero não ser cousa de maior tempo. E seria uma loucura não aproveitar o ensejo. Nem todos os dias apparece assim um cliente rico e amigo capaz de ajudar-nos poderosamente...

LUIZA. – Tambem é singular, estando tão longe podia bem servir-se de outro medico.

ARMANDO. – Ahi está a valiosa significação do convite, confia em mim, prefere-me.

LUIZA. – (*conformando-se*) Paciencia!... É uma semsaboria de duas ou tres semanas mas, só o lembrar-me que foi motivo á tua reconciliação com a mamã, depois d'aquella desgraçada questão de ha um mez...

ARMANDO. – Não falles n'isso.

LUIZA. – Foi nuvem negra que já fugiu. Se tu visses Armando a alegria da mamã quando ha trez noites á hora do chá lhe communiquei a tua partida e asseverei que prometteras casar á volta apoiado no auxilio d'esse bom cliente que te vae fornecer recursos para poderes montar um consultorio como desejas. Coitadinha! chorou de alegria e foi logo de seguida, que a espreitei, postrar-se no quarto a orar em frente da Virgem. (*notando a perturbação d'Armando*) Vês, impressionei-te, tambem lhe fazes justiça. É muito tua amiga.

ARMANDO. – (*visivelmente constrangido*) Vê lá! (*puchando do relógio*)
Falta $\frac{1}{4}$ p'ra 1. Depois não estás de volta a tempo.

LUIZA. – A tagarellar esquecia-me. Até logo! (*beijando-o*) Olha que não perdôo se não escreveres muita vez!

ARMANDO. – Fica certa... (*ouve-se dentro a campainha electrica da porta*)

LUIZA. – É que eu já sei o teu costume de escrever, hoje, amanhã e assim deixas correr os dias. (*beijando-o*) Adeus, vou demorar-me o menos que puder.

CREADA. – (*ao F.*) Sr. doutor, chegou o sr. Oliveira.

SCENA II

Os mesmos e ALFREDO, depois MARIA

ALFREDO. – (*entrando no gabinete, para Armando*) Esta tua creada tem a monomania da apresentação. (*para Luiza*) D. Luiza, como está? (*para Armando, apertando-lhe a mão*) Tu?

LUIZA. – (*para Alfredo*) Vae desculpar-me, tenho de sair.

ALFREDO. – Oh, D. Luiza, poupe-me a cerimonia, que não desejo estorvar. (*Luiza cumprimenta e sae, para Armando*) Então, é hoje?

ARMANDO. – Ainda bem que chegaste.

ALFREDO. – Que tens? estás pallido, a suar! pois o tempo não vae de calores.

ARMANDO. – (*desabafando*) Se a Luiza ha bocado teima mais um instante, denunciava-me.

ALFREDO. – Naufragar dentro do porto? fazia-a bonita não haja duvida.

ARMANDO. – Parecia que o coração me subia á bôca... Quasi senti repugnancia de mim mesmo.

ACTO II⁴⁹⁵

SCENA II.

ABEL, ARMANDO E ALFREDO

ABEL. – (*entrando, para Armando*) Parabens, parabens, foi um sucesso já sei. (*Mudando*) Os teus vão? (*para Alfredo*) Como estás?

ARMANDO. – Vão bem. Fallas da sessão das Sciencias Medicas?

ABEL. – Sim, a tua communicacão fez successo; disseram-me ser um caso inteiramente novo.

ARMANDO. – (*modesto*) Favores de gente amiga exaggerando benevola uma simples observacão.

ALFREDO. – (*para Armando*) Puzeste em derrota os venerandos Esculapios?

ABEL. – Não lês jornaes?!

ALFREDO. – (*ironico*) Leio o *sport* e os espectaculos; as associações e as facadas deixo p'os amadores do genero.

ARMANDO. – (*intervindo*) O merecimento único do caso foi descobrir o erro de diagnostico, o mais estava feito na mudanca das applicações...

ALFREDO. – (*gritando*) Protesto!... Vocês começam a fallar em pensos e pomadas e eu safo-me. Isso não é cavaco é mergulho em unguentos.

ARMANDO. – Socega! Vamos deixar em paz a tua medicophobia. (*para Abel*) O poema quando vê luz? Agora livre da these deve sair d'um jacto.

ABEL. – Breve estará nas livrarias. Edita-m'ó o Bragança...

ALFREDO. – (*interrompendo*) O da rua do Ouro?!... Pobre poeta, vaes ser roubado. Isso não é editor é um bandido; diz-me quem é, conheço-o da edição dos meus contos *De monoculo*. O livro não foi um *successo*, bem o sei, mas vendeu-se o bastante para dar lucro; pois o judeu ainda teve audacia para pedir quarenta mil réis de perda por causa das illustrações que eram indignas de publicacão em supplemento á ultima hora.

⁴⁹⁵ SILVA, Ernesto da – Folhetim do «Seculo XX». Vencidos. Drama em 4 actos, representado no Theatro do Gymnasio em 9 de janeiro de 1902, original. *Seculo XX*. Lisboa: n° 13 (1902), 12 janeiro, p. 2. A cena vem marcada como a segunda do segundo ato. Porém, tendo em atencão ao desenvolvimento da açã, parece continuacão da anterior.

ABEL. – (*para Alfredo*) Pagaste?

ALFREDO. – Que remedio!... P'ra salvação a intriga certa d'esse Judas que não tardaria em desacreditar-me no *Martinbo*⁴⁹⁶ e no *Suisso*⁴⁹⁷.

ARMANDO. – (*para Abel*) Ainda falta muito p'r'a conclusão?

ABEL. – O canto final. Crê, tenho sido um torturado. Já o refundi três vezes. É que me escapa, não sei porquê, encontrar a fórmula delicada mas vigorosa de pôr fecho á altura da intenção philosophica do poema.

ALFREDO. – Ó menino, a *Mãe* é poema social?

ABEL. – É uma invocação e um hymno á mulher-mãe, symbolo do amor universal.

ALFREDO. – Divinizando o germen?

ABEL. – (*enthusiasta*) Sim!... Exalçando a fecundidade como expressão soberana da Vida... Porque o perguntas?

ALFREDO. – P'ra saber se annuncias na capa parteiras habilitadas.

ABEL. – (*com azedume*) É a isso que vocês nos cafés chamam *piada*??

ARMANDO. – (*intervindo*) Diabo! não azedam, é de mau gosto.

ALFREDO. – (*para Armando*) Deixa-o, deixa-o comigo, vae ser tratado a serio. (*para Abel*) Então julgas haver alguém de bom senso capaz de aceitar as tuas theorias mesmo em verso?

ABEL. – Porque não? Acaso não assentam na grande lição da Natureza?

ALFREDO. – E não vês que a Natureza tem de ser rectificada pelo Homem na bruteza dos seus conceitos?!... Embora te pese, meu caro poeta, se amanhã vingasse a dourada theoria da mãe fecunda e inexgotavel subia ao infinito o numero dos desgraçados.

⁴⁹⁶ O Martinho da Arcada, no Terreiro do Paço, onde ainda se encontra, abriu as suas portas nos fins do século XVIII, tendo adquirido o seu nome em 1845 para ser distinguido de um outro estabelecimento com a mesmo denominação, o Café Martinho do Camões, ambos da propriedade de Martinho Bartolomeu Rodrigues. PIMENTEL, Maria do Rosário – Espaços com historia na Lisboa dos século XVIII e XIX. *Ricognizioni. Revista di lingue, litterature e culture moderne*. I° 2014 (1), p. 253-261, e esp. p. 256-257. O café é também citado na peça *O capital* (acto segundo, escena XIII).

⁴⁹⁷ O Café Suisso, aberto por dois irmãos suissos, data de 1848 e estava situado no Largo do Camões, actual Praça D. João da Câmara. Desapareceu a 7 de fevereiro de 1952.

ARMANDO. – É positivo...

ABEL. – (*interrompendo, triunphante*) Já esperava essa, vocês confundem os termos da questão. Leram Malthus⁴⁹⁸, o patriarca do egoísmo, ficaram na inercia mental sem descerem á critica e não viram que a miséria, a desgraça, a preversão eram consequencias não da não existencia de pão e felicidade p'ra todos mas do monopolio do bem collectivo feito garantia d'alguns.

ARMANDO. – O que sendo verdade deixa comtudo intacto o argumento do Alfredo.

ABEL. – O Alfredo é um *viveur*: fez da vida um prato appetitoso e mal tem tempo para digerir o prazer.

ALFREDO. – (*ironico*) Chamas-me burguez, pede-me a cabeça, mas, não esqueças, habilita-te herdeiro.

ABEL. – (*para Armando*) Devo-te resposta: é que o progresso dos povos ha de firmar-se em seres e não em phantasmas e o exaltar da mulher-mãe impõ-se como um hymno de gloria ao único cadinho das energias renovadoras. Esta é que é a grande arte – a arte do Futuro.

ALFREDO. – Discordo da formula, fico-me pelo presente, ha menos *pés-descalços*.

ABEL. – E menos consciencias.

ARMANDO. – (*consultando o relógio*) Reparem, preciso sair. Tenho de visitar um doente antes da partida.

ABEL. – Sempre vaes ao Douro?

ARMANDO. – (*trocando um olhar com Alfredo*) Parto hoje. (*Para Alfredo*) Vamos?! (*Entra no gabinete a buscar o chapéu*)

⁴⁹⁸ As teorias demográficas de Thomas Robert Malthus (1766-1834) desenvolvidas em *An Essay on the Principle of Population* (1798) influíram no pensamento político, económico, social e científico do século XIX.

ALFREDO. – Vamos!... Preciso de digerir o *lunch* do *Tavares*⁴⁹⁹ o poema do Abel... (*ri*) A mulher-mãe com molho d'ostras.

ABEL. – És um egoista incorrigível.

ARMANDO. – (*chamando*) Maria, vem fechar. (*Saem*)

Ernesto da Silva

⁴⁹⁹ O Restaurante Tavares, na rua da Misericórdia, nº 37, no Chiado, em Lisboa, abriu em 1784.

RESUMOS DO ARGUMENTO⁵⁰⁰

«Os vencidos», *Seculo XX. Semanario socialista*, Lisboa, nº 11, 29 de dezembro de 1901, p. 2.

A miseria, embora attenuada, mas actuando pela relatividade na macebia d'um medico com uma pobre creatura que tem sido companheira dedicada e honestissima, obriga á desagregação familiar pelo abandono a que a mulher é votada ficando esta só e um filho. O medico, typo de proletario intellectual que só a custa de largos esforços conseguiu fazer o curso tornou-se um insatisfeito; na ancia do goso da vida, espiçado no exemplo dos *sem-escrupulos* que saem triumphantes na lucha da vida aproveita a sua hora de *sorte*, e, na pessoa de uma mulher rica mas desprovida de senso moral troca a verdadeira familia que o amou e ajudou por uma familia convencional que lhe pode garantir a gloria do triumpho como medico e homem d'ambições mas não pode dar-lhe a grande paz moral e sentimental de que a verdadeira familia é sagrado albergue.

Allucinado pelo exito garantido no ouro o medico fecha o espirito e o coração aos mais nobres impulsos e fiado que a troco d'uma mesada poderá manter as duas familias – a abandonada e a preferida – vae lançar-se no casamento.

⁵⁰⁰ O semanario socialista *Seculo XX*, que estava a divulgar o texto, deixou de ser publicado por falta de financiamento. Não temos, portanto, a obra completa mas os exercetos que damos à luz. Não obstante, podemos completar o argumento a partir da crítica à representação que o mesmo jornal publicou.

É n'esta altura que resalta superiormente illuminada de alta moral e altiva dignidade a figura da amante esquecida, preferindo tudo, a miseria, a angustia maxima, a morte, se tanto fôr preciso, a receber das mãos do ex-amante, pae de seu filho, qualquer retribuição que sendo ganha com o adulterio do macho não podia, não devia por ella ser accete.

É preferivel ser *vencida* a ser cumplice: tal é a orientação d'esse nobre espirito immaculado e intransigente.

Dir-se-hia uma figura estudada na formosa galeria espiritual de Ibsen.

Assim, posta a acção no maximo de intensidade dramatica que surge no 3º acto devida á doença mortal que victimando a creança põe em frente pae e mãe, o conflicto das paixões é grandioso e dá logar a scenas de grande vigor sem que a mãe ceda ao reatar de relações que lhe repugnam por indignas.

(...)

O contraste resulta no 3º acto pela apresentação em flagrante confronto do novo interior familiar do medico, que já desiludido soffre e se considera *vencido*, a despeito da apparente felicidade que o rodeia. É o momento em que a rica esposa do *vencido* se prepara a marchar ao baile de mascaras pelo braço d'um amante; estala o conflicto e a esposa audaciosa e convicta contesta ao esposo todo o direito de censura e vingança: – «Quando casou já sabia».

É n'este momento que o medico fazendo mentalmente um rapido confronto entre a familia abandonada e a familia preferida, vê quanto o seu adulterio foi inutil a promover-lhe a felicidade que julgava certa dentro da riqueza. E quando se dispõe a abandonar para sempre a morada da esposa, só, ludibriado, desrespeitado, apenas conservando um amigo que o acompanha, sobe-lhe aos labios n'um grito a phrase de protesto: «– Vamos!... É preciso deixar isto vazio».

Ao que o companheiro replica:

«– Vamos!... N'estas casas de familia convencional asphixia-se».

O desenlace segue no 4º acto com o novo encontro do medico e da ex-amante (Luiza) que a braços com a extrema miseria e vendo na cama o

filho prestes a morrer atacado de meningite enquanto ella já está lutando com a tuberculose, repudia o auxilio offerecido por quem a condemnou ao soffrimento e á eterna dor.

*
* *
*

Luís da Matta, «Letras e artes. *Vencidos*, peça em 4 actos do sr. Ernesto da Silva», *Seculo XX. Semanario socialista*, Lisboa, nº 13, 12 janeiro de 1902.

A prostituição do trabalhador intellectual, pobre, sem remoração conforme com as suas condições de vida, vencido pelas necessidades de conforto de que a sua intelligencia precisa de ser rodeada, é o assumpto da peça; o entrecho é muito simples: um medico que no terceiro anno do curso, tem tornado mãe uma boa rapariga, filha da dona da casa onde está hospedado, vive com ella maritalmente, lutando contra a mesquinhez da sua sorte, trabalhando em vão, sacrificando a companheira do seu viver a um trabalho penoso, tendo continuamente a perturbarem-lhe a calma intellectual, necessaria ao seu estudo, os embaraços monetarios em que se desenvolve mais e mais, desgostando-se da vida e exacerbando-lhe a ambição de gosar a fortuna que outros, uns mediocres, teem alcançado. Espirito fraco, é vencido na relutancia da sua honestidade contra a venda a que os outros se teem sujeitado sem escrupulos e abandona a mulher que foi para elle tudo por outra que desposa e que sabe ser uma aventureira, mas que possui o meio de lhe dar o conforto, a gloria, o bem estar: a riqueza.

D'aqui as consequencias naturaes. A mulher, passado o capricho, entrega-se novamente aos amantes e elle perde, por uma revolta do seu character primitivo e fundamentalmente probo, a riqueza que lhe fizer esquecer tudo mais. Volta a casa da primeira, da única, da verdadeira esposa, da mãe da pobre creança cuja morte é inevitavel, e que disposta

já a quebrar toda a sua energia, toda a sua resistencia, para salvar o filho, expulsa o vencido, quando vê impossivel a salvação.

E elle sae, expulso, corrido como um criminoso, sem lar – elle que tivera dois – sem amigos, sem compadecidos, sequer! Pobre proletario, cujo trabalho, cuja producção, foram despresadas por os que do producto lucraram, a miseria tinha de vence-lo, implacavel, destruidora; a sociedade assim o quer, para ventura d'uma estreita minoria que fôra mais feliz pelo trabalho, pela justiça, pelo bem de todos...

O primeiro acto da peça, entra abertamente na acção; nelle se resume, quanto a mim a maior intensidade, a mais frisante dureza, d'aquella vida desgraçada. A causa, o principal ali está bem patente, bem resultante: é a miseria, é o desanimo d'aquelle cerebro fatigado pelo estudo de muitos annos e condemnado à inacção, á quase inutilidade; é a revolta d'aquelle corpo cheio de soffrimento, de privações, de sacrificios, que reclama os seus direitos de descanso, de bem estar material. Nesse leve decorrer de scenas, em que a acção se desenvolve em primeiro plano, agita-se na meia sombra do segundo toda a questão da injustiça social, todo o grave problema da desigualdade humana que as leis defendem, que a força escuda. Sentem-se ali os clamores, as surdas raivas dos opprimidos, dos que não teem pão, nem luz, nem ar; dos que não pódem *querer*; dos eternos precitos, escravos que arrastam a vida chicoteados pelos senhores que sustentam, para quem produzem e para quem são nada – menos que as bestas; menos que os cães.

Como technica teatral, o acto é bem conduzido, as scenas succedem-se racionalmente, uma ou outra, talvez um pouco precipitada (precipitação que reaparece no segundo e no terceiro acto e de que o quarto é isento) mas captivando-nos pelo interesse que despertam e que é diferente do vulgar *interesse* teatral da maioria das peças. Em os *Vencidos* o interesse nasce da palpitante verdade da these e não da pueril curiosidade de saber... o fim da historia.

O segundo acto é a resultante, a conclusão das premissas indicadas no primeiro: o desgraçado é *vencido*. Vencido pelo meio, pela sociedade,

pela miseria, pela vida. É um acto de tristeza, de abandono; não revolta a infamia – opprime-nos; não nos indigna a cobardia – choramo-la. Aquella mulher abandonada traidoramente, aquella creança que vae ficar sem pae, causam menos dó do que elle, o torturado de todos os momentos, o condemnado á eterna maldição da vida, o desditoso para quem a prohibidade custa lagrimas e fome, para quem o direito á vida custa lagrimas e infamias.

A acção decorre neste acto, com mais vehemencia do que no primeiro, tendo scenas bem trabalhadas, e seguindo no tracejamento geral, as mesmas linhas de coordenação, d'aquelle.

O terceiro, é para mim, um acto fraco ou melhor, um acto sem unidade; concorre para isso a apresentação de um novo *meio* e de novas personagens que apesar de intimamente ligadas ao entrecho e á acção, veem comtudo desviar-nos um pouco do caminho seguido, pela feição particular e pela sua vida mais ou menos extranha ao conjuncto que nos interessa.

D'essa apresentação que necessariamente tem de haver certo desenvolvimento – ainda que as novas personagens não nos sejam de todo desconhecidas, pois nos dois primeiros actos nos tem fallado d'ellas – nasce a difficuldade de evitar uma precipitação que se dá nas restantes scenas, nas quaes, de outro modo terminariam o acto muito grande e pesado.

Em todo o caso o acto não perde o seu valor moral, mas unicamente a perfeição technica e portanto a sua influencia no espirito do publico.

O quarto é um dos melhores. O movimento scenico perde toda a precipitação e adquire uma bella serenidade, um bello rithmo de progressão na sua marcha constante.

Naquelle casa onde uma fragil creancita agonisa e onde se ouvem as ultimas pulsasões do carnaval que enterra a ficticia alegria na algazarra das suas musicas enfadonhas e das suas risadas sem gosto, o *vencido* vem receber o golpe derradeiro; o filho morre-lhe, como lhe morrerá a companheira, como lhe morre toda esperanza. É o desabar duma existencia que foi toda de attribulações, toda de dôr, porque commeteu um crime que a sociedade não perdoa: querer viver, querer viver tambem.

Em geral, as personagens da peça são de character bem definido e real.

O *vencido* é verdadeiramente homem; soffre e actua como se soffre no mundo, como um fraco actúa na vida. A difficuldade de resolução, a incoherencia das idéas com os actos, as oscillações de character, são puramente naturaes e humanas.

Luiza é uma bella encarnação da mãe e da mulher,

E, sem especialisar, todas as outras são bem conservadas, bem definidas e conservadas com fidelidade durante toda a peça.

Resumindo: os *Vencidos* são um bom drama; se a fórma pecca num ou noutro ponto, a idéa faz esquecer esse pequenos peccados e a applaudil-a sinceramente, conscienciosamente.

EM RUINAS. PEÇA EM 3 ACTOS⁵⁰¹

A propriedade literaria d'esta peça pertence á sociedade cooperativa Theatro Livre e o direito da representação ao auctor⁵⁰².

«Para conseguir uma definição exacta da arte é necessario, acima de tudo, não a considerarmos um meio de prazer, mas uma das condições da vida.» – TOLSTOI⁵⁰³.

Aos que no theatro teem auxiliado e applaudido a minha obra dedico esta pagina de reconhecimento.

Ernesto da Silva

Á critica e ao público

Diz-me a consciencia dever uma explicação e porque a vejo opportuna n'este logar, aqui a deixo.

⁵⁰¹ SILVA, Ernesto da – *Em ruinas. Peça em 3 actos*. Lisboa: Bibliotheca D'Educação Nova – Editora, 61, I.º, Calçada de Sant'Anna, 1903. O tema desta obra já foi abordado por Ernesto da Silva num conto de 1894, *O aborto. A Federação*. Lisboa: n.º 8 (1894), 25 de fevereiro, e em *O intruso. Revista Nova*. Lisboa: n.º 3 (1901), 20 de maio, p. 78-82.

⁵⁰² Contracapa. Itálicos no original.

⁵⁰³ Capa. Em capa interior, a citação de Tolstoi muda «conseguir» por «conseguirmos».

Permittam, porém que á maneira de primeira pedra, lançada á base de edificio prestes a erguer-se, traga a esta pagina de justificação um periodo intensamente suggestivo e cheio de verdade, extractado de livro de valia: no seu bello volume *Les mensonges conventionnels*⁵⁰⁴, escarpellando o homem moral, diz o notavel escriptor Max Nordau:

«O que é um character? É uma individualidade orientando-se seguramente e seguindo alguns principios moraes muito simples que reconheceu serem bons e dos quaes fez o guia da sua marcha».

É talvez o meu caso: amando o theatro, desejando ver ennobrecido o que por decadencia social anda envilecido, acreditando dever ser a vida do proscenio motivo de educação ao cerebro e afinamento á alma, elaborei nos curtos ocios da minha vida de salariado a obra que hoje imprimo, na manifesta impossibilidade de vel-a, por agora, viver entre as obras accites no theatro portuguez⁵⁰⁵.

Quando em trabalho, foi minha aspiração fazer com technica sobria uma obra de intuitos de justiça que ao final pudesse resultar humana, portugueza e moralizadora. Consegui-o? Não sei; dil-o-ha o voto da critica e do publico ao cabo da leitura, dado que tão grata preferencia honre o meu trabalho.

A opinião das emprezas, essa já a conheço sobejamente: uma – da qual aliás recebi as mais evidentes provas de applauso e consideração, a que protesto aqui o meu agradecimento – julgou o *Em ruinas* chocante do seu publico, e outra, ainda applaudindo a factura e intenções da peça,

⁵⁰⁴ *Les mensonges conventionnels de notre civilisation* (1883), de Max Nordau (1849-1923), foi traduzido para o francês em 1888. Em 1897 apareceu uma nova edição revista a cargo da Ancienne Librairie Gêrmer Baillièrre et C^{ie}, Félix Alcan, Éditeur, de Paris.

⁵⁰⁵ Ernesto da Silva viria *A victima* (1896) ser rejeitada pelo Teatro de D. Maria II. O argumento da peça, resumido em *A Victima. A Federação*. Lisboa: n.º 139 (1896), 30 de agosto, p. 1, corresponde a *Vencidos. Drama em 4 actos*, representado no Teatro do Ginásio a 9 de janeiro de 1902, o que leva a pensar numa reelaboração do texto. *Em ruinas*, pelo seu lado, tinha sido rejeitado pelo Teatro de D. Amélia (atual Teatro de S. Luiz) havia ainda relativamente pouco tempo, como explicará a seguir. A obra acabaria por ser estreitada a 29 de abril de 1904 dentro da programação do Teatro Livre, na sua segunda récita, junto a *A Carteira*, de Octave Mirbeau.

fallou-me de ser uma *tristeza*, e não ver, no publico habitual, gente amovível á visão de conflictos de almas postos em moldura de naturalismo: habituára-se a rir sem ver de quê e lá ia!

Assim, rôta a ultima esperança, fiquei sendo, após quatro mezes, senão mais, de trabalho, um auctor irrepresentavel durante a epoca de 1902-1903 a dentro de fronteiras portuguesas⁵⁰⁶.

Eis quanto tinha a dizer aos que, sabendo-me auctor de novo original, naturalmente desejariam conhecer dos motivos de interdicção vindos do palco a pousar na minha obra modesta e talvez descolorida.

Feito o esclarecimento, melhor, a annotação de um facto que só a mim feriu, resta-me solicitar do leitor não veja na elucidação que reputei necessaria o dolorido prantear de um vencido capaz de desanimo – menos isso!

Educação na lição do trabalho de todos os dias, tenho habitos de resistencia – e já agora porfiarei.

Lisboa, 30-11-902.

O Auctor

⁵⁰⁶ *Em ruínas* foi publicada dias antes da morte do autor (25 de abril de 1903), e a sua representação prevista para breve pela companhia de teatro de Sousa Bastos, no Brasil. Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n° 937 (1903), 26 de abril, p. 1.

(Página deixada propositadamente em branco)

Personagens

Alvaro, Eduardo, João, Maria, Leonor, Gertrudes e Angelica.

Actualidade

A acção passa-se em Lisboa

ACTO I

Gabinete de trabalho servindo de casa para receber. Ao F. duas janellas de varanda defendidas por estores; através das janellas, fronteiros e proximos, veem-se cimos de arvores de um jardim. É vespera de S. João e quando a acção começa é noite. Quando a quando, brilham fóra clarões de fogos de artificio. Á D., secretária illuminada por um candieiro de luz velada por um *abat-jour* verde. Alvaro, vencido de fadiga, dormita apoiado á secretária em frente da janella que está aberta e de estore erguido; proximo uma cadeira de descanso; á D. A. porta ingressando para o interior. Entre as janellas uma estante modesta de livros, á E. portas lateraes. O luar illumina a varanda.

SCENA I

LEONOR e ALVARO

LEONOR. – (*entrando e indo a Alvaro*) Alvaro, então, não tens emenda.

ALVARO. – (*despertando*) Ah, és tu.

LEONOR. – Em frente da janella, p'ra apanhar uma doença!

ALVARO. – (*bocejando*) Quiz resistir, o somno venceu-me.

LEONOR. – É a desculpa de sempre: oxalá não venhas a arrepender-te um dia. (*fecha a vidraça*).

ALVARO. – (*erguendo-se com dificuldade*) Estou massado, doem-me os rins.

LEONOR. – Pudera, não tens juízo, n'um abuso constante.

ALVARO. – Chamas-lhe abuso?

LEONOR. – Que hei de chamar?!... A noite inteira sem ir á cama e ahi pregado todo o dia. É de adoecer.

ALVARO. – Fallas bem, mas se não ha outro remedio...

LEONOR. – Oh, tudo tem seus termos. (*carinhosa*) Bem vês, uma doença para nós...

ALVARO. – Era d'alanhar, olá se era.

LEONOR. – Deves ter cautella.

ALVARO. – Socega, confio em ti; és mulher, tens a previdencia por instincto. Adormeço fatigado e esquecido da janella? não tardará o instincto em advertir-te da constipação que me espreita e correrás a defender-me; não é assim?! (*indo á janella*) mas, agora tem paciencia (*abrindo a janella*) deixa entrar o fresco, abafa-se. (*olhando o ceu*) Está bella a noite. Vespera de S. João a valer. (*olhando em frente*) Bravo!... Temos baile.

LEONOR. – (*indo a Alvaro*) Baile?!

ALVARO. – (*indicando para fóra*) Vê, tudo illuminado, trouxeram o piano para o jardim. (*levemente despeitado*) Assim, pode levar-se a vida. (*desce*).

LEONOR. – (*á varanda*) E estão muitas senhoras; hão de ser visitas?!

ALVARO. – (*n'um leve despeito*) Gente que folga. (*lança-se na cadeira de descanso e acende um cigarro*).

LEONOR. – (*descendo*) Lembras-te Alvaro, quando eramos solteiros?

ALVARO. – (*n'um leve azedume*) Lembro, lembro; por isso trabalho dia e noite... E se chegasse!...

LEONOR. – Credo! O teu desanimar faz tristeza.

ALVARO. – Peor é sobejar motivo... Diz-me, sim, diz-me, quanto guardas do ordenado do mes passado e do dinheiro da traducção... Uns tostões, aposto?!

LEONOR. – (*animosa*) O mez tambem vae acabar.

ALVARO. – Fia-te n'essas, agora estamos a 23. Sete dias a vencer.

LEONOR. – Uma semana depressa passa.

ALVARO. – Bem sei, quando se come e bebe, ahi é que é o caso. (*rindo forçadamente*). Lá vocês conseguem viver de phantasias dentro de uma vida que é toda realidade, palavra, não percebo!

LEONOR. – (*convicta*) Como vive toda a gente, confiando no futuro.

ALVARO. – (*ironico*) É pouco solido, prefiro contar commigo. (*vae sentar-se á secretaria*) É mais seguro. (*pega na penna*).

LEONOR. – (*indo segurar a mão de Alvaro, amorosa*) Não consinto!... Não escrevas mais!... Faz o que peço, faz!...

ALVARO. – (*sem trabalhar*) Não volto á carga por prazer. O diabo é faltar, quase cem paginas e o editor quer a tradução para o fim do mez. Podes crel-o, por amor a isto não estou aqui, não, a dar vida á obra alheia. O dinheiro é quem manda e no dia 30 só para a ama do Jayme⁵⁰⁷ são seis mil réis.

LEONOR. – Que pena tive de não poder crial-o.

ALVARO. – As cousas são como são...

LEONOR. – (*como monologando*) Meu rico filho! Foi o primeiro que saíu de casa.

ALVARO. – Descansa, não tens grande espera, d'aqui a pouco esta ahi... Depois, que servia teimar na criação? Adoecias como foi da Sophia; vinha a ser peor!... Vá. Que da pequena já ficámos até aos cabellos.

LEONOR. – (*com tristeza*) Isto dos filhos muito embaraça a vida.

ALVARO. – A quem o dizes!... Se fosse só nascerem!... Que custa é o habitual cortejo das doenças, amas, medicos, parteiras, eu sei lá... Tudo quanto é capaz de sorver dinheiro. Ah, que se os não temos tido...

LEONOR. – Podíamos rir de quem se ri de nós.

ALVARO. – (*n'um gesto de fatigado*) É que me doem fortemente os rins.

⁵⁰⁷ «Jaime» era o segundo nome do filho de Ernesto da Silva, Ernesto Jayme da Silva, nascido em maio de 1897. Ao tempo da redação da peça contava apenas cinco anos de idade. Registo civil. *A Obra*. Lisboa: nº 121 (1897), 9 de maio, p. 3.

LEONOR. – (*forçando-o a abandonar o trabalho*) Não sejas teimoso, vamos, amanhã levantas-te cedo, pela fresca, e aproveitias mais dando hoje socego ao corpo.

ALVARO. – (*erguendo-se*) Começas na tentação do costume?

LEONOR. – (*beijando-o*) Se é para teu bem...

ALVARO. – Que horas são?

LEONOR. – Ha de ir para as 9.

ALVARO. – Os pequenos?

LEONOR. – A Sophia ficou lá dentro a ler á avó o livro de historias.

ALVARO. – O Jorge?

LEONOR. – Foi á Praça. O avô poz-se a fallar n'isso.

ALVARO. – Faltava lá teu pae á Praça. (*Mudando*) E o caso é que estava disposto a serão largo. (*disfarça um bocejo*).

LEONOR. – (*amorosa*) Não consinto, prometteste.

ALVARO. – (*rindo*) Ainda não, agora sim, prometto. (*mudando*) É verdade, o Eduardo veiu?

LEONOR. – Esperal-o?!

ALVARO. – Disse voltar.

LEONOR. – (*levemente contrariada*) Tambem!...

ALVARO. – Demais, affirmei-lhe trabalhar até tarde.

LEONOR. – Logo vi!... Afinal não aproveitias, vaes deitar-te á hora do costume, podias descansar.

ALVARO. – (*alçando os hombros e indo á janella*) Hum!

LEONOR. – Põem-se os dois de conversa e bem pensas depois no tempo. Eu já sei!

ALVARO. – Exaggeras!... Sabes?! Vou tomar café, preciso espertar.

LEONOR. – (*indo a sair*) Vou buscar.

ALVARO. – (*detendo-a*) Eu vou, deixa, quero mecher as pernas, (*olhando pela D.*) Ahi vem a tia. (*sae*).

SCENA II

LEONOR e MARIA

MARIA. – (*entrando*) Coitadinha, mesmo a cair, mal a despi, ficou logo...

LEONOR. – A Sophia?

MARIA. – Leu até cansar.

LEONOR. – Está costumada a deitar cedo.

MARIA. – (*acercando-se da janella*) Ah, tens festa na visinhança?!

LEONOR. – É em casa dos brasileiros.

MARIA. – (*como monologando*) Dos brasileiros. Sim, aquillo bem se vê, é gente de teres. O jardim está bem bonito, todo balões e tigelinhas.

LEONOR. – É familia de meios. Se visse os pequenos como andam; teem uns quatro ou cinco. Logo de manhã é vel-os ahi no jardim a brincar; correm, pulam, andam de velocipede ou no balouço quando não se cansam dos arcos e das bolas de borracha.

MARIA. – Isso, sim, é que faz bem á rijeza das creanças.

LEONOR. – Quantas vezes á janella não me esqueço a vel-os. Até dá gosto!

MARIA. – Com posses já não é dizer – ter filhos é ter cadilhos.

LEONOR. – (*n'um suspiro*) Se não fossem elles...

MARIA. – (*n'um misto de ironia e protesto*) Lá tinhas pregos d'ouro!... Coitadinhos, bem são os pequenos culpados de cá virem. (*animando*) Que não fazes favor erguendo mãos aos céus; nove annos de casada e só tres filhos, ainda é de louvar a Deus.

LEONOR. – Se os dois gemeos vivem...

MARIA. – Haviam de crear-se.

LEONOR. – (*entregue a intimo pensamento*) Só o Alvaro a ganhar, e com que trabalho, dia e noite, quasi sem descanso. Vir do jornal ás 2 e mais da manhã, e ficar p'ra ahi (*indica a secretaria*) até sol fóra, a traduzir obras para aumentar o ordenado. E não ha meio, não ha, de pôr de banda pouco que seja para uma aflicção. Elle bem quer, mas quê, a casa leva tudo!

MARIA. – (*confortando*) Foi sempre assim... É ordem do mundo.

LEONOR. – (*como monologando*) Que por mim não me assustava ter filhos.

MARIA. – (*galhofando*) Cinco ou seis, á maneira d'ali defronte?

LEONOR. – Ou mais que fossem, podia educal-os, tratál-os, divertir-os. Com pouco é um martyrio: o que chega vem tirar o pão aos outros. Veja, quando nasceu o Jorge, até pensamos em sacrificios para o educar um nada melhor; passam dois annos de socego e quando a esperança é maior veem os gêmeos, a minha doença, d'ali a um anno a Sophia e depois o Jayme... Abandonámos a idéa. Creia, a pensar n'elles, ás vezes chego a ter medo.

MARIA. – Essa agora!... De quê?!

LEONOR. – Nem o sei... (*triste*) Talvez de p'r'o futuro os não ver felizes...

MARIA. – Tambem és de scismas. O que está para vir a Deus pertence. Não tens o meu exemplo?! Lá em casa só teu pae ganhava, e bem sabes que um carpinteiro do Arsenal não tira ahi contos de réis: pois graças ao céu nunca aos filhos faltou pão e aninho, tu que o digas, nem a ti nem a teus irmãos. Ralei-me muito, é certo, vi-me e desejei-me, mas tudo se fez, um dia peor, outro melhor; vocês seguiram seu destino e lá fiquei no meu cantinho e mais teu pae, até que veio o descansosinho da reforma d'elle que foi ganha suando bem... E deixa-me dizer, dos filhos foste tu sempre o *ai Jesus!* A mais prendada e com mais collegio. Até de mais p'r'a filha d'um carpinteiro.

LEONOR. – (*embaraçada*) Bem sei, todos vivem. Mas é tão custoso fazer idéas!...

MARIA. – (*intervindo*) Ahi, ahi é que está o mal... O mal de vocês. Por teu primo ser homem de escripta e casares com elle, ficaste logo a pensar em ter filhos doutores.

LEONOR. – (*com acrimonia*) Não devem os paes dar futuro aos filhos?!

MARIA. – (*sentenciosa*) Quando se pode...

LEONOR. – (*vehemente*) É triste não poderem todos.

MARIA. – (*sentenciosa*) Também, a ser tudo doutor, não ficava gente p'r'as cousas somenos.

LEONOR. – Cada qual cuida dos seus.

MARIA. – E por não ser cousa de remedio contentar todos é que p'r'a ahi tiram os olhos uns aos outros.

LEONOR. – Mas, diga, não é natural desejar aos filhos melhor sorte que a nossa?

MARIA. – Que pergunta, só não tendo alma de mãe!... Nem parece teu.

LEONOR. – Censura-me?

MARIA. – Não me entendeste, menos o fiz. (*indo a janella*) Verdade, verdade, que já não vou satisfeita p'ra casa.

LEONOR. – Não quis apoquental-a.

MARIA. – (*vindo da janella*) É que desgosta uma pessoa ver os seus sem alegria.

LEONOR. – Se soubesse não tinha dito...

MARIA. – (*intencional*) A idade faz a gente adivinha... Que julgas?!

LEONOR. – O mal foi desabafar...

MARIA. – Tanto fazia, adivinhava. Olha, esta manhã, quando teu pae me disse: «Maria, vamos á Leonor?», não sei porquê, fiquei a modo alvoroadada, á maneira de quem tem medo... E vontade tinha eu de vir, se tinha!... Tanto que disse logo: – pois vamos á tardinha. E afinal...

LEONOR. – (*cortando a phrase e acarinhando Maria*) Esqueça!... Não foi por mal que a entristeci. É que não sei, depois da doença fiquei assim, um nada me põe triste, mas passa logo... Talvez nervoso!

MARIA. – (*fitando Leonor de frente*) Que eu não te leio nos olhos! (*censurando*) Ah Leonor, não é facil enganar quem nos cria de pequeno. E a ti, mais ao Alvaro, conheço-os eu dos coeiros. O mal é outro; já dei por elle...

LEONOR. – (*fingindo despreocupação*) A queixar-se das minhas scismas e ahi está a inventar desgostos.

MARIA. – Estes vejo-os eu bem; antes os não visse. Um dia e foi bastante. (*baixando a voz*) Vocês casaram novos.

LEONOR. – Aos 22.

MARIA. – Foi cedo, agora o vejo. Vieram p'ra casa na idéa da lua de mel ser toda a vida, nasceu o Jorge e logo começaram a scismar no pequeno poder ser grandes cousas, depois os gêmeos, veio a Sophia, ainda o Jayme... Já se vê a vida atrapalhou-se e vocês começam de tomar-se de desgosto agora co'os sonhos em terra. Isso é que me faz tristeza. (*para Leonor que está meditando*) Não te dizia, a gente velha adivinhar?!

LEONOR. – (*automatica*) Talvez...

MARIA. – Que has de ver, quem não pode e faz grandes idéas só consegue ralar a vida e os filhos ficam na mesma, ora ahi tens. (*prophetica*) Que a vida não é cousa para andar ao nosso querer.

LEONOR. – (*com tristeza*) É por amor d'elles!

MARIA. – Fica-te n'esta! Mau é n'uma casa pegar o desgosto a fazer das suas... Pois que ha, senão levar com paciencia a vida?!... A queixares-te p'ra um lado, teu marido a moer-se p'ra outro, vê tu que bonito painel.

LEONOR. – Elle não se queixa, eu é que ás vezes desabafo.

MARIA. – (*cortando a phrase e animando*) Saes ao teu pae que é outro igual: muita festa p'ra festa se a vida não turva, mas, ai d'elle, se vem qualquer precalço, é logo fora de si a parafusar desgraças e não comer.

LEONOR. – (*docemente*) Ha de ser o que Deus quizer.

(*Começa de ouvir-se na rua, ainda distante, o tocar de um harmonium e violas*).

MARIA. – Tem tu fé, que o mais ha de ir por si. (*prestando atenção á música*) Nem já me lembrava que era a noite de S. João. (*indo á janela*) Que grande ranchada!... (*para Leonor*) Varinas que vão p'ra Praça. (*a varanda illumina-se com clarões de phosphoros de côres, descendo*) É do anno a noite mais bonita.

LEONOR. – (*n'um tom de invencivel tristeza*) Noite de folgado!

MARIA. – E o senhor teu pae sem voltar! Ha de morrer assim; caso é haver folia, já não ha despegal-o.

LEONOR. – *(desculpando)* Foi com o pequeno: pára aqui; demora acolá...

MARIA. – Se vae só era o mesmo, cuidas tu! Bem sabes, Senhor da Serra e estas noites só se elle estiver doente.

LEONOR. – Que me diz á casa nova?

MARIA. – Está é melhor, mais commodos, outro asseio, quarto p'r'os pequenos; o teu é que é peor.

LEONOR. – E o sitio?

MARIA. – Que é bom, a dois passos da Avenida. A renda é que vejo pesada...

LEONOR. – O Alvaro precisava, estava muito fóra da baixa; depois, visitas d'elle, a mãe sabe, certas vidas pedem uma apparenciasinha; e o Alvaro anda a querer dar lições.

MARIA. – Não digo menos, mas é custoso ao pagar.

LEONOR. – Veremos...

SCENA III

LEONOR, MARIA e JOÃO

(Durante esta scena, quando em quando, veem da rua sons de violas, harmoniuns, cantigas dos grupos que vão para a Praça).

JOÃO. – *(entrando alegre e sobraçando um mangerico onde se espeta um cravo de papel, pousando um molbo de alfazema na cadeira junto á entrada)* Já de volta e governado. *(mostrando o mangerico)* Olhem para isto, verde e cheiroso que é um regalo.

LEONOR. – Não quiz fugir ao costume?

JOÃO. – Tinha que ver se ia á Praça e voltava com as mãos vasia...

MARIA. – *(para João)* Faltavas tu ao mangerico!

JOÃO. – *(indicando o mangerico)* Este é dos taes, vem a fazer-se um repolho. *(indo para a janella)* E vae já p'r'o luar, olé! *(detendo-se e tirando o cravo)* Menos este que debota. *(dando o cravo, para Leonor)* Lê-me lá a versalhada que eu já não vae sem oculos.

MARIA. – Deve ser obra aceada.

JOÃO. – (*incitando Leonor*) Não faças caso, é rabuje.

LEONOR. – (*lendo*) Este cravo tão vermelho – tem do sangue a côr rosada – semeou-o S. João – para o dar á namorada.

JOÃO. – (*gargalhando*) Semeou-o S. João!... Sim senhor, boa laracha, não ha que ver.

MARIA. – (*reprehensiva*) É que a idade não te põe juízo.

JOÃO. – (*para Leonor, indicando Maria*) Vês isto?!

MARIA. – Nem indo p'ra velho perdes o jeito á folia! É cheiral-a, estás varridinho de todo.

JOÃO. – (*galhofando*) Oh, serve de Deus, a vida são dois dias e o ralar moe a gente.

MARIA. – Sempre assim foste...

JOÃO. – (*cortando a phrase*) Olha quem falla! (*para Leonor*) Já se não lembra, hein!... N'estas noites era mesmo doidinha. (*rindo, para Maria*) Não me esqueceu!... Um mez ainda a faltar e já me andavas a pensar no baile da *Capricho Oriental*... Lembras-te da *Capricho*?!

MARIA. – Lembro...

JOÃO. – (*para Leonor*) Aquillo era vel-a: mal sahia da modista, tic, tic, Chiado abaixo, que só tomava folego em casa a paramentar-se e n'um fechar d'olhos estar no bailarico mesmo sem ceia. (*em comica censura*) E tens alma de fallar?!

MARIA. – Já lá vae...

LEONOR. – (*para João*) Era então o mestre-sala?

JOÃO. – (*orgulhoso*) E cornetim. (*com saudade*) Bons tempos, já não voltam! (*subito, abraçando Maria*) Dê cá um chocho e nada de resingar que se faz feia. (*beija-a em alegre risotada*).

MARIA. – (*apparentando mau humor*) Lá vens tu com lamechices.

JOÃO. – Ingrata que sabe o amigo que aqui tem. (*vae rapido á cadeira junto da entrada buscar a alfazema*) Que me diz?!

MARIA. – Olha o favor.

LEONOR. – (*para Maria*) Vê, não foi esquecida.

JOÃO. – *(indo ao grupo)* Esquecel-a, eu, que trago aqui um molho que até parece dois?! Tem p'ra defumação de seis mezes. *(para Leonor)* Na Praça lá me lembrou, quando a trouxe p'ra defumar a roupa ao Jayme... É que o garoto vae já n'um anno. Tinha graça agora se havia outro. *(pousa o mólho)*.

MARIA. – Cala-te homem, vae agourar p'ra longe.

JOÃO. – Essa é melhor!... Até dá alegria á casa ver um petiz aos pulos.

LEONOR. – Quando é só um...

JOÃO. – N'este mundo tudo se cria, caso é haver saude e trabalho que onde comem tres, comem quatro.

MARIA. – Vocês fallam bem, quem governa a casa é que sabe: os homens é só ganhá-lo.

JOÃO. – *(rindo)* D'aqui a pouco estás-me a dizer que ter filhos é só p'ra ricos! *(dentro, ove-se o estridular de um rouxinol, rindo)* Lá está aquelle maroto a dar signal de si.

MARIA. – *(indo a sair)* Vae acordar a irmã...

LEONOR. – *(detendo Maria, correndo e saindo)* Eu lá vou, eu lá vou.

JOÃO. – *(para Leonor)* Deixa, lá está o pae.

SCENA IV

MARIA e JOÃO

(Durante esta scena e até final de acto, quando a quando, chegam á scena sons de pianos, vindos do jardim fronteiro).

MARIA. – És peor que os rapazes.

JOÃO. – *(justificando-se)* Quis desvial-o, mas quem diz lá!... A arregalar os olhos p'r'os rouxinóis, era uma sécca!... Havia de ouvil-o, pegado ás mesas «ó avô compre! Ó avô compre!»... fazias o mesmo. Queria lá vêr o pequeno a chorar. Isso é que não!

MARIA. – E p'ra Sophia?

JOÃO. – Tambem!... Não sou d'excepções; tão neto é um como o outro. *(tirando do bolso uma boneca)* Rouxinol p'r'o rapaz, boneca p'r'a pequena.

(baixando a voz e alegre) E tu tens lá dentro umas ginjas, ginjas hein? que até põem o lenço p'las pontas. Has de vel-as em casa, parecem ameixas.

MARIA. – Olha que isto já vae p'ra tarde.

JOÃO. – *(vendo o relógio)* Ainda gora são 9 ¹/₂.

MARIA. – É que esta gente cá, também quer socego. O Alvaro mal se deitou a noite passada e hoje ainda tem serviço.

JOÃO. – Já não digo nada. *(a meia voz, como quem fixa uma idéia)* Ó Maria, não notaste?

MARIA. – Se notei?

JOÃO. – *(como monologando)* É que me pareceu... *(para Maria)* A modo qualquer cousa de tristeza?

MARIA. – Homem, falla claro.

JOÃO. – *(indeciso)* Talvez seja imaginação. *(para Maria)* O Alvaro e a Leonor a modo contrafeitos.

MARIA. – *(dissimulando)* Maluqueiras!... Lá por estares sempre p'r'a frescata, em não vendo uma pessoa de galhofa começa logo a fazer scismas.

JOÃO. – *(tranquilizando-se)* Tanto melhor; é que me pareceu.

MARIA. – Deixa-te d'isso!... *(mudando)* O que te digo é que são horas; as noites agora são um nada.

JOÃO. – *(reposto da apprehensão)* Se calhar, foi cousa minha. *(ouvem-se vozes aproximando-se)*.

MARIA. – Scismas das tuas; anda, vamos a despedir da pequena.

SCENA V

MARIA, JOÃO, EDUARDO e ALVARO

EDUARDO. – *(entrando com Alvaro e dirigindo-se a João e a Maria)*
Por cá?! *(aperta a mão aos dois)*.

JOÃO. – Uma salutada a espairecer.

EDUARDO. – Sempre rijo?! *(para Maria)* Saude boa?!

MARIA. – *(com bonhomia)* É o que vê, sr. doutor.

JOÃO. – (*rindo*) Madeira velha mas sem caruncho, graças a Deus. (*fitando o mangerico*) E esta! (*pegando no vaso que vae pôr na janella*) É que ia p'ra casa sem o pôr ao relento.

ALVARO. – (*para Maria*) Vão sair?!

MARIA. – Iamo-nos a despedir quando chegaste e mais o sr. doutor.

EDUARDO. – (*para Maria, em amavel censura*) Porque sou medico ha seis mezes, não sou já o sr. Eduardo?

JOÃO. – (*intervindo*) Bem o sabemos nosso amigo, como é do Alvaro, isso sabemol-o nós, mas... Cada um no seu lugar.

ALVARO. – O Eduardo auctoriza...

MARIA. – (*para Alvaro*) Teu tio tem razão, que não é por ser amigo que se ha d'abusar.

EDUARDO. – Assim o querem...

JOÃO. – Assim seja; e com esta me vou. (*despedindo-se de Alvaro*) Até outra vez, logo que possa estou por cá.

ALVARO. – Um momento. A Leonor tem o chá na mesa.

MARIA. – (*besitante*) É que se faz tarde.

JOÃO. – (*para Maria*) É mais bocado, menos bocado, creatura. Ir p'ra casa, tambem não é sangria desatada.

MARIA. – (*conformada*) Seja.

ALVARO. – (*para João*) Nós ficâmos: tomei café, o Eduardo não quer...

JOÃO. – (*para Maria*) Vamos nós á chásada. (*despedindo-se*) E até já... (*saem*).

SCENA VI

EDUARDO e ALVARO

EDUARDO. – ... pois, como disse lá dentro, já te arranjei dois alumnos para inicio da vida nova.

ALVARO. – Obrigado. (*pondo a cadeira de descanso proximo á varanda*) Massaste-te a vir cá!

EDUARDO. – Promettera trazer noticias, subi.

ALVARO. – (*encalmado*) Abafa-se.

EDUARDO. – Depois, precisava fugir á rua, parecem barbaros.

ALVARO. – N'estas noites é do estylo.

EDUARDO. – Barbaros que fingem prazer onde só ha instinctos.

ALVARO. – (*rindo*) Não poupas a festeiros?!

EDUARDO. – É que me aturdem.

ALVARO. – Exaggeras!... É do figado.

EDUARDO. – O facto é evidente: a gente que para ahi vae apertando-se na Praça, barulhando nas ruas, dançando nos bailes que procura? Sim, diz-me, que deseja, senão pôr em liberdade os instinctos?

ALVARO. – A tradição...

EDUARDO. – A tradição?!... É uma historia para mascarar a sensualidade da multidão. Faça-te a justiça de não acreditares ser a alegria de todo esse povo alguma cousa inspirada no verdadeiro prazer.

(*Ouvem-se harmoniuns, violas e descantes de um rancho que passa*).

ALVARO. – (*indicando a rua*) A multidão replica-te seguindo na vida: philosopha, discreiteia, sê super-homem, pouco importa, o mundo marcha... É a rua quem te responde.

EDUARDO. – (*friamente*) É natural a defesa: impressionista és um sensual, amas a vida pela exterioridade e ella sorri-te sempre que offerece aspectos brilhantes.

ALVARO. – E não deve ser a vida vivida objectivamente?

EDUARDO. – (*depois de uma pausa*) Não sei... É conforme a tempera de quem a vive. A uns basta-lhe a côr, outros querem-lhe a essencia...

ALVARO. – E que é a essencia da vida senão o bem-estar da materia?!

EDUARDO. – (*com desgosto*) Acho sêcca a doutrina.

ALVARO. – Sêcca?!

EDUARDO. – Egoistica; falta-lhe espirito de renuncia, ideal de bondade. Viver, porque a vida se nos offerece aos instinctos como uma mulher pro-

vocante, crê, não basta á alma. É preciso mais: a consciencia da propria perfeição.

ALVARO. – (*com fogo*) É outra forma de sensualismo! (*mudando*) Não ha duvida, o Tolstoi allucina-te.

EDUARDO. – Enganas-te, o temperamento recusa-se-me.

ALVARO. – É que sem querereres vaes dia a dia caindo mais e mais no exaggerado espiritalismo christão d'esse russo genial... que no fundo é um negador da vida, não esqueças.

EDUARDO. – Erras na critica, não foi a *Ressurreição*⁵⁰⁸ que me allucinou, ao contrario, depurou-me...

ALVARO. – (*ironico*) Pois menino, a mim dessora-me. Ha tres semanas que sobre ella (*indica a secretaria*) suo, dia e noite, com o editor á espera. Fico depurado, não, vou mais longe, espero ficar derretido... Uf!

EDUARDO. – (*friamente*) Chalaceias?!

ALVARO. – (*ironico*) Protesto contra as uniões espirituaes do Tolstoi. (*convicto*) Pode admitir-se a mulher e o homem n'um eterno renunciar, sacrificando a paixão fecunda á sublimação esterilizante do espirito?... Que um ente, macho ou femea, succumba na vida e amordace a paixão e o desejo á falta de recursos para viver, buscando no sacrificio o equilibrio, acceito: é uma victima como tantas, mas d'ahi á procura, do que chamas a essencia da vida, na voluntaria condemnação do individuo vae um abysmo: comprehendo a capitulação, repugna-me o suicidio.

EDUARDO. – (*levemente ironico*) Dir-se-hia teres razão. (*a um gesto de Alvaro protestando*) Perdoa, não tens!... Ainda d'esta vez o impressionismo esqueceu a justiça.

ALVARO. – Que outra impressão posso ter?!

EDUARDO. – É ver no todo da doutrina quanto ha de amor e bondade na renuncia e á tua consciencia entregares a sua explicação, despida de exaggeros, logo que a vida não soffra e antes beneficie do sacrificio

⁵⁰⁸ A obra foi publicada em 1889. A Bibliotheca de Educação Nova preparava uma tradução para português integrada na sua secção «Artística e Scientifica». Vid. SILVA, Ernesto da – *Em ruínas. Peça em tres actos*. Lisboa: Biblioteca D'Educação Nova, 1903, p. 94.

individual... Certo, não acharás facilmente expressão mais completa de perfeição humana?

ALVARO. – (*resistindo*) Não cedo. É um attentado á vida.

EDUARDO. – Justifica-se a resistencia: não estás habituado a renunciar.

ALVARO. – (*apoz curto silencio, com um fundo de desgosto*) Quem sabe?

EDUARDO. – (*n'um mixto de tristeza e azedume*) Se fôra eu!... Não conheci mãe, desde criança por assim dizer em mãos de estranhos, aos oito annos lançado n'um collegio de Lisboa, apenas, quando a quando, visitado pelo correspondente de meu pae que vinha informar-se em vespers de paquete para Africa, sem mais carinho, uma alma só capaz de amar-me, naturalmente, sem gorgeta; eu, sim, é que cedo aprendi a renunciar... (*passeando*) Não sabes o que é viver de estranhos!... Ha sempre n'alma um vacuo impossivel de encher; grita-se a pedir interesse, amisade, e raro responde um echo amigo...

ALVARO. – (*commovido*) És injusto.

EDUARDO. – (*n'um impeto*) Perdão!... Não quiz offender-te, nem aos teus; do primeiro encontro na escola até hoje só lhes devo gratidão.

ALVARO. – (*rapido*) Não fallava por mim. (*a um gesto de Eduardo que vae continuar*) É que não posso comprehender a febre de renuncia, como lhe chamas, conduzindo-te á situação que deploras. Concordo, não poderás, como eu, vir direito do amor da mãe e dos irmãos a aninhares-te egoista n'uma felicidade que acredites maior – a do teu lar; mas, bem podias, querendo, transformar a existencia, dando a ti proprio a felicidade desejada.

EDUARDO. – (*n'um tom de amarga ironia*) Agradeço o sonho...

ALVARO. – Não é sonhar.

EDUARDO. – (*sceptico*) Que é?

ALVARO. – (*n'um impeto*) É chamar-te á vida! (*mudando*) Findaste o curso, teu pae falleceu, estás livre e só, porque não dás fim ao romance que ha um anno vens fazendo?

EDUARDO. – (*intencional*) Findou já.

ALVARO. – *(com espanto)* O quê?!

EDUARDO. – Escrevi-lhe o epilogo...

ALVARO. – É possível?!

EDUARDO. – Desliguei-a do compromisso...

ALVARO. – Á Beatriz? *(a um gesto afirmativo de Eduardo)* Mas, não dizias ser talvez esse o único affecto que podia animar-te a vida?

EDUARDO. – Talvez por isso!... Não quiz sacrificar-o á minha derrota.

ALVARO. – É uma loucura!

EDUARDO. – Para mim é a tranquilidade. Achei melhor renunciar a tempo. *(para Alvaro que mostra espanto)* Admiras-te?... Despedi-me ha dois dias, evitando fazel-o d'aqui a dois ou tres mezes, em vesperas de partida. Assim tenho tempo de habituar-me á idéa de jámais ter familia.

ALVARO. – Partir, disseste?!

EDUARDO. – Para a Africa; já tenho collocação.

ALVARO. – Para a Africa? E ella?!...

EDUARDO. – É livre! Casará se quizer. *(mudando)* Tinha pensado em dizer-t'ó; calhou agora.

ALVARO. – Deixares uma creatura que sempre me disseste boa, carinhosa, amiga!... *(convicto)* Embora a familia agora contrariasse a ligação, por saber a morte de teu pae ter coincido quasi com a perda da sua maior riqueza, não era motivo... Que diabo! Não tinha ella fortuna?... Era ter paciencia; esperar a idade legal... Palavra! Foi uma tolice.

EDUARDO. – Pesava-me a riqueza d'ella. *(respondendo á admiração de Alvaro)* Espanto-te?!... É que ainda não pensaste a frio.

ALVARO. – O que vejo é um desejo doido de torturares a existencia.

EDUARDO. – Era fatal optar: ou seguir na vida insatisfeito, a recordar por vezes alguma hora de sonho perdido, ou ficar eternamente acorrentado á dolorosa idéa da mulher poder lembrar saudosa a casa dos paes mais cheia de conforto, menos vasia de bem-estar.

ALVARO. – É levar o pessimismo á duvida do sentimento alheio.

EDUARDO. – Se o não fizesse teria de arrepender-me, adivinho-o: passado o primeiro impeto da paixão, Beatriz acordaria para a realidade

e ver-me-ia dependente, se a aceitasse rica, o que humilha e desrespeita sempre, ou julgar-se-ia infeliz por a vida já não ter o habitual encanto.

ALVARO. – Faltavam-te porventura elementos de trabalho?

EDUARDO. – E garantia-me o trabalho a certeza de poder conquistar o conforto a que a educação a costumara?... Não!... Para que tentar pois uma perigosa experiencia?

ALVARO. – Evitavas o soffrimento que já é certo ferir-te e não te sacrificavas á conta de uma hypothese.

EDUARDO. – Evitei maiores dores, estou certo... A salvar-nos era preciso um milagre: ella dizer, aqui estou, pobre e crente, defenda-me, auxilie-me, corre-lhe esse dever, sou sua mulher. (*desculpando*) Era preciso renunciar, não o podia fazer: a educação do collegio e da familia attingiu-lhe o cerebro, não fez a alma... (*como quem afugenta uma idéa*) Foi melhor assim, arrepender-se-hia depois.

ALVARO. – Dispões-te a não criar familia?

EDUARDO. – Para quê?!... Agora não posso, depois seria tarde. De momento falta-me dinheiro, de futuro faltar-me-há paixão. Demais, se a vida offerecesse garantias, mas, não, fizeram-n'a uma lotaria e crê, por mais que tente vencer-me, tenho horror a idéa de deixar alguém soffrendo lá porque um dia a paixão me cegou, levando-me ao esquecer a analyse que já fiz dos homens e das cousas... Seria uma imprevidencia, quasi um crime.

ALVARO. – (*n'um impeto*) Fui eu um imprevidente, quasi um criminoso?!

EDUARDO. – (*rapido*) Não queria censurar-te!

ALVARO. – No fundo das tuas palavras ha uma censura que me toca.

EDUARDO. – Acredita, era incapaz de melindrar-te; fui talvez exagerado, concordo...

ALVARO. – (*vebemente*) Cedes por amisade, não quero isso, desejo justiça.

EDUARDO. – Repito, era incapaz, foi involuntariamente...

ALVARO. – (*cortando a phrase*) Não basta, censuraste-me!

EDUARDO. – Que hei de dizer?!... (*decidindo-se*) Foste como a maioria, impensado. A paixão fallou alto e a razão calou-se, precipitando-te.

ALVARO. – Não estás em ti!... Que seria da vida, fugindo todos para o teu estreito egoismo da perfeição moral?

EDUARDO. – Teria termo, bem o sei. E é d'essa certeza que me vem o desgosto de saber o homem de razão ou o apaixonado, ambos victimas da mesma impotencia para a vida fecunda e livre, apertados n'um circulo vicioso onde só ha sahida quando ha dinheiro... E ainda assim, quantas vezes falha esse recurso a evitar desastres!

ALVARO. – N'esse caso vês a familia, e d'ahi a vida, desmoronando-se, quasi em ruinas?

EDUARDO. – (*sombrio*) É possível.

ALVARO. – (*como procurando fugir a uma idéa incommoda*) És um bilioso, enegreces o quadro por prazer.

EDUARDO. – (*apparentando acquiescer*) Desculpa, cousas do meu feitio. (*ouvem-se vozes*).

SCENA VII

ALVARO, EDUARDO, JOÃO e MARIA

JOÃO. – (*entrando, já prompto a despedir-se, para Alvaro*) Agora é que é de vez.

ALVARO. – (*para João e Maria*) Já para casa?

JOÃO. – Vão sendo horas.

MARIA. – (*que tem ido á janela*) E a noite está d'encanto.

JOÃO. – (*chalaceando, para Alvaro, indicando Maria*) Aqui onde a vês, se calhar, inda vae á fonte commigo, olá!... Uma lavagem e volta aos vinte. (*ri e pega na alfazema que está sobre a cadeira*).

MARIA. – (*para João*) Deixa-te de asneiras. (*para Alvaro*) Até outra vez, logo que possa, saude a todos, beijinhos aos pequenos, adeus!

JOÃO. – (*para Alvaro, tranquilizando*) O Jorge já foi á deita.

ALVARO. – A Leonor vae allumiar.

JOÃO. – Qual, não é preciso. (*sacando do bolso das calças um pavio*) Vel-o!... Isto é barco que não larga ao mar sem pharol a bordo.

MARIA. – (*para Eduardo*) Quando quizer, lá estamos, Santo Estevam, 41.

JOÃO. – (*para Eduardo*) E é não fazer ceremonias, p'r'o que prestarmos, é só dizer.

EDUARDO. – (*subitamente, para Alvaro*) Adeus.

ALVARO. – Sahes?!

EDUARDO. – Vou deitar-me, estou fatigado.

ALVARO. – (*para Eduardo*) Aparece amanhã por ahi. Não saio, a traducção não me deixa.

EDUARDO. – Ainda vaes trabalhar?

ALVARO. – Prometti a minha mulher descansar hoje.

MARIA. – Tambem já é de estafadeira!

EDUARDO. – (*detendo-se á sabida, para Alvaro*) Guarda reserva do que fallámos; evito perguntas incommodas. Adeus.

MARIA. – Até depois.

ALVARO. – (*para Eduardo*) Vae socegado.

(*Vão sabindo Eduardo, Maria e João seguidos de Alvaro que se detem á porta da D*).

JOÃO. – (*ultimo a sabir*) Saude e pintos! E não me esqueças do mangeroico que bem regadinho é dos taes de se fazer uma abobora.

ALVARO. – (*á porta, para fora*) Adeus!... Vem por ahi amanhã.

SCENA VIII

ALVARO e LEONOR

ALVARO. – (*vae á janella, olha o ceu, lança um olhar ao jardim fronteiro e desce até á secretaria a fazer um cigarro que accende; n'um gesto de encalmado*) Uf!... (*pucha a cadeira de descanso para a varanda e fica-*

-se a olhar o jardim fronteiro. N'esta scena ouvem-se nitidos os sons do piano fronteiro).

LEONOR. – (*entrando, admirada*) Á janella?!

ALVARO. – Sairam?

LEONOR. – O pae não quiz que allumiase. (*mudando*) Está calor.

ALVARO. – (*preguiçoso*) Aqui tolera-se.

LEONOR. – E tens divertimento, o baile está animado.

ALVARO. – (*olhando para fora*) Acabam de dançar. (*mudando*) Sabes, já tenho dois alumnos.

LEONOR. – Sim?

ALVARO. – Arranjou-m'os o Eduardo. Um de mathematica, outro de francez.

LEONOR. – Não sei como has de attendê-los.

ALVARO. – Se for feliz nas lições deixo o jornal, fico só com as traducções; menos trabalho e mais dinheiro.

LEONOR. – Se viviamos mais desafogados!...

ALVARO. – Tenho esperança.

LEONOR. – (*triste*) Tudo é pouco! (*aproxima-se de Alvaro*).

ALVARO. – Pensa n'outra cousa. É noite de S. João. (*dando-lhe logar na cadeira*) Vem ver o baile... (*para Leonor que se senta na cadeira fazendo grupo*) Recordamos outro tempo.

LEONOR. – (*olhando o jardim*) Está tão bonito!

ALVARO. – Pudera, ha dinheiro.

LEONOR. – (*amorosa*) Porque não aproveitas?... Vae descansar.

ALVARO. – (*lançando um braço pelos hombros de Leonor*) Estou bem aqui. (*beija-a*).

LEONOR. – (*com pudor*) Se veem!

ALVARO. – Estamos no escuro. (*acariciando Leonor*) Que tens?

LEONOR. – (*mostrando constrangimento*) Nada!... Talvez moida.

ALVARO. – (*com amorosa insistencia*) Estranho-te ha dias...

LEONOR. – (*com tomada de receio*) Não sei de quê! (*indicando o jardim*) Olha, vão cantar.

ALVARO. – Parece que sim.

(Ouve-se o piano em primeiros acordes de fado).

LEONOR. – O que está ao piano tem typo de estudante.

ALVARO. – O outro também...

LEONOR. – Deixa ouvir. *(ficam-se os dois abraçados)* É o nosso S. João. *(de fóra, como vindo do jardim, começa a ouvir-se n'um fado muito plangente a seguinte quadra):*

A vida, quando não tem,
A aquecel-a a luz do amor,
Finda breve e sem perfume.
Sepulta-se em luto e dôr. *(bis)*

(De fóra veem echos de applausos e acordes de piano).

ALVARO. – *(para Leonor)* O fado!... Espera, vae cantar outra vez, repara. *(subito, fitando-a)* Estás triste?

LEONOR. – Não; é idéa tua.

De fóra, no mesmo tom, ouve-se a quadra seguinte:

É bello um collo de virgem,
De branco, candido brilho,
Mas, altar, é só um seio
De mãe, embalando um filho. *(bis)*

(De novo se ouvem echos de applausos).

ALVARO. – *(para Leonor que se ergue bruscamente, chorando silenciosa)* Que é isso?... Pateta!... *(segurando Leonor)* O fado impressionou-te?!

LEONOR. – *(desprendendo-se docemente)* Deixa-me, peço-t'ó. *(vae sentar-se).*

ALVARO. – (*desconfiado*) Não é possível, não foi o fado, tens algum motivo. (*com força, para Leonor que permanece muda*) Diz, que tens?

LEONOR. – (*n'um impeto*) Para quê, se ainda não estou certa...

ALVARO. – Certa?!... Mas, falla, explica-te, diz que te afflige?

LEONOR. – (*dolorosa*) Não teimes Alvaro, vaes ter desgosto, não quero assustar sem motivo...

ALVARO. – Leonor, falla, tenho direito a exigir, adivinho desgraça...

LEONOR. – (*n'um impulso*) É que outra vez me sinto... (*lançando-se ao pescoço de Alvaro parece concluir a pbrase em segredo*).

ALVARO. – (*n'um grito de espanto e raiva*) É possível?!...

LEONOR. – (*largando Alvaro*) Ia jurar-o!

ALVARO. – (*n'um mixto de desalento e desespero*) Apesar de tudo?!...

LEONOR. – (*repassada de tristeza*) Mais um filho!

ALVARO. -- (*desalentado*) Maldita sorte!

LEONOR. – Foste o culpado, não queria dizer... Tem coragem!... Vem descansar!... Ha de ser o que tiver de ser... Vem!

ALVARO. – (*aniquilado*) Deixa-me! (*indo para a secretaria*) Vou trabalhar, preciso esquecer...

CAE O PANNIO

ACTO II

A scena mantem o aspecto do acto anterior: de novo, apenas um quadro negro de escola onde se veem restos de um thema de francez. Entre Alvaro e Leonor nota-se constrangimento, impressão segura de mal-estar na vida em commum; um e outro denunciam visiveis signaes de abatimento. Alvaro porém mostra estar possuido de uma idéa fixa. Ao subir o panno Leonor está bordando n'um lenço.

SCENA I

LEONOR e GERTRUDES

GERTRUDES. – (*entrando açodada*) Fui e vim a correr.

LEONOR. – (*com maximo interesse*) Então?

GERTRUDES. – Póde descansar; ficou entregue; (*limpando o suor*) Ah! santo Deus, que dia de calor!

LEONOR. – Atinou? No largo, mesmo á esquina?

GERTRUDES. – Agora ia já de olhos fechados: o caso é ir uma vez a qualquer lado, fica-me logo.

LEONOR. – (*indicando o interior*) O sr. Alvaro está almoçando?

GERTRUDES. – Ia a começar quando cheguei.

LEONOR. – Minha mãe estava só?

GERTRUDES. – Pois que duvida, fazia lá o contrario do que a senhora dissera!... O senhor seu pae tinha saido já.

LEONOR. – Trouxe resposta?

GERTRUDES. – Mal que leu, a senhora sua mãe ficou-se assim a modo de pensar; ao depois é que disse: «que sim, ficasse a senhora certa».

LEONOR. – (*impaciente*) Mais nada?

GERTRUDES. – E «que de seguida vinha cá».

LEONOR. – Oxalá não tarde. (*vae á janella*).

GERTRUDES. – Póde lá tardar; ainda depois vim p'las compras e de caminho dei uma saltada aos meus. (*justificando*) A senhora sabe, rapazes sós n'uma casa é da gente estar sempre com o coração em sustos.

LEONOR. – *(descendo da janella, quase indifferente)* Não é bom, não.

GERTRUDES. – Quem me vale é a mais velha, já toma conta dos irmãos... Logo de manhã o pae vae p'ra fabrica, eu tambem não demoro muito em casa, é comer o bocado e ella ahi vae... É de todo o santo dia estar a tremer... *(suspirando)* Isto dos filhos é uma prisão!...

LEONOR. – *(como quem corta um pensamento)* Minha mãe não tem carro ao pé de casa?!

GERTRUDES. – Ora essa! É descer á Fundição... *(subito)* Ai, que me esquecia!

LEONOR. – *(com interesse)* O quê?

GERTRUDES. – *(tirando do bolso do avental um papel dobrado)* Deu-me o correio: ia a bater á porta da rua quando cheguei e d'ahi conheceu-me, entregou...

LEONOR. – *(depois de olhar o papel)* Ah, é a decima⁵⁰⁹. *(como monologando)* Seis mil réis... e cinco dias para pagar. *(recae na meditação)*

GERTRUDES. – Não sou precisa?

LEONOR. – *(distrabida)* Não, poder cuidar da casa. *(subitamente)* Ao meu quarto não vá, já cuidei d'elle.

GERTRUDES. – *(saindo)* Sim, minha senhora *(sae)*.

SCENA II

LEONOR e ALVARO

LEONOR. – *(para Alvaro que entra e se dirige á secretaria)* Almoçaste?

ALVARO. – *(friamente)* Almocei. *(olhando o papel que Leonor ainda tem na mão)* Que é isso?

LEONOR. – *(apparentando indifferença)* Um aviso, trouxe o carteiro.

ALVARO. – Um aviso!

LEONOR. – Da decima; d'aqui a cinco dias. *(entrega o papel)*.

⁵⁰⁹ Imposto que abrangia a décima parte de um rendimento.

ALVARO. – (*depois de olhar o aviso*) Está bem, não haja duvida. (*passa-seia*) Ainda hontem recebo dos alumnos e já hoje fico sem dinheiro. Bonito!... E contava eu guardal-o para a renda da casa!... Sim senhor, vamos em maré de rosas. (*amargamente ironico*) Feliz que sou, até o Estado se não esquece de proteger-me... Safa!... Nem é vida, é um pinhal. E hoje ou amanhã está ahi a ama, é o fim do mez.

LEONOR. – (*receosa*) Hei de receber dos bordados...

ALVARO. – (*com azedume*) Não viesses com o teu ganho.

LEONOR. – (*receosa*) Sempre auxilia...

ALVARO. – (*impaciente*) Ao contrario, prejudica. A casa entregue a estranhos, os pequenos mal cuidados, economia nenhuma, ahi tens o beneficio da tua ajuda. Vem cá dizer-me o que é o trabalho das mulheres; o dos homens é uma miseria o que não será esse. No teu caso então é uma inutilidade; mais metade do ganho, ia jural-o, vae-se pela janella fóra em ordenado á mulher a dias e nos desperdicios que para ahi vejo⁵¹⁰.

LEONOR. – Toma-se outra...

ALVARO. – Tanto faz!... São todas o mesmo, e explica-se: não lhes custa a ganhar, para que hão de zelar? Essa é boa; são cuidados que só os tem quem lhe doe. (*com acrimonia*) Teimaste, quizeste levar a tua por deante; nem que eu acreditasse na utilidade do teu esforço!

LEONOR. – (*convicta*) Ha mulheres que tiram resultado.

ALVARO. – (*cortando a phrase*) P'r'os seus alfinetes!... É outra cousa: trabalham nas horas vagas, teem recursos para creada ou alguém da familia cuida da casa... Aqui não é possivel.

LEONOR. – (*convicta*) É mais difficil, mas faz-se.

ALVARO. – Como?!... Entregando a casa a uma desconhecida que tola será, não levando á familia parte das cousas que lhe confiam. Ahi tens a beleza dos teus bordados p'r'as lojas.

⁵¹⁰ A desvalorização do trabalho das mulheres fora já denunciada por Ernesto da Silva no conto *Á saída do atelier. (Entre costureiras)*, precisamente por Leonor que, como no *Em ruínas*, tem a profissão de costureira. Vid. RUY – Folhetim do jornal A Federação. Á saída do atelier. (*Entre costureiras*). *A Federação*. Lisboa (1895), nº 82, 28 de julho, p. 2-3.

LEONOR. – *(levemente indignada)* Não digas isso, a Gertrudes é pobre mas honesta.

ALVARO. – *(rápido)* Diz imbecil!... Ter uma vida cheia de miséria como tem e, podendo, não tentar diminuir o mal levando algum conforto á casa vazia e aos filhos esfomeados lá me parece virtude muito próxima da estupidez. *(a um gesto de repulsa de Leonor)* Repugna-te, parece falta de escrúpulos?

LEONOR. – Pois que é, essa e outras idéas que vens mostrando?!

ALVARO. – *(desdenhoso)* Andas na lua!... *(convicto)* O meu pensar é o de toda a gente. Vae perguntar-lh'o, a resposta será rápida: cada um trata de si. *(passeia, como monologando)* É o que ouço desde que me entendo. *(detem-se e indo a Leonor depois de olhar a scena, baixo)*. O remedio?

LEONOR. – *(constrangida)* Está no quarto.

ALVARO. – Tens tomado?

LEONOR. – *(a custo)* Tres vezes.

ALVARO. – Nada?!

LEONOR. – *(n'um esforço)* Estou na mesma...

ALVARO. – Ainda o sentes?

LEONOR. – *(maximamente constrangida)* Sinto...

ALVARO. – *(como monologando)* Não ha remedio... tem de ser.

LEONOR. – *(n'uma supplica)* Alvaro!

ALVARO. – *(mysterioso)* Ou então...

LEONOR. – *(angustiada)* Que fazes?!

ALVARO. – Sei lá... *(vae para a janella, mas fica-se em frente da entrada da D., para fóra)* Ah, és tu!

SCENA III

LEONOR, ALVARO e EDUARDO

EDUARDO. – *(para Alvaro, entrando)* Venho massar-te? *(indo a Leonor)* Como está D. Leonor?

ALVARO. – (*aparentando amabilidade*) Queres os livros?

LEONOR. – (*para Eduardo a quem aperta a mão*) Bem, sr. Eduardo.

EDUARDO. – (*para Alvaro*) Desejo fazer a bagagem com descanso.

LEONOR. – (*para Eduardo*) Dispensa-me?

EDUARDO. – D. Leonor, não perturbe o seu lidar.

LEONOR. – Com licença. (*cumprimenta e sae*).

SCENA IV

ALVARO e EDUARDO

ALVARO. – (*que tem puxado uma cadeira para junto da estante e empoleirado procura entre os livros, sacando um volume*) As *Mentiras convencionaes*, de Nordau, já eu tenho. (*continuando na procura*) *Sonata de Kreutzer*⁵¹¹, cá está ella; agora, Nietschze, *Pensamentos*, aqui os tens. (*dando os volumes a Eduardo*). Falta algum?

EDUARDO. – Os *Esteios da sociedade*⁵¹².

ALVARO. – (*voltando a procurar*) Tens razão, do Ibsen. (*apoz curta demora, lançando mão a um volume*) Eil-o. (*passando o volume a Eduardo*). Estão todos? (*saltando da cadeira fecha a estante*).

EDUARDO. – Estão. (*levando os livros para a secretaria*). Perdoa a massada.

ALVARO. – Já t'os devia ter mandado.

EDUARDO. – Não faziam falta... Agora sim, vão ser companheiros de exílio.

ALVARO. – Partes p'r'o mez que vem?

⁵¹¹ A *Sonata a Kreutzer*, de Tolstoi, de 1889, foi uma das obras mais queridas pelo movimento socialista. Em Portugal foi publicada em 1898 pela Empresa Editora, com tradução de C. Dantas. Entre 8 de julho e 2 de outubro de 1912, já proclamada a República, foi publicada como folhetim em *O Socialista*, de Lisboa, dirigido por Pedro Mulhara. Vid. PERALTA GARCÍA, Beatriz – *La cultura obrera em Portugal...*, *op. cit.*, p. 79.

⁵¹² A obra titulouse *Os pilares da comunidade*, na sua tradução para português. Como os *Pensamentos*, de Nietschze, talvez fosse conhecida através de alguma tradução francesa. Repare-se no facto de Ernesto da Silva realizar uma tradução própria, possivelmente desde o francês.

EDUARDO. – No dia 14, salvo transtorno de maior.

ALVARO. – *(como monologando)* Estamos a 30. *(para Eduardo)*. Ainda tens 15 dias de Lisboa... *(convicto)* Vaes estranhar, verás.

EDUARDO. – É natural. Na primeira entrada succede a todos, depois vem o habito... É verdade! Tens indicação para a correspondencia?

ALVARO. – Déste-m'a hontem lá no jornal – Roça Esperança – São Thomé. *(para Eduardo que ageita os livros)* Queres uma fita?

EDUARDO. – É favor.

ALVARO. – *(tirando da gaveta um nastro que dá a Eduardo)* Vaes fugir para o sertão... *(fica pensativo)*

EDUARDO. – *(ageitando e atando os livros)* Anesthesiar-me, esquecer de vez as impressões que levo da vida civilizada... Crê, se o consigo dar-me-hei por grato aos negros. *(acabando de atar os livros, para Alvaro)* Que tens?

ALVARO. – *(saindo bruscamente da abstracção)* Nada...

EDUARDO. – Estranho-te!...

ALVARO. – *(forçando um sorriso)* Illusão tua, que hei de ter?

EDUARDO. – Andas aborrecido...

ALVARO. – Não sei porquê; a vida é sempre a mesma. *(indicando os livros)* Vaes leval-os?

EDUARDO. – *(como quem reconsidera)* Agora não, tenho de ir á empresa dos vapores, preciso de informações.

ALVARO. – Deixa, mando-os a tua casa.

EDUARDO. – Para que massar a mulhersinha: á volta venho por cá!

ALVARO. – *(com manifesto interesse)* Ainda voltas?

EDUARDO. – Esperas não estar?

ALVARO. – *(embaraçado)* Sim... lá para a tarde... devo estar.

EDUARDO. – Então não voltava!... *(mudando)* E a respeito das lições?... Ha mais de um mez e tem-me esquecido perguntar.

ALVARO. – *(alçando os hombros)* Vou indo.

EDUARDO. – Os rapazes massam-te?

ALVARO. – O da pharmacia promette, o outro é que estafa.

EDUARDO. – Estupido?

ALVARO. – É uma rocha!

EDUARDO. – (*sorrindo*) Explica-se, é do appellido... Estou vendo, arranjei-te novo martyrio?

ALVARO. – (*azedo*) Que fazer?! Preciso trabalhar dia e noite...

EDUARDO. – (*como monologando*) É demais...

ALVARO. – (*nervoso*) E não chega.

EDUARDO. – Tens muitos encargos, tens...

ALVARO. – E se ao cabo de labutar visse feliz a minha casa, vá!... Trabalhava, consumia toda a energia, mas conseguia ao final compensação no bem-estar da familia. Agora, como isto vae, acredita, quase não dá vontade!... Trabalhar, quando de antemão sei o trabalho pouco menos de inutil para o equilibrio da vida!... Desanima...

EDUARDO. – (*como monologando*) É uma grande injustiça.

ALVARO. – (*excitado*) Das mais flagrantes, podes dizel-o. (*passeiando*) Não será a maior das injustiças um homem não ter no trabalho a garantia de ter familia?... É o meu caso! (*vehemente*) Uma cousa que ainda aos animaes é dado constituir... Palavra!... É mais que injusto, desce ao brutal.

EDUARDO. – A vida é o que sabes...

ALVARO. – (*n'uma explosão*) Às vezes convenço-me dos homens estarem abaixo das feras.

EDUARDO. – É de um velho philosopho: o homem é o lobo do homem.

ALVARO. – Porque é ver: exalta-se a familia, diz-se que crial-a é dever sagrado do cidadão util e honesto, devendo esse homem constituir o mais solido esteio do lar, affirma-se ainda estar na familia, vá lá o logar commum, a pedra angular da existencia da raça e da força do paiz e, ao tempo mesmo de taes incentivos, são os proprios criadores da doutrina que, symbolizando a sociedade inteira, porfiam na negação do que dizem ser os fundamentos moraes de uma epoca!... Queres provas?! (*corre á secretaria e pega no aviso da decima que estende a Eduardo*) Ahi tens: o Estado que me tributa por ter casa e familia, ameaçando de augmentar-

-me os encargos sem inquirir se tenho dinheiro para os pagar. (*lançando o aviso para a secretaria*) Que dizes á protecção?!

EDUARDO. – (*melancholico*) Hoje vive-se de mentiras...

ALVARO. – E não ficamos por aqui: imagina-me amanhã, correndo ao director do jornal onde trabalho ou procurando o meu editor a solicitar-lhes melhor paga, na hypothese de esperar mais um filho para o mez seguinte – estás a vel-os! – haviam de sorrir, ter olhares intencionaes e que tivesse paciencia de ser pae – são ossos do officio!... Ossos do officio, vê tu lá!...

EDUARDO. – O que não impede o director do *Portuguez*⁵¹³ e o teu editor se julgarem Moraes e patriotas.

ALVARO. – Tambem é verdade: um, raro é o dia que não réclama as obras que traduzo, dizendo só publicar obras de alto ensinamento moral; o outro, diariamente estampa os mais inflammados tropos affirmando que a patria só encontrará salvação na expansão e afinamento da raça!

EDUARDO. – Faz mal pensar, estraga a vida.

ALVARO. – Então o recurso é ir na corrente, ás cegas, sem cuidar de rumo?

EDUARDO. – É conforme o temperamento, a educação, a cada um é que cabe escolher...

ALVARO. – (*excitado*) Conheces ao menos um lenitivo? (*para Eduardo que fica silencioso*) Calas-te?!... És tão impotente como eu sou. (*a um gesto de protesto de Alvaro*) Diz, vamos, receias não comprehenda?

EDUARDO. – Eu impotente?!... Talvez... Ampara-me porém uma grande fé.

ALVARO. – (*cortando a phrase*) Em quê?!

EDUARDO. – Que ha de fazer-se uma vida nova.

ALVARO. – (*n'um grande desdem*) É um sonho!

EDUARDO. – Adivinhava!... A minha fé não pode animar-te.

ALVARO. – Mas que é senão um sonho?!

⁵¹³ O *Português*, de José Maria de Alpoim, progressista, publicou-se de 1858 a 1916.

EDUARDO. – Para os que estão; os que vierem chamar-lhe-hão abrigo.

ALVARO. – (*sarcastico*) Utopias!... (*convicto*) Dinheiro, dinheiro é que é a vida nova dos na minha situação; o mais, são bellas historias incapazes de arrancar-nos a um presente cheio de dor... Para quê sonhar idades de ouro á geração futura se aquella a que pertenço se enraivece e gasta a soffrer todos os dias?!... Deixa-te d'isso!... (*como obedecendo a um reservado intuito*) Defender-me e á familia eis o meu dever, o proprio instincto m'o aconselha. (*a um gesto de Eduardo*) Discordas?

EDUARDO. – Acho difficil encontrares defesa.

ALVARO. – Dinheiro?!

EDUARDO. – Sim. No teu caso, dinheiro quer dizer auxilio, protecção, amparo – e o egoismo é quase única lei.

ALVARO. – Assim, leva-se um homem ás ultimas consequencias?...

EDUARDO. – Já os tenho visto capitular.

ALVARO. – (*como monologando*) A familia, o futuro, a vida tudo em ruinas?

EDUARDO. – (*melancholico*) As almas tambem... (*como repeso*) Desculpa-me, vim exacerbar-te...

ALVARO. – Não.

EDUARDO. – Perdoa, é um defeito de que me não corrijo, abuso; porque sou um triste julgo-me obrigado a entristecer os outros. (*subito*) Vamos sahir, distrahes.

ALVARO. – (*n'um impulso*) Vou sair, vou, tenho de ir á imprensa rever as ultimas provas da traducção.

EDUARDO. – (*vendo o relógio*) Quase 1 hora. (*apressado*) Não tenho tempo a perder, sem falta quero ir hoje á empresa dos vapores.

ALVARO. – Não demoro. (*chamando para o interior*) Ó Leonor, traz-me o casaco e o chapéu.

EDUARDO. – Ouve lá, tua mulher queixa-se?

ALVARO. – (*n'um tom de receio*) Porque perguntas?

EDUARDO. – Acho-a abatida, vejo-a pallida, o olhar triste. Deves ter cuidado, ella é fraca.

ALVARO. – *(denunciando embaraço)* Muito boa não anda, queixa-se, os pés inchados, diz ella... Já a prohibi de lidar na casa.

EDUARDO. – É preciso tonifical-a, quando puderes, passeia-a.

SCENA V

ALVARO, EDUARDO e LEONOR

LEONOR. – *(entrando com o casaco e o chapéu)* Aqui tens. *(dá o casaco)*.

ALVARO. – *(que ao ver Leonor tem despido o guarda-pó, vestindo-se)*
Prompto. Dá cá o chapéu. *(toma o chapéu das mãos de Leonor)*.

LEONOR. – *(com visível interesse)* Demoras-te?

ALVARO. – *(embaraçado)* Não sei... Talvez pouco... Vou á imprensa. *(indo a saber)* Até logo.

EDUARDO. – *(despedindo-se)* D. Leonor...

LEONOR. – *(cortejando)* Sr. Eduardo... *(fica seguindo com interesse a sabida de Alvaro e Eduardo; depois, corre á janella, olha a rua de cima a baixo e vem sentar-se desanimada)* Tanto demorar meu Deus! *(fica pensativa)*.

SCENA VI

LEONOR e GERTRUDES

GERTRUDES. – *(entrando)* Procuram lá fora...

LEONOR. – *(n'um impulso)* Minha mãe?!

GERTRUDES. – *(abanando a cabeça)* Uma mulhersinha, que era a Angelica.

LEONOR. – *(suspirando)* Ah, é a ama... Mande entrar.

GERTRUDES. – P'ra aqui?

LEONOR. – Sim, p'ra aqui. *(para Gertrudes que vae sabindo)* Vem só?

GERTRUDES. – Não vi mais ninguem.

LEONOR. – *(com leve impaciencia)* Se não traz uma creança?

GERTRUDES. – *(n'um sorriso alvar)* Isso não... *(sae a um gesto de Leonor)*.

LEONOR. – *(recaindo na meditação)* O Alvaro não se enganou, é o fim do mez.

SCENA VII

LEONOR e ANGELICA

ANGELICA. – *(á porta, acanhada)* Dá licença?...

LEONOR. – *(indicando uma cadeira)* Sente-se ama; o menino?

ANGELICA. – Por medo á soalheira não o trouxe; que elle ficou tão bem no berço quando sahi que até era peccado acordal-o.

LEONOR. – Não ficou só?!

ANGELICA. – Credo!... Era lá capaz... É que a minha sogra foi visitar-me e vae d'ahi aproveitei. Demais, era o fim do mez, tinha d'ir á Misericordia por môr do subsidio do meu Antonio... Sahia lá, sem deixar alguém de juizo a tomar conta!...

LEONOR. – O menino vae bem?! Não tenho podido sahir...

ANGELICA. – Graças a Deus esperto e gordo que até dá gosto; traquinas que só visto; pernicas no ar e bochechas que nem romãs, aquillo é ter peito, está, está, até ferrar no somno... É um socego de creança.

LEONOR. – O seu tambem vae bem?

ANGELICA. – Se vae!... Elle e o Jayminho parece que andam ao desafio a ver quem é mais rijo.

LEONOR. – Ama, ha de querer levar o seu dinheiro?

ANGELICA. – *(simulando embaraço a torcer a ponta ao chale)* Não vim cá p'ra isso... É que fui á Misericordia... Se soubesse que a senhora imaginava... Ora essa!... Ámanhã é que acaba o mez... Foi por saber que havia de fazer gosto em ter noticias... Não foi outra cousa... Ficava-me no caminho, ora ahi está...

LEONOR. – *(que tem ido á secretaria e aberto uma gaveta)* É melhor hoje, poupa os passos. Para mim tanto faz, agora ou amanhã. *(revelando tortura)* Um, dois, tres, quatro, cinco, seis... *(indo a Angelica)* Aqui tem, ama.

ANGELICA. – *(simulando desprendimento)* Se faz transtorno...

LEONOR. – *(dando dinheiro)* Obrigado ama, não faz... Conte!

ANGELICA. – *(guardando o dinheiro)* Essa agora!... Está certo, não ha que ver. *(mudando)* Vae desculpar, mas é que a tenho estranhado!

LEONOR. – *(apparentando tranquilidade)* É dos seus olhos...

ANGELICA. – Dos meus olhos é que não! A modo mais magra, descobrada, ia dizer que se levantou d'uma febre.

LEONOR. – Ah, é do estomago, agora vou melhor.

ANGELICA. – O que queria era campo, bom ar, boa agua, passeio todos os dias... Se eu estava a achar-lhe um não sei quê!

LEONOR. – O medico diz que vou a melhorar.

ANGELICA. – Às vezes largam d'essas para se verem livres da gente... Que meninos! Não sendo pessoas de deixar, nem olham a lingua a uma alma christã.

LEONOR. – *(impaciente, indo á janella)* Ó ama, os pequenos hão de sentir a sua falta? *(olha a rua e desce)*.

ANGELICA. – Pegaram-se a dormir, agora estão até p'ra tarde.

SCENA VIII

LEONOR, ANGELICA e GERTRUDES

GERTRUDES. – *(entrando apressada e misteriosa)* Minha senhora...

LEONOR. – *(n'um impeto)* Minha mãe?!

GERTRUDES. – Agora entrou. Estava á janella por môr da fructa quando a vi a rua.

LEONOR. – Mande-a para aqui.

GERTRUDES. – Sim, minha senhora. *(sabe)*.

SCENA IX

LEONOR e ANGELICA

ANGELICA. – (*prompta a saber*) Vou-me até aos meus; não quero demorar.

LEONOR. – (*animando*) Já não faz tanto calor... Dê beijinhos ao Jayme.

ANGELICA. – N'isso não é elle pobre! Já o estimo como se fosse meu... (*quase a saber*) Adeus minha senhora.

LEONOR. – (*acompanhando Angelica á sabida*) Adeus, ama.

ANGELICA. – Com sua licença. (*sabe*).

SCENA X

LEONOR e MARIA

LEONOR. – (*que tem ficado junto á entrada, caindo nos braços de Maria*) Julguei que não vinha!

MARIA. – (*desprendendo-se de Leonor, n'um mixto de amor e dever*) Que idéa, eu não vir!... (*reparando em Leonor*) Mas... o que tens tu?... Pareces desenterrada!

LEONOR. – Tenho soffrido muito.

MARIA. – (*com anciedade*) Explica-te mulher, que desde casa venho sem saber o que pensar.

LEONOR. – Tive medo de dizer na carta.

MARIA. – Logo vi: «que viesse, que estavas afflicta» e d'ahi fiquei sem entender...

LEONOR. – (*olha a scena, fecha a porta de comunicação e a janella correndo o store, implorando*) Não me vae querer mal?!

MARIA. – (*que admirada tem seguido as precauções de Leonor*) Por Deus, creatura, falla que me pões n'um suplicio.

LEONOR. – (*triste*) Não é maior que o meu. (*cobrando animo*) Lembra-se, quando cá esteve?...

MARIA. – No S. João?

LEONOR. – Ha mez e meio... Começou n'essa noite o martyrio.

MARIA. – O martyrio!

LEONOR. – A vida que levo!... Não faz idéa, não, dos meus dias de amargura.

MARIA. – Mas, que fizeste?!

LEONOR. – Nada.

MARIA. – E pode assim vir mal a alguém?!

LEONOR. – É dos destinos! (*cortando um gesto de impaciencia de Maria*) Vou dizer, para isso a quiz, preciso desabafar, desejo o seu conselho.

MARIA. – Mulher, falla que se entenda.

LEONOR. – (*em penosa confissão*) Mais uma vez sou mãe... d'ahi o meu soffrer.

MARIA. – (*como desopressa*) E estás tu n'essa agonia!... Assim, Deus me salve! que até julguei... nem sei quê. Vocês com taes espantos até fazem pensar mal... Qualquer turra com teu marido... eu sei lá. Agora por teres um filho!... P'lo susto ia dizer que era o primeiro.

LEONOR. – Ahi tem a desgraça. É o quarto!

MARIA. – (*intrigada*) É que não atino...

LEONOR. – É triste atinar. (*a custo, soluçando*) Não o posso ter...

MARIA. – (*erguendo-se, n'um impeto*) Não estás em ti?!... Pois pensaste?...

LEONOR. – (*limpando as lagrimas*) Ou o defendo, sem me importar com a casa, ou sou forçada...

MARIA. – (*no auge da indignação*) A quê, mulher?!

LEONOR. – (*n'um grande desalento*) E sinto-me fraca, sinto, sei que não resisto...

MARIA. – Ah, Leonor, tremo do teu pensar!

LEONOR. – (*como justificando-se*) Já temos tres!...

MARIA. – É isso cousa para se idear um crime?!... (*tomada de subita resolução*) Mas, deixa, o caso agora é comigo, que já d'aqui não saio sem lhe fallar a serio.

LEONOR. – (*assustada*) Ao Alvaro?

MARIA. – Pois a quem, senão a elle, que já vejo ser o auctor d'essa belleza de idéa!

LEONOR. – (*implorando*) Por Deus, não diga nada.

MARIA. – (*excitada*) Havia de ser bonito, saber o que aqui vae, ficar-me de mãos atadas á espera do que ha de vir... Faltava essa!... Maria deixe de ser, se tal consentir. (*como monologando*) Quem não quer encargos, fica solteiro; agora ir á igreja e fugir depois aos amargos isso é que não! (*para Leonor*) Julgavam que o casar era obra de brinquedo? pois enganaram-se: é cousa séria, muito séria; não vae lá com risotas e folias... Ah, que por essas e outras de faltar alma p'ros sacrificios é que p'ra ahi vae o que vae!...

LEONOR. – O Alvaro não é culpado, se tivesse meios não se importava, já m'ó disse.

MARIA. – 'Stás por elle?!

LEONOR. – Elle tambem soffre.

MARIA. – (*n'um impeto*) Mais ha de soffrer o anginho...

LEONOR. – (*implorando*) Minha mãe, não falle assim...

MARIA. – Faz-te medo?!

LEONOR. – Se visse esta casa!... O Alvaro não é o mesmo; desde a noite da noticia que se fez outro; amargurado anda ahi sem comer, triste, sem fallar: quantas vezes passo e o vejo ali (*indica a secretaria*) tomado sempre da mesma idéa, eu o sei! Ah, minha mãe, n'esses momentos fujo p'r'o meu quarto a esconder as lagrimas e fico sobre a cama a fazer por não pensar... Que dias, meu Deus!... Elle a fugir de mim e eu a escutar-me hora a hora para mais e mais ter certeza...

MARIA. – (*vencendo a repugnancia*) Tomaste alguma droga?...

LEONOR. – (*curvando a cabeça*) Uma vez!... Depois tive medo, remorso, nem eu sei. Antes da mãe chegar o enganava, dizendo ter tomado como elle queria. (*desalentada*) Não fez effeito...

MARIA. – (*como n'um alivio*) Foi elle que a trouxe?

LEONOR. – Pediu-a a uma mulher.

MARIA. – Parteira, não ha que ver?

LEONOR. – O Alvaro conhece-a de anunciar lá no jornal.

MARIA. – *(como monologando)* A grande porca!... Fosse eu justiça!...

LEONOR. – *(n'uma subita crise de choro)* Oh, quanto eu não dera!...
(esconde o rosto no collo de Maria no maximo da angustia).

MARIA. – *(tristemente, concluindo a pbrase)* Por o pequeno não viver?!... *(n'um mixto de desolação e censura)* A para tal ouvir chamaste-me tu!

LEONOR. – *(erguendo a cabeça, com decisão)* Chamei-a para me ajudar...

MARIA. – *(entre curiosa e desconfiada)* A quê?!

LEONOR. – A defender-me!... Ha que noites não durmo a pensar na minha sorte.

MARIA. – E posso servir?!...

LEONOR. – Pode. *(a meia voz)* Adivinho, sinto que a hora se aproxima...

MARIA. – *(com temor)* A hora?

LEONOR. – *(apavorada)* O maior perigo... E quero ainda tentar a ultima esperança.

MARIA. – Que vaes fazer?

LEONOR. – *(n'um desvairamento)* Pedir a essa mulher que não venha, que não quero operar-me, que tenho medo... depois, lançar-me-hei aos pés de Alvaro, elle ha de ouvir-me, comprehender que um remorso pode ficar para toda a vida.

MARIA. – Fallaste em operar?!... Que é isso?

LEONOR. – Nem o sei... O Alvaro diz ser rapido, não haver perigo, que ha mulheres que passam bem...

MARIA. – *(indignada)* Hão de ser fresas essas mães!

LEONOR. – Disse-m'o ha tres dias e que esperava até domingo. *(n'um grito desolado)* E hoje é sexta-feira!

MARIA. – Não quizeste?! *(com espanto, vendo Leonor curvar a cabeça)*
Cedeste?

LEONOR. – Quiz animal-o de momento e depois fazel-o perder a idéa...

MARIA. – *(severa)* Não saes a mim, não!

LEONOR. – Se o ouvi fallar em ir p'ra Africa.

MARIA. – (*severa*) Que vá!... Faz lá falta um pae assim!... (*sopeando a colera*) Não querias tu que o esperasse?! Deixa-o chegar que lhe hei de estampar na cara a falta de vergonha...

LEONOR. – (*supplicante*) Seria perder-me!... A mãe não vae dizer nada; vae, mas é sair, dizer a essa mulher que não venha, que não quero...

MARIA. – Ir á parteira?!

LEONOR. – Sim. (*correndo á secretaria a pegar n'um jornal, «O Portuguez»*) Ha de vir o annuncio. (*nervosa, procurando no jornal*) Vem todos os dias... já o tenho visto! aqui está... (*lendo*) Euphrasia Costa – R. da Prata, 503... É perto, vê. (*tomando papel e pena*) É melhor escrever. (*escreve*) Assim não ha enganos. (*dando o papel a Maria, abraçando-a*) Vá minha mãe, vá, diga-lhe que occulte do Alvaro, mas que não quero, não venha nunca.

MARIA. – (*mostrando repugnancia e guardando o bilhete*) Só por ti o faria... Ah, se a cabra teimar fallo na cadeia, essa t'ó juro eu!

LEONOR. – Obrigado, obrigado. (*ficam em grupo*).

SCENA XI

LEONOR, MARIA e ALVARO

ALVARO. – (*entrando da D. limpando o suor, pondo o chapéu na secretaria*) Por cá minha tia?

LEONOR. – (*embaraçada*) Um acaso, veiu á baixa.

MARIA. – (*retendo a colera*) É verdade, aproveitei...

ALVARO. – (*n'um leve tom de secreto interesse*) Ia sahir?

LEONOR. – (*acudindo*) Despediamo-nos...

MARIA. – (*intencional, para Leonor*) Se puder, na volta ainda cá venho. (*dirige-se para a sabida*).

ALVARO. – Até depois, tia. (*vae acompanhando Maria na sabida*).

MARIA. – (*para Alvaro, refreando a colera*) Não te incomodes, sei o caminho. (*sabe*).

SCENA XII

ALVARO e LEONOR

ALVARO. – (*descendo, para Leonor que vae a sahir*) Leonor, Leonor, onde vaes?

LEONOR. – (*detendo-se*) Descansar um pouco, sinto-me fatigada.

ALVARO. – (*rapido*) Um instante, descansas depois, preciso fallar-te.

LEONOR. – (*voltando a meio da scena*) Aqui estou.

ALVARO. – (*depois de ter cerrado a porta de comunicação, mysterioso*) É ter coragem, ella está lá fora.

LEONOR. – (*apavorada, parecendo adivinhar*) Ella?!

ALVARO. – Trouxe-a commigo.

LEONOR. – (*apavorada*) A parteira?!

ALVARO. – Espera-te na sala...

LEONOR. – (*cabindo anniquillada n'uma cadeira*) Oh, meu Deus!

ALVARO. – (*animando*) É um momento... Que diabo!... Vamos, tem energia, a mulher é habilissima, garantiu-m'a um collega do jornal a quem ella prestou igual serviço.

LEONOR. – (*lançando-se ao pescoço de Alvaro*) Tu és bom, não has de querer, vaes despedil-a...

ALVARO. – Depois de a ir buscar, ter tudo prevenido, agora que já disse á Gertrudes não estar em casa para ninguem?... Seria perder a occasião!... É um instante, acredita-me, não ha perigo a mulher m'o disse.

LEONOR. – (*n'uma explosão*) Se minha mãe soubesse!...

ALVARO. – Tem animo, mesmo que tua mãe volte tudo estará findo. Preciso é ganhar tempo.

LEONOR. – (*supplicante*) Hoje não... amanhã... depois.

ALVARO. – Que lucras em demorar? Não vês que alargar a demora é augmentar o perigo?!... Culpado sou eu em tanto ceder aos teus escrúpulos. Tu o sabes, não é por prazer meu, é que é preciso, indispensavel á salvação de todos.

LEONOR. – Alvaro, é um crime!

ALVARO. – (*desdenhoso*) Um crime?... Vens tu dizel-o! (*indicando a estante*) Tenho ali a opinião de um sabio, queres ouvil-a? (*a um gesto de instinctiva repulsa de Leonor*) Quasi a sei de cór: (*relembrando*) «nos primeiros mezes não ha crime; a expressão humana é de tal forma brutal que só pode dar-se um *bruticidio*»⁵¹⁴.

LEONOR. — É um horror!

ALVARO. – Não será o maior comprometter o presente e o futuro dos filhos que já temos?... Se fôra o medico a mandar para te salvar n'uma doença era tambem crime?

LEONOR. – (*desolada*) É outra cousa! (*supplicante*) Attende-me!... Deus ha de proteger-nos!... Tem fé!... Não ha de faltar o pão...

ALVARO. – (*n'uma gargalhada de raiva*) Espéral-o?!... (*dando a Leonor uma carta que tira do bolso*) Revê-te n'essa amostra... Lê!

LEONOR. – (*á medida que silenciosa lê mostra a maior angustia, findando*) O editor despede-te?!...

ALVARO. – Admiras-te?!... (*com concentrada raiva*) Ha quem trabalhe mais barato! (*guardando a carta que Leonor offerece*) Todos a defendem-se e tu só a não queres ver! Obstinas-te, negas-te a um instante de sacrificio e levada por um prejuizo estúpido tens coragem de preparar uma situação desesperada... Um crime; um crime é a tua cobardia!

LEONOR. – (*supplicante*) Não digas mais...

ALVARO. – (*raivoso e sarcastico*) Sê razoavel!... Condemna-me tambem em nome das tuas superstições por ter resolvido apressar a solução do problema ao saber na imprensa a sorte que me esperava... (*sopeando a colera*) Leonor, decide-te!... Lá fora, a mulher espera.

LEONOR. – (*supplicante*) Outro dia... preciso dispor-me... habituar-me á idéa...

ALVARO. – (*jogando a palavra como um insulto*) Egoista!

LEONOR. – (*transfigurando-se*) Egoista?!

⁵¹⁴ «Lombroso, *Anthropologie criminelle*. (Nota do Autor)».

ALVARO. – Não sacrificas a família aos teus pavores imbecis?! (*n'um tom de ameaça*) Fazes mal, digo-t'ó eu.

LEONOR. – Saíste, não avisaste, assim de surpresa...

ALVARO. – Avisar, para quê?! recomençarias nas lágrimas, na hesitação, na fuga ao que é fatal, reproduzindo uma vez mais o que vens fazendo há tres dias.

LEONOR. – (*n'um ultimo argumento*) Não devemos fazel-o: minha mãe já sabe...

ALVARO. – (*n'um impulso*) Disseste?!

LEONOR. – Queria ouvi-la, ter o seu conselho.

ALVARO. – (*sombrio, como quem responde a intima interrogação*) Não irá dizel-o. (*solemne*) Pela ultima vez Leonor, decide.

LEONOR. – (*prestes a succumbir*) Alvaro! (*cae de joelhos*).

ALVARO. – (*erguendo-a*) Vê o que fazes!...

LEONOR. – (*entre lágrimas*) Ameaças-me?!

ALVARO. – Previno-te!

LEONOR. – (*n'um susto*) Irás para Africa?!

ALVARO. – (*desvairado*) Irei para onde melhor ganhe a vida e possa pagar-te os caprichos.

LEONOR. – (*subitamente*) Está bem! (*limpa as lágrimas e silenciosa sabe*).

(Alvaro fica-se parado, immovel, e sabindo após instantes da petrificação em que ficou, vae fechar a porta que Leonor deixou aberta na sahida; lançando um olhar desconfiado em redor, desce, deixando-se cair n'uma cadeira como anniquilado; subito, ergue-se e levado por uma attracção invencivel vae colar o ouvido á porta por onde Leonor sabiu).

SCENA XIII

ALVARO e GERTRUDES

GERTRUDES. – *(abre de manso a porta que dá para o interior e entra, embaraçada)* O senhor doutor...

ALVARO. – *(enleado e quase colerico)* Não lhe disse não estar em casa?

GERTRUDES. – *(desculpando-se)* Era o senhor doutor, sim, não julguei, foi por isso. *(após curto silencio)* Digo que não está?!

ALVARO. – Não faça tal... Já entrou?

GERTRUDES. – Está na casa de jantar.

ALVARO. – *(nervoso)* Que entre. *(vae á secretaria, senta-se e toma aspecto de quem trabalha).*

GERTRUDES. – Sim senhor. *(sabe).*

SCENA XIV

ALVARO e EDUARDO

EDUARDO. – *(entrando)* Desculpa, quando bati a mulher não me disse...

ALVARO. – *(embaraçado)* Não faças caso, é uma estúpida.

EDUARDO. – Se ella avisa pedia-lhe os livros e retirava-me.

ALVARO. – *(apparentando serenidade)* Não penses n'isso, peço-t'ó. Ella bem sabia que eras excepção.

EDUARDO. – Vim distrair-te do trabalho?

ALVARO. – Uma exigencia do editor, cousa pouca, está a concluir. *(quando a quando Alvaro olha a porta por onde sabiu Leonor, apparentando interesse)* Vens da empresa?

EDUARDO. – Venho.

ALVARO. – Conseguiste as informações?

EDUARDO. – E aproveitei o favor de um patricio, director da empresa, para marcar um beliche melhor.

ALVARO. – *(forçando o gracejo)* Não tens descurado a partida.

EDUARDO. – *(negligente)* Conheces o meu feitio methodico...

ALVARO. – Desde a escola.

EDUARDO. – Já vês, não é para estranhar...

ALVARO. – (*apparentando preocupação*) Sempre te conheci um homem de raciocínio, positivo, indo direito ao teu fim... É uma bella qualidade!

EDUARDO. – (*negligente*) Quando se pode ser feliz todos os temperamentos são bons.

ALVARO. – Olhar a vida a frio é preferível; poupa-se o espirito ás decepções.

EDUARDO. – (*olhando a janella fechada*) Não tens calor?

ALVARO. – (*indo á janella*) Esqueceu-me. (*correndo o store*) É um habito de trabalho, preciso evitar o ruido.

EDUARDO. – A rua é das mais tranquillias.

ALVARO. – Os vendilhões, qualquer carroça, distrahem-me.

EDUARDO. – Não sei porque, começo a sentir-me hospede na minha terra...

ALVARO. – Hospede?

EDUARDO. – A ter uma impressão de novo, de desconhecido, aliás cousas bem vulgares, de todos os dias.

ALVARO. – O começo da nostalgia!

EDUARDO. – Talvez!... Ha pouco no café: o aspecto geral, os quadros, os criados, davam-me uma sensação de inedito que me punha no espirito o alvoroço de um recémchegado.

ALVARO. – (*n'um fundo de impaciencia nervosa*) A despedida do que fica...

EDUARDO. – É possível. (*melancholico*) Afinal, sahi, rindo de mim. É bem singular o homem; parece comprazer-se na dor e buscar em qualquer nada um motivo de tortura! (*como monologando*) É que a dor é uma condição da vida.

ALVARO. – (*levemente irritado*) Por mim dispensava-a.

EDUARDO. – Ella é que não dispensa os individuos.

ALVARO. – Infelizmente...

EDUARDO. – Nasceu com o primeiro ser, ha de findar com o ultimo.

ALVARO. – (*agastado*) Ahi tens uma verdade philosophica que tambem dispensava conhecer.

EDUARDO. – Embora se não conheça, sente-se. É como dizia o Eça⁵¹⁵ – «da propria natureza humana».

ALVARO. – O que não basta para que a acceitemos resignados.

EDUARDO. – Quantas vezes a não criamos, julgando marchar para a felicidade?

ALVARO. – (*visivelmente contrariado*) Succede, não contesto... (*mudando*) Desejas os livros?

EDUARDO. – Vou leval-os.

ALVARO. – Mando-os pela mulher.

EDUARDO. – Se vou para casa!

ALVARO. – Ao jantar?!

EDUARDO. – (*vendo o relógio*) É cedo... Pôr uns papeis em ordem, limpar socegado a secretaria. (*pega nos livros*).

ALVARO. – Eu volto á exigencia do editor.

EDUARDO. – Recommenda-me a tua mulher.

ALVARO. – (*acompanhando-o*) Adeus.

EDUARDO. – (*já no limiar da porta*) Esta noite tens jornal?

ALVARO. – Não. Estou de folga.

EDUARDO. – Se sahires vae pelo meu quarto. Quero legar-te umas recordações.

ALVARO. – Obrigado. Se sahir; vamos a ver...

EDUARDO. – Até logo.

ALVARO. – Adeus. (*fica a ver a retirada de Eduardo, depois desce e vem lançar-se n'uma cadeira, monologando*) Que demora! (*indo á porta do interior*) Senhora Gertrudes, senhora Gertrudes!...

⁵¹⁵ Eça de Queiroz tinha morrido a 16 de agosto de 1900. O respeito ao ilustre morto não deteve as críticas contra ele vertidas por Fialho de Almeida, que foi contestado por Ernesto da Silva num artigo publicado em *A Obra*, encimado por uma dura e despectiva citação de Fialho contra o povo. Vid. SILVA, Ernesto da – Notas da semana. Um critico tardio. *A Obra*. Lisboa: n° 296 (1900), 7 de outubro, p. 2.

SCENA XV

ALVARO e GERTRUDES

GERTRUDES. – *(entrando)* Chamou?

ALVARO. – *(fazendo um gesto afirmativo)* Não estou em casa para ninguém... Entendeu?

GERTRUDES. – Entendi. *(subitamente)* E, se for a mãe da senhora?... Disse que talvez voltasse.

ALVARO. – *(n'um gesto de contrariado)* Nem se pergunta!... É para minha mulher.

GERTRUDES. – *(dando novidades)* Elle, a visita que foi p'ra sala já sahiu.

ALVARO. – *(cbeio de interesse)* Já?! *(fingindo desprendimento)* Ah, a amiga da senhora...

GERTRUDES. – Ha de querer que vá p'los meninos ao collegio?

ALVARO. – *(distrabido)* Sim, pode ir. *(para Gertrudes que vae sahir)* Deixe, tenho de sahir, aproveito.

GERTRUDES. – Vae indo p'ras tres.

ALVARO. – Obrigado. *(Gertrudes sabe e Alvaro fechando a porta volta a colar o ouvido á porta por onde sabiu Leonor; de repente recua e desce, fugindo á surpresa).*

SCENA XVI

ALVARO e LEONOR

LEONOR. – *(abre mansamente a porta e surge tendo no rosto a expressão de um grande soffrimento, senta-se como fatigada)* Os pequenos?!

ALVARO. – Vou buscal-os.

LEONOR. – *(n'um grande abatimento)* Ah!

ALVARO. – *(a medo)* Então?...

LEONOR. – Está feita a tua vontade.

ALVARO. – *(n'um transporte)* Salvaste-nos!

LEONOR. – Deus o sabe.

ALVARO. – *(animando)* O futuro ha de compensar-nos... *(vae a beijar Leonor)*.

LEONOR. – *(afastando-o brandamente)* Deixa-me quieta.

ALVARO. – *(chocado)* Afastas-me?!

LEONOR. – *(em dolorosa culpa)* Desejo estar só.

ALVARO. – Porque não vaes tomar um caldo?

LEONOR. – Depois penso n'isso.

ALVARO. – Pode a fraqueza fazer-te mal.

LEONOR. – *(n'um sorriso triste)* Obrigado!... Já nada me faz mal!

SCENA XVII

LEONOR, ALVARO e MARIA

MARIA. – *(entrando açodada e reparando em Alvaro)* Ah!

ALVARO. – Sempre voltou?

MARIA. – *(com singular entono)* Não faltou ao que prometto...

ALVARO. – *(para Leonor)* Vou ao collegio.

MARIA. – Sahes?

ALVARO. – Buscar os pequenos. *(pega no chapéu)* Até já. *(sabe)*.

MARIA. – *(como desopressa, enxugando o suor)* Adeus!

SCENA XVIII

LEONOR e MARIA

MARIA. – *(depois de olhar a scena)* Estavas no ar, hein?... Não fazes idéa, cancei-me de esperar, a prenda não voltou, tinha sahido. Quem veio á porta foi uma estopentada toda delambida, e lá me mandou p'ra saleta, que valha a verdade é um nojo... Esperei, esperei, eu p'los cabellos a ver se a *fúria* voltava, mas qual, para onde foi lá ficou... Venho cá ámanhã, foi o que pensei; tinha de voltar a socegar-te e lembrou-me não fosse cousa do teu pae ir pr'a jantar e não me pilhar em casa. *(reparando em Leonor que vae a desfallecer)* Estás afflicta?! *(ampara-a)*.

LEONOR. – *(animando)* Não é nada. *(subito entra n'uma crise de choro)*.

MARIA. – Que é isso mulher?!

LEONOR. – *(n'um grito, abraçando a mãe)* Já não tenho filho!...

CAE O PANNIO

ACTO III

A scena do acto anterior, salvo o quadro negro: a mais, um leito de madeira onde Leonor repousa, atacada de peritonite sub-aguda; a defender o leito da vista do espectador um biombo movel, deixando apenas ver a mesinha de cabeceira sobre a qual uma lamparina dá á scena luz frouxa através o globo rosado; sobre a mesinha frascos de medicamentos e uma chavena. É noite. Ao subir o panno Maria parece resar e João cabeceia tresnoutado n'uma cadeira.

SCENA I

JOÃO e MARIA

(Durante esta scena João e Maria fallam a meia voz, evitando despertar a doente).

JOÃO. – *(despertando)* É que ia a pegar-lhe!...

MARIA. – Vocês tambem p'r'os cuidados...

JOÃO. – *(como indignado)* Se estava a ouvir tudo!... Diz lá que não resavas?

MARIA. – E então? não me canso de o fazer. *(com fé)* Assim ella melhore que a promessa já está feita.

JOÃO. – *(curioso e sceptico)* Promessa, hein?!

MARIA. – *(despeitada)* Que tem isso?

JOÃO. – A cousa é ir abaixo...

MARIA. – E não a ver tomar um jeito!

JOÃO. – Caso é dar a borda; não ha mal que não venha. Que verdade, a não ser as dôres...

MARIA. – *(animando-se)* Hoje tem tido mais socego.

JOÃO. – Hontem foi o mesmo: vê lá depois, levou a noite sem parar de gemer.

MARIA. – Ha seis dias na mesma...

JOÃO. – Sete, faz-me favor. Na segunda viemos nós.

MARIA. – *(como monologando)* Foi na segunda, foi...

JOÃO. – Não se queixar quando cá estiveste!...

MARIA. – (*dissimulando*) Que andava fresca; ás vezes com tonturas...

JOÃO. – (*insistindo*) Estando tu cá dois dias antes?!... É celebre, assim de repente...

MARIA. – (*desnorteando*) Olha a novidade... A doença quando vem é de repente... Também as tens frescas!

JOÃO. – É que faz especie uma d'estas!... Na sexta vens, está a pequena boa, no sabbado começa a adoecer, á tarde cae de cama e logo no domingo o dr. Eduardo a põe em perigo... Foi de gangão!...

MARIA. – Ahi começas a parafusar... Se a melhorasses!

JOÃO. – Pudesse a gente.

MARIA. – Assim Deus me ouvisse.

JOÃO. – De nossa banda não é a duvida, peor é o dr. Eduardo, anda-me a modo triste, de poucas fallas. (*subito*) Nem quero pensar!

MARIA. – De juizo foi trazel-a cá p'ra fora.

JOÃO. – Lá dentro atabafava.

MARIA. – O quarto um cochicho, a ser preciso mechel-a, podia lá ser.

JOÃO. – Bem fez o doutor em marchar... Aquillo nem é médico, é uma joia. E não se fica a largar sentenças: vê tu lá, pensou em tudo, desde a mudança ao biombo.

MARIA. – Tem feito quanto pode...

JOÃO. – (*desalentado*) Em ella fazendo casa!...

MARIA. – Ha de se dar ao abandono?!

JOÃO. – Quem t'o diz?!... Mas, fica certa, quando a doença faz furo não é o medico quem lhe dá volta. Essa t'o digo eu.

MARIA. – Manias das tuas...

JOÃO. – Não é das peores, anda lá!... Mau é o barco metter agua que o calafeto é que custa.

MARIA. – Credo! Andas uma coruja. Até faz agouro...

JOÃO. – (*n'um receio*) Não fallo d'ella; queria lá ter essa idéa!

MARIA. – Ora!... És um esmorecido de qualquer cousa.

JOÃO. – Quando ha motivo; mas hoje que a tenho visto mais socegada?!...

MARIA. – *(como monologando)* Coitadinha! Aquelle martyrio das dôres no ventre. Nem ás bichas quiz ceder!

JOÃO. – A fomentação fez-lhe bem!

MARIA. – Tem descansado mais, isso tem.

JOÃO. – O ventre tão inchado... depois, sempre de costas.

MARIA. – Assim é que está melhor. *(dirige-se para junto do biombo)*.

JOÃO. – Faz canceira, eu que o diga! Lembras-te, quando foi de partir a perna lá na corveta? *(a um gesto affirmativo de Maria)* Ao fim da cura já nem sabia das costas... Tambem foi das boas! *(recordadndo)* Ó Maria, já era nascida Leonor?

MARIA. – *(que está espreitando Leonor)* Se era, tinha dois anos. *(torna a debruçar-se a ver a doente)*.

JOÃO. – *(como monologando)* Havia de ter: era garota, era... *(olhando Maria)* Chamou?! *(a um signal de silencio feito por Maria)* Cuidei...

MARIA. – *(descendo)* Na mesma de 'inda agora.

JOÃO. – Dorme?

MARIA. – É lá dormir!... Olhos sem fechar, amarella de cêra, a bôca meio aberta *(retendo as lagrimas)* que se não fosse o respirar...

JOÃO. – *(tapando a bôca a Maria)* Pode ouvir...

MARIA. – *(limpando os olhos)* Ouve lá!...

JOÃO. – Diabo!... Não sou homem de scismas, mas, sem motivo, uma pessoa agourar!... Não me tem custado ouvil-a com os soluços? Pois ainda estou na minha de vel-a depressa rija. E vens tu dizer-me que sou eu que vou abaixo! *(procura occultar a commoção)*.

MARIA. – *(apressada)* Tambem estou em crer, aquillo ha de passar.

JOÃO. – Tu p'ra um lado, o Alvaro p'r'o outro fazem-n'a fresca. Assim vão bonitos. Que verdade, o rapaz mette dó... coitado, é de pouca sorte!

MARIA. – *(refreando um impeto)* Ella é que soffre...

JOÃO. – E o Alvaro?!... Cuidas que não anda ahi a chorar p'los cantos?! Elle é caso, a ver os pequenos sem mãe, tudo a dinheiro, sem outra achega a não ser o jornal!... É de virar um casa.

MARIA. – *(com visível azedume)* Peor é de quem padece.

JOÃO. – N'estas alturas todos sentem; demais elle que sempre o vi amigo da mulher.

MARIA. – Pois sim, ella é que geme.

JOÃO. – Ia dizer teres asca do rapaz!...

MARIA. – *(embaraçada)* É de ver quem mais soffre...

JOÃO. – *(como monologando)* Pobre d'elle, já é d'azar.

MARIA. – *(fingindo prestar attenção a ruido vindo do interior)* Pareceu-me ouvir a Sophia.

JOÃO. – A chorar, aposto?!

MARIA. – *(tranquilizando)* Foi idéa, está tudo quieto.

JOÃO. – Agora vão elles no primeiro somno... Aquillo é boa idade, ainda não ha pensar p'r'os desgostos. *(mudando)* Quer dizer, o Jorge, onde o vês assim garoto, estava hoje a chorar ao pé do pae antes d'ir p'r'ro collegio... Pudera! o pequeno via o Alvaro a soluçar e a mostrar-lhe a mãe que dormitava... Foi n'isto que eu entrei... *(passeia a dominar a commoção)*.

SCENA II

JOÃO, MARIA e ALVARO

ALVARO. – *(para João, entrando)* Ella?... Que tal?!

JOÃO. – Peor não tem ido.

ALVARO. – *(collocando na secretaria um embrulho)* Dorme?

JOÃO. – De ha bocado que socega...

MARIA. – *(para Alvaro, indicando o embrulho que está na secretaria)*
É o remedio novo?

ALVARO. – *(mostrando constrangimento no fallar com Maria)* Vim pela botica...

JOÃO. – Se for cousa de geito.

ALVARO. – É igual ao que já veiu.

JOÃO. – Falla-me na fomentação, isso sim...

MARIA. – (*para João*) Se precisares, chama; vou ver os pequenos.
(*sabe*).

JOÃO. – Pois sim...

SCENA III

JOÃO e ALVARO

ALVARO. – Os pequenos dormem?

JOÃO. – Ha que tempos, tua tia mal os ceou e viu dispostos deitou-os logo.

ALVARO. – (*preocupado*) Fez bem. (*dirige-se ao biombo, espreita a doente e desce desalentado*).

JOÃO. – Que te parece?

ALVARO. – (*n'um vago terror*) O mesmo...

JOÃO. – Foi uma dos diabos... assim, de repente!

ALVARO. – (*constrangido*) Ninguem diria...

JOÃO. – Que ella havia de andar a chocar ha mais tempo?!

ALVARO. – (*constrangido*) Queixava-se, mas quem ia adivinhar?

JOÃO. – (*encorajando*) Agora, é ter animo.

ALVARO. – (*triste*) Estou conformado.

JOÃO. – É isto da vida: umas verdes, outras maduras.

ALVARO. – O Eduardo veiu?

JOÃO. – Á tardinha, mas disse logo que voltava hoje.

ALVARO. – Á respeito d'ella não disse nada?

JOÃO. – O costume: mirou-a, tomou-lhe o pulso e depois foi p'r'ahi
(*indica a secretaria*) por môr da receita.

ALVARO. – Não fallou comsigo?

JOÃO. – Qual!... Ainda o puxei, mas elle moita... nem uma.

ALVARO. – Podia ter dito...

JOÃO. – (*atalhando*) Isso sim, mudo que nem um peixe, foi despedir-se e largar logo.

ALVARO. – (*n'um tom de esperançado*) Não disse elle hontem á tia que a Leonor ia melhor?

JOÃO. – (*n'um impeto*) P'ra animar! (*reconsiderando*) Quer dizer, sim, elle que o disse, lá sabe o porquê. Ás vezes, tu sabes, está em qualquer cousa. (*apparentando convicção*) Se fosse doença de maior, não se ficava sem dizer...

ALVARO. – (*como monologando*) Os pequenos sem a mãe!...

JOÃO. – Não teem a avó?... (*a um gesto de Alvaro*) Bem sei, não é o mesmo, mas sempre é melhor que um estranho aos empurrões.

ALVARO. – (*melindrado*) Não sou ingrato, conhece-me...

JOÃO. – (*commovido*) Estás de cêra, não se pode dizer nada!... Desabafei, ora aqui tens.

ALVARO. – Creia, nunca esquecerei o seu auxilio...

JOÃO. – (*desprendido*) Grande favor sermos p'r'as occasiões. Era o que faltava, vocês afflictos e nós sem acudir! Comnosco podes tu contar, somos de sangue. (*passeia como quem rumina uma idéa, detendo-se e vindo embaraçado a Alvaro*) Olha lá!

ALVARO. – (*que está meditando*) Meu tio?

JOÃO. – (*como quem teme melindrar*) E conta a valer...

ALVARO. – (*intrigado*) Não hei de contar?!

JOÃO. – Sei lá!... Ás vezes és todo niquices...

ALVARO. – Mas, porque diz?

JOÃO. – (*de chofre, desabafando*) Não me estejas com faltas... Tudo, menos isso, entendes!... Que raio, não é muito, mas dois vintens tenho ainda p'ra qualquer aperto.

ALVARO. – (*commovido*) Obrigado...

JOÃO. – E nada de exquisitices... O que ha é de todos. (*tira o cachimbo do bolso e enche-o disfarçando o embaraço, de repente*) Ficas?

ALVARO. – Fico.

JOÃO. – (*indo para a sabida*) Vou fumar, preciso espairecer. (*sabe*).

(Alvaro fica por instantes pregado á secretaria, subito, ergue-se dominado por intimo pensamento vae junto do biombo e queda-se a ver Leonor).

SCENA IV

ALVARO e MARIA

ALVARO. – *(virando-se e vendo Maria)* Ah, estava ahi?!

MARIA. – *(n'um fundo de aggressão)* Se sou a mais?...

ALVARO. – *(com desgosto)* A mais?!

MARIA. – Lá o sabe...

ALVARO. – Minha tia!

MARIA. – *(severa)* Morreu-me o sobrinho...

ALVARO. – Não tem dó de mim?

MARIA. – *(indicando o biombo)* Como teve d'ella!...

ALVARO. – Não vê a minha desgraça?

MARIA. – *(n'um entono profetico)* Se vejo!

ALVARO. – E quer ainda amargar-me sabendo-a cheia de odio contra mim?

MARIA. – Deus sabe o que me peza! Eu, que nunca o fiz, andar aqui n'um fingimento c'os outros, dando a ver que não sei nada. Acredite, já faço muito... Ah, que só por môr d'ella e dos meus netos me vê a sombra.

ALVARO. – Não quer fazer justiça!... Podia lá esperar...

MARIA. – *(cortando a phrase)* Eu tambem não que tivesse a alma que tem... Queria que perdoasse?!... Nunca!... A minha filha está em perigo e quem sabe o mais que pode vir. Havia de esquecer?!... Nem que vivesse toda a vida!... Tudo se perdoa, menos o mal que é feito aos filhos.

ALVARO. – É injusta.

MARIA. – Por fallar verdade?

ALVARO. – *(n'um mixto de desalento e amarga ironia)* A verdade!

MARIA. – Quem fez a desgraça que aqui vae?

ALVARO. – A paixão cega-a.

MARIA. – (*refreando a colera*) Socegue que a não ha de ter... E, já agora, esta ha de acompanhar até á ultima.

ALVARO. – Se a Leonor a ouvisse...

MARIA. – Viria a defendel-o?!

ALVARO. – (*como monologando*) Ella comprehende-me.

MARIA. – Se está cheia de idéas que nunca uma mulher deve ter!

ALVARO. – A Leonor viu a desgraça que nos trazia outro filho.

MARIA. – E não era dever, crial-o e estimal-o igual aos outros? Lá por ser mais um já não era filho?!

ALVARO. – A tia não quer ver...

MARIA. – Quero, quero, e por ver bem é que não perdoo... Não foi de homem, menos de pae! (*a um gesto indignado de Alvaro*) Não! Que um homem tem que dar bom exemplo e arrastar-se se for preciso p'ra ganhar o pão aos filhos... Na minha casa não viram outro ensino, nem ella, nem o sr. (*indicando o interior*) Aquelle que está lá dentro trabalhou emquanto pôde e nunca teve medo aos filhos que viessem. Ás seis da manhã já lá ia p'ro Arsenal, quer chovesse quer ventasse, p'ra vir á noite derreado comer umas sopas e no dia seguinte era voltar á mesma.

ALVARO. – Era outra vida...

MARIA. – (*n'um leve azedume*) Eramos gente d'accommodar ao pouco?!

ALVARO. – O viver era mais facil.

MARIA. – Não nos quiz o exemplo? (*indicando o biombo*) Ahi tem agora, veja a desgraça... (*contendo as lagrimas*) Pobre filha!

ALVARO. – No nosso caso não pensava assim...

MARIA. – Eu!... Julguei que me fazia n'outra conta. Era lá capaz!... Ah, que a minha grande pena é ella (*indica o biombo*) não ter saido a mim. (*como monologando*) Cabeça fraca igual ao pae. (*convicta*) Não estava na cama, não! essa lh'o juro eu, e se estivesse havia de ser de mal que lhe dêsse, não por doença – Deus me perdoe! – que até parece castigo.

ALVARO. – O meu fim era cuidar de todos...

MARIA. – D'essas idéas nunca pode vir bem.

ALVARO. – Foi um acaso...

MARIA. – (*cortando a phrase*) Trazido pela prosapia de querer ser mais do que se pode... Com pouco tambem se vive!... Já lh’o disse, a mim não me levava, não... Nunca – nem pensar n’isso – seu tio se lembrou de tal. E que pensasse!... Negra que fosse como um tição, se não pegasse dos filhos e viesse p’r’a rua ‘inda que tivesse de andar de porta em porta.

ALVARO. – (*n’um leve tom de censura*) Teria coragem?!

MARIA. – Põe-lhe duvidas!... P’ra casar não me puzeram facas aos peitos, se o fiz foi do meu gosto, e logo pensei que se a vida não me corresse, ninguém mais que eu lhe sentiria os amargos. E assim sucedeu, todos o sabem, que seu tio nunca foi homem de ter mais que a feria ao sabbado... Não criei cinco filhos?... Criei! E felizmente não tenho nada que me digam.

ALVARO. – (*n’um gesto brusco*) Seja o que quizer.

MARIA. – Não é por fallar, é porque é. Que só não tendo alma se fazem certas cousas... Quem ninho faz, filhos espera!

ALVARO. – Pode accusar-me de não ser bom pae e bom marido?

MARIA. – Até que deixou de sel-o.

ALVARO. – Se quiz salv-os!

MARIA. – Não me volta! Podia lá caber-me uma d’essas na cabeça?... Só se estivesse doida e graças a Deus ainda me entendo.

ALVARO. – Julga-me um malvado?!

MARIA. – Que lh’o diga a consciencia! (*como monologando*) Que o mal sei eu d’onde vem.

ALVARO. – Por querer ver a familia feliz?

MARIA. – Pareceu-lhe! (*indicando o biombo*) A ella lh’o disse a tempo... Prosapias são para quem pode.

ALVARO. – Se viviamos modestamente!

MARIA. – Mas, porque chegaram a uma apparenciasinha, já tudo eram medos de vir p’ra baixo. Ahi, ahi, é que é o mal! sem animo p’ros sacrificios ai de todos se a vida entorta!

ALVARO. – Juro-lhe que foi por amor aos filhos.

MARIA. – É o mesmo: que para uns andarem folgados não ha direito a matar os outros.

ALVARO. – É mais humano não salvar nenhum; deixar cair todos no mesmo inferno?

MARIA. – Sempre é melhor que lhe metter a mãe na cova.

ALVARO. – (*apavorado, olhando o biombo*) Minha tia!...

MARIA. – (*por sua vez aterrada*) P'ra que me tenta?... Nem sei que digo... a culpa é sua.

ALVARO. – (*abatido, n'um tom de amarga ironia*) Minha! (*ouvem-se vozes*).

MARIA. – Ahi vem gente.

SCENA V

ALVARO, MARIA, EDUARDO e JOÃO

JOÃO. – (*entrando, para Eduardo*) P'ro meu entender a fomentação, isso sim.

EDUARDO. – (*depois de silencioso apertar a mão de Alvaro, para Maria*) Passou melhor?

MARIA. – Socega agora, geme logo, assim levou até ser noite.

EDUARDO. – Os vomitos diminuíram?

MARIA. – Não teem teimado tanto.

EDUARDO. – Depois de eu sahir nada houve de extraordinario?

MARIA. – Aquella madorra é que me dá susto... A cara tão afinada que nem eu sei...

EDUARDO. – As dôres abrandaram?

MARIA. – Ora, é mecher-se, diz ella que parece tem punhaes no ventre todo.

JOÃO. – (*para Maria*) Vamos lá que a fomentação alliviou-a.

MARIA. – (*para Eduardo*) Isso é verdade, a untura foi-o melhor.

ALVARO. – (*como receoso*) Acho difficil a respiração.

EDUARDO. – É uma consequencia...

ALVARO. – (*indicando o biombo*) Está dormindo...

EDUARDO. – Deixa-a repousar.

JOÃO. – Uma coisa assim, de repente!... Nem que fosse a peste.

MARIA. – (*para Eduardo*) A febre não tem sido de espanto!

JOÃO. – (*para Maria*) Ahi tens outra de fazer pensar.

MARIA. – (*para Eduardo*) Ha sete dias n'isto, melhora agora p'ra cair depois.

EDUARDO. – É ter paciencia, nada se faz sem tempo.

ALVARO. – (*como monologando*) Não se poder tentar alguma cousa de decisivo?!...

EDUARDO. – Tem a sua marcha, parece-me inutil fazel-o...

ALVARO. – Sem sahir d'aquelle abatimento!

EDUARDO. – Podem surgir modificações inesperadas, espero-as mesmo...

ALVARO. – (*receoso*) Com franqueza, minha mulher está em perigo?

EDUARDO. – Quem o diz?!... É uma doença de cuidado, eis o que é.

JOÃO. – (*para Maria*) É das taes de fazer casa.

EDUARDO. – (*para João*) Não vale esmorecer.

MARIA. – Sempre é filha!

JOÃO. – E a que teve maiores mimos.

ALVARO. – (*passeando*) É uma tortura a fazer e desfazer esperanças.

EDUARDO. – São as remissões que previ.

JOÃO. – (*para Maria*) É que tem sido aos altos e baixos!

ALVARO. – Esta inacção, não haver uma idéa, um remedio, um processo...

EDUARDO. – (*como quem toma uma resolução*) Alvaro, preciso fallar-te...

ALVARO. – A mim?

EDUARDO. – Quero consultar-te sobre uma resolução.

ALVARO. – Diz.

EDUARDO. – (*para João e Maria que se dispõem a retirar*) Desculpem...

JOÃO. – (*sabindo com Maria*) Ora essa, o doutor é quem manda. (*sabem*).

SCENA VI

ALVARO e EDUARDO

ALVARO. – Assustas-me!

EDUARDO. – Socega...

ALVARO. – Está perdida e não o quizeste dizer junto dos paes?

EDUARDO. – De novo peço, aquieta o animo. Nas horas difficeis nunca é demais a serenidade.

ALVARO. – E posso aquietar-me assim, n'um momento, vendo-me ameaçado...

EDUARDO. – (*cortando a phrase*) Tem prudencia. (*indicando o biombo*) Deixa-a socegar, diminue-lhe o soffrer.

ALVARO. – Por favor, tira-me da duvida.

EDUARDO. – Para fallar á vontade pedi a conferencia.

ALVARO. – Diz, faz-se, seja o que for.

EDUARDO. – (*solemne, a meia voz*) Tua mulher tem uma peritonite.

ALVARO. – (*rapido*) Peritonite?!... Mas, ha casos de cura?!

EDUARDO. – Por isso aconselho o chamares outro medico.

ALVARO. – (*apavorado*) Chamar outro medico?!

EDUARDO. – Sim. Embora conheça sobejamente a doença, comprehendes, ha casos em que não é demais ouvir a opinião de um homem experimentado em largo tempo de clinica.

ALVARO. – (*com vago terror*) Chamar um medico estranho?

EDUARDO. – Julgo acertado.

ALVARO. – Se conheces a doente como se fôra de tua familia que mais pode fazer outro?!...

EDUARDO. – Qualquer processo que desconheço...

ALVARO. – Está então em perigo certo?

EDUARDO. – É grave a resposta... Seria bom que outro medico...

ALVARO. – (*n'um impeto*) Viesse afirmar o que não me queres dizer?!

EDUARDO. – Socega, Alvaro...

ALVARO. – (*procurando conter-se*) Socegar!... Posso lá fazel-o se estou a ver a minha vida destruída! (*subito*) Queres que descanse?... Diz-me, tua mulher salva-se, é questão de tempo. (*apoz curta pausa*) E tu não dizes!

EDUARDO. – Segue o meu conselho.

ALVARO. – Para quê se adivinho uma dolorosa certeza?

EDUARDO. – Tentavas um ultimo esforço...

ALVARO. – Um ultimo esforço?!... suspeitava-o.

EDUARDO. – Que dizes?

ALVARO. – A Leonor morre?!

EDUARDO. – Tem coragem.

ALVARO. – (*soluçando*) Grande desgraça a minha...

EDUARDO. – Chama-se outro medico... Eu vou buscal-o.

ALVARO. – Não me desampares...

EDUARDO. – Não tens que recear, o que vier julgará da doença, não penetrará as causas...

ALVARO. – (*apavorado*) As causas?!

EDUARDO. – Não receies, serei eu só a responder.

ALVARO. – (*n'um grande terror*) Eduardo!

EDUARDO. – (*sombrio*) Foi uma imprudencia...

ALVARO. – (*aterrado*) Sabes?!

EDUARDO. – Conheço a tua vida...

ALVARO. – Não tem cura?!

EDUARDO. – (*n'um gesto negativo*) Julgo-a perdida... Amanhã ou depois...

ALVARO. – Morre?!

EDUARDO. – (*sombrio e rapido*) É de esperar...

ALVARO. – (*lançando-se ao pescoço de Eduardo*) Que grande desgraça!

EDUARDO. – Silencio! (*indicando o biombo*) despertal-a é crueldade.

ALVARO. – (*subito, como quem quer confirmar-se*) Sabes tudo?!

EDUARDO. – Sei... Bastou-me recordar alguns factos e na escada encontrar um dia a parteira. Creio que no dia da operação.

ALVARO. – Conheces a mulher?!

EDUARDO. – Conheço, tem fama... (*severo*) Foste muito imprudente.

ALVARO. – Fui forçado...

EDUARDO. – (*rapido*) Cala-te!

ALVARO. – Condemnas o que fiz?!

EDUARDO. – É um crime...

ALVARO. – Um crime!

EDUARDO. – Sem justificação...

ALVARO. – És tu a dizel-o?!

EDUARDO. – (*sombrio*) Devia applaudir-te?! (*com singular entono*) Basta que te defenda...

ALVARO. – Da prisão?

EDUARDO. – O código prevê o facto...⁵¹⁶

ALVARO. – Mas não me evitou o desespero... (*desalentado*) A minha vida... os meus filhos!

EDUARDO. – (*sombrio*) A defesa transformada em derrota.

ALVARO. – (*em concentrada raiva*) Damnada sorte!... E não tens esperança?!

EDUARDO. – (*negando*) Seria illudir-te.

ALVARO. – Tudo aniquilado...

EDUARDO. – Allucinaste-te.

ALVARO. – Allucinei-me?

EDUARDO. – Perdendo os outros... Não o devias ter feito.

ALVARO. – Se não é a má-sorte!...

EDUARDO. – O teu dever era lutar.

ALVARO. – E não o fiz?

⁵¹⁶ De facto, a secção III do *Código Penal* de 1892 é dedicada na íntegra à punição do aborto sob qualquer meio e sejam quem forem os agentes intervinientes no processo, incluída a própria mulher. Vid. *Código Penal Português...*, *op. cit.*, secção III. Aborto, art. 358.º, § 1.º, § 2.º, § 3.º e § 4.º

EDUARDO. – Foste um fraco, capitulaste.

ALVARO. – Fui levado a fazel-o...

EDUARDO. – Ahi o erro... Em busca da quietação esqueceste o dever.

ALVARO. – Era a única sahida...

EDUARDO. – Quando não se renuncia a tempo, evitando o mal, só ha recurso nobre no levar do sacrificio até ao fim... A felicidade nunca pode erguer-se sobre crimes... A consciencia protesta.

ALVARO. – Havia de ir para a rua desvairado a gritar inutilmente contra os homens?

EDUARDO. – Comprehendia-se!... Eras um pae.

ALVARO. – Assim, sou um criminoso?

EDUARDO. – (*cheio de piedade*) E uma victima. Mettes dó! (*ouve-se gemer detrás do biombo*).

SCENA VII

ALVARO, EDUARDO e LEONOR

LEONOR. – (*do leito*) Alvaro!... Alvaro!...

ALVARO. – (*correndo a Leonor e deixando-a á vista do espectador, rapido*) Aqui estou, aqui estou...

LEONOR. – Oh meu Deus, que sonho!... (*geme e leva as mãos ao ventre sem lhe tocar*) Ajuda-me.

ALVARO. – (*ajudando-a a recostar-se nas almofadas*) Estás bem?

LEONOR. – Tenho sede.

ALVARO. – (*tomando um copo da mesinha*) Bebe!

LEONOR. – (*depois de beber e levando as mão á gola do roupão*) Falta-me o ar...

ALVARO. – Vem a passar...

LEONOR. – (*n'um sorriso triste*) Depois... quando morrer.

ALVARO. – (*apavorado*) Leonor!

LEONOR. – (*levando as mãos ao ventre*) As dôres... sempre as dôres.

ALVARO. – Toma o remedio, faz-te bem.

LEONOR. – *(descrente)* O remedio... se não melhora!...

ALVARO. – *(amoroso)* Não teimes...

LEONOR. – *(resignada)* Dá-o cá!

ALVARO. – *(enchendo uma colher)* Vaes descansar... verás!

LEONOR. – *(depois de beber, n'um arrepio)* Jesus!

ALVARO. – *(assustado)* Que é?

LEONOR. – *(n'um sorriso triste)* A morte que me tocou...

ALVARO. – A desanimares!...

LEONOR. – É este frio... *(gemendo e como quem vae n'um vomito)*

Meu Deus!

ALVARO. – O vomito?

LEONOR. – *(caindo em maior prostração)* Passou...

ALVARO. – Fez-te bem dormir?

LEONOR. – Fez... *(suspeitosa)* As dôres vão voltar!...

ALVARO. – Talvez não.

LEONOR. – Parecem facas... Fui muito infeliz! *(ouvindo tossir Eduardo)*

É o pae?

ALVARO. – É o Eduardo.

LEONOR. – *(elevando a voz)* O doutor estava ahi?!

EDUARDO. – *(acercando-se do leito)* Está melhor?

LEONOR. – Dormi.

EDUARDO. – Repousar é meia cura.

LEONOR. – O doutor acredita?!

EDUARDO. – Tenho a certeza...

LEONOR. – De me ver boa?

EDUARDO. – *(constrangido)* Em pouco tempo, espero.

LEONOR. – *(para Alvaro)* Os pequenos?

ALVARO. – Dormem.

LEONOR. – Coitadinhos!...

ALVARO. – Socega, a avó não os deixa...

LEONOR. – Minha boa mãe.

EDUARDO. – *(como quem retira)* Deem-me licença.

ALVARO. – *(rapido)* Vaes sahir?

EDUARDO. – Não. Vou fumar. Estou lá dentro... *(sabe para o interior e fecha a porta)*.

SCENA VIII

ALVARO e LEONOR

LEONOR. – Sahiu?

ALVARO. – *(espreitando a porta de comunicação)* Estamos sós.

LEONOR. – *(indicando o leito)* Senta-te?

ALVARO. – *(receoso)* Incommodo-te?!...

LEONOR. – Não... Mais me acompanhas. *(apoz curto silencio)* Que sorte a nossa, Alvaro!

ALVARO. – *(contracto)* Fui o culpado...

LEONOR. – *(pegando na mão de Alvaro)* Não quero ouvir... Foi o destino!... Tinha de ser...

ALVARO. – *(commovido)* Tens pena de mim?

LEONOR. – Quem a havia de ter?... Foi um acaso... Eu não me queixo.

ALVARO. – *(joelhando junto ao leito)* Perdoas-me?!

LEONOR. – *(gemendo e fazendo inutilmente um esforço para erguer Alvaro)* Não posso!... Levanta-te!... Fazes-me soffrer!

ALVARO. – *(beijando a mão de Leonor)* Minha Leonor! *(ergue-se)*.

LEONOR. – Olha, está quietinho, senta aqui, ao pé de mim. *(apoz curta pausa)* Os nossos filhos!

ALVARO. – *(supplicante)* Abandona essa idéa... Os pequenos vão bem... Não os viste á tardinha?

LEONOR. – Estavam tão tristes!

ALVARO. – Veem-te doente...

LEONOR. – *(chorando)* Adivinham desgraça...

ALVARO. – Cala-te!... Não penses n'isso... vaes melhorar, affirmou-o o Eduardo.

LEONOR. – Acreditas?!... Engana-te!...

ALVARO. – É questão de dias...

LEONOR. – Se já sinto às vezes a vida fugir do corpo. (*mostra-se sufocada*).

ALVARO. – Sê minha amiga, quieta...

LEONOR. – (*serenando e como monologando*) Outra vez o sonho a lembrar-me... Que horrível foi!

ALVARO. – O sonho?!

LEONOR. – Ainda agora!... Eu caida... n'um buraco negro... muito fundo... a querer subir... escorregava... subia outra vez... e de novo cahia...

ALVARO. – (*apavorado*) Por Deus, não te afflijas!...

LEONOR. – E tu cá em cima... o Jorge... a Sophia... o Jayme... a chorarem...

ALVARO. – (*apavorado*) Leonor!

LEONOR. – E eu sem poder subir. (*levando as mãos ao ventre*) As dôres... sempre as dôres... (*fica-se n'um deliquio*).

ALVARO. – (*no auge do terror*) Morta! (*indo allucinado á porta*) Eduardo!... Eduardo!...

SCENA IX

ALVARO, LEONOR, EDUARDO, JOÃO e MARIA

ALVARO. – (*para Eduardo que vem seguido de João e Maria*) Acode-lhe!

MARIA. – (*para Alvaro, n'um grito suffocado*) Morreu?!

EDUARDO. – (*que já tomou o pulso a Leonor*) Soceguem!... É um deliquio. (*para Alvaro, indicando Leonor*) Affligiu-se?

ALVARO. – A recordar um sonho...

JOÃO. – Ella está por arames...

EDUARDO. – Volta a si.

MARIA. – (*acercando-se do leito*) Leonor!... Leonor!...

LEONOR. – (*abrindo os olhos*) Minha mãe!... Pareceu-me que morria... (*apoz curta pausa*) O Alvaro?

ALVARO. – Estou aqui.

LEONOR. – Anda cá... eu não posso... (*indica o pescoço*) Desaperta! (*para Alvaro que desaperta o roupão*) Tira-me a cruz. (*Alvaro tira um fio de ouro com uma cruz*) É p'ra Sophia... não me esquecer. (*fica-se prostrada*).

JOÃO. – (*como monologando*) Triste cousa é o azar da vida.

MARIA. – (*prophetica*) Maior tristeza é faltar a fé!...

FIM

**PÁGINAS DE CRÍTICA LITERÁRIA
E TEORIA ESTÉTICA (1894-1902)**

(Página deixada propositadamente em branco)

O PANTANO

(A FEDERAÇÃO. LISBOA: N° 47 (1894), 25 DE NOVEMBRO,
P. 2).

Sem preocupações *criticas*, obrigadas a contrafacções faciaes ao encaixilhar do monoculo na arcada superciliar, sem exhibições de punhos gommosos e correntes varias surgindo dos bolsos das calças, vimos tambem manifestar o que julgamos, segundo a nossa receptividade emotiva, da obra de D. João da Camara ultimamente em scena no *normal*⁵¹⁷.

Seja-nos licito, porém, antes de entrarmos no assumpto, affirmar que nos foi illudida a expectativa phantasiada pelo suggestionante titulo.

Julgava-mos (sic) (que nos desculpe D. João) o genial poeta, conduzir-nos arrimados ao resistente bordão do raro talento de que é dotado, á analyse e observação do meio social, gerador de mortiferas miasmas, factor de nauseante putrefacção. Não levavamos descesse ao pantano da miseria, d'onde se evolum tantas dores e tão cruciantes angustias envoltas na neblina da desigualdade social, envenenando as relações dos homens em fraticida lucta e desordenada carreira apoz el-rei Milhão.

Não esperavamos tanto!... Demais conhecemos a influencia do meio a reflectir-se na *obra*, e tambem não esquecemos que o *normal* trancaria a porta e impediria a entrada ao sacrilego chicoteador que ousasse avergoar as rubicundas faces do deus Capital.

⁵¹⁷ *O Pântano*, de D. João da Câmara (1852-1908), estreou-se a 10 de novembro de 1894 no Teatro D. Maria II. A peça não foi do agrado do público, que pateou no final. Vid. SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I, *op. cit.*, p. 405.

As illusões desfeitas, assistimos ao desenrolar da acção do *Pantano*. Receber fortíssimas impressões, tomados da irresistível atracção do manifestar do genio, sentirmo-nos subjugados, mau grado nosso, no empolgar sempre crescente d'um sensacionalismo sacudido a bruscos empuxões de terrífico, foi o que nos succedeu. Ante nós, perpassaram os filhos da *nevrose*, espiritos asphyxiados nos doentios envolucros, implorando o choro, n'uma tensão nevrosa que irrita seccando a sensibilidade, o nervosismo dominador tortura-os, esmaga-os, despedaça-lhes a alma, aniquila-lhes o corpo n'um sacrificio atroz... e não choram. Se podessem chorar desapareciam!...

Absorvido na grandiosidade do todo, o auctor não cuidou a minucias; d'ahi a peça não ter *enredo* como já lemos algures a um *critico* e ouvimos a um bacalhoeiro admirador do *Panocracio*, com quem privamos. Tem falta de realidade, dizem ainda *criticos*, que por um triz não sollicitam a autopsia ao duque e a prisão ao Alfredo, por um mandado do corregedor Veiga⁵¹⁸; ha quem não possa acceitar tantos desequilibrados juntos e acate respeitoso a sciencia, que os considera como factos irrecusaveis; a estes só convém desequilibrio de doses, á maneira de desenoativo a aguçar o paladar, embotado na monotonia de pratos que se confundem; outros concluem que o *Pantano* é uma galeria de nevropathas, pedindo Charcot⁵¹⁹ na platéa; monomania da chancellia official que os auctore a *gostar*. Que tal a peça?... É boa não ha duvida!... Charcot já a viu!... Eis a *critica*!...

A nós, porém, a obra de D. João da Camara, deixou-nos o convencimento de que o debutante auctor do Affonso VI⁵²⁰, é um artista de raça, susceptivel de romper com o *convencionalismo artistico* que explora o

⁵¹⁸ O corregedor ou juiz Francisco Maria da Veiga (1852-1934) ficou conhecido pela sua vigilância da imprensa operária e republicana, bem como das atividades dos seus membros, realizando sucessivas operações policiais e perseguições. Esta atuação levou, de facto, à censura a estes jornais.

⁵¹⁹ Jean-Martin Charcot (1825-1893), neurólogo francês especialista em doenças do sistema nervoso.

⁵²⁰ *D. Afonso VI. Drama em 4 actos, em verso*, foi representado no Teatro D. Maria II em 1890 e anos seguintes.

burguez fornido de carnes, de bocca rasgada até ás orelhas, *educado* nas baboseiras porcas e adulterinas da comedia *fresca*.

É certo que o *Pantano*, não induz a menina do conselheiro, mantida de pé, a ferro Bravais e emulsão de Scott, adoradora da elegia, a embrocar guella abaixo, decilitros de vinagre, na romantica objectividade de um suicidio iniciado ao desaparecimento das carnes amarellentas de *chlorose*... Mas é alguma coisa!... É uma revolução artistica, é uma fórmula nova, uma *maneira* que affirma um cerebro potente, uma factura que faz vergar os artistas nacionaes de maior valor, como são os de D. Maria.

É mais; – o que nos sorri – é uma esperança de que D. João da Camara, se amanhã quizer, reproduzirá na scena, com todo o rigor critico, justeza de observação e elevação de phrase, desenhando vigorosamente os caracteres, o pantano do capitalismo que asphyxia o ideal, que leva ao suicidio e ao roubo, que empurra creancinhas famintas á devassidão da rua, e vae até ao produzir dos aleijões sociaes, representados no criminoso ignorante, atavico de alcoolismo paterno, transitando em ascendente escala até ao lente da escola superior, cego de ambição revoltante, propinando á familia a *delphinina* analysada a sangue frio, em longas horas de laboratorio.

É, pois, uma esperança para nós, socialistas, o *Pantano*.

A manter o valor da obra de D. João, bastava apenas o 1.º acto e o final do 2.º, prenhe de originalidade, quando o espectador, entregue a si proprio, assiste á muda e furtiva entrada de Alfredo, para em breve, ao eloquente extinguir da luz no quarto da duqueza, prescrutar a desequilibrada erotomania da nevrotica Luiza. E o 3.º acto, em que o velho criado e o duque, filho da velha paralytica, degenerescente epileptico, abraçando-se e confundindo-se, gargalhando sinistramente, evocam e povoam o velho palacio com os phantasmas, producto dos allucinados cerebros? É grandioso o trabalho de D. João da Camara; falla a critica em Edgard Poe⁵²¹,

⁵²¹ Edgar Allan Poe (1809-1849). Parte da sua obra está traduzida ao português desde os meados do século XIX, embora fosse divulgada em Europa em francês.

em Ibsen⁵²², e em muitos outros auctores, não nos preocupamos com tal, e só diremos que o festejado auctor, juntou mais um florão á sua corôa de artista e dotou a arte portugueza com mais uma obra prima. Os nossos applausos ao escriptor illustre e que nos perdôe a audacia nascida do desejo de prestarmos a quem tanto o merece o modestissimo testemunho da nossa admiração.

E. Silva

⁵²² Henrik Johan Ibsen (1828-1906). A referência ao autor permite datar o conhecimento da sua obra em Ernesto da Silva, como *Casa de bonecas* (1879) e *Os pilares da comunidade* (1877).

THEATRO DE D. MARIA II. I.

(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA: N° 468 (1897), 14 DE FEVEREIRO, P. 2).

Para elucidação do publico, acceito a lucta proposta pelo fiscal do governo junto do theatro de D. Maria II, ao taxar *de immoral e contrario aos bons costumes* o original *A Victima*, producto de desprerenciosa elaboração, feita ao proposito de condemnar a dissolução de costumes que, mercê da falsa moral contemporanea, é, no entanto, natural consequencia da chamada *civilização* dos nossos dias.

A Victima é acoimada de immoral por ser moralissima nos intuitos e na fôrma. Não a considera assim o fiscal do governo: – cabeça de turco que a empreza hypocritamente offerece ao meu punho vingador. Ponhamos a questão em bom pé. A empreza do *normal-immoral*, que não hesita nem tem hesitado em fornecer aos *habitués* – donzellas ou mães de familia – as mais descabelladas peças do repertorio francez, que não trepidou em justificar o adulterio, exhibindo no tablado, um original portuguez, que philosophicamente concluia acceitando a traição – quando o marido não dê por *isso*; depois de ludibriar a minha expectativa mais que benevola, rebuscou nos arcanos da rançosa diplomacia a *maneira* subtil e artificiosa de fugir a responsabilidades provaveis, delegando em Cerbero critico – a conta do ministerio do reino – o correctivo de indispensavel applicação sollicitada por culposa perfidia que não admira (vidé *Bezerra de Ouro*⁵²³), mas que urge desmascarar.

⁵²³ *O bezerra de ouro. Drama original em cinco actos* (1890), de Guilherme Augusto de Santa Rita.

É, porém ante o publico, que pretendo justificar a sem-razão da sentença: permittam-me, pois, que rapidamente esboce a estrutura da *Victima*.

O leitor será juiz e a consciencia do maior numero condemnará sem appellação, se assim julgar conveniente á manutenção dos bons costumes.

Passemos á exposição:

Um jovem medico, orphão, sem recursos, consegue á força de provada tenacidade concluir o curso, encontrando-se no começo da acção, cheio de aspirações de impossivel satisfação, soffrendo intensamente na companhia da amante, que o ajuda na lucta da vida, forcejando trabalhar por modista, ajudada pela mãe; senhora de rasoavel educação, viuva d'um official morto em Africa. N'esta altura, um excondiscipulo do medico sem clientella riquissimo, filho d'um fallecido banqueiro, excita as tendencias do amigo para a grandeza e demonstra-lhe quanto é injustificada a miseria que soffre. Assim prepara um rompimento entre o medico e a amante, fazendo derivar as atenções do misero proletario intellectual para uma irmã, rapariga leviana e já maculada em *romance* anterior. Aceite pelo medico a ligação proposta, esquecida a amante e um filho, no objectivo de alcançar o renome e conforto que a riqueza pôde fornecer, segue a acção até 3.º acto em que a modista justamente verbera o abandono de aquelle que esquece a dignidade propria, um sentimento puro e um filho; para acobertar com o nome uma macula fundamente indecorosa. A amante, convencida do abandono a que é voltada, treslouca-se e busca no suicidio socego á dolorida existencia. No 4.º acto, passados dois annos, o proletario que vendera a honra confiado que o amante da esposa morrera, – mystificação do excondiscipulo – encontra n'uns restos de pudor elementos de revolta contra a esposa, que continua mantendo relações illicitas dispensadas ao que usufruira as levianas primicias d'um carácter transviado da sã moral. Exprobando a traição, o esposo obtem como resposta, não ter direito a reclamações, porque antes de casar já sabia. A resposta, acompanhada da recusa de entrega do filho incognito, que a avó continua educando, determinan uma congestão no medico. A critica

dos acontecimentos é feita em curta phrase quando um personagem, indicando o medio caído no soalho o aponta como um desgraçado, victima tambem do meio social⁵²⁴.

Aqui tem o publico a *immoralidade* da *Victima*. Provar que a familia não sendo constituida por afinidade de sentimentos e firmando-se no mercantilismo da moral resultante da actual ordem economica, só consegue produzir os innumerados casos de degenerescencia que vulgarmente constatamos como morbidos symptomas de pathologia social.

Ficamos certos. O *normal immoral* interdita a marcha da arte de tendencias libertarias, e chega em extremos de ferocidade inquisitorial a condemnar o *Ajuste de contas* de Lino da Assunção⁵²⁵ a pretexto do sr. Lino, ser *socialista!* O *cabeça de turco* ás ordens da empreza, accumulando com *guarda-fiscal* da litteratura nacional, junto dos *donas marias* – segundo classificação do illustre critico Silva Pinto⁵²⁶ – toma fóros de incontestado e condemna a arte a não ultrapassar os limites do adulterio *azul e branco*, respeitador da carta constitucional. Comprehende-se: é questão de habito... Moralidade *normal*.

Expostas as linhas geraes da questão, continuarei provando em subsequentes artigos, que inadiavel se torna garantir aos auctores portuguezes o logar que lhes possa competir no theatro nacional.

Até ámanhã.

Ernesto da Silva

⁵²⁴ Este é o argumento de *Vencidos. Drama em 4 actos*, finalmente representado no Teatro do Ginásio de Lisboa a 19 de janeiro de 1902. Vid. texto da peça neste mesmo volume.

⁵²⁵ Tomás Lino da Assunção (1844-1902) era empregado da Biblioteca Nacional, critico teatral e director, com António Enes, do jornal *O Dia*. Segundo Sousa Bastos *Ajuste de contas* foi representado no Teatro de D. Maria II, mas passou despercebido, com apenas quatro representações. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 176.

⁵²⁶ O escritor e publicista António José da Silva Pinto (1848-1911) foi o responsável pela publicação de *O Livro de Cesário Verde* à morte do autor.

(Página deixada propositadamente em branco)

THEATRO DE D. MARIA II. II.
(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA: N.º 469 (1897), 15 DE FEVEREIRO, P. 2).

Está feita a exposição do valor moral de *A victima*. O publico sincero e puro juiz, que não macula a toga a troco de subtilezas *moraes*, formou opinião. É quanto basta. A *censura* foi a Opinião e só para o publico escrevi. Aos *outros* não devo nada. A consciencia tranquilla, a moral impertubavel, auctorisam-me a desalojar os juizes da cadeira presidencial a alojal-os impenitentes no banco correccional. É dispensavel o jury, bastam esclarecimentos a confundir a sentença.

Não recorro ao estado, dispenso censura official, não almejo parecer da academia; é sufficiente acolher-me ao criterio são de quem é digno a evitar a tempestade de *moral suspeita* que me surprehendeu travestida em nojenta parodia de sentimentos, artes, honestidade.

Para que recorrer ao Estado?... O livro de Guilherme Santa Rita⁵²⁷ – a proposito do *Bezerro de Ouro* – é suggestivo documento de quanto vale a psychologia do *fiscal* e empreza *normalissima*, defendida pelo criterio official que na sala esquece a alcova.

O madrigal *perturbador* a dispensar prevenções... e commentarios.

Eis a arte normal. Sobrepõem-se theoria a theoria, esgota-se a emotividade subordinando-a ao utilitarismo réfece e no *balanço* affectivo

⁵²⁷ Em 1890 Guilherme Augusto de Santa Rita (1859-1905) publicou *O bezerro de ouro* a pesar de não ter sido representada pelos responsáveis do Teatro de D. Maria II. Vid. SANTA RITA, Guilherme Augusto de – Prefacio. *O bezerro de ouro. Drama original em cinco actos*. Lisboa: Typ. da Gazeta de Portugal, 1890, p.V-LXIII.

conclue-se que a *transigencia* é indispensavel para quieta, adormentada a alma, gosar a sorvos de café e passos de *cotillon* a vida facil sem resaltos provocados por *futilidades* de moral pura.

A estufa – providencial – moldura o quadro do erotismo d'alta comedia, deve, sem duvida, albergar-se no *normal*, sem offensa ao pudor de degenerados exemplares de *embotados* a justificarem um fim de seculo. O drama propenso a educar, acordar sentimentos grandes e puros, deve dormir de chinelas no gabinete de trabalho dos que pensam modificar a corrupção brilhante ataviada em ouropeis reluzentes.

Assim, condemnam-se originaes, interdictam-se traducções: *A Victima*, *O domador de feras*, *O sr. Director*⁵²⁸, o *Ajuste de contas* são doutrina heterodoxa incompativel com o *normal*. Dir-se-ha que a má vontade emprezaria não vae além de revolta surda contra a peça que foi *espelho*. A culpa não dimana do auctor. Pertence integra a *normalidade* de facil e avariada moral.

Sacrificam a arte, insultam os auctores; validos, zombam impunes dos que trabalham em ardua tarefa; esquecidos, que o latego de justificada indignação tem de accumular funcções de cauterio applicado hygienicamente á veicidade dos que fingem irresponsabilidade acobertando-se com o *critico* official.

Ficamos aqui. Continuaremos ámanhã.

Ernesto da Silva

⁵²⁸ Estava a ser representado nessa altura no Teatro de D. Amélia. Vid. Theatros. *O Paiz*. Lisboa: n° 475 (1897) 21 de fevereiro, p. 2.

THEATRO DE D. MARIA II. III.
(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA: N° 471 (1897), 17 DE FEVEREIRO, P. 2).

Continuemos a tarefa emprehendida. Cabe hoje mostrar ao publico a fundamental divergencia existente no *complot* critico, empresario-official.

Consultando o actor Brazão⁵²⁹, afim de retirar a *victima do normal*, após a interdicção do *Ajuste de contas*, respondeu-me não dever fazer tal, porquanto a empresa lêra *metade* da peça e estava propensa a levall-a á scena succedendo á *Immaculavel*⁵³⁰ – peça em que o sr. Brazão não confiava e esperava ver cair na *première*. Ponderei, para certificar-me da boa-fé emprezaria, não ser o *fiscal* desejoso de agradar-me, tanto mais, as minhas condições de operario-socialista não me levavam a crer em benevolencia official.

O sr. Brazão respondeu não haver duvida. A *Victima* era um *dramasinbo intimo*, sem perigo de decapitação a conta de investida moral. Sereno o animo, fui-me a descançar em familia. Passam os dias. O *dramasinbo intimo* toma fóros d'agente demolidor dos *bons costumes*, que auctorisam

⁵²⁹ Eduardo Brazão (1851-1925) era um dos actores mais reconhecidos do teatro português finissecular, intervindo em obras como *D. Affonso VI*, *Alcacer-Kibir*, *Os Velhos* ou *João José*. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 62. Na altura integrara com João Rosa e Augusto Rosa a firma Rosas & Brazão para a exploração do teatro.

⁵³⁰ *A Imaculável. Comedia em 4 actos*, de Abel Botelho (1856-1917) foi estreitada no Teatro de D. Maria II a 21 de janeiro de 1897. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 342, afirma que a peça não agradou, dando apenas quatro récitas. Também SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I, *op. cit.*, p. 416.

o esposo a não dar por *isso...* segundo a philosophia estabelecida para uso da *moral normal*.

O publico vê claro. O actor Brazão considera a peça obra garantida e classifica a *Victima* do dramasiinho intimo... Opinião insuspeita e auctorisada como tecnico illustre que é. O *fiscal*, com ramificações na direcção da instrucção publica, estabelece que *A victima* é immoral e attentatoria dos bons costumes.

Quem tem razão. O *tecnico* conhecedor de dramas intimos, emprezario do *normal*, ou o fiscal a servir de rotulo da moralidade publica?

O Magriço defensor dos *costumes*, condemna; o emprezario Brazão absolve! Quanto vale a diplomacia acoutada da chuva, na mioleira dos interpretes de Moliére e Shakespeare, gastos em Othellos a Ungir.

O exposto leva a crer que o fiscal, cego e surdo ante o *João José*, de Dicenta⁵³¹, não comprehendeu sequer que no 2.º acto era feita a apologia do roubo por um operario sem trabalho. É *isto* critica official.

A *Victima* flagella sómente a falta de moral, vulgar na constituição da familia contemporanea, e a tal deve o ser condemnada por subversiva e o seu auctor considerado ante o publico desconhecedor do trabalho, como escriptor *só para homens*, perigoso ao pudor nacional.

Na verade ha momentos em que a pena devia transformar-se em varapau justiceiro e... educador.

A *victima* é tida officialmente como succedaneo das *Pimentinbas* ao escarmentar severamente a prostituição do Homem, – aliás consequencia do meio social – e não ha uma vassoura prophylatica a preservar os que

⁵³¹ O drama *Juan José*, do dramaturgo espanhol Joaquín Dicenta, o maior successo de sempre do drama social espanhol, foi estreiado no Teatro D. Maria II em 1895, na versão traduzida para portugûês de João Soler pelos atores E. Brazão, A. Ferreira da Silva, Ana Pereira e Rosa Damasceno nos papeis principais. Segundo SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional...* Volume I, *cit.*, p. 413, voltou ao palco a 6 de outubro de 1896, e Espectaculos. D. Maria II. *O Paiz*. Lisboa: n.º 338 (1896), 6 de novembro de 1896, p. 3. Em 1897 a companhia Moreira de Vasconcelos encenou-o no Brasil, onde foi representado no Teatro 7 de Setembro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, ao menos em duas ocasiões, a beneficio da União Operária e do Asilo dos Mendigos. Vid. Theatros. *Echo Operário*. Porto Alegre: RS, Brasil, n.º 59 (1897), 10 de octubre. Os direitos da representação da peça pertenciam ao Teatro Gil Vicente, de Lisboa.

frequentam o *normal*, da avalanche corruptora d'uma *arte* fundamentalmente burgueza e intensamente infecciosa.

Abandonemos a declamação esteril. O maior d'entre os defeitos da *Victima* – segundo o *fiscal*, *doublée* de director da instrucção publica – é a modesta dedicatória escripta na capa do 1.º acto.

Vejamos a monstruosidade: – **«Aos proletarios das escolas e officinas, seus irmãos de soffrimento e lucta. = Offerece, dedica e consagra = O auctor.»**

Eis aqui o segredo da abelha. Na dedicatória encontra-se a determinante da sentença *immoral*.

A *normalidade* não póde admittir ser chamada a attenção da mocidade das escolas, a vêr, quanto a injustiça economica dos nossos dias é geradora de abaixamento de carácter que denuncia a *moral normal*, destruindo os sentimentos mais altos e a pureza d'alma indispensaveis a uma vida social, que não seja um pantano mascarado de florido vergel.

Não é permittido escarpellar a podridão *intima*, provocar-lhe a suppuração, entremostrhar aos ingenuos e confiados que a familia é uma burla, quando não é um alcouce, ao assentar em descaroadado mercantilismo.

É prohibido dizer ao estudante pobre, cerebro cheio de necessidades geradas no progresso intellectual, que o mundo é falso, a sociedade hypocrita, condemnando ao maximo soffrer os que, á falta de fortuna, encontram no *curso* doloroso Calvario.

É perigoso, subversivo, attentado á moral, pôr em relevo a iniquidade social, que faz do proletario da escola, sem recursos materiaes, a victima d'antemão condemnada á atrophiada dignidade propria, ao buscar satisfazer as necessidades insufladas na educação do espirito. É abominavel proceder, apontando como propulsor da anormalidade de tal quilate a economica da epoca, conduzindo a *um momento civilisador* falso sob todos os pontos de vista.

Que a academia representada nos estudantes pobres seja juiz e sentencie.

A *moral do fiscal* quer silencio, trevas, quietação, para que o Homem não dê por *isso* e feche os olhos... pacientemente resignado.

A *moral subversiva* dos demolidores, quer na denuncia dos aleilões sociaes determinar-lhe as causas, evidenciando-lhe os effeitos.

Reside em tal proposito a immoralidade de *A Victima*.

Já é!

Ernesto da Silva

THEATRO DE D. MARIA II. IV.

(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA: N° 473 (1897), 19 DE FEVEREIRO, P. 2).

Avergado ao passo da tremenda responsabilidade, fui escorraçado do *normal*. Pretexto a *moralidade*. A despeito dos animadores insentivos do empresario Brazão, que dizia ter particular predilecção pelo *filho do povo*, desprotegido, sem praça assente em *coteries* litterarias – que s. ex.^a considera abominaveis – fui expulso do templo da Arte – alli do Rocio – acoimado de *obsceno* á laia de *gravroche* impenitente, apanhado em flagrante de caricaturista *intencional* a desrespeitar muro novo – o muro é D. Maria.

A empresa *normal* excedeu, porém, a immoralidade que me attribue, quando em parto difficil de aborto provocado ousou sujar-me com um epitheto que não auctorisei. Insultou-me, amarrou-me ao pelourinho da obscenidade aggressiva da moral burgueza e cobarde, esgueirou-se a procurar refugio atraz do critico official.

Na verdade, era mais digno e mais moral entregarem-me *A victima*, quando fui a retiral-a. Não podia ser. Os empresarios-actores, costumados ao *baton* da caracterisação, tinham que manter os creditos a representarem de cara lavada a plena luz do sol.

Dizem aqui da esquerda: o *complot* empresario-critico, cioso da *moral*, previamente estabelecera a impossibilidade de um jaque tão proletario lustroso e no fio acotovelar-se com *smokings* talhadas no Amieiro. Um desprestigio para o *normal*!

Alli, onde reside o culto do Bello e tem supremacia a plastica de nítidos contornos, não era crível ter cabida o jacobino tresandando a liquidação social.

Que fazer?... Obstruir a passagem do *gauche* petroleiro, desconhecedor do *tic* revolucionario que não acompanha o *progresso* quando relembra Sodoma: – a dispensar a femea.

Assim, determinada a *linha* diplomatica, Othello, negociador, evocava ao petroleiro⁵³² a sombra de Yago – mette dinheiro na bolsa – em requintada perfidia.

O homem tinha razão na evocação pessimista – o dinheiro tudo compra – inclusivé a *moral-normal*.

Conseguido o fim alvejado pela empreza – demorar definitiva solução – o *fiscal* concluiu a obra. É de riso o pittoresco lance de comedia.

O publico admira-se?...

Que credito pôde merecer a *censura official* que nos camarins do normal architecta a formula capciosa dos documentos *officialissimos*, destinados a fazerem vêr a luz e a rampa *opportunamente ao Estatuario*, de Alberto Braga⁵³³. Conluia-se no Rocio e gera-se na repartição.

A burocracia, braço dado com diplomatas actores, zombando das determinações da academia!

É tudo por esta fórmula no abençoado torrão que pisamos.

A ser artistas, com entrada no sanctuario normal é condição, *sine qua non*, pertencer a grande roda.

Levantei irreverente um tudo-nada de véu protector dos mysterios da *moral official*?... Fiquem certos, ha mais a analysar.

Continuemos a defeza de *A Victima*, apoiado em auctoridades do meu paiz, que ninguem desconhece e todos respeitam, vou dar-lhes a palavra,

⁵³² Aqui com o sentido de «terrorista».

⁵³³ BRAGA, Alberto – *O estatuário. Peça em quatro actos*. Porto: Imprensa Portugueza, 1897. Fez a sua estreia a 5 de janeiro desse ano no Teatro de D. Maria II por ordem do governo à empresa, sendo ministro do Reino João Franco, mas foi um fracasso. SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I, *op. cit.*, p. 416.

no intuito de educar o *complot* dos *donas-marias*, – não de convertel-o – é impossível.

Diz Guerra Junqueiro no prefacio da *Morte de D. João*:

«A mulher illustrada e virtuosa póde lêr, sem côrar, a *Morte de D. João* ou o propheta Ezequiel. Os unicos livros que a devem offender são os que conduzem ao adulterio e ao sensualismo e não áquelles que, como a *Morte de D. João*, combatem violentamente tudo isso.

Eu sou brutal? Tambem o é o ferro e, braza em cima d'uma chaga. É a brutalidade necessaria. E vós preferis a chaga ao cauterio, preferis a poesia lasciva, corrupta, idealista, á poesia sã, á forte poesia revolucionaria.

A verdade nã conhece periphrases; a justiça não admite reticencias.»⁵³⁴

A *Victima* tambem é *brutal*; tambem provoca *chiliques* nos *donas-marias*, é *espelho* reflectindo muito carácter, portanto é *immoral*.

Descendo ás ultimas minucias, *A Victima* é subversiva. Condemna e denuncia a putrefacção familiar, annuncia philosophia Demolidora que não está em voga; basta-a ser condemnada na inquisição das litteraturas, assente nos escombros do Santo Officio progenitor dos *autos de fé*.

Falámos em nova orientação, dissemos e julgamos ser necessario e inadiavel transformar o meio economico e, ao gargalhar imbecil de *sabios* feitos a decorar *papeis*, respondemos com Silva Pinto:

«Traduzir as reclamações, decifrar os lamentos, registrar as Amarguras e os Desesperos é obra urgente e dever inilludível. Denunciar á Sociedade os seus grandes crimes collectivos é obra util, – pois que dá rebate simultaneo ao Pavor, ao Remorso e á Sensibilidade.»

Estou a vê-los: carão besuntado, soletram e não percebem... Justifica-se; prosa de homens não se fez para uso de eunuchos.

Faltava-me fato, *aplomo*, auctoridade para offerecer á *élite* audições de *A Victima*, depois de valsa de Strauss no sextetto?... Sobeja-me, porém, energia para defender-me de accusações infames a pretexto de habilidades de *panno de fundo*.

⁵³⁴ Prefácio à segunda edição da obra.

Cumpramos o dever até final. Tenciono lavar as mãos ao findar da *tarefa* educadora.

Ainda tem a palavra Silva Pinto:

«Para a pratica do Dever não se faz mister pergaminhos de auctoridade: é n'essa pratica que elles se conquistam.»

Eis justificada por escriptor illustre a gestação de *A Victima*.

Fiquemos hoje por aqui. Depois de falarem mestres é irreverencia a algazarra de discipulos.

Ernesto da Silva

THEATRO DE D. MARIA II. V.

(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA: N° 474 (1897), 20 DE FEVEREIRO, P. 2).

Finda a jornada imposta pela dignidade pessoal em justo desforço, sinto-me feliz. Não mais é preciso desmascarar hypocrisias normaes. A portentosa lição tem cunho immorredouro.

Antes de *tentar* a moral do theatro em D. Maria II, avisos nascidos de amisade pura precaviam-me; diziam ser preciso ao transpôr o bairro suspeito a prevenção de não dobrar esquinas – a evitar *picada*. Esqueci os conselhos, abri a alma; sorriram os *comicos*, esboçando-se-lhe na mente, contundida a golpes de *drama intimo*, a risonha perspectiva d'um *caloiro* a pedir chufas e canelão.

Detiveram-me a tempo. Os *de baixo* não acceitam de bom grado archaismos universitarios.

Liquidemos, porém, d'uma pennada o que resta de observação adquirida na encruzilhada *normal*.

A arte sã, capaz de indicar o Futuro e cauterisar o Presente, não tem domicilio em D. Maria. A entrar, além do *nome*, é indispensavel rebuscar no pechisbeque sentimentalista a theoria, o processo, a maneira, de dizer, consentir, applaudir, tudo quanto a sordidez d'uma epoca gasta necessita manter no expandir de paixões, que não provoquem rubor no gabinete... sendo incompativeis com as *frisas* protegidas no *normal*.

Os auctores dispostos a arcarem com a boçalidade e corrupção do *meio* devem, antes de buscarem os *donas-marias*, recordarem o Dante: – alli

não ha espereança. O adulterio *normal* está para as dictaduras politicas; disfarça-se, as *camaras* não dão por *isso*.

Perdidas são as tentativas de levantar o espirito do maior numero, evitando perigos a homens e mulheres. A moral burgueza, que não trepida em apertar braços de pequenas floristas em contorsões de *exgotada* á mesa dos cafés, defende-se, põe obstaculos, cria barreiras.

Não se salva, fique certa!

A ideia subtil que vem minando os moldes hypocritas e estreitos d'uma civilização decadente, não se detem, ante um comicio de cretinos a entravarem o progresso com obstrucção ridicula, á falta de verdade indiscutivel onde repousar.

A natural progressão social não conhece diques, habituou-se a transpôl-os; não fica extactica a contemplar meia duzia de criticos comicos, machuca-os quando muito.

Ao publico devo, porém, as ultimas palavras. Para meu uso bastam d'ora avante as brilhantes e verdadeiras phrases de Augusto de Lacerda no seu *Juizo Final*:

«E elevaes um Templo – ó estúpida alcatéia de hyenas e chacaes de Idéa e do Talento! – e fazeis d'esse Templo o antro da Intriga e transformaes a Arte em deusa irmã da Inepcia!».

É concludente.

O publico conhece já as linhas geraes da estructura moral de *A Victima*, os intuitos que a originaram, o fim que tem por alvo – denunciar defeitos, esboçar crimes, indicar a séde do cancro na faina da extirpação.

O auctor não é *immoral*, na opinião do actor Brazão expõe drama intimo; ultra-immoral é quem accusa, julga e condemna sem que a luz do dia venha indicar nos autos a determinante da sentença.

A moral de theatro fica de pé. *A Victima* não macculou as vestes alvissimas da matrona, retocada a carmim no *boudoir* das conveniencias mundanas. Emquanto o homem não der por *isso*, continue salpicando os quadris de *signaes* em tatuagem fim de seculo. Invalido o sentimento,

urge aguçar o appetite. Desapparece o molosso, fica-nos o *tótó* fraldeiro a symbolisar a degenerescencia.

A titulo de documento historico, passados seculos, é orientador para os investigadores d'arte retrospectiva.

Em breve, quando a verdadeira moral publica, fôr chamada a leitura official de *A victima*, ficará provado que o auctor foi insultado e os criticos calumniadores.

Até lá, esperarei em divagação phantasista o momento apothetico de ver guindar-se ás alturas a moral dos empzezarios-criticos, presurosa de descançar a fronte abatida, no collo das onze mil virgens.

Alegrem-se, *donas-marias*; meu trabalho é findo – premido o abcesso vou lavar as mãos.

Ernesto da Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

THEATRO DE D. MARIA II. VI.

(A MORAL DO THEATRO)

(O PAIZ. LISBOA, N° 486 (1897), 5 DE MARÇO, P. 2).

Impuz-me o dever de fazer luz sobre o caso da rejeição de *A Victima*, no theatro de D. Maria II, a pretexto de *immoral*.

Após cinco artigos de exposição e correctivo, provei, em rapido protesto, a justiça da causa por mim defendida.

No artigo II declarei dispensar pareceres officiaes de grupos academicos e assim procedi; fui-me a procurar quem com garantia auctoridade e sobeja amabilidade podesse auxiliar-me na elaboração de desaffronta condigna o tolo e malevolo epitheto de *obsceno*, que me fôra dispensado.

Antes de dar a palavra ao illustre escriptor que emittiu parecer sobre a *immoralidade* de *A Victima*, permitto-me poder affirmar n'este logar a tão lucido espirito a expressão de perduravel reconhecimento.

Tem a palavra Silva Pinto:

«Li, como v. desejava e me cumpria, o seu trabalho dramatico, e conclúo, no tocante á sentença do sr. Fiscal, que ella é, manifestamente, um subterfugio, – pois que até ao presente não ha provas em contrario da regular reputação intellectual d'aquelle nosso respeitabilissimo confrade. Ora, tal subterfugio não o considero eu uma acção perversa, mas uma demonstração de Fraqueza – por conta da Sociedade conservadora. O sr. Fiscal, regularmente ousado, teria dito: – “A peça, como trabalho de reivindicação social, não póde ser representada no theatro de D. Maria.” E v. ficava inteirado de que os campos estão definidos, sem excepção aberta por aquelle funcionario do governo.

Accentúo esta qualidade de funcionario do governo, para o fim de demonstrar que como tal, accusando de *immoralidade* a *Victima*, em vez de, abertamente e lealmente, defender o theatro normal contra a invasão socialista, o sr. Fiscal perdeu excellente occasião de cumprir o seu dever, e como velho escriptor, deixou escapar o ensejo de *motivar litterariamente* os seus embargos ao trabalho de um colega dignissimo de consideração.

Falei, ha pouco, da reputação intellectual de s. ex.^a, e permitto-me alludir ainda a semelhante *caso*, para declarar que não julgo o espirito do sr. Fiscal capaz de subtilezas como esta: – “O que é moral revolucionaria devia ser *immoralidade*... conservadora”. Seria esse o intuito determinante da sentença? No caso affirmativo e surprehendente, muito folgo com a vinda de tão subtil funcionario-critico ao theatro portuguez. Mas, como quer que o sr. Fiscal e eu estejamos já longe da feliz quadra em que dá gosto a folia no terreno da Olalectica, deixe-me-lhe condensar, muito sério, os termos da minha opinião:

Eu nunca poderia esperar que a peça de v. podesse vir a ser representada no theatro de D. Maria II, e mal concebo como os artistas, talentosos e praticos, á testa d’aquella casa, deixaram a v. esperanças de tal representação. A sua obra, de forte moralidade, de ardente prosa e de maculo juizo, deve soffrer ligeiras modificações, no restricto sentido das condições theatraes – e v. já a esta hora o reconheceu. É um valioso e nobre trabalho mas seria uma declaração de guerra em pleno campo inimigo.

Dos incidentes que á primeira vista o molestaram, póde v. extrahir as seguintes conclusões: – Que o inimigo pretendeu encobrir o medo falseando a verdade, e não ousando sequer, affirmar o direito de defeza. O falseamento da verdade não hesitou em calumniar aos olhos dos desprevenidos, a rectidão do seu espirito e a correcção do seu trabalho.

Estava já v. livre dos perigos da Calumnia pelo seu protesto e pelo instincto das multidões, quando me manifestou o seu desejo de que lhe enviasse o meu parecer – opposto ao do sr. Fiscal. Aqui tem v. esse parecer, que eu não lhe digo auctorisado pela Sinceridade, porque não sei já

bem se a Sinceridade auctorisa ou desauctorisa a gente. Esta duvida tambem deve ser *immoral* no gabinete do sr. Fiscal de D. Maria.

20-2-97.

Silva Pinto.»

Considera o auctor das *Noites de Vigilia* que fui calumniado, á ordem do Pavor de *cima*, pelo *critico* a soldo da arte official. Reunindo os factos expostos em anteriores artigos, demonstrei segura e cabalmente que fui *victima* da Amisade da empreza e do Medo burguez, abraçados em santa união.

Brevemente, em leitura official, a Opinião manifestar-se-ha segura e directamente sobre a justiça do meu desforço, gerado mais na revolta resultante de enganoso ludibrio que na perseguição official, successora de Herodes.

Quando a Burguezia se defende, é logica; quando intruja, é pulha.

Ernesto da Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

OS VERMELHOS. (NOTAS DE DOIS REFRACTARIOS)⁵³⁵
(A OBRA. LISBOA: Nº 147 (1897), 7 DE NOVEMBRO, P. 2-3).

Na ala dos revoltados mais dois homens.

Appareceram *Os Vermelhos*.

«O que é isto?

A palavra escripta de dois homens.

De que trata isto?

De tudo.»

Na generalidade do programma não entrevejo cabotinismo, diviso convicção.

A sociedade dos *parados* pergunta o que é?

A Revolta responde rapida e facilmente – a Injustiça é grande, a Demolição tem de ser completa.

Está justificada a tarefa emprehendida.

Mayer Garção, Fernando Reis, novos para a lucta parecem rijos para o combate.

A mocidade empresta-lhes vida, a revolta dá-lhes rijeza.

Deter-se-hão no caminho, vencidos do desanimo?

O futuro dirá.

Por agora sabemos *isto* que julgamos essencial e digno de applauso.

⁵³⁵ O artigo, aparecido na seção do folhetim do jornal *A Obra*, é uma crítica à obra de Fernando Reis (1865-1936) e Mayer Garção (1872-1930) publicada em Lisboa pela Empresa Litteraria Lisbonense Libanio da Cunha em 1897. Trata-se de uma colectânea de artigos dos autores, jornalistas republicanos, a qual supôs o surgimento público de ambos.

Os dois refractarios podiam aspirar á saudação dos cafés e tabacarias *consagradas*, ao *perfil* – obra de amigo caricaturista em hora de manejo reproductivo – e terem lugar no estante das mulheres.

Dispensaram a apotheose.

Pés a caminho da Vida, não compraram monoculos no Miramon⁵³⁶ e foram a munir-se de chicotes.

Fizeram bem.

O monoculo não faltará á missão salvadora de *boia* abraçada por cretinos a asphyxiarem-se n'um mar de ignorancia.

Repetitando a Mulher, desprezaram a *fufia* e não aspirando a consagração de quinta ordem, dispensaram os derivativos albuns das familias conhecidas, á explosão de colera que lhes vae n'alma.

Preferiram pontapear o Estabelecido e o Convencional com albergue garantido nas cabeças ôcas dos homens feitos segundo os dictames pedagogicos da Instrucção Publica ali do Terreiro do Paço.

Era tempo de apparecer *alguem*.

Os miseraveis iam entregando-se á dolorosa convicção que as escolas superiores só produziam tolos de capa e batina e cabelleira monumental divorciada da thesoura do mestre barbeiro – ou *coiffeur* – segundo a moda.

Insuflados do fogo justiceiro de Vallés e Sèverine⁵³⁷ que chicoteam ladrões e fazem revoltados, apparecem os dois refractarios.

Sem temor á ignorancia dos conhecidos, dispensando a auctorisação da Familia a terem idéas e certos da incompetencia do guarda-portão que os conhece e ri do caso, vieram para a Rua a fallar Verdade esperançados de encontrarem Gente.

Oxalá os fados sejam propicios.

⁵³⁶ A Óptica Miramon, na Rua da Prata 269-271, em Lisboa, foi fundada em 1860 e ainda continúa em serviço ao público, embora sob a marca Excellent Optica.

⁵³⁷ Jules Vallès (1832-1885), fundador do jornal *Le Cri du Peuple* e membro da Comuna de Paris, partiu ao exilio em Londres depois de ser condenado à morte. Numa reunião em 1879 em Bruxelas conheceu Séverine (Caroline Rémy), quem apoiou o jornal e dele se encarregou após a morte de Vallès.

É difficil a tentativa e perigosa a ousadia.

A sociedade quer digerir, teme pensar.

Na resistencia a vencer reside o valor da *obra*.

Trombetear Revolta, ter sopros de Barricada, apostrophes de Communa á natural aos leitores das *Pages Rouges* e *L'Insurgé*⁵³⁸.

É tarefa solicitadora a punhos fortes de convicção robusta quando a dentro d'uma sociedade que vive a intrujar-se na Escola, na Familia e no Club, ingerindo elixires tradicionaes que são outras tantas fraudes seculares, permittidas pela ignorancia dos expoliados á intrujice dos expoliadores e seus acolytos.

Os dois *irregulares* fallam em pedradas garantidas?

Pena é se fallarem a comprovar o valor e a audacia do trabalho lançado a publico.

Á mistura com a gaiatada adventicia das redacções repuxando a funda da tolice, é de esperar o escoucear orthodoxo d'algum *burro* em disponibilidade de cangalhas, intencionado de preservação ao Throno e ao Altar, a ornear lacrimoso e suggestivo.

A irresponsabilidade garante os burros e os garotos ligados pela affinidade.

Fernando Reis, Mayer Garção affirmam refractarismo á Convenção, á Lei, ao Arbitrio, á Tradição, á Escola, a todas as algemas do Pensamento?

Basta!... Estão ameaçados.

N'uma *pennada* crearam uma récua de inimigos aptos a atacarem o Cerebro em nome do Estomago.

A Digestão vae impellir os commensaes.

Esperem a marrada.

Desde o *P. C.* ao serviço do Veiga a defender os 450 réis – afóra os descontos – até ao chefe do partido pressuroso a defender as *pastilhas revolucionarias*, a reacção vae sentir-se.

Portas vigiadas, homens denunciados.

⁵³⁸ *Pages Rouges* (1893) é uma obra de Sèverine; *L'Insurgé* (1886), de Vallès.

Espiões em serviço do soldo e malandros a defenderem o *truc* ganhão vão accommettel-os.

Resta um recurso: relembrar as touradas fidalgas e formar *casa da guarda*.

Eis o futuro de *Os Vermelhos*, dada a persistencia no ataque.

Emquanto ao objectivo, parece-nos que vão confundir muitos homens e encontrar poucas almas.

A alma é superfluidade que pouco liga com a *austeridade* da civilização burgueza.

A titulo de advertencia: – É provavel o silencio da *letra redonda*.

Surprehendida em requintes de desvergonha e posta a nú, justifica-se a interdicção do evacuar de sandices com aspecto de infamias habituaes.

Recolhida á retrete do *silencio cerebral* obstina-se em funcionar e não póde.

O ponta-pé dos *Vermelhos* entupiu-lhe o recto e forceja ás escondidas no desvio do volvo que tem de engulir, reintegrando a normalidade das funções.

A dar-se ares talvez affirme ao publico ter lido.

É mentira!

Não sabe lêr.

Querem provas?

Vejam: – Diz que o Capital é protector do Trabalho e o miseravel, adulo indispensavel á florescencia da caridade.

Conclue-se: – Não lê, não pensa, não escreve. Intruja, vive e explora.

*

* *

Dizem os *Vermelhos* que repudiam a *orientação definida* e seguem caminho da Revolta a fazerem luz, na intenção de afugentar bandidos.

Teem que fazer.

A espantar os quadrilheiros encolhidos ahi, nas esquinas do Privilegio e do Roubo, não basta lanterna; os sicarios zombam da luz e requerem cacete.

São muitos.

Encontram-se de todas as côres e variados aspectos; travestem-se de espiões e guindam-se a bandidos com escala por *souteneurs*.

Distinguem-se difficilmente da gente limpa. Assoam-se a trapos vermelhos e tambem fallam em ideal! – os gatunos.

Se *Os Vermelhos* não se acautellam, á meia volta vêem adejar junto de si mais mosquitos que borboletas.

Emfim, a experiencia demonstrará pelo facto que não ha erro na previsão.

Vamos á *obra*.

A leitura dos *Vermelhos* faz bem ao espirito, tira das guellas, á laia de saca-rolhas, expressões de raiva que ha muito nos vinham engasgando.

Grito de revolta sincera não precisa ser *escola*, basta que desperte os *pés-descalços* e lhes aponte a plethora dos vampiros que vivem da anemia dos sem-casa e sem-pão.

A fallar Verdade, a indicar o Futuro não é preciso numero no *bonet* e genuflexão á disciplina, quase synonymo de açamo.

Erguida a bandeira vermelha no vasto campo da Sociedade Ladra, sejam *Os Vermelhos* vedetas do grande exercito de famintos acampados sem abrigo sob a cupula azulada d'um Ceu já insensivel ao soffrimento da Humanidade.

P'rá frente! diz um a outro refractario?

P'rá frente! dizemos nós todos proletarios da officina e da escola, ávidos de justiça que não é feita.

Impellidos do mesmo desejo, aptos para a mesma lucta, – quando a penna dér logar ao punho, – nós, os sem-conforto, esmagados pela Iniquidade, renascemos das proprias cinzas como a *mythica Phenix* e levaremos de vencida ao final do esforço os *maitres* que teem brilhantes e não suam sangue.

Os *Vermelhos* não são um folheto, atingem a craveira de symptoma.

Ámanhã, outros que se entregavam a cultivar o verso mystico em here-tica voluptua e jogavam macabros malabares com femurs e clavículas, á falta de orientação sadia que lhes mostrasse a *arte social*, hão de vir juntar os seus clamores e assestar arietes e catapultas contra a Babylonia burgueza.

O tempo é de renovação; não ha direito a embalar neurasthenias em copulas mysticas e contorsões macabras de esqueleto animado e descrente de emprego, mostrando o *diploma* á porta das secretarias.

Emquanto os intellectuaes enganam a fome ou distraem os ocios fabricando *chinoiseries* e rebuscando classicos, ha cá *em baixo* um poema de dores insoffríveis e inenarradas que povoam os subterraneos sociaes de agonias dantescas.

Vá!... Quem é homem não deve passar a vida a cantar esgrouviado e pedinte o buço d'uma mulher, deve traduzir em linhas de luz e caracteres de fogo a dor obscura dos miseros pequeninos, escorraçados e famintos á falta do pae que desabou do andaime ou foi mordido nas engrenagens.

Não alleguem médo!

Os *Vermelhos* já deram o exemplo incitador.

Dispensem o applauso da Gigi costumada a serenatas decadentes, não solicitem auctorisação á *titi* adormecida na recitação esgazeada do – *vae alta á noite* – e venham ser homens que não fazem *crochet* mas tentam defender e dar a victoria ás victimas da Sociedade.

Senão... não teremos piedade ao defrontarmos bachareis esmolando a subida fineza d'um logar, no *engraixador* frequentado pela burguezia rapace ao sair a passeio.

D'aqui, da modestia da *blouse* remedada e da rijeza dos callos que defeituam as mãos, enviamos aos *Vermelhos* a mais cordeal das saudações, esperançados que o Futuro nos irmanará na Felicidade, como o presente nos amarra ao mesmo Soffrimento.

Ruy

DO GALLINHEIRO...

(A OBRA. LISBOA: N° 207 (1899), 22 DE JANEIRO, P. 3).

Raras vezes tem motivo a justificação nos jornaes operarios, registo especial de trabalhos dramaticos interessando os dominios do drama social, filiado em modernos processos de arte ao serviço d'um ideal de justiça.

Felicitemo-nos, porém, dantemão, obrigados a tratar de *A primeira pedra*, peça em 4 actos, original de Luiz Galhardo, que em beneficio do actor Joaquim d'Almeida subiu á scena do Theatro do Gymnasio⁵³⁹.

Não hesitamos em renovar a affirmação. Foi com intenso jubilo que assitimos á representação da ousada tentativa de Galhardo, que, por instantes fugido á tara militarista, soube plantar no proscenio um dos innumerados aspectos das quotidianas iniquidades, geradas pela civilização capitalista. Em geral, *os novos*, na sua quase totalidade, mais preocupados com a possivel celebreira de *intellectuaes*, malbaratam tempo e trabalho na factura da *obra* insignificante, que raro vae além de neurasthenicos poemas feitos a femurs roxos e craneos verdes.

Galhardo fugiu á malta e fez bem, inspirando a *obra* na arte social que tem por missão succeder-se á anemia artistica do romantismo laivado de

⁵³⁹ Joaquim de Almeida (1838-1921) notabilizou-se como ator nos teatros de Lisboa dos fins do século XIX. Entre as personagens mais importantes que interpretou salienta *Papá Lebonnard*. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 56. O dramaturgo Luís Galhardo escreveu para o Teatro do Gimánaio o drama social em quatro actos *A primeira pedra*. IDEM – *Ibidem*, p. 775.

naturalismo, proprio a galvanisar o espirito estreito das meninas decadentes, babosas do *genio* barato dos primos, fabricantes de lóas.

Assim, temos, em *A primeira pedra*, mais um grito de protesto dos que trabalham, vivido, audaz, sentido. Obedecendo a taes intuitos, a obra de Luiz Galhardo tinha forçosamente de merecer o nosso incondicional applauso, tanto mais que a rapaziada das escolas, disposta á *pachochada* em prosa e verso, parece até agora pouco disposta a preocupar-se com casos grandes de arte social.

Além dos trabalhos já representados, *O capital* e *Os que trabalham* fóra *A victima* – peça condemnada pelo commissario regio ao serviço da arte official – só na *Primeira pedra* encontramos em theatro portuguez o reflexo dos salutaes e revolucionarios exemplos que nos palcos estrangeiros vão dia a dia proficuamente ajudando á tarefa de renovação social, que o final d'este seculo impõe ás consciencias lucidas, orientadas pela Verdade.

Digamos porém o que julgamos do novo original, dispensando traslado de entrecho já racontado pela imprensa diaria.

Em *A primeira pedra*, critica pouco atilada e auctorisada, tem julgado encontrar approximação a outras peças já sagradas pela *ribalta*. Discordamos. Falla-se no *João José*, e nas entrelinhas da imprensa mexeriqueira, advinham-se referencias a trabalhos apontados em periodo anterior.

A má vontade, braço dado com a ignorancia, não quer ver que taes trabalhos, obedecendo a identica orientação e unidade critica, fatalmente teem de denostar parallelismo na factura, sem intenções de plagio ou reminiscencias impertinentes.

Então a referencia com o *João José* por nós lida na imprensa, é singularmente injusta; se assentarmos ser a peça de Dicenta quase absolutamente banal, feito confronto com o original devido a Luiz Galhardo.

Assim, *A primeira pedra*, tem a dentro do simplissimo entrecho – indispensavel condição ao genero – quatro actos, entre os quaes, considerados sob o ponto de vista de theatro, escolhemos o primeiro, que julgamos ser o mais completo; a avultar como *senão*, mais que desculpavel, tratando-se

d'uma estreia – o arrastado da acção que segundo acto em fóra, dá lugar a falta de objectividade, que, no publico, se transforma em monotona impressão. A juntar ao reparo, podemos exprimir a impressão de desgosto por nós sentida, o vemos a figura do revoltado *Pedro*, ficar apoz as primicias do 1.º acto, reduzido a simples *ajuda* creada simplesmente para provocação a contrastes com o principal personagem – o velho João.

Efeitos de *trapezio* – segundo calão theatral – em beneficio d'um personagem com sacrificio do conjuncto, compromettida que fica a figura destinada a maior destaque e relevo, justificados na psychologia do *Pedro*, tão promettedor de mais largos impetos durante a acção. Accrescendo ás annotações que deixamos expressas, ha mais, não considerarmos bom *processo* fazer transitar do 3.º para o 4.º acto a scena capital: offerecida ao espectador quando já cançado de esperar forte vibração, mais está propenso a sahir, de volta a casa, que disposto a recolher impressões de *ultima hora*, mais propias a reduzirem-se em acto final n'um verosimil *fecho*, por situações menos tensas, diluindo-se commovente e quase aquietante a ultima nota do trabalho que finda.

Taes os nossos reparos sobre a elaboração de *A primeira pedra*.

Emquanto á essencia, perfeitamente d'accordo, não regateando ao debutante os applausos a que tem incontestavel direito. É trabalho são, ardente, prenhe de generosas intenções, que é dever de todos os proletarios correr a applaudir.

Ali, na audição de *A primeira pedra*, os operarios teem muito que aprender, e certamente o espirito das victimas sociaes poderá por instantes encontrar o ensinamento tão preciso á sua descurada educação.

Tanto basta a justificar o nosso applauso.

A fechar, recorda-nos ter Luiz Galhardo, posto na bocca do principal personagem a titulo de orientação phylosophica «que a primeira tarefa dos revoltados reside na suppressão dos inuteis» deixando transparecer assim, um fero e entranhado odio de classes, que não é, nem podia ser, a essencia das aspirações libertarias proclamadas pelo socialismo.

Os que soffrem, e se inspiram na consoladora phylosophia da igualdade, conductora á maior elevação moral do individuo, não almejam suprimir *inuteis*, desejam sómente em nome da Justiça transformar o *meio*; para todos – sem excepção – poderem ser uteis, eliminando o parasitismo social que determina a selecção entre explorados e exploradores.

Assim, e porque assim é, parece-nos ser mais humana a theoria, sem laivos de explosão da besta, inquinada de primaria barbarie.

Fechar estas notas sem especial applauso e agradecimento a Joaquim de Almeida, seria imperdoavel ingratição. Já elle na passada epocha nos offerceu o *Papá Lebonnard*⁵⁴⁰, provando de tal maneira que o seu superior espirito de artista soube offerer protecção ás tentativas da arte social, destacando-se d'entre emperezarios e actores, sómente aptos a viverem de estafados e pornographicos *processos*, transitando da laracha do *Reino das mulheres*⁵⁴¹ até a pesada indigestão dos dramas de *pan e corda*, com possivel filiação no *Comboio n.º 6*, orientando marcha pelo *Filho maldito*.

Esquecia-nos o desempenho de *A primeira pedra*.

Que dizer?

Salvo Joaquim d'Almeida em toda a peça, Ignacio no 1.º acto, Barbara e Ramos, em determinadas situações, podemos affirmar-o, deixou muitissimo a desejar⁵⁴².

Não admira, a *pochade* desopilante fez casa no Gymnasio e... contaminou os artistas.

⁵⁴⁰ *Le Père Lebonnard* (1889), de Jean Aicard (1848-1921), foi adaptada à cena portuguesa por Luís Galhardo (1874-1929), responsável pela tradução, e Manuel Penteadó (1874-1911). *Papá Lebonnard* foi encenada no Teatro do Gymnsaio em 1898 pela Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

⁵⁴¹ É uma peça fantástica em três actos de E. Blum, imitação de Sousa Bastos e música de Freitas Gazul. Foi representada no Teatro da Rua dos Condes em 1890, e reestreada no mesmo Teatro e no Teatro da Trindade. Vid. SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português*. Coimbra: Minerva, edição facsimilada, 1994, p. 302.

⁵⁴² Os actores Joaquim de Almeida, Ignacio Peixoto, Barbara Volckart, e Luiz Ramos integravam a companhia de artistas do Teatro do Gymnasio. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 822.

*
* * *

Nota final. – Já lemos na *imprensa* que dá a lei, críticas de desdenhoso aprumo, relegando a *obra* de Galhardo ao Príncipe Real, por ser *cousa* para emocionar platéas populares.

Raça de criticos! Parece que o sentimento é monopólio do povo, ainda ingenuo e bom?

Comprehendemos. A critica só sente o *frisson* do entusiasmo, quando entesta com adulterio desvergonhado.

Emfim!... Intimo sentir que julgamos não merecer maior discussão.

Ernesto da Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

THEATROS. PRINCIPE REAL

(O MUNDO. LISBOA: N° 48 (1900), 2 DE NOVEMBRO, P. 3).

Obedecendo a bom criterio administrativo resolveu a empresa Ruas levar hontem á scena a velhissima oratoria de Brás Martins, *O Santo António*.

Escusado será dizer que a empresa contou uma bella enchente, não só justificada na frequencia propria de espectaculos em dias santos, mas porque, o renome da velha obra de theatro e o mysticismo e sobrenatural que da mesma se evola bem satisfaz ao espirito popular ainda hoje não propenso ao apreciar de trabalhos mais humanos e verdadeiros.

Do desempenho ha a distinguir Ernesto do Valle, que muito bem se houve na interpretação do difficil papel de Santo Antonio, dando-se a um bom typo mystico sem fracos a descambarem no ridiculo, elevando-se a notavel perfeição em muitas scenas. A notar, temos tambem Adelina Ruas, sempre gentil, e intelligente, encarnando á altura o bom espirito do arcanjo Gabriel; acompanhando as primeiras figuras é de justiça não esquecer Pato Moniz, Soares, Encarnação Reis e Caetano Reis que auxiliados pelo conjuncto puderam dar ao *Santo Antonio* interpretação digna de maior applauso⁵⁴³.

É de esperar novas enchentes, a julgar pelo exito obtido hontem.

E. da S.

⁵⁴³ Os atores Ernesto Valle, Adelina Ruas, Pato Moniz e Eduardo Soares eram alguns dos artistas, bem como o matrimónio formado por Caetano Reis e Encarnação Reis, da companhia do Teatro do Principe Real, em Lisboa. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 822.

(Página deixada propositadamente em branco)

**UM INIMIGO DO POVO. (DRAMA EM QUATRO
ACTOS, ORIGINAL DE HENRIK IBSEN,
DRAMATURGO NORUEGUEZ)**

(A OBRA. LISBOA: N° 302 (1900), 18 DE NOVEMBRO, P. 3).

Pois que o actor Luciano⁵⁴⁴ – um dos novos actores mais correctos e promettedores – de accordo com a empresa do Principe Real, quis offerer-nos ensejo a fallar de Ibsen, vamos dizer no limite estreito da valia litteraria de que dispomos quanto pensamos e sentimos durante a audição de *Um inimigo do povo*⁵⁴⁵, peça representada na passada semana em festa artistica do já citado actor.

Porém, é preciso antes de fallar da obra do escriptor norueguez, dizer algumas palavras sobre a obra de Ibsen no seu conjuncto – obra que já é larga e muito poderosa – sem esquecer no emtanto as duas feições intensamente caracteristicas que a dividem em desigual exteriorisação.

N’uma das *maneiras* de Ibsen – permittam-nos o termo – que classifiquemos de subjectiva, vê-se o artista tomado da influencia do meio; d’ahi, succeder, embora a resistencia individual-artistica de Ibsen seja de primeira grandeza, que a obra é subtil construida sobre lendas, vaporosa: qualquer coisa de vago a evoluar-se da terra e condensar-se no espaço na

⁵⁴⁴ O ator Luciano de Castro desenvolveu quase toda a sua carreira no Teatro do Príncipe Real. SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português...*, *op. cit.*, p. 274. Em 1904 seria um dos responsáveis, junto a Araújo Pereira, da programação do Teatro Livre, onde foi representado *Em ruínas*, de Ernesto da Silva, falecido o ano anterior.

⁵⁴⁵ Esta peça de Ibsen foi traduzida por Luís Galhardo. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 775.

estructurisação phantastica, ondulante, quebrada de neblinas que ao crepusculo vão subindo a condensar-se immaculadas e brancas sob o dorso das montanhas.

A obra repassada de pessoalismo, saturada de ethnismo, vivendo d'um *quid* estranho, para nós nascidos em paizes de ceu azul e luz crua, fica-se então quase no mysterioso e impenetravel e difficilmente as bellezas do poema ressaltam fortes aos olhos d'aquelles, que, não iniciados na pureza da moral pura e natural – hoje só possivel na arte de expressão libertaria – se encontram vasio de emoção ante o successivo desenrolar da acção. É por isso, por falta de comprehensão da belleza moral da obra ibseniana e por se defrontarem typos humanos de ethnica desconhecida, movidos de propria psychologia, difficil de percepção á nossa analyse educada em objectivisação psychologica muito outra, devida a impulsos de raça e condições mesologicas inteiramente diversas que em regra o espectador latino se deixa invadir de tedio – á falta de commoções fortes – perante o teatro de Ibsen, que, seja dito de passagem, não lhe conhecemos superior em processo moral, justeza de figuras e carpinteria de acção.

É ver, como na obra ibseniana, de primeira á ultima phrase tudo é natural, logico, successivo, seguindo harmonico e simples, concatenado e preciso até findar a ultima scena. Basta comparar o brilhantismo de tão rigorosa factura em frente da dramaturgia nossa conhecida para se julgar do supremo poder creador que a esta hora faz contestação ser Ibsen o primeiro dos dramaturgos modernos.

Emquanto a escola franceza, a mais brilhante e por isso mesmo a mais falsa, tem altos e baixos na exposição do poema e moldagem das figuras, vê-se ao contrario em Ibsen a peça ser um bloco sem falhas, homogeneo, integro.

A ceder porém a meus impulsos esquecia-me precisar qual a divergencia de exteriorisação que no theatro do dramaturgo norueguez accusa as duas *maneiras* por mim citadas.

A primeira que já classifiquei de intensamente subjectiva é aquella onde se podem filiar *Rosmerhoolm*, *Dame de la mer*, *Pato Bravo*, e *Sol-*

ness⁵⁴⁶; aqui domina o symbolo: é ver a lenda dos cavallos brancos no *Rosmerhoolm* dominando a acção no symbolismo dos mortos, vagueando junto aos lares abandonados, sem deixarem aos que ficaram liberdade de fuga a velhas recordações de que se nutrem, na impossibilidade de olharem fixamente o futuro, despontando já n'uma aurora de luz suave e emancipadora; é ainda observar no *Pato Bravo* o symbolo do ideal ferido de morte abysmar-se na lagôa da vida e exangue ficar-se no fundo, bico lançado ás plantas, fixando-se, para não mais emergir e reaparecer na terra que lhe foi hostile.

O que fica, basta a estabelecer que n'estes trabalhos a fórma synthetica do symbolo poetico só é penetravel áquelles sedentos de perfeição moral, capazes de intuição a descortinar na grande arte ibseniana o quilo dolorido d'uma alma ferida na analyse intima das miserias moraes occultas na vida social.

Esta é pois a maneira subjectiva, superiormente requintada, de não facil percepção aos frequentadores de theatro hoje tarados das mais ignobeis obcecações.

Depois, e é isso que de momento mais devemos tratar, vem a maneira objectiva: isto é, o trabalho dramatico feito para comprehensão do grande publico, a arte exornada dos mesmos conceitos de pura philosophia libertaria, ferindo aguda, penetrante, escarpelosa, pondo a nú os reconditos da miseria humana.

A revolta sopra qual vento de fogo, as mentiras e convenções crestam semelhando cardos queimados do sol implacavel e quase vae a affirmar-se na suggestão do poder critico do auctor e na absorpção consoladora da doutrina, de momento a momento esfusante, ora terna como um beijo ora feroz como um uivo, que Ibsen é um militante das reivindicações mais ousadas, apostado em fazer pedacos tudo quanto a hypocrisia e falsidade

⁵⁴⁶ Obras de Ibsen. Obsérve-se como, com exceção de *Pato Bravo*, Ernesto da Silva cita as obras a partir da tradução para o francês.

da vida social engendram para desvio do Homem á simplicidade da vida feliz simples e natural.

Na obra de Ibsen ha gritos lancinantes de vencido, de envolta com fremitos de vendedor predestinado.

Assim, conhecido já na leitura dos diarios o entrecho de *Um inimigo do povo*, não demorarei a descrever o que por sabido me parece desnecessario rememorar, visto que o *Inimigo* filiando-se na maneira objectiva propria á photographia das almas e das paixões taes quaes agora se estadeam onde quer que impera a civilização capitalista é por isso mesmo, só uma peça de costumes trabalha com não vulgar sinceridade.

O *Inimigo* encorpora-se pois junto da *Casa da boneca*, *Sustentaculos da sociedade* e *União dos jovens*⁵⁴⁷, mantendo acima da nebulosidade do symbolo a intenção critica e demolidora dos costumes e sentimentos contemporaneos embora seu auctor affirme não ir a obra além do desejo de dar exacta visão do que é a vida nos seus mais vulgares aspectos.

Convem aqui um reparo, que não vae além de intima opinião: affirmam alguns, ser Ibsen homem provadamente libertario, afincadamente trabalhando no esboroamento da podre civilização de nossos dias; embora porém pese a outros espiritos aqui direi não ser tal meu sentir, vendo apenas na maneira segura de critica ibseniana a consequencia renovadora de natural gestação n'uma alma de artista independente e puro, aspirando sempre á Belleza pela Verdade e á Perfeição pela Belleza.

É por isso que as platéas vulgares, entre apavoradas e raivosas, sentindo-se surprehendidas na exhibição dos defeitos que bem occultos julgavam no fundo da alma torva se constroem, contorcem e blasphemam diante do *Inimigo* e *Casa de boneca*, quedando estupidas e insensiveis quando ora audição dos trabalhos symbolicos não conseguem entrever o motivo artistico procreator da obra.

⁵⁴⁷ Note-se como neste caso Ernesto da Silva coloca os títulos em português, talvez em tradução própria, para a sua citação no artigo.

Larga vae já esta descolorida impressão e porque não desejo findar sem fazer nova referencia á não intenção de Ibsen em provocar a queda dos arruinados esteios sociaes, – Auctoridade, Lei, Dogma, Propriedade, arrojar-me-hei a dizer que o dramaturgo norueguez é como Zola ou Tolstoi um artista, que, sem obedecer ao rigorismo scientifico e experimental do francez ou ao espiritalismo christão simplista e negativo do russo, canta como poeta que é a Vida, alçando a vista genial á Liberdade mais perfeita embora submettendo o arrojo de imaginação aos preceitos da sciencia moderna quando a modelar um typo humano.

Ibsen, Zola, Tolstoi, são assim, ainda sem o medirem, bellos e musculosos cabouqueiros do Futuro, emprestando aos espiritos desolados e rebeldes esperanças que consolam e protestos que incitam á grande faina remodeladora.

Agora, a fechar, endereçando ao meu amigo Luciano o mais sincero e caloroso applauso devido ao arrojo do commettimento e á grandeza dos intuitos que o moveram, tenho ainda por dever felicital-o visto ter offerecido ao publico a prova evidente de não ser Ibsen um artista confuso e nebuloso incapaz de ser comprehendido em Portugal, destruindo de tal arte a manha reaccionaria posta em pratica pela empreza do theatro de D. Maria na passada epocha, quando fez subir á scena o *Pato bravo*⁵⁴⁸ esperañada que as nebulosidades symbolicas desacreditariam o genial dramaturgo ante um publico tão *gommoso* quanto depravado e ignorante.

Receba, pois, o nosso amigo Luciano as nossas felicitações e o povo trabalhador, se é que póde sentir entusiasmo e gastar dois vintens, apresse-se a receber na audição de *Um inimigo do povo* um banho de Verdade digno de não ser olvidado.

Ernesto da Silva

⁵⁴⁸ Foi representado no Teatro de D. Maria II na versão de Sousa Monteiro, com encenação e interpretação de Alfredo Ferreira da Silva.

(Página deixada propositadamente em branco)

THEATRO DO POVO

(A OBRA. LISBOA: N° 304 (1900), 2 DE DEZEMBRO, P. 3).

Pensa-se em dar realisação a esta idéa.

E na verdade, constatando como está o grau de quase suprema ignorancia e rebaixamento moral, de que a sociedade portugueza enferma, parece-me ser a execução de tal idéa uma das maneiras mais praticas e objectivas de insuflar no espirito do grande publico os elementos de regeneração moral, tão necessarios á hora presente, para garantia do grande trabalho de reforma social, em que veem empenhados os espiritos mais lucidos.

Depois, ha que ver, o theatro é por si mesmo a primeira força educadora a dever ser posta em jogo, dado que é o melhor vehiculo de educação popular attrahindo a grande massa á lição facil, vinda do palco, no visionismo da obra que em si concentra a expressão artisticamente elaborada das grandes dores e alegrias humanas. No palco, o ser humano mostra-se poderosamente suggestivo a indicar ao espectador quaes são os melhores preceitos de moral a seguir, quaes são os melhores sentimentos a cultivar.

E, assente que a primeira causa da nossa desgraça como cidadãos e do nosso aviltamento como povo, resulta da depreciação moral em nós albergada, mercê da pernicioso influencia que após seculos tem vindo a escorrer do Estado para se infiltrar ainda na mais humilde camada social, urge lançar mão da Arte e d'ella fazendo alavanca a remover a vida falsa, convencional, esteril, da nossa epoca, eleva-la a propulsor de nova civilisação.

A arte, posta assim ao serviço da Evolução, que de novos horisontes póde abrir ao nosso espirito sedento de Ideal e educação póde dispensar ao povo!... Ali, na scena, mostrando na objectivação dos personagens variadas fraudes da vida social quer nos dominios da familia, da politica, da economia que de ensinamentos se não podem offertar?!...

Á visão do povo pode offerecer-se o quadro impressionante das grandes torturas da miseria dourada ou repellente, os varios typos do equilibrio moral hoje applaudidos e triumphantes acompanhando no rir da comedia a vida falsa e convencional dos *directores sociaes* surprehendidos em flagrante de viver intimo, typos que cá fóra alçados no palanquim triumphal se desenham tão grandes e poderosos e vistos ao pé perdem a estonteante douradora dos idolos a que o povo se curva por que os não conhece na intimidade.

Muito e muito poderosamente a Arte póde servir o Povo já divertindo-o já educando-o. O que muitas vezes se não alcança de ensinamento n'um artigo de fundo na impossibilidade de comprehensão aos que não sabem ler ou lhes falta habitos de leitura e preparo intellectual á assignatura de idéas largas, consegue-se pela reconstrucção da vida social posta em foco no palco, escarpellada e nua, penetrante e forte.

Pelos motivos expostos e por muitos outros que ainda hoje calo a não roubar espaço a melhores opiniões, preciso, muito preciso se torna pôr a Arte em franco auxilio ás classes desprotegidas e exploradas.

Até agora o povo tem julgado ser o theatro um motivo único de prazer; é necessario mais, ensinál-o a ver no theatro a mais attrahente e productiva escola, capaz de offerecer-lhe nas grandes explosões dos sentimentos humanos postos em lucta o enthusiasmo das grandes e nobres reivindicções conjunctamente dando ao espirito momentos de goso e base de educação e defeza.

Tal é grosseira e largamente tracejada a minha opinião sobre a valia artistica e social do Theatro do Povo.

Ernesto da Silva

O THEATRO DO POVO

(O MUNDO. LISBOA: N° 85 (1900), 9 DE DEZEMBRO, P. 1).

Está uma idea em discussão. *O Theatro do Povo* é motivo n'este momento a um inquérito que embora irradiando d'um núcleo humilde – o semanário socialista *A Obra* vae tomando vulto, condensando critica, creando iniciativa,

E a que vem o *Theatro do Povo*?

Da minha lavra não respondo: ao dr. Brito Camacho deixo a replica, transcripta do seu bello artigo *O pobre povo!*... escripto um dia após a ultima burla eleitoral:

«A Democracia portugueza fica sem representação no parlamento; mas tem cá fóra um grande campo, um immenso campo, onde poderá exercer proficuamente a sua actividade, no sentido de impedir a derrocada que se approxima,

Teremos de começar pelo principio».

A abrir caminho, a lançar enxada na terra rijá apresenta-se o *Theatro do Povo*: não é elle, certo, maneira a fazer deputados; orientando-se em melhor intuito propõe-se fazer cidadãos. E basta justiça acode aos que assim pensam.

Mas... p'ra que engendrar phrases se o trabalho está feito.

Do artigo citado transcrevo ainda:

«O pobre povo!

Torna-se mister educa-lo, instrui-lo; e pois que o não querem fazer os proprios a quem este dever incumbe, façamo-lo nós outros, os que nos dissemos seus amigos, privilegiados pelo talento ou pela fortuna, cada

qual conforme as suas aptidões e os seus recursos, mas trabalhando todos com o desinteresse de apóstolos, com a dedicação de evangelistas, n'uma grande convergencia de esforços, os olhos fitos no mesmo ponto luminoso, muito ao longe, n'um futuro de redempção, de amor e de justiça».

Não ha negar que este fallar reanima e dá fé.

Vê-se, apercebe-se, descobre-se que ao termo de boa campanha educadora, desinteressadamente posta e sinceramente elaborada ha de colher-se a multiplicação dos espiritos claros; habituados á luz, propensos á Verdade, saturados de Perfeição encontrar-se-hão ao final, mais, muito mais do que hoje se encontram aptos á vida em melhor seculo e em melhor cidade.

A prova que – «a revolução não pode ser uma cabriola de palhaço, nem a evolução é precisamente a inércia d'um paralytico» – tra-la em seus flancos a idéa creadora do *Theatro do Povo*.

Porque esta idéa, ora em discussão consubstancia – a revolução consciente pela evolução educadora. É assim que a julgam em França e na Belgica; e se me reporto a taes exemplos é por vêr que ao estímulo nacional é sempre bom indicar já ter recebido sagração em terra extranha a idéa propagada ou em via de realisação.

E a attentar nas altissimas consequencias derivadas do *Theatro do Povo*, não tem só que deter-se um publico de requintados d'arte ou partidarios extremos; a idéa é de si tão larga, promettedora e reconfortante que dentro d'ella bem cabem não os sonhos de refinamento artístico, mas ainda as melhores aspirações de progresso social. N'esse theatro, saido do esforço de muitos, desde o caso fundamental da sua creação e difficuldades dos primeiros passos ás compensadoras conquistas do futuro ha muito a aproveitar: distribuidor da nova Arte, albergue de artistas hoje mal postos na scena a servirem idéas que os não animam, meio fácil de educação e goso popular, o *Theatro do Povo*, além de salutar agente de saneamento social será n'este momento – e bem axado elle é – a expressão vivida da concentração espiritual, ainda ha pouco nascida entre homens de differentes origens partidarias.

O *Theatro do Povo* cria-se para educação e gozo do maior numero, e, porque o maior numero tem a intuição do Bem e sente a sêde de Justiça, sem subordinação a programmas partidários em genuflexões a chefes possiveis e ainda mais, porque a Arte verdadeira não acceita cárceres nem limita o vôo a formulas convencionaes, levada sempre no redemptor impulso de espalhar a maxima Luz o novo teatro fatalmente será um *desclassificado* em politica para ser uma boa obra de propaganda e ensino popular.

E não vá julgar-se, ao vêr insistentemente fallar em Povo, que a tentativa agora sujeita a objectivação n'um inquérito é simples reedição d'outras já feitas com intuitos mercantis, fornecendo ao publico mágicas banaes com diabos vermelhos já gastos pelo bom senso ou aromas estapafúrdios com dois tiros e três punhaladas no final de cada acto.

Muito longe de tal mixórdia paira o espírito dos iniciadores.

O que se julga preciso fornecer á gente que trabalha muito e ganha pouco – operarios, costureiras, caixeiros, pequenos empregados, estudantes não é tambem a Arte em camisa, da *Lagartixa*⁵⁴⁹, com meias provocantes a ensinar burguezas e mundanas a vestir *por baixo* ou os estremeções violentos apanhados na cadeira na intermitente detonação de pistolas assassinas elevadas a fecho de situação tragica.

Menos isso deseja-se a Arte cheia de verdade, equilibrando-se os effeitos sem esquecimento do fim moral da obra, repassada de fina emotividade ao jogo dos contrastes, pondo bem em relevo a enlameada mancha das paixões torpes, destacando-se repulsiva no fundo branco dos grandes sentimentos possiveis orientados, creados p'ra cabouco da Cidade Moderna, já entrevista por alguns e que por todos deve ser comprehen-

⁵⁴⁹ O Teatro D. Amélia, gerido desde 1898 pela Companhia Teatral Rosas & Brasão, estreou em 1900 a comédia em três atos *A Lagartixa*, de Georges Feydeau (1862-1921), em tradução para português de Eduardo Garrido a partir do original de *La Dame de Chez Maxime*, um ano depois da sua estreia em Paris. Ângelo Pinto assumiu o papel principal. Foi um dos maiores sucessos teatrais de sempre, ao alcançar uma centena de representações consecutivas. Vid. REBELLO, Luiz Francisco – *O essencial sobre D. João da Câmara*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006, p. 22; SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português...*, *op. cit.*, p. 299.

didada a poder-se esperar na mudança de caracter dos homens motivo á necessidade de mudança ás instituições que os opprimem e bestificam.

Affirmar-se-há que a tarefa proposta é difficil, de largo alcance e pouca praticabilidade, dado que a quase geral insciencia não prestará apoio ao proposito d'alguns. No entanto, basta olharmos tres instituições proletarias que p'ra ahi teem vingado desacompanhadas sequer do mínimo auxilio official e só levantadas e mantidas com a força das iniciativas individuaes – a melhor das forças – p'ra bem evidenciar quanto o *Theatro do Povo* é muito mais praticavel, sem tão largas exigencias de dinheiro. É ver *A Voz do Operario*, *A Lusitana*, *A Libertadora* (cooperativa do pão).

N'estas instituições giram annualmente centenas de contos e não me consta, embora o meio apanhado não permitta larguezas, esperar qualquer d'ellas, por agora, falhar ás esperanças dos seus instituidores e socios.

É assim, n'estes moldes, que julgo dever vazar-se a idéa de criação do *Theatro do Povo*; idéa se não propria a emocionar a *toda Lisboa* officialmente babada de pasmo na defrontação do hysterismo da Duse⁵⁵⁰ pelo menos destinada a encontrar applauso n'aquelles que porfiadamente buscam aperfeiçoar a mentalidade da terra em que nasceram esperançados em novos tempos de progresso social.

A esta hora, julgo eu, todos devem accorrer; do auctor ao espectador e do auctor ao simples homem de boa vontade pertence torna-la pratica, possivel, prometedora, não esperançados na larga colheita reservada ao Futuro apoz a sementeira de idéas, mas porque Ella será desde seu inicio um grito de libertação.

Ámanhã encontrará abrigo o auctor repudiado porque não fez arte em ceroulas, adubada de adultérios, – da mesma fórma o actor encontrará mais largo meio á expansão do temperamento artistico, seguindo-se o espectador aprendendo e gosando a menos preço intimamente deliciado por saber que o seu dinheiro não irá engrossar fortunas de especuladores do genero, mas, sim, irá fructificar em novas obras de instrucção popular.

⁵⁵⁰ Eleonora Duse (1858-1924), atriz italiana considerada uma das melhores do mundo.

Chegados a tal altura do artigo que já vae longo, torna-se preciso dizer: o dinheiro recolhido de lucros prováveis poder-se-há dividir em dois quinhões, destinados a beneficio permanente das *Escolas moveis do methodo de João de Deus* e das escolas de *A Voz do Operário*, facto este, que a realisar-se, terá uma altissima significação de solidariedade acompanhando apreciáveis consequencias educadoras.

Cheio de fé, termino, intimamente convencido de ver ainda realisada em meus dias a idéa do *Theatro do Povo*, agora vaga e fluida logo que a generosa população democratica seguida dos homens de bom critério e crença forte queiram dar ao povo a instricção que lhe falta e sem a qual nada ha esperar de grandioso ou redemptor.

Ernesto da Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

**EÇA DE QUEIROZ. (OS PANEGYRISTAS DA SUA
OBRA, E OS CENSORES DA SUA CARCASSA).**

– ARNALDO DA FONSECA

(A OBRA. LISBOA: Nº 305 (1900), 9 DE DEZEMBRO, P. 2).

D'um folego se faz a leitura d'este justiceiro pamphleto⁵⁵¹ sem saber-mos (sic) bem que mais admirar – a prosa penetrante e tersa ou o bello gesto d'audacia indignado e vingador.

E desta feita a gente bisonha dos *litteras* que p'ra ahi se não pejou da conspurcação á *charogue* do Mestre – do Mestre, diziam elles vaidosos: que raça tal de aprendizes nunca encontra Mestre á falta de entendimento – houve de sentir no dorso a pita justiceira propria a descanço em ilhaes de sendeiros travestidos em *pur sang*. E viu-se, – abençoado fustigar! – a malta remetida á campanha do silencio querer provar existencia de vergonha na mascara á falta de idéas.

Os safados, debotada a alma p'ra fazer *pendant* com a andaina solemne dos centenarios e coisas de vulto, aquietou-se; pacifica a ruminar quedou-se na contemplação da mangedoura em casa de hospedes de qualquer D. Clara, esperando ociosa e besta momento á exhibição do prognathismo indicador da tara imbecil, á primeira volta de caso grave propicio a apotheoses.

Por isso nos jornaes não viu luz a prosa desconjunctada e bebada dos *tabareus*, apagando-se contorcida em rasto de caracol no muro da publicidade.

⁵⁵¹ É uma crítica à obra de Arnaldo da Fonseca, um pequeno artigo retirado da revista *Portugal-Brazil*, depois de revisto e preparado para a publicação, por «me não acurvar a imposições de côrtes», segundo explicava o autor. Vid. FONSECA, Arnaldo – *Eça de Queiroz. Os panegyristas da sua obra, e os censores da sua carcassa*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães Libanio & C.^{ia}, outubro de 1900, páginas sem numerar.

Em agape sycophantico foi resolvido: guerra á guerra!

D'ahi, porque manhosos, sem forças nos jarretes a replicarem com pés de traz, os burros assentaram não puchar á carroça: – quer dizer, não dar gosto ao conductor de pulso forte, prompto a fazer do açoute incentivo e ensinamento.

Aqui está, posto a nú, o amago da conspiração que ao publico interdito conhecimento do bello folheto produzido por Arnaldo da Fonseca, em hora santa de proveitosa revolta e salutar indignação; rebeldia tão util á decencia quanto deve produzir em habitos de portadores de mormo e laparões por maneira a evitar divulgação de epizootias no coração das cidades, afastando os transmissores do morbo ás feiras sertanejas onde ciganos são peritos.

Mas... desterrando ao olvido o silencioso vingar dos bucephalos, vejamos ainda o que de mais reconfortante justo e audaz ha na pequena obra do prosador Arnaldo da Fonseca.

N'esta altura – elle o creia! – nem mesmo sei como agradecer a ousada intervenção; escasseia-me a phrase que é pobre mas sobeja-me o applauso intimo de impossivel expressão á falta de bons recursos.

É que faz bem á alma e retempera os nervos, ver um homem de vontade rija, castigar d'um só golpe a impudencia carnivosa do primeiro abutre descido ao banquete de carne morta, vindo á beira do sepulchro fresco atascar o bico recurvo na terra solta, esperando de voltar aos pincaros p'ra digestão facil, erguendo nas garras quaesquer tres mil réis ganhos a mordicar cadaveres.

Repito: n'esta altura, quando Arnaldo da Fonseca subtrahindo-se á geral cobardia propria dos thurificadores parasitas da reflexão dos *celebres*, ahi á gandaia na esquina do *Suisso*, se ergue desancando em gesto largo e critico – seja isso! – Fialho d'Almeida, auctor do descomposto artigo sobre Eça de Queiroz que no *Brazil-Portugal* afflorou á laia de bouba repellentes com suspeita origem, revela-se p'ra mim o artista, não só um escriptor de jeito e senso mas ascende á posição de homem d'alma bem capaz de estilhaçar a murro as vidraças da enxovia litteraria para que entre o ar

puro, sadio, reanimador da Verdade a verra por momentos n'um impeto salvador as exalações putridas do convencionalismo hypocrita e dependencia torpe.

P'ra que dizer porém da minha lavra?... a meu lado tenho o bello grito de Arnaldo da Fonseca, estampado nas elzevires do pamphleto demolidor.

Elle que falle e elle falla assim: – entendido, a pôr Fialho nos eixos:

«A sua accusação ao Ironista, de obsceno e de traidor á patria... é tambem treda.

E tredo, e mau, é todo o doutrinante, em cujas vestiduras sacerdotaes se alastra o mais retinto carrascão que se conhece, e que dos labios deixa sahir com impudicia, conselhos de temperança e censuras ao desbragamento.

Fallar em moral sendo-se lubrico e em pudor sendo-se impudico é doblez desfaçada. Sobre tudo arreguando as palavras á significação burguesia que ellas teem?!»⁵⁵²

E aqui teem camaradas operarios, desfeita em dois traços a pachuchada escripta do lavrador Fialho; aquelle Fialho, alma grande de artista, hoje de pança cheia a considerar com esgares de Harpagão não serem os camponios alemtejanos mais que «machinas pacificas e eguaes» feitas p'ra descanso das bestas e proveito do patrão sem peneiras prompto ao insulto d'aquelles que o sustentam.

Por aqui fico cumprido o dever agradecendo a Arnaldo da Fonseca a subida gentileza da preciosa offerta, feita a distinguir-me immerecidamente, ancioso esperando vel-o mais vezes na grande faina de saneamento e demolição tão urgente cá na terra, agora povoada de typos e factos não dignos de mercê ou tregua que os auctorise á perpetuição.

Ernesto da Silva

⁵⁵² Ernesto da Silva cita a obra do autor. Vid. FONSECA, Arnaldo – *Eça de Queiroz...*, op. cit., p. 27-28.

(Página deixada propositadamente em branco)

A «ROSA ENGEITADA».
CARTA ABERTA A D. JOÃO DA CAMARA
(O MUNDO. LISBOA: N° 135 (1901), 29 DE JANEIRO, P. 2).

Meu caro poeta. – Fui ver a *Rosa*⁵⁵³ e na verdade fiquei triste. Não que a sordida miseria moral dos typos desenhados fira a lama; não, meu caro poeta – hoje o primeiro dramaturgo do sentimento, acompanhando Marcellino de Mesquita, evidentemente o escriptor theatral mais possuidor da technica e intensidade dramatica – é, como ia dizendo, incapaz de nos ferir na visão docemente poetica das silhuetas creadas para evidencia á luz da ribalta.

Mas, é que a *Rosa*, aquella meretriz de bordel barato, escalavrada desde a *roda* em successivos baldões moraes, fica mal, mesmo muito mal como realisação de arte scenica; é, falsa, desprovida de encanto, foge á realidade e não chega a ser visão, gemendo dolencias cravejadas de brancas perolas, orladas de rendas finas, sommando-se em escritorio de setim á alma da *perdida* vulgar, affeita, ao bafo avinhado de fadistas derrancados e carroceiros repassados de cio brutal.

Depois, depois; aquella *Rosa* de tablado, laivada de *Dama das camelias* – sem instrucção primaria – pouza sempre em critica e algo ridicula situação fallando das «lindas cousas» aos devaneios em que se arrouba

⁵⁵³ A obra foi encarregada ao autor pela direção do Teatro do Príncipe Real em 1900, com grande sucesso do público e da crítica. A peça voltou a ser representada, por quarta vez, a 20 de janeiro de 1901 e permaneceu em cartaz até 17 de março. *O Mundo* apresentou-a como «um drama em 6 actos da vida real». Vid. Reclamos. *O Mundo*. Lisboa: n° 126 (1901), 20 de janeiro, p. 2; e Theatros. *Idem*. N° 131 (19019), 25 de janeiro, p. 2.

analfabeta e lamurienta. E a attingir o comico lá a temos esgazeando olhos hystericos ao monogramma apposto ao muro do cemiterio por aquelle menos descompassado sr. João Reynaldo, operario serralheiro com reminiscencias fadistas, á primeira volta esquecido da noiva chorosa *p'ra metter butes* – vá lá calão; fôrma *severa* agora em moda⁵⁵⁴ – e se render em paixão subita á *moça* que o repudia com chascos acanalhados; não vá elle intervir nas questões de familia quando a impudica de sapato de lona e biqueira amarella leva *solhas* do macho preferido, *bellezas* e navalha, cuspendo entre dentes a necessidade do correctivo p'ra *Rosa* lhe ter *fajeca*.

Pudera, que a *Rosa* tem queda para os homens *tesos* e depois de traçar chale, limpar beiços ás costas da mão e puchar duas fumaças, é *gaja de fé*, incapaz de consentir lha desfeiteem o *homem*.

Eis onde o delicado auctor dos *Velhos*, o bom auctor do *Affonso VI*, o grande, embora treslocado, artista do *Pantano*⁵⁵⁵, foi profanar a sua Arte, irreflectidamente, por certo, creando aquellas vegas creaturas que não educam, não emocionam, não consolam e só conseguem causar tedio e magua; – tedio pela obra, magua pelo auctor.

E lá vão assim seis actos salpicados de figuras episodicas – incluindo o Senhor dos Passos – escorrandos lama e phrases requintadas berrando com o *meio*, sublinhadas e dirigidas pelo publico com risadas de quem saber não ser aquella a *moça*, a *Rosa*, florescia de alfarja, alli na scena a desrespeitar um grande nome de poeta e um bello coração de homem.

Não, que o publico embora pouco lido e desconhecedor do processo critico, tem a servi-lo a intuição e mais a observação exacta d'aquelles typos miseraveis; acerta e não se confunde, querendo a viva força descortinar na devota meretriz uma alma que ella não é.

E sujeitou-se o meu caro poeta a tão evidente desrespeito!

⁵⁵⁴ Trata-se de uma alusão a *A Severa*, de Júlio Dantas, obra dramática estreitada havia apenas quatro dias, a 25 de janeiro, sexta-feira, no teatro de D. Amélia, em Lisboa. Theatros. *O Mundo*. Lisboa: n° 131 (1901), 25 de janeiro, p. 2.

⁵⁵⁵ SILVA, E. – *O Pantano*. *A Federação*. Lisboa: n° 47 (1894), 25 de novembro, p. 2, neste mesmo trabalho.

Elle, o poeta embevecido no eterno Sonho canceiroso a porfiar na conquista do Bello, sempre prompto a embalar-se em branda resignação vinda da intima paz, mais sonhada que atingida, sujeitar-se a gargalhada obscena e alvar da *geral*, que pede photographias, e ao final enfadada da *Rosa* conclue: – *Que gaja tão reinadia!*

E foi assim durante tres actos ouvidos entre o zumbir da chacota de mau quilate e riso imbecil de analphabetos provados, que soffri a tortura de ver despreitado e incomprehendido, salvo sem jeito pela *claque*, um dos artistas de teatro que prezo e admiro – embora discorde em quês da sua maneira e mais do estado d'alma, religioso e mystico, tido já por característica certa da obra de D. João da Camara.

É que o meu caro poeta, tomado de desejos de fazer *theatro popular*, não conseguiu o fim sossobrou – desculpe-me! – por forma muito negra. Não o fadou Deus – ou quem trata d'essas coisas do fado dos homen[s]: para taes commettimentos, dando ensejo ao debutante que no theatro logo se affirmou de valia com o *Affonso VI* ir declinar a fazer *cegos* das *bortas* de phrase burilada e vêo largo de imaginação fecunda e delicada, levando de parceria invocações ao Senhor dos Passos, gosmadas por quem no quarto só costuma guardar em reliquia um par de bandarilhas ensanguentadas, vindas de Almada ou da Moita em dia de borracheira, para servir de enfeite á cabeceira do leito de aluguer – agora transformado em altar de Venus, no dizer imaginoso dos promotores da justiça, quando a discutirem casos de adulterio da *alta roda*.

O melhor, assim coisa de mais jeito, na *Rosa*, ha só a salvar os accordes da phylarmonica da Regueira, seguindo ao cemiterio a Garcia moria no *fado*, que em materia de *effeito* serve bem de moldura ao arrulhar dos pombos *Rosa* e Reynaldo, *toscados* pelo amante fadisola, a essas horas pisando tumulos para deitar os *luzios* á *facha* do homem que o ameaça de roubo a amante e d'ahi aos cobres de *souteneur*⁵⁵⁶ postos em perigo com o regenerar da marafona.

⁵⁵⁶ Em francês e itálicos no original: alcoviteiro.

Ah! meu caro poeta, creia, sahi do Principe Real vergado de desgosto por ve-lo assim confundido com obra tão desgraçada.

E porque lhe escrevo esta carta com algum intuito, pedir-lhe-hei por amor de o seu nome da Arte e dos seus admiradores – onde sinceramente me conto – não volte a acceder a tão tristes exhibições, que deslustrando – em casos de adhesão – outros sem maiores responsabilidades muito mais amesquinham aquelle por todos nós reconhecido uma das glorias do theatro portuguez.

O vosso respeitoso admirador

28-1-1901

Ernesto da Silva

A REACÇÃO NO THEATRO
(O MUNDO. LISBOA: N.º 148 (1901), 11 DE FEVEREIRO,
P. 1).

A vêr, quanto a degenerescencia collectiva anda a servir bem a Reacção clerical-monarchica, não é preciso agora dar largos tratos á investigação, rebuscando a maneira de provar syntomas certos e alarmantes. Basta frequentar o theatro – visto o forçado encerro da epocha tauromachica! – ainda que sejam aquellas casas de espectaculos mais de molde ao culto da Arte, da Belleza do Decoro.

A invasão do genero sordido e abjecto é quase geral; no palco, espachelando-se em plena luz, ha evocações de carnes apodrecidas de syphilis, exudando pús, mascarando o fetidão da gafaria com exalações de iodoformio esthetic.

Não ha um grito nobre, uma alma visionando largo na suprema idealisação do Bem fecundo e redemptor; alguns espiritos conclamando enthu-siastas a serenas verdades aninhadas na Justiça, no Amor, na Bondade.

Nada d'isso!

A Arte parece relegada ao esquecimento frio d'onde não se extrahem realizações formosas, sentidas e educadoras.

Não ha peças: ha cancos alojados em rameiras de todo o preço; desde o typo *boulaverdière* á marafona do beco do Momete, tudo p'ra ahi serve ao modo de *governar vida*, posto em uso pela Arte de bombas venereas, agora servida por sacerdotes absolutamente desprovidos de escrupulos artisticos.

E succede isto quando a Hespanha já se ilumina com o genio de Galdós⁵⁵⁷, a França com Zola, a Scandinavia possui Ibsen e a Russia se orgulha de Tolstoi!

Vê-se a Arte, em Portugal, espiar [] o momento bem explorar a desgraçada ignorancia collectiva, glorificando quanto ha de ignobil e não ha de ouvir-se o protesto altivo e forte dos que desejam o progresso da sua terra e a superioridade da sua raça?

Ha de ouvir-se, creiam-n'ò, aquelles que de Bello fazem catapulta de indignidades no intuito mesquinho de ganharem cobres. Ha de ouvir-se o bem vibrante, asseguro-o, porque é indispensavel reagir não só em nome da moral mais ou menos discutivel, mas em beneficio da propria sociedade já tão saturada de degenerada corrupção.

Ah! que saudades não provocam o defumador da *Severa*⁵⁵⁸ e o calão da *Rosa*⁵⁵⁹ – duas pifias meretrizes feitas de encomenda, com investigações no Tombo da rua do Capellão⁵⁶⁰ – relembrando o velho theatro da Rua dos Condes⁵⁶¹ com o *Bombeiro municipal*⁵⁶² e a *Vivandeira do 16º de linba*⁵⁶³; ao menos havia decencia, davam-se exemplos sãos, incitava-se na rethorica do dramalhão ser nobre, honesto, digno. E se quisermos lançar

⁵⁵⁷ Em 1901 vê a luz uma tradução de *Electra*, da autoria de Ramalho Ortigão, «unica tradução portugueza auctorizada pelo auctor». PÉREZ GALDÓZ – *Electra. Drama em cinco actos*, versão portugueza de Ramalho Ortigão. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1901, sem dúvida uma das obras mais valoradas no mundo operário.

⁵⁵⁸ *A severa* (1901), de Júlio Dantas, obra dedicada à fadista Maria Severa Onofriana (1820-1846), considerada a criadora do género.

⁵⁵⁹ *A rosa enfeitada* (1901), de D. João da Câmara.

⁵⁶⁰ Num bordel da Rua do Capelão faleceu a fadista Maria Severa Onofriana.

⁵⁶¹ Foi edificado nos terrenos dos Condes de Ericeira com o nome de Pateo da Horta dos Condes, destruído no terremoto de 1755, e posteriormente reconstruído entre 1756 e 1765, sendo finalmente demolido em 1882. SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista...*, *op. cit.*, p. 708 e 671-674.

⁵⁶² *O bombeiro municipal. Comédia drama original, em 3 actos* (1862), de António Pedro Baptista Machado, foi representada nos teatros de Variedades, e dos Recreios, entre outros.

⁵⁶³ Drama em cinco atos, representado no Teatro da Rua dos Condes em 1877 e em anos posteriores, em tradução de Salvador Marques. SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português...*, *op. cit.*, p. 304. Em 1896 estava a ser representada no Teatro do Príncipe Real. Theatros. *O Paiz* – Lisboa: n° 97 (1896), 6 de fevereiro, p. 3.

mais largas vistas, podemos ainda bem melhor recordar o Romantismo desenhando a *Morgadinha*⁵⁶⁴ e a *Vida de um rapaz pobre*⁵⁶⁵.

Agora, é outro o caso. O auctor, por calculo ou feitorio, pouco precisa á elaboração de um drama ou o quer que seja com esse nome; dispensam-se intenções artisticas dignas de tal classificação, põe-se de parte a beleza e moralidade da obra, comtanto que a *massa corra* – vá lá em calão para subsidio de dramas futuros – objectivando-se apenas o *sucesso* de bilheteira, alcançando sobre um publico, de gosto e sentimento mais que duvidoso, agora em férias de tourada, espraiando olhares ás frisas do D. Amelia⁵⁶⁶.

Depois, bastam: a *meia porta* d'uma ribalda de tamancos, atraz da porta o chifre do desenguiço, um espelho, rachado, encimado de cravos de papel e ladeado de possiveis frascos de xarope Gilbert, quando a quando o *rigoroso* expectorado com rythmo e a animar os homens e causar arrellas ás narinas de donzellas espectadoras o cheiro suggestivo da alfazema dominando odores de drogas suspeitas com pouso habitual no Desterro.

O que me dizem a esta raça de obras de Arte?

A affirmar a porcaria e degenerescencia creio serem documentos de incontestavel authenticidade.

No *foyer*, espectadores de Mazzantini⁵⁶⁷ e jaleco, trescalcando a esterco encaixilhado nos saltos da prateleira, repuxam de larynge aguardentada commentarios: – Bravo!... Isto é que é gado!...

E o publico sem miolos, anthropologicamente penetrado de cruzamentos africanos feitos em cyclo de descobertas, indolente e erotico, queda-se em malta de bastardos de D. Miguel, embevecido e alvar, pondo olhos na

⁵⁶⁴ A *Morgadinha de Valflor. Drama em cinco actos*, de Pinheiro Chagas, foi representado pela primeira vez no Teatro D. Maria II em 1869 e, a partir dessa data, quase todos anos ao longo do século XIX. SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português...*, *op. cit.*, p. 299.

⁵⁶⁵ Drama em cinco actos e sete quadros de Octave Feuillet. Foi traduzido para português por Joaquim José Annaya, e representado no Teatro de D. Amélia de 1895 a 1897. SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro...*, *op. cit.*, p. 304.

⁵⁶⁶ O Teatro D. Amélia foi inaugurado em 1894.

⁵⁶⁷ Luis Mazzantini Eguía (1856-1926), matador de touros.

cimalha do proscenio, ouvido á escuta do *fado*, aquelle *fado* que ainda ha de transformar os netos do Gama n'um bando de authenticos relaxados dignos de expropriação em beneficio do Progresso e da limpeza das unhas.

Pois que as exhibições feitas nos palcos portuguezes são de molde, não á educação do grande publico e só attendem ao desejo de rendoso lisonjear os instinctos brutaes da multidão, explorando atavismos toureiros e mais hereditariedades devotas com intervenção do Marialva e do Senhor dos Passos, permittindo que a Arte se transforme de redemptora fecunda em meretriz crapulosa urge que a titulo de salvação publica se ponha com a reprovação dos homens e da imprensa bem intencionada dique salvador que preservar-nos possa da torrente de sujo esthetismo, ora desencadeada em vagalhões indecorosos e bestificantes.

Não apellamos p'ra Auctoridade, socegum; tentamos despertar o bom senso.

Provada como está a influencia social da Arte; demonstrado como tem sido feito por bons espiritos ser a influencia artistica um dos mais seguros propulsores da educação publica, d'antemão sabemos ser a Auctoridade cumplice em taes desmandos – tolerando a *Severa* e a *Rosa*, quem sabe se na esperança da multa, quando houver rusga, a favor do cofre e dos bons costumes – desmandados só aproveitaveis á Reacção monarchico-clerical, ainda não segura de exito, ao que parece, na eliminação das escolas e concomitantes manejos de collectiva bestificação, e que no theatro agora encontra um meio poderoso de fazer abortar provaveis germinações de são impulsos de bom gosto e progresso social, acaso acordados aqui ou acolá por lufadas de arte sadia vindas da *Toga vermelha*, do *Inimigo do Povo* ou da *Casa da Boneca*⁵⁶⁸. Julgando assim ter a Reacção muito a ganhar na exhibição do indecoroso que deprava e não educa, adivinhando no espirito conservador o brutal desejo de impedir se façam cidadãos conscios de seus deveres e direitos, certo do Throno e do Altar ver com

⁵⁶⁸ Todas elas obras de teatro representadas nos teatros de Lisboa nesses anos.

bons olhos o poder rodear-se de almas sem grandeza e cerebros sem idéas, prevertidos em pavorosa e provocada anquilose, e preferir taes escoras a dirigir homens de espirito educado e aspirações de liberdade, imbecilidade rematada seria pedir á Policia repare moralissadora nas fraldas da *Severa* e nas *escovinhas* da *Rosa*.

Simplesmente, dirigindo-me ao espirito dos democratistas, e ainda áqueles portuguezes que não desejam ver a sua terra afundar-se de mais a mais no atoleiro em que progressivamente vae immergindo, levantarei o *alerta!* aos momentos criticos, apontando a Reacção instalada no theatro entregue ao genero escandaloso para melhor conseguimento anesthesiante dos sentimentos nobres que porventura a alma portugueza ainda guarda em sagrado sacrario feito de esperança no Futuro e respeito pelo Passado.

É preciso fazer guerra á guerra: os espiritos novos ainda não inquinados de sordido egoismo, a mocidade das escolas quando invadida de nobres estimulos de só possivel gestação no culto da Belleza e da Liberdade, o povo sincero e honesto que tem de zelar a educação dos filhos e das filhas, os homens do partido militantes da democracia, os artistas de escrupulos, a imprensa democratica, n'uma palavra aquellas forças sociaes hoje livres de maculas, teem de se aggrupar n'um grande desejo, não de hypocrita moralidade mas de indispensavel saneamento, erguendo o seu protesto por fórma efficaz não collaborando com a sua presença nos *successos* theatraes suspeitos de manifestações terciarias e condemnando pela palavra fallada ou escripta a exploração dos typos de bordel quer venham da França e se chrismem em *Lagartixa* ou *Galderia* ou vistam chita nacional e se chamem *Rosa* ou *Severa*.

Se tal medida não fôr tomada, se o theatro não fôr limpo de taes teratologias syphiliticas freguezas da tisana de Zitmann⁵⁶⁹ e *touristes* de

⁵⁶⁹ Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922) era membro titular da Academia Nacional de Medicina, patrono da cadeira nº 60, eleito em 1876 sob a presidência do barão do Lavradio, José Pereira Rego. Em 1889 integrou a comissão para a elaboração de um plano para a organização sanitária, e entre 1897 e 1903 foi o primeiro diretor geral da Direitoria Geral de Saúde Pública. De 1900 a 1903 foi presidente da Academia Nacional de Medicina. Entre as suas obras está *A tisana de Zitmann*, s.l., 1877. Dados disponíveis na Internet <http://hpcs>.

Faro, se a Arte emfim não fôr servida com decencia e grandiosa visão de quanto é nobre e bello, então pouco mais ha a esperar de grande n'esta terra malfadada.

O *Nemo* desdobrar-se-há em auctor dramatico e depois da atmosphaera putrida dos bordeis posta em scena, teremos por cummulo da desgraça o visionismo das oratorias brutificantes e devotas.

Devotos e devassos por dentro e por fôra só nos restará esperar um segundo diluvio que d'esta feita não será d'agua.

Ernesto da Silva

**OS ULTIMOS LIVROS. TRAVAIL, POR ÉMILE ZOLA.
(LIBRAIRIE FASQUELLE, PARIS)**

**(REVISTA POLÍTICA. LISBOA: N° 1 (1901), 15 DE JUNHO,
P. 52-56; A OBRA. LISBOA: N° 336 (1901), 14 DE JULHO,
P. 2, E N° 338 (1901), 28 DE JULHO, P. 3; O MUNDO. LIS-
BOA: N° 277 (1901), 22 DE JUNHO, P. 2,
SÓ ALGUNS PARÁGRAFOS).**

Apoz a *Fecundidade*; o *Trabalho*; e assim vae Zola, o mais poderoso escritor contemporaneo, erguendo, pedra a pedra, a obra de reconstrucção criada na genial elaboração dos quatro Evangelhos, dos quaes os já vindos á publicidade são bellos gritos de protesto feitos n'um grande aneio reivindicador, pleno de luz, forte de audacia, repassado de amor.

«— Mais ils n'aiment pas! S'ils aimaiene, tot seriat féconde, tot puserait et triompherait sous le soleil!»

E d'esta palavras fez o artista maximo o eixo do seu novo trabalho. Já não é o analysta do *Germinal*, o psychologo de *L'Oeuvre*, o anatomista de *L'Assommoir*, e sendo mais que o demolidor do *Paris*, é a um tempo o prosador masculino e o poeta delicadissimo vivendo a vida do sonho, photographando, é certo, os caracteres com impiedosa objectivização e voando ás culminancias da arte util na reconstrucção social d'uma Vida, que, por agora, numa estagnação de charco, dá florescencia á iniquidade e germinação á miseria.

É preciso amar, redimir, solidarizar, criar novos templos, erguer novos altares, construir novos abrigos; num cantico dos canticos lançar ao espaço a epopêa da Vida fecunda e terna germinando sempre nos corações e na terra.

Construamos a Família, reorganizemos o Trabalho, libertemos a Verdade, reabilitemos a Justiça, tal é a intenção de esses Evangelhos, fachos de luz intensa destinados á purificação da Sociedade e do Individuo, deixando o Ignobil reduzido a cinzas e escombros, posto o fogo aos quatro cantos do viver contemporaneo, infecto e mentiroso.

Que o incendio purificador saído do choque dos novos ideaes, embatendo no velho mundo obstructor do caminho aos sedentos de justiça definitiva e paz inextingível, é também mortalha vermelha ao Existente em decomposição.

Assim o comprehendeu Zola: feita a descida aos infernos de suprema dôr, com a resignada obstinação do mineiro em busca do filão desconhecido que urge *picar*, finda a analyse molecular da miseria humana nos seus mais intimos aspectos de decadencia moral, intellectual e physica, escriptas as paginas dos *Rougon-Macquart*, era preciso ao genio de Zola – que só em Hugo encontra equivalencia – erguer a fronte abatida sobre o lameiro, alçar a figura humana num gesto largo de atleta crente no Futuro, resaltando apothetico, a apontar os vastos horizontes do *au delà* do Presente, empolgando as multidões no suggestionante visionismo de propheta inspirado, de novo redimindo o mundo a golpes de versiculos. Acordar almas, vibrar o *tocsin* dos bons espiritos, chamar á adoração os novos crentes, sobre a grande nave azul do ceu amigo despovoado de deuses, prestar culto á Natureza, dignificando o Homem pela Liberdade, fazendo-o obra d'elle mesmo, – toda essa fatigante tarefa que reclamava Hercules, só podia ser, como foi, realizada por aquelle coloso, que, sendo a mais authentica gloria da litteratura moderna, é de conjuncto uma grande alma posta em revolta constante, aqui ferindo, acolá cantando, dando na exteriorização do combate a nota flagrante da caracteristica ethnica do gaulez. E assim tem vindo o escriptor, mixto de apostolo e analysta, fazendo o debate da salvação entre a humanidade afflicta, apontando as veredas conductoras á Cidade Feliz, onde reina a eterna paz num grande equilibrio das vontades harmonizadas, das paixões aproveitadas, dos odios extinctos na atmospherá luminosa de sonho e perpetua belleza.

Eis o que é o *Trabalho*: encantadora visão da família humana reconciliada, sem privilégios odiosos e classes antagonistas, tudo em marcha para a geral communhão fraternal dos povos e das raças, logo que o trabalho rehabilitado deixou de ser motivo de dôr e consequencia funesta da miseria inevitavel.

É o mundo sob um novo aspecto; homens, mulheres, creanças fugidas ao alcoolismo, á prostituição, á vagabundagem e á fome, depurando-se de geração em geração num natural seleccionismo que só aos melhores deixa condições de existencia e adaptação. E, ao fundo do quadro, as ruinas fumegantes da sociedade apodrecida ardendo, para se purificar, consumindo no proprio brazeiro, leis, religiões, codigos, auctoridades, todos os instrumentos da preversão individual e collectiva até então triumphantes.

Num grandioso jogo de contrastes, de só possivel criação nas circumvoluções d'um cerebro genial, surgem, frente a frente, o *Abime* e a *Crécherie*, as duas fabricas adversarias; uma, enodoada, fetida, poeirenta, trescalando ao suor operario dos trabalhadores endurecidos na faina brutificante, alcoolicos, crapulosos, brutaes, odientos, a outra povoada dos melhores typos humanos associados á *besogne* nas galerias invadidas de sol acariciador e fecundante, trabalhando sem esforço, cheios de esperança encorajadora em novos tempos de completa harmonia e integral libertação. Não ha escravos, desapareceram os senhores; ha os homens dando-se as mãos num communismo de sonho, trabalhando porfiadamente na grande obra da pacificação universal conscientes e fortes, retemperados de corpo e espirito sob os influxos do Amor redemptivo que, sem descanço, forjam elo a elo, a interminavel cadeia dos seres vindos á vida, não para o mergulho no Inferno derivado do peccado original, mas para a *jouissance* do novo Paraiso evocado nas impulsões da Sciencia e na esthesia da Arte para ser prodigamente offertado ao Homem livre na Natureza livre.

O *Trabalho* é, acima de tudo, a clamorosa rehabilitação dos mais humanos ideaes; não é um compendio de philosophia libertaria, mas é melhor, um monumento da arte nobre e justiceira que aos homens e ás idéas ainda

os mais calunniados e repudiados, dá vigor e colorido, levantando-os numa encenação de merecida Gloria.

Philosophicamente orientado no associacionismo de Fourier, um dos mais videntes precursores do socialismo moderno, hoje desdobrado em duas forças paralelas e convergentes – o collectivismo socialista e o libertarismo anarquista – aliado ao espirito phalansteriano do socialismo utopico e ao cooperativismo de Owen⁵⁷⁰, Zola moldou o *Trabalho* sem esquecer nessas paginas ora tragicas ora evangelizadoras, provar quanto lhe são familiares as doutrinas de reivindicação socialista, desde os mais recuados prodromos dignos de menção até á contemporanea doutrinação de Pedro Kropotkine⁵⁷¹, Reclus ou Grave.

O artista tudo conhece; fere a nota tragica do capitalismo agonisante na morte dos esposos Delaveau, no suicidio do patrão Boisgelin inapto e superficial, attingindo a sonhada formula da reconciliação entre burguezes e proletarios, obrigando o velho Jérôme, burguez fundador da exploradora dynastia dos Qurignon, que se decompõe atravez os tempos roida de ociosidade e impotencia, a clamar, perante a catastrophe tremenda do anniquilamento dos seus, subito galvanizado na sua cadeira rodada de paralytico.

«... Pour notre bonheur á nous, pour bonheur de tous, il faut rendre, il faut rendre...»

⁵⁷⁰ Em 1898 Ernesto da Silva recordou a vida e a obra de Robert Owen numa festa da cooperativa A Libertadora. SILVA, Ernesto da – Elogio Historico de Roberto Owen. (Lido em sessão solemne da Cooperativa «A Libertadora» em 19 de março de 1898). *A Obra*. Lisboa: nº 166 (1898), 20 de março, p. 3, reproduzido em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, «O apóstolo do socialismo»*. Tomo III. *Escritos políticos, conferências e discursos (1893-1903)*.

⁵⁷¹ Em maio de 1897 Ernesto da Silva, que tinha assumido a redação de *A Obra*, resolveu publicar «As prisões», um texto de Piotr Kropotkin. O jornal anunciou a publicação do texto a 9, e viu a luz a 16 na secção dedicada ao folhetim. Uns dias depois teve de sair em defesa de Ernesto da Silva, acusado desde as páginas de *A Federação* de se ter tornado um elemento anarquista, justificando a publicação do texto supracitado por ser «um excelente estudo sem preocupações escolasticas, por que assim julgou conveniente e dispensada de impertinentes satisfações». Vid. As prisões. *A Obra*. Lisboa: nº 121 (1897), 9 de maio, p. 3; Folhetim de A Obra. «As prisões». (Conferencia de Pedro Kropotkine). *Idem*. Nº 122 (1897), 16 de maio, p. 2; e Ao povo operario. *Idem*. Nº 123 (1897), 23 de maio, p. 1.

Restituir, restituir a todos, é a lei da salvação geral, relembrando a noite do 4 de agosto em que a aristocracia também restituiu á burguezia nascente, como classe, o direito á constituição da propriedade individual⁵⁷².

«Il faut rendre, parce qu'on meurt du bien volé á autrui.»

E o velho burguez ferido no coração e no cerebro, regressando á sensibilidade passados tão longos annos da rigidez paralytica, testemunha impassivel da derrota capitalista, stertoriza, fitando atravez as janellas abertas em par a invasão crescente da Crêcherie – a fabrica comunista – sobre os dominios do Abîme a fabrica maldita, tumulto de centenas de trabalhadores famintos e expoliados, de arcabouços nús, tismados á bôcca dos altos fornos, de continuo amassando a fortuna alheia por sua vez causa de ruína e morte da burguezia ociosa e requintada preza da nevrose. E a visão da grande obra é completa de colorido empolgante ao ver-se lançada n'um canto escuro da fabrica infecta, sobre os farrapos dos operarios ausentes, a burgueza Delaveau apertada bestialmente entre os braços do fundidor Ragu, estorcendo-se raivosa de fuga á concupiscencia vingadora e sectaria do operario, até que nevrotica, tomada da sensação *exquise* e penetrante da copula animal, se ficar olhar perdido nas paredes ennegrecidas do casebre, abysmar-se no spasma desconhecido e novo d'aquelle coito de feras indignamente enlaçadas.

Aqui, a magia do stilo, o poder do visionismo, o sopro de colera brutal do macho e o *détraquement* da femea attingem o mais alto escopo do descriptivo, emprestando a emoção perturbadora evolada d'aquellas paginas, tão singularmente penetradas de instinctos desaçaimados. E nada fica esquecido; pequenos acontecimentos, figuras episodicas, desenhos dos aspectos sommam-se, combinam-se, integram-se, evidenciando bem que o *Trabalho*, sendo um romance, é também uma peça de relojoaria, instrumento de precisão sem falha da mais simples ou delicada engrenagem. E logo se segue o incendio devorando o Abîme até aos fundamentos, illu-

⁵⁷² No dia 4 de agosto de 1789 a Assembleia Constituinte francesa aboliu os privilegios feudais.

minando sinistramente os campos de Beauclair, dando ensejo ás phrases terriveis, sectarias e feramente ironicas do selvagem anarquista Lange ao saber que os burguezes Delaveau estão no braseiro:

«—Non, non! je n'ai pas à m'em faire l'honneur, ce n'est pas qui l'ai allumé; mais n'importe, c'est de la belle besogne, et d'est drôle que les patrons nous aident en se rôlissant eux-mêmes.»

Vê-se, adivinha-se, na tirada do oleiro anarchista, impregnada de individualismo feroz, a medida exacta do odio que vae no mundo n'esta hora de agonia da civilização capitalista.

Não ha creaturas, ha tigres enfurecidos; homens desviados do Sentimento a pontapés de egoismo e miseria negra, uns vestindo casaca, outros arrastando andrajos, promptos a entre-devorarem-se, n'uma bacchanal de hyenas cevando-se em cadaveres, na raiva do ataque e na furia da defesa.

O capitalismo procreando monstros, teratologias de perversão occultas, em renda o refinamento do mal no grande vulcão das coleras reprimidas prestes á expansão destruidora no grito da vingança sonora.

Eis do que o *Trabalho* é a mais verdadeira das photopgraphias, retocada por mão de Mestre inimitavel sem se correr risco de ridiculo *pastiche*.

Epopêa do esforço humano adaptando a Natureza ás necessidades da vida commum, desenho largo do que será em ultimo *étape* do Bello e do Justo a sociedade futura, é por sua vez o *Trabalho* a documentação exacta dos horrores do salariato povoando prisões e prostibulos, bestificando raças no delirio alcoolico, gerando o odio inexoravel e fremente entre os individuos feitos implacaveis inimigos.

E ao final, quando o leitor na Crêcherie prospera e triumphante vê a nova familia dos trabalhadores reconciliada, transbordando de seiva, multiplicando-se no amor livre e fecundo, proxima a expandir-se numa grande federação d'almas irmãs habitando o mundo inteiro, e assiste á morte do apostolo Luc, de bom grado o leitor perdoa a Zola a dourada ficção reconstructura das sociedades moldada nas velhas theorias utopicas do fourierismo e owenismo, convencido do artista não poder usar d'outra fórmula a dar a impressão dos contrastes, e intimamente agradecido, relem-

bra o nome glorioso d'esse prodigioso espirito de artista e revoltado que do *Paris* ao *Trabalho*, valendo-se da Arte, tem feito pela rehabilitação dos ideaes de maxima liberdade, tanto ou mais, que a doutrinação ininterrupta dos ultimos vinte annos do apostolado militante, ás vezes obscurecido e posto em cheque na consciencia collectiva, quando a explosão desvairada dos odios concentrados arma o braço de sinistros mensageiros da morte que a Iniquidade e só a Iniquidade procria, dando o impiedoso exemplo ao desrespeito á vida humana, nos torvelinhos da Miseria e nas espiraes da Angustia geradora de assassinos.

Er. da Silva

(Página deixada propositadamente em branco)

OS LIVROS. TRAVAIL, POR ÉMILE ZOLA – I VOL.
– LIVRARIA FASQUELLE – PARIS, 1901.
(REVISTA NOVA. LISBOA: N° VII (1901), 15 DE AGOSTO⁵⁷³,
P. 223-224; N° VIII (1902), 31 DE JANEIRO, P. 261-263).

«Ou a obra d'arte se destina a um povo e á humanidade, ou se destina a uma classe restricta e se torna egoista. Nunca existiram mais que estas duas fórmas d'arte: a arte universal e a arte particular. – Bernard Lazare».

Se no meu espirito restassem duvidas de ser a França a grande patria da revolução e da liberdade, abrindo sempre novos e mais vastos horizontes aos ideaes de emancipação e solidariedade humana, bastar-me-ia attentar no ultimo livro de Emilio Zola, *Travail*, para d'esse monumento da arte social – isto é, da arte posta ao serviço das mais levantadas concepções do bem commum, – poder tirar convencimento igual ao que fez clamar Pedro Kropotkine fallando da questão Dreyfus: – ha de ser ao canto do gallo gaulez que a humanidade ha de despertar e marchar para a redempção definitiva.

Lançou então o grande sabio e altissimo espirito a prophecia, ferido na visão da mais grandiosa peleja de idéas que os ultimos annos teem offerecido á orientação das almas prenes de ardente combatividade, aquecida na idealização de melhor futuro.

⁵⁷³ Setembro. Corrigido em Errata. SILVA, Ernesto – Os livros. Travail, por Émile Zola – 1 vol. – Livraria Fasquelle – Paris, 1901. *Revista Nova*. Lisboa: n° VII (1901), 15 de agosto, p. 224.

Em mim, o convencimento da França ser a guia da humanidade para novos tempos de justiça social e perfeição, forma-se na leitura da luminosa obra do mais poderoso escriptor contemporaneo: dos *Rougon* ás Tres Cidades e d'ahí aos Evangelhos, Zola tem teimosamente evolutido depurando a fôrma, seguro de si e da sua arte, illuminando-a de intuitos nobres, tornando-a util e redemptora, despertando emfim as consciencias para a Verdade que sublima e norteia, esclarece e redime. E é vêr do *Germinal* ao *Paris* e d'este ao *Travail*, o analysta frio ir cedendo passo ao propheta esclarecido e entusiasta. Emquanto no *Germinal* a objectivização da vida no jogo dos instinctos e das paixões domina a intenção de revolta e o ensinamento das novas verdades, – então ainda não adquiridas pelo genial artista – no *Paris*, já começa de clarear a aurora das grandes aspirações no despertar d'aquella grande alma do abbade Froment acordando para a vida livre de convenções falsas e limpa de precitos antagonicos ás determinações da Natureza.

No *Travail*, porém, Zola quiz á saciedade provar ter comprehendido e penetrado a intenção de Bernard Lazare, quando este escreveu: «O essencial para o artista será, segundo o meu criterio, fazer vêr no presente o futuro que se prepara, a moral que se transforma, a sociedade de amanhã que se cria». E conseguiu-o, se é que não excedeu a mais exigente expectativa dos que se desejam vêr na arte, uma força social, ajudando á transformação do *meio* na educação dos costumes e no afinamento dos cerebros.

No *Travail* ha o fogo sagrado, divinamente sagrado das nobres aspirações de *bem social* que não deixam transformar-se a obra d'arte em inutil *bibelot* filagranado a custo, destinado a facil esquecimento; é a arte renunciando a revolta, o livro entremostrando o porvir; na accusação da derrocada soffrida pelo viver contemporaneo a affirmação da consciencia humana reclamar novos moldes á vida social; na structurização do futuro o grito de esperança sempre renascida, forte e victoriosa, rompendo audaciosa e reconfortante a atmosphaera asphyxiante e negra de eclipse do sentimento, propria aos periodos de gestação ás novas formulas de arte e moral, quando as dôres e anceios collectivos não encontram interpretes ou advogados promptos a traduzirem na efabulação artistica as vibrações sentimentaes d'uma epoca.

Eis o grande poder da arte social: attestar em documentos humanos de perduravel existencia o subjectivismo e a exteriorização d'uma raça e d'um periodo historico, recolhendo em si a imagem da vida social e do impressionismo psychico d'um grupo civilizado, consoante a sua expressão em determinado momento da evolução da humanidade. É assim que nos podemos julgar de qual seja hoje a aspiração dos povos, estudando a obra de Zola, Ibsen ou Tolstoi.

O francês, olhos postos no futuro ainda envolto no desconhecido, vigorosamente educado n'um forte meio de liberdade, escreve os seus romances insuflando-lhe o sopro prophético de crença inabalavel; visiona amoroso a paz universal no impulso de crente maximo e desenha n'um largo fundo de reconciliação humana *panneaux* magnificos de apotheose onde a Justiça dominante estende mãos protectoras á salvação dos fracos e das victimas, banhando-se no pujante colorido da rehabilitação do Ser.

E melhor que Zola ninguem ainda fez na arte social.

Ibsen – salvo as suas obras mais objectivas, o *Inimigo do povo*, *Esteios da sociedade* e *Casa de boneca*, perde-se nas brumas evoladas do fjord scandinavo, corporiza o pensamento em symbolos de difficil penetração, rodeia-se d'um vago mysticismo como no *Rosmerhoolm* e quasi impene-travel e sybillino só por vezes deixar passar um grito de facil apprehensão para as almas sedentas de emoção e verdade clara.

Assim as suas obras – salvo as primeiro indicadas – mais são motivo para o culto particularista de raros iniciados na extranha lithurgia artistica, que gritos de protesto soltos na generosa ancia de tudo libertar e redimir.

No emtanto, n'aquella obra essencialmente fria e esphyngica, ha qual-quer cousa de verdadeiro e reanimador, alguma cousa de suggestivo, mostrando uma consciencia indignada, indo instinctivamente na febre da revolta e na pureza da critica, a precisar em conceitos repassados da mais pura philosophia, as aspirações de liberdade que a Scandinavia já balbucia, acompanhando a intima prece de libertação entoada n'esta hora, por todos os povos.

E apóz Ibsen, vem Tolstoi que, com Zola, completa a triade artistica empenhada na proclamação dos males sociaes, apontando-os á execração do seculo.

Vida fóra – á espera da morte que o ha de ingressar no ceu – vem o conde russo travestido de *moujick* prégando fervoroso a rehabilitação do christianismo, d'ahí tirando energicas apostrophes contra os infelizes, cegos e surdos ás grandes dôres dos párias rebentados de fome e desconforto nos lares despovoados de ventura. Fazendo do christianismo decadente o protesto vingador, Tolstoi arremessa ás faces dos cezares e nobres o anathema sentido na alma dos humildes camponezes russos acurvados á rude tarefa quotidiana, erguendo-se sacerdote a consolal-os n'um grande sonho simplista de paz resignada.

E os tres obreiros de maior renome na arte social, seguindo differentes veredas, lá vão conquistando as multidões, ora chamando-as á vida dos affectos puros, ora indicando-lhes as origens do mal moderno que as sacrifica impiedoso e pertinaz.

Divergindo na sua arte, embora procurando attingir o mesmo alvo nenhum o consegue porém como Zola; o que na obra ibseniana é simples intuição da Verdade, e alliada á observação do meio e dos typos, em Tolstoi – veja-se a *Resurreição*, considerada um dos mais completos documentos da sua *maneira* e dos seus intuitos – predicação de apostolo avido de dar vigor a uma doutrina exausta, apostolado servido por uma arte quasi infantil, transforma-se no *Travail* em deliberado e consciente proposito revolucionario acompanhado de poderosas mostras de conhecimentos scientificos, não só convencendo mas vencendo as mais rijas resistencias de incredulos por atavismo ou sordido interesse. É que no *Travail* ha justiça para todos; os homens não são agentes do bem ou do mal senão obedecendo á determinação do meio onde desabrocham ou evolutem ou quando, superior á influencia da herança moral ou pathologica, a educação os preserva affastando-os da voragem que os ameaçava devorar. N'esse livro a par da fórmula rythmada e sonora emmoldurando a acção impregnada de suave e amoroso perfume ha o grande equilibrio

do desenvolvimento, ora guindando-se á mais alta dramatização, ora pairando na exposição completíssima da mais moderna doutrinação libertaria quando não vò nos mais arrojados symbolos da fraternidade humana ressendo a novas eras ou esquiça a bancarrota do capitalismo, a morte das religiões, a agonia da auctoridade pondo em relevo os seus agentes fulminados pela invasão serena e inevitavel do progresso triumphante.

Que grande mundo de esperanças o *Travail* offerece ás nossas crenças!

N'esse livro, que reputo o mais completo trabalho até hoje produzido pela arte social ha não só a ver as faculdades maximas do artista genial mas o *quid* entusiasta do luctador militante seguro de si e da sua penna posto na vanguarda dos combatentes a encorajar os tibios e a converter descrentes pessimistas, o pensador e o artista integram-se n'um só bloco demolidor, talvez avalanche que do alto da Verdade vem, encosta abaixo, esmagar a cidade das paixões monstruosas e das injustiças torpes que no sopé viceja, assassina e corruptora, pulverizando-a para dar logar á planicie destinada a berço da Cidade-Nova.

A julgar do pensador basta considerar o velho cura contrapondo opiniões com o professor atheu, republicano jacobino, ferozmente auctoritario, que ao fim se rende vendo que não só a Igreja é victima do Progresso, mas a chamada Disciplina tambem fraqueja nos fundamentos ameaçando a existencia da velha Republica dos interesses burguezes, commodista e especuladora. E a pôr fecho á agonia do cura soffrendo cruelmente de ver as gerações abandonarem o templo, desprezado mesmo pelo Estado que d'elle já nada espera, Zola leva o bom sacerdote ao acume do sacrificio e n'uma manhã clara de bom sol leva-o a dizer missa, a elle, na renuncia de bom christão a erguer o calix á hora mesmo que a nave derroca com estridor e o deixa soterrado nos escombros emquanto a *Crèche* – a fabrica communista onde não ha religião do Christo – floresce e multiplica a força no continuo accrescer de novas gerações simplesmente regidas por grandes principios de moral solidaria assente no Amor.

«S'ils imaient, tout serait fécondé, tout pousserait et triompherait sous le soleil».

E o analyst[a] não querendo ficar olvidado irrompe tambem n'aquelle episodio Morfain em que o velho operario tratador do alto-forno durante largos annos, despreza a felicidade da nova existencia, a quietação da nova fabrica, o findar tranquillo entre a familia feliz porque nos novos machinismos, nos progressos da Sciencia, elle vê, não a força que o vem buscar ao inferno do trabalho duro e violento executado em proveito alheio, mas a obra demoniaca desrespeitadora do velho obreiro, d'aquelle que ainda tem braços musculosos affeitos á rotina, e a tudo renuncia lançando-se brutalmente louco sobre o cabo electrico que vexa dispensando-o do trabalho. É preferivel, vê-se, á inconsciencia e aos habitos de escravisação cair fulminado no desejo tresloucado de impedir a liberdade que reconhecer a vida sob diverso aspecto de completa felicidade gozada por direito proprio de nascimento. E temos a ainda a delicada analyse psychologica que faz das tres mulheres Josine, Soeurette e Suzana a satisfação dos varios estados d'alma do apostolo Luc, dando-lhe a femea apta e attrahente á procreação, a amante espiritual e a amiga fraternal que tudo advinha, percebe e realiza empenhada de vêr fecunda a obra do amor que tanto mais é grande quanto mais abdica do ente desejado para se multiplicar no grande affecto salvador d'aquelles no mundo só visitados pelo soffrimento.

Nunca em outro livro encontrei delicadas *nuanças* do sentimento tocadas por fórma tão grandiosa e magistral.

É que no *Travail* ha a *griffe* do genio a carimbar de ternura e de odio, de amor e de raiva, as seiscentas paginas que o compõem.

Lê-se e vive-se: amamos e odiamos, cremos e desanimamos, estudamos e perdoamos e tudo isto, feito o nosso querer simples argilla nas mãos do artista que a molda na adaptação á urdidura do livro sempre intenso e educador.

Nós, os latinos, podemos orgulhar-nos; é a França e ha de ser sempre ella o cadinho das mais compensadoras esperanças e a patria dos mais altos protestos de dignidade humana.

A convencer-me veio o *Travail* dar-me a ultima prova.

Ernesto da Silva

A REFORMA DO NORMAL I

(O MUNDO. LISBOA: N° 391 (1901), 14 DE OUTUBRO, P. 2).

Era esta uma questão que, por sua importancia social e artistica, parecia dever ser fadada a merecer estudo attento, intuitos limpos e propositos honestos, capazes de dispensarem o sophisma grosseiro, destinado a pôr carimbo de grandeza no que em sua intimidade não vae além de mercantilismo e febre de dominação.

Mas, vá lá um homem n'esta miseria de terra discutir a serio os verdadeiros interesses da arte, no que ella tem de fecundo e consolador; o seu progresso, as formulas e processos mais em harmonia com as exigencias do espirito moderno e a sua missão, quando defronta logo de entrada com o sr. Schwalbach⁵⁷⁴ & C.^a fazendo ataque em estylo de *hortas* – capaz de fazer inveja ao da *Severa* e mais da mana *Rosa* – pondo o collega escriptor Alberto Pimentel na pacifica situação de boi puchando á nora da tia Maria!

Na verdade é difficil entrar na pugna com intuitos de manter a linha de precisa correcção.

Porque quando o director do Conservatorio, grado funcionario do Estado, não hesita em vir a publico e razão defender os seus interesses – e os do *Barril do lixo* – ampliando o typo zoologico d'outro funcionario tambem grado, o commissario regio do theatro normal⁵⁷⁵, a gente tem quasi o direito de ficar certa de a choldra a que tudo isto chegou nos auctorisar o abandono de correctas preoccupações e seguir passo na

⁵⁷⁴ Eduardo Schwalbch Lucci (1860-1946), político e dramaturgo.

⁵⁷⁵ Alberto Pimentel era, em 1898, comisário régio do Teatro de D. Maria II.

escola dos Rostands da Madragôa⁵⁷⁶, tanto mais sobejando verdades rijas a proclamar que em consciencia sabemos perderem colorido quando ditas em fórma amena.

Emfim, diligenciaremos manter-nos correctos, caso não haja motivo em contrario; porque então, não hesitaremos em largar o apito do cidadão pacato que se vê em perigo, e *raparemos* da moca das indignações solemnes e estrondosas.

Feita esta exposição do I.º acto, justo é que digamos ao publico qual o impuslo que nos traz a campo.

Vamos faze-lo:

Em resumo é isto: o convencimento de a reforma pedida para o Normal pelo grupo de que é cabecilha o sr. Schwalbach ser ainda mais funesta á arte do que o tal decreto em vigor, já de si fundamentalmente reaccionario e pernicioso. E sabemos tambem de analyse propria que a execução da reforma, alcançada no gabinete do ministro do reino, importaria o ser posta cupula na obra de preversão artistica e indignidade, iniciada n'aquellas reuniões de ha mezes na sala das *Novidades*, feitas com cartaz de criação a uma associação de auxilio aos auctores dramaticos nos casos de invalidez e pensões ás familias de dramaturgos mortos.

O pregão lançado então á rua foi o do socorro-mutuo, mas o que se fez não excedeu o reunir forças e... farças, para a constituição d'um syndicato authentico, legalizado, com o patronato do estado, capaz de dar proventos e poder a meia duzia – se tanto! – de escriptores tidos e havidos – na maxima justiça – como aquelles que nos ultimos tempos mais teem concorrido para a derrota moral e artistica do theatro portuguez que hoje pretendem salvar a golpes de reformas tonificantes.

Ora, porque estou absolutamente convencido da nenhuma sinceridade de propositos salvadores da Arte, gritados ahi nos papeis com noras e

⁵⁷⁶ Na Madragoa ficava o Clube Recreativo da Lapa, segundo designação de 1894, que servia como teatro de acolhimento a grupos diversos, como o Grupo Dramático Baptista Machado ou o Grupo Dramático Eduardo Brazão.

bois, n'um fundo verde de retiro de *Bitoque*, é que venho tambem a terceiro dizer coisas.

E a faze-lo sobeja-me independencia: nem a homens, nem a empresas – agora em foco – devo o mais leve favor ou axilio e tenho motivo para acreditar que jámais os deverei.

Da empreza Rosas & Brazão com *sobresaliente* no sr. Vasconcellos⁵⁷⁷, então commissario regio, recebi em 1897 o *favor* de rejeição á minha peça *A Victima* que por ser «offensiva da moralidade e bons costumes» – vejам se n'isto da *Severa* e da *Rosa* – foi posta á margem, o que não lhe evitou de merecer ao sr. Silva Pinto, um dos escriptores de auctoridade cá da terra, o seguinte parecer: «A sua obra, de forte moralidade, de ardente prosa e maculo juizo é um valioso e nobre trabalho»⁵⁷⁸. E eu cá vim p'rá rua quasi apodado de ter moral alli do *paiz das uvas*.

Da actual sociedade, administrada pelo sr. Posser⁵⁷⁹, tambem na passada epoca recebi o *favor* de rejeição a pecita n'um acto, *O Despertar*, pecita leve d'abrir espectaculo, incapaz de provocar a minima contracção facial á burguezia rotunda frequentadora do *Normal*⁵⁸⁰.

Dadas estas condições – que ainda espero aggravadas na rejeição de terceira peça p'ra satisfação da minha dignidade de homem e de escriptor⁵⁸¹ – certamente ninguem de boa fé poderá ver em subsequentes considerações a fazer, outra cousa que não seja o desejo de pôr álerta o

⁵⁷⁷ António de Sousa e Vasconcelos (1843-1903), escritor e jornalista.

⁵⁷⁸ Como Ernesto da Silva explica, a obra *A Victima* foi rejeitada para a sua encenação no Teatro D. Maria II em 1897, facto que denunciou num conjunto de artigos publicados em *O Paiz* em 1897. Num deles, conta como requeriu parecer de Silva Pinto, publicando a seguir a carta que ele lhe enviou como resposta. SILVA, Ernesto da – Theatro de D. Maria II. VI. (A moral do theatro). *O Paiz*. Lisboa: n.º 486 (1897), 5 de março, p. 2, texto publicado neste trabalho.

⁵⁷⁹ O ator Carlos Posser (1850-1949) era em 1898 o gerente do Teatro de D. Maria II.

⁵⁸⁰ *O Despertar. Peça em 1 ato*, foi publicada no jornal *A Obra* nos meses de abril a junho de 1900. Vid. texto da peça neste mesmo volume.

⁵⁸¹ Não se enganava o autor, pois ainda o Teatro D. Amélia (atual Teatro de S. Luiz) rejeitaria a encenação de *Em ruínas. Peça em 3 atos* (1903), que acabaria por ser estreada no Teatro Livre em 1904, após o falecimento do autor. Vid. texto da obra neste mesmo volume.

espírito publico contra a criação official do syndicato da arte dramatica sonhado sem duvida em noite difficil de falta de cobres quando os escrupulos resonavam alto.

Sim. Ninguem ha de vir dizer haver de minha banda ligações ou dependencia de actores ou empresas; menos isso.

Quando me dá gana d'ir ao *Normal* ou a outro templo da arte de Garrett e Gil Vicente não costumo preocupar-me se é o sr. Posser o fr. Luiz de Sousa ou o sr. Brazão o João José. Se gosto, applaudo, se não gosto, pateio. O que não faço é guindar mediocridades a genios quando as cousas me vão prosperas, reservando-me p'ra chamar bestas aos consagrados de hontem, quando chega a hora das contrariedades. Acho isso ignobil e deixo a outros o uso descarado do processo.

Está feito o indispensavel preambulo, sem esquecer juntar não pretender armar n'este trabalho á possivel gratidão dos actuaes societarios de D. Maria esperançado de protecção a qualquer obra futura; fallo assim, franca e desassombradamente, porque de sobejo conheço o processo de trepar n'esta terra de compadres e empenhos e não ser preciso mais a ter entrada no *Normal* que possuir uma carta protectora do sr. Hintze.

É verdade que p'ra conquistal-a tinha de fazer uma *lucta intima* entre a minha Arte e o desejo de consagração, obrigando-me a tomar namoro com alguma creada de s. ex.^a ou metter-me de gorra com o correio p'r'o caso de pôr pé na cathedral do supremo triumpho. E é esta tristeza, esta dôr d'alma nascida da observação dos homens e das cousas, do paiz e do resto, que me põe convencido de a pretendida reforma do *Normal*, reclamação do sr. Schwalbach e da *Severa*, não ser empenho de lustre ás sublimidades da Arte e ser manobra destinada a quedar-se em contemplação do exito da bilheteira – sobrescriptado a algibeiras certas – augmentando de predominio em fraldas dos dois sexos acaso dependentes de novos potentados. Eis a questão. O resto é laracha de mau gosto, incapaz de convencer quem não seja provadamente ingenuo; laracha que vae a pôr em primeiro plano da pugna chocarreira nomes prestigiosos

– como o da actriz Virginia⁵⁸² – a nossa maior actriz – artista que é das mais seguras glórias portuguezas, á altura de todos os confrontos com as Duses de reclamo, epilepticas e artificiaes, e que por desgraça sua depois de ter nascido n’esta viella da civilisação europeia vê o nome aureolado a servir de bandeira, entre outros artistas do melhor quilate, ao grupo não direi desgrenhado mas esfomeado e audacioso dos que tendo em Portugal vivido mais que ninguem do theatro nacional, embora servindo-lhe a titulo de *foie gras*, ainda acham pouco o já adquirido – sabe Deus, como! – e fazem conspiratas em nome da Arte – pobre rapariga, vae p’r’o Aljube! – pretendendo zombar da credulidade publica em *cegada* carnavalesca destinada a fazer sucesso quando o mundo fôr só d’ella por soberano decreto do Creador até agora esquecido de mandar raios vingadores aos tablados onde a mais vil especulação tem conspurcado tudo – litteratura, actores e publico.

Estavam julgando a cousa passar, sem protesto? Enganaram-se d’esta feita e, chegando a hora da liquidação a gente da *Severa* e da *Rosa* ha de ser anatomizada impiedosamente nos pruridos reformadores que a fazem andar coçando costas e circumferencias proximas nas esquinas da Arcada, á espera dos ministros escolhidos para ponte de passagem a caravanas marcadas de monopolio.

Nós cá estamos, nome por baixo do que escrevemos em desafogo proprio – os da reforma guardam-n’o p’r’os cartazes-armadilhas do publico desprevenido e mal educado, – provando os reformadores que ao grupo de rapazes alcunhado de *syndicato da inveja* em face do *syndicato da corrupção*, não lhes falta energia, desassombro e motivo p’ra vir clamar bem alto a necessidade de pôr em desbarato o grupo dos á ultima hora salvadores do Theatro, por elles mesmos conduzido á singular decadencia do momento presente.

⁵⁸² Virginia Dias da Silva (1850-1922) era considerada a primeira atriz portuguesa da época. Foi primeira-dama no Teatro D. Maria II durante vinte e sete anos consecutivos.

Ficamos, pois entendidos por hoje: vimos ao combate impulsados nas razões já indicadas e no desejo de provar não irem além da manhosa mystificação as allegações até agora produzidas no fito de justificação á reforma que já esteve sob olhos dos srs. Schwalbach e João da Camara, na noite em que, de longada, foram a vê-la á pobre, á misera, á triste que permanece, abandonada e só no teimoso quietismo de caracol não disposto a sahir da casca.

As allegações vindas á flôr são por enquanto estas:

Que a reforma urge, attendendo á maior grandeza da litteratura dramatica, que hoje está decadente e pobre; que a reforma vem para dar justa protecção aos auctores dramaticos, actores, actrizes e mais gente que viva do theatro;

Que a reforma tem, por final, o sublime intuito de reunir no *Normal* todos os grandes artistas da scena e pôr fim á depoloravel situação de D. Maria e D. Amelia, ferindo-se mutuamente.

Aqui ficam as allegações.

A analyse seguirá na quarta-feira e, posto isso, cá vamos continuar pensando n'aquella graça do sr. Alberto Pimentel a puchar á nora da tia Maria!

Muito pode a suggestão da Arte: está mesmo a vêr-se ao fundo a *Basilisa* levando cangirões ao grupo dos consagrados.

Ernesto da Silva

A REFORMA DO NORMAL II

(O MUNDO. LISBOA: N° 394 (1901), 17 DE OUTUBRO, P. 2).

Foi hontem que ao ler o reclamo do *Homem das Mangas*⁵⁸³, acaso deparei com o seguinte:

«Porque é que de todas as forças concorrentes quem puder e souber não há de tirar o resultado final, em harmonia com todas as declarações mas só, bem assente, só em proveito da arte?»

É este o ultimo grito do sindicato ferido em pleno peito.

Mas, que arte é essa subtil e requintada, vaporosa e desprendida, não disposta a affrontar os mais rudimentares preceitos da lei da concorrência, indo ao extremo de impôr-se o sacrificio da existencia propria em salvação a não sei quê de vago e abstracto ainda não visto pela multidão profana?

Digam-nos, aquietem-nos; que d'entre os raros iniciados, um, um só, desça á nossa presença e venha convencer-nos de não ser mais lisonjeiro nos interesses dos dramaturgos a vida de dois theatros do *genero*, que, pelos mesmos auctores, podem ser servidos, do que a existencia de um só, monopolista e audicioso com o andar do tempo, capaz de bater pé nos escriptores por fórmula altaneira e impertinente.

Venham, argumentem, que nós supplices os escoramos, reformadores de *nicles*⁵⁸⁴, a metter agulhas por alfinetes na demonstração quiçá rubia,

⁵⁸³ *O homem das mangas*, uma comédia em três atos de Oskar Blumenthal e Gustav Kadelburg, fue traduzida por Luís de Freitas Branco com versos de João de Melo Barreto. Na altura estava a ser representada no Teatro da Trindade desde 13 de outubro.

⁵⁸⁴ A temporada 1901-1902 do Teatro da Rua dos Condes abriu com um dos êxitos maiores daquela casa, a revista *Nicles!...* de Eduardo Schwalbach. SIPHAX – Reaparições.

de provardes a singeleza da luminosa idéa que por agora ainda não luzio entre gentes avidas de entrevê-la.

E assim morre de gosma a mais poderosa allegação reformadora.

Os auctores dramaticos não podem, sem gravissimo prejuizo das suas obras, interesses affins e ainda da propria expansão da litteratura e aperfeiçoamento da arte de respresentar, advogar qualquer reforma do theatro normal destinada a firmar-se na junccção dos elementos artisticos que hoje acudindo ás exigencias de dois theatros, ámanhã teriam de fundir-se n'uma só companhia.

Faze-lo, seria comprometter tudo, sem nenhum beneficio poder ser apontado no futuro.

Ora, sendo os reformadores intelligentes e de fina percepção – facto por mim já reconhecido sem necessidade de prova maior – como é possível acreditar que a reforma tão rudemente defendida tivesse apenas em mira provocar um mal destinado a ferir forte os seus mais audazes propagandistas?

Está, como vêem, prostrada uma das allegações mais valiosas, aquella mesmo que pode dizer-se tem sido a *pivot* da magna sarrafusca.

Depois nada mais fica, a não ser aquelle outro desgraçado argumento da litteratura dramatica estar decadente e ser preciso rapido rejuvenesce-la de seiva nova e vigorosa.

Acaso os que assim fallam não teem olhos de vêr e alma de sentir capaz de apprehenderem ser o mal da litteratura dramatica o mesmo da restante vida social p'ra ahi enfermiça, mercê do paludismo evolado do charco, onde refocilamos?

Quem o contesta?

Vivendo ha já tantos annos o espirito nacional a mais degradante das existencias, arrastando a toda a hora o trambolho da ignorancia que lhe foi amarrado á essencia por mãos interessadas, acaso era licito esperar o theatro não soffresse da infecção geral, sendo elle como é uma e das mais poderosas manifestações da vida d'um povo.

Nicles!... *Vanguarda*. Lisboa: n° 1776 (3.723) (1901), 14 de outubro, p. 2.

E é n'este capitulo que me é dado perguntar aos reformadores – met-tam primeiro a mão na consciencia – qual foi a obra, o seu esforço para a nacionalidade se não preverter mais do que ia prevertida, emprestando-lhe – vá lá á Iº de dezembro, – patrioticamente o vigor das suas penas e a luz dos seus espiritos. Fizeram-n'ò? Não. Após as primicias, talvez queimada uma ou outra illusão, se é que algum dos que me passa na mente não chegou ao theatro já desprovido de taes excrecencias, affizeram-se ao meio, estudaram-n'ò e a titulo de descrença, os que não procederam por motivo do eterno e perigoso sonho, desataram a parir obras n'uma fecundidade digna de estudo, parecendo apostados na confirmação de não ser de todo estúpida aquella cousa do actor Rosa na *Severa*:

– Isto é descer, marquezia.

Para o *simile* ficar perfeito bastou deportar a interrogação.

O povo cá andava na ruas ás aranhas, sem ter o theatro que o acordasse para a vida limpa e sadia; esquecido, entregue a si mesmo, sem resistencia moral e intellectual a poder defender-se das venenosas sollicitações dos agentes corruptores, que fez? Poz-se tambem a gostar, á laia de criança amimada, das cousas *reinadias* e *com vista* e vae senão quando acordamos nós, á grita d'uns tantos visiveis com côro de invisiveis clamorosos a bradarem:

– O theatro está uma chaga!

De admirar é que durasse tanto o tempo sem maior necessidade de frequentar o Desterro.

Pois todo este mal ia agora ser varrido d'uma só vez se a reforma schwalbachiana vê luz e em opimos fructos apurados com enxertia no *comité dramatico* se desentranha a salvar tudo e todos com a ajuda larga de nove *commissionados*.

Pois meus caros reformadores⁵⁸⁵, agora sinto bem não lhes seja conhecida aquella phrase velha do – *mais vale prevenir que remediar*.

⁵⁸⁵ Faz referência à PORTARIA de 25 de outubro de 1901. *Diario do Governo*. Ministério dos Negócios do Reino, Direção Geral de Instrução Pública, 3.ª Repartição. Lisboa: nº 242 (1901), de 26 de outubro, p. 873.

Agora, assim á ultima hora, depois do que os cartazes teem dito e os palcos consentido, lá me está parecendo serodia a penitencia artistica d'aquelles bem carimbados de primos factores da geral *degringolade*.

E aqui está porque, sceptico e prevenido na visão dos factos, veem sem querer aos meus ouvidos echos de *revistas* e tenho vontade de repetir:

– *Pois sim... mas anda lá!*

Antes, porém, de fechar as considerações de hoje a proposito da *sarrafusa* do *Normal*, ainda para mais evidencia de quanto são boas as allegações produzidas em favor da reforma, direi, referindo-me a uma que tem tomado foros de ser de peso:

A arte – a tal arte *nova* que devia sair da reunião do pessoal do *D. Amelia* e *D. Maria*, dadas as actuaes circumstancias, nada tinha a ganhar com a volta do srs. Rosas & Brazão⁵⁸⁶ ao *Normal*; adoçados apenas os odios e emulações na capa por demais leve da cortezia aprendida no *métier* da scena, avermelhadas as paixões ao rubro, fervilhando as dissensões e intrigas, o embate impunha-se inevitavel ao fecho de poucos dias – se é que não devia impôr-se logo ao primeiro vagido victorioso da reforma schwalbachiana – e a desagregação continuaria impondo o fatal dilemma: ou aggregar e perder individualidade ou protestar iniciando a reacção.

Assim postas as cousas com franca singeleza avessa a pôr traços de *batom* na face honesta, visto e bem visto fica que os taes progressos da arte jámais poderiam ser creados em retorta tão povoada de elementos heterogeneos.

É esta a opinião de toda a gente que se não propoz agora demonstrar serem $2 + 2 = 4$ quando não são 22.

E d'esta vez por aqui me fico não esquecendo as manhas da terra que são capazes de no futuro ainda darem signal de vida.

Ernesto da Silva

⁵⁸⁶ Nessa altura no Teatro D. Amélia.

BLANCHETTE

(O MUNDO. LISBOA: N° 545 (1902), 20 DE MARÇO, P. 2).

Como é consolador e retempera vêr quando a quando n'esta terra, tão movida de indolencia e manca de iniciativa, qualquer cousa sadiamente espiritual aquecendo-nos, fortificando-nos, emprestando alma nova aos espiritos que já vão desalentados, na vida em commum d'uma sociedade sem liberdade nem idéas!

E todo esse mundo novo que surge inspirado e reconfortante n'uma alvorada precursora evocada pelo gesto olympico d'uma grande artista, do mesmo tempo alma soberanamente afinada para comprehensão nitida da verdadeira esthesia, é tão grandemente compensador, tão intensamente humano e suggestivo que puz-me a pensar assistindo á primeira da *Blanchette*⁵⁸⁷ – o adoravel quadrinho d'esse grande pintor de typos e de *meios* que é Brioux – ser possivel o D. Amelia alar-se á comprehensão da arte serenamente posta ao serviço do progresso social, que não febril e desgrenhada trabalhando na lubrica visão das fraldas da *Lagartixa* lançada ao *can can* prometterdor de volupias refinadas.

Ah, que muito deve já a arte portugueza a Lucinda Simões⁵⁸⁸, essa fina mulher d'alma e encanto que evoluindo sempre, guiada pela mais nobre

⁵⁸⁷ A peça representava-se pela primeira vez em Portugal a 15 de março de 1902, no Teatro D. Amélia, interpretada por Lucília Simões, no papel de Blanchette, acompanhada de Lucinda e Christiano de Sousa, nos papéis principais, e de Delfina Cruz, Chaby Pinheiro, Gil, e Lagos em papéis menores Vid. Theatros. Primeiras representações. *O Mundo*. Lisboa: n° 539 (1902), 14 de março, p. 3, e n° 541 (1902), 16 de março, p. 2.

⁵⁸⁸ Lucinda Simões (1850-1928) foi uma das maiores atrizes portuguesas da época, integrando o elenco de artistas do Teatro do Ginásio, cuja companhia chegou a dirigir.

independencia, se não vende a confortos faceis mas rende entusiasta e crente ao culto da arte pura.

É assim que temos visto do *Divorçons*⁵⁸⁹ á *Casa da Boneca* e agora á *Blanchette* seguindo de audacia em audacia, segura do seu processo. A tentadora figura da esposa-amante – a que quer saber amar – até a encontrarmos depois na sr^a Linde, de Ibsen, e ao final, melhor que nunca, se nos deparar sobria e modelar n’essa outra obra monumental, *Blanchette*, que bem se vê desde começo ao epilogo carimbado do punho poderoso de Brieux.

Foi Lucinda Simões quem primeiro arrostou a chata educação artista do indigena e, mais, foi ella quem defrontou em primario impulso a moral convencional e hypocrita da nossa gente dando-nos a *Casa da Boneca*, e por isso e porque veiu agora mais uma vez deliciar-nos, educando-nos, bem merece esta pallida sagração feita n’um grande intuito justiceiro, ao tratar da peça de Brieux.

Fallemos da *Blanchette*:

A *Blanchette* é primeiro que outra cousa uma obra d’arte social: levada ao tablado para motivo de educação e visionismo do conflicto permanente da vida contemporanea, offerece-nos na desenvolução de tres actos magistral e sobriamente tratados, a impressão vivida do desequilibrio que ahi vae ferindo nas sociedades modernas caracteres e classes, individuos e familias brutalmente chocados uns contra os outros no apertado circuito da insatisfação da vida. Brieux, revolucionario e audacioso, por isso mesmo despresador da motivação psychologica geradora de typos convencionaes, buscando na vida o embate das paixões e a conflagração das existencias, enfileira-se no grupo demolidor dos espiritos novos da França, que orientados pela alta percepção artistica de Zola, contam em seu nucleo poderosas energias e magnificos talentos, como São Lazare, Mirbeau, Prévost, para não fallar de outros.

⁵⁸⁹ Trata-se de uma comédia em três atos de Victorien Sardou e Émile Najac, traduzida por Manuel Pinheiro Chagas.

Assim, a *Blanchette*, não sendo intimamente uma peça de these, é superiormente um aggregado de problemas sociaes; a resistencia ignorante do pae Brunet á nova adulação dos terrenos, symbolizando a rotina na eterna ancia de negação; o caso dominante do drama dando na *Blanchette* a torturada figura do proletario intellectual, avido de perfeição e desprovido de dinheiro; a accusada impotencia do Estado a poder cumprir o dever de dar pão áquelles a quem só concedeu diplomas; o apego á terra e á propriedade individual nitidamente accentuado em Brunet e Morillon, pae, são a positiva documentação de finas qualidades de observador educado que bem sabem derivar o meio social a quase totalidade dos antagonismos individuaes.

Brieux não pretendeu, nem podia pretender – como já li algures – condemnar na *Blanchette* a maxima educação distribuida aos filhos por paes não providos de recursos largos, ficando aquelles condemnados ao eterno vegetar nas profissões e no viver obscuro e infimo dos progenitores; tal deducção que p'ra ahi já vejo feita por sociologos amaneirados, pressurosos de extrahirem do drama licção tranquillizante aos instinctos conservadores que os movimentam, não podia caber no cerebro educado do auctor da *Robe rouge*⁵⁹⁰, que antes de dramaturgo é revoltado contra o maneirismo da arte e a injustiça na sociedade.

Depois, acceitar tão iniquo modo de vêr, é arvorar a violencia e, lei social, impedindo a expansão individual na affirmação da indispensabilidade das castas servas e senhoras para se manter o geral equilibrio á custa da ignorancia de uns, feita esteio á felicidade de outros.

Se a evolução historica se desenhasse por tal fórma obedecendo a immutaveis normas, ainda hoje a burguezia não ultrapassaria os limites de adaptação social que podem ser consignados aos engraxadores e palafreiros a soldo da casta aristocratica.

Na verdade, a critica conservadora é bem incoherente, pois não é?

⁵⁹⁰ *La robe rouge*, peça em 4 actos, de Eugène Brieux (1858-1932), foi estreitada em Paris a 14 de março de 1900, no Teatro de Vaudeville.

O que em especial fere o espectador na *Blanchette* é vêr o proletario intellectual, tendo feito *pelle nova* no cultivo da intelligencia, querer fugir ao mundo estreito onde mourejam os paes e mourejaram avós, tentando evadir-se em ancias de redempção á apertada gaiola em que já lhe não cabem as azas desenvolvidas. E o facto é tão natural!

Creadas necessidades novas, despertos os sentimentos do bello e do mais perfeito, como pode ser condemnavel a febre de evasão ao que se antolha insignificante e não compensador?

De modo algum. A não ser que a critica conservadora, fazendo eixo na preversão das intenções creadoras com que Brioux deu vida á *Blanchette*, queira levar a coherencia analythica ao ponto de condemnação ao progredimento social, acaso representado pela chusma dos ruraes que abandonando pae e mãe no amanho das terras, se vão foragidos para as universidades a conquistar os dotes indispensaveis á possível victoria que de longe os attrahe, nas miragens do poderio derivado das funcções de legisladores triumphantes e dominantes.

(Continua)

Ernesto da Silva

BLANCHETTE. (CONCLUSÃO)

(O MUNDO. LISBOA: N° 546 (1902), 21 DE MARÇO, P. 2).

Se a *Blanchette* é um monstro illustrado – stygma já lançado á obra de Brieux em furor critico de burguez assustado, não vá a peça transformar-se em libello contra a Ordem – não o são menos todos aquelles dos homens tidos por mais illustres que, cedendo ás tendencias e attrahidos á lucta da vida, se esqueceram dos casaes paternos e das montanhas onde trepavam quando garotos e audaciosos seguiram rumo á busca de triumpho consolador em novo *meio*, mais brilhante e productivo de felicidade e riqueza.

O que a *Blanchette* na sua mais fulgurante intensidade dramatica offerece, é a demonstração segurissima do conflicto inevitavel da vida na sociedade e no lar logo que o individuo nutrindo uma aspiração a não realisa, mercê dos obstaculos insuperaveis originados n'uma falsa civilização que aos *sem fortuna* só garante o direito ao soffrimento.

Esta é que é a pungente lição sahida d'essa obra tão singelamente comovedora e pujantemente demolidora, embora pese comprehende-lo aos que julgam o mundo ir feito n'um glorioso sonho panglissiano e optimista.

Mas, voltando á *Blanchette*: aquella galeria de typos estudados a primor, em que o taberneiro Rousset é admiravel de observação, impõe-se de realismo e vida, e se não fôra assim, certo o drama não lograria o exito alcançado sobre uma platéa avessa a impressões de agrado quando tem por frente uma obra de reivindicação ou protesto.

É ver o Rousset: typico exemplar tarado de alcoolismo, avaro, perfeito rural agarrado á terra e ao dinheiro, indo até ao roubo quando disfarçado

em negocio de jeito ou augmento nas contas da freguezia, é uma d'estas figuras que uma vez creadas bastam a authenticar a poderosa envergadura artistica do auctor que as desenhou; em Rousset não ha hesitações, o personagem sae integro, d'um jacto, ficando-se como tirado d'um bloco e d'uma só vez, a attestar uma esculptura perfeita; preguiçoso e alcoolico, costumado á vida facil do pequeno café da provincia, esfregando mesas com as mangas habituaes partidas de dominó, emquanto a mulher trabalha, Rousset é d'um egoismo authenticico; brutal e impulsivo, homem capaz de todas as subserviencias logo que haja proveito a tirar, ancioso do ganho da filha, na educação recebida a beneficiar do trabalho da mulher, a personagem torna-se por tal maneira humana que logo se dirá ser copia perfeita do natural.

Ah, que se Zola, o valoroso combatente de todos os combates do Bem e o formidavel campeão do *Naturalisme au théâtre*, já viu este Rousset, bem deve ter ficado satisfeito com figura tão impecavel e verdadeira.

Acompanhando Rousset, em primeiro plano, destacam-se ainda a mulher, a sr^a. Rousset magistralmente interpretada e comprehendida por Lucinda Simões que foi soberba de naturalismo e fez da figura mais um titulo de justissima gloria, e a filha, Blanchette, resultando assim um trio admiravel de colorido e verdade, secundado por figuras episodicas igualmente traçadas por mão de mestre – se exceptuarmos a menina Galloux e respectivo papá – entre os quaes sobresaem flagrantemente de côr e vida Gil⁵⁹¹ e Chaby⁵⁹², especialmente o primeiro, que mais uma vez quis provar ser um actor correctissimo.

E aqui tem o publico como se deve orientar o rejuvenescimento do theatro portuguez, que, certo, não virá pela exhumação da arte mumificada ha seculos nas estantes eruditas das bibliothecas vestidas a teias d'aranha, mas se alcançará pela educação do pessoal do theatro, desde o auctor ao

⁵⁹¹ João Gil (1843-?) integrou as companhias de teatros como o Príncipe Real, Trindade, D. Amélia, Rua dos Condes, e até do D. Maria II.

⁵⁹² António Augusto de Chaby Pinheiro (1873-1933), ator.

contra-regra, no sentido de se porem a bem com a epoca em que vivem, fornecendo á visãõ do espectador alguma cousa que seja tirado á propria vida e á natureza sempre prodigas de motivos dramaticos intensos de emoção e prenhes de deleite.

Ha de ser assim, seguindo o trilho marcado por Lucinda Simões, a intelligente senhora que tanto honra a arte portugueza, que os nossos tablados hão de conseguir a realisacão do dever moralisador e educador inherente á missãõ que lhes pertence, libertando-nos de vez da capa e espada do drama pretendidamente historico e dos abortos psychologicos misturados de romantismo que por vezes anesthesiam a emotividade provocando o bocejo.

Que bello theatro e que bellas lições se extrahem das *Semi-virgens*⁵⁹³ e da *Blanchette*, da *Robe rouge*, e da *Casa da boneca* ou *Inimigo do povo!* E é esse o unico theatro que póde convir ao povo capaz de pensar e acompanhar a civilisacão; o mais, operettas *arranjadas* com remendos de graça velha em moldes novos e peças proximas desprovidas de encanto e verdade, apenas conseguirá o ficar provado na historia da raça que a esta hora estamos tão deploravelmente dessorados que o espirito creador e as qualidades de intelligencia e estudo emigraram para não mais voltarem.

Fechando por aqui este desabafo nascido á conta de sincero applauso á Lucinda Simões e aos artistas que a acompanham, seja-nos licito dizer que depois d'aquella memoravel noite em que a *Robe rouge* representada pela Réjane⁵⁹⁴ nos obrigou a fremir de entusiasmo ante a santa demolição d'uma das instituições sociaes mais perigosas e privilegiadas jámais, salvo nas gloriosas noites de Zacconi⁵⁹⁵, sentimos como na *Blanchette* invadirmos o fervor enthusiastico levando-nos ao applauso incondicional, sem restricções, sinceramente franco, traduzindo alto e sonoro a intima

⁵⁹³ É uma comédia em três atos de Marcel Prévost, estreada a 21 de maio de 1895, em tradução de João de Melo Barreto.

⁵⁹⁴ Gabrielle Réjane (1856-1920), atriz francesa.

⁵⁹⁵ Ermette Zacconi (1857-1948), ator italiano.

satisfação do nosso espírito desperto para a compreensão do Bello e do Justo.

Ernesto da Silva

Errata: – No passado artigo, por lapso de revisão, sahiu Brunet onde se deve lêr Rousset.

**CONFERENCIA. THEATRO LIVRE & ARTE SOCIAL.
(REALIZADA NO ATHENEU COMMERCIAL
AOS 14 DE DEZEMBRO DE 1902)
(LISBOA: TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, 1903).**

SENHORAS E SENHORES:

É sem duvida uma das mais altas formulas de moral social, aquella consubstanciada na idéa creadora do *Theatro Livre*: – transformar pela Arte, redimir pela Educação.

Affigurar-se-ha talvez, a menos claros espiritos ser escusada redundancia, digna de enfileirar-se á denominação já vulgarizada de *arte social*, o preferido titulo de *Theatro Livre*.

E o superficial reparo, que sei, ter mais de uma vez servido do thema a discussão ardente, nascerá, por certo, embora ingenuo e desacompanhado de valia, de um raciocinio que reputo vicioso e duplamente errado nos seus dois aspectos mais flagrantos os quaes passo a precisar:

Pois sendo o theatro, a exemplo da igreja e da escola, uma vigorosa instituição social directora dos espiritos, acaso não é livre, encontrando em si mesmo os proprios elementos da liberdade e, apto a servir o afinamento moral e intellectual de um povo, encaminhando-o n'um sentido de maxima perfeição humana, não tem na propria essencia a força bastante ao desempenho da missão que lhe cabe?

Vejamos o segundo aspecto do raciocinio que já classifiquei de vicioso:

Sendo a Arte, a expressão e, dado momento historico, do sentimento do Bello, vivido e traduzido na elaboração da obra artistica e destinando-

-se a obra de arte ao acordar do culto da Belleza na alma collectiva da geração ou gerações que hajam de defrontar, será crível a existencia de uma arte não social?

A estas interrogações, feitas desdobramento de uma idéa de rotina, igualmente molde ás duas duvidas aqui expressas e que me parecem bem condensar o nebuloso estado de espirito de alguns, vou tentar responder, procurando quanto possivel no precisar dos termos estabelecer qual o motivo creador de divisas de combate – o bom combate das idéas! – consideradas por manifesta miopia critica dispensaveis e mesmo improprias sobejidões, á falta de clara significação.

Deixando⁵⁹⁶ a menuda analyse do Passado nas suas relações com a Arte – tarefa que relego a quem de mais valia a possa realizar com consciencia e brilho – affirmarei no emtanto, dominado por um invencivel desejo de só julgar factos de rapida e facil apreciação, que, attendendo aos já tão fundamente criticados alicerces da vida social contemporanea, não será heresia de maior proclamar convicto a não existencia do theatro livre entre os varios processos de exploração industrial até agora existentes e d’ahi, tyranizados á potencia do lucro, como não será levada á conta de basphemia merecedora de penitencia a affirmação de não ser social a arte vulgarmente vendida ahi, no mercado, ás exigencias sentimentaes ou simplesmente estheticas do leitor ou do espectador.

Em boa analyse, o theatro, sendo uma instituição nitidamente reflectora do estado mental da maioria que o avigora e frequenta é um seguro indicador da florescia ou decadencia de uma epoca; consequentemente, quer pela forma quer pelos intuitos, a arte habitualmente acolhida e acarinhada no proscenio portuguez, n’esta hora da civilização universal, é a prova mais authentica de não ser social, pois que, não mirando á melhoria das condições de vida intellectual ou moral da sociedade que devia educar – visto em tal fim dever residir a mais bella e nobre razão da sua

⁵⁹⁶ Os seguintes quatro parágrafos foram reproduzidos em *Vanguarda*. Theatro Livre. Conferencia do sr. Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: (1903), nº 2197, 15 de dezembro, p. 2.

existencia – antes se identifica com as mais grosseiras paixões e deplo-
ráveis erros, quando não prefere esvair-se em lamentáveis hemorragias
de tropos vãos de sentido, recobertos a lantejoilas de rythmo – quando
o teem! – isto, dado não se resolver ao despedaçar impudico da branca
tunica impolluida e desnudar-se hystericamente lubrica e provocante, na
ancia de contar, de volta a casa, as placas adquiridas no esgotamento da
bilheteira, tumultuariamente frequentada em noites renumeradoras de
arte triumphante.

Ora ha que convir: isto, não pode ser, não é, theatro livre ou social;
na mais delicada hypothese não vae alem de diversão tolerada e arte
deshonesta.

E agora, creio, após tão curta demonstração, começar a aureolar-
-se de nitidez o motivo justissimo de creação de uma força nova, que,
tendo por expressão o *Theatro Livre* e por processo a *Arte Social*, possa
contrapor á obra de desagregação moral depressora dos caracteres –
para ahi livremente consentida em nome de interesses politicos que
mal avisados andam fomentando a preversão duma raça – alguma outra
instituição que immune de exotismos pretendidamente estheticos e ins-
pirada duma grande singeleza e verdade na *maneira*, isto é, na technica
da sua grande produção artistica, consiga ir dando aos espectadores,
juntamente com a pureza dos intuitos educadores a visão da vida como
ella é e antemostrando-a mesmo como virá a ser, instillando assim nas
almas o horror do Mal e a aspiração do Bem, numa deliciosa e paci-
ficadora orchastração de Bondade redemptora dos seres, nobremente
guiados ao levantado culto do amor da Natureza e do respeito á figura
humana.

E a prova da arte social – destacando-se inconfundivel de outras formu-
las estreitamente egoistas e infecundas por mal entendido e desequilibrado
individualismo – ter por supremo fim a redempção das almas, integrando-
-as em si mesmo e na livre e eterna harmonia da Natureza, encontra-se
evidente na simples analyse á obra do mais equilibrado e util escriptor
da nossa epoca, que ha pouco a França, sua patria, acompanhada de todo

o mundo civilizado, doloridamente pranteou na passagem da vida para o tumulo⁵⁹⁷.

Emquanto Emilio Zola dissecou psychismos e anatomizou instinctos a sua obra foi interessante e certamente precisa, mas, quando advinhando a luz, pôde alar-se com genial presciencia á soberana visão da amargura e da felicidade collectivas, então, surgiram as mais humanas das suas paginas gloriosas e todos nós pudemos ter por instantes a suprema lição da necessaria solidariedade dos seres no conflicto da existencia, advinhando na nossa dôr individual – que julgamos incomportavel! – apenas um minusculo atomo da grande federação de dôres que a Humanidade abriga.

Os *Rougon-Macquart* nasceram de um cerebro, as *Tres Cidades* e os *Evangelhos* irromperam de um coração!

Mas, prosigamos ordenadamente na annunciada exposição de idéas:

Foi minha primeira affirmativa não ser livre – no sentido nobre da classificação – o theatro vulgar dos nossos dias; é pois, á demonstração d’esse primeiro motivo do meu trabalho que vou chamar a attenção dos que me honram escutando-me: a dentro do nosso paiz tem hoje o theatro dois poderosos agentes de desvio do que deveria ser o cumprimento da missão que lhe importa; pesquisando filiações, certo encontramos motivação a um d’elles, derivando-o da apoucada educação nacional e baixo gosto, naturaes em povos decadentes ou tyranizados – a multidão falta de cultura é de natureza propensa ao prazer originario na visão de lubricas scenas suggestivas de impulsão ao grosseiro. E, se quizermos penetrar, o que considero segundo motivo, encontral-o-hemos na tradicional preguiça mental de uma raça, que, só em seculares e raras excepções, tem conseguido mostrar ao mundo alguma cousa que possa justamente denominar-se obra do pensamento – original, empolgante, característica, á altura

⁵⁹⁷ Com efeito, Émile Zola morrera havia pouco, algumas semanas antes da apresentação da conferência de Ernesto da Silva no Ateneu Comercial. Por este motivo, dedicara-lhe um artigo que publicou em *A Obra*, onde glossa a vida do escritor francês bem como a sua obra. SILVA, Ernesto da – Emilio Zola. *A Obra*. Lisboa: nº 400 (1902), 4 de outubro, p. 1-2. Texto em PERALTA GARCÍA, Beatriz – *Obras de Ernesto da Silva, o apóstolo do socialismo. Tomo II. Artigos jornalísticos (1893-1903)*.

de provar elevadamente a existencia mental de dado povo; sonhadora, aventureira, impressionista, psychicamente definida na melopeia do Fado, pouco adaptavel é a nossa raça á visão do chamado theatro de idéas tão caro ás litteraturas do Norte. O theatro ibseniano, grandemente phylosophico e esmerilhador da alma humana, reclama para seu entendimento alta contenção de espirito, entrechoque de idéas que teem de depurar-se por si mesmas na consciencia individual e, importando por isso um singular esforço de cerebração, de prever é que não encontre facil albergue na razão e na emotividade de uma raça essencialmente amante da linha e da côr e absolutamente despida – em sua expressão collectiva – do utilissimo desejo de penetração á essencia das cousas e dos factos.

Assim, apresentam-se-nos já dois obstaculos a salvar no caminho conductor á instituição do *Theatro Livre* entre nós.

Vencel-os-hemos? perguntará, sem duvida, a esperança de muitos. Por certo. A victoria ha de ser o fecho d'esta obra de progresso e reabilitação, como o tem sido em todas as epocas ás grandes tarefas justamente reivindicadoras e nobremente dessinteressadas⁵⁹⁸.

O *Theatro Livre*, fugindo á estruturização mercantil revestida hoje pelo theatro vulgar, logo de origem começa a manifestar-se possuido de elevados desejos deixando em abandono a febre dos interesses; não visando fóra dos dominios da Arte feita vehiculo da civilização e afastando de si, intuitos meramente exploradores, o *Theatro Livre* incompativel por ideal com usados processos de empreza industrial, transforma-se em empreendimento de sacrificio e culto ás melhores idéas e n'este facto, sem necessidade de outros que o avigorem, se encontra a justeza da denominação que o define e singulariza entre organizações aparentemente similares.

⁵⁹⁸ A experiência do Teatro Livre e a sua prolongação no Teatro Moderno foi desenvolvida durante apenas cinco anos, de 1904 a 1908, embora com algum sucesso, pois no tempo em vigor foram levadas ao palco treze peças de novos dramaturgos, entre os quais, Ernesto da Silva (*Em ruínas*, encenada a 29 de abril de 1904) e Manuel Laranjeira, a quem Joaquim Madureira considerava o «Antoine» português. MADUREIRA, Joaquim – *Impressões de teatro...*, *op. cit.*, p. 315-317.

O theatro, assim comprehendido, deixa de ser uma bilheteira para attin- gir a funcção eminentemente meritoria de uma escola: não se representa para ganhar, trabalha-se para educar.

Eis o que, ainda no caso das mais evidentes e generosas dedicações artisticas, é de incompleta realização, dado o *Theatro Livre* não ser a consequencia da nucleação d'aquelles espiritos que desejosos de fazerem *obra social*, mantem forte envergadura de desinteresse e acrisolado amor á vasta obra da regeneração humana. Os sacrificios a fazer, a dedicação a dispensar teem de subir a estonteantes alturas de Hymalaias de fé e o tempo necessario á completa elaboração do *Theatro Livre*, será talvez, quando bem medido e aprofundado, causa a afrouxamentos de esperança, n'aquelles que, sendo só portuguezes, acaso ainda não tenham retemperado a alma ao fogo das grandes crenças.

Mas, que importam as difficuldades a vencer, os obstaculos a superar, o tempo a consumir? Não ha acaso, entre nós, espiritos que firmemente creem em transformações muito mais largas e teem arreigado culto em ideaes de muito mais longinqua e difficil realização?

Busquemos pois na crença o incentivo á marcha. O alvo será tocado um dia.

Regressando, porém, ao amago das idéas a expor, apressar-me-hei a aclarar um ponto que preciso é fique evidentemente estabelecido: refiro-me a quando ha pouco affirmei ser só possivel a instituição do *Theatro Livre* n'uma sociedade, quando á erecção d'esse monumento concorrem o desinteresse e a dedicação de fins exclusivamente mercantis, e, volto á carga, para que se não diga ter-me esquecido da civilização industrial contemporanea encontrar na sua propria vida economica os elementos dispensaveis á desagregação do que, avelhantado e gangrenado, tem fatalmente de ceder logar ao que sadio e novo foi na evolução do tempo e das instituições creado para efficaz substituição, imposta pelo constante laborar do progresso.

E veem de molde, julgo, as considerações que n'esta altura farei, recor- dando conversa que não ha muito tive com um dos nossos mais illustrados actores a proposito da influencia do theatro de Antoine na arte franceza.

Dizia-me o illustrado artista: não calcula o prodigioso beneficio que ao theatro moderno, ao naturalismo e á arte franceza tem dispensado essa empresa industrial, que no fundo é, a tentativa agora gloriosa, do theatro Antoine. A rebeldia artistica d'esse homem de talento conseguiu o poder offerecer n'este momento á França, todos os elementos indispensaveis ao effectivo rejuvenescimento de um theatro, que, ha muito, estava condemnado a não sair das gastas figuras e falsos processos do romantismo, quando não buscava vidas em desconchavados assumptos de *vaudevilles* e comedias ultra-libidinosas.

Pois bem – a reacção naturalista de Antoine, intelligentemente orientada e perseverantemente proseguida, provocou, em periodo relativamente curto; o apparecimento de novos e fortes espiritos na dramaturgia franceza, dos quaes Brieux e Hervieu são as primeiras figuras, e educou uma vigorosa pleiade de interpretes que progressivamente teem dado vida ao gosto francez libertando-o do embotamento a que parecia condemnado, a despeito do esforço official praticado nos conservatorios na incessante producção de interpretes destinados á conservação da linha hieratica e magestosa das personagens, quando á luz do proscenio ostentassem, não a expressão da vida propria á figura humana, mas, sim, o endeusado symbolismo apprehendido nos moldes classicos.

Tem pois, o acto lucidamente artistico de Antoine, duas claras e precisas significações: que ao progresso e civilização das sociedades é sempre mais util a livre iniciativa individual que a intervenção do Estado, quer a iniciativa tenha por campo de acção a sciencia, as artes, a industria ou se circumscreva a simples problemas de assistencia, segurança ou educação social; mais, ainda se evidencía no facto Antoine, chamemos-lhe assim, o grau de educação já usufruido pela sociedade franceza que garantindo a palma do triumpho ao arrojado innovador, o que não condemnou á desesperação da impotencia atrophiadora a que certo teria sido votado, tem tido a má sorte de nascer em Portugal. E a victoria coroou Antoine, notemol-o e precisemol-o bem, porque a França sendo uma sociedade como todas, policiada, não é, a exemplo de Portugal, um burgo espionado e tiranizado

onde o Estado tem por fim especial da sua acção odiar por si e por seus acolytos, aquelle ou aquelles dos cidadãos que sentindo-se portuguezes e julgando-se homens livres tentam ensaiar e pôr em jogo as suas energias n'um grande intuito progressivo e de bem comum.

É que, se a liberdade é incoexistivel com a ignorancia, não menos é verdade que a civilização não se desenvolve com a tyrania.

Temos assim, que o theatro Antoine embora summamente valioso como agente de rejuvenescimento da arte franceza, ainda não é nitidamente o *Theatro Livre*, simplesmente devotado á missão de vulgarizar o conhecimento das obras mais uteis ao espirito do espectador, desprendendo-se generoso e apóstolo de preocupações de ganho, unicamente cuidando de manter-se como escola e elemento civilizador. E a proposito, vem esta affirmação: de, ainda na mais esperançosa das tentativas de character industrial não caber inteiramente o programma conveniente ao *Theatro Livre*.

O *Theatro Livre*, repito-o, para melhor firmar a minha idéa, sendo uma viva affirmação de progresso social, já accusado em alguns espiritos mais libertos do misonismo que aperta nas voltas da rotina a vida moral e intellectual da maioria, ha de fatalmente ser uma obra de *élite* espiritual, destinada á aggregação progressiva dos que uma vez acordados para a verdade, n'ella queriam ingressar trazendo fé para vencer e coragem para lutar.

Que o theatro de hoje não é livre por adstricto ao ganho e que a sua missão não é realizada, segundo a linha do que deviam ser as aspirações moraes de uma epoca, sabem-n'ó todos em Portugal, desde o empresario que embolsa os lucros até ao espectador que se deprava. E, como não ha de ser assim, se é em infima minoria a apparição de individuos verdadeiramente educados nas differentes classes sociaes que compõem as chamadas forças vivas do paiz?

A fallencia da apropriada educação objectiva que nos alcançou aos braços de tutelas vergonhosas, a conta de povo inapto a cuidar da propria vida, é aquella mesma bancarrota que se reflecte dolorosamente na educação artistica da raça, quase por absoluto despreoccupada do labor

dos prosadores e poetas, pintores ou dramaturgos, deixando o sol digerir imperturbavel a côr á capa dos volumes immobilizados nas vitrines que são sepulchros e permittindo o desalento na pintura, na musica, na dramaturgia, na esculptura d'antemão condemnadas a definhamento e inanição, quando se não resolvem lacrimosas e mendigas a faltarem a sua fé, entregando-se á protecção do Estado que ha de protegel-as no disfarce de empregos publicos propicios ao arranjo da vida, até ali cortada de dolorosos incidentes onde a ignorancia e a desprotecção publica teem papel de vulto e logar eminente.

Abafemos porém os gritos de protesto inevitavel e sigamos na faina que nos propuzemos, julgando do *Theatro Livre* e da *Arte Social*.

Servir-me-hei n'este momento de auctorizada opinião no comprovar de quanto a idéa creadora do *Theatro Livre* é nobre e pura nas intenções que a servem.

Referindo-se ao theatro contemporaneo e gizando as linhas geraes de evolução, reservada pelo futuro a essa tão valiosa instituição social, affirma o illustre escriptor allemão Max Nordau no seu livro *Les menses conventionnels*:

«O theatro tornar-se-ha, como nos seus começos, ha dois mil e quinhentos annos, um logar de culto para os homens; não mais n'elle se verão reinar a obscenidade, as canções triviaes, o riso besta, a semi-nudez lasciva, mas, ver-se-hão palpitantes em bellas personificações as paixões e a vontade, o egoismo e o renunciamento, todas as personagens tendo por base a existencia solidaria da Humanidade.»

Após o conhecimento d'este periodo, produzido por analysta que ninguém poderá julgar parcial desvairado de perigoso e utopista revolucionarismo, não poderá restar duvida nos espiritos, de ser improprio ao theatro de interesses o delicado labor de preparar o advento d'esse novo cyclo artistico; enraivado na obtenção do lucro, aguilhoado do desejo de fazer e manter cartaz, o theatro-empresa, o theatro-industria, n'uma palavra, o theatro-exploração, ha de ser hoje, como o foi hontem, o espelho fiel da epoca que viver e do publico que o frequentar.

Se a epoca fôr de decadencia e o povo deseducado se afundar n'um rebaixamento espiritual grosseiro, incapaz por anesthesia sentimental de encontrar emoção no verdadeiramente bello, o theatro descerá ao nivel d'essa baixeza e arrastar-se-ha crapuloso e inutil, mascarando a impotencia artistica com fetidos triumphos lucrativos, conquistados sobre massas de espectadores inteiramente desprovidos de qualidades humanas, acaso substituidas pelo flagrante escabujar dos instinctos postos sem freio moral. Então, o theatro, servirá em justa medida de valioso esteio ás mais revoltantes iniquidades sociaes, quer ellas affirmem genealogia em privilegios de regimes politicos ou se originem em classes dominantes, empenhadas de perpetuação á ignorancia do maior numero, assim posto fóra de combate, na incomprehensão dos grandes motivos reivindicadores e dos grandes anceios de justiça purificadores das sociedades polluidas e desorientadas.

Bem o vemos hoje, no triste aspecto de decadencia offerecido no misero vegetar que não viver, do theatro nacional; prevertidos os costumes, obscurecidas as consciencias, sêccas as fontes da emotividade artistica que retempera a alma, o momento historico não dá ensejo ao apparecimento de nobres e justas exigencias em questões de arte no theatro; desprevenido de senso critico, ainda não acordado á falta de propicia educação e d'ahi incapaz de gestação a impulsos de comparo ou apreciação criteriosa, o publico é ludibriado e mesmo envenenado moralmente na assimilação de obra vulgar de theatro, adrede arranjada em videirinhas cerebrações de auctores e empregarios, tão perigosamente falsificadores para a sanidade mental da sociedade portugueza, como os outros seus irmãos gemeos fabricantes de farinha o são, para os estomagos dos consumidores entregues á rapacidade ferozmente isenta de escrupulos de tão provados progenitores de burlas descaraveis.

E assim, assistimos á diaria exhibição de comedias aphrodisiacas, revistas desenxabidas e torpes, operettas d'alcouce, reconstituições historicas de bordeis e marialvas e quando a quando á enxertia de pretendidos rejuvenescimentos da Arte, preparados em velhas fulgurações de graça

portugueza adaptada a obra nova descolorida e pobre, quando para peor não surge, em melhor processo de vida facil á arte manca, o renascimento de correntes mysticas capazes de nos guiarem á mais completa e estúpida beatificação.

N'estas condições, o theatro abandonado o elevado fim a que se destina a dentro da Arte, transmuda-se em factor de preversão, e longe, muito longe, de offerecer garantias de evolução que o conduzam á elevada formula ideal entrevista por Nordau, só consegue criar o augmento da degenerescencia, que, adquirida na vida publica e transplantada ao viver familiar, tem fatalmente, de a breve trecho vir á superficie em sensacio-naes revelações de noticiario jornalístico, accusando, se é possível, mais aprimorados requintes de viciosas turbulencias, por momentos advinhadas na contemplação das estonteantes sensualidades fornecidas pelo theatro em voga.

Não quer porém, quanto deixo dito, estabelecer o principio do *Theatro Livre* ter por base reformadora da arte no proscenio a exhibição moralizadora de *oratorias* e *mysterios* de tendencia ascetica e carimbo religioso; falsos por sobrenaturaes e eivados d'eros, anachronicos por não caberem no espirito dos tempos presentes, esses trabalhos só podem convir aos que deliberadamente se propõem, não a educar a razão e o sentimento dos espectadores, mas a mystificar os crentes, chumbando-lhes por subtil processo á fé enfraquecida uma nova grilhetta que lhes torne impossivel a evasão ao fetichismo grosseiro e semi-selvagem de que se nutrem os especuladores das superstições, acalentadas por cerebros barbaros em vagos terrores de exemplares regressivos.

Objectar-me-hão: Mas, não residirá no processo da arte mystica um grande sopro de elevação espiritual que jámais pôde ser encontrada no materialismo do viver?

A tal reparo dispensar-me-hei de responder por conta propria e offerecerei á analyse de quem quizer julgar serenamente, uma nova affirmação de Max Nordau, extrahida do volume que ha pouco citei:

Diz o notavel pensador:

«Atravez a atmospheria pura e transparente da concepção scientifica do mundo, a Humanidade entrevê o seu ideal de desenvolvimento de uma maneira mais clara e brilhante que vendo-o através as espessas nuvens da superstição. Eis o que é preciso responder aos crentes sinceros que julgam não poder haver moral nem idealismo sem religião e que sem Estado despotico, propriedade egoista e casamento inimigo do amor não pode existir a civilização.»

Depois, o mysticismo levado á obra d'arte contemporanea não vae além de seguro symptoma de decadencia artistica e só pode convir aos regimes politicos decahidos, que, transplantando-o, de recuados tempos em que logicamente correspondia ao deseducado sentimento artistico das multidões coevas e adaptando-o ás necessidades emotivas da nossa idade teem certamente por fito o rebuçado desejo de provocar uma raça á negação da marcha para o futuro, tornando-a incapaz por inopia intellectual a fitar a luz, vinda da civilização e da verdade, temerosa de atordoar-se na visão dos grandes focos luminosos.

E por que, abordando este assumpto eu julgo, analysando-o, dever mostrar com a precisão compativel a uma conferencia qual deva ser o primeiro intuito do *Theatro Livre* quando em effectiva actividade, affirmarei que esse theatro pode e deve fazer educação social aproveitando todos os elementos que a arte de theatro fornece, e, não me parece ter produzido censuravel modo de ver, affirmando-o: basta considerar a irreductibilidade dos temperamentos, determinada em motivação organica susceptivel de leve transigencia, mas nunca de fundamental mudança, para adquirirmos a convicção de que se espiritos ha, só compatíveis com o ensinamento quando este se deriva do riso provocado na situação picara d'onde a comedia extrahe seu fundamento e lição, outros ha, passionaes, comprazendo-se e vivendo só da vigorosa impressão do conflicto forte dos sentimentos, já mergulhando na commovente doçura das generosas renunciias, já erguendo frente ante a clamorosa reivindicação dos corações que protestam, dos espiritos que se libertam e das consciencias que se emancipam, levados da santa allucinação de tudo redimirem, sem cuidado ás ruinas

que ficam mostrando em montões de inevitáveis escombros, mentiras que foram leis e convenções que foram cárceres aos corpos e ás almas.

D'est'arte, do drama entretido de maguas e da comedia urdida de gracejos até ás peças de meio character e d'ahi mesmo ao drama historico, inspirado n'um grande amor á reconstituição documentada de uma epoca e de uma raça em preciso momento da vida collectiva, drama não bordado sobre a chronica intima dos reis faustosos e dos cortezãos intrigantes, mas, elaborado n'um grande e educador intuito de n'um lance retrospectivo mostrar a um povo as características dominantes da epoca evocada na scena, ensinando no comparo e educando na resurreição do tempo ido, ha um largo e proveitoso caminho a percorrer, relecto de materiaes até agora improductivos e inexplorados e que só esperam os vivifiquem, cuidada orientação artistica e singela honestidade de propositos.

Aproveital-os, impregnal-os de senso esthetico, galvanizal-os insuflando-lhe intenções sãs, eis a grande obra que ao *Theatro Livre* cabe levantar dos caboucos resistentes á cupula doirada, provado como fica não poder esperar-se do theatro de lucros o fecundo semear da frondosa floresta de verdades que urge plantar no coração da Vida, a fim do enfermiço homem-moral do nosso seculo saneado o cerebro, poder alçar vistas humanas a um espiritalismo que cabendo na Natureza e no demonstravel, definitivamente o integre no respeito a si mesmo e no amor á especie, sem os quaes o ser se confunde e perde na baixa animalidade, instinctiva e improgressiva.

Se fundar um albergue onde abrigar a desvalidez ou crear uma escola que seja luz á ignorancia é *obra social* digna de unanime applauso, eu creio, não ser menos nobre e levantada de aspirações a idéa creadora de um *Theatro Livre*, impulsada por um forte desejo de consciente solidariedade humana e aureolada por um ninho redemptor de civilização e paz.

*

* *

Analysada em si a idéa creadora de uma nova força, de applicação ao rejuvenescimento do theatro portuguez, justo é que apreciada a sua *expressão*, no *Theatro Livre* symbolizada, passe a considerar qual o *processo* artistico mais conveniente a dar vida á obra projectada; realizar-se-ha assim o duplo fim que anima esta conferencia: definir, embora pallidamente, o que entendo por *Theatro Livre* e *Arte Social* e tentar destruir os falsos racionios por mim expostos ao começo da tarefa a que me abalancei, fiado na extrema benevolencia da assembleia por certo disposta a perdoar-me a possivel falta de colorido e pobreza de idéas pelo meu esforço offerencias n'este trabalho, feito a titulo de esclarecimento de quaes sejam os fins a que visa o *Theatro Livre*.

Tratemos pois da *Arte Social*:

Na definição *Arte Social*, declaro já, não ver mais que um processo de nucleação artistica destinado a aggregar as vontades illuminadas da mesma fé, vivendo a mesma vida, sonhando o mesmo sonho: expressão de intensa afinidade do sentir, pacto reunindo os que livremente queiram collaborar libertos de dogmas restrictivos da consciencia, jámais pôde ver n'essa designação a estreiteza do claustro ou da caserna. Ao contrario, n'ella procuro ver a larga garantia ao espirito de poder alar-se segundo suas tendencias e *maneira*, dando-nos em plena expansão o cunho de uma individualidade impressiva, ferida de um bello carimbo de pessoalidade, por sua vez garantia á honestidade da obra de arte. Por que eu vou crente, e muito crente, de não haver em arte ou seja em qualquer outra exteriorização da vida, sincero e d'ahi sentido impulso, senão quando a alma, fugida á mascara das convenções ou evadida á preocupação do triumpho facil ruge, chora, apostrophá, ri, anathemiza em plena independencia e se ergue corvo ou pomba a manchar de negro ou branco o olhar de quem a busca.

Eis o secreto motivo que me força a ver no titulo – *Arte Social* – apenas um guerreiro *Por S. Thiago!* dos combatentes irmanados nas mesmas aspirações e nunca a dogmatização de uma formula que só é dado aceitar mas nunca discutir. Que um programma, principio ou formula, seja em

política, sciencia ou arte a concreta exposição das tendencias de espiritos que se armam, de novas verdades adquiridas ou de nova étape na vibração sentimental dos seres, admitto, mas, transformar uma garantia de progresso da humanidade em artigo de fé revelada, petrífico agente das iniciativas fecundas e das audacias salvadoras, immobilizadas e sem vida em culto aos dogmatismos enregeladores, isso, parece-me crime de maior, iniquidade reclamando extirpação. Não vá a justiça ter sagrado direito de apontar nos gritos de liberdade de hoje os embriões das tyrantias de Amanhã.

Repito-o: *Theatro Livre e Arte Social* são divisas de combate auctorizando luctadores, não podem ser queimadeiros transmudados em defensores de principios. E se é certo que as sociedades humanas dão claramente duas classes de typos – *orientados* e *orientadores* as formulas designativas aos processos de combate apenas teem por mira refulgirem, illuminando como pharoes o caminho a percorrer pela grande maioria, facil de transviar-se á falta de noções claras da vida. Sobejamente doloroso por inevitavelmente verdadeiro que nos diz a lição dos factos, senão que os seres se dividem em dois grupos nitidamente delimitados na expressão funcional? Por curiosa e d’alta valia traduzo aqui a opinião do já citado Max Nordau:

«Na lucta da vida os homens vulgares nascem para caminhar no meio da multidão-exercito, deixando a outros a direcção da expedição, a escolha dos logares onde fazer alto, a determinação de quando o repouso ou a partida, a conducta no ataque e na defesa; nunca esses homens ousam seguir idéas proprias ou terem gosto pessoal; nos mais graves como nos mais insignificantes assumptos obedecem á opinião publica; desde a côr da gravata até á escolha do modelo tudo é realizado em attenção aos companheiros de quem não desviam por um só instante o olhar ancioso.»⁵⁹⁹

Que se não julgue, peço, eu extrahir d’esta passagem tão cheia de verdade a crença de ser justa a dominação do homem pelo homem, agora mantida nas sociedades para alicerce de revoltantes privilegios de castas

⁵⁹⁹ «*Les mensonges conventionnels* – Max Nordau. (Nota do Autor)».

e individuos. Não! O meu único fim é demonstrar que se no grupo social correspondente ao typo *orientador* ha mais de uma especie, constituindo nucleo diferenciado por especial característica, natural é, surja a dentro da mesma élite nova especie, melhormente servida de propositos progressivos e impregnada de bondade, capaz de ser mais dedicadamente constructora do amplo edificio da felicidade commum, ha tanto seculo já, sonhado pelas gerações nas marchas dolorosas através os tempos.

Assim comprehendida⁶⁰⁰, a *Arte Social* sendo um protesto arremessado á face livida e inexpressiva do egoismo procreator da arte individualista, elaborada para gozo exclusivo de uma casta ou de um homem, é do mesmo passo uma affirmação de liberdade impropria a reconhecer-se, quando mal-avisada se deixasse encarcerar na bruteza de qualquer formula tyrannica da livre expansão individual e artistica.

A julgar se uma obra é ou não digna de ser contada no numero cada vez mais crescente das que se inspiram n'um grande ideal de bondade e justiça, basta prescrutar se a originou um intuito redemptor e se o exprime: quando assim, seja qual for a sua forma, ella pertence á humanidade; pensar o contrario, exigindo especial modelo, seria fazer de uma formula da arte uma inquisição de almas.

Ah, mas por que ás vezes a paixão obcecante põe venda aos olhos e mordança á consciencia, bem preciso é, desde já proclamar alto, d'este logar onde faço apenas affirmações de character individual senão programmas do querer colectivo, ser sempre doloroso visionar uma energia só que seja, carimbada de heretismo por que voando á semelhança de aguia altiva e pujante fiada na força propria, não pôde quedar-se tristemente irresoluta e domesticada no outeiro vulgar e preferido das especies de curto vôo.

Affirmava Taine: «Uma doutrina só se torna activa, quando se torna cega. Para entrar na pratica, para se transformar n'um motivo de acção é preciso que a idéa se immobilize nos espiritos em estado de habito

⁶⁰⁰ Os seguintes quatro parágrafos forma reproduzidos em *Vanguarda*. Theatro Livre. Conferencia do sr. Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: (1903), nº 2197, 15 de dzembro, p. 2.

adquirido e inclinação estabelecida e que das agitadas culminancias do pensamento desça e se incruste nos fundamentos immoveis da vontade. Então, e só então, a idéa faz parte do character e se torna uma força social. Mas, ao mesmo tempo, a idéa deixa de ser inquiridora e vidente, jámais tolera as contradicções ou a duvida, jámais admitte as restricções ou as *nuances*: – cega ou aprecia mal as suas proprias provas...»

Pois bem, por tal preço, declaro-vos, não desejaria ver o que classifico uma formula de arte, abandonar a serenidade austera da doutrinação pacifica, feita quase sem echo entre alguns videntes iniciados, para se transmutar em força activa e poderosa á custa da perda da espiritualidade que lhe devia ser alma de sempre. Quando o triumpho implica o anathema á liberdade, eu creio, a Verdade soffre, e por que a Verdade deve ser no tempo e no espaço a eterna salvadora dos homens e das sociedades, um tal triumpho é fatalmente novo altar erguido á Tyrannia.

Abordarei agora, que já fallei de formulas em arte, um novo aspecto offerecido pela *Arte Social* ás justas exigencias estheticas do espirito moderno: referir-me-hei portanto aos intuitos na arte, não sem ligar a este modesto trabalho o nome de um utilissimo trabalhador e notavel espirito de combatente que n'este mesmo logar me precedeu, conferenciando sobre *Theatro Livre*⁶⁰¹. Heliodoro Salgado, n'um bello grito affirmou justamente que: «a arte moderna não póde ficar-se no culto da fórma: deve ser vehiculo das ideias sãs, e fomentadora de sentimentos nobres.» E assim é.

A Arte, quando *preciosa* e esteril se requebra em contorcidos maneirismos negadores da vida ou da figura humana, repassada de egoismo a viver de si para si, deixa de ser força social e modela-se em refinamento infecundo, incapaz de transpor os rendilhados finos da *torre de marfim* onde passeia solitaria os seios ressequidos e os flancos esqueléticos. Não

⁶⁰¹ Com efeito, o ciclo de conferências fora organizado pelos responsáveis do Teatro Livre e aberto por Teófilo Braga. Heliodoro Salgado discursara sobre este tema poucas semanas antes de Ernesto da Silva. Vid. resumos em *Theatro Livre*. Conferencia do dr. Theofilo Braga. *Vanguarda*. Lisboa: n° 2029 (3982) (1902), 30 de junho, p. 3; e *Theatro Livre*. *Idem*. N° 2162 (5015) (1902), 10 de novembro de 1902, p. 2.

é a Mulher: a mãe de peitos turgidos e riso franco, é a Cortezã vestindo brocado fino, nervosa, isolada a estudar requintes de preversão galvanizadora dos membros lassos; não é a expressão ennobrecida do sentimento humano semeadora de appellos ao Bem que de futuro hão de fructificar, maturando n'um divino despertar de Bondade, é a embriaguez, o deleite egoista e refinado do viver exclusivo sem preocupação aos soffrimentos acabrunhadores e ás alegrias compensadoras que cá fóra vão gemendo preces, ululando raivas, entoando hymnos. É a negação da vida, por que é a fuga á propria vida.

Allucinada, delirando em ampliações de psychismos tocados de nevrose, refinando as paixões em aguçamentos irreaes de dor ou prazer, a arte assim feita nunca póde ser uma arte de intuitos; symbolizando melhor que outro symbolo a preversão e a decadencia de uma epoca ou de uma classe estorce-se, ora raivosa, ora ascetica, na secura da obra esteril e acaba sempre pelo horror do mundo e de si propria.

E nada fica; nada, d'essa obra vasia de grandes sentimentos: o tempo segue na marcha nunca interrompida, as gerações caminham, accentua-se, precisa-se a evolução constante dos individuos e dos *meios*, e essa obra, logo que a nevrose dos decadentes a deixa de applaudir é sepultada no eterno esquecimento dispensado ás coisas inuteis.

Eis, porque affirmava ao abrir d'esta conferencia que nem toda a obra de arte póde ser julgada social.

O espirito moderno, todo feito de reivindicações e estímulos ás grandes luctas feridas em nome da Justiça e do futuro da Humanidade, reclama sem duvida a existencia de uma arte que o traduza e illumine, não só pintando com justeza o individuo e os *meios* de desenvolvimento onde se formou, mas, esclarecendo de conjunto as almas, nos grandes lances passionaes em que o ser se debate na dupla vida dos antagonismos feridos na impulsão da materia em choque com as resistencias moraes de que o ser é dotado. E essa arte, da qual já conhecemos a magnifica documentação na obra magistral, creada pelos tres maiores espiritos, dos nossos dias, Tolstoi, Zola, Ibsen, é toda feita de inquirição social, moldada em

protestos generosos, enquadrada em sonhos de geral felicidade. E não podia ser de outra maneira: as gerações precisam quem as interprete, anatomicize, disseque e na Historia deixe flagrantemente marcado o momento da sua florescencia, sem esquecimento ás mais levantadas paixões que as ennobreceram e aos mais ignobeis aspectos que as aviltaram.

O contrario, isto é, o cultivar de uma arte só cuidadosa de raros refinamentos, absolutamente egoista, sem um minuto, sequer, buscar ser solidaria com a vida collectiva é, como muito bem diz Léon Bazalgette:

«Desprezar na humanidade a multidão dos seres e na natureza a multidão das cousas é negar a mais intima verdade, a consciencia mundial; é negar o divino em nome do qual insultaes a vida.»⁶⁰²

Dar o conflicto humano n'uma sobria, mas poderosa encenação, motivada na sciencia e animada de um sopro espiritualmente pantheista que ponha seres e cousas n'um grande equilibrio de correlação, lançar por fundo á obra d'arte um superior sentimento de justiça e a visão de uma alta bondade é emprestar ao romance, ao drama, ao poema as condições de eterna emoção e belleza que jámais se encontram nos filagranados *bibelots*, gerados em horas de concubinato parnasiano com uma arte delirante e degenerada incapaz de procreação sadia.

Amar, rir, soffrer, chorar e tudo isto saído de uma formula de arte repleta de intuitos humanos, eis o que julgo dever ser a esthesia do seculo, por nós vivida e sentida n'uma arte que não pretendendo ser fim á vida artistica, possa ser precursora de uma outra ainda mais humana e certa na solução sempre difficil de dar fórmula ao sentimento agitado na analyse ora dolorosa, ora compensadora dos grandes momentos creadores da verdadeira arte.

E assim temos, face a face, duas fórmulas d'arte: uma de linha hieratica e habitos solitarios por completo desinteressada o que não seja o gozo dos seus raros iniciados, visionando entre brumas de sobrenaturalismo e

⁶⁰² *L'esprit nouveau*, Léon Bazalgette. (Nota do Autor). Maurice Léon Bazalgette (1873-1928), crítico literário, biografo e tradutor publicou *L'esprit nouveau dans la vie artistique, sociale et religieuse* em 1898.

irrealidade a suprema perfeição do seu *eu*; outra, cheia de vigor e crença, dirigindo-se a todos, a todos abraçando, amorosa e crente no futuro da especie a dar ensinamento constante á multidão que a cerca na ancia de ouvir a boa palavra; esta, é, seguramente a arte social, a arte humana, a arte de intuits que tão nitidamente Bernard Lazare já entremostrou n'uma das suas conferencias, dizendo:

«Não pôde haver justo meio. Ou a obra de arte se dirige a um povo e á humanidade ou se dirige a uma classe restricta, tornando-se egoista. Em toda a Historia só estas duas partes teem existido: a arte universal e a arte particular.»⁶⁰³

A *Arte Social*, a formula artistica agora reivindicada em opposição á arte infecunda e solitaria, justo é dizel-o, não importa uma criação de momento necessaria a fazer barreira aos desvarios mysticos e *preciosos* de tal ou tal corrente artistica; praticada durante toda a evolução da humanidade, desde os inicios das civilizações até hoje, a arte social tem sido sempre a potente affirmação dos genios creadores quer busquemos esses genios nas velhas litteraturas, quer avançando a encontremos na idade-media personificada em Dante, quer seguindo a descortinemos em Cervantes e Camões e nas obras immortaes de Shakespeare – tão prodigas de analyse e intuição – ou a vejamos no seculo XVIII na expressão artistica de Diderot, Rousseau ou Voltaire para chegarmos á nossa epoca e defrontarmos Goethe, Hugo, Balzac, seguidos por Tolstoi, Ibsen, Zola, para não indicarmos outros nomes a quem o tempo e a justiça dos homens ainda não dispensou fórmal consagração.

Para mais, a acção social da arte pode ser tão fecunda de boas obras e altos ensinamentos, que, certo, só ás almas estreitamente egoistas e limitadas ella não poderá attrair levando-as a dar no livro, na tela ou na esculptura a grande impressão da vida que de instante a instante brota do proprio coração das sociedades.

⁶⁰³ *L'écrivain e l'art social*, (conferencia). (Nota do Autor). Bernard Lazare (1865-1903) foi um dos primeiros apoiantes no Caso Dreyfus. *L'écrivain e l'art social* data de 1896.

Pois a arte social na pintura, no romance, no poema, no drama, na escultura não abre ao artista os mais largos horizontes e não o lança a vida colectiva que urge humanizar e depurar para dignificação da especie?

Responde-nos á interrogação o nosso proprio raciocinio ao lembrarmos da *Ressurreição*, de Tolstoi, dos *Evangelhos* e das *Tres Cidades*, de Zola e da *Casa da Boneca*, *Inimigo do Povo*, *Esteios da sociedade*, de Ibsen. E, se quizermos alargar a demonstração, temos já o theatro francez a rejuvenescer, cheio do vigor que lhe dispensam as penas de Hervieu, Prévost ou Descaves a esta hora em plena reacção contra a falsa orientação critica vinda de Sarcey⁶⁰⁴, quando affirmava:

«Não é pois dos acontecimentos, materia inerte, que o escriptor de theatro tem de occupar-se, mas do publico, que ri ou chora, conforme lhe tocam em certas cordas, de preferencia a outras.»

E que não venham antagonistas subtis proclamar-nos incoherentes, quando ao numero dos auctores por nós reivindicados juntamos o scandinavo Ibsen, por elles tido como typo maximo de infrene individualismo, improprio a caber nas formulas de larga esthetica reclamadas pela arte social. Que os lucidos espiritos se tranquilizem, imitando-nos.

A exemplo de Ibsen, proclamando a liberdade individual e incitando ao despertar do *eu*, apenas pretendemos a harmonia colectiva; olhando a vida social como somma de energias aggregadas e solidarias, visionamolla, tanto mais perfeita, quanto mais alta for em cada um elemento seu componente a consciencia de si mesmo.

Eis como nós, os defensores da arte social, comprehendemos e adaptamos ao jogo das paixões humanas a philosophia ibseniana: – o individuo deve-se a si proprio e á solidariedade affectiva que é todo o fundo moral das relações humanas.

Vista a tal prisma, não ha divergencias e só aspectos pessoas na obra dos grandes espiritos, quer se chamem Tolstoi, Zola ou Ibsen: enquanto Zola tenta construir, cimentando-a no determinismo scientifico e n'um

⁶⁰⁴ Francisque Sarcey (1827-1899), crítico dramático.

vago pantheismo expresso no fecho da sua obra monumental, a Terra da Promissão reservada pelo futuro ainda indecifrado á Humanidade em marcha, Tolstoi encarna-se na curvada figura do camponio russo e vivendo-lhe a vida propria, desde a sobriedade do alimento ao desconforto do vestir, apodera-se da alma do povo, renuncia ao fausto previsor dos sentidos n'um inimitavel gesto, de só possivel creação no coração da fé, e da arte fazendo um sacerdocio e da alma um protesto vivo contra a iniquidade, eil-o, surgindo apóstolo e advogado, perfumado o verbo redemptor de um vago sonho de religiosidade simplista e reivindicadora que não podendo viver no cerebro analytico do escriptor francez, queimado na luz das grandes verdades do seculo, se aninha immaculado e esperançado no seu ser espiritual do grande escriptor russo, ainda ha bem pouco alvo dos anathemas orthodoxos do Santo Synodo.

É assim, na concordancia e pureza do sentir que o latino e o slavo se encontram no encarnecimento de construcção á mesma obra de paz e amor e nos offerecem no *Travail* e na *Ressurreição*, dois nobilissimos gritos de protesto contra a injustiça dos homens. E não só elles, tambem o grande pensador que é Ibsen, mergulhado na cogitação philosophica no empenho de investigação ás mais reconditas verdades acaso ainda occultas na alma humana, offerece a mais pura e orientadora das doutrinas guiando as consciencias para o que deve ser o supremo fim da vida – a perfeição moral.

Indicando os melhores typos, apontando as figuras primaciaes, não queremos circumscrever apenas á sua genial pujança o poder de evocar na obra de arte os grandes momentos da vida moderna e as figuras modelares que a devem pôr em jogo; alargadas as condições de sã emotividade, adquirida a paixão de ver a felicidade ser de todos, – disposto o animo ao verberar das injustiças sociaes que fazem da existencia um ergastulo e da morte quase uma libertação! – o artista pode, embora sem ser um genio, dar á sua epoca e ao futuro que ha de julgar uma impressão de vigor e bondade, logo que queira não fazer da arte um passatempo mais ou menos inexpressivo, mas, a considere uma força que deve ser posta

ao serviço de uma grande idéa. E, na verdade, não conhecemos fim mais nobre á arte, nem idea mais pura a animal-a, além dos propositos de engrandecimento moral e saude physica que devem ser base á perpetuação das sociedades humanas.

Que de sensações e ensinamentos não podem acordar em nós as artes plasticas, dando-nos na tela ou no marmore a figuração do conflicto da vida, expresso, por exemplo, n'um grupo que tendo por legenda, *Em grêve*, venha mostrar-nos a dôr levada ao mais agudo paroxismo na figura da mulher-mãe vendo o lar vasio e os filhos roidos da fome, emquanto proximo, o marido ferozmente absorto na intima apreciação da tyrannina capitalista se sente esmagado e vencido, ruminando enraivado n'um extase de odio, a sinistra idéa d'uma vingança terrivelmente brutal? E como este, quantos quadros e esculpturas a fazer, inspiradas n'um purificador ideal de justiça e verdade?

Acaso não nos offerece o desenho caricatural de Steinlen⁶⁰⁵ e Couturier⁶⁰⁶ a synthese dos antagonismos sociaes agora em foco, trasladando-os para as paginas das revistas que accendem clarões de eterna revolta aos espiritos?

Grande, muito grande é a missão da arte quando esta quer elevar-se ao desempenho do alto encargo social que lhe pertence cumprir, desinteressada e entusiasticamente.

«Mas, a arte não pode expandir-se sem trocar o *boudoir* pela praça publica.»

Assim o affirma o illustre critico Marguery no seu livro *L'oeuvre d'art et l'évolution*, demonstrando da fôrma seguinte a proposição feita:

«É para o povo que a arte em todos os tempos tem edificado as suas mais grandiosas concepções: templos, basilicas, cathedraes, paços de conselho, circos e theatros. Foi na alma do povo que Palestrina, Bach, Haendel beberam as suas inspirações mais puras. Foi para o povo que

⁶⁰⁵ Théophile Alexandre Steinlen (1859-1923), pintor e litógrafo.

⁶⁰⁶ Marie-Alain Couturier (1897-1954), desenhador de vidreiras.

Homero e Dante escreveram os seus poemas e Shakespeare e Molière as suas comedias e dramas. A arte perde-se na quintaessencia e só retoma a suas forças, qual outro Antheu, tocando o solo e sendo humana.»⁶⁰⁷

Estas são as palavras de verdade que de pagina a pagina encontramos nos livros devidos á util actividade d'aquelles, que, ciosos do seu nome e cumpridores do seu dever, sabem educar e retemperar de continuo as energia artisticas, apontando-lhes novos trilhos a seguir e novos horizontes a abraçar. Que singular contraste não offercem, comparando-as ás da decadencia audaciosa de alguns que, entre nós, á falta de idéas justas e pensamentos nobres se envaidecem – pobres degenerados! – de proclamarem: «... a França não tem actualmente um escriptor que seja ao mesmo tempo um pensador; *tudo está vincado pela mediocridade da democracia e da republica.*»⁶⁰⁸

Na verdade, porém, que mais, a não ser piedade, reclama um cerebro assim prompto a lançar á luz evidentes symptomas de preversão?!

Pois é ainda por piedade a tão evidente degenerescencia, e por desejo natural de não dar ensejo á propagação do erro nos espiritos desprevenidos e crentes, que para esta conferencia apenas transcreverei uma outra affirmação de Marguery igualmente extrahida do livro que já citei:

«Que será a Arte no futuro? De todos os lados se elevam gritos d'alarme. Renan declara que a sciencia matará a Arte, matando o Mystério. Outros affirmam que a evolução dos costumes não lhe será menos fatal: a democracia, nivelando a vida social abaixará o nivel da arte como o de tudo mais.

Não acreditamos.

Em primeiro logar a sciencia não mata o mysterio. Augmenta-o; decompõe uma gotta d'agua e n'ella descobre um mundo, rasga com os seus

⁶⁰⁷ *L'oeuvre d'art et l'évolution*, E. Marguery. (Nota do autor). A obra viu a luz em 1899. Ernest Marguery (1852-1935), advogado e economista, foi fundador da Escola de Engenheiros de Marselha. Publicou *L'oeuvre d'art et l'évolution* em 1899.

⁶⁰⁸ «*O Dia* (jornal), 27-11-902 – Fialho de Almeida. (Nota do Autor)».

telescopios a abobada celeste mas só consegue constatar-lhe a insondavel profundeza.

E não mais que o espirito scientifico o advento dos costumes democraticos abaixará o nivel artistico.

Em consequencia do nivelamento das fortunas *trabalhar-se-ha menos para o principe, mas trabalhar-se-ha mais para o povo.*»⁶⁰⁹

Assim, a arte social que aqui mostrei defendida e propagada pelos genios de mais poderosa envergadura, até agora conhecidos no mundo civilizado, é aquella mesma que Marguery affirma dever trabalhar para o povo.

O accordo das vontades é evidente, e a demonstração clara de que só pode ser considerada humana e util a arte intencionada de reflectir a vida resulta sem esforço das considerações e depoimentos reunidos n'este desprezencioso trabalho, apenas destinado a exalçar a idéa creadora do *Theatro Livre*, reputada em minha consciencia como generosa e utilissima iniciativa.

Visando a larga reforma de só possivel florescia após custosa evolução, o *Theatro Livre* e a *Arte Social*, completando-o, certo hão de poder ainda offerecer á decadencia artistica – agora tão accusada na nossa terra – nobres estimulos de libertação ás causas que a promovem, mostrando-lhe em vigorosos exemplos quanto a arte sendo uma das condições da vida, não pode descer a simples *jouissance* de espiritos isolados em profundo egoismo, ou peor, transformar-se de redemptora em carcereira das almas, dobrando-as ao jugo de privilegios iniquos e convenções mentirosas, quando não prefere coroar-se de indignidade chafurdando no atoleiro de torpes especulações.

Disse.

⁶⁰⁹ «*L'oeuvre d'art et l'évolution*, E. Marguery. (Nota do autor)».

(Página deixada propositadamente em branco)

ORAÇÃO DA FOME

(A OBRA. LISBOA: N° 411 (1902), 20 DE DEZEMBRO, P. 1).

Que bellos versos, tão cheios de consoladora vindicação!⁶¹⁰ Feitos por uma alma em revolta que não quer prosternar-se submissa e impotente ante os idolos do Templo, sobem ao azul impregnados de revolta, e o seu auctor, vê-se, fica erecto, varonil, masculino, gritando á turba trigueira dos camponeses curvados á terra:

«Mas pela dor que tu tiveste, pelo
Teu pranto amargo e o sofrimento teu,
Morde no pão a magoa de fazê-lo,
Morde no pão a dor que o pão te deu.

Pelo teu braço que traçou nos ares
Gestos fecundos e deu trigo á vida,
Deves semeá-lo só para o cortares
E mordê-lo, sem dó, logo em seguida.

⁶¹⁰ Joaquim Nunes Claro (1878-1949) notabilizou-se como poeta na chamada corrente do Neo-Romantismo Vitalista, da qual formavam também parte Mayer Garção, João de Barros – integrantes do círculo pessoal de Ernesto da Silva –, Angelina Vidal, Bernardo de Passos, Sílvio Rebelo, Tomás da Fonseca, Ângelo Jorge, Eduardo Metzner, José Augusto de Castro, Manuel Eugénio Massa, Alfredo Pimenta e Manuel Ribeira. *A oração da fome* (1902) foi a sua primeira publicação.

Se trabalhaste tanto, se sofreste
Por elle, corta-o, põe-no em monte ao ceu:
– Foi p’ra t’o darem que tu mesmo o déste;
Sofres por elle, logo o pão é teu.

Fala-se em Deus, e que é do seu regaço
Que vem a Vida e todo o trigo vem;
Mas vejo a enxada estar só no teu braço
E o grão cair das tuas mãos, tambem.

Só tu semeias, *tu*, e só contigo
Vive a terra – tu só cavas o chão;
– E diz-se que foi Deus que fez o trigo
E diz-se que Deus é quem dá o pão!

Tira-se o pão á vida – o pão da vida!
E não se vê atraz do trigo mudo
A dor humana eternamente erguida,
O gesto humano dando força a tudo!

Homem! trabalha, vive; ama, semeia
De norte a sul – e moe, e ceifa e chora,
P’ra a terra se mostrar fecunda e cheia
Entre as estrelas, pelo tempo fóra;

Mas quando vires o pão que, á tua enxada,
O teu trabalho vigoroso deu,
Não te ajoelhes, não te baixes nada,
Não o beijes – morde-o – porque o pão é teu»⁶¹¹.

⁶¹¹ Ernesto da Silva transcreve aqui as estrofes finais de CLARO, Joaquim Nunes – *A oração da fome. (A Guerra Junqueiro)*. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, Editor, 1902, p. 14-15, que o autor dedicou aos amigos Silvio Rebello e João de Barros.

Que soberba replica á quietação nirvanica de Guerra Junqueiro, agora fetichista, a fitar o ceu onde mora o Deus que não tem piedade ás grandes dores, e permite a iniquidade das grandes violencias!

N'esse robusto cantico á Vida, saido da alma de Nunes Claro – um grande poeta – provou-o agora – ha justiça e ha crença, emquanto que na obra de Junqueiro ha só delirio.

A *Oração da Fome*, respondendo á *Oração do Pão*⁶¹², é uma rajada sadia de bom ar dos campos, varrendo d'um golpe a onda mystica do incenso preversor que na capellinha d'aldeia enerva os cavadores, prendendo-os pela fé á injustiça dos homens. É um protesto, um grito nobre, um despertar vibrante, é o *tocsin* das almas para a Verdade, chamando-as, illuminando-as, esclarecendo-as na doutrinação do Indiscutivel.

A *Oração da Fome* aponta-nos n'um bello gesto febril a aurora vermelha dos tempos novos, a *Oração do Pão* lança-nos no enregelamento dos sepulchros onde esfriam consciencias mortas á falta de luz.

Um bravo, pois, a Nunes Claro, um bello espirito e um alto caracter.

Ernesto da Silva

⁶¹² Na *Oração do Pão* (1902) e na *Oração da Luz* (1903), Guerra Junqueiro exprime-se num tom místico de laivos panteistas, no qual sobressaem referências bíblicas sob um ponto de vista científico.

(Página deixada propositadamente em branco)

TRADUÇÃO LITERÁRIA

(Página deixada propositadamente em branco)

JEAN RICHEPIN, UM CASO DA RUA
(A OBRA. LISBOA: N° 162 (1898), 20 DE FEVEREIRO, P. 2).
(TRADUÇÃO DE ERNESTO DA SILVA)⁶¹³

Quem mer-ca as cou-ves?!... Na-bos e ce-nou-ras!... A-lhos e ce-bo-las!...

O *pregão* cantado da vendedeira era arrastado, lamentoso, frio, enchendo de notas dolorosas a athmosphera glacial. E bem glacial, essa athmosphera de 10 graus abaixo de zero era impotente a gelar na fronte da pobre mulher grossas gottas de suor, que, borbulhando, vinham escorregar nas faces da miseravel, obrigada a empurrar n'um derradeiro esforço a carrocita cheia de legumes, cantarolando o *pregão* n'um crescendo de dôr.

Pobre creatura!... Magra, olheiras fundas, faces azuladas, narinas dilatadas indicando soffrimento, caminhava, envolta n'um vestido rapado e no fio, servindo de toucado um resto de linhagem.

A cobrir o ventre um chale amarellado: – A mascara da gravidez!

O ventre elevado ajudava o rodar da carroça. Estava grávida.

– Quem mer-ca as cou-ves?!... Na-bos e ce-nou-...

Vencida, a infeliz caiu entre os varaes.

A multidão juntou-se sem cuidado ao frio. N'um instante a rua encheu-se. Os ultimos a chegar formam na rectaguarda e curiosos perguntam:

– Que foi?

⁶¹³ Jean Richepin. *A Obra*. Lisboa: n° 161 (1898), 13 de fevereiro, p. 1.

Alguns, furando com os cotovellos, fogem do apertão, fingem saber e não tendo visto nada, respondem convictos:

– Desgraça!... Uma mulher bebeda!...

O policia chega disposto a intervir. Domina o tumulto, affasta o povo.

– Vamos!... A licença?... Toca a levantar!

Na calçada, sobre as pedras, a mulher torce-se, soluça, asphyxia. Fincando os punhos no ventre, eleva os rins, estende o pescoço e grita:

– Oh! meu Deus!... meu Deus!... Compreendei!... Vou ter um filho.

A mulher é conduzida á pharmacia proxima.

Em monte, seguindo o cortejo os curiosos dizem *coisas* a proposito:

– Que idéa, fazer filhos na rua!

– É ter coragem, n’um tempo d’estes!

– Safa!... Foi n’um prompto!

– Quem está assim... não trabalha!

Reflexões banaes e previstas, cruzam-se. Os que fallam tomam *pose* de entendidos; os que ouvem, applaudem.

N’um espaço ao fundo, detraz do balcão da pharmacia, a desgraçada estorce-se, presa das dôres do parto. O praticante ampara-lhe a cabeça e dá a aspirar a bôcca d’um frasco. Bonet lançado para a nuca, o boticario tem ares de medico, regaçando as mangas do casaco.

O botão da campainha electrica, comprimido pelos curiosos provoca alarme.

Quando em quando o policia vem á porta:

– Toca a girar, despejem o *passeio*. Andar!... Andar!...

Achatando o nariz contra o vidro da montra, destacam-se dois garotos na primeira fila, tentando fundir com o bafo os pedaços de neve que impedem olhar o interior da botica.

– Vês, alguma coisa Leão?... Não *tosco* nada.

– *Tosco* o boticario!... Está de joelhos... O caixeiro tapa o *coruja*...

Ena!... agora!... O policia que veio *correr* a gente... Bate certo!... Tosquei!... Grande pagode!

A mulher dera á luz uma creança.

Pobre mãe, cheia de amargura, pensa n'aquelle que vem juntar-se aos quatro que estão em casa. Sim; com amargura!... Fôra para *elles*, para os quatro garotos esquecidos em casa que saíra n'essa manhã, sem querer ouvir as visinhas aconselhando prudencia. Era para os filhos o sacrificio, esperançada de voltar a casa. Por Deus!... O pae estava no hospital. E só, sem marido, trabalhava brutalmente, mal podia alimentar a petizada! Agora?... Que será d'elles?...

Sem cinco réis para comer, amanhã não poderá sair pr'a venda. Desgraça!...

N'um impulso tenta erguer-se a ir empurrar a carroça da hortaliça.

– Nada disso!... Nada!... Esta prohibida! Diz o boticario. Não é atar e pôr ao fumeiro. Foi um parto feliz, é verdade; bem dirigido, posso lisongear-me!... Mas emfim, não basta para forçar a natureza. A maca não tarda, valente mulher.

Espera-se. A multidão dispersa; a maca chega. Mãe e filho envolto n'uma sarapilheira, são lançados no fundo da maca que sae da botica. No caminho a mulher desfallece. Sobrevem uma hemorragia. Os conductores mudam de direcção, seguindo para o hospital.

Está bem!... E os pequenos que ficaram em casa?

A carrocita da venda é levada para uma cocheira.

Pequenos grupos estacionam ainda nas immediações da botica. Logistas visinhos veem pedir detalhes ao boticario que descreve o facto, repetindo o emprego do calão profissional. Ao concluir a descripção o pharmaceutico fecha invariavelmente a narrativa dizendo:

No meio da lamuria, comprehendi que a mulher com *este* já faz cinco. Na verdade, a gente pobre não tem juizo!

O auditorio entreolhava-se e dava razão ao botica.

(Página deixada propositadamente em branco)

APÊNDICE

**POEMAS DE ENCOMIO E MALEDICÊNCIA
A ERNESTO DA SILVA,
«O APÓSTOLO DO SOCIALISMO»**

(Página deixada propositadamente em branco)

POEMAS DE ENCOMIO

I. No sucesso de *O Capital*

Rebarbando...⁶¹⁴

Quem não vae ao festival
No dia 3, terça feira,
Ver do Ernesto «*O Capital*»
Lá no Príncipe Real:
Peça p'ra nós justiceira?

Qual será o socialista
Que não vá ao *rendez-vous*?
Qual será que não invista:
– Embora o deixe *á fadista* –
Com seu misero bahú?

É dever de todos nós,
Irmos applaudir o Ernesto...
– Contra a Sociedade atroz:
Levantemos nossa voz
N'um vehemente protesto!

⁶¹⁴ VERGUEIRO – Rebarbando... *O Eco Metallurgico*. Lisboa: n° 5 (1895), 1 de dezembro, p. 3. Vergueiro é pseudónimo de António Francisco da Assunção.

Eu, palavra que não falto,
Fique embora sem almoço:
– Ando de *massas* tão falto... –
De rabôna, chapéu alto,
Lenço branco no pescoço!

Ernesto Silva: verás,
Comparecerem os nossos,
Na tua festa de Paz... (?)
– Parabens caro rapaz:
Toca aqui n'estes dois ossos...

Tua obra meritoria
Quatro coisas bellas tem:
Pr'ó povo é satisfatoria,
Dá-te *massas*, dá-te gloria...
– Verás que emgordas tambem!

*

* *

Á ultima hora:
–Veu no *Diario* –.
Zé Bento foi fóra!
Nem bom, nem mau... ora...
Antes p'lo contrario...

Vergueiro

Desbastando... ⁶¹⁵

Leitor meu, permiti que a poesia
Que diverte, na *Obra* entre em scena;
Que é mais um que lançou mão da pena:
P'ra zurzir a cruel burguezia.

Da semana serei o *vigia*,
Mostrarei onde existe a *gangrena*,
E em linguagem possessa ou amena:
Tosquiarei quem precise *tosquia*.

Mas, deixai que eu aqui de passagem,
Faça bulha como um grau chocalho...
E que grite qual fero selvagem:

– Compapeiros da serra e do malho.
Vamos todos emprestar homenagem
Ao **Ernesto**, p'lo seu bom trabalho!

Come-Gente

⁶¹⁵ COME-GENTE – Desbastando... *A Obra*. Lisboa: n° 46 (1895), 1 de dezembro, p. 4.

A Ernesto da Silva⁶¹⁶

Quando um rapaz dedica a sua juventude
Ao bem dos seus irmãos com tanto ardor e fé,
Quando perde por elle a força e a saúde,
O que é esse rapaz? Respondam: O que é?

É um especulador, um vil ambicioso
Que pretende fazer do povo o seu degrau?
Que, occultando o seu fim – cobarde, astucioso –
P'ra subir é capaz de tudo quanto é mau?

Não! É um luctador de raça forte e nobre,
Que desce armado á liça – ousado campeão.
Quer elle nivelar o que é humildade e pobre
Ao rico e ao feliz – ao outro seu irmão.

Vejam-n'ó! Rosto aberto, altivo, intelligente!
Olhar franco e leal, olhar que não illude.
Brilham n'esse rapaz – um forte combatente –
O Talento, a Bondade, a eterna juventude.

Joaquim dos Anjos

⁶¹⁶ ANJOS, Joaquim dos – A Ernesto da Silva. *A Federação. Número especial. Homenagem*. Lisboa: 1895, p. 2. Este poema foi de novo publicado no jornal *A Obra*. Lisboa: n° 430 (1903), 1 de maio, p. 3, dedicado a Ernesto da Silva após a sua morte.

Soneto

(A Ernesto da Silva)⁶¹⁷

Aninha-se na folhagem da açucena
Do orvalho a gotta limpida e pura,
No seio do espaço a luz serena,
Na morada do pobre a desventura!

No azul do mar a nau pequena
Seu berço construiu – a sepultura!
E a flôr que vegetou em relva amena
N’esse verde regaço achou frescura.

Em ti um novo ideal foi habitar,
E esse fogo sublime – a inspiração,
Achou dôce albergue em teu pensar.

O teu nome vôa pela amplidão,
E teus amigos, além de t’admirar,
Enviam-te a sincera saudação.

Baptista Vidigal

⁶¹⁷ VIDIGAL, Baptista – Soneto. (A Ernesto da Silva). *A Federação. Número especial. Homenagem*. Lisboa: 1895, p. 2.

A Ernesto da Silva

Não tem curso brilhante em escola sup'rior,
nasceu em berço pobre, e a instrucção é cara;
tem força de vontade, intelligencia clara,
almeja por saber e estuda com fervor.

Lampeja-lhe o olhar, onde a bondade brilha,
Se transmite o que pensa aos seus irmãos na lucta,
Á classe que produz, e que anciosa o escuta
Quando elle lhe predica o credo que perfilha.

É um simples, um bom; – collega de trabalho
Sinto-me bem feliz em vir prestar-lhe preito,
Para o seu bello ideal vir insuflar-lhe alento.

É bem pouco, elle sabe, é bem pouco o que valho,
Mas estas phrases chãs, brotaram-me do peito,
Vim trazer-lh'as aqui, saudar-lhe o Pensamento!

Libanio da Silva⁶¹⁸

A. Dão⁶¹⁹

⁶¹⁸ SILVA, Libanio da – A Ernesto da Silva. *A Federação. Número especial. Homenagem.* Lisboa: 1895, p. 3.

⁶¹⁹ Pseudónimo de Libânio da Silva, com o qual costumava assinar os poemas publicados no jornal republicano *O Paiz*.

Quantas vezes se vê na lucta p'la existencia⁶²⁰,

Nas grandes convulsões, nas guerras do Ideal,
Desfazerem-se em pó aquelles que a evidencia
Lográra aguilhoar ao animo geral!?!...

Quantas tambem se vêm de subito, surgir,
D'onde menos se espera, assim como do Nada,
Alguem cujo valor, n'um rapido fulgir,
Conquista á Sociedade uma gloriosa entrada?!!...

A Historia que derrama a Luz dos fastos seus,
Transmitte aos tempos d'hoje os mil exemplos d'antes:
– É que gigantes ha inferiores a pygmeus.
E pygmeus que são bem maior's do que gigantes!

3 de dezembro de 1895

Fernando Mendes

⁶²⁰ MENDES, Fernando – Quantas vezes se vê na lucta p'la existencia. *A Federação*. Lisboa: n° 101 (1895), 8 de dezembro, p. 2.

D'onde nada se julga, o merito emana⁶²¹

Ás vezes; é fatal: – Nas Letras ou na Arte,
Por tudo quanto fôr actividade humana,
Nas Armas, na Tribuna, emfim, por toda a parte,

Assim, hoje o Theatro, engrinaldado, em festa,
Sente-se enobrecer, saúda um filho mais.
E a sua gratidão solícito protesta
Esboçando-lhe a gloria em arcos triumphaes.

Deixemol-o seguir, ao novo, o seu grande caminho
A passo firme, ousado. Ha n'elle um grande intento:
– A tempera d'uma alma angelica, d'arminho,
A expandir-se, a expandir-se, aos vós de um talento!

3 de dezembro de 1895

Fernando Mendes

⁶²¹ MENDES, Fernando – D'onde nada se julga, o merito emana. *A Federação*. Lisboa: n.º 101 (1895), 8 de dezembro, p. 2.

Está-se bem aqui, n'um meio vario⁶²²

Em que, sublime a idéa reproduz
Soberbo – o pensamento do operario
Que fez do bom principio – uma só luz!

E essa luz transcendente – não vulgar,
É a que firme em festa nos contém,
E tende de per si, illuminar
De melhor, tudo em prol do Bem.

É que se levantou ante a opulencia,
Como que á voz da causa social,
N'um rasgo de justiça – a Consciencia,
A impôr-se de vez ao Capital.

E a Consciencia, enorme e poderosa,
Deslumbrante na sua solução,
Proeminente, altiva e magestosa,
Pode dizer-se – fez revolução.

E d'essa o que surgiu de f'liz momento
Em meio dos despojos da batalha?
A Verdade, o Direito – o Pensamento
P'la palavra do homem que trabalha.

⁶²² HENRIQUES, Antonio José – Está-se bem aqui, n'um meio vario. *A Federação*. Lisboa: n° 101 (1895), 8 de dezembro, p. 2.

Eis o que fez audaz esse – gigante
Que, buscando renome p'la victoria,
É para todos nós um peito amante,
Ou antes, p'ra nós todos – uma gloria!

3 de dezembro de 1895

Antonio José Henriques

Soam n'esta noite os hymnos de gloria⁶²³

E da apotheose estão perto os clarões,
Que hão de brilhar no livro da historia,
Deixando nas trevas lendarios brazões.

Que grande successo! Que audaz brilhantismo!
Nas azas douradas a tua alma vôa!
Que diga quem n'alma não sente o cynismo
Se o bello debute não foi uma corôa?!

Se as flores virentes que aqui te offertaram
Quizessem agora primar, orgulhosas,
Com as que da mente brilhantes brotaram
Seriam as tuas as mais primorosas!

No trilho fulgente que férvido encetas
Já vês um vislumbre d'amor e d'esp'rança;
Do teu ideal que raios projectas,
Não temas a lucta! Energico, avança!

Applaudem-te; és alvo de ardente ovação,
Ao justo delirio não podes fugir;
Acceita-o – tributo, feliz saudação,
Dar-te-ha confiança n'um aureo porvir.

3 de dezembro de 1895

Baptista Vidigal

⁶²³ VIDIGAL, Baptista – Soam n'esta noite os hymnos de gloria. *A Federação*. Lisboa: n.º 101 (1895), 8 de dezembro, p. 2.

II. No sucesso de *Os que trabalham*

Como quizeres⁶²⁴

Como hei de eu arranjar isto
Se não aveso vintem?
Queria o meu parabem
Em verso dar ao Ernesto...
– E da idéa não desisto –
Mas... ha coisas que atrapalham
Qu’ria vêr «*Os que trabalham*»
Para ser franco e honesto.

Ernestinho, caro amigo!
A ti, o primor das almas,
Prometto de dar mil palmas,
Da blusa oscular-te a orla
E mais coisas não digo...
– Levo-te á Provinciana
Que tem vinho d’uma cana:
Se arranjas lá uma borla...

Mas se acaso não poderes
‘Scusas de fazer alarde;
Guardo a coisa p’ra mais tarde...
E sabes o que me resta?
– Aposto que isto preferes
E eu então tanto arrenego –
– Ponho o relógio no prego
E só vou á tua festa!...

Vergueiro

⁶²⁴ VERGUEIRO – Rebarbando. *O Echo Metallurgico*. Lisboa: n° 65 (1897), 28 de março, p. 3.

Que bello argumento⁶²⁵

Á fabrica onde trabalho
Foi um gajo – que senhor!
Rogar, pedir por favor
Folga p'ra hoje ao patrão;
Diz-lhe o ventrudo bandalho
Que no mundo nada vê:
– Nada quero com você
Nem co'a manifestação!

Um *gavroche*, um aprendiz
Desenvolto e muito lesto,
– Tal como o descreve o Ernesto
E o faz a Adelina Ruas –
Vem a correr, o petiz,
E chega ao pé do roceiro
Chulipa-o bem, no trazeiro,
Com trez chulipas das suas.

O bruto ao vêr-se tosado
Solta enorme gargalhada;
Depois, com voz affectada,
Esta oração pronuncia:
– Senhores, do melhor grado
Os dispenso... porque enfim...

.....

Argumentem sempre assim,
Vão girar que pago o dia!!!

Vergueiro

⁶²⁵ VERGUEIRO – Que bello argumento. *O Echo Metallurgico*. Lisboa: nº 70 (1897), 1 de maio, p. 3.

III. Nas festas de honra de 1897

Rebarbando⁶²⁶

É ámanhã vinte e quatro
No theatro da Avenida
Que a consagração devida
É prestada ao bom Ernesto;
Se houve pensamento átro
Contra o jovem pensador,
A festa muda de côr:
– Passará a ser protesto...

A sala está á cunha!
Centenas de espectadores
Lançarão sobre elle flores...
– Que um dia o povo capriche!
Eu irei ser testemunha
Dos actos dos bons amigos...
Quanto aos outros... só têm p'rigos:
– São amigos de Peniche!⁶²⁷

Come-Gente

⁶²⁶ COME-GENTE – Rebarbando. *A Obra*. Lisboa: nº 123 (1897), 23 de maio, p. 3.

⁶²⁷ Come-Gente alude aqui a uma agrupação socialista dos fins dos anos 60 e inícios de 70 vinculada ao conde de Peniche, que reunia no Palácio do Fiúza, em Alcântara.

A Ernesto da Silva

Poesia dedicada ao illustre propagandista do movimento operario⁶²⁸

Out'rorá, quando o guerreiro,
Regressava triumphante
Da guerra em que, offegante,
Trucidara sem piedade,
Ufano de tanta gloria,
Perante a turba fremente,
Cingia a corôa virente
Que era o premio da victoria.

E p'ra que no mundo inteiro
Echoasse vigorosa
A fama nobre e honrosa
D'um tão subido valor,
Os tyrannos d'essas eras
Mandavam, envaidecidos,
Que os desgraçados vencidos
Fossem lançados ás feras.

Hoje, porém, que differença!
A celebrar os gigantes,
Que em batalhas incessantes
Rasgam novos horisontes.

⁶²⁸ GAMEIRO, A. J. – Theatro Almeida Garrett. *A Obra*. Lisboa: nº 123 (1897), 23 de maio, p. 4; também Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 193 (2138) (1897), 26 de maio, p. 3. O poema foi escrito por Alfredo Gameiro e recitado por Raúl Leal no espectáculo que os aprendizes da Imprensa Nacional dedicaram a Ernesto da Silva, a 16 de maio de 1897.

Não ha odios nem cruezas,
Ha, sublime, o pensamento
De enaltecer o talento.
Que é a maior das nobrezas.

E a corôa que entretece
Para offertar aos heroes,
Que são outros tantos soes
A alumiar nossas almas,
Leva a nossa affeição
O perfume mais subtil,
E, por liame gentil,
As fibras do coração.

A. J. Gameiro

Verbo Redemptor⁶²⁹

Um dia as multidões, rugindo de entusiasmo,
N'um impeto de amor, no apogeu do pasmo,
'scutando com avidez o verbo de Jesus.
Que ao povo escravizado dava nova luz,
Quizeram, de tropel, rasgar a velha lei,
E o Christo acclamar, fazer do justo um rei.
E o candido rabi, o dôce Nazareno,
Erguendo-se ante a turba, impavido e sereno,
Acalma de um só gesto a agitação crescente
E diz com aquella voz que embala suavemente:
«Deixae o throno em paz, deixae que o seu fulgor
Não póde fascinar quem vive só de amor;
Quem nunca exp'rimentou a febre da cubiça
E só quer apontar a estrada da justiça,
Deixae, que um outro reino eu tenho, nobre, eterno,
Que a furia dos tyrannos e a força do inferno
Não podem destruir». E apoz um curto instante:
Erguendo com firmeza o pallido semblante,
E pondo no azul os tristes olhos seus:
«A minha patria qu'rida é lá nos altos céus!»

Apostolos do bem, os que hoje em fera lucta,
Fustigam sem cessar a multidão corrupta,
De perdularios reis, de altivos potentados,
Mais duros e crueis que os lobos esfaimados,

⁶²⁹ GAMEIRO, A. J. – Secção litteraria. Verbo Redemptor. *A Obra*. Lisboa: n° 124 (1897), 30 de maio, p. 3; também Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n° 193 (2138) (1897), 26 de maio, p. 3. O poema foi recitado pelo próprio autor, A. J. Gameiro, na festa realizada em honra de Ernesto da Silva o dia 24 de maio de 1897, no Teatro Avenida de Lisboa.

E clamam já ao povo, o eterno soffredor,
Que em breve tem de erguer o braço vingador,
Os que lhe são fanal e estrella redemptora,
Annunciando ao mundo a mais brilhante aurora;
Não esperam, como o Christo, a paga bem merecida
Do bem que derramaram, lá n'uma outra vida.
Não teem n'este mundo um throno, nem um sceptro,
E antes, com furor, com fôme o negro espectro,
Cravando sem piedade as garras recurvadas,
Lhes rasga muita vez as carnes maceradas;
Mas teem puro e santo o amor das multidões
E um throno e um altar nos nossos corações.

A. J. Gameiro

O canto de amanhã⁶³⁰

Só o homem feliz sabe rir e cantar
Nós cantamos emfim.
O nosso coração
Já não morre sem luz no peito, sem amar.
Arrombou o forçado as portas da prisão,
E já aquece o Sol, e já banha o Luar.

Do tempo que passou não conservo memória
Mas sei que ultrapassou as visões mais crueis.
Degolaram-se irmãos! – Chamava-se a isso Gloria!
Houve medo, houve guerra, houve fome, houve leis!
É com pranto, e a tremer, que nós lemos a Historia!

Foi vendida, violada, oprimida, queimada,
A triste carne humana, enegrecida e feia.
Houve escravos e Reis, Napoleão, Torquemada...
Enforcou-se a Palavra, e fuzilou-se a Idéa!
E fez-se do Trabalho uma prisão damnada!

⁶³⁰ GARÇÃO, Mayer – Secção litteraria. O canto de amanhã. *A Obra*. Lisboa: n° 125 (1897), 6 de junho, p. 3; também Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n° 193 (2138) (1897), 26 de maio, p. 3. O poema foi escrito por Mayer Garção a pedido de Gregório Fernandes e Raúl Leal, amigos de Ernesto da Silva, e recitado pelo ator Ernesto do Valle na festa realizada em honra de Ernesto da Silva a 24 de maio de 1897, no Teatro Avenida de Lisboa. A respeito do título, Mayer Garção explica: «Escrevi êsses versos, e intitulei-os *O canto de amanhã*, porque era realmente no Futuro que êle vivia, inebriado e fremente, e dar-lhe visão, embora longínqua, do triunfo que o seu esforço preparava, afigurou-se-me a homenagem mais grata que se poderia tributar à sua obra infatigável de evangelista de um mundo novo». VIII. Ernesto da Silva. GARÇÃO, Mayer – *Os esquecidos*. Lisboa: Empresa Editora e de Publicidade A Peninsular L.da, 1924, p. 64. Mayer Garção integra junto a Joaquim Nunes Claro, João de Barros e Angelina Vidal, entre outros autores, o grupo chamado do Neo-Romantismo Vitalista.

– Mas haveria então menos luz pelos céus,
Andariam de luto as estrelas doiradas.
Como já uma vez no paiz dos judeus?!...
Tenho sempre está idéa ao fitar as espadas
Com ferrugem de sangue, expostas nos museus.

Em seu aço, em seu ferro, eu não vejo um amigo.
Com os metaes, que ligou para uma cousa estranha,
Faz-se a foice que ceifa as searas de trigo,
O cinzel que dá vida ás pedras da montanha,
E esta penna leal que trabalha commigo!

Quem concebe hoje, Espada! o teu ideal sangrento?
Se todo o ente que nasce um meu irmão se torna!
Meu igual todo o ser que cobre o firmamento:
Meu irmão quem martella o ferro na bigorna,
Meu irmão quem cinzella e doira o pensamento.

Quem abre o coração elimina a fronteira.
Fez-se um tunnel no monte, uma ponte no rio.
Congrega um só abraço a Humanidade inteira.
Sae agora do porto um immenso navio
Que vae para o fim do mundo, – e não leva bandeira.

Fizeram-se em poeira as sociedades gastas.
Nem cadeias, nem forcas, juizes, adulterios...
Livre e puro, o Amor desprende as azas vastas.
E os namorados veem, mãos dadas, olhos serios
Embriagar de azul as suas almas castas.

Na sombra da ramada, ás horas do poente,
Quando clarão solar estremece e desmaia,
Eu oiço-os murmurar, sorrindo docemente,
E a agua das marés soluça sobre a praia,
E o seu olhar vagueia indefinidamente.

Assim refaz a Vida o grande Amor descrido,
E bebe-se no berço o leite do Direito?
Que são castas? Não sei. Houve classes? Duvido!
Só sei que o mesmo Sol aquece o nosso peito.
Só sei que a mesma voz canta no nosso ouvido.

Bem sei que se luctou para a victoria da Aurora...
Tingiu-se de vermelho o chuço da Revolta,
Embotou o seu fio a foice roçadoura,
Quando o Povo marchou, de cabellos á solta,
– como fogo destroe, como a onda devora!

Pela ultima vez foi preciso matar!
Pela ultima vez uma chama reluz,
E na onda que canta ha um odio a clamar...
– Quem fez as Revoluções? Os incendios da Luz.
Quem nivelou a Terra? As coleras do Mar.

Mayer Garção

A Ernesto da Silva. O apóstolo do socialismo⁶³¹

Lá pr'a as bandas do Oriente,
Entre um povo irrequieto,
Houve outr'ora um homem crente,
Forte e meigo, justo e recto,
Que, prégando o bem da gente,
Diffundi fraterno affecto,
Enchendo a terra de luz!
– Esse crente era Jesus.

Alma ardente e submissa,
Dizia ao povo a verdade;
Escorraçava a cobiça
E fulminava a vaidade!
O seu lemma foi justiça.
Seu ideal – igualdade!
Os seus ultimos gemidos
– Liberdade aos opprimidos!

Muitos sec'los são passados
De dormente indiff'rentismo...
Eis que surgem altos brados
Contra o sordido egoismo
Dos burguezes potentados!
Eis que um dogma – o socialismo –
Trava a lucta colossal:
Proletario e capital!

⁶³¹ A. F. – A Ernesto da Silva. O apóstolo do socialismo. *A Obra*. Lisboa: n° 126 (1897), 13 de junho, p. 4; também Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: n° 193 (2138) (1897), 26 de maio, p. 3.

Breve um homem cheio de crença,
D'alma limpida e serena,
Na tribuna e pela imprensa,
No comicio e sobre a scena,
Vae pregando á turba immensa!
Louva o bem e o mal condemna!
E, como outr'ora Jesus,
Vae aos cer'bos dando luz!

A. F.

*Os que trabalham*⁶³²

A Ernesto da Silva. Na noite da sua festa

Os que trabalham veem hoje,
Em romaria piedosa,
Cobrir de folhas de rosa
O chão que tu vaes pizar.
A bella estrada que segues,
Caminho da nova aurora.
Compete ás filhas de Flora,
Airosas, atapetar.

Como os herores vencedores
Que ao povo outr'ora saudava
Nós, filhos de raça escrava
Que tudo exalta e produz,
Vimos trazer a teus pés,
Uma homenagem radiante
C'roar-te a fronte brilhante
D'um nimbo immenso de luz!
24-5-97

Joaquim dos Anjos

⁶³² ANJOS, Joaquim dos – A Ernesto da Silva. *Vanguarda*. Lisboa: nº 193 (2138) (1897), 26 de maio, p. 3.

IV. Com motivo do seu falecimento

Remir os captivos⁶³³

Á hora em que percorre as ruas da cidade
A fausta procissão do culto do deus Maio,
Que, segundo alguém diz, produz febre e desmaio,
Aos que dão leis de ferro a tibia sociedade,

Com lagrimas presinto as magoas e a saudade
Dos martyres que ao longe avergam sob o raio
Da vingança feroz, quiçá barbaro ensaio
De um drama medievo em plena actualidade.

E vejo com tristeza o movimento insano,
Diverso do alto fim que lhe indicou roteiro,
E reduzido agora a romaria do anno.

Ah! para dar á Ideia um brilho sobranceiro,
É preciso apagar no calendario humano
A mancha colossal – treze de fevereiro⁶³⁴.

Angelina Vidal

⁶³³ VIDAL, Angelina – Remir os captivos. *A Obra*. Lisboa: n° 430 (1903), 1 de maio, p. 3.

⁶³⁴ Refere-se à Lei de 13 fevereiro de 1896, estabelecendo as penas applicaveis aos anarchistas, e auctorizando o governo a augmentar o quadro da policia civil de Lisboa. *Diário do Governo*. Lisboa: n° 37 (1896), de 15 de fevereiro.

Amanhã...⁶³⁵

(Na morte de Ernesto da Silva)

Nunca morreu a Ideia ao sopro gelador
Do mysterio final que nos rouba o vigor!
O corpo, sim, caiu, baixou á sepultura.
Mas o espirito não: porque a aurora futura
Levanta-o com amor acima do Universo!
O pó da terra-mãe, profanado e disperso,
De sêr transformador aos vermes dá guarida,
Suga, come e digere um corpo já sem vida,
Mas não calcina, não, uma alma alevantada,
Alma que sóbe e galga os cumes da rajada,
– Rajada colossal!, um grande firmamento,
Feito de sois astrais – vulcões do pensamento!

Lutando e reagindo a tanta podridão,
Almas, d'um mundo novo, almas d'um mundo irmão,
Crispadas, varonis, convulsas, flammejantes,
Gritando com a voz potente dos gigantes,
Contra as iniquas leis, infamias e baixezas
Que fazem do viver as fogueiras accesas
Que outr'ora a Inquisição publicamente tinha,
– Fogueiras da miseria indigna que amesquinha
A Humanidade inteira, honesta, crente e boa;
Da vossa bocca ardente um murmurio echôa

⁶³⁵ ALGARVE, Marcos – *Canções d'Alguem*. Famalicão: Typographia Minerva, 1903, p. 123-124. Posteriormente, o poema foi reproduzido no jornal *O Mundo* e assinado como Marcos Portugal. Vid. PORTUGAL, Marcos – Ernesto da Silva. *O Mundo*. Lisboa: n.º 1042 (1903), 9 de agosto, p. 2. Marcos Algarve é o pseudónimo de Francisco Marques da Luz (Olhão, 1875-Algueirão, 1960).

Alluindo boças imperios de maldade,
Para os homens lançar no campo da igualdade
E laval-os da maneira ignobil que os cobria,
Mostrando-os como iguaes á clara luz do dia!
– Iguaes, sim, que o são – na dôr e na grandeza,
Esquecidos porem da solerte nobreza
De padres, generaes, ociosos e reis,
– Antigos histriões que todos conheceis.

Sobre a gelada campã onde repousa o vulto
D'um homem que merece o respeitoso culto
Dos singelos heroes que lutam pelo Bem,
Pela eterna Justiça escalavrada além...
No seio da universal da gasta Messalina!
Desfolho eu a subtil, modesta e purpurina
Flôr, que para o meu peito, indica um sonho eterno,
No mais quente verão ou no mais frio inverno,
E que, embora franzina, e sem furia satânica,
Tem a audacia precisa, inflammada e titanica
Para afirmar convicta, e n'uma esperança sã,
Que a luz ha de raiar... n'um dia... no *âmanhã!*...

Marcos Algarve

Lembrem-se todos que morreu lutando⁶³⁶

E que morrer assim ainda é viver;
E nem se morre para a Vida – quando
Se deu o coração para a erguer...

Que ninguém chore, pois, a dôr de ver
O morto enregelado no caixão;
Mas que procurem todos entender
Como elle foi maior que o seu dever
E igual á sua grande aspiração!

Coimbra – 1903, Abril, 28

João de Barros

⁶³⁶ BARROS, João de – Lembrem-se todos que morreu lutando. *Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva*. Lisboa: Numero único (1903), 1º de maio, p. 2. O autor integra junto a Nunes Claro, Mayer Garção ou Angelina Vidal, entre outros, o grupo do Neo-Romantismo Vitalista.

Aguia immortal⁶³⁷

Espirito gentil que espedaçaste um elo
Das cadeias da forma... eis-te vivendo a Vida
Nas esferas do *Ser* infinito e bello.

Dizem que tu morreste... Oh não alma querida!
O que morre desfaz-se, arruina-se, apodrece
Para assim regressar á primeira lida;

Mas teu genio integral no tempo resplandece,
Como em limpo azul os mais soberbos astros
Que cegam com seu lume a sórdidez refece,

E fica relembando os diamantinos rastros,
Projectando no mar da perduravel gloria
Da nau do Pensamento os altivos mastros.

Vidente gladiador, deixaste assaz notoria
A firme resistencia ao meio comesinho,
Onde a Honra agoniza e tem diploma a escoria.

O odio e a malvadez lançaram-te ao caminho
As Górgonas da inveja, uivando, descompostas,
Nas saturnaes da infamia, em magno desalinho.

Com que desprezo real ias deixando em postas
Os ophideos pygmeos que silvam, nas alfurjas,
Se a victima enojada um dia volta as costas!

⁶³⁷ VIDAL, Angelina – *Aguia immortal. Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva*. Lisboa: Numero único (1903), 1º de maio, p. 3.

Não tornas mais... senão dir-te-hia – não resurjas
Que o mundo nem merece o primacial heroísmo –
Morrerias de tédio... Ah! não! Antes não surjas!

Deixa atulhar de lama o ventre do cynismo,
Pois tudo tem seu fim nas taboas de um caixão,
Que o coveiro arremessa ao ventre de outro abysmo.

Espirito gentil, amaste a rectidão,
E em ti poder não teve a peste assoladora,
Gangrena pertinaz dos fructos da Razão.

Subiste sem auxilio á torre duradoura
Onde o Talento accende os factos da Conquista,
Eguaes ao nobre olhar da aguia sonhadora,

Cravado com paixão na ceára fantasista
De espigas dôr de roza, ornato permanente
Do altar onde communga o Pensamento artista.

E por isso tu foste um bravo dissidente,
Pois quanto a experiencia á pressa te mostrou
Creaa má raiz no vicio repellente.

E agora alma querida, agora que findou
O Drama da materia onde ha funestas scenas,
E a perfidia subtil qual serpe se enroscou,

Bem quizera eu colher grinaldas de açuças
Tão puras como o veu de uma noviça linda,
E ir devotamente, em noites mui serenas,

Depôl-as, com a fé que não morre ainda
Em minh'alma tranquila, ahi, na árula santa
Consagrada aos geniaes de nome que não finda.

Por ti meu coração em preces se levanta;
Por ti meu sentimento em lagrimas se expande;
Por ti a minha lyra enternecida canta.

Porém, embora o tempo o soffrimento abrande
Da magoa da partida, hade brilhar intenso
O bello **Capital**⁶³⁸, do teu cerebro grande...

E das **Ruinas**⁶³⁹ – astraes, nova Pompeia, eu penso,
Havemos de agitar as flammulas do affecto
Como quem de uma praia agita um alvo lenço,

No soluçante adeus ao bom irmão dilecto
Levado no baixel da impia Realidade...
Mas quando a Morte ao Genio impõe o escuro veto,
Dá-lhe a Consciência humana a Immortalidade.

Angelina Vidal

⁶³⁸ Alusão a *O capital. Drama em 4 actos*, que lhe valeu o reconhecimento e aplauso dos operários. Texto neste mesmo volume.

⁶³⁹ Alusão a *Em ruinas*, que acabara de vir à luz. Texto neste mesmo volume.

O povo emudeceu quando passava⁶⁴⁰

Esse cortejo triste, que levava
Um seu filho que foi um luctador:
– Aquelle que nas horas amargorosas,
lhe fallava das cousas grandiosas,
que o povo espera, crente e com amor!...

E até o sol, ao longe, nas collinas,
Quando o corpo baixava á sepultura,
Parecia dizer: adeus, Ruínas!
Dae logar ás estrellas peregrinas –
Da cidade Futura!

Dias d'Oliveira

⁶⁴⁰ OLIVEIRA, Dias de – O povo emudeceu quando passava. *Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva*. Lisboa: Numero único (1903), 1º de maio, p. 3.

Homenagem á Memoria de Ernesto da Silva⁶⁴¹

Tu foste um luctador, um athleta gigante!
Apostolo do Bem, da Luz e da Verdade,
Proclamaste a Justiça, a Paz e a Liberdade,
Procurando esmagar o Erro, a todo o instante.

Um supremo ideal, formoso e deslumbrante,
A tua alma empolgou! Todo amor e bondade,
Na lucta entraste ousado... A inveja, a maldade
Tentaram macular-te o nome rutilante.

Desprezaste os reptis e, sempre combatendo,
Impavido seguiste o teu caminho, tendo
No trabalho um altar e na familia um templo.

Ó sonhador austero! ó alma de creança,
Morreste pobre, sim!... mas deixaste uma herança,
Deixaste um nome honrado e um luminoso exemplo!

1-5-1903

Guilherme Souza

⁶⁴¹ SOUZA, Guilherme – Homenagem. *Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva*. Lisboa: Numero único (1903), 1º de maio, p. 3.

V. A memória militante de Ernesto da Silva

História de Portugal⁶⁴²

À memória dos mortos que não têm Pátria: – Buiça, Costa, Giovanni, Bogroff, Tolstoi, Ernesto da Silva, Antero de Quental, Gneco e a José Fontana

Reinava em Portugal um tórvo Rei tirano,
Que tinha por ministro um féro ditador.
De coração tiggrino e génio desumano,
– O carrasco mais vil do ideal republicano
E deste povo o mais terrível opressor.

Da Pátria os campeões lutavam para vencer!
Faziam propaganda em nome da Verdade...
Porém, o ditador, em nome do Poder,
Como um lobo que espera a presa para comer,
Roubou-os, um a um, ao Sol da Liberdade!

Lá foram para as prisões. Dos pobres os gemidos
Apagavam no olhar os fugitivos brilhos!...
Qué lágrimas de Dor!... Que luto nos sentidos!...
– Eram mulheres chorando a sorte dos maridos,
e mães a lamentar a perda dos seus filhos!

Forjara um decreto infâme, audaz, tremendo!
Decreto que importava a morte ao condenado...
– El-Rei assinará? – dizia-se, temendo...
Sentiu-se de repente. Os corações batendo,
Deste povo oprimido! – El-Rei tinha assinado!

⁶⁴² SOUSA, Avelino de – História de Portugal. *A Voz do Operário*. Lisboa: 8 de outubro de 1911. Apud. MÓNICA, Maria Filomena – *Poemas operários 1850-1926*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1983, p. 95-98.

Era a 1 de fevereiro. A multidão esperava
O regresso do Rei que, de Vila Viçosa,
Voltava com o filho. A côrte o aguardava,
Bem como o filho Infante e a esposa, que julgava
Entrar no seu palácio, alegre e descuidosa.

Rodava já o trem... – A multidão em ala,
Viu o rei a sorrir... dando ao cinismo brilho...
– Mas nisto ouve-se um tiro!... A seguir, outra bala!
Os dois atiradores jaziam já... sem fala!
– Matara um o Rei. Deu outro a morte ao filho!

Que foram os heróis que assim deram a vida,
em prol da Liberdade, em nome da Justiça?
Quem foi que despertou na Pátria adormecida
O ódio mais vibrante à corôa hoje falida!?...
– Um foi Alfredo Costa! E o outro foi Buiça!

A República de hoje – alcançada a vitória
Sobre essa *velha-ladra*, a tôrpe monarquia –
Jamais pode esquecer que deve a sua glória
A eses Dois Heróis que vivem na História
E deram ao país a Carta de Alforria!

Á inteligência dos vivos, sempre escravos

Post-Scriptum. – Povo operario:

Para redimir a nação,
fizeste a Revolução.
Mataste o poder real!
Eis proclamada a República,
Que tu tanto desejavas!
São os homens que aclamavas,
Que governam Portugal.

Já fazem leis há um ano!
Mas tu, Povo esfarrapado,
Que foste herói denodado,
Tens a mesma sorte amarga!
– E as promessas dos comícios?
São *coisas* que vão esquecendo...
E Tu continuas sendo
A mesma besta de carga!
Illudiram-te? – Mas tu
Não desgostas de ilusões...
Ainda vais para os *batalhões*,
Ainda crês em falsidades!...
– Chama-me agora *thalassa*,
Povo ingénuo e produtor!...
Mas, se podes, é favor:
Deita abaixo estas verdades.

Campolide – 5 de outubro – 1911
Avelino de Sousa

POEMAS DE MALEDICÊNCIA

I. Na polémica do jornal *A Federação* contra Heliodoro Salgado

Vae recolher-se á privada⁶⁴³

O nosso amigo Theodoro⁶⁴⁴.

Eu, com franqueza deploro,

A resolução tomada,

E podem crer que até choro

Se a vejo realisada.

Que será de ti, Ernesto,

Se te falta o Theodoro?

Apégas-te ao Heliodoro⁶⁴⁵,

Um *Sanfona* tão funesto

Cujo *sanfonar* sonoro

Se vae tornando indigesto?

Como é que has de aranjá,

Se o Theodoro te falta,

Quem vá, á luz da ribalta,

⁶⁴³ ZÉ TRISTE – Faceias. *A Federação*. Lisboa: nº 313 (1899), 31 de dezembro, p. 2.

⁶⁴⁴ Teodoro Ribeiro.

⁶⁴⁵ Heliodoro Salgado.

Como um actor singular,
Ás massas apregoar
Os teus *palões* de peralta?

*

Se vae embora o Theodoro,
Eu, com franqueza, até choro...

Zé Triste

As aguas do mar são brancas⁶⁴⁶,

No centro são amarellas,
Mas mais *salgadas* do que eu...
Isso sim! Isso são ellas!...

Heliodoro

⁶⁴⁶ SALGADO, Heliodoro – As aguas do mar são brancas. *A Federação*. Lisboa: n° 315 (1899), 14 de janeiro, p. 2. Esta foi a resposta de Heliodoro Salgado ao poema precedente.

Eu e o Sanfona⁶⁴⁷

Eu sou o *Sanfona*,
E eu sou o Ernesto...
Levo tampona...
E eu cá protesto!

Os dois

Porém se vimos
O *lombo* em p'rito,
Logo fugimos... (bis)
(*pausa*)
É sestro antigo...

Fra-Demonio

⁶⁴⁷ FRA-DEMONIO – Eu e o Sanfona. *A Federação*. Lisboa: nº 315 (1899), 14 de janeiro, p. 3. Sob esta epígrafe o autor desenvolve uma crítica feroz contra Heliodoro Salgado que acaba com estes versos.

Pirolito que bate, que bate⁶⁴⁸,

Pirolito que já bateu.

Quem gosta de mim é o Ernesto

Que gosta d'elle sou eu...

Heliodoro

⁶⁴⁸ HELIODORO – Pirolito que bate, que bate. *A Federação*. Lisboa: n° 317 (1900), 28 de janeiro, p. 4. Este poema responde aos ataques continuados contra Heliodoro Salgado desde as páginas do jornal. O autor brinca com a primeira estrofe desta popular canção infantil.

(Página deixada propositadamente em branco)

BIBLIOGRAFIA

1. Arquivos e Bibliotecas

Arquivo de História Social (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa)
Arquivo Municipal de Lisboa. Bairro da Liberdade (Lisboa)
Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa)
Biblioteca da Faculdade de Direito (Universidade de Lisboa, Lisboa)
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Coimbra)
Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)
Cemitério dos Prazeres (Lisboa)
Fundação Mário Soares (Lisboa)
Imprensa Nacional Casa da Moeda (Lisboa)

2. Guias para fontes, dicionários e obras de referência

BIVAR, Artur – *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto: Edições Ouro, 1952.
CASTRO, Francisco Lyon de – *História da literatura Portuguesa*. Lisboa: Publicações Alfa, 2003.
Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, s.d.
LAPA, Albino – *Dicionário de calão*. Lisboa: s.ed., 1959.
LEMOS, Maximiano (Dir.) – *Encyclopédia Portuguesa Illustrada. Dicionario Universal*. Porto: Lemos & C.ª, Sucessor, s.d.
NOBRE, Eduardo – *Dicionário de calão*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1985.
SÁ, Victor – *Roteiro da imprensa operária e sindical 1836-1986*. Lisboa: Caminho, 1991.
SILVA, António de Moraes – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. S.l.: Ed. Confluência, 10ª ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada, 1951.
SIMÕES, Guilherme Augusto – *Dicionário de expressões populares portuguesas. Arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares-comuns, aportunamentos,*

estrangeirismos e curiosidades da linguagem. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2^a ed. 2000.

SOUSA BASTOS – *Dicionário do teatro português*, edição facsimilada. Coimbra: Minerva, 1994.

3. Fontes

ARQUESOC. Arquivo Histórico na Área Económico-Social do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social. Ministério das Obras Públicas, Comércio E Indústria. Repartição Do Comércio – *Documentos relativos à aprovação dos Estatutos. Liga das Artes Graphics*, Lisboa. Disponível na Internet <http://arquesoc.gep.msess.gov.pt/projecto1/index.htm>

ARQUIVO DE HISTÓRIA SOCIAL (Espólio Pinto Quartim) – «Biografia de Severino Augusto Fernandes de Carvalho». Código de referência PT-AHS-ICS-PQ-CP-043-2. (Acedido a 11 de maio de 2021). Disponível na Internet <http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/>

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (ANTT) – *Acta da sessão da Federação das Associações de Classe em 8 de abril de 1895*.

C. M. L. Cemitério dos Prazeres – *Registo Geral de Enterramentos*, Livro n° 22, 23 de maio de 1908 a 12 de novembro de 1911.

C.M.L. Cemitério dos Prazeres – *Registo Geral de Enterramentos. 20 de fevereiro de 1903 a 16 de dezembro de 1904, 20. 2º vol..*

C.M.L. Cemitério dos Prazeres – *Registo Geral de Enterramentos. 23 de maio de 1908 a 12 de novembro de 1911*. João Raul da Silva.

Código Penal Portuguez. Nova publicação oficial ordenada por Decreto de 16 de setembro de 1886.

Comissão administrativa do município de Lisboa. 30.^a Sessão. Sessão de 17 de julho de 1913, p. 466, e 37.^a Sessão. Sessão de 4 de setembro de 1913, p. 596.

DECRETO de 24 de outubro de 1901. D. G. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Lisboa: 242 (26 de outubro de 1901), 816-824.

DECRETO n° 176. D. G. Ministério do Reino. 11 de agosto de 1898.

FREIRE, João, *Dicionário histórico de militantes sociais, grupos libertários e sindicatos operários*, 2012. (Acedido a 11 de maio de 2021). Disponível na Internet http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php?option=com_content&view=article&id=33&Itemid=30

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA – *Livro da Matrícula do pessoal existente em 1 de julho de 1901 e do admitido d'esta data em deante*, n° de refs. 1-241, folha n° 248.

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA – *Regulamento Geral dos Serviços da Imprensa Nacional e da Caixa de Reformas e Socorro na Doença*, 1901.

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA – *Relação nominal dos empregados, artistas e operários da Imprensa Nacional de Lisboa em referência ao dia 1.º de janeiro de 1898*.

PORTARIA de 25 de outubro de 1901. D. G. Ministério dos Negócios do Reino, Direção Geral de Instrução Pública, 3.^a Repartição. Lisboa: 242 (26 de outubro de 1901), 873.

SILVA, Joaquim Palminha – *Pequeno dicionário do movimento socialista português*, Lisboa, Fundação José Fontana, 1989.

4. Publicações periódicas (entre parênteses local da edição, periodicidade e anos consultados)

- A Federação. Órgão das associações federadas e do povo operário em geral* (Lisboa, semanário, 1893-1900).
- A Obra. Hebdomadario. Órgão dos carpinteiros civis associados* (Lisboa, semanário, 1891-1903).
- A Vanguarda* (Lisboa, diário, 1891-1903).
- Bemfica Socialista. Órgão e propriedade do Núcleo Socialista de Bemfica* (Lisboa, mensário, 1924).
- El Socialista. Órgano del Partido Obrero* (Madrid, diário, 1895-1903).
- La Petite République Socialiste* (Paris, diário, 1903).
- O Echo Metallurgico. Órgão da Confederação das Associações de Classe Metallurgicas de Lisboa e do povo operario em geral* (Lisboa, semanário, 1895-1897).
- O Mundo* (Lisboa, diário, 1900-1903).
- O Paiz* (Lisboa, diário, 1895-1898).
- O Proletario. Bi-semanario defensor do operariado em geral* (Lisboa, Bi-semanário, 1898).
- O Protesto Operario. Órgão do Partido Operario Socialista* (Lisboa, semanário, 1883-1894).
- O Protesto. Periodico Socialista* (Lisboa, semanário, 1876-1892).
- Pensamento. Revista Internacional de divulgação social e scientifica* (Porto, mensário, 1930-1932).
- República Social* (Porto, bi-semanário e semanário, 1919-1933)
- Revista Nova* (Lisboa, sem periodicidade definida, 1901-1902)
- Revista Política. Publicação mensal de propaganda e critica* (Lisboa, mensário, 1901)
- Seculo XX. Semanario socialista* (Lisboa, semanário, 1901-1902).

5. Estudos

- AVILLEZ, Maria – João Soares: *democracia*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.
- AVILLEZ, Maria João – Soares: *ditadura e revolução*. Lisboa: Público, 1995.
- BATALHA, Ladislau, e SILVA, Ernesto da – *O que é ser socialista? O dia normal*. Lisboa: Typ. do Instituto Geral das Artes Graphics, s.d.
- BRITO, Carlos – *Álvaro Cunhal, sete fôlegos de combatente. Memórias*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2010.
- CASCÃO, Rui – A crise económica e social dos finais do século XIX. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Tomo XXVII (1992), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Instituto de História Económica e Social, p. 165-187.
- CASTANHEIRA, J. P. – *Jorge Sampaio, uma biografia*. Lisboa: Edições Nelson e Porto Editora, 2012.
- CASTAÑO, David – *Mário Soares e a revolução*. Lisboa: D. Quixote, 2013.
- CRUZEIRO, Maria Manuela – *Um republicano chamado José Fontana*. Lisboa: Fonte da Palavra e Associação Cedro, 2011.

- CRUZEIRO, Maria Manuela – *Vida e acção de José Fontana*. Lisboa: Fundação José Fontana, 1990.
- FARINHA, Luís – *Ramada Curto. Republicano, socialista, laico*. Lisboa: Assembleia da República, 2014.
- FRANCO, Alberto – *A Voz do Operário. Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário. 135 anos*. Lisboa: Althum.com, 2018.
- G. A. – O camarada Augusto. *Portugal Socialista*, nº 81 (1976), 4 de fevereiro.
- GARÇÃO, Mayer – *Os esquecidos*. Lisboa: Empresa Editora e de Publicidade A Peninsular L.da, 1924.
- Homenagem a José Fontana*. Lisboa: Typ. do Reporter, 1892.
- LATOEIRO, Pedro, e DOMINGUES, Filipe – *O mundo não tem de ser assim*. Alfragide: Casa das Letras, 2021.
- LOPES, Óscar – *Antero de Quental. Vida e legado de uma utopia*. Lisboa: Caminho, 1983.
- López Espinosa, José Antonio – Notas para la historia de la homeopatía. *Revista Cubana de Medicina Gen Integr.* 15(5) (1999), p. 587-590.
- MADUREIRA, Joaquim – *Impressões de teatro. (Cartas a um provinciano & Notas sobre o joelho). 1903-1904*. Lisboa: Ferreira & Oliveira, L.^{da}, Editores, 1905.
- MÓNICA, Maria Filomena – As reformas eleitorais no constitucionalismo monárquico, 1852-1910. *Análise Social*. Vol. XXXI (139), 1996 (5^o), p. 1039-1084.
- MÓNICA, Maria Filomena, e Matias, Maria Goretti – Manuel Luís de Figueiredo, um socialista ignorado. *Estudos e Documentos (ICS), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. Lisboa: ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (1986), p. 5-21.
- NOGUEIRA, César – A-propósito do aniversário do P.S.P. *Pensamento*. Porto: ed. do Grupo Pensamento, nºs 22-23 (1932), janeiro-fevereiro, p. 523-524.
- NOGUEIRA, César – *Antero de Quental. Esboço para a sua biografia político-social*. Porto: Imprensa Social, 1950.
- NOGUEIRA, César – *Esboço biográfico de Azedo Gneco*. Lisboa: António Francisco Pereira, 1934.
- NOGUEIRA, César – *José Fontana. A sua vida e a sua obra*. Lisboa: Seara Nova, 1953.
- NOGUEIRA, César – *Notas para a história do socialismo em Portugal. Vol. I. (1871-1910)*. Lisboa: Portugália Editora, 1964.
- NOGUEIRA, César – *Notas para a história do socialismo em Portugal. Vol. II. (1895-1925)*. Lisboa: Portugália Editora, 1966.
- NOGUEIRA, César – *Resumo histórico dos congressos e conferências do Partido Socialista Português (1871-1926)*. Porto: Edição da Revista Pensamento, 1932.
- PAIS, José Machado – «De Espanha nem bom vento nem bom casamento»: sobre o enigma sociológico de um provérbio português. *Análise Social*. Vol. XXI (86) (1985)-2^o.
- PAIS, José Machado – *A prostituição e a Lisboa boémia: do século XIX a inícios do século. Do século XIX a inícios do século XX*. Porto: Ambar, 2008.
- PASCOAL, Sara Cerqueira – Carmens e Lolás: representações da mulher espanhola na literatura de viagens portuguesa da segunda metade do séc. XIX. *E-Revista de Estudos Interdisciplinares do CEI – ISCAP*, nº 5 (2017), maio.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – *A Cultura Operária em Portugal. Teatro e Socialismo durante a Primeira Republica, 1910-1926*. Cascais: ed. Patrimonia Historica, 2002.

- PERALTA GARCÍA, Beatriz – A representação do trabalho fabril na literatura socialista portuguesa. Da fundação do Partido Socialista Português à República (1875-1910). PINHEIRO, Magda de Avelar (Coord.) – *Cadernos do Arquivo Municipal. Indústria e operários nos séculos XIX e XX*. Série II, nº 13, janeiro-junho (2020). Lisboa: p. 85-95.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – El Partido Socialista Portugués y la literatura de combate. La obra literaria de Ernesto da Silva. *Revista Historia Autónoma*. Nº 11 (2017), p. 130-131.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – *La cultura obrera en Portugla. Teatro y Socialismo durante la Primera República (1910-1926)*. Mérida: Junta de Extremadura, 2009.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – Literatura alegórico-fantasta socialista. *Revista de Estudos Literários*. Nº 9 (2019), p. 183-198.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – Los orígenes del teatro socialista en Portugal: *O Capital* (1895), de Ernesto da Silva. *Revista da Faculdade de Letras. História*, IV Série, Vol. 7, nº 2 (2017), p. 216-236.
- PERALTA GARCÍA, Beatriz – Os pioneiros do artigo de opinião em Portugal. As colunas jornalísticas de Ernesto da Silva (1892-1903). *Revista Portuguesa de História*. T. LI (2020), p. 202-221.
- PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunbal, uma biografia política*, 4 vols.: *Daniel, o jovem revolucionário (1913-1941)*, *Duarte, o dirigente clandestino (1941-1949)*, *O prisioneiro (1949-1960)* e *O secretário-geral (1960-1968)*. Lisboa: Temas e Debates, 1999-2015.
- PIMENTEL, Maria do Rosário – Espaços com história na Lisboa dos séculos XVIII e XIX. *Ricognizioni. Revista di lingue, letterature e culture moderne*. 1º 2014 (1), p. 253-261.
- PINTO, Renato Fernando Marques – As indústrias militares e as armas de fogo portáteis no exército português». *Revista Militar*. Nº 2495 (2009), dezembro. Disponível na Internet <https://www.revistamilitar.pt/artigo/528>.
- PIQUERAS HABA, Juan – La filoxera en España y su difusión espacial: 1878-1926. *Cuadernos de Geografía*. Valencia: 77 (2005), p. 101-136.
- REBELLO, Luiz Francisco – *O essencial sobre D. João da Câmara*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- RICHEPIN, Jean – Um fait divers. *Le pavé*. Paris: Maurice Dreyfus, Éditeur, 1886, p. 135-139.
- RODRIGUES, Edgar – *O despertar operário em Portugal 1834-1911*. Lisboa: Editora Sementeira, 1980.
- ROMERO FERRER, Alberto – *El género chico. Introducción al estudio del teatro corto fin de siglo (de su incidencia gaditana)*. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz, 1993.
- SÁNCHEZ LIÉVANO, Claudia Viviana – *Breve mirada al desarrollo de la historia de la homeopatía en el mundo durante los dos últimos siglos*. Bogotá: D. C. Colombia, Universidad de Colombia, Facultad de Medicina, Maestría en Medicina Alternativa, 2013.
- SANTA RITA, Guilherme Augusto de – *O bezerro de ouro. Drama original em cinco actos*. Lisboa: Typ. da Gazeta de Portugal, 1890.
- SANTARENO, José Martins – O Capital, de Ernesto da Silva. *República Social*. Porto: nº 38 (1919), 15 de novembro.
- SANTOS, Fernando Piteira – José Fontana, militante do movimento operário português. *Diário de Notícias*. Lisboa: 22 (1983), setembro.
- SEQUEIRA, Matos – *História do Teatro Nacional D. Maria II*, Volume I. Lisboa: Publicação comemorativa do Centenário 1846-1946, 1954.

- SOTTO MAIOR JUDICE, A. H. – Ernesto da Silva. *A Federação*. Lisboa: Número especial. Homenagem, p. 1.
- SOUSA BASTOS – *Carteira do Artista. Apontamentos para a Historia do Theatro Portuguez e Brasileiro*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1898.
- VENTURA, António – «Ernesto da Silva e o socialismo». LEAL, Ernesto Castro (Coord.) – *Republicanismo, socialismo, democracia*. Lisboa: Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010, p. 169-182.
- VENTURA, António – *Anarquistas, republicanos e socialistas em Portugal. As conveções possíveis (1892-1910)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- VIEIRA, Alexandre – *Figuras gradas do movimento social português*. Lisboa: Edição do Autor, 1959.

ÍNDICE REMISSIVO

- 1.º de maio – 24, 27
- A Federação* – 24, 25, 26, 51, 57, 62, 67, 69, 71, 75, 76, 79, 82, 86, 90, 93, 97, 101, 105, 109, 113, 115, 118, 133, 136, 140, 144, 147, 151, 155, 159, 163, 166, 170, 174, 176, 178, 181, 213, 219, 221, 240, 244, 265, 268, 281, 297, 321, 322, 340, 372, 412, 420, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 501, 503, 504, 505
- A Libertadora – 407, 420
- A Lusitana – 407
- A Obra* – 24, 44, 47, 62, 67, 86, 122, 155, 159, 166, 219, 223, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277, 279, 281, 283, 284, 286, 288, 289, 291, 293, 295, 324, 354, 389, 394, 399, 403, 405, 408, 418, 420, 428, 441, 457, 462, 468, 478, 479, 481, 483, 486, 489
- A primeira pedra – 394, 395, 396
- A Vanguarda – 23
- A vítima* – 42, 268, 297, 322, 375, 377, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 386, 387, 394, 428
- A Voz do Operário – 170, 407, 498
- A. Dão – 471
- A. F. – 486, 487
- A. J. Gameiro – 480, 481, 482
- Abime – 419
- Adelina Ruas – 185, 265, 398, 477
- Ajuste de contas* – 53, 376, 377, 379
- Alberto Braga – 383
- Alberto Pimentel – 427, 430
- Alembard – 154
- Alfredo Gameiro – 479
- Angelina Vidal – 457, 483, 489, 492, 495
- Antero de Quental – 498
- Antoine – 442, 443, 444
- António José da Silva Pinto – 16, 42
- Antonio José Henriques – 474
- Arnaldo da Fonseca – 408, 409
- Augusto de Lacerda – 386
- Augusto Dias da Silva – 11, 19
- Avelino de Sousa – 500
- Azedo Gneco – 12, 15, 17, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 40, 57, 181, 185, 498, 513
- Bach – 454
- Baptista Vidigal – 470, 475
- Barbara – 396
- Benoît Malon – 12, 22, 47
- Bernard Lazare – 452
- Bezerro de Ouro – 375, 377
- Blanchette* – 434, 435, 436, 437, 438
- Bogroff – 498
- Bombeiro municipal* – 415
- Brás Martins – 398
- Bravais – 373
- Brazão – 185, 379, 380, 382, 386, 427, 428, 429, 433
- Brieux – 434, 435, 436, 437, 444
- Brito Camacho – 405
- Buiça – 498, 499
- Caetano Reis – 398
- Camões – 76, 315, 452
- Casa da boneca – 401, 416, 434, 438, 453
- Centro Socialista – 26

Centro Socialista de Lisboa – 26
 Cervantes – 452
 César Nogueira – 11, 16
 Chaby – 434, 438
 Charcot – 373
 Christo – 127, 162, 172, 178, 246, 481, 482
 Comboio n.º 6 – 396
 Come-Gente – 468, 478
 Costa – 185, 350, 498, 499
 Couturier – 454
 Cr cherie – 419
 Cristo – 134
 D. Amelia – 415, 430, 433, 434
 D. João da Camara – 372, 373, 411, 412
 D. Maria – 42, 44, 155, 223, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277, 279, 297, 322, 372, 373, 375, 376, 377, 379, 380, 382, 385, 387, 388, 402, 415, 427, 428, 429, 430, 433, 438
 D. Miguel – 415
Dama das camelias – 411
Dame de la mer – 400
 Dante – 385, 452, 454
 Darwin – 302
 Deibler – 134
 Descaves – 453
 Dias d'Oliveira – 496
 Dicenta – 380, 395
 Duse – 407
 E. da S. – 398
 E. Silva – 374
 Eça de Queiroz – 354, 408, 409
 Edgar Rodrigues – 16
 Edgard Poe – 373
 Edison – 76, 202
Em Ruinas – 49, 50, 79, 321, 399, 495
 Encarna o Reis – 265, 398
 Er. da Silva – 422
 Ernesto – 44, 47, 63, 68, 77, 79, 87, 89, 93, 97, 125, 129, 134, 145, 147, 151, 155, 157, 159, 161, 163, 166, 172, 174, 176, 185, 195, 211, 219, 222, 223, 230, 240, 244, 248, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277, 279, 280, 281, 283, 284, 286, 288, 289, 291, 293, 295, 296, 297, 299, 301, 305, 309, 313, 315, 317, 318, 321, 322, 324, 332, 340, 342, 354, 374, 376, 378, 381, 384, 386, 388, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 404, 407, 409, 410, 413, 417, 420, 428, 430, 433, 436, 439, 441, 442, 458, 462, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 476, 477, 478, 479, 481, 483, 486, 488, 490, 492, 496, 497, 498, 501, 504, 505
 Ernesto da Silva – 5, 7, 8, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 68, 77, 79, 87, 89, 93, 97, 125, 129, 134, 145, 147, 151, 155, 157, 159, 161, 163, 166, 172, 174, 176, 185, 195, 219, 222, 223, 230, 240, 244, 248, 266, 267, 268, 273, 280, 281, 296, 297, 317, 318, 321, 322, 324, 340, 342, 354, 374, 376, 378, 381, 384, 386, 388, 397, 399, 400, 401, 402, 404, 407, 409, 410, 413, 417, 420, 426, 428, 430, 433, 436, 439, 441, 442, 450, 458, 462, 469, 470, 471, 479, 481, 483, 486, 488, 490, 492, 496, 497, 498, 514, 515
 Ernesto do Valle – 398, 483
 Eva – 214
Fecundidade – 418
 Felizardo de Lima – 11
 Fernando Catroga – 13
 Fernando Mendes – 472, 473
 Fernando Reis – 389, 390
 Fialho d'Almeida – 354, 409, 455
Filho maldito – 396
 Flammarion – 251
 Fra-Demonio – 57, 504
 Francisco Mayer Gar o – 16
 Franklin – 202
 Gald s – 414
 Galhardo – 394, 396, 397, 399
 Gama – 415
 Garrett – 429, 479

Germinal – 418
 Gil – 380, 429, 434, 438
 Gil Vicente – 380, 429
 Giovanni – 498
 Grave – 420
 Guedes Quinhones – 12, 17, 86, 235
 Guerra Junqueiro – 383, 458
 Guilherme Santa Rita – 377
 Guilherme Souza – 497
 Haendel – 454
 Heliodoro Salgado – 8, 16, 27, 56, 57, 450, 501, 503, 504, 505
 Hervieu – 444, 453
 Hintze – 230, 429
Homem das Mangas – 431
 Homero – 454
 Hugo – 76, 419, 452
 Ibsen – 317, 342, 373, 374, 399, 400, 401, 414, 434, 451, 452, 453, 454
 Ignacio – 154, 185, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 204, 229, 396
Immaculavel – 379
Inimigo – 401, 416, 438, 453
 Jean Richepin – 462
 Jehovah – 191
 João da Camara – 430
 João de Barros – 457, 483, 492
João José – 379, 380, 395, 429
 Joaquim d'Almeida – 394, 396
 Joaquim dos Anjos – 11, 16, 56, 469, 488
 Joaquim Nunes Claro – 16, 52
 José Fernandes Alves – 11, 17, 18, 53
 José Fontana – 11, 12, 15, 18, 19, 53, 222, 498, 511, 512, 513, 514
 José Fontana da Silveira – 11, 53
 Judas – 208, 209, 233, 248, 315
Justiça. Homenagem a Ernesto da Silva – 493
 Krupp – 134
L'Insurgé – 390
L'Oeuvre – 418
 Ladislau Batalha – 11, 18, 24, 53, 223
 Lazaro – 162
 Léon Bazalgette – 451
 Libanio da Silva – 471
 Linde – 434
 Loth – 191
 Loyola – 154
 Luciano – 185, 265, 399, 401, 402
 Lucinda Simões – 434, 438
 Lúcio Fazenda – 12
 Luís da Matta – 318
 Luís Filipe França de Sá – 13
 Luís Reis Torgal – 13
 Luiz Galhardo – 394, 395, 396
 Machiavel – 189
 Mahomet – 217
 Malthus – 129, 316
 Manuel Luiz de Figueiredo – 12, 15, 17, 18, 21, 38
 Marcellino de Mesquita – 411
 Marcos Algarve – 490, 491
 Marguery – 454, 455
 Maria Filomena Mónica – 12, 15
 Maria Goretti Matias – 12, 15
 Maria João Antunes – 13
 Maria João Gaiato – 13
 Maria Manuela Tavares Ribeiro – 13
 Maria Teresa Alves de Araújo – 13
 Max Nordau – 321, 445, 447, 449
 Mayer Garção – 389, 390, 457, 483, 485, 492
 Mazzantini – 415
 Mirbeau – 322, 435
 Molière – 379
 Montépin – 218
 Morgadinha – 415
Morte de D. João – 383
 Nietzsche – 342
 Nobre França – 12, 20
 Noémia Barroso – 13
 Nordau – 342, 446
 Normal – 427, 428, 429, 430, 431, 433

- Nunes Claro – 457, 458, 483, 492
- O Capital* – 88, 141, 145, 147, 154, 176, 185, 189, 211, 213, 222, 230, 240, 264, 281, 288, 297, 315, 394, 466, 495
- O domador de feras* – 377
- O Echo Metallurgico* – 43, 265, 466, 476, 477
- O Mundo* – 43, 50, 145, 176, 281, 322, 398, 405, 411, 414, 418, 427, 431, 434, 437, 490
- O Paiz* – 26, 41, 42, 53, 185, 297, 375, 377, 379, 382, 385, 387, 428, 471
- O sr. Director – 377
- Os que trabalham* – 265, 394, 476, 488
- Os Vermelhos* – 389, 391, 392
- Owen – 420
- Pages Rouges – 390
- Palestrina – 454
- Pantano* – 372, 373, 412
- Papá Lebonnard* – 394, 396
- Paris – 133, 138, 147, 163, 193, 250, 251, 253, 254, 257, 259, 293, 321, 390, 406, 418, 421, 435
- Pasteur – 76
- Pato Bravo – 400
- Pato Moniz – 185, 265, 398
- Paul Lafargue – 12
- Pedro Kropotkine – 420
- Posser – 428, 429
- Prévost – 435, 453
- Prometheu – 203
- Proudhon – 134, 195
- Ramada Curto – 11, 19, 513
- Ramos – 396
- Reclus – 420
- Reino das mulheres – 396
- Renan – 455
- Richelieu – 189
- Rosa engeitada – 411
- Rosmerhoolm – 400
- Ruy – 51, 62, 66, 67, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 100, 101, 103, 105, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122, 124, 133, 135, 136, 139, 140, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 154, 155, 158, 159, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 173, 174, 177, 178, 180, 181, 182, 213, 219, 221, 240, 244, 340, 393
- S. João Baptista – 217
- Saint-Barthélemy – 163
- São Lazare – 435
- Sarcey – 453
- Schwalbach – 427, 429, 430
- Scott – 373
- Seculo XX. Semanario socialista* – 47, 317, 318
- Severa* – 411, 415, 416, 417, 427, 428, 429, 432
- Sèverine – 390
- Shakespeare – 379, 452, 454
- Silva Pinto – 223, 376, 383, 384, 387, 388, 428
- Soares – 228, 229, 230, 398
- Solness – 400
- Spartacus – 134
- Steinlen – 454
- Sustentaculos da sociedade* – 401
- Taine – 450
- Tantalo – 252
- Terrail – 218
- Theatro do Gymnasio – 297, 299, 301, 305, 309, 313, 315, 394
- Theodoro – 501, 502
- Toga vermelha – 416
- Tolstoi – 321, 332, 333, 342, 401, 414, 451, 452, 453, 498
- Trabalho* – 76, 77, 78, 83, 147, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 391, 418, 419, 420, 421, 483
- União dos jovens – 401
- Vallés – 390
- Vanguarda* – 26, 27, 479, 481, 483, 486, 488
- Vasconcellos – 428
- Veiga – 373, 391

Vergueiro – 88, 466, 467, 476, 477

Vida de um rapaz pobre – 415

Virginia – 429

Vivandeira do 16° de linba – 415

Voltaire – 134, 154, 452

Zé Triste – 501, 502

Zola – 179, 218, 401, 414, 418, 420, 421,
435, 438, 441, 442, 451, 452, 453

(Página deixada propositadamente em branco)

BEATRIZ PERALTA GARCÍA é professora titular de Filologia Portuguesa na Universidade de Oviedo (Espanha), onde leciona desde 1998. É Doutora em História pela Universidade de Salamanca (Espanha), licenciada em Geografia e História, e em Filologia Portuguesa (Universidade de Salamanca), e licenciada em História pela Universidade de Coimbra. Tem dedicado os seus trabalhos de investigação à história social de Portugal, entre os quais: *A Cultura Operária em Portugal. Teatro e Socialismo durante a Primeira Republica, 1910-1926*, Cascais, ed. Patrimonia Historica, 2002, e *La memoria vivida y la memoria contada. Portugal y la difusión popular de la historia en la novela histórica de actualidad*, Cádiz, Universidad de Cádiz, 2017.

Série Documentos

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

2023

1 2



9 0



**IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

COIMBRA UNIVERSITY PRESS